



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Centro de Educação e Humanidades**

**Instituto de Letras**

**Thayane Antunes Siqueira**

**“Seje Livre”:**

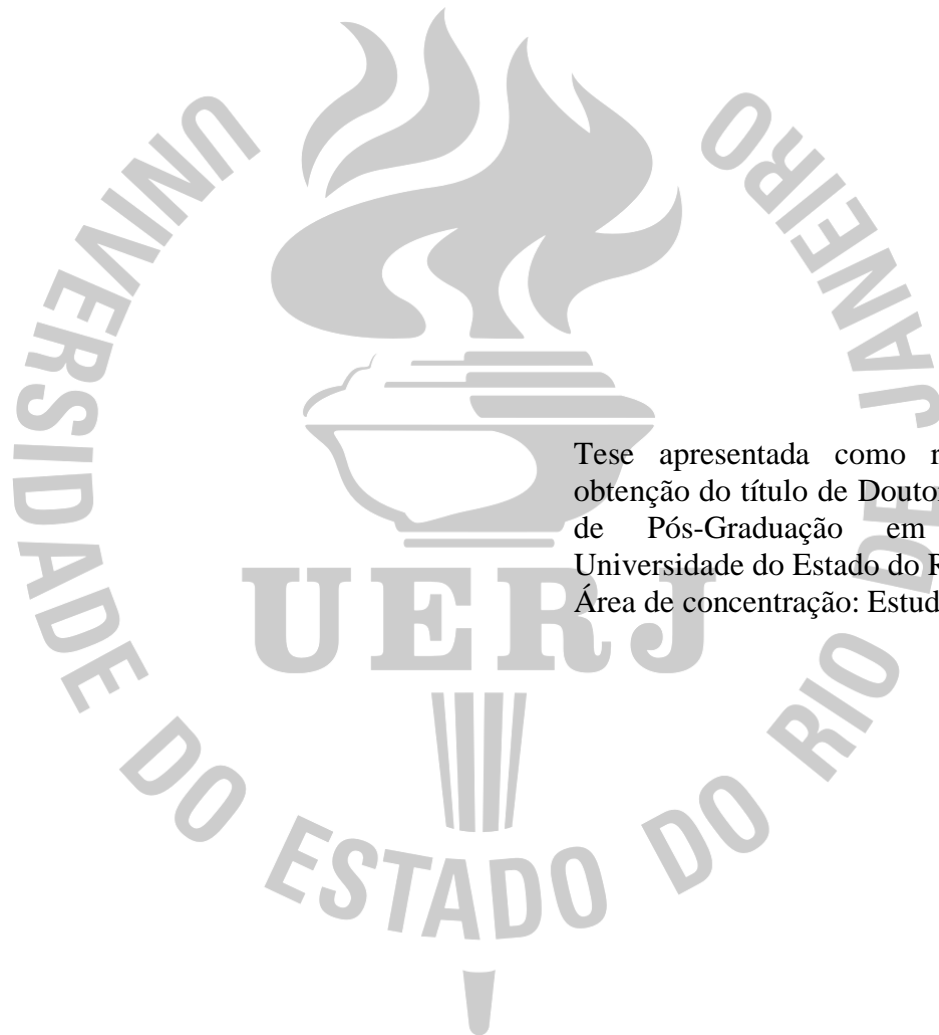
**repensando a tese como uma distopia sociolinguística**

**Rio de Janeiro**

**2021**

Thayane Antunes Siqueira

**“Seje Livre”:  
repensando a tese como uma distopia sociolinguística**



Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S618 Siqueira, Thayane Antunes.  
“Seje livre” : repensando a tese como uma distopia sociolinguística /  
Thayane Antunes Siqueira. – 2021.  
315 f.

Orientador: Ricardo Joseh Lima.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto  
de Letras.

1. Sociolinguística - Teses. 2. Universidades e faculdades - Brasil -  
Teses. 3. Ciência – Aspectos sociais – Teses. 4. Comunidade e universidade  
– Teses. 5. Universidades e faculdades – Pós graduação – Teses. 6. Distopia  
– Teses. 7. Preconceitos – Teses. I. Lima, Ricardo Joseh. II. Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86:378(81)

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,  
desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Thayane Antunes Siqueira

**“Seje Livre”:  
repensando a tese como uma distopia sociolinguística**

Tese apresentada como requisito para  
obtenção do título de Doutor ao Programa  
de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 11 de maio de 2021.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima (Orientador)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Meister Ko Freitag  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. Dr. Pedro Puro Sasse da Silva  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Gilson Costa Freire  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Mario Bruno  
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2021

## DEDICATÓRIA

Para Renato, Roberto, Lucinha

e os mais de 570 mil brasileiros e brasileiras

que se foram cedo demais.

## AGRADECIMENTOS

Quando o mundo está acabando e você ainda consegue permanecer de pé, só resta agradecer por todos que te sustentaram. Ninguém disse que seria fácil, mas eu jamais imaginei que pudesse ser tão difícil. Por mais narcisista que isso possa parecer, portanto, começo agradecendo a mim mesma. Porque apesar de tudo, eu não desisti.

Ao meu marido, meu companheiro de vida, meu melhor amigo. Se alguém merece cumprimentos e felicitações por essa conquista, é você. Por sua paciência, seu amor, seu apoio, seu carinho e sua incrível capacidade de se manter calmo diante dos meus – muitos – surtos, eu te agradeço e te amo, para sempre e por todas as vidas.

Aos meus pais, agradeço por toda a dedicação à minha criação, inspiração e formação. Por mais clichê que isso seja, é verdade que eu não teria chegado até aqui se não fosse por vocês. De “boneca de carne” a “raquetinha”, aqui estou, doutora. Foi o amor de vocês que me proporcionou isso, e não existem palavras suficientes para o quanto sou grata por cada palavra, cada carinho e cada ensinamento.

À minha família, que me escuta há quatro longos anos falando sobre o doutorado, a tese, o cansaço e os desafios, sempre compreendendo minhas ausências por motivos acadêmicos e me incentivando diariamente a seguir, a continuar. Por cada olhar de admiração, cada abraço carinhoso, cada “estou rezando por você”, “eu sei que você vai conseguir” e “esse doutorado não acaba nunca?”, obrigada, hoje e sempre.

Aos meus tios Renato e Roberto que, infelizmente, não puderam estar aqui para acompanhar essa vitória. Por cada brincadeira, cada risada, cada momento, cada abraço. Pela falta absurda que vocês fazem e por terem sido parte da minha história e estarem para sempre guardados em minha mente e em meu coração, obrigada.

Aos meus bebês felinos, Lucy, Lizzy, Lory e Rony, que são sempre meu porto seguro nos momentos mais difíceis e as melhores companhia de sempre. Mordidinhas, arranhões e ronrons são mais motivacionais que muita palestra de *coach* por aí, e eu posso provar.

Aos meus avós e bisavó, meus três amores de sempre e para sempre. Minha vida é mais feliz por ter vocês e eu agradeço diariamente por esse privilégio. Obrigada por cada pequeno detalhe, desde o café que ajudava a animar até as broncas que me faziam acordar. Meu coração é de vocês por toda a eternidade. E como diria minha Noquinha, “*eu não gosto de vocês não*”.

Aos meus amigos e amigas que viveram comigo todos os momentos dessa luta que parecia nunca ter fim. Por aguentarem os encontros desmarcados, as mensagens não respondidas e as milhares de vezes em que eu disse “não posso, estou escrevendo”, obrigada.

De modo mais que especial, agradeço às minhas amigas Mônica e Monique, minhas parceiras de estudos, de profissão e de vida, que não canso de dizer que foram os maiores e melhores presentes que a UERJ me deu. Minha vida é infinitamente mais feliz, mais doce e mais divertida por ter vocês.

Às minhas chefas-mãe Eliane e Miriam por serem minhas grandes patrocinadoras nessa jornada. Do processo seletivo à produção da tese, vocês não mediram esforços para me permitir alcançar minhas metas e realizar esse sonho. Esse título também é de vocês. Se cada escola pudesse ter um pouquinho dessas gestoras maravilhosas, nossa rede seria mais feliz. Obrigada.

Aos meus colegas de trabalho que me apoiaram desde o primeiro momento, me encorajando a não desistir, me ajudando quando me sentia sobrecarregada e garantindo que eu nunca esquecesse de lutar pelo que realmente desejava. Por cada pequena ou grande ajuda, pela comida deliciosa separada para que eu tivesse como almoçar na correria, por todas as conversas, pelo orgulho e pelo apelido que nunca será esquecido, a “menina doutora” aqui agradece.

Em especial, agradeço a minha amiga-coordenadora Rosane, que vem acompanhando de perto toda essa trajetória, sempre me ouvindo, me aconselhando e não me deixando esquecer quem sou e do que sou capaz. Sua confiança em mim me fez ir mais longe e muitas vezes o seu “Vamos lá, Thay, termina essa tese!” foi o que me motivou a seguir. Obrigada.

A todos os professores e professoras que me ajudaram a crescer nesses quatro anos com seus ensinamentos e desafios propostos, eu agradeço. Coursar um doutorado tendo como objetivo se assemelhar a tantas pessoas dedicadas, batalhadoras e inteligentes faz tudo ficar mais prazeroso. Obrigada.

Ao meu orientador, Ricardo Joseh Lima, agradeço por absolutamente tudo. Durante todo esse processo, você foi apoio, amizade, compreensão e paciência infinitos. Obrigada pelas conversas, debates, desafios e áudios de dez minutos. E principalmente, obrigada por apresentar a Sociolinguística a uma estudante de primeiro período 13 anos atrás, transformando assim sua história e sua vida. Como diria um grande poeta do funk carioca: *“Olha onde nós chegou!”*

À minha querida psicóloga Isabel, que me acompanha desde a primeira tentativa frustrada de iniciar o curso de doutorado, por todo o seu trabalho que me ajudou a me

conhecer melhor, a evoluir e a nunca esquecer que tudo é possível com dedicação, paciência e muita fé em mim mesma e na vida. Obrigada por tudo.

Aos professores e professoras, titulares e suplentes que se dispuseram a avaliar esta tese, dedicando seu tempo para me proporcionar uma visão mais ampla do meu trabalho, auxiliando no meu crescimento profissional e me permitindo evoluir pessoal e academicamente. É uma honra ter vocês em minha banca.

À UERJ, minha instituição amada, que me acolheu para a realização de mais um sonho. Se eu soubesse o quanto essa universidade me traria de conhecimentos, alegrias e oportunidades, teria gritado muito mais quando descobri que havia passado na última reclassificação do vestibular para Letras em 2008.2.

Em especial, à secretaria de pós-graduação em Letras, que tem os funcionários mais pacientes que já conheci, dispostos a nos ouvir, tirar nossas dúvidas e responder nossos constantes e-mails.

Por fim, agradeço a todos que me ofereceram um pouco do seu tempo, de sua paciência e de sua compreensão durante essa jornada tão difícil. Coursar um doutorado, especialmente durante uma pandemia, é cansativo e desafiador, mas com apoio e parceria, tudo fica mais leve. Obrigada por me ajudarem a suportar esse peso.



Você pode até dizer que eu tô por fora  
Ou então que eu tô inventando  
Mas é você que ama o passado e que não vê  
É você que ama o passado e que não vê  
Que o novo sempre vem

“Como Nossos Pais”, *Bechior* [na voz de Elis Regina]

Você que inventou a tristeza  
Ora, tenha a fineza de desinventar  
Você vai pagar e é dobrado  
Cada lágrima rolada nesse meu penar

“Apesar de você”, *Chico Buarque*

Disseste que se tua voz  
tivesse força igual  
à imensa dor que sentes  
Teu grito acordaria  
não só a tua casa  
Mas a vizinhança inteira

“Há Tempos”, *Legião Urbana*

## RESUMO

SIQUEIRA, Thayane Antunes. “*Seje Livre*”: repensando a tese como uma distopia sociolinguística. 2021. 315 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Esta tese apoia-se em três pontos fundamentais: a importância da valorização da divulgação científica nas universidades brasileiras; a consequente necessidade de repensarmos os modelos de trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação; e a proposta de produção de uma tese ficcional, em formato de texto narrativo. As motivações para os debates sobre esses pontos nasceram da observação de que a comunicação entre academia e sociedade não está acontecendo como deveria, evidenciada pela desvalorização cada vez maior da ciência e da universidade por parte da população. Não é de hoje, entretanto, que esse distanciamento entre os cientistas e a população em geral é percebido. No âmbito da Sociolinguística, essa temática foi abordada por Labov (1982), Wolfram (1998) e Charity (2008), que propuseram princípios para que os linguistas fizessem cada vez mais parte da sociedade, interferindo nesta e agindo como ativistas para solução de problemas e correção de injustiças. No Brasil, sociolinguistas buscam promover ações de divulgação através de livros com conteúdo instrutivo e propostas voltadas para o ensino de Língua Portuguesa (BAGNO, 1997, 1999; BORTONI-RICARDO 2004, 2005; SCHERRE, 2005), encontrando impedimentos, porém, em relação à linguagem e ao formato utilizados. Há ainda iniciativas em redes sociais cujo objetivo é a popularização da ciência, atendendo à necessidade de adaptação aos modelos comunicativos dos tempos atuais. Ações como essa, embora louváveis, são em sua maioria individuais e desvinculadas das universidades às quais seus autores pertencem. De acordo com o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988), contudo, é papel das universidades brasileiras promover trabalhos que atendam aos três âmbitos que o princípio contempla. Isso vem ocorrendo com maior frequência nos cursos de graduação, mas na pós-graduação, ao contrário, a pouca valorização da extensão universitária faz com que o foco dos professores e estudantes ainda seja na produção de trabalhos voltados unicamente para a pesquisa, conforme indicado por Rocha & Deusará (2011). Portanto, é preciso que ocorra na pós-graduação, espaço em que a ciência se desenvolve e progride por excelência, uma reflexão a respeito do material que está sendo produzido neste espaço, que não é acessível a uma maioria da população. Como um primeiro passo, é necessário repensarmos os modelos tradicionais de trabalhos de conclusão de curso na pós-graduação, buscando novas formas de comunicar os resultados do que está sendo feito dentro dos muros da academia a quem está fora dela. Antunes (2015) e Menezes (2019) promoveram iniciativas que foram além da produção de suas dissertações, produzindo materiais que pudessem levar conhecimentos sociolinguísticos à população não especialista, e objetivando o combate ao preconceito linguístico. Levando em consideração os fatores supracitados, propõe-se esta tese-ficção, que tem como finalidade principal ser um meio de divulgação de conceitos da Sociolinguística através de uma narrativa em formato de distopia, trazendo ainda uma breve reflexão teórico-crítica a respeito dos três pontos em que se sustenta este trabalho.

Palavras-chave: Distopia. Tese-romance. Princípio de Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Divulgação científica. Preconceito Linguístico.

## ABSTRACT

SIQUEIRA, Thayane Antunes. “*Seje Livre*”: rethinking the thesis as a sociolinguistic dystopia. 2021. 315 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This thesis is based on three fundamental points: the importance of valuing scientific dissemination in Brazilian universities; the consequent need to rethink the models of post-graduation final works; and the proposal to produce a fictional thesis, in the form of a narrative text. The motivations for the debates on those points arose from the observation that communication between university and society is not happening as it should, which is evidenced by the increasing devaluation of university and science by the population. It is not only today, however, that the distance between scientists and the general population is perceived. In the field of Sociolinguistics, that theme was addressed by Labov (1982), Wolfram (1998) and Charity (2008), who proposed principles for linguists to be even more part of the society, interfering in it and acting as problem solving activists to correct injustices. In Brazil, sociolinguists strive to promote dissemination actions through books with instructive content and proposals for the Portuguese language teaching. (BAGNO, 1997, 1999; BORTONI-RICARDO 2004, 2005; SCHERRE, 2005), finding restraints, however, in relation to the language and the format used. There are also initiatives on social networks whose aim is the popularization of science, taking account of the need to adapt to the communicative models of the current times. Actions like that, although commendable, are mostly individual and unrelated to the universities to which their authors belong. According to the principle of indivisibility between teaching, research and extension (BRAZIL, 1988), however, it is the role of Brazilian universities to promote academic works to achieve the three spheres that the principle contemplates. This has been occurring more frequently in undergraduate courses. In graduate courses, on the other hand, the little appreciation of university extension makes the focus of teachers and students on the production of works focused solely on research, as indicated by Rocha & Deusdará (2011). Therefore, it is necessary a reflection on the material that is being produced in graduation school, a place in which science both develops and makes progress by excellence, and which is not accessible to a majority of the population. As a first step, it is necessary to rethink the traditional models of graduate final course assignment, looking for new ways to communicate the results of what is being done within the walls of the academy to those outside it. Antunes (2015) and Menezes (2019) promoted initiatives that went beyond the production of their thesis. They produced materials that could bring sociolinguistic knowledge to the non-specialist population, aiming to combat linguistic prejudice. Taking into account the aforementioned factors, this thesis-fiction is proposed with the main purpose of being a means of disseminating concepts of Sociolinguistics through a narrative in the form of dystopia, also bringing a brief theoretical-critical reflection about the three points on which this work is based.

Keywords: Dystopia. Thesis-fiction. Indivisibility Principle between Teaching, Research and Extension. Scientific divulgation. Linguistic prejudice.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa da “Cartilha Contra o Preconceito Linguístico” .....	225
Figura 2 -	Página da cartilha explicando sobre o preconceito linguístico .....	226
Figura 3 -	Página da cartilha explicando a regra no uso da palavra “menas” .....	227
Figura 4 -	A estrutura do “Labirinto da Fala” .....	228
Figura 5 -	Vídeos do canal “Divulgação Linguística” .....	229
Figura 6 -	Canal “Com que Fala Eu Vou?” .....	230
Figura 7 -	Página “Pelo Fim do Preconceito Linguístico” no <i>Facebook</i> .....	231
Figura 8 -	Uma das tirinhas mais divulgadas da página, utilizada em processo seletivo da Universidade Federal de Roraima .....	232
Figura 9 -	Um dos memes da página foi compartilhado pela página oficial da editora Parábola .....	233
Figura 10 -	Página "Falei errado? O pobrema não é meu, é seu", no <i>Facebook</i> .....	234
Figura 11 -	Página Inicial do <i>site</i> “Pelo Fim do Preconceito Linguístico” .....	245
Figura 12 -	Página “Informação” .....	246
Figura 13 -	Página “Diversão” .....	247
Figura 14 -	Página “Interação” .....	248
Figura 15 -	Página “Referências” .....	249
Figura 16 -	Páginas secundárias .....	250

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Abralin	Associação Brasileira de Linguística
EPE	Ensino, Pesquisa e Extensão
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
PLCD	Programa Linguagem, Ciência e Divulgação
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GEL	Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense

## SUMÁRIO

<b>PARTE I – Romance</b>		
1	<b>SEJE LIVRE</b> .....	15
	<b>Rio de Janeiro, 2063</b> .....	16
	<b>Rio de Janeiro, 2070</b> .....	127
<b>PARTE II – Discussão Teórica</b>		
2	<b>PARA DESCONSTRUIR A TORRE DE MARFIM: REPENSANDO A PÓS-GRADUAÇÃO E SUAS TRADIÇÕES</b> .....	204
2.1	<b>Linguística, sociedade e divulgação científica</b> .....	211
2.2	<b>O Programa Linguagem, Ciência e Divulgação (PLCD – UERJ)</b> .....	224
2.3	<b>A (não) aplicação do princípio EPE na pós-graduação</b> .....	235
3	<b>ATRAVESSANDO OS MUROS DA UNIVERSIDADE: PROPOSTAS PRÁTICAS NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UERJ</b> .....	243
3.1	<b>Site <a href="http://www.pelofimdopreconceitolingustico.com">www.pelofimdopreconceitolingustico.com</a> (ANTUNES, 2015)</b> .....	244
3.2	<b>Conto de fadas como trabalho de conclusão de disciplina</b> .....	251
3.2.1	<b><u>Conto “A história de Carolina”</u></b> .....	252
3.3	<b>Trabalho de conclusão de disciplina: “Você em 2023”</b> .....	270
3.3.1	<b><u>A narrativa “Você em 2023”</u></b> .....	271
3.4	<b>Conto “Pela Liberdade de Laci” (MENEZES, 2019)</b> .....	296
4	<b>TESE-FICÇÃO: O ROMANCE “SEJE LIVRE”</b> .....	298
4.1	<b>Organização do romance</b> .....	302
4.2	<b>Temas abordados</b> .....	303
4.3	<b>Personagens principais</b> .....	303
4.4	<b>Sociolinguística</b> .....	306
4.4.1	<b><u>Normas</u></b> .....	306

4.4.2	<u>Os “Controladores de Idioma Populacional” (CIPs)</u> .....	307
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	309
	<b>ESCREVER UMA DISTOPIA VIVENDO UMA DISTOPIA</b> .....	310
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	312

**PARTE I**  
**ROMANCE**



## 1 SEJE LIVRE

*Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.*

Carolina Maria de Jesus

O despertador toca às 4h30 da manhã. Sarah abre os olhos e observa ao redor. O sol ainda está começando a despontar, e o escuro toma conta do quarto, muito embora o ambiente em que se encontra só possa ser chamado de quarto por força do hábito. Para não se sentir pior do que já se sente, ela prefere dizer que sim, ali é seu quarto, seu espaço.

Na verdade, porém, Sarah vive em um cubículo apertado e quente em que só cabem uma cama e uma pequena cômoda com três gavetas onde ela guarda seus poucos pertences, que na verdade nem mesmo pertencem a ela: uniformes de trabalho, alguns lençóis e fronhas, um aparelho localizador que a impede de se movimentar livremente pelo mundo. Sobre a cômoda, o despertador que a acordou mostra uma data que ela nem se preocupa em notar. É apenas mais um dia, mais um mês, mais um ano igual a todos os outros. Ao lado da cômoda fica a porta do banheiro, também minúsculo, também abafado, incômodo. Um vaso sanitário, um chuveiro que só tem água fria, uma pia com um espelho em que Sarah mal consegue ver seu rosto inteiro.

Sarah mora no que comumente se chamava “quartinho de empregada”, mas agora é denominado apenas de “anexo”. Quando ouve sua patroa mencionando esse espaço da casa, consegue perceber o desprezo em sua voz, como se aquele fosse um lugar infectado por uma grave doença. De todo modo, pensa Sarah, talvez seja assim que ela seja considerada: contaminada. Por vírus ou bactérias? Não. Por ideais. Ela sabe que foi por isso que foi colocada ali. Para que não tivesse a oportunidade de contaminar outras pessoas. Essa agora é sua vida, seu lugar, seu emprego.

Pode-se chamar isso de emprego se ela não recebe nada além da garantia de uma suposta segurança por estar ali servindo aquelas pessoas? Sarah não sabe. Há tempos ela se acostumou a não saber. Ela apenas faz tudo que mandam seus patrões, ciente de que não tem escolha, pois não existe pedido de demissão, férias ou mesmo uma casa para onde voltar. Sarah lembra de seu passado, reflete, sente algumas lágrimas caírem. Ela se levanta, tentando não se afundar em lembranças. Não vale a pena, e ela sabe. Não há como fugir da realidade em que vive.

Ao olhar-se no pequeno espelho do banheiro, porém, ela se reconhece por alguns segundos. Não como essa que está ali agora, nessa situação de humilhação e medo. Mas como Sarah Ribeiro, doutora em Letras, professora universitária renomada, com uma carreira notável. Houve um tempo em que seu conhecimento era valorizado e admirado, e suas palavras, ouvidas e elogiadas. Parece outra vida, mas tudo isso acontecia há apenas sete anos. Ela segura uma lágrima antes que possa descer por seu rosto, a mesma pergunta que a persegue todos os dias surgindo em sua mente: como tudo mudara tão rápido?

## 1

- E gostaríamos agora de convidar nossa palestrante principal, Professora Doutora Sarah Ribeiro.

Palmas foram ouvidas pelo auditório da universidade. Diante dos olhos de todos, uma mulher se levantou da plateia, agradeceu os aplausos com um aceno de cabeça e seguiu em direção ao tablado. Ao subir, cumprimentou com um abraço a menina que a havia anunciado, tomando seu lugar diante do púlpito. Logo o barulho se dissipou.

- Muito obrigada a todos. – Sarah falou, um sorriso largo nos lábios – É uma grande honra poder estar aqui hoje, nesse evento tão importante para a divulgação científica do nosso país. Espero conseguir contribuir de alguma forma para incentivar novos cientistas a buscar esse caminho de diálogo com a sociedade, que é tão importante para nossos estudos. Nesse código – ela apontou para uma grande tela atrás de si – tem todas as informações que vou falar aqui, pra vocês acompanharem. Vamos começar!

Os participantes apontaram seus celulares para a tela, de modo a abrirem os arquivos indicados por Sarah. A palestra correu bem, e os ouvintes permaneceram atentos e curiosos. Apesar de passar um pouco do tempo previsto para sua apresentação, ninguém pareceu cansado ou incomodado com o alongamento da fala da pesquisadora. Sarah tinha uma ligeira dificuldade de se controlar quando começava a falar sobre seu trabalho, o que sempre a fazia usar mais do que o tempo destinado a suas exposições, mas compensava isso com técnicas diversas para manter a atenção do público: *slides* criativos, vídeos e até mesmo humor eram utilizados por ela para garantir que o assunto não se tornaria maçante, independentemente do público para o qual se dirigia.

Essa era, afinal, sua especialidade, e era exatamente por isso que era convidada com frequência para palestrar em congressos, seminários e eventos diversos. Além de uma extensa carreira voltada para a discussão a respeito da importância da propagação da ciência no Brasil, Sarah também fora responsável por quebrar tabus e repensar formas de se realizar essa propagação, fazendo uso desde redes sociais até a escrita de livros narrativos que “como quem não queriam nada”, dizia ela, passavam conhecimentos às pessoas de forma divertida e interessante.

Esse tipo de trabalho já vinha sendo desenvolvido há alguns anos por pesquisadores da mesma área de Sarah, mas nenhum deles tinha conseguido a recepção que ela conseguiu. O momento que o país atravessava era, claramente, promissor, com novas propostas de mudança e progresso, uma grande preocupação em se desconstruir preconceitos e promover a igualdade entre as pessoas, independentemente de suas características. Sarah percebeu isso e aproveitou esse momento para levar sua mensagem a todos, criando um canal em um *site* de vídeos no qual explicava sobre sua área de estudos, apresentava conceitos e promovia uma militância contra o preconceito linguístico.

Sua paixão por essa área surgiu logo nos primeiros anos de faculdade, quando ficou incomodada ao perceber que, não fosse o fato de entrar para o curso de Letras, talvez nunca tivesse conhecido mais sobre esses temas. Desde então, seu objetivo se tornou divulgar a Sociolinguística para o maior número de pessoas possível, e o combate ao preconceito linguístico

se tornou sua marca registrada. Mesmo ao concluir a faculdade e ingressar na pós-graduação, manteve seu foco, tornando-se mestre e doutora com trabalhos totalmente fora dos padrões: a produção de um *site* contra o preconceito linguístico e uma narrativa sobre Sociolinguística, respectivamente.

Essa era a principal temática de trabalho de Sarah. Sua luta para que todas as pessoas tivessem seu direito de usar a língua portuguesa como quisessem reconhecido foi considerado de primeira um absurdo, mas felizmente havia uma tendência à evolução dos pensamentos e logo sua voz foi sendo ouvida e valorizada. Uma temática que nem mesmo era conhecida pela maioria da população logo fazia parte do currículo oficial da educação brasileira, e em alguns anos, era difícil encontrar alguém que nunca tivesse ouvido falar sobre “preconceito linguístico” ou sobre Sarah Ribeiro.

Foram anos de ouro para a ciência – e conseqüentemente para Sarah e para a Sociolinguística – no Brasil. Com o apoio do governo através de bolsas e verbas, ela pôde desenvolver um trabalho grandioso, sempre focado em promover o respeito às diversas formas de falar o Português, e sempre buscando instruir as pessoas a respeito de noções importantes sobre a língua, como variação e mudança linguísticas, por exemplo.

Quando terminou sua palestra, novamente palmas foram ouvidas, dessa vez ainda mais fortes do que antes. Sarah foi convidada a se sentar em uma mesa larga onde já se encontravam outros professores de Letras, estudiosos de áreas diversas. A menina que a havia anunciado, provavelmente uma aluna de graduação da universidade em que se encontravam, avisou que os próximos trinta minutos seriam voltados a perguntas, e logo várias mãos se levantaram. A maioria das perguntas foi para Sarah, que respondia a todas com animação e simpatia.

- Nosso tempo tá acabando – anunciou a menina que mediava o evento – Mas ainda dá tempo pra mais uma pergunta... Sim, você aí atrás.

Uma menina de aproximadamente vinte anos se levantou, um sorriso no rosto. Parecia ser de classe alta, claramente muito bem vestida, maquiada como se o evento em questão fosse uma grande festa. Ela pigarreou um pouco antes de começar a falar em voz alta, para que todos pudessem ouvir.

- Minha pergunta é para a Sarah. – falou, o sorriso ainda no rosto – Estou no final da graduação e tenho acompanhado seu trabalho, até mesmo por exigência de meus professores. Admiro muito sua vontade e dedicação em buscar esse diálogo com a sociedade. Minha única dúvida é: você não acha que deveria aproveitar de sua influência para ensinar as pessoas o que é correto? Você tem verbas, público e carisma para alcançar muita gente. Ao invés de insistir nessa ideia de convencer a todos de que devemos forçosamente aceitar falas que nos incomodam, não seria mais fácil divulgar uma forma de falar que sempre vai ser respeitada?

O auditório inteiro ficou em silêncio. A menina que mediava a conversa ficou boquiaberta, mas Sarah não se absteve de responder.

- Minha querida, eu entendo seu pensamento, mas infelizmente ele foi embasado em ideias incorretas. Pensa comigo: quando fazemos uma descoberta científica, qual é o correto a se fazer? Divulgar nossa descoberta, mesmo que ela vá contra o senso comum, ou apenas deixar de lado e seguir o que todos já aceitam como verdade? Há anos vemos pessoas insistindo em querer ensinar a população a falar de uma única forma, e isso é impossível, a variação linguística é um fato e precisa ser compreendida e respeitada. Sabemos disso devido a quase 100 anos de estudos na área da Sociolinguística. Então, respondendo sua pergunta: Talvez fosse bem mais fácil fazer o

que você sugere, mas de forma alguma seria o correto. O caminho mais fácil nem sempre é o melhor, entende?

Algumas palmas foram ouvidas, mas a mediadora pediu silêncio. Não combinava com o teor do evento esse tipo de incentivo a uma competição, como se os participantes estivessem competindo entre si quem daria a melhor resposta. A menina que fizera a pergunta ficou lívida, a boca crispando-se, claramente incomodada com a situação. Sarah tentou remediar.

- Mas foi uma ótima pergunta, isso é claro. – disse, sorrindo – É sempre importante questionar nossas ações, ou podemos acabar repetindo os mesmos erros e nunca evoluindo. Agradeço a sua participação. Qual é o seu nome?

A menina demorou uns segundos para responder, o olhar fixo em Sarah, visivelmente aborrecida.

- Iris. Iris D’asquad. – respondeu, enfatizando o sobrenome, atitude que Sarah não entendeu.

- Muito obrigada, Iris. Se quiser, pode entrar em contato comigo em outro momento pra conversar mais sobre esse assunto, tudo bem?

Iris não respondeu, mas se sentou. A mediadora agradeceu mais uma vez pela presença dos participantes e lembrou a todos que não se esquecessem de apontar a câmera do celular para o *QR code* que se encontrava na porta, ao saírem. Seria através dessa conferência que os certificados do evento seriam automaticamente enviados para seus aparelhos.

Quando o auditório já se encontrava quase vazio e Sarah se preparava para também sair, ouviu um dos colegas de mesa chamando. Ela se virou e viu um senhor simpático, sorridente e careca.

- Professora Sarah, muito prazer. – falou, estendendo a mão – Não tivemos oportunidade de conversar antes do início do evento. Como você deve ter visto na minha apresentação, meu nome é Renato Gonçalves. Sou professor aqui da universidade, trabalho com Psicolinguística.

- Sim, muito prazer. – Sarah apertou a mão do homem – Bastante interessante seu trabalho sobre afasia, inclusive.

- Muito obrigado. – falou, orgulhoso – Queria agradecer também pela sua presença aqui. Um evento desse porte é bastante importante pros nossos alunos, especialmente os de graduação. Dá oportunidade pra que eles possam conhecer trabalhos diversificados e abrir a mente.

- Eu é que agradeço a vocês pelo convite. – disse Sarah – Fico muito feliz em falar pras mentes mais jovens, afinal, eles vão ditar o futuro, não é mesmo? E depois da pergunta daquela última participante, eu vejo que é realmente necessário alcançar esses estudantes.

O homem fez um gesto com a mão, como se espantasse algo.

- Sim, você tem razão, mas não precisa se preocupar com a Iris. Ela é assim mesmo. Já foi minha aluna e falo por experiência própria: ela é terrível.

Sarah riu.

- Não é brincadeira! – o professor continuou – Ela é muito inteligente, é verdade, mas tem certa dificuldade em lidar com opiniões contrárias às dela. – e se aproximando de Sarah, para falar mais baixo – Cá entre nós, acredito que é por causa da família.

Sarah o olhou confusa.

- Família? – perguntou.

- Não ouviu o sobrenome dela? D’asquad. Ela é filha do Jouman D’asquad, o empresário que tem uma das maiores fortunas do país. Sempre que é contrariada, usa o sobrenome como forma de mostrar que tem poder. Uma atitude bem infantil, na minha opinião.

A mediadora do evento chegou até eles, muito sem jeito.

- Perdão, professores, mas... preciso fechar o auditório e entregar a chave na pós-graduação.

- Sim, desculpe, estamos saindo – Renato respondeu. – Espero encontrar você em outros eventos, professora.

- Digo o mesmo.

Eles apertaram as mãos novamente e saíram pela porta do auditório, Renato seguindo para a sala de seu departamento e Sarah, com a chave do carro já em mãos, em direção ao estacionamento.

## 2

- Estou em casa! – Sarah gritou, assim que entrou no apartamento, fechando a porta em seguida. Olhou pela sala, mas não viu nenhum movimento nem ouviu nenhum som. – Raphael?

Sarah deixou a bolsa sobre o sofá e foi em direção ao quarto, onde tinha certeza de que ia encontrar o namorado. Não ficou surpresa ao vê-lo deitado na cama, a televisão ligada, um pote cheio de pipoca nas mãos.

- Ah, finalmente chegou! – ele falou, sem sair da posição em que estava e dando um olhar rápido para Sarah, logo voltando o foco para a televisão. – Como foi lá?

- Tudo bem. – Sarah falou, se dirigindo para um canto do quarto, onde tirou os sapatos de salto que usava – Os estudantes gostaram bastante da apresentação, foi bem divertido.

O homem ainda olhava para a televisão.

- Legal. – falou, distraído.

Sarah virou-se para ele, encarando-o em silêncio. Ele continuou focado no filme que assistia, e só se mexeu para pegar um pouco de pipoca no pote à sua frente.

- Vou tomar um banho. – falou Sarah, sem muita paciência – Tenho que sair de novo daqui a pouco.

Finalmente Raphael desviou o olhar do aparelho.

- De novo? Por quê?

- Eu já tinha combinado com as meninas, lembra? – falou Sarah, pegando uma muda de roupa para levar para o banheiro – Eu te avisei ontem.

Raphael se irritou.

- Você não me disse nada, como sempre – falou, sério – Além do mais, você já fala com elas todo dia e passou a manhã toda fora. Agora você vai sair de novo e não vai passar nenhum minuto do dia comigo, é isso?

Sarah revirou os olhos, de costas para o namorado, mexendo em sua gaveta de calcinhas. A reação de Raphael não era novidade. Era típico dele reclamar de tudo, principalmente do trabalho e das amigas de Sarah, e ela já estava ficando cansada disso. Quando terminou de pegar o que queria, virou-se para ele.

- Eu te chamei pra ir comigo no evento, você que não quis.

- Claro que não. Pra quê? Ficar lá sozinho ouvindo aquele papo chato de preconceito linguístico... E hoje é sábado, Sarah. Nem era pra você ir pra evento nenhum.

- Pois já fui e já voltei. – e andando em direção à porta do quarto para sair – E daqui a pouco vou sim sair de novo pra encontrar minhas amigas.

Sarah saiu do quarto, e Raphael pôde ouvir a porta do banheiro batendo. Suspirou. Não entendia essa mania de Sarah ser tão teimosa. Ele não era desse mundo de palestras e eventos, nunca teve interesse por essas coisas. Raphael era gerente de uma loja que herdara do pai, próxima à faculdade onde Sarah trabalhava. Nunca gostou muito de estudar, e quando viu que poderia se manter apenas cuidando da pequena lojinha de bebidas, se acomodou. Conhecera Sarah por acaso – ela fora comprar uma garrafa de vinho de presente de última hora para uma amiga, conversaram e acabaram trocando telefones. O resto é história.

Estavam juntos há pouco mais de um ano e, apesar de ter seu próprio apartamento sobre a loja do pai, Raphael passava a maior parte de seu tempo livre no apartamento de Sarah – que era maior e mais confortável do que o seu. Além de achar que Sarah se dedicava demais ao trabalho, ele frequentemente se sentia incomodado com as melhores amigas da namorada. Ana e Mariana conheciam Sarah desde a faculdade, também eram professoras, e ele não gostava de nenhuma das duas. Em sua cabeça, eram esnobes, arrogantes e metidas a sabe-tudo. Sarah, quando estava perto delas, também ficava assim, e ele sempre se sentia excluído das conversas, tendo certeza de que as duas amigas da namorada o criticavam pelas costas por não fazer parte do mundinho intelectual delas.

Sarah voltou do banheiro já vestida, os cabelos agora presos em um rabo de cavalo. Sentou-se na cama para colocar o tênis e, quando começava a amarrar o cadarço, Raphael se sentou e chegou perto dela.

- Poxa, amor. – falou, abraçando-a por trás – Fica aqui comigo, vai. Você já vê essas suas amigas o tempo todo...

- Não posso, Raphael. – falou, ainda focada em amarrar os cadarços dos tênis – A gente já tinha marcado, não vou fazer isso com elas.

Ele insistiu.

- Marca outro dia. Elas vão entender.

Sarah até poderia fazer isso, e com certeza as amigas entenderiam caso ela desse alguma desculpa e não fosse encontrá-las no bar. Mas Sarah não queria ficar. Já se perguntava há algum tempo em que esse relacionamento com Raphael daria, e se assustou quando percebeu que não conseguia achar uma resposta. Constantemente se pegava pensando em terminar o namoro, mas acabava sempre empurrando a decisão para o futuro.

- Eu tenho que ir. – falou, desvencilhando-se do abraço de Raphael e se levantando – Mas prometo que eu volto cedo. – e deu um selinho no namorado.

- Capaz de você não me encontrar aqui quando voltar – ele disse, irritado. – Se for pra ficar sozinho, prefiro ir pra minha casa.

Sarah foi até a sala, pegou a bolsa, conferiu se tinha tudo que precisava e já saía pela porta quando disse, mais para si do que para o namorado:

- Faz o que você quiser.

### 3

Sarah chegou ao bar em menos de vinte minutos. Foi de transporte público, pois sabia que acabaria bebendo um pouco com as amigas e não queria arriscar pegar no volante depois. Ana e Mariana já estavam no local, sentadas em uma mesa do lado de fora, de onde acenaram quando viram a amiga.

- Até que enfim! – Ana falou, levantando-se para dar um beijo no rosto de Sarah – Já ia te ligar pra saber o motivo da demora.

Sarah olhou para o relógio de pulso.

- Eu não me atrasei nem dez minutos, Ana. Deixa de ser exagerada.

Mariana riu e levantou-se para também cumprimentar a amiga.

- Essa aí nasceu de sete meses. – falou, apontando para Ana. – Não sabe esperar.

As três se sentaram e Ana pediu ao garçom algumas latas de cerveja. Mariana acrescentou ao pedido uma porção de batatas-fritas e enquanto esperavam, começaram a conversar.

- E então? Como foi hoje lá? – era Mariana quem perguntava.

- Super legal, pena que vocês não puderam ir. – disse Sarah, empolgada – Os estudantes amaram. Eles me aplaudiram várias vezes, prestaram atenção na apresentação, fizeram perguntas interessantes... quer dizer, menos aquela menina...

- Que menina? – Ana falava agora, enquanto fazia um sinal de positivo para o garçom, que trazia as três latas de cerveja com três copos.

- Uma tal de Iris D’asquad. – ela imitou o jeito esnobe da estudante ao falar o sobrenome.

– Ela me questionou sobre o porquê de eu não aproveitar a minha visibilidade pra divulgar a maneira certa de falar a língua ao invés de insistir em forçar as pessoas a aceitar a fala errada dos outros...

Mariana revirou os olhos enquanto Ana servia as três.

- Nossa, que original ela, hein? Como se ninguém nunca tivesse feito essa pergunta idiota antes.

As três elevaram os copos e os bateram de leve uns nos outros, brindando.

- Pois é. – disse Sarah – Mas eu ainda fico surpresa quando vejo uma estudante de Letras pensando assim...

- Nem todo mundo entende de verdade o que a gente fala – disse Ana, bebendo um gole da cerveja logo depois – E a gente bem sabe que tem aqueles que só não querem entender...

- Acho que é o caso dessa Iris. – Sarah falou, dando de ombros – Ela ficou bem chateada com a minha resposta.

- Conta pra gente que resposta foi essa, então! – Mariana pediu.

Sarah contou a elas o que dissera a Iris, e as três acabaram rindo juntas.

- Isso é que eu chamo de uma boa resposta. – Ana bateu palminhas, animada. – Digna de Sarah Ribeiro, nossa sociolinguista perturbadora da ordem!

Sarah riu ainda mais, e logo elas mudaram de assunto, falando de trabalho e de suas vidas pessoais. Sarah amava a companhia das amigas. Elas a entendiam, a apoiavam e, sempre que estavam juntas, o tempo parecia passar voando, tamanho era o divertimento que compartilhavam.

Ana e Sarah lecionavam na mesma universidade, ambas professoras de Linguística e pesquisadoras da área de Sociolinguística. Era com Ana que Sarah publicava artigos, fazia grupos de trabalho, e era com sua ajuda, com dados de suas pesquisas, que ela preparava seus materiais de divulgação do tema. Embora fossem grandes amigas, eram bastante diferentes. Ana se casara cedo, tinha dois filhos e era uma pessoa reservada e tímida. Apesar de ajudar Sarah em seus trabalhos, evitava se expor, deixando a “fama” toda para a amiga. Enquanto Ana ficava nos bastidores, Sarah era o rosto que aparecia para o público. Faziam uma ótima dupla, ambas fortes combatentes do preconceito linguístico.

Mariana, por sua vez, era professora de História no ensino médio, mas também formada em Letras, e sempre aproveitava as trocas de informações com as amigas para buscar inovações em seus métodos de ensino. Embora as amigas também buscassem erradicar preconceitos e desconstruir ideias de senso comum, era Mariana a mais política das três. Negra e lésbica, além da

luta contra o preconceito linguístico, ela também estava sempre envolvida com movimentos de oposição ao governo em sua incessante busca, como ela mesma dizia, por um mundo mais justo.

Depois de algumas cervejas e muita conversa, Ana pegou seu celular na bolsa.

- Preciso ir, meninas. – falou, enquanto mexia no aparelho – O Victor tá me esperando.

- Ainda tá cedo, Ana – reclamou Mariana – Fica aí, só mais uma cerveja.

- Não posso, gente, sério. Tem uma criança de treze e outra de cinco anos em casa me esperando. Além do mais, eu combinei com o Victor que não ia voltar tarde. Ele também tem coisas do trabalho pra fazer, vocês sabem como é vida de advogado. – Ana clicou mais algumas vezes na tela e guardou o aparelho na bolsa. – Mandei pra você a minha parte da conta. – disse para Sarah, que concordou com a cabeça. Ana levantou-se e deu um beijo no rosto de cada amiga, antes de sair caminhando.

- Ainda bem que ela tá pertinho de casa. – falou Sarah, recebendo as latas de cerveja que o garçom colocava na mesa – Em dez minutinhos chega lá.

- É, pelo menos assim ela encontra com a gente. – falou Mariana, enchendo o copo – Se a gente não viesse pro bairro dela, acho que ia ser impossível ver a Ana nos finais de semana.

Sarah riu, mas acenou com a cabeça em concordância.

- Não deve ser fácil cuidar de duas crianças... – falou, bebendo um gole da cerveja.

- E de um marido, né? – alfinetou Mariana – Homem sempre dá trabalho...

- Não implica, Mari. – Sarah deu um leve empurrão no braço da amiga. – O Victor é um cara legal, divide as tarefas da casa e das crianças com a Ana...

- Não faz mais que a obrigação. – Mariana falou, ao que a amiga a olhou como se a reprovasse – Ué, vai me dizer que eu tô errada?

- Tá bom, tá bom, você tá certa! – falou Sarah, rindo.

O garçom veio novamente, dessa vez para perguntar se estava tudo bem e se precisavam de algo. Mariana pegou o pequeno cardápio do local, que tinha ficado jogado em um canto da mesa, olhou rapidamente e pediu mais cerveja e uma porção de pastéis.

- Depois dessa rodada também vou embora, Mari. – disse Sarah, quando o homem saiu – Raphael não tá com um humor muito bom hoje...

Mariana revirou os olhos, mas se controlou para não fazer um comentário sórdido. Ela não gostava do namorado da amiga e nunca se preocupou em disfarçar isso. Sempre via Sarah chateada com as atitudes de Raphael e não conseguia entender por que ainda continuavam juntos. Como já tentara em outras vezes tocar no assunto e Sarah sempre reagira mal, resolveu aprender a se calar para evitar um desentendimento com a amiga.

- Tudo bem. – falou, e logo mudou de assunto – Você viu o que tá rolando com a Djamila?

Djamila Oliveira era a atual presidenta do país. O Brasil tinha vivido momentos de grande instabilidade nos últimos quarenta anos. Desde a pandemia que assolou o mundo em 2020, o que já estava ruim começou a piorar. A polarização da população, dividida entre apoiadores do governo e oposição, foi ficando cada vez mais forte, e foi necessária muita luta para que, aos poucos, tudo fosse se acalmando. De 2034 em diante, com as bases da política já mais estabilizadas, o país passou a alternar o comando do país entre governos de ideologias distintas, o que garantia que a democracia se mantivesse viva e que nenhum governante sentisse que estava garantido no poder.

Cinco anos atrás, porém, quando Djamila assumiu seu primeiro mandato, as coisas voltaram a se complicar, com alguns representantes da oposição se colocando de forma mais



dura. Seu governo era pautado em uma busca pelo fim da pobreza e da desigualdade, sem esquecer do desenvolvimento do país, o que não agradava a todos. Havia defeitos, é claro, mas isso era comum a qualquer governo, da ideologia que fosse. Mariana, que tanto militou para promover a eleição de Djamila, era uma das que mais criticava os aspectos ruins de seu governo agora. Àqueles que questionavam sua atitude, ela dizia com orgulho que era assim que uma democracia deveria funcionar.

- Eu acompanhei um pouco. – Sarah falou, o rosto demonstrando uma leve preocupação – Você acha que vai dar em alguma coisa?

- Não sei. – disse Mariana – Sabe como é, né? Eles não aceitam alguém como ela na posição de presidente. Mas com todas as críticas que eu tenho ao governo, não acredito que eles tenham munição pra acabar com ela.

Sarah apenas olhava para Mariana, a cabeça se mexendo levemente, assentindo. Havia um processo acontecendo há alguns meses buscando provar a incapacidade de Djamila exercer o cargo. A presidenta assumira seu segundo mandato há menos de um ano, mas seus críticos já estavam preparados para tentar impedi-la de continuar seu governo. Embora eles alegassem os mais diversos motivos para se posicionarem fortemente contra ela, para um bom observador, era bem clara a motivação para tamanha hostilidade: Djamila era apenas a segunda mulher a assumir a presidência do país, era negra e defensora das minorias.

- 2063, amiga. – Mariana falou, logo após agradecer ao garçom pela porção de pasteis que ele trouxera – 2063, e a gente ainda tem que lidar com preconceito. E pensar que as coisas estavam indo tão bem nos últimos anos. Só falta a gente retroceder agora.

Sarah pegou um pastel e deu uma mordida.

- Não precisa exagerar, Mari. Também não é assim. Olha quanta evolução a gente já fez, o quanto a gente já melhorou como população e sociedade. Já existem leis e punições contra a maioria dos preconceitos. E por mais que o preconceito linguístico ainda não seja levado tão a sério, até pouco tempo atrás a maioria das pessoas ainda achava normal fazer piada quando alguém falava “menas”, por exemplo, coisa que hoje é considerada um absurdo. Claro que a gente ainda vê uns babacas por aí, mas eles são minoria. A influência deles não é grande assim.

Mariana também pegou um pastel, mordeu e ficou olhando para Sarah, pensativa.

- Espero que você esteja certa, Sarita. – falou, o rosto sério – Eu realmente espero.

#### 4

O segundo semestre do ano chegou, e Sarah se preparava para receber a nova turma para a qual daria aula nesse período. Era uma das turmas de calouros do turno da manhã, daquelas que ninguém mais do departamento queria assumir por serem compostas, em sua maioria, por jovens de dezessete ou dezoito anos recém-saídos do ensino médio e com a maturidade tão aprofundada quanto uma colher de chá. Como ela e Ana não se incomodavam com isso e precisavam de apenas uma turma para cumprirem suas cargas horárias, acabavam sempre escolhendo dar aulas para os novatos.

Sarah preparava seus planejamentos e materiais para o dia seguinte, o primeiro de aulas. Sentada em seu escritório com fones de ouvido, focada em seu *tablet*, distraída, não percebeu quando alguém entrou no local e se aproximou dela, dando-lhe um beijo no rosto.

- Raphael! – quase gritou, enquanto tirava o fone – Você quer me matar de susto?

O homem riu, se divertindo com o espanto da namorada.

- Ué, tá surpresa por quê? Não me deu a chave daqui?

Sim, Sarah tinha dado a chave do apartamento a Raphael há alguns meses, para alguma emergência, o que definitivamente não parecia o caso. Resolveu não discutir, mas não resistiu a fazer um comentário provocador.

- Na verdade, eu tô surpresa porque você tinha sumido por várias semanas e me ignorou totalmente... – falou, olhando para o computador.

- Eu tava chateado. – Raphael disse, sentando-se na poltrona que havia em um canto do cômodo – Você saiu daquele jeito, não deu a mínima quando eu pedi pra ficar comigo...

- E precisava reagir assim? – Sarah virou a cadeira giratória para ele, encarando-o – Você não acha que foi um pouco exagerado?

Raphael concordou com a cabeça.

- Por isso eu voltei. Eu amo você, Sarah.

Sarah tentou disfarçar a decepção. Não esperava que a conversa tomasse esse rumo, preferia que eles discutissem, brigassem, e quem sabe ela tomaria coragem para encerrar esse relacionamento que já não estava dando certo há um tempo considerável.

- Eu também. – respondeu, enquanto sua mente a condenava por insistir nessa história.

Raphael levantou-se, deu um beijo em Sarah e saiu do escritório. A professora suspirou, sacudindo a cabeça para os lados. Era melhor deixar isso de lado. Voltou ao seu trabalho, mas não conseguiu se concentrar nem por cinco minutos e logo ouviu o celular tocando. Era Mariana. Atendeu.

- Oi, Mari. Tudo bem?

- Entra no Brasil Notícias agora! – a amiga falou, apressada.

Sarah não entendeu o motivo do desespero, mas clicou no ícone do aplicativo em sua tela inicial que substituíra os jornais da televisão, comuns até alguns anos atrás. Nele, eram reunidas todas as notícias apuradas pelos melhores jornalistas do país. Logo que a primeira página se abriu, a foto de Djamila Oliveira apareceu cobrindo quase toda a extensão da tela. Abaixo, uma manchete em letras grandes anunciava: **PROCESSO CONTRA PRESIDENTA GANHA ADEPTOS E SEGUE EM PROGRESSÃO.**

- E então? Viu? – Mariana, que ainda estava na ligação, perguntou.

- Vi... – Sarah falou, clicando na foto de Djamila e sendo direcionada a outra página, com todas as informações sobre o caso, além de vídeos e *podcasts* opinativos. Passou o olho rapidamente pelas partes mais importantes dos textos, tentando entender o que estava acontecendo. Um vídeo em especial chamou sua atenção, e ela clicou para ver. Uma multidão reunida, vestida de verde e amarelo, cantava e dançava de forma ridícula pedindo mudanças no país.

- A oposição contra ela tá crescendo, Sarah. – Mariana estava apreensiva – Isso não vai ser nada bom.

- Eles não vão conseguir nada. – falou Sarah, tentando se manter esperançosa. – A Djamila não tem nenhum crime comprovado, a ficha dela é limpa, ela...

- Ela é uma mulher, Sarah. Negra. – a amiga pareceu se irritar com a inocência de Sarah – Não fecha com empresários, defende as minorias, fala pra quem quiser ouvir que quer um país mais justo, com igualdade pra todo mundo... Isso incomoda a galera da elite, Sarah. Incomoda muito.

- Eu sei, mas... Tem como lutar contra isso, né? Não tem ninguém fazendo nada?

- Claro que tem. Mas não é fácil quando um lado joga respeitando as regras e o outro ignorando a democracia. Eles querem o poder de volta, e de uma maneira suja.

- Você acha que pode ser sério assim, Mari? Quer dizer, talvez a gente esteja se preocupando tanto e tudo que eles querem é só criar uma confusão. Eles não são maioria. Não têm como vencer.

Mariana ficou em silêncio. Sarah se perguntou se ela tinha desligado, tirou o celular do ouvido, olhou a tela. A ligação ainda corria.

- Mari? – chamou.

A voz da amiga veio séria, como se fizesse uma profecia.

- Eles podem não ser maioria, Sarah. Mas se eles realmente quiserem, podem sim vencer. E pelo que tô vendo nesses últimos meses... eles querem. E querem muito.

## 5

A primeira semana de aulas da universidade passou rápido. Era sempre uma semana morta, com poucos alunos, sem muito movimento nas salas de aula, mas bastante movimento nos corredores. O famoso “trote” era ainda uma tradição da universidade, muito embora tivesse sido reformulado: brincadeiras humilhantes foram completamente banidas, e agora os estudantes se dedicavam a promover visitas guiadas aos locais mais importantes da faculdade, brincadeiras divertidas de perguntas e respostas sobre temas relacionados aos cursos escolhidos, festas e momentos de interação onde veteranos e calouros podiam se conhecer melhor e criar laços.

Sarah, já sabendo dessa rotina, aproveitava a primeira semana apenas para fazer apresentações sobre a matéria, além de começar a conhecer os alunos – ao menos os poucos que apareciam. Na semana seguinte, porém, conforme esperado, a sala de Sarah se encontrava cheia, e ela sorriu ao entrar e colocar seus materiais sobre a mesa.

- Bom dia! – falou, animada. Alguns alunos responderam, outros ficaram tímidos. Todos a olhavam atentos. – Pra quem ainda não me conhece, meu nome é Sarah e vou ser a professora de Linguística I de vocês nesse período. Alguém aqui já ouviu falar dessa tal Linguística?

A maioria dos estudantes levantou a mão. Um rapaz, mais extrovertido, se manifestou.

- Já ouvi falar justamente por você. – disse – Conheço seus vídeos.

Alguns colegas que tinham levantado a mão concordaram, e um burburinho começou.

- Certo, certo. – Sarah falou, levantando a mão para pedir silêncio – Fico feliz por isso. Esse é meu objetivo. Que todos já tenham algum conhecimento sobre essa ciência, mesmo que nem pensem em fazer faculdade de Letras, como vocês. É ótimo que a maioria aqui já tenha uma base, mas mesmo para quem não tem, não se preocupem. Vamos ver tudo em detalhes, pra que todos aqui saiam desse período entendendo o que a Linguística faz e pra que, afinal, ela serve. Tudo bem até então?

Os alunos fizeram que sim com a cabeça.

- Ótimo, então podemos começar. Antes de tudo, eu gostaria de conhecer um pouco de cada um de vocês. – alguns estudantes resmungaram um pouco – Eu sei, isso é muito coisa de professora do fundamental, mas é importante. Vamos ficar juntos durante, pelo menos, um semestre, e quanto mais rápido eu conseguir lembrar os nomes de vocês, melhor. Essa primeira apresentação ajuda bastante, vocês nem imaginam! – ela riu, e alguns alunos a acompanharam. – Vamos lá, quem gostaria de começar?

Uma menina no canto da sala levantou a mão e logo as apresentações se iniciaram. Um a um, os alunos foram falando seus nomes, idades e onde moravam. Além disso, Sarah perguntava também o que os motivou a entrar para a faculdade de Letras. A maioria das respostas foi bastante parecida: “gosto muito de escrever” ou “gosto muito de ler”. Alguns poucos admitiram que não sabiam bem o que fazer e acabaram escolhendo esse curso, enquanto apenas dois afirmaram que tinham o desejo de se tornarem professores. O último a falar foi justamente o rapaz extrovertido que se manifestara mais cedo. Ele olhou para os colegas com um sorriso debochado antes de se apresentar.

- Meu nome é Enzo Rocha. Tenho dezoito anos, moro em Copacabana.

Sarah ouvia com atenção, e já se preparava para fazer a mesma pergunta que fizera para os outros quando Enzo se adiantou.

- Resolvi cursar Letras porque estou percebendo que as pessoas estão cada vez mais burras. O elogio à burrice tem crescido, e eu quero ser capaz de ajudar a diminuir essa ignorância. Estudando melhor a língua portuguesa, quero incentivar as pessoas a falar corretamente, para não destruírem nossa língua.

Sarah não pode esconder a surpresa. Já fazia um tempo desde que um aluno falara algo similar em suas aulas. A maioria deles, sabendo quem ela era e o que defendia, não tinha coragem de manifestar um pensamento desse tipo, mesmo que o tivesse. Mas era direito do rapaz, afinal, dizer o que pensava.

- Espero que com o tempo essa sua visão mude um pouco. – falou, sorrindo novamente – Afinal, estamos aqui pra questionar, pra discutir e...

- Não há o que questionar – Enzo a interrompeu – Não nesse caso. Eu sei que alguns de vocês insistem em querer que as pessoas continuem ignorantes, isso é vantajoso para vocês, não é? Quanto menos pessoas souberem falar corretamente a língua, mais superiores vocês vão se sentir.

- Enzo, isso não tem absolutamente nenhuma relação com a realidade. Se você prestar atenção em nossas aulas, verá que...

- Você vai falar disso aqui? Vai ficar insistindo que a gente tenha a mesma opinião que você? Eu não sou obrigado a aceitar pessoas falando errado perto de mim. É incômodo, meus ouvidos chegam a doer com aquelas bizarrices: *pobrema, brusa, Cráudia...*

Alguns alunos deram uma risadinha. Sarah percebeu que precisaria tomar o controle da situação.

- Não era o meu intuito pra hoje, mas vamos começar então trabalhando com esses exemplos que você trouxe. São ótimos. – e virou-se para escrever as palavras no quadro digital: POBREMA, BRUSA, CRÁUDIA. – O que essas palavras têm em comum, vocês conseguem perceber?

- Claro. Todas estão erradas. – Enzo falou, rindo e sendo acompanhado por alguns colegas.

- Certo, Enzo, isso é uma forma de ver as coisas. Mas quero que vocês tenham um olhar mais observador, um olhar imparcial. Esqueçam os conceitos de certo e errado por agora, olhem para essas palavras. O que elas têm de diferente?

Uma menina levantou a mão.

- Elas têm o “r” no lugar do “l”. Deviam ser *problema, blusa, Cláudia...*

- Perfeito! – Sarah disse, e com a caneta, marcou uma linha abaixo de cada palavra enquanto falava – O que incomoda nessas palavras, para quem, como o Enzo, considera que

sejam incorretas, é esse som trocado, que substituíu o “l” pelo “r”. Quando olhamos pra essas palavras, quando ouvimos – ela agora se encontrava novamente de frente para a turma – É essa troca de som que percebemos com mais ênfase, é o que faz com que a gente perceba que elas não estão de acordo com a norma considerada correta. Agora – Sarah voltou ao quadro, apontando para as palavras escritas – vocês sabiam que isso é um fenômeno bastante comum na língua, e que tem até um nome?

Um rapaz sentado mais ao fundo levantou a mão.

- Vi num vídeo seu uma vez sobre isso. É... rotacismo, né?

- Exato. – Sarah confirmou. – Rotacismo é essa tendência natural da nossa língua de transformar esse o som de “l” em “r” nos encontros consonantais. Se vocês observarem, a gente tem várias outras palavras em que isso aconteceu historicamente, mas que hoje são consideradas corretas, como é o caso de praia, que no latim era *plaga* e igreja, que era *ecclesia*. O que aconteceu foi exatamente esse mesmo fenômeno, só que essas palavras foram aceitas, enquanto o *pobrema*, a *brusa* e a *Cráudia*, ainda não.

Os estudantes olhavam atentos para Sarah, alguns balançando a cabeça em concordância.

- Nós vamos ver fenômenos como esse com calma, mais pra frente. Antes precisamos conhecer bem a Linguística, sua história, seus principais pesquisadores... Pra entender como chegamos a hoje compreender esse tipo de fenômeno, precisamos saber onde tudo começou. Mas de qualquer modo, Enzo – ela falou, dirigindo-se ao rapaz que a fizera entrar em toda essa explicação – acho que essa pequena explicação já te faz pensar um pouco, não é? Se algumas palavras são consideradas certas e outras erradas, mas são formadas pelo menos fenômeno, significa que precisamos discutir seriamente esses conceitos.

Enzo a olhava ainda sem muita confiança, mas deu de ombros. Sarah considerou isso uma vitória. Ao menos ele ouvira a explicação sem interromper e parecia ter compreendido, mesmo que com dificuldade de aceitar. Isso era normal, ela já estava acostumada. A parte difícil de seu trabalho não era convencer as pessoas de que havia uma lógica nos supostos erros, mas sim, convencê-las de que eles não deveriam ser considerados assim. Mexer com a lógica era fácil. O social é que era o grande problema.

A aula seguiu de acordo com o planejamento de Sarah, e correu bem. Tirando alguns momentos em que teve que chamar a atenção de alguns estudantes que conversavam ou mexiam no celular durante suas explicações – o que era comum em uma sala de primeiro período – tudo foi bastante tranquilo.

Quando liberou os alunos e já guardava suas coisas para sair, Enzo veio até ela.

- Essa matéria é obrigatória, não é? – ele perguntou.

- Sim. – respondeu Sarah, olhando-o. – Uma das obrigatórias. Por quê?

- Nada. – falou o rapaz. – Obrigado.

E saiu da sala. Sarah ficou intrigada, mas logo deixou pra lá. Calouros eram sempre cheios de dúvidas do tipo mesmo.

## 6

Sarah estranhou o fato de Enzo não aparecer nas duas aulas seguintes. Como ainda era início de semestre, porém, não se preocupou muito. Às vezes demorava um pouco para os alunos se acostumarem com os horários das aulas. O que fez Sarah começar a se preocupar de verdade

foi perceber que mais alunos começavam a faltar, conforme as semanas passavam. A turma ainda continuava cheia – geralmente turmas de primeiro período continham cerca de quarenta estudantes – mas ao menos dez tinham desaparecido de suas aulas. Nenhum dos colegas dizia nada, mesmo quando ela perguntava se sabiam de algo. Apenas diziam que não.

Quando o número de sumidos subiu para quinze, ao final do primeiro mês de aulas, Sarah foi chamada pelo chefe do departamento de Linguística.

- Você já deve saber por que eu te chamei, né, Sarah? – Elson, o chefe de seu departamento, a encarava com um sorriso fraco.

- Acho que consigo imaginar. – disse Sarah, séria. – É sobre os alunos que sumiram da minha aula?

Elson concordou com a cabeça.

- Eles pediram transferência pra turma da Ana. – falou, parecendo bastante preocupado – Ela agora tem mais de cinquenta alunos em uma sala. Você imagina o que é isso?

Sarah não disse nada. Não sabia bem o que Elson estava esperando dela.

- Você sabe me dizer o que aconteceu? – perguntou ele.

- Não faço ideia. – disse Sarah – É normal alunos pedirem desistência ou abandonarem as aulas no início, mas... não sei o que pode ter feito quinze deles resolverem fazer isso.

- Você disse alguma coisa... diferente? – Elson tentava não a acusar de nada, mas estava intrigado com toda a situação.

Sarah se incomodou com a pergunta. Não era culpa dela que os alunos tinham saído da aula, ela estava fazendo seu trabalho tão bem como sempre fizera.

- Diferente do que eu digo há quatro anos em sala de aula? Não.

- E você não teve nenhum problema com eles? – Elson insistiu.

- Elson, eu nem conheço esses alunos direito. Tô há um mês com eles. Se você me perguntar agora, sem minha pauta comigo, não sei nem te dizer quais foram os que saíram.

Elson remexeu uma papelada que estava ao seu lado na mesa, procurando algo. Quando encontrou uma folha com o que parecia ser uma lista, entregou a Sarah.

- Aqui. Esses foram os alunos, na ordem decrescente em que saíram.

Sarah pegou a lista e passou os olhos pelos nomes. Realmente era difícil lembrar quem eram, principalmente porque a maioria ali já não aparecia em sua sala há semanas. O último nome da lista, porém, era impossível não identificar.

- Enzo Rocha. – Sarah leu, em voz alta. – Ele foi o primeiro a pedir a transferência, então.

- Sim, assim que o sistema foi aberto. – Elson respondeu – Por quê? Você teve algum problema com ele?

Sarah não sabia bem como responder a isso. Na verdade, na sua lembrança, não acontecera nada de mais em sua primeira e única interação com Enzo. Ele apenas apresentou sua visão das coisas, e ela, didaticamente, tentou demonstrar a ele que deveria repensar seus conceitos, com base em estudos científicos. Esse era seu papel, afinal, como sua professora. E foi isso que ela explicou a Elson.

O chefe de departamento ouviu tudo e coçou a barba grisalha. Seu olhar era de preocupação.

- Acho que agora eu entendo um pouco o que aconteceu. – disse ele – Sarah, os tempos são outros. Sei que você é super engajada no combate ao preconceito linguístico e sei que é sua obrigação como professora esclarecer questões como essa aos alunos, mas... Você vai precisar mancar um pouco.

Sarah não acreditava no que ouvia.

- Manearar? O que você quer dizer com isso, Elson? Parece até que eu ofendi o rapaz!

- Não, não, eu sei que você não fez nem faria isso. – Elson se apressou em dizer – Mas... você tem acompanhado as discussões políticas, não tem? – Sarah fez que sim com a cabeça – Bom, então você sabe que as coisas não estão normais. Que as pessoas estão confusas, e, parece que em alguns aspectos, regredindo...

- Sim. Eu já sei de tudo isso. E o nosso papel é exatamente o de impedir isso, Elson. Precisamos mostrar às pessoas a verdade, esclarecer as coisas. É o que eu sempre faço, é o que eu fiz nessa turma.

- Eu entendo, Sarah. E você tá certa! Eu concordo totalmente com você, posso te garantir. Mas veja bem... Estamos o tempo inteiro sujeitos a avaliações de órgãos do governo. Nossas verbas dependem disso. Dependem de que eles – e apontou para o lado, como se houvesse alguém ali – decidirem. Agora, você imagina o problema que você vai ter... que nós vamos ter, se essa turma continuar se esvaziando dessa maneira? Logo vêm os questionamentos, processos, problemas e mais problemas!

Sarah estava em choque com as palavras de Elson. Então agora era assim que tudo iria funcionar? No lugar de esclarecer, informar e lutar para desconstruir ideias de senso comum, eles deveriam aceitar o que viesse, por medo de perder... dinheiro?

- Elson, você tem noção do absurdo que tá dizendo? – perguntou, séria. – A universidade não pode se rebaixar a esse ponto. Se perdermos algumas verbas, podemos conseguir outras, e...

- Não é assim que funciona, Sarah. – Elson agora estava perdendo a paciência – Sem apoio e sem dinheiro não conseguimos fazer nada por aqui. Se a coisa piorar, se a coisa crescer como parece que tá crescendo... Podemos até ficar sem verba pra pagar os salários de vocês. É isso que você quer, trabalhar de graça?

- Não, mas...

- Não tem nada de “mas”, Sarah. – Elson agora elevava a voz – A gente precisa, agora, da melhor relação possível com nossos alunos, com a sociedade, com o governo. E se pra isso for preciso que você diminua um pouco sua militância em sala de aula e engula um sapo ou dois, é que vai ter que acontecer.

Sarah se levantou.

- Quem você pensa que é pra elevar a voz pra mim, Elson? – perguntou, com raiva. – Eu não concordo com absolutamente nada do que você disse e não vou mudar meu trabalho por medo de ninguém. Agora, se me der licença...

Antes que ela saísse, porém, Elson a chamou de volta.

- Espera, Sarah, me desculpa. Eu me exaltei, admito. Mas me entenda, por favor, eu preciso me preocupar com essa situação. – Sarah apenas o olhava, a mão na maçaneta da porta. – Que tal a gente achar um meio termo, hein? Eu posso... posso tentar uma permuta. Você assume uma turma de veteranos, eles já conhecem você, não vão causar confusão, e alguém, deixa eu ver aqui... – e pegou, dentre os papéis sobre a mesa, o quadro de horários dos professores de seu departamento – Juliana, Juliana pode assumir sua turma de calouros. Que tal?

Sarah pensou por um minuto. Embora não quisesse fazer concessões em relação ao seu trabalho, não podia negar que se preocupava com a saída dos alunos de sua turma. A troca sugerida por Elson poderia ser realmente um meio-termo que a deixaria menos incomodada.

- Juliana vai aceitar? – perguntou – Ninguém gosta de assumir turmas de calouros, você sabe.

- Vou conversar com ela, explicar tudo... Tenho certeza que ela vai entender. – disse Elson. – Se ela aceitar, então... estamos combinados?

Sarah respirou fundo. Não havia muito o que fazer, afinal.

- Sim. – falou ela – Me avisa quando tudo for resolvido. – E saiu pela porta da sala.

## 7

Juliana acabou aceitando a proposta, a contragosto, e Sarah passou a dar aulas para uma turma de alunos do 4º período, que ficou bastante satisfeita com a novidade. Logo ela percebeu que, com esses alunos, seria mais fácil trabalhar à sua maneira, pois já conheciam seus trabalhos e estavam mais acostumados com os conteúdos. Havia aqueles que não concordavam com a visão da professora a respeito dos “erros” de fala, mas ao menos tinham um certo amadurecimento que permitia que discordassem de forma educada do que Sarah dizia. Era uma boa turma, bem mais vazia do que a de calouros – apenas 25 alunos – e, mesmo quando questionavam algo durante as aulas, traziam argumentos coerentes e buscavam realmente debater, sem tornar isso algo pessoal. Depois de dois meses com a nova turma, Sarah estava tranquila e já tinha deixado no passado toda a problemática envolvendo a turma de calouros e a discussão com Elson.

Em uma das reuniões de departamento, porém, ela foi obrigada a reviver todo o estresse da situação. Após tratar de assuntos burocráticos, Elson anunciou que estava preocupado com o rumo que as coisas estavam tomando na política e, conseqüentemente, na sociedade e na universidade. Sarah o ouvia atenta e sabia exatamente do que ele estava falando.

O processo contra Djamila estava quase no fim, e tudo indicava que ela seria retirada do poder. Grupos de políticos contrários estavam se aliando a empresários e grandes influenciadores, investindo em forte propaganda de disseminação de ódio à presidenta. As manifestações do pessoal de verde e amarelo pedindo mudança e “manutenção dos valores” aumentavam, e os aliados de Djamila tentavam de todas as formas impedir que essa perseguição continuasse, mas parecia haver pouca esperança.

- Com essa nova onda de pessoas que parecem sentir falta de uma sociedade menos democrática e igualitária, vamos precisar tomar muito cuidado com nossas ações e palavras. Sei que a universidade é, por excelência, um espaço de inovação, mas precisamos entender com quem estamos lidando. Se Djamila cair... eu não sei como as coisas vão ser.

Todos o olhavam, preocupados.

- Nosso reitor já deixou claro que não vai abaixar a cabeça pra ninguém – continuou Elson, o rosto muito sério – mas pediu que tentemos, ao menos por agora, nos controlar um pouco, evitar nos expor, até a poeira abaixar.

Elson olhou para Sarah, e alguns professores fizeram o mesmo. Ana, que estava sentada ao lado da amiga, pegou em sua mão por baixo da mesa. Sarah não disse nada, mas sabia que aquele conselho disfarçado de ordem tinha sido especialmente para ela. Seus colegas de trabalho não eram tão ousados. Alguns, inclusive, já se manifestaram em outros momentos contra a personalidade “exibicionista” de Sarah, alegando que não é assim que uma cientista deveria se comportar, gravando vídeos, usando humor e subvertendo os padrões da universidade. Depois que Elson deu a reunião por encerrada, ela já se levantava para sair, quando ele a chamou. Ana foi junto, e Elson sorriu para as duas antes de dizer o motivo da conversa em particular.



- Sarah, nós estamos com um pequeno problema. – disse ele, coçando a barba, o que sempre fazia quando estava nervoso ou ansioso – Aquele aluno que foi pra turma da Ana, o tal Enzo Rocha...

- Ele é insuportável – Ana disse, sem conseguir se conter – Me desculpa, Elson, mas eu só consigo aturar em sala porque não discuto... Deixo ele falar as opiniões sem base dele e me dedico aos outros alunos. Dali não vai sair nada, já deu pra perceber.

- Eu entendo. – Elson disse, balançando a cabeça em concordância – Infelizmente de vez em quando temos que aguentar alguns assim... Mas de todo modo, a questão é que o Enzo parece que pegou uma implicância muito forte com você, Sarah.

Sarah ficou intrigada. Mas se ela nem mesmo estava mais dando aulas para o rapaz...

- Implicância comigo? – ela perguntou, rindo um pouco da situação – Eu tive contato com esse menino uma única vez. Uma.

- Eu sei, eu sei. – disse Elson – Mas ele parece não ter gostado mesmo de você. – Antes de continuar, ele pegou o celular e abriu sua galeria de fotos – Descobri ontem que ele anda espalhando isso.

Sarah pegou o celular que Elson segurava e começou a ler. Ana, ao seu lado, fez o mesmo. Foi a amiga que se manifestou primeiro.

- Mas isso é um absurdo! – Ana disse, e encarou Elson – Você não pode permitir algo assim, Elson.

Sarah ainda não conseguia dizer nada, tamanha a sua surpresa. Realizara todos os seus estudos de ensino superior na faculdade onde agora lecionava. Desde a graduação estivera envolvida em trabalhos na mesma área, sempre respeitando seus ideais e buscando evoluir. Juntando seu tempo de estudos com o tempo de trabalho, eram quinze anos dentro daquelas paredes, andando por aquelas salas, conhecendo professores, alunos e funcionários. O que estava à sua frente naquele momento era algo que ela jamais imaginou que pudesse acontecer. -

Ele... – ela olhava a tela do celular, sentindo uma raiva consumi-la – Ele fez um abaixo-assinado pedindo meu afastamento da universidade?

A pergunta era retórica, uma vez que a resposta estava clara na imagem que Sarah encarava, mas Elson ainda assim a respondeu.

- Sim... uma aluna minha viu e me mostrou. Ele compartilhou nos grupos da universidade e nas redes sociais. Eu quis te avisar porque... bem, se fosse comigo, eu ia querer saber.

- E o que você vai fazer sobre isso? – era Ana quem perguntava. – Porque você não pode aceitar essa palhaçada sem nenhum fundamento!

Elson deu de ombros, o rosto em uma expressão de clara impotência.

- Não posso fazer nada, Ana. O rapaz tem o direito de se manifestar. Esse tipo de coisa é comum hoje em dia, vocês sabem. Ele tá dentro do seu direito, e tirar isso dele seria antidemocrático.

- Mas a Sarah não fez nada! – Ana defendia a amiga, que ainda não sabia bem como reagir ao que acontecia. – Ela só deu uma aula pra esse rapaz! E ainda se deu ao trabalho de tentar explicar a matéria pra ele com a maior educação, mesmo ele agindo cheio de arrogância!

- Eu sei disso tudo, Ana. – interrompeu Elson – Eu já disse pra Sarah, eu tô do lado de vocês. Mas o que eu posso fazer? Punir o garoto por expressar a opinião dele? Que tipo de universidade vamos ter se começarmos a censurar a liberdade de expressão dos estudantes?

Ana não respondeu. Sabia que, apesar de incômoda, a posição de Elson era a correta.

- Além do mais, eu duvido que ele vá conseguir qualquer coisa com isso. Pra que um processo assim realmente vingue, ele precisaria de muitas assinaturas, e olha só – ele pegou o celular e passou para uma segunda imagem, também mostrando para Sarah – aqui não tem mais do que cinco nomes. Se ele conseguir que os outros dez que saíram da sua turma assinem, ainda assim não vai dar em nada. Ele quer aparecer, ganhar fama em cima de você, Sarah. Mas não vai conseguir. Não precisamos fazer disso algo maior do que é. Logo essa implicância infantil desse garoto vai passar e isso vai ser esquecido.

Elson foi até a mesa, onde começou a guardar os papéis usados na reunião em sua pasta. Ana olhou para Sarah, percebendo que os olhos da amiga estavam marejados. Por mais que, assim como Elson, acreditasse que isso não daria em nada, sabia como a amiga devia estar se sentindo com essa situação desagradável.

- Deixa isso pra lá, Sarah. – falou, passando a mão nas costas da amiga. – Todo mundo te conhece e os alunos te adoram. Ninguém vai dar confiança pra essa palhaçada.

Elson terminou de guardar suas coisas e colocou a pasta sob o braço.

- A Ana tá certa, Sarah. – falou – Eu só queria que você soubesse, mas confia em mim, não tem com o que se preocupar.

Quando estava prestes a sair da sala, porém, voltou-se e encarou-a mais uma vez, procurando as palavras certas para o que queria dizer.

- Só... não esquece do que eu falei na reunião, ok? Sobre... você sabe... não se expor.

Sarah concordou com a cabeça, começando a sentir que, de uma forma lenta e gradual, as coisas começavam a mudar. E não era para melhor.

## 8

O fim do segundo semestre chegou, e parecia que as coisas tinham ficado mais calmas, em todos os âmbitos. A tentativa de protesto de Enzo não vingou e acabou esquecida por todos, deixando Sarah mais tranquila para continuar seu trabalho como sempre fizera. Os alunos do 4º período apreciavam suas aulas, e o tal Enzo parecia ter desistido de continuar com a implicância em relação a ela. Em relação à política, surpreendentemente, o processo contra Djamilia estava perdendo força, e as previsões indicavam que muito provavelmente ele seria arquivado antes mesmo de chegar à etapa de votação dos deputados. Até mesmo na vida pessoal de Sarah tudo estava indo bem. Raphael percebeu que Sarah tinha ficado bastante chateada com a história do abaixo-assinado e desde então passou a tentar agradá-la, o que fez com que o relacionamento dos dois melhorasse consideravelmente.

Quando a semana do Natal chegou, eles combinaram de ir visitar os pais dela, que moravam no interior de Goiás. Sarah falava com os pais com frequência, e eles sempre a convidavam para passar feriados e festas de fim de ano no sítio em que foram viver quando ambos se aposentaram e puderam deixar a filha bem estabelecida em seu antigo apartamento. Raphael não os conhecia e Sarah sempre dizia ao namorado que ainda era muito cedo para isso. Após mais de um ano de relacionamento e percebendo que estavam vivendo sua melhor fase até então, ela dera o braço a torcer, convidando-o para acompanhá-la na viagem. Raphael aceitou de imediato.

- Será que eles vão gostar de mim? – perguntou à namorada, quando estavam no avião.

- Claro que sim. – disse Sarah, rindo da insegurança do namorado – E mesmo se não gostarem, meus pais são muito respeitosos com minha vida pessoal. Não vão te tratar mal nem nada disso.

Raphael continuou preocupado até que eles chegaram ao sítio ao cair da tarde, após longas horas de viagem de avião e com um carro alugado. Assim que viu a filha chegar, o pai, que a esperava no portão do sítio, correu a abri-lo para que estacionassem o carro. Sarah era quem dirigia, e mal desligou o automóvel, desceu ao encontro do pai.

- Que saudade, pai! – falou, abraçando o homem, já um senhor de quase setenta anos. – Como é que vocês estão? Cadê minha mãe?

- Lá dentro preparando um lanche pra vocês. – respondeu ele, e logo lançou um olhar para o carro – E seu amigo, não vai me apresentar?

Sarah quase tinha esquecido de Raphael e virou-se, encontrando-o sem jeito parado à porta do carona. Ela o chamou com a mão e ele, ainda bastante sem graça, caminhou até ela e o pai, dando a volta no carro.

- Pai – falou Sarah, olhando para Raphael – Esse é meu namorado. Raphael.

Raphael ofereceu a mão para que o pai de Sarah apertasse, o que o homem logo fez.

- Raphael Soares, senhor, muito prazer.

- Edgar Ribeiro – o pai de Sarah sorria – É um prazer conhecer você, meu jovem.

Raphael ficou muito feliz com o uso da palavra “jovem”. Era um homem de quase quarenta anos, afinal. Edgar convidou os dois para entrar, e eles pegaram suas coisas no carro, caminhando juntos em direção à casa. O sítio não era muito grande, mas tinha espaço suficiente para uma piscina de tamanho médio, uma churrasqueira e um espaço onde o pai de Sarah fazia apicultura. A casa era simples, com três quartos, e assim que entraram, Edgar indicou a Raphael o quarto que estava destinado para a estadia deles. Raphael foi até lá guardar os pertences dos dois, enquanto Sarah seguiu o corredor para chegar à cozinha.

- Pão de queijo caseiro! – falou Sarah – Meu favorito!

A mãe de Sarah virou-se e viu a filha, correndo a abraçá-la.

- Minha filha, quanto tempo! – falou, dando um beijo na testa de Sarah. – Você tá linda, como sempre!

Sarah riu. Sua mãe fazia questão de dizer o quanto ela estava linda toda vez que a via. Antes que pudessem trocar mais palavras, Raphael apareceu na porta, seguido por Edgar. Sarah foi até eles, pegando na mão do namorado e levando-o para mais perto da mãe.

- Esse é o Raphael. – falou – Meu namorado.

- Muito prazer, senhora. – disse Raphael, cumprimentando a mulher com os típicos dois beijinhos no rosto dos cariocas.

- Que senhora que nada! – disse a mãe de Sarah, sorrindo – Pode me chamar de Clarice. Agora, vocês devem estar morrendo de fome! Podem sentar ali naquela mesa que eu vou servir os pães de queijo e passar um cafezinho.

O lanche da tarde correu de forma tranquila, com todos interagindo e conversando animados. Raphael e Edgar começaram a falar sobre a loja de Raphael e o papo rendeu o suficiente para mantê-los entretidos por bastante tempo. Depois, Edgar convidou o mais novo genro para conhecer seu espaço de apicultura, deixando Sarah e a mãe sozinhas à mesa.

- Tava tudo uma delícia, mãe. – disse Sarah, bebendo o que restava de seu café na xícara. – E esse seu pão de queijo? Maravilhoso!

Clarice riu com gosto.

- Agradece ao seu pai por eu ainda saber fazer essa receita. – falou – Ele adora, por isso faço sempre e não perdi o talento.

As duas riram. Clarice levantou-se para tirar as coisas da mesa e Sarah foi ajudar. Quando tinham terminado de guardar tudo, Clarice olhou pela janela da cozinha, verificando se os homens ainda estavam longe. Confirmando que sim, voltou-se para a filha, que agora estava novamente sentada à mesa, checando o celular com um ar preocupado.

- Tá tudo bem, filha? – perguntou.

- Sim, tudo ótimo. – Sarah respondeu, guardando o aparelho no bolso da calça. – Só de olho nas notícias... A situação política e tudo mais.

A mãe revirou os olhos.

- Odeio esses assuntos. – falou, e sentou-se de frente para a filha. – Vamos falar de algo mais interessante. – e deu um risinho – Qual é a situação com esse Raphael?

Sarah estranhou um pouco a pergunta. Geralmente a mãe era bastante reservada com os assuntos pessoais da filha. Mas, claro, fazia muito tempo desde que Sarah levara um namorado para conhecê-los. Era até natural essa curiosidade.

- A gente tá junto há algum tempo, né. – respondeu Sarah, dando de ombros – Às vezes ele fica no meu apartamento, a gente se vê sempre... E é isso.

Clarice mexia a cabeça em concordância a cada palavra da filha.

- Só isso? – perguntou – E os planos pro futuro?

Sarah arqueou as sobrancelhas, incomodada com o rumo daquela conversa.

- Mãe, que pergunta é essa?

- Ah, filha... – Clarice começou, procurando falar de um modo que não ofendesse a filha – Você já tem trinta e três anos... Já tem a vida estabilizada, é independente... Será que não é hora de começar a pensar em casamento... em filhos... Eu ia adorar ter uns netinhos pra estragar, sabe.

O assunto era uma surpresa para Sarah. Ela sabia que era comum que pais tivessem esse tipo de expectativa com os filhos, mas não esperava que sua mãe lançasse mão do assunto assim, de repente, sem prepará-la para o que viria. Sarah evitava falar sobre esses temas com os pais justamente por isso: não queria ter que decepcioná-los. E era o que fatalmente faria, caso dissesse a eles a verdade.

Sarah não tinha o menor interesse em casamento. Pensava em, talvez, no futuro, adotar uma criança. Mas isso era uma imagem distante e, embora tentasse visualizá-la com a companhia de um marido – ou de Raphael – não conseguia ver nada além de si mesma e uma criança feliz ao seu lado. Não era o que a mãe esperava, pelo visto, e então Sarah notou o quanto poderia ter levantado falsas esperanças ao levar o namorado para conhecê-la.

- Mãe, acontece que... – Sarah ponderou se deveria dizer a verdade ou dar uma resposta evasiva para não magoar a mãe. Acabou escolhendo a segunda opção. – A gente ainda não conversou muito sobre isso. Não tem nada certo, estamos deixando as coisas fluírem.

Clarice não pareceu muito satisfeita com essa resposta, mas logo Edgar e Raphael voltaram e o assunto teve que mudar.

- E então, tudo bem? – perguntou Sarah a Raphael em voz baixa, de modo que só ele pudesse ouvir.

- Tudo ótimo. – falou, empolgado. – Tô adorando tudo aqui.

Sarah sorriu, e reparou que sua mãe olhava para eles de modo esperançoso. Ela suspirou, rindo. Seriam duas semanas interessantes.

## 9

Entre horas na piscina, jogos, passeios pelos arredores e muita preguiça, os dias passaram rapidamente no sítio de Edgar e Clarice, e Sarah e Raphael nem mesmo perceberam o tempo voar. Parecia que tinham apenas piscado e o Natal tinha se transformado em festa de Ano Novo. Haveria em um sítio próximo, de amigos dos pais de Sarah, uma grande festa de comemoração pela chegada do novo ano. Os quatro estavam empolgados, especialmente Raphael, que não parava de sorrir um segundo enquanto se arrumava para saírem.

- Você tá bem alegre, hein? – disse Sarah, quando o viu sair do banho cantando – Aconteceu alguma coisa que eu não sei?

Raphael aumentou ainda mais o sorriso e deu um beijo na namorada.

- Não aconteceu nada. – falou – Só tô feliz de estar aqui com você.

Sarah sorriu, percebendo que também estava gostando bastante dessa viagem. Talvez as coisas entre ela e Raphael fossem ficar bem, afinal. Agradeceu mentalmente a si mesma por ter tido paciência de esperar e não tomar uma decisão precipitada da qual poderia se arrepender depois.

A noite chegou e os quatro saíram juntos, caminhando pela beira da estrada de terra. O sítio onde aconteceria a festa era bem próximo e fácil de chegar a pé. Em menos de dez minutos, eles já estavam no local, sendo recebidos com sorrisos, abraços e beijos de inúmeras pessoas.

- Essa é minha filha, Sarah. – Clarice dizia, a cada apresentação – Ela é doutora, professora universitária, é famosa na *internet*, mora no Rio de Janeiro.

Sarah cumprimentou a todos com educação, mas não deixava de se incomodar com essa mania da mãe de querer passar praticamente todo o seu currículo para qualquer um que a conhecesse. O fato de se referir a Raphael como genro também a deixou um tanto inquieta, mas resolveu ignorar tudo. Era um dia de festa, o último dia do ano, não ia deixar que se estragasse por coisas tão bobas.

Depois de ser apresentada a praticamente todos os presentes, Sarah viu sua mãe sossegar um pouco e ir aproveitar a festa. Ela mesma resolveu então se sentar em uma das cadeiras de plástico que se encontravam dispostas na grama, próximas à piscina – bem maior do que a do sítio de seus pais. Antes, porém, passou por uma das mesas e pegou um pouco de suco, que bebia calmamente enquanto via Raphael passar pelas mesmas apresentações que ela, dessa vez comandadas pelo pai. O namorado chegou a olhá-la de longe enquanto participava de uma conversa com um dos anfitriões do sítio, e ela sorriu, levantando o copo para ele como se o chamasse para se juntar a ela. Ele olhou para o lado, sem jeito de sair de repente no meio da conversa, e fez um sinal para Sarah indicando que a encontraria depois.

Sarah ficou observando o céu estrelado. O céu era sempre diferente no interior, pensou. Era mais bonito, mais intenso, com mais estrelas. Era um bom lugar para se estar, principalmente ao início de um novo ano. Parecia que até o céu sabia que logo uma nova fase começaria e mostrava toda a sua beleza em comemoração. Sarah ainda olhava para as estrelas quando ouviu uma voz feminina próxima de si.

- Oi? Você é a Sarah, né? – havia alguém de pé ao lado dela.

- Oi. – respondeu, sorrindo – Sim, eu mesma. Mas desculpa, não lembro seu nome, minha mãe me apresentou a tantas pessoas...

- Não liga não – disse a outra, de modo simpático – eu não tava aqui fora quando você chegou, tava me arrumando... sou filha dos donos aqui do sítio. Meu nome é Camila. Posso sentar aqui com você?

Sarah estranhou um pouco o pedido, mas fez que sim com a cabeça. A menina – não devia ter mais do que vinte anos – puxou uma cadeira e colocou mais próxima de Sarah, sentando-se logo em seguida. Trazia nas mãos um copo com o que aparentava ser alguma bebida alcóolica.

- Desculpa chegar assim, de repente. – ela falou, olhando para Sarah como se a examinasse – É que... eu reconheci você. Dos vídeos da *internet*.

Um riso escapou dos lábios de Sarah. Ela sempre se surpreendia quando algo assim acontecia. Antes que pudesse falar alguma coisa, a menina continuou.

- Acho muito legal o que você faz. – falou, parecendo um pouco sem jeito – É interessante saber mais sobre a nossa língua, ver tanta coisa que a gente nem imaginava...

- Que bom que você gosta! – Sarah disse, realmente feliz com a situação – Não é um trabalho fácil, posso te dizer.

- Eu imagino! – Camila concordou, olhando para trás e apontando para os pais ao longe – Aqueles dois ali não aceitam nada do que eu falo sobre isso. Eu vejo os seus vídeos e tento explicar pra eles, mas eles não têm paciência de ouvir, de entender.

- É normal – disse Sarah, dando de ombros – São pessoas mais velhas, de outra época, com outras crenças...

Camila bebeu um gole da bebida em seu copo e revirou os olhos.

- Quem dera fossem só os mais velhos, né? Eu tenho alguns amigos, galera da minha idade, que nossa... são até piores que meus pais. Fico boba com isso, gente jovem, que devia ter a mente aberta! – e chegando mais perto de Sarah, perguntou – Você não se irrita com isso?

Sarah lembrou-se por um momento do aluno que tentou afastá-la de seu trabalho. Lembrou também daquela menina da família D'asquad que a questionara no último congresso que participou. É, era um pouco irritante sim. Mas não valia a pena passar isso pra menina que agora parecia estar buscando nela algum tipo de inspiração.

- Na verdade, não. – mentiu – Não é a melhor coisa do mundo ver isso acontecer, mas... Faz parte da nossa luta. Nós – e ela incluiu Camila em sua fala de propósito, de modo a fazê-la se sentir importante – temos que continuar levando o conhecimento às pessoas, insistindo. Em algum momento elas vão entender.

Camila a olhava com descrença.

- Tem horas que eu só quero socar um. – falou, o que fez Sarah rir – É sério! E olha, eu nem sou da sua área. Faço faculdade de Tecnologia da Informação, TI, sabe, lá no Rio de Janeiro mesmo. Meus pais têm uma livraria lá no Centro. A gente é de lá, na verdade, vem pra cá só nas férias e feriados.

Sarah ouvia, concordando com a cabeça para mostrar que prestava atenção.

- Eu sempre compartilho seus vídeos, vira e mexe entro em alguma discussão pelas redes sociais ou cara a cara mesmo com esse povo que fica propagando preconceito linguístico. Sabe essa galera que fica corrigindo tudo que os outros falam e escrevem? Tenho uma raiva disso...

Sarah sorriu, estava se divertindo. Não esperava encontrar uma “seguidora” tão longe de casa, e isso fez com que ela se sentisse orgulhosa de si e de seu trabalho.

- Eu entendo bem seu sentimento. Também me sinto mal quando vejo essas situações.

- Sabe o seu vídeo que eu gostei mais? – Camila mudou de assunto de repente, e Sarah percebeu que ela provavelmente já estava um pouco bêbada – Aquele que explica aquele fenômeno... Qual é o nome mesmo? Quando a gente fala “cantano” no lugar de “cantando”...

- Assimilação.

- Isso! – Camila estava empolgada e bebeu o último gole do que havia em seu copo – Depois que eu vi esse vídeo, comecei a prestar atenção na minha fala e dos meus amigos. Todo mundo que eu conheço fala assim e nem percebe! E eu tentei falar isso pra eles, sabia? Expliquei que isso era como uma tentativa natural da língua de aproximar dois sons diferentes, não é isso?

- Isso mesmo. – confirmou Sarah.

- Mostrei seu vídeo pra eles, disse que eles falavam assim e nem viam... Sabe o que eles disseram? Que eu tava maluca. Que parecia até que eu tinha ficado mais burra depois de começar a ver os seus vídeos. Falaram mal de você, te chamaram de comunista...

A última palavra chamou a atenção de Sarah.

- Como é? Me chamaram de quê?

- De comunista – repetiu Camila – Eles são uns idiotas. Resolveram começar com isso agora, tudo que vai contra as ideias que eles acham que são certas eles dizem que é comunismo. Parece até que voltaram no tempo. Cheguei até a perguntar isso pra eles. Eu disse “Que droga é essa? Brasil de 100 anos atrás?”. Eles me ignoraram, e ficaram insistindo que eu tinha que parar de falar bobagem.

Camila finalmente parou de falar, e Sarah ficou pensativa. A sensação que tinha era a de que, sim, acabara de ouvir um relato sobre um Brasil do século passado. O silêncio só foi quebrado por Raphael, que chegou correndo.

- Ufa, consegui me livrar. – falou, dando um beijo em Sarah – Tentei fugir antes, mas seu pai começou a falar sobre a minha loja, então...

Ele olhou para a menina sentada ao lado da namorada.

- Oi, desculpa a falta de educação. – falou, esticando a mão para cumprimentá-la – Raphael, namorado da Sarah.

Camila levantou-se, apertando a mão que ele lhe oferecia.

- Camila. Meus pais são os donos do sítio. – falou – E essa é minha deixa pra sair. Vou deixar vocês curtirem a festa, odeio segurar vela. – ela deu uma risada claramente exagerada e virou-se para Sarah – Adorei falar com você. Posso pegar seu telefone e te mandar mensagem depois?

- Claro. – disse Sarah, pegando o celular no bolso do short que usava. – Aqui. – e esticou o aparelho com a tela virada para cima. Camila fez o mesmo, mas colocando seu aparelho com a tela para baixo. Ambas sentiram uma vibração que indicava que os respectivos contatos já tinham sido salvos no *chip*.

- Tchau, então... opa! – Camila tropeçou ao caminhar, rindo de si mesma – Melhor eu tomar cuidado.

Quando ela se afastou, Raphael riu e virou-se para Sarah.

- Acho que ela tá bêbada, hein.

- Você acha?

Sarah riu, mas ainda havia algo em sua mente que a incomodava. A conversa com Camila fora bastante interessante, mas aquela última parte, aquela história de comunista...

- Raphael - perguntou ela, quando o namorado se sentou na cadeira que antes era ocupada por Camila – Você acha que... que seria possível...

- O quê? – questionou, sem entender.

Sarah sacudiu a cabeça, gesticulando que deixasse para lá.

- Nada. Bobagem minha. Esquece.

## 10

A meia-noite se aproximava, e todos na festa já estavam preparados para receber o novo ano. Os anfitriões serviram champanhe em taças e cada convidado segurava a sua, aguardando a contagem regressiva que anunciaria a chegada do novo ano. Raphael abraçava Sarah com um dos braços, enquanto com o outro segurava sua taça. Duas vezes, porém, ele tirou o braço de sobre o ombro da namorada para colocar a mão no bolso por alguns segundos e logo tirar novamente, voltando-o para o local onde estava.

- Que foi? – Sarah perguntou, nas duas vezes.

- Nada. – ele respondeu, sorrindo.

Embora o comportamento de Raphael estivesse estranho, Sarah não perdeu muito tempo pensando nisso. Desde que Camila mencionara o fato de seus colegas a chamarem de comunista devido ao teor de seus trabalhos de divulgação e combate ao preconceito linguístico, ela estivera tentando desviar sua atenção para a festa e para a conversa com o namorado, mas não conseguira. Ouvira as palavras dele contando sobre a conversa com o pai e um dos convidados, que era dono de um salão de festas e tinha interesse em fazer uma parceria com sua loja de bebidas, mas apenas concordava enquanto ele falava, a mente em outro lugar. A voz de Mariana insistia em vir à sua mente, especialmente as palavras ditas na última conversa que tiveram, dias antes da viagem para Goiás.

- Não sei não, Sarah. – a amiga estava claramente aflita, o copo de café sendo girado lentamente por sua mão nervosa, o líquido esfriando dentro do recipiente – Ainda acho que tá tudo muito esquisito.

Elas tinham se encontrado em um café perto do trabalho de Mariana. Ana não pudera ir, o filho mais novo estava com diarreia e o marido tinha uma reunião importante. Tentaram fazer com que a amiga participasse do encontro virtualmente, através de uma chamada de vídeo, mas a própria Ana desistiu quando percebeu que não conseguiria conversar com as amigas e prestar atenção com o filho mais velho que reclamava que queria jogar videogame enquanto o mais novo berrava querendo que a mãe o acompanhasse no banheiro a cada cinco minutos.

- Mas as previsões não estão boas? – perguntou Sarah, após beber um gole de seu próprio café – Ao que tudo indica eles não vão nem conseguir levar isso até a votação.

- É provável que não. – disse Mariana, bebendo um gole do café já frio – Mas o que eles estão fazendo... isso vai gerar consequências. Esse tipo de ação muda as pessoas, abre precedentes, permite que alguns grupos achem que podem fazer o que quiserem. Só precisa surgir uma faísca, Sarah. Uma faísca de postura antidemocrática, e já é suficiente para queimar um país inteiro. Primeiro eles acham que podem querer tirar uma presidenta eleita democraticamente só por ela não defender os interesses deles. E depois, o que vai ser? Vamos voltar ao passado? Se isso não for controlado, se as pessoas não começarem a enxergar o que acontece... eu não quero nem pensar no que pode acontecer.

Sarah ouvia a amiga, atenta. Admirava muito Mariana e sua garra política, mas achava que ela estava exagerando em sua reação. Não era para tanto, era só olhar onde o país estava agora,



não haveria isso de voltar ao passado depois de tanto evoluírem. Ela pensou em dizer isso a amiga, em alertá-la para que parasse de se desesperar à toa, para que relaxasse um pouco, mas mudou de ideia, temendo chateá-la. Em vez disso, apenas repetiu o que já afirmara.

- O processo vai ser barrado antes, Mari. Djamila vai continuar segura no governo.

Mariana ouviu o que Sarah dissera, mas seu olhar parecia perdido. Levantou os olhos para a amiga, visivelmente preocupada.

- Pode ser. – falou – Mas até quando?

Sarah foi tirada de suas lembranças quando Raphael a sacudiu um pouco, avisando que a contagem regressiva já iria começar. Todos olhavam para o céu, empolgados, as taças na mão. Um dos convidados conectara o celular no sistema de som integrado da casa e eles podiam ouvir a voz de um apresentador famoso enumerando os últimos segundos do ano.

- Dez! – todos gritaram, junto com a voz do apresentador. – Nove!

- Oito! – Raphael dava pulinhos a cada número falado, tentando puxar a namorada para fazer o mesmo, mas a mente de Sarah estava longe novamente. – Sete!

*“Se realmente quiserem, podem sim nos vencer.”*

- Seis!

*“Sarah, os tempos são outros.”*

- Cinco!

*“Falaram mal de você, te chamaram de comunista”*

- Quatro!

*“Que droga é essa? Brasil de 100 anos atrás?”*

- Três!

*“E depois, o que vai ser? Vamos voltar ao passado?”*

- Dois!

*“Uma faísca de postura antidemocrática, e já é suficiente para queimar um país inteiro.”*

- Um! – todos gritaram juntos.

Sarah era a única em silêncio. No som integrado da casa, era possível ouvir a voz do tal apresentador, claramente empolgado com a chegada do novo ano.

– Bem-vindos a 2064!

## 11

Assim que o novo ano chegou, os convidados começaram a se cumprimentar mutuamente, dando abraços e apertos de mão. Sarah precisou forçar o sorriso ao desejar um feliz ano novo para Raphael, que a abraçara e dissera em seu ouvido que a amava.

- Também. – ela respondeu, correspondendo a seu abraço.

Logo seus pais também vinham cumprimentá-los, e Sarah se viu obrigada a circular mais uma vez pelo local acompanhada de namorado e expressando os melhores desejos para o novo ano a todos os presentes. Camila, ainda mais bêbada do que antes, a abraçou.

- Você é demais, Sarah! – falou, apertando-a tanto que Sarah achou que fosse sufocar. – Um dia quero ser como você!

Sarah sorriu e conseguiu se desvencilhar do abraço quando Camila viu sua mãe passar e correu até ela, perguntando se não havia mais champanhe na despensa. Quando finalmente o burburinho de cumprimentos acalmou, o anfitrião da casa propôs que todos pulassem na piscina,

como uma forma de se limparem das impurezas do ano anterior. Sarah olhou para Raphael, que pensou o mesmo que ela.

- Vamos pra lá. – ele falou, apontando para a varanda da casa, onde havia um banco largo de madeira – Eles nem vão sentir nossa falta.

Sarah concordou e deu uma última olhada para a piscina, agora já se enchendo de pessoas, seus pais entre eles. Não conseguiu controlar uma risada. Os dois gostavam bastante dessa vida no interior e adoravam uma boa festa, era fácil perceber.

Quando chegaram à varanda, Sarah logo se sentou no banco, suspirando. Raphael permaneceu em pé e a olhou, preocupado.

- Você tá bem? Tá um pouco aérea...

- Não, tá tudo bem. – ela disse, tentando disfarçar – Só tava pensando no que o novo ano vai trazer...

Raphael sorriu, e a mão foi ao bolso, voltando para o lado do corpo logo em seguida.

- Que bom. – falou, tentando fingir que não percebera o olhar de Sarah acompanhando seus movimentos – Eu também tava pensando a mesma coisa.

Sarah o encarava curiosa, a testa franzida.

- Raphael, qual é o problema com seu bolso?

Ele sorriu, e juntou as mãos à frente do corpo.

- Não é nada. – falou, mas logo pareceu repensar – Quer dizer... É alguma coisa sim. E tem a ver com o que você falou. Planos pro novo ano, pro futuro, na verdade.

A expressão de Sarah continuou a mesma, e ela tentava imaginar do que Raphael poderia estar falando. Antes que pudesse perguntar, porém, viu o homem pegar uma caixinha dentro do tal bolso e se ajoelhar à sua frente. Sarah tremeu. Isso não era... Não, ele não iria...

- Eu te amo, Sarah. – Raphael falou, a caixinha fechada nas mãos – E quero passar o resto da minha vida com você. Então, você... você quer casar comigo?

Raphael abriu a caixinha e Sarah pôde ver um par de alianças douradas. Sentia que estava paralisada, a boca entreaberta em choque, a mente vazia, o coração acelerado. Chegou a piscar os olhos com força, tentando garantir que tudo aquilo não era fruto da sua imaginação, mas, quando os abriu, Raphael continuava ali, um joelho ao chão, a caixinha aberta à altura dos olhos dela.

- Sarah? – ele perguntou, olhando diretamente para ela com uma expressão carregada de ansiedade.

Sarah queria dizer algo, sabia que ele esperava que ela dissesse algo, mas não sabia o quê. Depois do que pareceram horas para Raphael e milésimos de segundo para ela, finalmente conseguiu formar algumas palavras.

- Eu... eu preciso pensar. – ela disse, abaixando a cabeça.

Não eram as palavras que Raphael esperava, e sua decepção ficou clara em sua expressão.

- O quê? – perguntou – Mas eu... eu acabei de pedir...

- Eu sei, eu sei. – Sarah falou, ainda sem acreditar no que acontecera – Eu sei o que você pediu. E eu vou te responder. Eu só... eu só preciso pensar.

Raphael levantou-se e fechou a caixinha, colocando-a de volta no bolso.

- Eu sei bem o que isso quer dizer, Sarah. – falou, magoado – Essa não é o tipo da pergunta que alguém pede pra pensar se tem a intenção de aceitar.

- Não, não é isso, é só que...

- Esquece. – ele falou, e saiu da varanda, caminhando em direção aos outros convidados.

Sarah ficou ainda um tempo parada no mesmo lugar, observando Raphael ir até a piscina, ser convidado a entrar, negar-se e, para não fazer desfeita, apenas se sentar na borda e molhar os pés. Pensou em ir atrás dele, tentar explicar que ele tinha entendido errado, que ela só precisava pensar com calma, porque... porque...

Ela não sabia dizer o porquê. Dissera que precisava pensar porque queria sair daquela situação desconfortável, porque não aguentaria mais ficar encarando Raphael ajoelhado com aquela caixa de aliança nas mãos implorando uma resposta. Uma resposta que ela, no fundo, não queria dar. Não é que não gostasse de Raphael, que não quisesse continuar com ele. Eles estavam se dando bem, as coisas estavam boas... Mas, casar? Isso estava fora de cogitação. Além de nunca ter sido um desejo pessoal dela – e ele sabia disso – ela também não sentia que seria o momento de considerar algo assim. Eles estavam juntos há pouco mais de um ano, viviam se desentendendo por coisas bobas, eram completamente diferentes. Há quanto tempo Sarah não dizia que o amava? Pensou um pouco e chegou há conclusão de que não sabia. Havia tanto tempo que adotara a resposta clássica “também” a cada vez que ele se declarava, que já não lembrava sequer de ter algum dia expressado seu amor de forma autêntica.

Sarah suspirou, percebendo que não havia muito o que fazer diante dessa situação. A solução era só uma, estava clara como água, sempre estivera, e ela se recusara a ver. Não seria fácil, mas términos de relacionamento nunca eram.

Sentiu seu celular vibrar no bolso e o pegou, olhando para a tela. Eram Ana e Mariana, convidando-a para uma chamada de vídeo. Apertou o botão verde e posicionou o celular em frente ao rosto.

- Feliz ano novo! – Ana gritou, tentando ser ouvida acima do barulho em sua casa – Aqui tá uma bagunça só! Meus pais e os pais do Victor estão aqui, os irmãos dele com os filhos também... Acho que vou ficar louca!

Mariana e Sarah riram.

- Feliz ano novo, meninas! – Sarah falou, mas logo foi cortada por Mariana.

- Tá bom, tá bom. – ela falava com alguém ao seu lado - Espera aí um pouco, gente, a Lavínia quer falar com vocês.

A namorada de Mariana apareceu na tela ao seu lado.

- Oi, Ana, oi, Sarah! Feliz ano novo pra vocês! – ela sorria e mandava beijo pras duas – Tô com saudade! Falem pra essa chata me convidar da próxima vez que for encontrar vocês.

- Mas já no primeiro dia do ano você fica me chamando de chata? – Mariana olhava para a namorada – Pra vocês verem como ela me trata!

- Para com isso, boba. – Lavínia pegou o rosto da namorada entre as mãos, apertando suas bochechas – Você é chata, mas é minha chata. – falou, logo depois dando um selinho em Mariana – Agora eu vou deixar vocês se falarem! Tchau, meninas!

Sarah e Ana mal tiveram tempo de dizer tchau e Lavínia sumiu da tela, deixando apenas Mariana. A conexão pareceu falhar, e Ana aproveitou a deixa.

- Sarita, e seus pais? Tudo bem? Como estão as coisas aí? – Ela gritou, os barulhos em sua casa ainda altíssimos.

- Tudo tranquilo, estão bem. – ela falou, não conseguindo evitar um olhar para a piscina ao longe, onde Raphael continuava na mesma posição.

- A gente precisa se ver logo. — agora foi Mariana quem falou – Quando é que você volta?

- Depois de amanhã já. – falou – O Raphael tem que voltar por causa da loja e...

Sarah parou de repente, só então se dando conta de que, a depender da reação de Raphael à conversa que seriam obrigados a ter quando voltassem para o sítio dos pais, era possível que ele quisesse voltar no dia seguinte mesmo.

- Que foi? – Mariana perguntou – Travou?

- Espera, Nicolas, eu tô ocupada! – Ana gritou para o filho mais velho. – O que foi, gente?

- Nada, não. – Sarah falou, tentando encerrar logo o assunto – A conexão aqui não é muito boa. Mas olha, assim que eu chegar no Rio ligo pra vocês e a gente se encontra, ok?

- Certo, então. – Mariana concordou – Vou lá então, gente. Amo vocês!

- Victor, pega lá o que ele quer! – Ana gritava, mas logo voltou a atenção de novo para o celular – Desculpa, gente. Vou ter que ir mesmo, é muita demanda aqui. Feliz ano novo pra gente! Amo vocês!

- Tchau, meninas. Amo muito vocês!

As três encerraram a chamada, mas Sarah ainda ficou olhando um tempo para o celular. Na tela, o relógio marcava 1h15 da manhã de 1º de janeiro de 2064.

- É, 2064. Tomara que você seja bom.

## 12

Surpreendentemente, as coisas foram bem mais fáceis no dia seguinte do que Sarah poderia imaginar. Raphael não demonstrou interesse algum em conversar sobre o ocorrido, e Sarah acabou por não insistir. No fundo, sabia que era melhor deixar para tratar dos pormenores do seu relacionamento longe dos pais. Edgar e Clarice, aliás, não repararam em nada que os fizesse pensar que Raphael e Sarah pudessem ter se desentendido de alguma forma.

Dois dias depois da virada de ano, o casal se despediu dos pais de Sarah e seguiu de carro para o aeroporto. Todo o trajeto da viagem – no carro, na área de espera do voo, no avião – ocorreu em silêncio. Pouquíssimas vezes Sarah comentou algo que Raphael respondeu, mas nada relacionado a eles ou à proposta de casamento frustrada. Quem os olhasse de longe, pensaria serem apenas amigos ou até mesmo pessoas desconhecidas sentadas lado a lado.

Chegando ao apartamento de Sarah, ela abriu a porta e entrou, carregando sua bagagem e seguindo direto para seu quarto. Raphael veio logo atrás, a mochila nas costas e uma bolsa de viagem pendurada no ombro. Como ele deixara alguns de seus pertences lá, incluindo a chave de seu apartamento, ela apenas esperou em silêncio, enquanto colocava suas coisas sobre a cama, esperando ouvi-lo sair após recolher o que era seu. Por alguns minutos, porém, tudo foi silêncio, até que algumas vozes começaram a ser ouvidas. Sarah saiu do quarto e olhou a cena na sala: Raphael estava sentado em seu sofá, a mochila e a mala de viagem em um canto, os pés sobre a mesinha de centro, o celular na mão passando por diversos canais de programação que eram reproduzidos na televisão à sua frente. Ele olhou de relance para Sarah parada à porta do quarto, mas nada disse.

- Acho que a gente precisa conversar. – Sarah começou, andando até ele e encarando-o, ainda de pé. – Sobre... sobre o que aconteceu na noite de Ano Novo...

Raphael não parecia muito disposto a isso. Abaixou os olhos e suspirou. Com um toque na tela do celular, desligou a televisão e só então olhou diretamente para Sarah.

- Não precisa. – ele falou, dando um sorriso fraco – Eu sei que fiquei calado a viagem toda, mas eu tava pensando sobre tudo isso e... decidi que vou esperar seu tempo. Você disse que queria pensar, então, eu espero até que você esteja pronta pra me dizer sim.

- Eu nunca vou estar pronta pra isso, Raphael. – Sarah falou de repente, em um impulso de pura coragem. Não podia mais ficar enrolando com esse assunto, não era justo com o namorado, não era honesto com ela mesma.

Raphael a olhava atônito. Não esperava que ela dissesse algo assim e não sabia nem mesmo como reagir a isso. Sarah continuou, percebendo a reação do namorado.

- Você sabe que eu nunca quis casar. Eu sempre deixei isso bem claro, desde que a gente começou a namorar.

- Eu sei. – ele respondeu, finalmente conseguido organizar as palavras – Mas eu pensei que... a gente já junto há tanto tempo, já não somos tão jovens e você me convidou pra conhecer seus pais... Achei que isso era a sua maneira de dizer queria levar nosso relacionamento a outro nível.

Sarah suspirou. Sentia-se uma idiota por não ter percebido o que o simples convite poderia ter significado na cabeça de Raphael. A culpa era um pouco sua por essa confusão, afinal.

- Eu não pensei que você ia entender as coisas assim, eu só...

- Eu? – ele riu, de modo sarcástico – Sarah, você fez tudo errado! Sempre faz, mas dessa vez se superou! Eu tenho feito tudo por você, desde sempre. Quando você ficou chateada com a história daquele seu aluno, quem foi que te apoiou?

- Você, mas..

- Mas nada, Sarah. – Raphael levantou-se e começou a andar pela sala, nervoso – Eu compreí as alianças pra você, você fez tudo pra que eu achasse que... – ele fez uma pausa, suspirou – Eu fui um idiota mesmo de pensar que você ia ser diferente.

Sarah não conseguia achar palavras para aquele momento. De um momento para o outro, toda a culpa da situação tinha sido jogada para ela, e ela começava a admitir para si mesma que ele tinha sua razão em se sentir assim.

- Eu tô de saco cheio disso. – ele continuou – De saco cheio de fazer tudo pra esse namoro dar certo. E enquanto isso, você fica só ouvindo tudo que as suas amiguinhas falam, aposto que elas encheram a sua cabeça contra mim!

Sarah ergueu a cabeça e o encarou.

- Do que você tá falando? Minhas amigas não têm nada a ver com isso. A questão aqui é entre nós dois.

- Nós dois? Nunca fica só entre nós dois! Tudo você tem que falar com as duas, tudo tem que saber o que elas acham. Você pensa que eu não vi que você foi correndo ligar pra elas depois que eu me ajoelhei na sua frente feito um idiota?

- Raphael, não! – Sarah elevou a voz, o que surpreendeu o namorado – Tudo isso que você tá dizendo não tem nem sentido. Foram elas que me ligaram, eu nem falei nada da gente, você tem que parar com essa implicância!

- Não é implicância! – ele falou, também elevando o tom – Eu só tô cansado de ter que ficar te dividindo com essas duas. Principalmente com a tal da Mariana, aquela...

Ele hesitou e pareceu desistir de falar o que pensava.

- Aquela o quê? Qual é o problema da Mariana pra você? – Sarah começava a ficar irritada.

Raphael fez um gesto de desprezo.

- Nada, não interessa.

- Falal! – Sarah cruzou os braços e o encarava – Agora que começou, fala logo!

Raphael tentava se controlar, mas já havia muito tempo em que guardava dentro de si todos os incômodos que Ana e Mariana traziam. Na verdade, em sua mente, havia uma lista de motivos pelos quais não gostava das duas melhores amigas da namorada.

- Ela é ridícula, Sarah. Fica enchendo sua cabeça com essas ideias de gente desocupada. Esse negócio todo de política, de ficar lutando contra preconceito, de ficar esfregando na cara de todo mundo que é lésbica, que é negra... Não suporto esse vitimismo todo, e ela ainda quer carregar você pra essas coisas.

Sarah não sabia se ria ou se ficava em choque.

- Você tá brincando, né? Essas lutas são necessárias, Raphael! Você já devia saber disso, você vê meu trabalho e...

- Não é mesma coisa! – ele a cortou – Você fala de preconceito linguístico, ninguém nem liga pra isso, ninguém sabe direito o que é.

Sarah respirou fundo. Descruzara os braços, e as mãos nesse momento se fechavam em punho ao lado do corpo. Questionou a si mesma se o que sentia naquele momento era vontade de socar Raphael. Então respirou fundo mais uma vez.

- Então é isso que você pensa do que eu faço? – ela perguntou.

Raphael suspirou.

- Chega, Sarah. Não adianta tentar falar com você. Eu vou embora.

Ela não o impediu quando ele recolheu suas coisas e saiu, deixando sobre a mesa a cópia da chave do apartamento que ela lhe dera. Quando a porta bateu, Sarah imaginou que talvez que ele nunca mais voltasse, e não sabia bem como se sentia sobre isso. Sabia que eles não combinavam, que viviam discutindo, que ele não se interessava pela vida dela, que não gostava das pessoas mais próximas dela.

Ainda assim, quando ouviu o barulho do celular, algumas horas depois, indicando que uma mensagem chegara, teve esperança de que fosse ele pedindo desculpas, tentando reverter a situação. O que ela leu, porém, confirmou suas suspeitas iniciais.

“Acho melhor a gente terminar.”

### 13

Naquela mesma semana, Ana conseguira uma folga para ver as amigas: Victor tinha ido passar o dia na casa dos pais com as crianças. Elas combinaram de ir a um shopping para almoçar. Sarah foi a primeira a chegar e ficou olhando as lojas enquanto as amigas não chegavam. Estava distraída procurando novidades na livraria do local quando ouviu alguém chamá-la.

- Sarah? Sarah Ribeiro?

Sarah virou-se e deu de cara com uma mulher bem mais jovem do que ela, sorridente. Sabia que a conhecia de algum lugar, não conseguia distinguir de onde.

- Oi. – falou, sorrindo também – Tudo bem?

A menina riu.

- Você não lembra de mim, não é? Sou Iris. Iris D’asquad.

Sarah quase se assustou ao se dar conta de quem era. A menina que a questionara no congresso, meses atrás.

- Sim, claro. – falou, demonstrando que a reconhecera – Desculpa, minha memória às vezes não é muito boa. Como você está?

- Ótima. – falou. – Estava dando uma olhada nos livros.

- Você também gosta de ler, é? – Sarah disse, simpática – É bem comum entre o pessoal da área de Letras.

Iris riu novamente, sacudindo a cabeça em negativa.

- Na verdade, para ser totalmente sincera com você, não gosto muito não. Entrei na faculdade para aprender mais sobre a Língua Portuguesa, sobre gramática normativa. Da parte de literatura, eu sinceramente nunca gostei.

Sarah concordou com a cabeça, sem saber muito bem o que dizer.

- Meu pai é dono dessa rede de livrarias. – continuou Iris – É um dos negócios dele, e eu gerencio. Gosto de verificar de vez em quando o andamento das coisas, e passo em todas as lojas vendo os produtos, o atendimento ao cliente, os problemas... Essas coisas chatas, sabe? – e riu.

Sarah sorriu também, se sentindo extremamente desconfortável diante de Iris.

- Então você fez Letras só por prazer? – perguntou ela, tentando interagir de forma mais natural – Quer dizer, seu pai, pelo visto, é bem sucedido e você já tem esse ótimo emprego...

- É, pode-se dizer que sim. – disse Iris, pensativa – Eu prezo muito pela Língua Portuguesa e acho que devemos proteger esse nosso bem tão precioso. A cada dia mais eu vejo nossa bela flor do lácio decaindo e decaindo, se tornando cada vez mais pobre e feia, com tantas pessoas assassinando as palavras e destruindo o que ela tem de mais bonito... Então decidi fazer Letras, para tentar ajudar a preservar nosso patrimônio.

Iris encarava Sarah enquanto falava. Era claro o seu objetivo de alfinetar a mais velha, deixando subentendido em sua fala o que pensava de seu trabalho. Na mente de Iris, Sarah era uma das principais contribuidoras para a decadência da língua portuguesa, com sua insistência em falar em preconceito linguístico – coisa que para Iris era uma completa esquizofrenia de um grupo de linguistas frustrados, isso não existia – e em promover um incentivo aos diversos “falares” do povo, como se eles pudessem se comparar à verdadeira e única forma correta de falar: a norma padrão.

Sarah ouviu a fala de Iris em silêncio, percebendo suas intenções. Lembrou-se do professor que conhecera no congresso mencionando que a menina era inteligente, mas “terrível”. Agora, depois de ter uma versão masculina de Iris em sala de aula, começava a entender o que o homem quisera dizer. Os dois, Enzo e Iris, claramente tinham uma mente fechada em relação a tudo aquilo que fosse diferente do que sempre apontaram como correto. Como muitos antes deles, nunca foram ensinados a questionar – e sim a aceitar crenças como verdades. Com Enzo não tivera resultados, mas quem sabe Iris fosse diferente? Resolveu tentar argumentar.

- Bom, a coisa toda não é bem assim. – falou, sorrindo do modo mais simpático que conseguiu – É natural que a língua mude, que ela vá evoluindo com o tempo. Você com certeza já estudou sobre isso. Somos nós, os falantes, que mandamos na língua e não o contrário. E nenhuma dessas mudanças leva à decadência. Na verdade, é o inverso. É comprovado que toda e qualquer mudança linguística só acontece pra facilitar nossa comunicação, pra nos trazer ferramentas mais eficientes de expressarmos o que queremos.

Iris não se intimidou.

- Você está me dizendo que os erros são formas mais eficientes de comunicação? Sarah, você só pode estar brincando!

Sarah, por sua vez, também não se deixou abater.

- Primeiro de tudo, não são erros. São desvios da norma padrão vigente. Isso só significa que são diferentes do que a norma padrão diz ser o correto, mas de modo algum quer dizer que estejam errados do ponto de vista linguístico. Aliás, se formos medir por essa régua, todos nós erramos o tempo todo. – falou, rindo – Inclusive você e eu. A norma padrão é um conceito abstrato, não existe na vida real. Ninguém fala segundo essa norma, nem mesmo as pessoas mais cultas.

- Mas não é por isso que vamos então renunciar a todas as regras e transformar a língua em um caos! Precisamos de organização!

- Ué, mas isso já existe! Mesmo quem comete esses desvios usa regras. Só que são regras diferentes. Mas posso te garantir que são tão complexas e organizadas quanto as regras da norma padrão. Aliás, são até mais organizadas, se formos analisar a fundo...

Iris deu uma gargalhada que chamou a atenção de alguns fregueses que estavam próximos.

- Você vai querer me dizer agora que essa fala errada do povão é mais organizada que uma norma que é considerada oficial na fala e na escrita do nosso país? É isso?

Sarah deu de ombros.

- Olhando de um ponto de vista específico, sim. Na norma padrão, temos regras cheias de exceção ou de floreios desnecessários. Nas normas não-padrão, isso é bem mais coerente. O que funciona pra um, funciona pra todos.

Iris fez um movimento de que ia falar, mas parou. Sarah achou que ela ia pedir mais informações, exemplos, questionar algo mais. Apesar de não se sentir muito à vontade ali, discutindo com ela, ao mesmo tempo estava gostando do debate. No fundo, sentia-se frustrada pela experiência com Enzo e tinha esperança de conseguir fazer Iris refletir um pouco mais sobre essas questões.

Só depois de sentir uma mão em seu ombro entendeu por que Iris se calara e agora olhava diretamente para um ponto atrás dela. Era Mariana.

- Eu sabia que ia te encontrar aqui! – falou a amiga, quando Sarah se virou – Não acha que já tem muitos livros não? – e riu.

- Nunca é demais. – Sarah falou, rindo também, e virou-se para Iris. – Mariana, essa é Iris, nossa futura colega de trabalho, estudante de Letras.

Mariana estendeu a mão, que Iris demorou um pouco para apertar.

- Prazer. – disse a amiga de Sarah, percebendo a relutância de Iris – Você é aluna da Sarah?

Iris soltou a mão de Mariana assim que possível e escondeu-a atrás do corpo, movimento percebido por Sarah.

- Não, não. – respondeu Iris, tentando sorrir – Conheci a Sarah em um congresso que ela participou na minha universidade. E na verdade, já encerrei meus estudos lá. Semestre passado foi meu último.

- Parabéns! – disse Mariana, tentando se mostrar simpática – Quem sabe um dia não vamos trabalhar juntas? Também sou professora, só que de História.

Iris não conseguiu disfarçar uma pequena careta.

- Não quero ser professora. – falou.

Sarah percebeu que o clima estava estranho e tratou de tentar resolver a situação da melhor forma possível.



- Iris, foi muito bom conversar com você. – falou, sorrindo para a menina – Mas a gente combinou de encontrar uma amiga nossa e agora precisamos ir. Se quiser conversar mais um pouco, me manda alguma coisa. Você pegou meus contatos no evento, né?

Iris não respondeu nada, e apenas acenou que sim com a cabeça enquanto via as duas mulheres saírem da livraria. Assim que elas sumiram de vista, foi até um dos setores do local, onde um rapaz organizava os livros.

- Você! – falou, apontando para ele, que já a conhecia e correu a atendê-la – Reorganize o setor sobre Língua Portuguesa. As gramáticas e os livros de Português para concurso na frente. Linguística e essas baboseiras atrás.

- Mas, senhora, eu acabei de organizar...

- Faça o que eu mandei.

O rapaz concordou e foi para o setor indicado, resmungando enquanto arrumava os livros mais uma vez, por puro capricho de uma garota mimada que, infelizmente, era sua patroa.

## 14

- Vocês terminaram? Mas como assim? O que aconteceu? – Ana perguntou, curiosa.

As três amigas já estavam sentadas na praça de alimentação do shopping, dividindo uma pizza. Mariana ficara tão surpresa quando Ana, mas como estava de boca cheia, não teve como se manifestar.

Sarah contou a elas toda a história, desde sua já antiga percepção de que o relacionamento não ia bem, até o pedido de casamento surpresa e, então, o fim. Ela fez questão, porém, de omitir as partes mais problemáticas ou vergonhosas da situação: a discussão que tiveram, os comentários que Raphael fizera sobre Mariana, o término por mensagem, o fato de que ela se desgastara de tanto chorar por tudo isso. Não faria diferença as amigas saberem desses detalhes.

As duas amigas ouviram todo o relato atentas, e ao final, demoraram um pouco para exprimir alguma reação. Foi Mariana quem falou primeiro.

- Olha, por essa eu não esperava... – ela sacudiu a cabeça, incrédula – Eu jurava que você ia mesmo se casar com ele.

Sarah tomou um gole de seu suco e olhou para a amiga.

- E de onde você tirou tanta certeza?

Mariana pareceu sem jeito e olhou para Ana, que respondeu em seu lugar.

- Bom, Sarita, já que vocês terminaram mesmo... acho que agora podemos falar. – e retornou o olhar para Mariana, buscando aprovação – A gente já achava que ele não era o cara ideal pra você há um bom tempo.

- Desde sempre, na verdade. – disse Mariana.

- É... – continuou Ana – E a gente até tentava às vezes perguntar pra você se tava tudo bem, fazer você falar um pouco, enfim, a gente queria te ajudar de alguma forma, mas...

- Você sempre mudava de assunto ou fechava a cara. – Mariana completou – A gente acabou interpretando isso como um aviso pra ficar fora desse assunto. E bom...

- A gente achou que você reagia assim porque realmente gostava dele. Isso foi ficando tão certo na nossa mente que a possibilidade de vocês terminarem nem existia mais pra gente. – finalizou Ana.

Sarah ouviu tudo, pensativa. Será que elas tinham razão? Será que, nesse tempo todo, enganara a si mesma, achando que estava indiferente a Raphael quando na verdade... Ela interrompeu esses pensamentos, jogando essas perguntas para longe – afinal, agora isso não fazia a menor diferença.

- Eu nem sei o que dizer. – falou, parando de repente, o olhar ao longe – Mas é isso. Acabou.

Ana e Mariana sorriram, concordando com a cabeça. Passado era passado, afinal, e não adiantava ficarem insistindo nesse assunto, se a própria Sarah queria esquecer. Mariana, percebendo que o silêncio entre elas logo se tornaria incômodo devido ao longo tempo, mudou bruscamente o assunto.

- Vocês viram as novidades sobre o caso da Djamila? – perguntou, servindo-se de mais um pedaço de pizza.

- Ai, lá vem ela falar de política... – Ana reclamou.

- Sério, Ana? – Mariana pareceu se ofender – Sério que você reclama disso? Logo você, esposa de um advogado, professora universitária, militante contra o preconceito linguístico? Você acha que a política não faz parte da sua vida, é isso?

Ana fez um gesto com a mão para que a amiga se acalmasse, rindo.

- Calma, Mari, é brincadeira. Eu sei que a política faz parte de tudo, sei que tudo que acontece lá entre eles afeta a nossa vida. Não sou tão ligada quanto você nos detalhes dessa loucura toda, mas entendo que é importante ficar informada. Vai, pode falar.

Mariana a olhou desconfiada, e se manteve em silêncio.

– É sério, vai. – Ana falou, abraçando a amiga que estava sentada a seu lado – Pode contar sobre a Djamila. A gente vai te ouvir com toda a atenção do mundo! – e olhou para Sarah, que parecia distraída – Não é, Sarah?

- Com certeza. – respondeu ela.

Mariana tentou manter o rosto sério, mas logo estava rindo.

- Vocês às vezes são muito idiotas.

As três riram, mas logo Sarah trouxe o assunto de volta.

- É sério, Mari, eu tô curiosa. Não acompanhei as notícias nos últimos dias, tava com a cabeça cheia... O que aconteceu?

Mariana pareceu se animar de novo.

- Então, vocês lembram que as previsões eram de que o processo de afastamento não iria nem pra votação dos deputados?

As amigas concordaram com a cabeça.

- E não foi mesmo. Ontem o processo como um todo foi oficialmente cancelado. Conseguiram provar que não tinha base para continuar, nenhum motivo pra considerar o afastamento do cargo. Então...

- Djamila continua sendo a presidencial! – foi Sarah quem falou, empolgada de verdade.

- É... – Mariana respondeu, um tanto receosa – De certo modo, sim. Mas não sei... eu te falei naquele dia, Sarah, que ainda me preocupo, eu ainda acho que...

- Você se preocupa demais, Mari. – Ana interrompeu a amiga, depois de beber um gole de seu refrigerante – Olha, cada sofrimento pro seu dia, certo? A gente tava aflita com esse processo, ele acabou, vencemos. Djamila continua lá, a democracia tá salva. Não adianta ficar agora pensando no que pode acontecer ou se desesperando por causa de “achismos”.

Mariana não se convenceu.

- Não são só “achismos”, Ana, é uma questão de observar o contexto. Esses caras que estão contra a Djamila não jogam pra perder!

- Mas perderam. – Ana insistiu e começou a procurar seu espelho e seu batom na bolsa – Gente, é um novo ano. Vamos deixar essas preocupações pra trás. Você também precisa relaxar, Mari, senão vai viver tensa e preocupada com o futuro, sem viver o presente.

Mariana riu.

- Lavínia me disse a mesma coisa ontem.

- Tá vendo só? – falou Ana - Até sua namorada concorda comigo. – e começou a se olhar no espelho, retocando o batom. Quando terminou, olhou para Sarah. – Não vai falar nada, Sarita? O que você acha?

Sarah voltou de seus devaneios quando ouviu Ana a chamando. Estava lembrando da conversa que tivera com Camila, a filha dos anfitriões do sítio onde passara a virada de ano. “Eles te chamaram de comunista”, ela afirmara. Pensava se deveria ou não comentar isso com as amigas, dizer a elas tudo que passava pela sua cabeça desde aquele dia, confessar a elas os medos que começaram a incomodá-la quando soube que havia um movimento antidemocrático querendo derrubar a presidenta e que agora cresciam, como a tal faísca que Mariana disse ser o suficiente para incendiar todo o país. Ao ver a amiga finalmente começando a relaxar um pouco, porém, desistiu. Só ia deixar Mari mais tensa e não queria isso.

- Acho que a Ana tá certa – falou, sorrindo – Nós ganhamos, Mari. Podemos respirar aliviadas. Deixa pra se preocupar com os problemas que forem surgir no futuro só quando e se eles surgirem.

Mariana sorriu, concordando com a cabeça. Depois que Ana guardou o batom e o espelho na bolsa, levantou-se.

- Que tal uma volta no shopping agora, hein? Tô doida pra sentir o prazer de andar por aí e gastar algum dinheiro sem nenhuma criança agarrada em mim!

As amigas riram, e logo as três caminhavam pelos corredores do *shopping*, conversando amenidades e vendo as vitrines das lojas.

## 15

O mês de janeiro passou rápido. De férias, Sarah aproveitou os dias para colocar em dia sua leitura, estudar e planejar novos meios de divulgação de seu trabalho. Vivia um momento bastante tranquilo, tanto pessoal quanto profissionalmente. Após se recuperar do recente término de namoro, percebeu que tinha mais tempo para si mesma e para aproveitar a paz de sua casa. Claro que ainda precisava dar conta da orientação de quatro estudantes – dois de graduação e dois de mestrado – e de seus projetos de divulgação, mas tudo estava correndo com tranquilidade, então conseguia reservar boa parte de seu tempo para relaxar e pensar em seus objetivos para o ano que chegara.

Decidiu não ficar remoendo as questões políticas, evitando entrar nos aplicativos de notícias. A situação estava mais tranquila, ela sabia, desde que o processo de Djamila fora interrompido, e não faria bem a ela ficar como Mariana, preocupada com coisas que já não mereciam atenção. Tudo aquilo fora apenas uma pedra no caminho, um pequeno momento de susto, mas tudo já havia voltado ao seu normal, e a democracia e a estabilidade do país estavam seguras.

A vida de Sarah, apesar de tudo, estava calma. Tirando o dia em que teve que contar aos pais, via chamada de vídeo, que o namoro tinha acabado – ao que os pais reagiram chocados, o pai reclamando que tinha gostado muito do “rapaz” e a mãe entristecida pelo fato de ter mais uma vez seus sonhos de netos adiado – suas semanas foram de paz e descanso. Quase não conseguiu ver Ana, pois ela e o marido – que conseguira por sorte tirar suas férias na mesma época que a esposa – tinham planejado uma grande viagem pelo país com os filhos, que consumiria pelo menos um mês. A partir da segunda quinzena de janeiro, portanto, as únicas companhias que ela tinha para sair eram Mariana e Lavínia.

Ana e Sarah só voltariam a trabalhar no fim de fevereiro, mas Mariana, professora de escola pública, retornaria já no início do mês. Querendo aproveitar a última semana das férias para relaxar, ela combinara com a namorada de viajarem para uma casa de praia alugada e convidaram Sarah, sentindo-se mal por deixar a amiga totalmente sozinha. Sarah ficou um pouco sem jeito, imaginando se não se sentiria desconfortável em “ficar de vela” para o casal, mas acabou aceitando. Também queria aproveitar suas férias, afinal.

Na manhã da última segunda-feira do mês, elas saíram, Lavínia dirigindo seu carro. Mariana não dirigia, nunca gostara, e nem mesmo tinha carro. Lavínia, por sua vez, comprara seu primeiro carro seminovo assim que começou a trabalhar como professora de matemática na mesma escola em que Mariana lecionava, que foi onde as duas se conheceram. Ela não trocara de carro desde então, apegada ao seu primeiro automóvel, que ainda funcionava bastante bem para os seus sete anos de uso – quatro aos cuidados de Lavínia.

Mariana e Lavínia trabalharam na mesma escola por alguns meses, enquanto Mariana cobria a licença de uma outra professora. Quando ela precisou voltar à sua escola de origem, decidiram morar juntas, e assim estavam desde então. Sarah não conhecia casal mais feliz. Nem mesmo Ana e Victor – casados há mais de dez anos - exalavam tanto amor e carinho quanto Mariana e Lavínia. Sarah as admirava, e sabia que foram feitas uma para a outra.

No caminho para a praia, Mariana colocou músicas antigas, que Lavínia cantava com empolgação, chamando Sarah para acompanhá-la. Foi um trajeto divertido, cheio de risadas e piadas. Chegaram à casa alugada no início da tarde. Como estavam morrendo de fome e ainda teriam que preparar o almoço, resolveram sair e procurar algum restaurante próximo. Encontraram um duas ruas adiante, e logo as três se deliciavam com uma moqueca de peixe que era a especialidade do local. O local estava cheio, muitas famílias aproveitando o final das férias, assim como elas. Depois de almoçarem, Sarah chamou o garçom para pedir que levasse a máquina de pagamento até elas.

O homem, que atendia uma família algumas mesas depois da que elas se encontravam, fez um sinal de positivo, indicando que logo iria atendê-las. Elas aguardavam, quando começaram a ouvir vozes exaltadas vindas da tal mesa em que o garçom estava.

- Você é um idiota mesmo! – o cliente gritava - Nem falar direito você sabe!  
- Desculpa, senhor, eu vou resolver isso, é só me dar o prato pra mim levar pra cozinha...  
- Pra mim levar? Você é índio, agora, seu imbecil? – o homem riu e olhou para a esposa e para o filho, que riram também. – Leva logo essa porcaria daqui e traz o meu pedido direito.

O rapaz pegou o prato e saiu envergonhado em direção à cozinha. Quando voltou, passou pelo caixa e pegou a máquina de pagamentos, indo direto para a mesa de Sarah.

- Desculpa demorar. – ele colocou a máquina sobre a mesa – Querem um cafezinho? É cortesia da casa.

- Você não pode deixar que aquele cara fale daquele jeito com você. - Sarah ignorou a pergunta, mais preocupada com o que ouvira antes. Lavínia e Mariana concordaram. O rapaz deu de ombros.

- Eu nem ligo, moça. Tô acostumado, é normal isso, eu sei que falo errado, isso que dá faltar na escola... - ele riu.

- Não, não é assim que funciona. - disse Sarah, séria - Você não fala errado, você fala diferente dele, da gente, mas e daí? Não tem nada de ruim nisso.

O rapaz sorriu.

- Brigado por querer me animar, moça, mas tá tudo bem. E o cafezinho, vão querer?

Sarah suspirou, e Lavínia recusou o café, pegando seu cartão e encostando na máquina.

- Depois você me paga, Sarah. - disse, logo depois que a máquina apitou avisando que o pagamento fora realizado com sucesso. As três agradeceram e o garçom saiu. Quando já se encontravam do lado de fora do restaurante, Sarah continuava séria, e Mariana perguntou se ela estava bem.

- Claro que não, né, Mari. Vocês ouviram aquele babaca, como ele tratou o garoto. Isso me tira do sério!

- Sarah, fica calma. - a amiga a consolava - Ele é só mais um preconceituoso ridículo, não vale a pena você se estressar com isso. Vamos logo pra casa, a gente precisa descansar da viagem.

Elas entraram no carro e Lavínia já estava dando a partida quando ouviram mais uma vez a voz do homem que gritara com o garçom, dessa vez do lado de fora do restaurante.

- É isso que dá ficarem contratando essa gentinha! - ele falava com a mulher, a voz alta para quem quisesse ouvir - Trouxe o prato errado e depois vem dizer que o que eu quero não tem mais. Por isso que eu falo, a pessoa não sabe nem falar, vai saber fazer alguma outra coisa? É um animal! Um jumento!

A mulher concordava, embora um pouco constrangida, e a criança se divertia com a situação.

- Ele é burro, papai! - disse o menino, imitando orelhas de burro com as mãos - Burro!

Sarah saiu do veículo e foi em direção ao homem. Mariana, vendo que a situação podia se complicar, disse a Lavínia que ficasse no carro e foi atrás da amiga. O homem ria da graça do filho distraidamente e não percebeu quando elas se aproximaram dele.

- Com licença. - disse Sarah - Você sabe que isso que você tá fazendo é um crime?

O homem a olhou desconfiado, mas sem se abalar.

- Tá falando do quê?

- Do seu preconceito linguístico.

Ele riu.

- Isso nem existe! Você é maluca ou o quê?

Sarah não se intimidou.

- Sou professora, sei o que estou dizendo e posso garantir que não só existe, como é um tipo de discriminação e pode ser punido por lei! Basta uma denúncia e algumas testemunhas - ela apontou para dentro do restaurante. - e você pode ir preso.

O homem a encarou com raiva, e Mariana teve medo de que ele pudesse tentar agredir a amiga.

- Sarah, deixa isso pra lá, vamos embora. - disse, se colocando ao lado da amiga e pegando em seu braço.

- Acho melhor você ouvir sua amiguinha aí e não se meter no que não é da sua conta, professorinha ridícula. – disse o homem.

A esposa do homem, que até então assistia tudo em silêncio segurando o filho pela mão, se manifestou.

- Rubens, pelo amor de Deus, não ofende a moça.

- Desde quando falar a verdade é ofender? – falou, apontando para Sarah – Esses professores são tudo assim, intrometidos, ficam querendo se achar os melhores em tudo só porque estudaram. Por isso que o nosso país tá como tá, por causa de gente assim!

Sarah parecia que ia explodir de raiva, e Mariana tomou a frente.

- Tá bom, cara, você já falou tudo que queria, agora acabou. A gente vai embora e você também, ok?

O homem riu.

- Agora vem a mucama pra defender a sinhá.

Mariana engoliu em seco, controlando-se, mas Sarah passou a sua frente e empurrou o homem para trás.

- Seu babaca! – gritou ela. – Você pensa que é quem pra falar assim? Em que época acha que tá vivendo? Você que é ridículo, um preconceituoso nojento!

Todos os presentes ficaram em choque. A esposa do homem correu até ele ainda segurando o filho.

- Rubens, por favor, tá todo mundo olhando... – ela tentou colocar a mão em seu ombro, mas ele a tirou com um safanão e olhou para os lados. As pessoas no restaurante acompanhavam toda a situação pelas janelas. Ele respirou fundo e apontou o dedo para o rosto de Sarah.

- Eu só não enfio a mão na sua cara agora, sua vagabunda, porque com certeza eu ia acabar me ferrando. Mas você merecia uma surra pra aprender a calar essa boca!

Rubens olhou em volta mais uma vez e fez sinal para a mulher para que fossem embora. Quando estavam caminhando na direção contrária de Sarah, porém, voltou e a encarou, um sorriso sarcástico nos lábios.

- Vocês acham que são grande coisa, né? – falou – Essa porcaria de governo destruiu os valores desse país, mas alguém vai ter que acabar com isso, nem que seja na base da porrada. E aí, vocês vão ter que voltar pros buracos que nunca deviam ter saído.

- Chega, Rubens, vamos. – a esposa o puxou.

- Covarde! Babaca! – Sarah chegou a gritar, mas o homem seguiu seu caminho com a esposa e o filho, deixando-a ofegante de tanto ódio.

## 16

- Que lixo de ser humano! Como ainda existe gente assim?!

Lavinia e Mariana estavam sentadas no sofá, observando a raiva de Sarah, que andava de um lado para o outro na sala da casa. Mariana sentia-se da mesma forma, embora não tão surpresa com a situação quanto a amiga. Sabia que nos últimos anos as coisas pareciam ter se acalmado, mas ainda se deparava com casos de preconceito quase que diariamente, em especial de preconceito linguístico. Sabia que discussões daquele tipo não adiantavam nada e teria ficado na sua, mas quando viu Sarah encarar o homem, não pode deixar de se unir à amiga.

- Sarah, por favor, fica calma. – era Lavínia que falava e Mariana notou que sua voz e suas mãos tremiam – Já passou, não vale a pena...

- Claro que vale a pena, Lavínia! – Sarah gritou, irritada – Não é possível que depois de tantos anos de luta a gente ainda tenha que aguentar isso! Estamos em 2064! Uma pessoa não pode agir daquele jeito na frente de todo mundo e ficar por isso mesmo!

- Sarah, para de gritar! – disse Mariana, séria. – A gente já entendeu que você tá revoltada, que a situação te irritou, mas eu sinto muito te informar que você tá fora da realidade. – ela olhou para a namorada, que agora abaixara a cabeça e apertava as mãos uma na outra em claro sinal de nervosismo. – Esse tipo de coisa ainda existe, o tempo inteiro, em todo lugar. Sim, estamos em 2064, mas a mentalidade das pessoas demora mais do que algumas décadas pra evoluir.

- Mas Mari, – Sarah agora abaixara a voz – não é por isso que a gente vai ficar calada e não fazer nada...

- E você acha mesmo que é isso que eu faço, Sarah? Eu luto contra essas coisas a vida inteira! A questão é que elas não vão sumir de uma hora pra outra. Eu convivo com o racismo desde que nasci e com a homofobia, desde que me assumi lésbica na adolescência. – Mariana colocou uma das mãos sobre as da namorada enquanto falava – Muitas pessoas continuam sofrendo também com o preconceito linguístico, vivendo um dia após o outro, seguindo a vida. Eu entendo sua raiva, mas parece que você criou essa versão de mundo em que acha que as pessoas estão magicamente voltando a ser o que eram, mas olha só que novidade: as pessoas nunca mudaram. Elas só se esconderam.

Sarah ouvia a amiga sem saber como reagir. Não esperava que Mariana não fizesse coro ao seu sentimento de revolta, e muito menos que a rebatesse daquela forma.

- Eu não sou uma alienada, Mari, não precisa falar assim comigo.

- Desculpa, Sarah, mas eu preciso, sim. – Mariana abaixara um pouco o tom, mas não parecia disposta a medir palavras – Preciso porque você tem que entender o que as pessoas vivem, o que a gente vive – e apontou para a namorada, que assistia a discussão ainda sentada no sofá, o rosto em choque – E precisa entender que é por isso que eu vivo sempre preocupada, por isso eu me envolvo tanto com política, por isso eu luto. Porque eu conheço a realidade do nosso país. Você vive dentro da universidade e faz um ótimo trabalho lá, mas não sabe o que acontece nas ruas, no dia a dia. A nossa democracia não tem nem oitenta anos, você tem noção do quanto isso é nada, em termos históricos? Você acha mesmo que os grupos que propagavam preconceitos por aí naquela época sumiram ou mudaram da água pro vinho, assim, de repente? Eles ainda estão aqui, e o pior, passaram tudo isso de geração em geração, igual aquele babaca do restaurante tava ensinando pro filho. Isso é o nosso país, Sarah, por mais que você não queira acreditar.

Sarah não sabia o que dizer. Sentia-se envergonhada por ser tão alheia a tudo isso que a amiga dizia. Claro, sempre se considerara uma pessoa disposta a lutar contra todo tipo de preconceito, mas nutria em si a falsa esperança de que muito em breve essa luta não seria tão necessária. Em sua mente, parecia que já era consenso que determinados assuntos não precisavam mais de discussão. Seu engajamento contra o preconceito linguístico partia do pressuposto de que em breve ele faria parte do passado, assim como outros preconceitos que já não precisavam ser desconstruídos.

Mariana, ao não receber nenhuma resposta da amiga, se calou. Olhou para Lavínia, e percebeu que os olhos da namorada a condenavam. Ela sabia o motivo e sabia que a namorada

estava certa. Sarah não era o inimigo e não deveria tratá-la assim. Respirou fundo e chegou perto da amiga, abraçando-a com carinho.

- Me perdoa – falou, quando sentiu que Sarah retribuiu seu abraço – Eu me exaltei, você não fez nada de errado, você só queria ajudar o rapaz. Me perdoa.

- Não, você tá certa. – disse Sarah – Eu sou uma idiota.

- Não é não. – Mariana encerrou o abraço, olhando para Sarah – Você é maravilhosa. E já fez muito por muita gente. Sua luta é muito válida, Sarah.

- Mas não é suficiente. – Sarah sacudia a cabeça em negação – Nunca vai ser. Porque eu não vivo o que as pessoas vivem. Eu sempre tive todos os privilégios possíveis, nunca vou saber o que é sofrer uma opressão de verdade.

Mariana olhou para a amiga, sorrindo.

- Por isso que você é tão incrível. Você não precisou viver nada disso pra se engajar numa luta por igualdade. O nome disso é empatia, Sarah, e você tem de sobra, além da inteligência, claro. Você ainda vai mudar muita coisa nesse país e talvez até no mundo, vai ver só.

Sarah sorriu um pouco, ainda desanimada. Lavínia se levantou e foi até as duas, abraçando-as.

- Chega de discussões, tá? – disse a namorada de Mariana, com os olhos marejados, ao que as outras concordaram.

As três continuaram abraçadas por algum tempo, e Sarah não pôde deixar de notar que a respiração de Lavínia, no início ofegante, acalmava pouco a pouco.

## 17

A semana correu sem mais transtornos, uma vez que Sarah e Mariana deixaram de lado toda a discussão do primeiro dia. No dia de retorno da viagem, após o almoço, elas se preparavam para voltar, terminando de arrumar a casa para entregá-la ao proprietário. Cada uma ficara responsável por um cômodo e logo tudo estava organizado e limpo. O proprietário, um senhor que morava a algumas quadras dali, chegou no horário combinado, e antes das quatro da tarde, as três já se encontravam no carro, dessa vez com Sarah no volante. Mariana ia no banco do carona, enquanto Lavínia, aproveitando que não precisava dirigir, esparramou-se no banco traseiro, cochilando.

Sarah e Mariana iam conversando amenidades sobre o trabalho de Mariana, ao qual ela retornaria no dia seguinte.

- Você e Ana é que têm sorte. Só voltam no fim de fevereiro.

- É, mas a gente sempre acaba trabalhando durante as férias. Tirei essa semana longe de tudo, mas assim que chegar já vou ter que mandar e-mails pros meus orientandos, cobrando tarefas...

- Cruzes, Sarah – Mariana falou, rindo – Dá um tempo pros coitados, pra eles curtirem.

- Se eu pudesse, Mari, te juro que faria isso. – respondeu Sarah, também rindo – Mas ninguém me dá um tempo na hora de avaliar minha produção e os resultados das orientações. É só cobrança!

- Ok, justo. – respondeu Mariana, olhando para trás logo depois. – E Lavínia apagou de novo.



- De novo? – Sarah riu, e olhou pelo retrovisor – A gente acabou de voltar de uma semana de preguiça na praia, que cansaço todo é esse dela?

Mariana deu uma risada e Sarah olhou pra ela rapidamente.

- O quê?

- Acho que a culpa é minha. – falou – Ontem à noite, a gente se cansou bastante, sabe...

- Não, não! – Sarah falou, levantando a mão direita e posicionando ao lado do seu rosto, como que para delimitar um espaço entre ela e Mariana – Eu definitivamente não quero ouvir isso.

Mariana gargalhou, olhando para trás para ver se acordara a namorada. Lavínia continuava cochilando.

- Tô brincando. – disse Mariana – Ela dormiu mal, só isso. Sempre fica assim antes da volta às aulas, é a ansiedade.

Sarah concordou com a cabeça, de repente preocupada com a namorada da amiga.

- Ela faz tratamento, né? Eu sempre esqueço.

- É, faz. – Mariana respondeu, tranquila – Melhorou muito, aliás. Ao menos agora só fica ansiosa com situações em que qualquer um ficaria. Com a terapia e os medicamentos, ela consegue até se controlar.

Sarah ouvia, atenta.

- Deve ser difícil conviver com isso. – falou.

- Tá falando de mim ou dela? – Mariana riu, e olhou mais uma vez para trás, verificando que a namorada ainda dormia – Eu não ligo não, sinceramente. Já me acostumei e até participei de umas sessões de terapia com ela, pra aprender como agir, como ajudar. Ela sofria muito com tudo isso. Mas tem sido mais fácil.

Mariana ligou o rádio em um volume baixo, e Sarah entendeu que isso significava que a amiga queria encerrar o assunto. Mas ela ainda precisava dizer algo.

- Me desculpa por aquele dia. – falou, olhando diretamente para a estrada à sua frente. – Aquela discussão toda... agora eu entendo porque ela tava tão nervosa.

Mariana não disse nada, mas Sarah pôde perceber que ela concordou com a cabeça. Elas seguiram em silêncio, a música baixa tocando, por algum tempo.

- Eu já te contei sobre a vinda da Lavínia pra cá? – Mariana disse, de repente.

- Não. – respondeu Sarah.

Mariana olhou para trás mais uma vez. Lavínia continuava dormindo.

- Você sabe que ela é de Maceió, né? – Sarah concordou com a cabeça, os olhos ainda na estrada – Veio pro Rio com dez anos. A mãe e o pai morreram, e ela veio viver com uma tia. Quando chegou aqui, ainda tava muito abalada por ter perdido os dois. Pra piorar, começou a sofrer *bullying* na escola. Os colegas implicavam com o sotaque dela, com as expressões regionais que ela usava, chamavam ela de “cabeça chata”. Ela odiava. Se sentia deslocada, sozinha e triste. A tia não ajudou em nada, falava que ela precisava se adaptar, aprender a falar direito, e só assim os colegas iam parar de implicar com ela. Com isso e com a questão da sexualidade que ela ia descobrindo, começou a desenvolver ansiedade e depressão.

Mariana fez uma pausa, olhando mais uma vez para trás.

- Ela não gosta de falar sobre isso. Sente vergonha, eu acho. Mas sofreu muito. Aos poucos foi se esforçando pra perder o sotaque, aprendendo expressões daqui e deixando de lado as de lá. Ela sofreu e sofre até hoje com essa mudança que precisou fazer. Uma vez me disse que, conforme mudava sua fala, sentia como se perdesse de vez os pais, a sua identidade, sua história.

Ela já era adulta e fazia terapia quando se sentiu mais segura pra assumir suas origens e a orientação sexual também.

O silêncio voltou, e só a música baixa do rádio podia ser ouvida.

- Eu não sabia que ela tinha passado por tudo isso. – disse Sarah – Eu sinto muito.

- Eu sei que sente. – disse Mariana, com um sorriso fraco nos lábios – E sobre toda aquela nossa discussão... Você tava certa em brigar, em insistir. Só que eu às vezes prefiro deixar de lado esse tipo de conflito direto. Por ela, entende? Ela já sofreu muito, e eu sabia que aquela situação podia trazer lembranças ruins. Mas eu sei que você tava certa.

- Você também tava. – disse Sarah – Foi bom ter me dito tudo aquilo. Me fez refletir. Mas cada vez mais eu vejo que a gente precisa insistir na luta e na educação das pessoas. Não dá pra deixar que elas continuem assim, preconceituosas.

- A gente tá fazendo nossa parte. Sei que eu costumo ser muito racional e isso acaba me fazendo ser também um pouco pessimista, mas... a sociedade já melhorou bastante, né?

Sarah sorriu.

- Felizmente sim.

Mariana sorriu também, e Sarah aproveitou o momento para pegar na mão da amiga.

- Se depender de mim, ninguém mais vai sofrer o que a Lavínia, você e aquele garçom sofreram.

- Eu sei, amiga. Eu sei. – respondeu Mariana, apertando um pouco a mão de Sarah. As duas mudaram de assunto, voltando às amenidades. Pouco mais de meia hora depois, Lavínia despertou e perguntou se elas não gostariam de fazer um lanche em alguma lanchonete na beira da estrada. Ambas concordaram.

Sarah estacionou diante de uma lanchonete pequena, mas que pareceu bastante agradável. Eram quase cinco da tarde, e o sol de verão ainda estava no céu. Elas se sentaram em uma pequena mesa de quatro lugares mais ao canto do salão, onde havia um ventilador que refrescava um pouco o local. Pediram pães de queijo e sucos. Lavínia, sentada de frente para uma televisão que se encontrava na parede da lanchonete, chamou a atenção das outras duas.

- Olha lá. – falou, apontando para o aparelho – Djamila sendo Djamila.

Sarah e Mariana olharam para trás. A notícia divulgada pelo apresentador dizia que a presidenta do país, Djamila Oliveira, tinha acabado de anunciar que conseguira aprovar mudanças no orçamento anual do país. A principal delas era que escolas, universidades e hospitais teriam prioridade em receber verbas, que somente seriam destinadas a outros setores após garantir que os primeiros tivessem sido contemplados. As imagens mostravam Djamila concedendo uma entrevista a um grupo de jornalistas diante do palácio do planalto. Ao seu lado, a vice-presidenta, Joana Silva, parecia bastante orgulhosa. Quando o apresentador parou de falar, a voz de Djamila pôde ser ouvida.

- Com essas mudanças, finalmente vamos valorizar aquilo que sempre deveria ter sido a prioridade do país: educação e saúde. Esperamos conseguir garantir a todos o acesso ao conhecimento e a uma vida saudável, duas necessidades básicas pra que uma sociedade cresça e evolua.

As imagens voltaram para o estúdio, onde o apresentador finalizou a notícia contando que Djamila dissera, extraoficialmente e bastante empolgada, que comemoraria essa nova conquista com a família, na casa da mãe. Imagens de um programa sobre culinária indicaram que alguém trocara o canal de *streaming* na televisão.

- Ninguém pode negar que ela realmente se engajou na mudança do país. – disse Mariana, virando-se para frente na cadeira e pegando um pão de queijo da porção que uma garçonete trouxera.

- Só agora você reparou isso? – Lavínia perguntou, rindo – Não foi exatamente por esse motivo que você fez campanha pra ela?

- É, mas eu sempre fico com o pé atrás, né? Não confio cegamente em ninguém. Gosto de observar as ações, ficar em cima depois que eles são eleitos. E até que Djamila tá se saindo bem.

- Acho que ela vai conseguir fazer muita coisa boa ainda nesse mandato. – disse Sarah, também se servindo. – Parece que agora ela se sente mais livre, né? No primeiro ela ainda tava se acostumando com tudo, mas agora pareceu que tá partindo mesmo pra briga.

Lavínia e Mariana concordaram. O assunto acabou indo por outro caminho, agora focando nas melhorias que a verba prometida pela presidenta poderia trazer para as universidades e escolas públicas. Quando terminaram de comer e beber os sucos, as três pagaram o lanche e aproveitaram para uma última ida ao banheiro antes de voltarem a pegar a estrada. Lavínia se ofereceu para dirigir, mas Sarah recusou, alegando que todo o percurso da volta seria por conta dela. Mariana novamente sentou-se ao seu lado no carona, mesmo sob os protestos da amiga.

- Você não é motorista particular, não faz nem sentido vir sozinha aqui na frente. Além do mais – falou, virando-se para a namorada no banco de trás – Essa aí, se bobear, vai dormir de novo a viagem toda.

Lavínia deu um tapa de leve no braço da namorada, que ria, acompanhada de Sarah. O restante da viagem correu bem, com as três conversando e ouvindo músicas – Lavínia não dormira novamente. Chegaram à casa de Sarah por volta das 18h. As três trocaram beijos e abraços e Lavínia assumiu o volante para seguirem para a casa de Mariana. Sarah subiu para seu apartamento se sentindo renovada. A semana longe da rotina tinha recarregado suas energias, e ela se sentia empolgada para um recomeço. Tomou um banho, mas não queria dormir. Pediu uma pizza e ligou a televisão. Chegou a ver no celular que havia alguns *e-mails* novos em sua caixa de entrada, mas se permitiu deixar para cuidar disso só no dia seguinte.

Acessou através do aparelho a plataforma de *streaming* desejada, selecionou o filme mais bobo de comédia romântica que encontrou e o transmitiu para a televisão. Comeu três pedaços de pizza e logo sentia-se sonolenta, mas não quis ir para a cama. Cochilou um pouco, mas cada vez que despertava, se esforçava para se manter acordada, lutando contra o sono. Faltando apenas alguns minutos para terminar, o filme parou de repente. Sarah estranhou e pegou o celular, tentando iniciar novamente a reprodução. Nada.

- Só me falta a *internet* agora ter ficado ruim... – falou para si mesma, já se levantando para verificar o roteador que ficava em seu escritório. Quando chegava à porta do cômodo, porém, ouviu um som vindo da televisão. Ela conhecia esse som, uma espécie de sirene musicada. Era um anúncio que raramente podia ser ouvido, apenas quando notícias muito importantes eram veiculadas, sendo necessário inclusive a pausa de todos os serviços de plataforma para que apenas o canal das notícias fosse acessível.

Sarah voltou para a frente da televisão, encarando o aparelho com curiosidade. O que poderia ter acontecido de tão urgente? Sentou-se no sofá, aguardando o início da transmissão. Um jornalista estava parado diante do palácio do planalto, microfone em uma mão, um celular na outra, o rosto em pura tensão.

- Boa noite. – falou, e sua voz falhou um pouco – Trazemos agora uma notícia de última hora. Às 20 horas e trinta minutos de hoje, a presidenta Djamilia Oliveira sofreu uma tentativa de assalto quando voltava da casa de sua mãe, no bairro da Asa Norte. A presidenta estava em seu carro acompanhada somente de seu motorista e de um segurança. Segundo a polícia, existe a possibilidade de que o segurança tenha reagido ao assalto, pois o carro foi atingido com mais de vinte disparos. O motorista e o segurança sofreram alguns ferimentos, mas ambos se encontram fora de perigo. – o homem olhou para o celular, sua mão tremendo – Djamilia foi atingida por vários disparos e seu estado é o mais grave. Ela segue em observação.

O repórter parou de falar e abaixou o microfone, dando a entender que a transmissão seria encerrada. Antes que isso acontecesse, porém, o homem levou a mão com o celular à orelha, e falou, olhando para a câmera:

- Espera, espera.

Enquanto o repórter ouvia o que era falado através do aparelho, o câmera continuou filmando. A expressão do jornalista era séria, e logo se transformou em choque, que ele rapidamente disfarçou, pigarreando e voltando à sua posição original, o microfone novamente próximo a boca.

- Acabo de receber uma atualização urgente sobre o caso. – falou, encarando tão fixamente a câmera que parecia querer olhar nos olhos de cada telespectador que acompanhava a transmissão – Djamilia Oliveira infelizmente veio a óbito.

## 18

O repórter ainda comentou alguns outros detalhes sobre o caso, mas Sarah já não prestava atenção. Ela ficou completamente em choque com as notícias que acabara de ouvir, e nem mesmo quando a programação da plataforma voltou ao normal, continuando o filme de onde tinha parado, ela esboçou qualquer reação. Apenas encarava a televisão, atônita.

Não acreditava no que acontecera e chegou a entrar no Brasil Notícias para ter certeza de que não ouvira errado. A manchete, porém, não deixava qualquer dúvida: **DJAMILIA OLIVEIRA MORRE EM TENTATIVA DE ASSALTO**. Sarah leu e releu o texto, tentando buscar em sua mente alguma lógica no que fora noticiado e repassando a sequência absurda de fatos: Djamilia Oliveira sofrera uma tentativa de assalto. Estava acompanhada do motorista e do segurança. Voltava da casa da mãe. Os dois sobreviveram. Djamilia estava morta.

Depois do choque inicial, agora o que surgia era aquele incômodo que só sente quem vê além do que a maioria das pessoas. Nada naquela história fazia sentido, e Sarah sabia disso. Sabia que havia algo mais.

Após um tempo cheio de pensamentos desconexos que ela não saberia dizer quanto durou, pegou o celular sobre o sofá e ligou para Mariana. A amiga atendeu rapidamente e Sarah pôde ver no seu olhar através da chamada de vídeo: ela já sabia.

- Você também viu? – perguntou à amiga, que concordou com a cabeça.

- Ainda não consigo acreditar. – disse Mariana, muito séria.

- Eu também não. – completou Sarah.

Elas ficaram em silêncio, apenas se encarando mutuamente pela tela dos celulares.

- O que vai acontecer agora? – Sarah retomou o assunto.

Mariana pensou um pouco antes de responder.

- Joana assume. – falou. – Eu acho.

- Eu espero que sim. – disse Sarah.

Ambas sabiam que havia muito mais do que suas palavras expressavam, mas não tinham coragem de colocar tudo às claras. Dizer o que elas realmente temiam que acontecesse poderia tornar as coisas mais reais, então era melhor silenciar.

- Você também achou isso tudo muito estranho? – Sarah novamente era a que quebrava o silêncio – Toda essa tentativa de assalto, os dois homens saírem bem e ela...

- Sim. – concordou Mariana – É estranho demais.

O silêncio reinou de novo.

- Eu tô com medo, Sarah. – Agora foi Mariana quem o interrompeu – Com muito medo.

Sarah queria dizer que também estava. Que não sabia bem o que estava acontecendo, que tinha certeza de que algo estava mudando para pior. Acabou, porém, achando melhor acalmar a amiga. Não ia ajudar em nada colocar mais lenha na fogueira, incentivar o pessimismo. Além do mais, precisava convencer a si mesma de que as possibilidades que sua cabeça criava não podiam ser reais.

- Vai dar tudo certo, Mari. – ela falou, não acreditando nas próprias palavras – Talvez a gente esteja exagerando. – e sem saber mais o que dizer para confirmar sua teoria, repetiu – Vai dar tudo certo.

Mariana não respondeu. Apenas concordou com a cabeça. Sarah disse que precisava desligar, que estava cansada, ia tentar dormir. Disse à amiga para ficar bem e esperar o dia seguinte. Mariana concordou novamente e elas desligaram.

Sarah não conseguiu dormir naquela noite. Pensava na morte de Djamila, no que isso significaria para o país. Questionava a si mesma: estaria criando uma tempestade em copo d'água? Ora, apesar de ter melhorado um pouco, o país ainda era relativamente violento. Talvez tudo não tenha passado de um incidente bastante infeliz, de um acaso. Não podia ter nenhuma relação com os grupos contrários ao governo da presidenta, não é? Não... não era possível.

Depois de rolar na cama por horas, Sarah decidiu levantar e distrair a mente. Foi até a cozinha e preparou um pouco de chá de camomila, para acalmar os ânimos. Voltou à sala e sentou-se em frente à televisão desligada, lembrando o momento em que viu a notícia sobre a morte da primeira presidenta mulher e negra de seu país.

Quase que involuntariamente, uma lembrança veio à sua mente. Uma lembrança recente, do dia em que ela discutira com aquele homem estúpido no meio da rua. Ela não dera tanta atenção às palavras dele no momento, mas agora uma frase específica voltava para assombrá-la. Ouviu-o dizer aquilo de forma tão nítida que parecia que ele estava ao seu lado: “Essa porcaria de governo destruiu os valores desse país, mas alguém vai ter que acabar com isso, nem que seja na base da porrada. E aí, vocês vão ter que voltar pros buracos que nunca deviam ter saído.”

Após tomar um gole de chá e respirar fundo, não aguentou mais se controlar e chorou, um choro temeroso e sofrido.

## 19

Sarah passou a acompanhar todas as notícias desde que soubera da morte de Djamila. Passava os dias conectada ao celular, a televisão ligada, ansiosa por saber se havia alguma nova descoberta sobre o caso. Assistiu diversas reportagens, leu diversos artigos e notícias, todos trazendo praticamente as mesmas informações: tentativa de assalto, reação do segurança, uma

fatalidade. Ela buscava algo diferente, ao menos alguém que expressasse as mesmas preocupações que ela e Mariana, mas toda a mídia parecia ter entrado em acordo para repetir um discurso, e isso só fazia a coisa toda parecer ainda mais obscura.

Os dias passavam e Sarah estranhava que tudo estivesse tão calmo no meio político. Joana Silva, a vice-presidenta, assumira o cargo sem maiores obstáculos. A oposição parecia ter sentido que o momento pedia uma trégua, e os jornalistas não noticiavam mais as costumeiras brigas épicas entre os partidos. Joana afirmou que daria continuidade aos projetos de Djamila, e participou de diversas homenagens a ela, realizadas por eleitores, amigos, parentes. A maior parte das notícias, aliás, era tomada por isso: imagens e imagens de lindas homenagens à presidenta que morreu tão cedo, prestes a completar quarenta anos.

Fevereiro acabou passando rápido. Mariana e Lavínia já tinham voltado ao trabalho e Ana esticava sua viagem em mais alguns dias, então Sarah passou a maior parte do mês em casa, sozinha, acessando o aplicativo de notícias, cumprindo tarefas acadêmicas e aproveitando para arrumar o apartamento. Encontrou algumas coisas de Raphael, que guardou em uma sacola dentro do armário, programando-se para, quem sabe em algum momento, devolver tudo a ele.

O final do mês estava cada vez mais próximo, e Sarah já começava a se preparar para retornar à rotina no trabalho. Continuará dando aulas para turmas de veteranos, a pedido especial de Elson. Sabia que Juliana reclamara por ter de pegar os calouros no semestre anterior e agora seria Daniel, que também era amigo pessoal de Elson, que assumiria esse problema. Sarah ainda se incomodava com essa situação, mas não podia deixar de aceitar.

- Só enquanto a poeira não abaixa – dissera Elson, quando Sarah questionou sua decisão.

Ela não disse nada, mas sua vontade foi perguntar: Que poeira é essa, afinal, que nunca abaixa? Sabia que essa pergunta era muito mais complexa do que poderia parecer a um observador desatento, e decidiu que seria uma perda de tempo levá-la diretamente a Elson, que certamente não saberia como responder.

\*\*\*

Ana voltou de sua viagem alguns dias antes do retorno ao trabalho e aproveitou para ir até a casa da amiga. Sarah a recebeu com um abraço carinhoso que demonstrava o quanto sentira sua falta naquele período.

- Eu pensei em voltar antes, mas a viagem tava tão incrível. – justificou Ana, sorridente - Acho que foi a melhor que eu já fiz. Senti muita falta de todo mundo, mas acho que se pudesse, teria ficado mais tempo! – Mas me fala, como você tá?

- No momento, com inveja de você. – disse Sarah, rindo, enquanto servia dois copos com água sobre a mesa – Eu daria tudo pra sair viajando por aí desse jeito.

Ana riu com o comentário, e bebeu um gole da água antes de responder.

- Sinceramente, eu não sei por que você não faz isso. Dinheiro não te falta, apostou.

Sarah riu.

- Não é por isso. – falou – Na verdade, acho que eu sempre acabo adiando e adiando e nunca faço o que eu quero. Até pensei em conhecer algum lugar novo esse ano, mas com toda a situação com Raphael, acabei preferindo ficar em casa e cuidar de mim.

Ana se sentiu mal por, mesmo sem querer, ter trazido à amiga a lembrança do recente término do namoro.

- Bom, mas você ainda vai ter muito tempo pra fazer isso. Já pode começar a planejar alguma coisa pras próximas férias.

Sarah deu de ombros.

- É, vou pensar.

Ana olhou bem para a amiga. Conseguia perceber que algo não estava bem. Sarah estava estranha, o olhar perdido em pensamentos.

- O que foi, hein? – perguntou, e a amiga fez uma cara de desentendida. – Eu te conheço, Sarah. Você tá esquisita. Aconteceu alguma coisa com você?

Sarah não sabia como responder a isso. Sim, muita coisa estava acontecendo, mas ela não sabia explicar bem o quê, nem por que se sentia tão mal. Ela mesma não entendia.

- Não, não aconteceu nada comigo, não diretamente. – falou, dando um sorriso fraco – Só ando meio preocupada com o rumo das coisas.

- Que coisas? – perguntou Ana, colocando o copo já vazio de água sobre a mesa.

- As questões da política do país, essa história do Elson não querer mais que eu pegue turmas de calouros, aquilo que a menina me contou no *réveillon*, o que o cara do restaurante disse...

Ana a olhou sem entender.

- O que essas pessoas falaram pra você?

Só então Sarah se deu conta de que Ana não sabia de nada sobre a conversa que tivera com a estudante de TI em Goiás, e menos ainda sobre a briga com o babaca do restaurante. Tratou de atualizar a amiga sobre as histórias, contando em detalhes tudo que Camila lhe dissera – especialmente a parte sobre seus amigos a chamarem de comunista – e toda a situação em que ela e Mariana se envolveram no primeiro dia de viagem, incluindo a frase que o tal Rubens dissera e que ultimamente vivia se repetindo em sua mente.

Depois que terminou seu falatório, Ana a olhou de modo carinhoso.

- Sarita, você sabe que tá exagerando nessa preocupação toda, né?

- Sei, Ana? – ela suspirou – Não, eu não sei de nada. Eu queria ter essa sua certeza, mas eu só consigo me preocupar, fico com essa sensação de que tem algo errado, de que alguma coisa vai acontecer a qualquer momento. De que em breve tudo ao meu redor, o país inteiro, tudo vai colapsar.

Ana riu, sacudindo a mão como se assim pudesse espantar essas ideias.

- Você tem noção do que tá falando? O Brasil, colapsar? A gente vem evoluindo cada vez cada vez mais, Sarita, isso é visível. Colapso foi o que aconteceu na época da pandemia, quarenta anos atrás, mas olha como tudo melhorou nos últimos tempos? A tendência é o país crescer, e não entrar em colapso!

- Mas Ana, talvez essa ideia é que seja o problema! Tá todo mundo muito tranquilo, confiando em uma evolução que as pessoas não têm de verdade, tendo como certo que tudo vai ficar bem. A Mari concorda comigo, ela...

- Sério que você vai entrar na onda da Mari agora? – Ana revirou os olhos – Sarah, você sabe como ela é. Fica sempre buscando uma teoria da conspiração, sempre vendo chifre em cabeça de cavalo! Pra ela nunca tá bom, você sabe disso.

- Mas ela sabe o que diz, Ana. Ela entende.

- Pode ser que sim. Mas o que adianta viver desse jeito? Olha como você tá, triste, angustiada... Olha lá fora, tá tudo caminhando, as pessoas vivendo, o país longe de entrar em

colapso. A Mari sempre foi trombeteira do apocalipse, se depender dela a gente não fica feliz nunca.

Sarah pensou um pouco, e acabou concordando com a cabeça. Ana tinha sua razão. Mariana era o tipo da pessoa sempre insatisfeita, sempre questionando tudo, sempre achando que algo de muito ruim poderia acontecer. Havia suas qualidades nisso, é claro, mas frequentemente ela se via tão envolvida nessas questões que deixava de viver o presente pra se desesperar por um futuro que poderia nem chegar. Vivia tão preocupada com a ansiedade da namorada que nem mesmo percebia que ela mesma sofria do mesmo mal quando o assunto era política.

- Acho que essa história da Djamila mexeu comigo... – disse Sarah.

- Mexeu com todo mundo. – respondeu Ana – Quer dizer, é triste quando uma mulher tão nova morre por um motivo tão idiota, ainda mais sendo a presidenta do país. Mas foi uma fatalidade. Não dá pra achar que é o fim dos tempos.

Sarah começava a ver sentido nas palavras da amiga. Talvez tivesse mesmo exagerado em sua reação. Sentiu um certo constrangimento, o que Ana pareceu perceber, logo mudando de assunto.

- Vamos mudar de assunto agora? – sorriu, pegando o celular na bolsa – Vou te mostrar umas fotos lindas que a gente tirou lá em Alagoas, o lugar é um paraíso! - disse ela, antes de conectar o celular à televisão de Sarah e começar a passar as imagens.

## 20

Na manhã do dia de seu retorno ao trabalho, Sarah acordou com uma mensagem de voz de Mariana.

- Joana fugiu. – ela falou, a voz tensa – Saiu do Brasil. Quem manda no país agora é o Pedro Feind.

Sarah, que mal tinha acabado de se levantar, acessou o Brasil Notícias pelo celular. A manchete tomava toda a página: **JOANA SILVA RENUNCIA**. Embaixo de uma foto da vice-presidenta, a legenda informava que ela saíra do país na noite anterior, deixando a cargo dos seus assessores a comunicação com a imprensa. A foto de Pedro Feind, presidente da Câmara dos Deputados, aparecia em algumas notícias, indicando que ele, por consequência, assumiria o comando do país.

Sarah não sabia o que pensar de tudo isso. Por que Joana renunciaria assim? Ela rolou a página de notícias, procurando mais informações sobre o que havia levado a mulher a tomar essa decisão. A única pista que encontrou foi uma entrevista com uma suposta amiga pessoal de Joana – que não quis revelar o rosto nem o nome – em que ela dizia que a presidenta revelara estar sendo ameaçada de morte.

“Ela me contou que eles entraram em contato com ela, com a família dela. Disseram que ela ia acabar igual a Djamila. Ela ficou com medo, muito medo”, disse a tal amiga. O repórter fez questão de dizer que a entrevistada estava abalada, como se para tentar desmerecer o depoimento. Sarah sentiu um arrepio. Fechou a página e respondeu a mensagem de Mariana.

- E agora, Mari? – perguntou, gravando um áudio – O que vai acontecer? Djamila morta, Joana fora do país... O Pedro assume por agora, mas e aí? Ele fica até as próximas eleições?

Logo apareceu no aplicativo de mensagens a informação de que Mariana ouvira o áudio e gravava um novo.



- Não. O mandato delas ainda nem completou dois anos. Eles têm que organizar uma nova eleição em menos de três meses. – respondeu a amiga.

Elas trocaram ainda alguns áudios sobre a situação, mas ambas precisavam sair para seus trabalhos e tiveram que deixar o restante da conversa para mais tarde. Sarah saiu afobada de casa, sentindo-se abalada com a notícia sobre a vice-presidenta. Lembrou-se de Ana aconselhando-a a não seguir as preocupações excessivas de Mariana. Sabia que o conselho da amiga era válido, mas ainda assim precisou se concentrar para dirigir até a universidade, muitas vezes se pegando distraída diante de um sinal aberto, sendo despertada de seus pensamentos pela buzina insistente dos outros motoristas. Chegou no trabalho no horário certo, mas demorou ainda alguns minutos sentada no carro, já dentro do estacionamento, a mesma pergunta rodeando sua mente: como isso tudo vai terminar?

Quando percebeu que estava quase atrasada, saiu do automóvel, pegando suas bolsas no banco traseiro e trancando o carro assim que se afastou. Acabou chegando esbaforida à porta da sala do departamento de Linguística, onde os colegas já estavam reunidos para iniciar a primeira reunião do semestre letivo, tradição antes do início das aulas. Era nessa reunião que eles definiam os últimos detalhes relativos ao período, confirmavam horários e divisões de turmas.

Sarah entrou pedindo licença e dando bom dia a todos. Reparou que Elson não estava presente, o que significava que a reunião ainda não poderia ter começado, e sentou-se ao lado de Ana, como sempre fazia.

- Já tava ficando preocupada – Ana falou, abraçando a amiga – Você nunca se atrasa! Aconteceu alguma coisa?

Sarah fez que não com a cabeça e deu um sorriso fraco.

- Eu demorei um pouco pra acordar, foi só isso. – mentiu.

Ana olhou para a amiga desconfiada, mas aceitou a resposta.

Outros professores do departamento cumprimentaram Sarah, que respondeu a todos com educação. Apenas Daniel não disse nada, fingindo não ter visto quando ela entrou. Sarah imaginou que ele pudesse estar chateado por ter que assumir uma turma de calouros no lugar dela, mas não havia o que fazer. A culpa dessa situação, ela sabia, não era de modo algum dela.

Elson chegou cerca de quinze minutos após o horário combinado. Trazia no rosto uma expressão de preocupação, a testa franzida, a boca crispada. Deu um bom dia seco ao entrar e acomodou-se em seu lugar. Os colegas responderam seu cumprimento e esperaram suas palavras de início da reunião. Ele passou o olhar por todos eles, demorando-se um pouco mais em Sarah. Pigarreou um pouco e finalmente começou a falar.

- Desculpem a demora. – sua voz estava tão séria quanto sua expressão – Tivemos uma rápida reunião virtual entre os chefes de departamento da Letras antes de virmos pra cá. Diante dos novos acontecimentos, precisamos... discutir algumas coisas.

- Você tá falando da renúncia da Joana? – perguntou Juliana, a professora que substituíra Sarah no semestre anterior.

- Não só disso, mas... sim, principalmente.

Os professores ficaram em silêncio. Era possível sentir no ar que havia algo estranho em curso. Elson acabou por confirmar essa hipótese.

- Antes de começar a falar sobre os detalhes referentes ao semestre letivo, preciso repassar pra vocês algumas questões que foram abordadas nessa reunião. Ainda é tudo muito incerto, muito recente, mas já quisemos pensar nas possibilidades e instruir vocês sobre como devemos agir a partir de agora.

Silêncio completo. Alguns colegas se entreolharam, incluindo Ana e Sarah.

- Acredito que estamos prestes a enfrentar algo que nunca vivemos. Com a morte da nossa presidenta e a renúncia da sua substituta, novas eleições vão ser convocadas. Ninguém sabe no que isso vai resultar, mas já podemos ter algumas ideias com base em... em observações que temos feito.

Elson fez uma pausa, reparando que todos os olhares estavam voltados para ele.

- Todos aqui sabem bem que nosso país já viveu momentos muito difíceis. Acredito que posso afirmar que o pior deles foi a pandemia de 2020, que matou centenas de milhares de pessoas e levou o Brasil a uma crise sem precedentes devido à incompetência e à má-fé do presidente eleito na época. Ele, além de demonstrar total incapacidade de liderar nosso país, ainda fazia questão de se posicionar contra cientistas e acadêmicos, incitando a polarização política e a ignorância. Em qualquer livro de História podemos encontrar detalhada a tragédia que o Brasil viveu naqueles anos em que a população se dividia entre os que acreditavam no governo e os que desprezavam o presidente. Parece absurdo pensar que existia muita gente que acreditava que a terra era plana, por exemplo, ou que as vacinas podiam mudar o DNA de alguém e instalar um chip de vigilância comunista nas pessoas.

Alguns professores riram e Sarah os olhou com reprovação.

- Vocês riem agora, mas tudo isso foi real. – prosseguiu Elson - Depois que tudo passou, o Brasil sofreu pra se recuperar, e a política não foi mais a mesma. Os partidos começaram a se ver como inimigos, tivemos presidentes atrás de presidentes, e sempre surgia algum motivo pra que eles fossem depostos ou eles mesmos renunciavam. Sempre parecia que era impossível piorar, até que piorava. A cada nova eleição, os erros se repetiam. Foram mais de dez anos até tudo começar a se estabilizar, até finalmente acontecer um acordo entre partidos, que se uniram pra desfazer a tal polarização criada nos anos anteriores. Todos se comprometeram a respeitar os resultados das eleições, a aceitar a alternância de governos e a manter a democracia viva. Foi assim que tudo se acalmou. Mas vocês sabem disso tudo, ou podem pesquisar o que quiserem, não tô aqui pra dar aula de História do Brasil.

Ele pigarreou e virou-se, pegando uma garrafa de água dentro de sua bolsa, de onde bebeu um gole antes de continuar sua fala.

- Tô falando tudo isso porque acredito que o que vem acontecendo desde o ano passado, e eu digo isso a vocês, mas peço que não saia daqui, parece uma tentativa de retorno a esses tempos do passado. É claro que alguns grupos na época não concordaram com a maneira como as coisas ficaram acertadas, preferiam tudo como estava antes e por um único motivo: pra ter poder sobre a população com mais facilidade. Esses grupos foram silenciados, mas não eliminados. Continuaram por aqui, e, pior, continuaram como membros ativos da nossa política. Já são mais de trinta anos desde que tudo isso aconteceu, e esses grupos estavam quietos, pareciam ter desistido de seus planos, ter aceitado o que a maioria escolheu. Mas os últimos acontecimentos me fazem pensar que eles só estavam esperando o momento certo de agir.

- Espera aí, Elson. – Sarah o interrompeu – Você acha então que esses grupos têm alguma coisa a ver com a morte da Djamila e a saída da Joana do país?

- Eu não disse isso. – Elson apressou-se em esclarecer – Eu nem posso afirmar algo assim, não tenho informação suficiente pra isso. Mas... eu não sei. Tá tudo muito estranho.

- Foi sobre isso a reunião de vocês, então? – Daniel perguntou.

Elson concordou com a cabeça.

- Foi tudo muito rápido, só deu tempo de compartilhar nossas preocupações... Mas sim, estamos todos atentos ao que pode acontecer. Ninguém quer ser pessimista, mas...

Ele parou, e todos ficaram aguardando ansiosos que continuasse. Elson parecia ter medo de dizer o que pensava, não queria estar certo. Suspirou.

- Talvez as coisas mudem, talvez não. – continuou, desistindo da frase anterior – Mas temos que nos preservar desde já. Sei que todo mundo aqui é politizado e dedicado a um ensino crítico e questionador, mas não tem como saber que tipo de governo vai surgir agora. Então, eu peço que vocês continuem fazendo seu trabalho da melhor forma possível, mas sem... – ele buscou as palavras – sem manifestar opiniões políticas, entendem? Mesmo que nas entrelinhas.

Sarah achou que Elson se referia a ela, mas percebeu outros colegas também preocupados. Olhou para o chefe de departamento, que agora tinha a cabeça abaixada, um claro sinal de preocupação.

- Mas o que você acha que pode acontecer, Elson? – era Daniel que falava novamente – Acha que eles vão vigiar a gente ou algo assim?

- Eu não sei de nada, Daniel. – respondeu, já um pouco inquieto por ter que insistir no assunto – Eu só tô passando pra vocês os receios do grupo dos chefes de departamento, os meus receios. Sei que pode parecer muito antecipado, mas a gente sabe bem como as coisas podem acontecer por aqui. Nossa história é uma bagunça, e sempre que surge uma crise política, a universidade e a educação são as primeiras a serem atacadas. Não quero arriscar perder tudo que a gente já conquistou.

Daniel deu um risinho sarcástico.

- Isso não é um problema. Pelo menos não pra mim e pros outros colegas que fazem o que são pagos pra fazer. Agora, se as pessoas quiserem aproveitar a sala de aula pra fazer militância... - falou, olhando de relance para Sarah

- Tá falando de mim, Daniel? – Sarah perguntou, encarando-o.

Daniel deu de ombros.

- Se você se identificou... Em nenhum momento eu disse seu nome, disse? – ironizou – Claro que todo mundo aqui sabe que por causa de você o Elson teve que fazer arranjos nos horários pra que as turmas de calouros ficassem com outros professores, mas quem sou eu pra dizer alguma coisa, né?

- Para com isso, Daniel. – agora foi Ana quem falou, defendendo a amiga – Você sabe muito bem que a culpa disso tudo não foi da Sarah, mas sim daquele garoto. E que diferença isso faz? A obrigação de todo mundo aqui é dar aula pra turma que for. Essa história de não querer pegar turmas de calouros é um capricho.

- Não interessa, é nosso direito escolher. E tudo tava correndo bem, afinal, você e sua amiga adoram essas turmas, né? – Daniel elevou um pouco a voz – Adoram encher a cabeça dos alunos novos com essa militância ridícula de vocês!

- Nossos alunos são futuros professores, precisam aprender a entender melhor a língua e a respeitar os diversos falares que ela permite. Isso agora é uma militância ridícula? – Sarah também elevou a voz – Achei que era o mínimo que a gente tinha que fazer aqui!

- Ninguém é obrigado a ouvir você enchendo o saco com esse negócio de preconceito linguístico, Sarah! – Daniel levantou-se, batendo na mesa com uma das mãos – Isso é um porre! Sempre isso, tudo leva a isso! O que te custa só ensinar o básico? Diz pra eles quem foi Saussure, explica o que a Linguística faz e pronto!

- Saussure foi o primeiro a dizer que a nossa obrigação como linguistas é dissipar ideias erradas sobre a língua! – Sarah também se levantou, a voz tão alta quanto a de Daniel – Se você tem preguiça ou vive tão apegado a uma tradição de ensino ultrapassada pra fazer isso, não venha me criticar por fazer o que é certo!

Os outros professores olhavam a cena, impressionados. Elson, que até então deixara a discussão rolar, sem muita paciência para intervir, resolveu que já era o suficiente.

- Chega. – falou, sem elevar a voz. Daniel e Sarah continuaram em pé, encarando um ao outro, parecendo que a qualquer momento poderiam iniciar uma briga física. – Chega, eu já falei. Sentem, os dois.

Sarah se sentou, mas Daniel continuou de pé.

- Daniel, você me ouviu. – Elson o olhava enquanto ele ainda encarava Sarah. – Por favor.

O professor finalmente se sentou e a sala ficou em completo silêncio. Elson começou a pegar algumas coisas na bolsa e consultou o relógio de pulso.

- A aula inaugural dos cursos de Letras vai acontecer daqui a pouco. – falou – O que eu tinha de mais importante pra dizer a vocês, eu já disse. Espero que sigam meu conselho. De preferência, sem brigarem entre si. – e olhou para Daniel e para Sarah em seguida – Seja lá o que for acontecer daqui pra frente, o melhor é permanecermos unidos.

Ele distribuiu alguns papéis entre os colegas, dando prosseguimento à reunião. Daniel ainda encarou Sarah por alguns segundos, e ela soube que ali havia mais do que apenas uma rixa entre colegas. Havia antipatia, havia desprezo. Havia raiva.

## 21

As semanas foram passando e cada vez mais Sarah se convencia de que Ana estivera certa o tempo todo: as coisas continuavam relativamente calmas no país, nada de absurdo havia acontecido, nenhuma instituição ou valor tinha sido ameaçado. Até mesmo Elson, que fizera aquele discurso preocupado na primeira reunião, estava agora tranquilo e respirando com alívio. Parecia que todo o medo e o desespero tinham sido mesmo desnecessários.

Nada fora descoberto de novo sobre a morte de Djamila – muito embora seus colegas de partido tenham exigido novas investigações sobre o caso – e tanto o motorista quando o segurança da presidenta afirmavam o mesmo: que eles sofreram uma tentativa de assalto por um grupo armado, o segurança reagira tentando proteger a mulher e, então, tudo aconteceu. Questionados sobre o porquê de haver apenas um segurança com ela naquela noite, eles repetiram o que qualquer um que acompanhasse a vida pública de Djamila sabia: que não era de seu feitio andar cercada de seguranças, pois gostava de se sentir mais próxima do povo, e que só aceitou os serviços desse em específico por insistência do presidente da Câmara dos Deputados, seu companheiro de partido de longa data.

Para Sarah, aliás, Pedro Feind estava demonstrando uma boa gestão temporária. Parecia querer seguir o que Djamila iniciara, e sempre buscava demonstrar em seus discursos que admirava muito a colega e lamentava que ela tivesse sido impedida de continuar seus planos para o crescimento do país. Quando a eleição para presidente foi convocada, chegou-se a cogitar a possibilidade de sua candidatura ao cargo, o que ele negou, alegando estar satisfeito com sua atual função.

Em meados de abril, as plataformas estavam recheadas de propagandas políticas. A votação ocorreria no final de maio, e apenas três candidatos concorriam ao cargo. O primeiro, Roberto Braga, era do partido de Djamila e Joana, e vinha com a proposta de manter os padrões do governo até então. A segunda, Estefânia Rodrigues, do partido de oposição, anunciava que já era hora de haver uma mudança, principalmente após os trágicos acontecimentos.

O terceiro, por fim, era um desconhecido no cenário político, mas famoso nas redes sociais por seu jeito excêntrico de ser. Sarah pesquisou um pouco sobre ele às vésperas da votação, e descobriu que já tinha concorrido a cargos menores durante muitos anos, nunca alcançando sucesso. Era conhecido por falar absurdos disfarçados de piadas, se dizia honesto ao extremo e costumava tecer críticas constantes ao meio político e social.

Nessas eleições, ele estava sendo apoiado por grupos específicos que envolviam líderes religiosos, militares e empresários, os quais alegavam ser necessário alguém totalmente novo e diferente no cargo, pois só assim, segundo eles, o país poderia evoluir de verdade. Sílvio Salvador – era esse o seu nome – concentrou sua campanha nesses públicos, e todo o seu discurso foi baseado em comentários sobre retornar a um passado glorioso, com patriotismo, ordem, progresso e recuperação de valores morais que se perderam. Até mesmo uma parte do hino nacional brasileiro foi utilizada por Salvador para divulgar sua campanha, e logo o refrão “Ó, pátria amada, idolatrada, salve, salve” podia ser ouvido pelos quatro cantos do Brasil, o trocadilho com o sobrenome do candidato tornando a coisa toda ainda mais pitoresca.

Sarah chegou a pensar que essa candidatura podia ser uma espécie de sátira criticando determinadas características dos políticos. Parecia uma tentativa de conseguir mais fama, e quando as primeiras pesquisas começaram a apontar um crescimento nas intenções de voto em Salvador, ela e Mariana não conseguiam acreditar no que viam.

- Ainda não sei como deixaram ele concorrer. – Mariana disse, após beber um pouco de suco. Ela e as amigas almoçavam juntas num restaurante próximo à universidade. – O cara é uma piada!

- E de muito mau gosto – concordou Sarah, terminando seu almoço – Mas também não tinha o que fazer. Se quisessem impedir o cara de concorrer, seria antidemocrático. O jeito é torcer pra ele não ganhar muitos votos.

- É claro que ele não vai ganhar. – foi Ana quem falou agora, já pedindo ao garçom uma sobremesa – Você acha mesmo que as pessoas vão votar nele? Só fala bobagem, exalta um passado conturbado do nosso país, nunca conseguiu ter sucesso em nada, só com o grupinho dele...

- Mas agora tem uma galera apoiando a candidatura dele. – Mariana colocou o copo sobre a mesa, olhando sério para Ana – E são pessoas com poder... se é que você me entende.

Ana revirou os olhos ao ver Mariana fazendo um gesto que significava dinheiro.

- Não funciona mais assim, Mari. – disse ela – Hoje em dia as pessoas sabem votar, sabem escolher os governantes. Não é mais como há trinta anos.

- Isso é o que você diz – Mariana respondeu – Mas você sabe muito bem o que eu penso.

Elas fizeram silêncio quando o garçom trouxe um pedaço de fruta para Ana e ofereceu um café, que Mariana aceitou. Sarah pediu um pedaço de torta de chocolate. Assim que o rapaz saiu, Ana continuou.

- Sei muito bem o que você pensa. E já conversei com você sobre isso. Você fica muito paranoica. A vida não é esse horror todo que você imagina. Aposto que quando a Djamila

morreu você achou que o mundo ia acabar, e olha só: quase dois meses depois e tudo na mais santa paz.

Mariana ouviu a amiga em silêncio, mas sacudiu a cabeça em discordância.

- Você é tranquila demais, Ana.

- Sou realista, Mari. E Sarah concorda comigo, né. Sarah?

Sarah foi pega de surpresa. Não queria se envolver nessa discussão, principalmente porque não sabia bem em que lado estava ou deveria estar.

- Eu... eu não sei, Ana. Eu entendo as preocupações da Mari. Mas também, Mari... eu não acho que gente tenha que ficar o tempo todo nesse medo, senão a gente não vive, sabe?

O garçom voltou novamente com os pedidos, e Mariana bebeu um gole de seu café, logo depois elevando a xícara como se fizesse um brinde.

- Acho que Sarah é o que podemos chamar de um perfeito meio-termo. – disse, olhando para Ana. – Talvez a gente pudesse aprender um pouco mais com ela.

As três riram, mas Ana sacudiu a cabeça.

- Não consigo me incomodar tanto com essas coisas, Mari. – falou, enquanto comia sua sobremesa – Eu nem gosto de política, nunca gostei. Só voto em quem você manda!

Mariana ficou séria.

- Eu até entendo você não ser tão envolvida quanto eu nesse meio, mas você precisa se interessar pelo que acontece, Ana, pelo menos no seu país.

- Eu me interessar, claro que me interessar, mas... Ah, Mari, deixa isso pra lá. – e olhou para Sarah – Que foi? A torta não tá boa?

Sarah, que já comera alguns pedaços, fazia uma careta.

- Não muito. Eu pedi achando que era doce, mas é chocolate amargo. Dei bobeira, tinha que ter perguntado antes.

Mariana riu, e as duas amigas olharam pra ela.

- Que foi? – perguntou Ana.

Ela bebeu mais um gole de seu café, sorriu e respondeu:

- Sarah acabou de mostrar o que acontece na política quando você não se informa o suficiente.

## 22

O voto no Brasil deixara de ser obrigatório em 2050, e as eleições agora aconteciam em dias de semana. As zonas eleitorais não eram mais definidas de acordo com a moradia da pessoa, e sim por escolha de cada um, sendo necessário apenas realizar um registro indicando seu local de preferência. Para facilitar sua rotina, Sarah escolhera votar em uma escola perto do trabalho. Quando o dia da eleição chegou, Sarah saiu cedo de casa, mesmo não tendo compromissos na universidade até o horário da tarde.

Ela deixou o carro no estacionamento do trabalho e deu uma olhada para a sacola no banco traseiro. Por um momento pensou em não cumprir com o que tinha combinado, em deixar aquilo ali, ir até seu local de votação e depois retornar, sem complicações. Mas já tinha respondido aquela mensagem do dia anterior, já tinha avisado que encontrara aquelas coisas, já tinha se organizado para entregá-las na casa do dono, que ficava a poucos metros dali... Suspirou, decidindo que era melhor acabar logo com esse assunto.

Depois de pegar a sacola e o celular, deixando os materiais de trabalho no carro, ela saiu do automóvel e trancou as portas, se dirigindo ao portão de saída do estacionamento. Caminhou

atenta, observando se havia movimentação de outras pessoas também se encaminhando para votar. Não havia como saber de fato, mas Sarah tentava analisar cada um que passava por ela, tentando adivinhar se aquela pessoa tinha escolhido exercer seu direito de cidadão ou não, e, se tivesse, quem poderia ser sua escolha para a presidência.

Ao chegar na escola, Sarah se surpreendeu ao ver a pequena quantidade de pessoas. É claro que o número de eleitores diminuira desde a não obrigatoriedade do voto, mas a julgar pelo movimento que ela vinha acompanhando nas redes sociais – em que as pessoas debatiam política de forma ativa e crítica – acreditou que encontraria mais eleitores. Era a primeira vez que via seu local de votação tão vazio.

O trabalho de organizar a entrada e saída das pessoas da escola era feito por guardas municipais, e Sarah cumprimentou os dois que se encontravam na porta. Ela entrou, aguardou apenas uma pessoa que estava à sua frente para votar e logo se posicionou diante da urna. Há alguns anos a urna passara a ser algo parecido com um caixa eletrônico, e tudo que a pessoa precisava fazer era registrar sua digital na máquina antes de digitar seu voto. Simples, rápido e seguro. Sarah fez isso, e após ver os números indicativos da candidatura de Roberto Braga na tela, apertou o botão “confirma”. A mensagem de registro de seu voto apareceu e logo sumiu, a tela voltando ao seu modo inicial.

Já do lado de fora da escola encontrou Ana, que chegava correndo, ofegante.

- Sarita, você chegou cedo! – a amiga falou, surpresa por encontrá-la ali – Achei que você só tivesse aulas e orientação mais tarde.

- É, isso mesmo. – respondeu Sarah, meio sem jeito – Mas eu quis me adiantar, tenho umas coisas pra fazer ainda de manhã.

Ana olhou para o relógio de pulso.

- Eu tenho uma orientação daqui a vinte minutos, tô super em cima da hora, nem ia votar, mas a Mari já me ligou logo cedo... – disse, revirando os olhos – Me espera só um pouquinho e vamos juntas pra universidade.

- Não, Ana, é que... – Sarah hesitou um pouco ao falar – Eu preciso ir agora. Resolver umas coisas, mas não é na universidade. Eu te encontro lá depois, tá bom? A gente pode almoçar naquele restaurante que você gosta.

Ana a olhou desconfiada, só então reparando na sacola cheia que ela carregava.

- Você não vai fazer o que tô pensando não, né, Sarah?

Sarah riu, sacudindo a cabeça.

- Eu não sei bem o que você tá pensando, mas sei que você pode ficar tranquila. Não vou fazer nada de absurdo. Vou só devolver algumas coisas pro dono.

- Pois não deveria. – disse Ana, incomodada com a situação – Se ele quisesse, que fosse buscar. Aliás, você tinha era que fingir que perdeu tudo, doar pra alguém, jogar fora, sei lá...

- E agir como se eu fosse uma adolescente? Não tem necessidade disso. Agora, se eu fosse você – falou, pegando o braço da amiga e o levantando até o relógio de pulso ficar na altura dos seus olhos – iria logo votar, porque desse jeito você vai perder a hora.

Ana olhou o relógio e respondeu, dando de ombros.

- Você que sabe então, Sarita. Eu lavo minhas mãos. – e virou-se para seguir seu caminho.

Sarah ignorou o comentário da amiga, caminhando até a loja de Raphael. Chegou em alguns minutos, e estranhou ao ver que ela se encontrava fechada. Quando chegou mais perto e olhou pelo vidro para a parte de dentro, reparou em algo que a fez piscar algumas vezes até ter certeza de que estava enxergando direito. Sim, era aquilo mesmo. Um adesivo de Sílvio Salvador,

com o refrão que ela já não aguentava mais ouvir destacado logo abaixo da foto sorridente do candidato. Isso a incomodou e Sarah pensou em ir embora, mas Raphael apareceu de repente atrás do balcão e a viu.

Ela deu alguns passos para trás e aguardou até que ele abrisse a porta. Não esperava vê-lo tão feliz quando se encontraram frente a frente e foi inevitável não abrir um sorriso sem jeito quando ouviu:

- É tão bom te ver de novo. Você tá linda.

Raphael estivera esperando ansiosamente por Sarah. Não fora votar – achava tudo isso de política uma grande perda de tempo – e decidira deixar a loja fechada para poder se dedicar totalmente à visita da ex. Havia poucos meses que tinham terminado, e ultimamente ele vinha pensando nela com frequência. Apesar de não concordar com muitas atitudes de Sarah, ele sentia sua falta, e sabia que o fato de ela ter ido até ele significava que havia uma chance de reatar o relacionamento. O sorriso dela agora só comprovava isso.

- Eu trouxe suas coisas. - ela tirou a sacola do ombro, estendendo-a para Raphael, que a pegou e entrou na loja, colocando-a em cima do balcão.

- Não vai entrar? – ele perguntou, vendo que ela continuou no mesmo lugar – Eu posso fazer um café...

- Não precisa. – ela respondeu – Eu só queria te devolver suas coisas, só isso. E eu preciso voltar pra universidade, a Ana tá me esperando lá.

Raphael fez uma pequena careta quando ouviu o nome de Ana, mas Sarah não notou, e logo ele voltou à expressão sorridente. Não era momento de reclamar das amigas de Sarah, isso era um problema para ser resolvido mais tarde. Agora, ele tinha um objetivo mais importante.

- É só um café. Ou não podemos ser amigos, pelo menos?

Sarah refletiu por alguns segundos. O que custava ser um pouco mais gentil com ele, afinal? Eles terminaram com uma discussão feia, mas não era sempre assim que acontecia? Se ela não queria agir como uma adolescente, não teria motivo para não tentar ao menos manter uma relação cordial, como adultos.

- Tudo bem, vai. – ela falou, sorrindo um pouco. – Só um café.

- Vamos lá pra cima, então. – ele pegou a sacola no balcão e entregou a ela – Eu vou já, só preciso trancar a porta de novo.

Sarah concordou e seguiu para os fundos da loja, onde subiu as escadas que ela já sabia levarem até o apartamento onde o ex-namorado morava. Ela entrou, colocando a sacola sobre o sofá e se sentando. Apesar de não estarem mais juntos, já conhecia muito bem aquele local e era difícil não se sentir à vontade ali. Pouco depois, Raphael surgiu na sala.

- Vou fazer o café. – ele falou e entrou na cozinha, mas logo voltou – Quer uns biscoitos também? Comprei hoje naquela padaria que você gosta.

Sarah concordou com a cabeça. Raphael sabia que ela sempre comprava biscoitos amanteigados em uma padaria perto da universidade. Era seu lanche de quase todos os dias. Ele demorou apenas alguns minutos, e logo voltava com uma garrafa térmica cheia de café e duas canecas. Fez uma segunda viagem e veio com um pote grande cheio de biscoitos e um açucareiro.

Raphael sentou-se ao lado de Sarah no pequeno sofá, apenas a sacola com os pertences dele separando os dois. Eles se serviram de café e biscoitos e conversaram um pouco sobre assuntos banais. Sarah perguntou sobre o andamento da loja, e ele sobre as coisas na universidade. Tudo parecia correr numa simples cordialidade entre conhecidos, quando Sarah olhou o relógio de pulso e se levantou, dizendo que precisava ir.



Raphael levantou-se também e antes que Sarah pudesse perceber, pegou em sua mão. Ela desejou ter reagido, ter puxado a mão de volta, ter feito algo que não fosse apenas ficar parada deixando que ele a tocasse e começasse a falar, mas não conseguiu.

- Sarah, você não acha que a gente merece uma segunda chance? – Raphael perguntou, sem rodeios. – A gente pode ter alguns problemas, mas já ficamos juntos por tanto tempo...

Sarah o olhava, séria.

- Foi você que terminou comigo, Raphael. – ela disse, a mágoa aparecendo em sua voz – E falou aquelas coisas sobre minhas amigas, meu trabalho...

- Me perdoa. – ele disse, beijando a mão de Sarah – Eu tava nervoso, chateado com a história do pedido de casamento. Mas eu amo você, Sarah. E você sabe que me ama também.

Sarah se viu diante da dúvida. Uma parte sua sabia que tinha sido melhor que eles tivessem terminado, sabia que esse relacionamento estava fadado ao fracasso. Mas havia uma outra parte que sabia o quanto ela tinha se sentido só nos últimos tempos. Essa outra parte sabia que, mesmo sem querer admitir, olhava Mariana e Ana felizes com seus relacionamentos e sentia uma ponta de inveja. Talvez as tensões pelas quais estava passando poderiam ter sido mais leves se tivesse alguém ao seu lado para apoiá-la. E embora Raphael não fosse o melhor exemplo de namorado, era ele que estava ali, disposto e disponível para isso. Suspirou.

- A gente pode tentar. – falou, e Raphael abriu um sorriso – Mas sem pressão. Só vamos... vamos ver no que vai dar.

Ele concordou e a abraçou. Ela correspondeu ao abraço, dizendo a si mesma que dessa vez tudo poderia ser diferente, melhor. Depois de algum tempo, disse mais uma vez que precisava ir embora, e Raphael não discutiu. Eles desceram pela mesma escada de antes e ele a acompanhou até a porta da loja. Antes de sair, porém, ela apontou para o adesivo colado na parede atrás balcão.

- O que é aquilo? – perguntou.

Raphael olhou para trás e deu de ombros.

- Não é nada. Acho que foi algum cliente que colocou. Depois eu tiro.

Sarah concordou e saiu, caminhando de volta para a universidade. Ao lembrar que encontraria Ana para almoçar, suspirou. Não sabia como contaria à amiga que resolvera embarcar novamente naquele relacionamento que nem ela nem Mariana apoiavam.

## 23

O nome da nova liderança do país demorou mais duas semanas para ser descoberto devido à necessidade de um segundo turno surpreendente entre Roberto Braga e Sílvio Salvador. A contagem de votos mostrou que muitos brasileiros se abstiveram de votar, e a decisão acabou por ficar nas mãos de uma minoria da população. Sarah estava com Raphael em seu apartamento quando os resultados foram divulgados. Já era noite, e os dois tinham acabado de jantar. Raphael, ainda se dizendo sem interesse político algum, aproveitou para tomar banho quando Sarah pegou o celular para verificar o Brasil Notícias. Sua expressão, até então tranquila, transformou-se em choque no momento em que viu a manchete que tomava conta de quase toda a página.

**SÍLVIO SALVADOR É O NOVO PRESIDENTE DO BRASIL.**

- O quê? Mas... Como? – Sarah balbuciava para si mesma, sem conseguir acreditar no que lia.

Mal teve tempo de se recuperar quando viu na tela do celular a chamada de vídeo de Mariana. Apurando os ouvidos para se certificar de que ouvia o chuveiro ligado, e tendo a certeza de que Raphael não apareceria de repente, ela atendeu a ligação.

- O QUE FOI ISSO? – Mariana gritava. Estava revoltada como Sarah nunca vira. – SÍLVIO SALVADOR PRESIDENTE? Tá todo mundo maluco, não é possível!

- Calma, Mari... – Sarah tentou falar, mas a amiga não permitiu que continuasse.

- Calma, Sarah? Você me pede calma agora? – o olhar de Mariana era de puro ódio – Não dá pra ter calma desse jeito! Não se tem um minuto de paz nessa droga de país! Eu ainda não tô acreditando, eu... – ela parou, tentando buscar as palavras – Eu só não consigo aceitar.

Sarah ficou em silêncio. Não sabia o que podia dizer pra consolar a amiga. Ela mesma não conseguia acreditar no que acontecia. Quando qualquer pessoa em plena consciência imaginaria que, após tantos anos de evolução, as pessoas simplesmente cairiam de novo na falácia de alguém como Sílvio Salvador? Elas não tinham aprendido com os erros do passado? Mariana parecia saber que era isso que se passava na cabeça da amiga, e respondeu.

- A gente não tem consciência histórica, esse que é o problema. Cem anos depois do início da ditadura miliar de 64, as pessoas me fazem isso. Você viu como os locais de votação tavam vazios? Eu achei que era só na minha escola, mas não. Quase ninguém votou. Deram tudo na mão dele, os apoiadores dele fizeram a festa. E aí você já sabe o que vai acontecer, né?

Sarah fez que não com a cabeça.

- Quando tudo explodir, quando esse país cair de novo como aconteceu lá atrás, vão ser essas mesmas pessoas que vão dizer que não tiveram culpa porque não votaram em ninguém. É sempre assim. Bando de babacas.

Sarah ia dizer algo concordando, mas ouviu o barulho do chuveiro do banheiro cessar. Raphael logo voltaria para a sala, e ela precisava terminar a conversa com Mariana. Nem a amiga nem Ana sabiam ainda que eles tinham voltado há duas semanas. Não tivera coragem de contar.

- Mari, eu entendo tudo isso, mas tenta lembrar do que a Ana sempre fala. Pode não ser tão ruim. A gente ainda não sabe...

- Não sabe, Sarah? Você já viu esse cara falar? Já viu o que ele defende? O homem é um poço de ignorância, preconceito, valores ultrapassados! Ele vai querer fazer o Brasil regredir, você vai ver só!

Sarah concordava com a cabeça, já nervosa. Ouvia alguns barulhos que confirmavam que Raphael ainda estava no banheiro e precisava desligar, não queria que a amiga soubesse assim da situação.

- Vamos tentar pelo menos ser um pouco otimistas? – falou, já sem saber como sair dessa situação – Se as coisas complicarem, a gente fica atenta. Não só nós, todo mundo. Os partidos de oposição não vão deixar a coisa correr solta. Você viu como foi com a Djamila, eles conseguiram barrar o afastamento dela.

- É, realmente, vamos ser otimistas! – Mariana falou, de forma irônica – Até porque no caso da Djamila deu tudo certo, né? Eles conseguiram barrar o afastamento do cargo, isso foi ótimo. Pena que ela morreu logo depois, e da maneira mais estranha possível.

Sarah engoliu em seco. Tinha escolhido um péssimo exemplo para ilustrar sua fala.

- Tá certo, Mari, você me convenceu. – disse ela, perdendo a paciência – Tudo vai ficar uma porcaria. É isso que você quer ouvir? Não adianta mais nada, só vamos aguardar tudo explodir, o país acabar de vez. Tá feliz assim?

Mariana pareceu sentir que falara demais.

- Não... Quer dizer.... desculpa, Sarah. Eu fico muito nervosa com tudo isso...

- E você não é a única. – cortou Sarah – Mas agora, de verdade, eu preciso desligar.

Depois a gente conversa.

- Sarah, não fica com raiva, eu...

- Tá tudo bem, Mari. – Sarah ouviu o barulho da porta do banheiro se abrindo e se apressou – Depois eu falo com você. Tchau. – e desligou.

Raphael, que chegava até ela com a toalha enrolada na parte de baixo do corpo, a olhou curioso.

- Tava falando sozinha?

Sarah fez que sim.

- Às vezes eu faço isso. – mentiu.

Raphael riu.

- E o resultado? – ele perguntou, apontando o celular com a cabeça. – Quem ganhou?

Sarah respirou fundo antes de dizer o que ainda não conseguia crer ser verdade.

- Sílvio Salvador.

Raphael concordou com a cabeça e riu.

- Quem diria, hein? Agora as coisas vão ficar boas. – falou, seguindo para o quarto, sem perceber o espanto no olhar de Sarah.

Querendo entender o que ele quis dizer com aquilo, ela levantou-se do sofá e foi atrás dele.

- Como assim “agora as coisas vão ficar boas”? – ela perguntou, enfatizando as palavras, quando chegou ao cômodo.

- Ué, pelo menos ele é um rosto novo na política. – ele respondeu, enquanto se vestia com roupas de dormir. – Quem sabe vêm umas mudanças boas, algo diferente.

Sarah o olhava incrédula. Demorou alguns segundos para conseguir formular as palavras.

- Você... você tá de brincadeira. – falou, sentando-se na cama. – É brincadeira, né?

Raphael não respondeu. Terminou de se vestir e levou a toalha de volta para o banheiro. Sarah esperou pacientemente para que ele voltasse. Nunca tinham discutido política, era um assunto tabu entre eles. Também nunca sentira essa necessidade, na verdade. Surpreendeu-se com o comentário dele sobre a eleição, uma vez que nunca tinha ouvido Raphael mencionar nada sobre suas opiniões nesse assunto. Lembrou-se do adesivo na loja, que o namorado alegara ter sido invenção de algum cliente. “Seria possível que...”, ela começou a pensar, mas achou melhor não tirar conclusões precipitadas.

Quando Raphael voltou ao quarto, ela o olhou, como se esperando uma resposta.

- Que foi? – ele perguntou, sentando ao lado dela na cama – Sarah, não tem nem por que discutir isso. Eu nem gosto de política, não votei em ninguém, você sabe.

- Eu sei, você me disse. – ela respondeu – Justamente por isso não entendi seu comentário.

Raphael sacudiu a cabeça, como se dizendo para que ela esquecesse o assunto. Levantou-se da cama e disse que iria dormir, que estava cansado, o dia tinha sido muito corrido. Sarah continuou observando seus movimentos enquanto ele tirava a colcha da cama, deitava-se ao seu lado e se cobria com um lençol.

- Você não vem deitar comigo? – chamou, pegando em sua mão sobre a cama.

- Não tô com sono. – disse Sarah, puxando a mão, e se levantando para sair do quarto antes que Raphael pudesse dizer qualquer outra coisa.

## 24

Sílvio Salvador assumiu a presidência alguns dias após o resultado das eleições. Tudo foi feito às pressas, como se todos estivessem desesperados para voltar a uma suposta normalidade no país. Sarah acabou achando por bem não tocar mais no assunto política com Raphael, pois percebera que era um tema delicado demais e que poderia levar a uma discussão da qual ela não sabia se estava disposta a participar. Tinham acabado de reatar o namoro, e se queria fazer isso dar certo, sabia que precisava se esforçar um pouco.

Ainda não tinha criado coragem de contar às amigas sobre isso, aliás. Mesmo vendo Ana no trabalho com frequência, sempre dava um jeito de disfarçar e dar respostas evasivas quando a amiga perguntava sobre o que aconteceu no dia em que ela fora entregar as coisas ao ex.

- Só entreguei tudo, ué, e ele agradeceu. Até quando você vai ficar perguntando a mesma coisa?

- Até eu não achar mais que você tá mentindo pra mim.

Sarah revirava os olhos e mudava de assunto.

Mariana nem mesmo soubera de nada disso. Estava totalmente focada em entender a situação política do país, agora que Salvador era o presidente. Tinha estreitado ainda mais sua relação com o partido do qual fazia parte e era quase impossível ter contato com ela, que vivia entre trabalho e a constante militância.

Elas só conseguiram se encontrar novamente no aniversário de Nicolas, o filho mais velho de Ana, que completava catorze anos. Victor tinha conseguido alugar um salão de festas cheio de jogos eletrônicos, o que Nicolas e seus colegas adoraram. Sarah chegou cedo e ajudou Ana na arrumação da festa, mas Mariana chegou quase na metade do evento, sozinha.

- Cadê a Lavínia? – perguntou Ana, assim que viu a amiga entrando na casa de festas. – Ela não veio?

Mariana fez que não com a cabeça.

- Não deu. – falou, muito séria – Eu vim de metrô mesmo.

Sarah estava brincando com o filho mais novo de Ana, José, em um dos brinquedos infantis do local, e quando o menino viu Mariana, foi correndo abraçá-la. Ela correspondeu ao carinho, dando um sorriso fraco e tentou também cumprimentar o aniversariante, mas Nicolas jogava videogame sem tirar os olhos da tela, cercado de colegas que comemoravam as melhores jogadas, e não deu atenção. Ana ameaçou chamar a atenção do menino, mas Mariana disse que não tinha problema. Sarah notou que a amiga estava estranha e perguntou se estava tudo bem.

Mariana suspirou e chamou as amigas para um canto mais afastado dos outros convidados.

- A Lavínia tá muito mal. – falou – Tendo crises de ansiedade direto. Ontem à noite foi horrível. Ela chorava sem parar, tremia, dizia que ia morrer.

Ana e Sarah demoraram alguns segundos para assimilar o que Mariana disse. Ana parecia não entender bem o que acontecia e Sarah se deu conta de que talvez ela não soubesse dessa parte da vida de Lavínia. Da primeira vez que Mariana comentara sobre o assunto estavam somente as duas, e Sarah nunca se sentira no direito de compartilhar essa conversa com ninguém, nem mesmo com Ana, por saber que essa era uma questão muito pessoal.

- Mas aconteceu alguma coisa pra ela ficar assim? – Sarah perguntou, dando uma olhada rápida para Ana, que continuava surpresa, mas ouvindo tudo calada.

Mariana olhou ao redor, e perguntou se havia algum lugar mais reservado onde elas pudessem conversar. Ana levou as duas até um pequeno quarto na parte de cima do salão. Depois que a porta foi fechada e as três se sentaram, Mariana começou seu relato.

- Aconteceram umas coisas no trabalho da Vi. – disse, referindo-se à namorada pelo apelido – Chegou um professor novo de Geografia no início desse ano, veio de outra escola porque brigou com a diretora e acabou indo parar lá. A Vi é muito prestativa, vocês sabem, e já quis ajudar o cara a se estabelecer, fez tudo que podia pra ele se sentir em casa... E tava até tudo bem, até que chegou uma aluna nova na escola há algumas semanas.

Sarah e Ana concordaram com a cabeça, para indicar que ouviam com atenção.

- A menina veio do Piauí, e a Vi disse que ela é um doce, mas muito tímida e fechada. Ela começou a tentar se aproximar dela, e aos poucos a menina tava se soltando, começando a se adaptar ao novo ambiente... Só que esse professor, que também dá aula pra garota, ele tem uma mania de ficar dando apelidos pros alunos. Ele diz que é o jeito dele, que os alunos gostam, e muitos não ligam mesmo. Mas a menina... – Mariana parou e sua expressão era de pura tristeza – Vi ficou sabendo que ele começou a implicar com ela, ficava repetindo as coisas que ela dizia, imitando o sotaque... Os colegas de sala começaram a gostar, e aos poucos a garota ficou conhecida como a “paraibinha” da escola. Quando ela foi chamar a atenção da turma, eles falaram que era só brincadeira e que até o professor Lopes fazia isso...

O celular de Ana tocou, e ela se apressou a desligar.

- É o Victor, deve estar me procurando. – disse ela – Mas depois eu falo com ele, pode continuar, Mari.

Mariana prosseguiu.

- Isso tudo mexeu muito com a Vi, e ela tentou conversar com o tal professor. Ele, claro, tentou se defender, e ela explicou que aquilo era uma forma de preconceito e tudo mais. O cara riu na cara dela, disse que não sabia que ela fazia parte dessa galera da militância chata, que achou que ela fosse mais inteligente que isso. Ela ainda insistiu, mas ele fez pouco caso e continuou agindo igual.

- Que babaca! – Sarah falou, indignada – E ninguém mais reclama desse cara?

Mariana deu de ombros.

- A Lavínia disse que alguns outros professores até falam mal do cara pelas costas, mas não enfrentam realmente. No fundo ela acha que tem gente que concorda. Alguns até acham graça do que ele diz. O pior é que como ele já viu que é assim, se sente no direito de fazer e falar o que quiser. Ele faz cada comentário preconceituoso que vocês nem imaginam. Outro dia mesmo humilhou um aluno que foi pedir ajuda pra Lavínia na sala dos professores com uma conta de pesos e medidas. O rapaz falou que o resultado do cálculo era “quatrocentas grammas” e tal do Lopes riu, chamou o menino de burro e perguntou se aquilo era uma conta ou um pedido de almoço.

Ana e Sarah estavam espantadas.

- E a direção? – perguntou Ana - Não fez nada?

- Parece que a diretora é do tipo que finge não ver esse tipo de coisa pra não criar confusão... E a situação continuou. A Lavínia foi ficando muito incomodada, e a ansiedade dela piorou muito. Ontem então, a coisa fugiu completamente do controle, depois do que aconteceu.

- O que, Mari? – perguntou Sarah, tensa. – O que foi que aconteceu?

- A aluna começou a se fechar, não conversava mais com ninguém, vivia calada. Lavínia chegou a falar com ela, perguntar como ela tava, mas ela só dizia que tava tudo bem, que não

ligava pro que tava acontecendo. Só que ontem chegou a notícia de que... Mariana parou, o olhar se enchendo de lágrimas. – a menina tentou suicídio.

- Meu Deus! – disse Ana, levando a mão ao peito.

- Ela tá bem. – Mari se apressou em dizer, tentando controlar as lágrimas – Foi socorrida a tempo, já tá fora de perigo, mas a Vi... a Vi desabou quando soube. Começou a se culpar, disse que tinha que ter feito alguma coisa a mais, que tinha que ter ajudado a menina. Ela tá péssima com tudo isso, péssima.

- Se alguém tem culpa nisso, é o idiota do professor. – disse Ana, enquanto passava a mão pelas costas de Mariana, tentando consolá-la – Vocês tinham que denunciar esse cara. Se com a diretora não adiantou, podiam tentar a secretaria de educação.

Mariana passou as mãos pelo rosto, secando as lágrimas.

- Eu não tive nem cabeça pra pensar nisso, Ana. Com a Vi do jeito que tá... Eu só quero que ela fique bem, que tudo isso passe.

As três ficaram em completo silêncio. Sarah olhava para Mariana, que encarava o chão. Não sabia o que dizer ou pensar diante de tudo que ouvira, mas mais uma vez vinham à sua mente todos comentários e vivências que experienciara nos últimos meses, causando novamente aquela sensação de medo, de preocupação, de completa impotência. O que estava acontecendo com as pessoas, afinal? Quando começaram a achar que podiam simplesmente fazer esse tipo de coisa?

O celular de Ana tocou novamente e ela pediu licença às amigas para atender. Falou algumas palavras com o marido, indicando onde estava, e desligou.

- Eu vou precisar descer, meninas. – disse, olhando para Mariana – Mas vocês podem ficar aqui, até você se sentir um pouco melhor, Mari. Eu sinto muito por tudo isso... Mas a Vi vai ficar bem, ela é forte e tem você.

Mariana deu um sorriso fraco e concordou com a cabeça. Ana saiu e Sarah fechou a porta novamente. Sentou-se ao lado da amiga e a abraçou, deixando que ela desabafasse e sentindo suas lágrimas molharem seu ombro e seus cabelos.

## 25

Conforme o tempo passava, era possível perceber que Sílvio Salvador começara a fazer mudanças no país, tão sutis que poderiam passar batidas por um observador desatento. Mariana enviava todos os dias para Sarah mensagens sobre novas decisões polêmicas do presidente, mas boa parte delas era desmentida pela assessoria de Salvador pouco tempo depois.

Aos poucos, Sarah foi reparando que isso parecia ser uma técnica bem dominada pelo político: ele e seus grupos de apoiadores lançavam comunicados não oficiais pelas redes sociais, que eram compartilhados em massa por militantes da oposição, como Mariana. Quando esses boatos já estavam disseminados como verdade, ele desmentia tudo, o que fazia com que a credibilidade nos partidos contrários a seu governo caísse diante do olhar da população. Sarah tentou avisar a amiga sobre essa estratégia, mas Mariana não ouviu. Andava preocupada com Lavínia, estressada, tensa. Sarah não podia culpá-la. As coisas não estavam fáceis.

O tal professor na escola da namorada continuava agindo exatamente da mesma forma, sem nenhum tipo de reprovação por suas atitudes. A aluna, depois de se recuperar totalmente do ocorrido, tinha saído da escola, e os pais dela fizeram uma reclamação à secretaria de educação.

Segundo Mariana contara às amigas depois, nada havia sido feito, apenas a recomendação de uma conversa com os estudantes sobre o ocorrido, para desestimular ocorrências similares.

A escola recebera, então, a visita de uma psicóloga indicada por um dos professores – por acaso, um dos mais próximos de Lopes -, que fizera uma palestra deplorável, alegando inclusive que a culpa do ocorrido era da família da menina, que não a ensinara a lidar com uma situação cotidiana. Depois disso, Lavínia não suportava mais ir trabalhar, e acabou tirando uma licença determinada por seu psiquiatra.

Com a amiga dividida entre trabalhar e cuidar da namorada, Sarah e Ana pensaram em visitar as duas, mas quando Mariana comentou sobre isso com Lavínia, a reação não foi boa. Não queria que ninguém além de Mariana a visse no estado em que se encontrava. Ambas respeitaram a decisão, mas se preocupavam e checavam com Mariana todos os dias como estavam as coisas.

- Ela tá controlando melhor os sintomas da ansiedade, só que voltou a tomar medicamentos fortes que mexem muito com o humor e têm alguns efeitos colaterais. – escreveu Mariana, em resposta à mensagem diária de Sarah. Ela desejou melhoras e reforçou, como sempre, que estava ali para o que a amiga precisasse.

Era final de semana, e Sarah estava sentada em sua cama, as costas apoiadas em um travesseiro na cabeceira, as pernas esticadas. Acabara de falar com Mariana e pensava em ler um livro para relaxar quando ouviu o barulho da porta do apartamento se abrindo. Raphael entrou e foi até o quarto. Depois de dar um beijo na namorada e se sentar ao seu lado, ele olhou o relógio de pulso.

- Ainda é muito cedo, você não vai dormir agora, né? – Ela fez que não com a cabeça e ele sorriu – Então se arruma, vamos jantar fora.

Sarah se surpreendeu com o pedido, mas tentou disfarçar.

- Hoje tô muito cansada, amor. – disse, o mais carinhosamente possível – Vamos pedir alguma coisa aqui mesmo, outro dia a gente...

Mas antes que pudesse terminar a frase, Raphael já se levantara da cama e a encarava, o rosto antes sorridente agora subitamente enfurecido.

- É sério isso, Sarah? Qual é o seu problema, hein?

Sarah tentou disfarçar, mas sabia do que ele estava falando. Já não era a primeira vez que ela se negava a sair com Raphael, e ele sabia bem o motivo: ela ainda não contara às amigas que eles tinham reatado o namoro. Essa situação o incomodava, não porque ele se preocupava com a opinião de Mariana e Ana, mas porque, por estarem mantendo segredo, Sarah nunca queria sair, pois tinha medo de encontrar pessoas conhecidas em algum lugar que fossem.

- Eu não aguento mais isso! – ele reclamava, de pé ao lado da cama – Qual a dificuldade de contar logo que a gente voltou?

- Nenhuma, eu... – Sarah hesitou, tentando achar uma boa resposta. – Eu só acho que ninguém tem nada a ver com a nossa vida, só isso. E outra, a gente combinou que ia tentar de novo com calma, sem essa pressão toda...

- Querer levar minha namorada pra jantar é pressão? – ele perguntou, rindo de modo sarcástico – Jura, Sarah?

Sarah evitou olhar nos olhos dele. A questão não era essa, mas ela não podia dizer a verdade que negava a si mesma. Ela tinha vergonha. Vergonha porque sabia que as amigas viam que aquele relacionamento não era ideal, vergonha porque ela fora dispensada por ele e depois aceitara voltar, ignorando o conselho das duas.

- Raphael, por favor. Eu só preciso de tempo, só isso que eu te peço. Você sabe como tá a vida da Mari, são muitos problemas, eu não tenho como agora tocar nesse assunto. E de qualquer forma, eu realmente queria ficar em casa hoje, segunda volto a trabalhar, preciso descansar e me preparar.

Raphael a ouvia sério, os braços cruzados sobre o peito.

- Você se acha muito, Sarah, mas é tão insegura que não faz nada sem o aval daquelas duas. E isso é ridículo. – ele saiu do quarto. Sarah o ouviu pegando as chaves e dando alguns passos antes de bater a porta do apartamento com força. Sentiu um aperto no peito e o medo de que ele não voltasse, de que tudo acabasse novamente. Ela não queria estar sozinha, não naquele momento, não com tantos medos e preocupações rodeando sua mente. Correu para a sala e saiu pela porta, descendo as escadas tão rápido que conseguiu chegar junto com o namorado ao hall de entrada do prédio.

- Raphael! – gritou, ao vê-lo abrindo o portão para sair. – Desculpa. Por favor.

Ele fechou o portão novamente e foi até ela.

- Eu vou falar com elas. – ela continuou - Hoje ainda, agora mesmo, eu te prometo.

- Vamos subir. – ele disse, um sorriso vitorioso no rosto. – Você tá descalça, reparou?

Sarah sorriu e eles pegaram o elevador de volta para o apartamento. Ao chegarem lá, ela pegou o celular no quarto e digitou a mensagem no grupo que tinha com as duas amigas: *Meninas, eu e Raphael voltamos. Depois conto os detalhes pra vocês.*

Ela mostrou e ele a tela do celular, que ele olhou e confirmou com a cabeça, aprovando. Viu que já havia uma resposta de Ana, um simples ponto de interrogação, e riu.

- Acho que elas não vão gostar muito dessa novidade. – disse, olhando para Sarah.

- Não ligo. – ela disse, jogando o celular no sofá. – Vou me arrumar pra gente sair.

Ele fez que não.

- Deixa. Você já me provou que não é influenciável como eu pensava. A gente sai outro dia, vamos ficar em casa hoje, eu peço alguma coisa pra gente comer.

\*\*\*

Mais tarde, depois de jantarem, Sarah foi recolher os pratos e talheres enquanto Raphael se sentava no sofá. Pensou em verificar o celular rapidamente para ver se havia mensagens das amigas, mas quando passou pela sala novamente algo chamou sua atenção na televisão ligada.

- O que essa menina tá fazendo aí? – perguntou, chegando mais perto do aparelho para ver melhor o rosto que aparecia em foco.

- É a nova ministra da Educação, acabou de ser nomeada. – disse Raphael. – Salvador tá mudando todo mundo, colocando uma galera nova. Até que isso é bom, viu...

Sarah arregalou os olhos, em choque. Não podia ser. Aquela menina, logo aquela menina, ministra da Educação? Ela mal tinha terminado a graduação, não tinha experiência alguma com ensino, e suas ideias eram tão... ultrapassadas. Exatamente como as de Salvador.

Raphael olhou para a namorada, sem entender por que ela estava parada daquela forma, olhando fixamente para a televisão.

- Que foi, Sarah? – perguntou. – Você conhece a garota?

Sarah fez que sim com a cabeça, mas não conseguiu dizer nada. Seus olhos continuavam focados na manchete logo abaixo da imagem da menina de vinte e poucos anos sorridente, ao



lado do presidente, acenando para os jornalistas: **IRIS D'ASQUAD ASSUME O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO.**

## 26

A primeira atitude comum de qualquer presidente ao chegar ao poder era fazer uma completa reformulação dos ministros de todas as áreas, o que Salvador ignorou. Parecia não ter pressa de se estabelecer, e foi substituindo os ministros de Djamila pouco a pouco. Pedro Feind fora o primeiro a ser indicado, como ministro da Justiça e Segurança Pública. Isso foi um choque para todos, mas em pouco tempo a situação ficou clara: Feind, na verdade, vinha apoiando Salvador secretamente desde o início das eleições. Ele não se manifestou para não causar um conflito de interesses, mas estava claro que, em troca de seu apoio, um cargo maior havia sido prometido a ele.

Os outros ministérios foram sendo preenchidos gradualmente. O Ministério da Educação ficara ainda por meses sob o comando de Gabriela Meireles, escolhida por Djamila desde seu primeiro mandato. A ministra, porém, não concordava com as ações indicadas por Salvador e todos sabiam que em breve ela também seria afastada do cargo para dar lugar a alguém de confiança do presidente. Sarah só não imaginava que essa pessoa seria Iris.

Chegou a se perguntar se ela já teria isso em mente quando a encontrou aquela primeira vez no congresso, quando ainda era uma estudante ou naquele dia do *shopping*. Não, não era possível. Como ela iria saber que tantas mudanças políticas iam acontecer, e que ela acabaria sendo chamada para o cargo? Ninguém poderia supor algo assim, a não ser que... Era melhor não pensar nessa possibilidade.

Quando aconteceu a primeira reunião do departamento de Linguística do semestre, logo na segunda seguinte, Sarah pode começar a ter um vislumbre do quanto essa nomeação afetaria sua vida e seu trabalho. Elson, além de repetir os avisos de sempre, anunciou uma mudança importante no cotidiano da universidade.

- A partir desse semestre vamos ser avaliados de uma forma diferenciada. Sempre tivemos que prestar contas do nosso trabalho, nossa carga horária, nossas produções. Mas a nova ministra acha que precisamos ser avaliados de uma forma mais... singular.

Todos os professores o encaravam, sem entender bem o que isso queria dizer. Ana quebrou o silêncio, perguntando o que passava na mente dos colegas.

- E o que isso significa?

Elson buscou as palavras por um momento.

- Eu sei tanto quanto vocês, pra ser sincero. – disse – Mas acho que vai ser algo como uma inspeção surpresa. Vez ou outra vão vir agentes do governo aqui, vão andar pela universidade, assistir algumas aulas, avaliar o andamento de tudo...

- Mas isso não existe. – disse Sarah – Tira totalmente nossa autonomia. O Joaquim não vai permitir isso, vai? – questionou, se referindo ao reitor, Joaquim Fontes.

- Se ele pudesse, não permitiria. – disse Elson – Mas tá na lei. Foi aprovada ontem e publicada hoje. Joaquim pode reclamar e questionar, mas não pode impedir que aconteça.

Os professores se olharam, incomodados.

- O que nos leva à próxima boa notícia de hoje... – continuou Elson, tentando aliviar um pouco a tensão com um pouco de ironia, sem sucesso – Joaquim recebeu uma prévia do que seria o novo planejamento de orçamento do governo. Vamos ter uma mudança gigante na concessão

de verbas pras universidades. Todos os projetos que formos desenvolver vão ter que passar pela aprovação de um comitê determinado pela ministra. O critério vai ser, principalmente, a relevância do projeto pra sociedade.

- Você quer dizer pro tipo de sociedade que eles querem, né? – Sarah questionou.

Elson deu de ombros.

- Isso não é nenhuma surpresa. – falou, desanimado – A gente já pode esperar que a cobrança em cima da gente seja grande, até porque, não sei se todo mundo aqui sabe, mas a nova ministra é da área de Letras também. Parece que na entrevista que ela deu logo que assumiu o cargo, disse que vai incentivar projetos voltados pro “aperfeiçoamento da Língua Portuguesa”. – ele fez as aspas com os dedos no ar – Resta saber o que exatamente ela acha que é isso.

Sarah olhou para Ana, que retribuiu o olhar de preocupação. Pelo que conhecia de Iris D’asquad, sabia bem o que ela queria dizer com aquilo, e sabia que os trabalhos que realizava em parceria com a amiga não se adequariam a esse critério.

- Demorou um pouco mais do que eu imaginava, mas agora é a hora de colocar em prática tudo que eu conversei com vocês no início do ano. Pelo nosso próprio bem. – ele passou os olhos por todos, demorando um pouco mais em Sarah – Agora, quanto aos horários...

Daniel levantou a mão, de repente, pedindo a palavra. Elson fez um sinal com a cabeça para que ele falasse.

- Antes de você passar os horários, Elson, eu quero voltar atrás na minha decisão. Não vou pegar outra turma de calouros.

- Como não? – questionou Elson, sem entender. – Já tava tudo combinado.

- Isso foi antes dessa novidade. Eu não escolhi dar aula pra esses adolescentes que acabaram de sair do ensino médio e não vou arriscar ter uma avaliação ruim por causa disso. Quero voltar a trabalhar com os alunos do terceiro período, como eu sempre fiz.

Elson levou a mão à cabeça, massageando as têmporas.

- Daniel, por favor, não me venha criar problema agora. Você sabe muito bem que Sarah é quem vai pegar a turma do terceiro período. – disse, olhando diretamente para o amigo – E você sabe muito bem o porquê.

Sarah se sentiu incomodada.

- Não vejo motivo pra não voltar a dar aula pros calouros, Elson. – falou ela – Faz até sentido, na verdade. O tal do Enzo deve estar agora no terceiro período, não? Acho que seria até bom que eu não me encontrasse com ele...

- Vocês querem me deixar maluco, é? – cortou Elson, pegando alguns papéis em sua pasta e jogando-os sobre a mesa – Os horários prontos, tudo organizado, e vocês me vêm com essa! Eu sinto muito pelos dois, mas não vou mudar nada. Não agora, em cima da hora e não com as cobranças que esse novo governo tá colocando sobre a minha cabeça. Cada um vai ter que aceitar seu destino e fazer o melhor possível, e no ano que vem a gente pensa em mudanças. Fui claro?

- Mas Elson, eu... – Daniel começou, mas Elson levantou a mão para que se calasse.

- Não tem o que discutir. Agora, cada um pega um papel com os horários e vamos só ver se tá todo mundo alocado corretamente.

Daniel o ignorou. Ao invés de pegar o papel sobre a mesa, levantou-se bruscamente, pegando sua bolsa que estava pendurada na cadeira e saindo da sala, batendo a porta. Elson suspirou. Aquele semestre não seria nada fácil.

## 27

Desde que soubera da nomeação de Iris e das mudanças que ela adotara, Sarah se sentia inquieta. Não conseguia entender como tudo estava chegando àquele ponto. Nem mesmo acreditava, ainda, que Salvador tivesse sido democraticamente eleito presidente do país. Onde as pessoas estavam com a cabeça? Lembrou-se vagamente da discussão que tivera com Mariana durante aquela viagem nas férias. Estava cada vez mais tentada a acreditar na ideia da amiga de que, sim, as pessoas sempre foram exatamente assim, mas se escondiam. Até que alguém apareceu e deu voz a elas. Alguém as representou, mostrou sua pior face e não foi impedido. Por quê? Como?

Claro, Salvador tivera ajudas. Muitas. Começando, é claro, pelos grandes empresários do país. Praticamente todos os maiores detentores de dinheiro do Brasil uniram-se em apoio ao tal candidato. Com mais tempo de tela nas plataformas, mais notícias com seu nome sendo veiculadas e mais divulgação nas redes sociais com o uso de grandes empresas especialistas em compartilhamento de informações em massa, foi fácil conseguir convencer uma parte da população de que ele era o mais indicado para o cargo, ou, ao menos de que sua concorrente não merecia confiança.

Grande parte das pessoas não votou em Sílvio, mas também não votou em candidato algum, deixando o caminho livre para que ele conquistasse o poder mesmo sem arrecadar números exorbitantes de eleitores. Sarah se sentia revoltada quando pensava nisso. Era como se a grande maioria da população brasileira tivesse resolvido incorporar Pôncio Pilatos e lavar as mãos, achando realmente que assim estaria eximida da culpa de colocar no poder um homem conservador, preconceituoso, ávido por poder.

Pensar sobre tudo isso fazia Sarah sentir dores de cabeça, mas ela ainda se pegava em diversos momentos do seu dia tentando identificar o ponto em que percebera que a situação do país estava começando a mudar. Teria sido ainda no ano anterior? Talvez antes? Era só uma impressão ou, lenta e gradualmente, as coisas vinham piorando, sem que as pessoas notassem, há mais tempo até do que ela imaginava? A tendência era que acreditasse que sim, mas ela fugia dessa resposta. Era terrível demais para ser afirmada assim.

Além de Sarah, todos no departamento de Linguística estavam apreensivos com as novidades sobre a tal avaliação e a concessão de verbas e questionavam Elson sobre como seria o trabalho na universidade com tantas limitações. O homem, que parecia tão perdido quanto os colegas, apenas dizia que estava em contato direto com Joaquim Fontes, o reitor da universidade, e que todos sempre tentariam fazer o melhor possível para que ninguém saísse prejudicado. Sarah sabia, porém, que isso era apenas uma forma de não desesperar os colegas. É claro que todos sairiam prejudicados. Por mais que o reitor tivesse uma gestão bastante organizada e democrática, havia coisas que ele simplesmente não podia fazer, porque fugiam da sua alçada. Além do mais, as reviravoltas no governo de Salvador não paravam, e cada dia passou a ser imprevisível. Nunca sabia que novidade Salvador traria, que bobagem falaria, que direito cortaria.

Talvez a única coisa pior para Sarah do que lidar com tudo isso era encarar Enzo em suas aulas. Desde que o semestre começara, cada aula parecia um suplício. Só havia uma turma de terceiro período de Linguística naquele ano, e estava sob a regência de Sarah. Enzo não tivera para onde fugir e, como ainda se sentisse ressentido pelo abaixo-assinado fracassado, resolveu usar de toda a sua disposição para incomodar a professora o quanto pudesse.

No dia em que uma mulher bastante desagradável de nome Dolores Garcia chegou à sua sala apresentando-se como representante do Ministério da Educação e se posicionou de pé ao lado da porta de entrada da sala com um *tablet* e uma caneta digital em mãos, ela deu graças aos céus por Enzo ter faltado. A avaliadora fez algumas anotações e Sarah chegou a questionar se teria acesso ao resultado dessa avaliação, mas recebeu da mulher apenas um olhar de desprezo.

Nas aulas seguintes, sempre que Enzo estava presente, o tormento de Sarah continuava. O rapaz questionava cada palavra que a professora dizia, sempre de forma a deixar claro em sua fala que não concordava com nada, mesmo que fossem questões já amplamente debatidas e aceitas pela comunidade científica. Sarah tentava não discutir para não ficar perdendo tempo de aula com bobagens, mas não sabia até quando conseguiria manter seu autocontrole diante das afrontas do estudante.

Era véspera do feriado de dia dos professores quando Sarah chegou à sala e a encontrou praticamente vazia. Apenas três meninas aguardavam para a aula. Ela estranhou, temendo ser mais uma tentativa de Enzo sabotar sua aula, mas quando perguntou a uma das meninas onde estavam os colegas, entendeu o motivo de tamanha ausência.

- Emendaram o feriadão. – disse a aluna, dando de ombros.

Sarah concordou com a cabeça e disse que esperaria um pouco mais, caso algum aluno ainda chegasse atrasado. Quando passaram quinze minutos do horário marcado para o início da aula, porém, ela se dirigiu às meninas.

- Acho que vamos ser só nós quatro hoje – falou – Mas não vou seguir com a matéria com a sala tão vazia. Então, acho que já podemos começar a discutir o trabalho final da disciplina. Eu passo os principais pontos e vocês tiram suas dúvidas, e podem até começar a se adiantar, o que acham?

As meninas concordaram e Sarah puxou uma das carteiras, sentando-se junto com as alunas. Começou a explicar o que pretendia com o trabalho, que era uma proposta de produção em grupo de vídeos explicativos sobre um dos tópicos abordados nas aulas. Elas poderiam escolher como seria esse vídeo, e as únicas exigências de Sarah eram a de que todos os integrantes participassem de alguma forma, e que, à parte, produzissem também um breve texto individual contando sobre a experiência de confecção desse trabalho e fazendo uma avaliação a respeito das aulas.

Quando terminava de explicar essa parte da avaliação, ouviu o barulho da porta da sala se abrindo. Era Enzo. Ele pareceu surpreso com a pouca quantidade de estudantes no local e ficou ainda um tempo parado na porta, como se decidindo o que fazer.

- Bom dia, Enzo. – disse Sarah, que mesmo com as provocações frequentes do aluno, ainda fazia um esforço para manter uma relação cordial. – Por que não senta aqui? – e apontou para uma cadeira vazia próxima a uma das meninas – Estou explicando sobre o trabalho final.

Enzo ignorou a fala de Sarah, sentando-se em uma cadeira mais ao fundo. Sarah suspirou. Ao menos estava fazendo sua parte. Continuou a explicação para as alunas e perguntou se elas tinham alguma dúvida. Quando as três disseram que não, avisou que deixaria o resto da aula para que elas pudessem começar a pensar no trabalho, e que estaria disponível para qualquer questão que pudesse surgir.

Sarah levantou-se e andou até onde Enzo estava sentado, fazendo mais um esforço para ser simpática.

- Chegou um pouco tarde hoje, hein? – disse ela, sorrindo – Aconteceu alguma coisa?

Enzo apenas a olhava, os braços cruzados.

- Meu motorista se atrasou. – ele disse.

- Entendo. – Sarah concordou, pensando no quanto aquele menino era privilegiado – E não vai querer saber sobre o trabalho final?

Ele deu de ombros.

- Pergunto depois para uma das meninas.

Sarah respirou fundo. Quando entrava em um embate com Enzo, sentia que estava diante de uma criança de ensino fundamental, e não de um adulto de vinte anos. Resolveu não insistir. Já estava fazendo mais do que a sua obrigação ao aturar o garoto na sala de aula, ao tentar sempre ser cordial e simpática sem que ele merecesse.

Elson frequentemente perguntava sobre a situação com o estudante, mais como que para verificar se Sarah estava se preservando do que por realmente estar interessado no desfecho da história. Sempre que ele perguntava, ela dizia a verdade: Enzo continuava sem gostar dela, provocando-a nas aulas, questionando de forma autoritária tudo que ela dizia, tentando desmerecer seu papel como professora. Elson apenas ouvia e concordava, sempre dando a mesma ordem disfarçada de conselho ao final: “Não liga pra isso, fica na sua que é melhor.”

Sarah seguia assim, pois sabia que nada do que dissesse mudaria a cabeça de Enzo, que já tinha decidido permanecer com suas verdades, não dando oportunidade para o novo. Virou as costas para o rapaz, voltando para sua mesa e pegando o *tablet* na bolsa para anotar as presenças dos poucos alunos. Viu de soslaio quando, depois de alguns minutos, Enzo se levantou e foi se sentar perto das meninas. Não resistiu a dar um pequeno sorriso discreto, apenas para si mesma. Embora o rapaz não gostasse dela, sabia que precisava fazer o necessário para ser aprovado, e isso era o mínimo.

Ela observou enquanto as alunas começavam a explicar a Enzo o que seria o trabalho final, mas logo voltou a atenção novamente para o *tablet*, aproveitando para verificar seu *e-mail*. Depois de avaliar o que havia de importante na caixa de entrada, viu uma notificação a respeito de uma notícia de última hora. O assunto: **“Salvador institui feriado nacional em homenagem à Língua Portuguesa. Veja outras mudanças aprovadas pelo presidente.”** Antes que pudesse clicar, porém, percebeu a presença de Enzo à sua frente, de pé.

- Alguma dúvida sobre o trabalho, Enzo? – perguntou.

O rapaz a encarava sério, com um ar de pura arrogância.

- Eu não quero fazer esse trabalho. – falou.

Sarah se surpreendeu com suas palavras. Parecia tão surreal e absurda a postura do rapaz que ela pensou ter ouvido errado.

- Como?

- Não quero fazer vídeo nenhum. – ele afirmou, cruzando os braços. – Isso nem é um trabalho de verdade. Não vamos ter provas? Uma escrita de artigo, algo assim?

Sarah respirou fundo antes de responder.

- Enzo, a avaliação de uma disciplina pode ser realizada de diversas formas. Desde uma prova ou um artigo, como você diz, até um vídeo ou qualquer outra produção intelectual ou artística. Fica a critério do professor definir o que vai ser feito. E eu defini assim.

Enzo não deu o braço a torcer.

- Pois eu não vou fazer nada disso.

- Então você vai ficar com nota zero. – respondeu Sarah, agora muito séria. – E caso não se lembre, essa seria a segunda avaliação que você faria, e o somatório das duas gera sua média. A primeira foi o seminário da semana passada. Eu ainda não dei as notas, mas mesmo que você

consiga pontuação máxima, a média de aprovação da universidade é 70%. Seria impossível ficar aprovado.

- Isso é totalmente injusto! – ele elevou a voz – Eu não sou obrigado a ficar gravando vídeo por aí.

Sarah levantou-se para ficar à altura do rosto do estudante.

- Nem você nem ninguém aqui é obrigado a absolutamente nada. Mas se não fizer a avaliação, vai ter que arcar com as consequências. O prazo de entrega do trabalho é daqui a um mês. Se até lá você não entregar nada, sinto muito, mas já sabe que vai precisar cumprir a prova final.

- Pois prefiro assim. – ele falou, encarando-a de igual para igual – Prefiro fazer uma prova, que é uma avaliação de verdade. Não essas porcarias que você passa.

As meninas que acompanhavam a discussão arregalaram os olhos, atentas. Sarah não conseguiu mais se controlar.

- Quem você pensa que é pra falar assim comigo, garoto? – falou, a voz baixa, mas firme. – Eu sou professora dessa instituição, e comecei a estudar aqui quando você ainda usava fralda. Tenho sido muito paciente com suas provocações, mas não vou aturar seu desrespeito. Se não quer fazer seus trabalhos, o problema é seu. Mas não pense que pode me ofender dentro da minha sala de aula.

Enzo ficou surpreso com a atitude da professora. Achou que, mais uma vez, ela apenas ouviria sem rebater, como estava acontecendo desde o início do semestre. Sarah, por sua vez, sabia que levaria uma chamada de Elson assim que ele ficasse sabendo dessa discussão, por mais razão que ela tivesse. Desde que a nova ministra mudara as regras, o chefe de departamento ficou ainda mais preocupado com problemas com alunos, com situações que pudessem manchar de alguma forma a imagem dos professores.

Mas Sarah não aguentava mais. Conseguiu ainda dar uma resposta educada, pensando bem as palavras para não extrapolar. Se fosse depender de sua vontade, provavelmente teria ofendido o rapaz.

- Isso não vai ficar assim. – disse Enzo, furioso – Eu vou fazer uma reclamação oficial com o reitor.

- Pode falar com quem quiser. – respondeu Sarah – Mas na minha aula e nas minhas avaliações, mando eu.

Ela e as alunas acompanharam os movimentos do rapaz pegando a mochila sobre a carteira onde estivera sentado, colocando-a nas costas e se dirigindo à porta. Antes de sair, porém, ele apontou um dedo para Sarah.

– Você vai cair, Sarah. E eu vou adorar ver isso acontecer.

## 28

Sabendo que a discussão recente com o estudante acabaria por chegar aos ouvidos de Elson de qualquer forma, Sarah aproveitou o horário de almoço para informá-lo sobre o ocorrido, enquanto comiam na cantina do andar de Letras.

- Sarah, Sarah... – Elson suspirou, parando subitamente de comer e pousando o garfo e a faca ao lado do prato. – Por que você foi dar papo pra esse garoto? Não sabe como ele é?

- Elson, eu não sou de ferro! – ela falou, também parando sua refeição – Você não aguentaria ficar dois minutos em sala de aula com ele, eu te garanto. Ele é desrespeitoso, arrogante, preconceituoso. É um verdadeiro...

- O quê? – ele perguntou, olhando pra ela.

- Ele é um verdadeiro imbecil. – ela falou em voz baixa para que só o companheiro de mesa pudesse ouvir – Eu sei que a gente não deve falar assim dos alunos, mas não tem palavra melhor pra descrever esse garoto!

Elson sacudiu a cabeça, preocupado.

- Eu te entendo, Sarah. Juro que te entendo. Também já tive alguns alunos assim, parece que todo semestre aparece um desse tipo só pra testar nossa paciência.

- Então você sabe bem como é difícil simplesmente não fazer ou dizer nada numa situação como essa. – ela disse, ao que ele concordou. – Tenho certeza de que se fosse outro no meu lugar, já teria surtado há muito tempo!

Elson pegou novamente o garfo, espetou em uma batata frita em seu prato e levou à boca. Enquanto mastigava, seu rosto se contraía, pensativo. Sarah também aproveitou para comer um pouco mais e olhou no relógio. Tinha uma reunião de orientação dali a quinze minutos e precisava correr com o almoço.

- Ele disse que vai falar com o reitor. – ela falou, no intuito de encerrar o assunto – Se ele realmente conseguir isso, pode deixar que eu me entendo com o Joaquim.

Elson continuou a comer em silêncio, ainda pensativo. Quando Sarah terminou o almoço e disse que iria para sua reunião, porém, ele fez um sinal com a mão para que esperasse.

- Sarah, por favor. Você vai precisar se controlar mais do que isso. – antes que ela pudesse contra-argumentar, ele continuou – Sim, eu sei que você tá certa. Sei mesmo. Juro que tô do seu lado, que concordo com você e que também teria vontade de jogar esse rapaz pela janela se ele fosse meu aluno. Mas Sarah, os tempos que estamos vivendo são difíceis. Eu já disse isso pra você no ano passado, mas agora a situação conseguiu ficar ainda pior. E eu... eu não quero que você seja prejudicada de modo algum.

Sarah o ouviu com atenção, mas não conseguia aceitar seu discurso. Já renunciara a muita coisa. Trocara suas turmas, tivera que aturar aquele maldito abaixo-assinado sendo divulgado pelas redes, vinha aguentando a presença insuportável de Enzo em suas aulas. Até que ponto ela precisaria se submeter a tudo isso apenas por medo? E medo de que, afinal? A universidade era o espaço da ciência, do conhecimento, da evolução. Não podia se sujeitar a um governo medíocre e conservador.

- Fica tranquilo, Elson – ela falou, já se levantando para sair – Na pior das hipóteses, eu conversei com o Joaquim e tudo vai se acertar. Ele vai entender a situação, e você sabe disso.

Elson não respondeu, e apenas a observou pegando sua bolsa e se dirigindo à sala do departamento, onde uma de suas orientandas da graduação a aguardava. Quando Sarah sumiu por entre os corredores, ele deixou escapar um suspiro carregado de preocupação.

- Eu queria ter essa sua confiança, Sarah. Realmente queria. – falou para si mesmo, antes de também se levantar e seguir para suas obrigações.

Os dias foram passando, e Sarah acabou até mesmo esquecendo de toda a situação com Enzo. Havia coisas mais importantes às quais ela deveria se dedicar, o final do ano se

aproximava, e o rapaz, contra todas as probabilidades, continuava frequentando suas aulas, mas agora totalmente quieto. Não participava, não falava, não provocava Sarah, não discutia. Embora de um modo geral essa não fosse a versão ideal de um estudante que Sarah preferisse, no caso dele, era melhor dessa forma.

Algumas semanas depois da discussão com Enzo, Raphael a convidou para comer uns petiscos em um bar famoso do centro. Era o primeiro feriado do dia da Língua Portuguesa, que havia sido determinado por Salvador. O local estava cheio, mas eles conseguiram uma mesa a um canto, de frente para uma das televisões gigantes que estavam instaladas em duas paredes.

- Ótimo – Raphael comemorou – Vou poder ver o jogo de hoje.

Sarah revirou os olhos sem que o namorado percebesse. Não gostava de futebol, e nem mesmo sabia que haveria jogo naquele dia. Pensou em perguntar a Raphael que times estariam jogando, apenas para jogar papo fora, mas imaginou que ele se empolgaria no assunto e ela não estava disposta a ouvir. Ele pediu uma cerveja e uma porção de batatas fritas ao garçom e ficou atento à televisão.

Quando seus pedidos chegaram à mesa, Sarah olhou de relance para o aparelho e viu que o jogo estava prestes a começar. Sabendo que Raphael ficaria vidrado na tela até que o último apito fosse dado pelo árbitro, ela pegou seu celular para passar o tempo.

- Não acredito! – Raphael exclamava de vez em quando, os olhos fixos na televisão – Que chance perdida!

Ele olhava para Sarah buscando compreensão e ela apenas sorria, sem nem mesmo se virar para o aparelho. Felizmente, ele já estava acostumado com isso e não se irritou.

- GOL! – gritou em determinado momento, assustando-a um pouco. – Você viu que beleza? – ele perguntou, mas não olhava para Sarah. Havia outras pessoas também atentas ao jogo no bar, e Raphael passou a direcionar seus comentários a elas, recebendo respostas bem mais efusivas do que Sarah poderia dar.

- Esse primeiro tempo foi bom. – ele agora falava com a namorada – Vou no banheiro antes de começar o segundo. Pede outra pra mim. – e apontou para a garrafa sobre a mesa.

Sarah concordou e assim que o namorado saiu fez um sinal para o garçom, indicando que queria mais uma cerveja. O homem concordou com a cabeça, mas pediu que ela esperasse enquanto pegava o celular no bolso e abaixava um pouco o volume da TV.

- O pessoal não gosta muito de ver o intervalo – falou, sorrindo para Sarah quando chegou com a cerveja na mesa. – É só propaganda, aí eu abaxo o volume e aumento de novo quando o jogo começa.

Sarah não entendeu bem por que o homem estava se explicando para ela, então apenas sorriu.

Serviu um pouco da cerveja em seu copo e olhou distraidamente para a televisão sem volume. Franziu a testa quando viu a imagem de Sílvio Salvador na tela, diante de um púlpito, cercado de jornalistas e de seus companheiros de governo, que o aplaudiam. Iris também estava lá, ao lado de outros ministros. Na parte de baixo da tela, o anúncio: ***Pronunciamento importante do Presidente da República.***

- Ei! – chamou Sarah, olhando para o garçom – Aumenta o volume de novo, por favor.

O homem olhou para a televisão, confuso, e voltou a olhar para Sarah.

- Por favor. – ela repetiu – Quero ouvir o que o presidente vai falar.

O homem deu de ombros e pegou o celular no bolso novamente, dessa vez aumentando o volume do aparelho.



Sílvio Salvador, assim como seus ministros, estava agora em posição de sentido, e o hino nacional começou a tocar. Quando a música acabou e o presidente começou a falar, Raphael voltou.

- O jogo já voltou? – perguntou, vendo que Sarah olhava para a televisão.

- Shiul – disse ela.

O namorado não gostou e resmungou, mas Sarah ignorou. Queria saber que pronunciamento era aquele, mas parecia ser a única no local interessada. As outras pessoas continuavam conversando e rindo alto, e ela acabou se levantando, chegando o mais próximo possível do aparelho para não perder nenhuma palavra do que seria dito. Após fazer os cumprimentos cordiais e agradecer aos jornalistas, Salvador começou seu discurso.

“Meus irmãos patriotas, que alegria comemorar o dia de hoje. O dia de um dos nossos bens mais preciosos, a nossa língua! A ideia foi da nossa ministra da educação, e eu não poderia deixar de concordar e aproveitar esse dia para comunicar a vocês tudo que temos feito para buscar um crescimento cada vez maior do nosso país. Estamos caminhando a passos largos para o futuro do Brasil. Um futuro claro, patriótico, com valores morais e respeito às tradições! Um futuro de felicidade e alegria para todos os brasileiros!”

Os ministros, que mais pareciam macacos de auditório, aplaudiram efusivamente. Salvador aguardou, sorridente, enquanto fazia gestos de falsa modéstia. Quando o som dos aplausos diminuiu, ele prosseguiu com sua fala.

“Antes de tudo, quero falar sobre algumas mentiras que nossos inimigos têm contado sobre nossos objetivos e ações. Desde sempre digo que nosso governo tem como meta principal e objetivo mais importante a valorização do povo brasileiro. Acreditamos que todos nessa terra devem ter oportunidade de trabalhar, de ganhar seu sustento, de viver com dignidade e felicidade.”

“Viemos de uma época obscura em que as pessoas insistiam em falar sobre preconceito, opressão, discriminação. Essas pessoas sabem muito bem que, usando essas palavras e falando sobre esses assuntos, fariam com que eles estivessem sempre presentes no nosso cotidiano. Era essa a sua forma de conseguir palanque, de colocar a sociedade sempre dividida, acusando um lado de ser opressor e o outro de ser oprimido. Por isso temos visto tanta discórdia, tanta tristeza, tantos problemas em nossos relacionamentos! Mas nós estamos empenhados em acabar com isso!”

“Desde que assumi a liderança dessa pátria, deixei claro a meus ministros e colegas que era preciso modificar a forma de lidar com esse tipo de coisa em nosso país. Não podemos deixar que grupos antipatrióticos destruam tudo de bom que já construímos, usando o poder da nossa língua para nos colocar uns contra os outros. Por isso, comunico a vocês a decisão de eliminar de todo e qualquer documento oficial as palavras preconceito, discriminação e opressão, que só trazem intriga e divisão entre nós. A partir de hoje, essas palavras estarão proibidas em nossas leis e em qualquer contexto que demonstre que seu objetivo é contribuir com militâncias vazias.”

Aplausos foram ouvidos novamente por parte dos ministros e de alguns dos presentes na coletiva. Salvador aguardou que eles cessassem para prosseguir.

“Precisamos seguir o que diz a Bíblia, meus irmãos! Esse livro, que tem sido tão desprezado por essa parte da população que insiste em falar sobre preconceitos a torto e a direito, nos mostra exatamente como devemos agir diante de situações de diversidade. Talvez todos aqui conheçam a famosa citação do evangelho de Mateus: ‘Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’. Vejam a beleza dessa frase! Ora, não podemos querer ser mais do que

aquilo que Deus nos designou. Não devemos lutar contra o que já está estabelecido, contra o que faz o mundo ser organizado e progredir. Foi esse o erro dos que vieram antes de nós, e não podemos deixar que se repita!”

“O Brasil será salvo pois hoje há um grupo na liderança de nossa pátria que busca seguir os preceitos da Bíblia, e que sabe muito bem compreender e aceitar os desígnios divinos. Sabemos que, por mais que alguns queiram negar, somos todos diferentes, e essas diferenças devem ser abraçadas, respeitadas. Mas se somos diferentes, não podemos ser tratados como iguais, e isso é uma lei divina! Por que mudar o que já foi determinado por Deus?”

“Qualquer observador atento vai notar que não é uma coincidência que os melhores cargos e empregos sempre foram e são até hoje, em sua maioria, ocupados por pessoas brancas. Não é o racismo, como dizem alguns, que faz com que empregadas domésticas, garis e seguranças sejam em sua maioria pessoas negras. É assim que está designado! Vejam a história do mundo!”

“Se Deus fez o homem e a mulher para serem um casal, não é a tal da homofobia que está dizendo que é errado. Quem vai contra o que já está designado por Deus sofrerá o castigo divino no momento certo. Se existe uma língua correta, dada a nós por nosso criador, como pode existir quem defenda a destruição dessa língua, insistindo que falares pobres e incultos devem ser respeitados? Isso vai contra o que é designado! Por que essa insistência em ir contra o que é correto, afinal?”

“Fomos dominados por muitos anos por ideias de igualdade plena, o que não existe e jamais existirá. Pois não adianta queremos dar a César o que é de Deus e vice-versa. Estamos finalmente a caminho de uma nação organizada, governada para uma maioria que pensa em conjunto e não para minorias diversas. Se cada um souber bem o seu lugar e se mantiver nele, poderemos todos viver bem e sem qualquer tipo de hostilidade entre o povo.”

“É assim que vamos reerguer essa nação. Sem apelar para acusações absurdas de preconceitos e opressões. Apenas cada um em seu lugar, pois ninguém deve almejar mais do que a si foi designado! Desse modo, nosso país crescerá e prosperará! Muito obrigado e um feliz dia da Língua Portuguesa a todos vocês!”

Após mais aplausos dos ministros, o pronunciamento terminou e o slogan do governo apareceu na tela. ***Um Brasil unificado, um governo para a maioria.*** Sarah, ainda atônita com tudo que ouvira, não se moveu nem mesmo quando o segundo tempo do jogo se iniciou.

- Sarah, sai da frente da televisão! – gritou Raphael.

Algumas outras pessoas no bar também reclamaram, tirando-a de seu transe. Ela voltou à mesa e se sentou. Raphael a olhava, ao mesmo tempo desconfiado e irritado.

- Você é maluca? Ficar na frente da televisão daquele jeito, eu hein. O que foi essa palhaçada?

Sarah não respondeu. Ao contrário, fez sua própria pergunta.

- Você não ouviu tudo que o Salvador disse?

Raphael deu de ombros.

- É a politicagem de sempre, não vou ficar perdendo tempo com isso. – falou. – Agora vê se sossega que eu quero ver o jogo.

Sarah se calou. Virou-se na cadeira e olhou as outras pessoas no bar. A bola já rolava em campo novamente e todos estavam mais uma vez vidrados no aparelho de televisão. Ninguém ali parecia ter sequer ouvido o discurso do presidente, muito menos compreendido tudo que se

escondia por trás daquelas palavras. Ela pensou nas amigas. Queria que Mariana e Ana estivessem ali.

Ainda enojada por tudo que Sílvio Salvador dissera e sentindo-se completamente sozinha em sua revolta no meio de todas aquelas pessoas, ela simplesmente cruzou os braços e ficou encarando um ponto fixo na mesa, remoendo em sua mente cada palavra que ouvira naquele pronunciamento.

### 30

- Ainda não entendo como quase ninguém achou absurdo o pronunciamento do Salvador. – Sarah disse às amigas naquele mesmo dia, à noite, enquanto conversavam em uma chamada de vídeo.

- Eu nem vi o que ele falou. – disse Ana, a voz cansada – Passei o dia resolvendo mil coisas em casa, as crianças não deram sossego...

- Mas você nem pesquisou, Ana? – era Mariana quem perguntava.

- Ai, Mari, eu procuro depois, entende meu lado também!

- Calma, gente. – disse Sarah, tentando apaziguar as coisas antes que uma discussão começasse – Ana, vou te mandar agora aqui o *link* de uma notícia com o discurso transcrito e você pode ler.

Sarah clicou algumas vezes sobre a tela e logo Ana sinalizava que tinha recebido a mensagem e que leria o conteúdo do discurso.

- E a Lavínia, Mari? – Sarah perguntou, enquanto esperavam Ana terminar a leitura – Como tá?

Mariana suspirou, claramente cansada.

- Bem melhor. A licença dela acaba no fim do ano e a gente tá tentando a transferência dela de escola. O tal professor continua lá fazendo e falando o que quer, a direção e os outros funcionários não fazem nada...

- É inacreditável. – disse Sarah. – Mas será que ela não conseguia uma vaga na sua escola mesmo?

- Talvez. – respondeu Mariana – Tem uma professora de matemática que tá pra sair do país e eu comentei com a minha diretora sobre a Lavínia, ela pediu pra ela ir lá conversar. Vamos ver. – e suspirou – Mas se precisar eu mudo de escola também, pra ficar junto com ela. Eu não suporto ver a Vi triste assim, e o que eu puder fazer pra ajudar ela a se sentir melhor, eu vou fazer.

Sarah ouvia tudo, concordando com a cabeça. Sofria pela amiga, por toda essa situação. E sofria mais ainda por saber que, pelo rumo que as coisas estavam tomando, situações como essa que Mariana e Lavínia estavam vivendo seriam cada vez mais comuns. Aquele discurso deixara isso bem claro...

- Meu Deus! – disse Ana, de repente – Ele disse mesmo tudo isso, Sarah?

- O Salvador? Disse. Eu vi o pronunciamento ao vivo. Não tem nada fora do contexto. Ele falou exatamente isso que você tá vendo aí.

Ana estava boquiaberta, mas logo sorriu um pouco.

- Ele não pode estar falando sério.

Mariana se irritou.

- Você acha que é tudo uma brincadeira, Ana? – ela elevou a voz e seu tom era ríspido - Não tá vendo a situação da aluna da Vi e do babaca do professor que quase fez a garota se matar?

Ana tirou o sorriso do rosto e tentou se explicar.

- Claro que eu vejo, Mari, não é que eu ache que seja brincadeira, mas... também não acho que a gente tem que levar tudo isso a sério. O tal Salvador é um idiota, fala bobagens o tempo inteiro, foi assim que ficou famoso. Se a gente for ficar se pegando em tudo que ele diz, vamos viver paranoicas...

- Ana, não é bem assim... – Sarah começou, mas foi interrompida por Mariana.

- Ana, eu queria muito viver nesse mundinho da imaginação em que você vive! É por causa de gente como você que chegamos a tudo isso. Porque nada é sério, tudo é brincadeira, tudo é bobagem, não vale a pena se preocupar, né? O que o Salvador quis dizer é exatamente o que ele disse: Ou a gente se adapta ao padrão ou a gente some. Entendeu, Ana? Some!

Ana escutou calada, mas sua expressão demonstrava que não tinha gostado nada da resposta agressiva de Mariana. Sarah olhava para a tela do celular, observando as duas amigas. Já fazia um tempo que os ânimos entre as duas estavam exaltados. Mariana não se conformava que Ana se mostrasse tão tranquila com toda a situação política do país, enquanto Ana insistia em pensar que Mariana sempre exagerava em tudo, criando preocupações maiores do que o necessário.

- Mariana, eu não tenho a sua vida. – Ana respondeu, muito séria – Eu tenho um trabalho que me suga, tenho duas crianças em casa que precisam de mim, um marido que trabalha até mais do que eu. Mal tenho tempo pra mim, pra dormir, pra descansar um pouco, pra ver um pouco de televisão. Hoje mesmo, você sabe como eu consegui estar aqui agora, falando com vocês? Victor levou as crianças pra tomar sorvete. Eu ia também, mas a Sarah disse que queria conversar com a gente, abri mão e fiquei aqui. Não tive tempo de ver pronunciamento nenhum, não tenho cabeça pra ficar acompanhando essas reviravoltas da política brasileira, eu tenho minha vida pra cuidar. Então, me desculpa se eu não sou militante de partido como você, se não dedico toda a minha vida a criar teorias da conspiração contra todo mundo, se eu faço algo mais do que ficar remoendo na minha mente tudo que pode dar errado e inventando paranoias só pra me distrair!

Sarah ficou em choque. Já presenciara discussões entre as amigas antes, mas Ana nunca tinha sido tão direta. Mariana apenas olhava para a câmera, como se encarando as duas amigas, muito séria. O silêncio começou a ficar constrangedor, e Sarah tentava pensar em algum assunto diferente que pudesse iniciar para diminuir a tensão, quando Mariana finalmente falou.

- Bom saber o que você pensa de verdade de mim, Ana. – disse, a mágoa expressa na voz – Agora, se me dão licença, vou voltar pra minha vida de desocupada.

Ana não disse nada.

- Mari, não, espera... – Sarah tentou contornar a situação.

- Deixa, Sarah. – disse Mariana – Depois a gente se fala.

Mariana saiu da chamada e Sarah encarou Ana pela tela, como se cobrando uma explicação.

- Que foi? – perguntou Ana, na defensiva.

- Você pegou pesado, né, Ana?

Ana suspirou.

- É, pode ser. Mas ela precisa acordar pra vida, Sarah. Não faz bem viver assim, nessa paranoia toda...

- Ana, para de dizer que ela é paranoica! Será que você não percebe que, de nós três, ela é quem mais vai sofrer com esse novo governo, com essas ideias todas? A Mari é negra, lésbica, professora de escola pública. É o alvo perfeito pro Salvador.

- Eu duvido que ele vá levar essas ideias adiante, Sarah...

- Pois eu não duvido de nada, Ana. Como ele mesmo disse no discurso, estamos caminhando a passos largos pro futuro, mas é um futuro muito estranho. Mesmo que só 10% do que ele falou vire realidade, já vai ser um retrocesso absurdo.

- Eles não vão deixar isso acontecer – disse Ana.

- Pelo amor de Deus, Ana, que eles? Os partidos de oposição? Os mesmos que protegeram Djamila? Os mesmos que permitiram que Salvador não só concorresse, mas também que fosse eleito? Ana, eu também tenho tentado até demais me convencer de que não é tudo isso, de que a gente tá exagerando na preocupação, mas... não sei, não. Tá tudo muito esquisito.

Ana ficou em silêncio por alguns segundos.

- Eu só acho que a Mari também tem que entender o meu lado. – disse, finalmente.

- É, mas você tem entendido o dela? – Sarah questionou.

Ana suspirou.

- Ok, Sarita, você venceu. Depois eu conversei com a Mari, e resolvi isso. Acho que fui um pouco dura com ela, sim.

Sarah concordou.

- Eu odeio quando vocês discutem. Eu fico sempre no meio.

Ana riu.

- Desculpa. É que eu e Mari somos muito diferentes.

- Nós três somos. – Sarah falou – Mas isso não quer dizer nada, não impede que a gente conviva, se respeite, se ame. Na verdade, é muito bom que a gente não seja igual. Quanto mais diversidade, melhor.

Ana fez que sim com a cabeça.

- É uma pena que nosso presidente não pense assim. – completou Sarah, com pesar.

As vozes dos filhos de Ana surgiram ao fundo da chamada, e ela precisou encerrar a conversa. Sarah se despediu da amiga e saiu do quarto, encontrando Raphael na sala.

- Finalmente acabou esse papo. Pensei que não ia sair mais do telefone. – ele disse, de modo implicante.

Sarah sorriu, sem jeito. Sem paciência para aguentar os comentários inconvenientes de Raphael, seguiu direto para o banheiro, onde entrou para tomar um banho e tentar, ao menos por alguns minutos, esquecer toda a loucura que estavam vivendo.

### 31

Na data marcada para a entrega dos trabalhos finais de sua disciplina, Sarah liberou os alunos da aula, combinando que enviassem os vídeos através de uma plataforma da universidade dedicada exclusivamente à interação entre estudantes e professores. Ela acompanhou as postagens durante todo o dia. Mesmo em casa, à noite, continuou visualizando o conteúdo de vez em quando, anotando em sua planilha os nomes dos alunos que tinham realizado a atividade.

Enzo foi o único a não entregar o trabalho. Sarah já esperava por isso, mas ainda assim se surpreendeu. Pelo que sabia, a tentativa do rapaz de entrar em contato direto com o reitor falhara

devido ao próprio protocolo da universidade. Qualquer reclamação a respeito de professores deveria ser encaminhada, primeiramente, ao chefe do departamento responsável pelo docente, nesse caso, Elson. A partir daí, e após um número considerável de memorandos e reuniões, a consulta ao reitor só seria necessária em um caso de extrema urgência.

Não haveria com o que se preocupar, afinal. Ao menos não até a semana seguinte, a primeira do mês de dezembro. Sarah chegou cedo à universidade, disposta a finalizar os lançamentos de suas notas e preparar a prova final – que seria somente para um aluno – quando viu uma movimentação estranha no portão principal. Havia jornalistas do lado de fora e um grupo grande composto por muitos estudantes e alguns professores, todos reunidos como que formando uma barragem que impedia alguém de entrar.

Sarah olhou de longe e viu Juliana e Daniel, professores de seu departamento, também observando a confusão. Quando se aproximou dos dois, pôde ouvir Daniel se despedindo rapidamente da colega e saindo antes que pudesse se encontrar com ela.

- O que tá acontecendo? – perguntou Sarah, observando as pessoas que pareciam exaltadas.

- Nosso reitor foi substituído. – Juliana falou, encarando Sarah – Você não viu as redes sociais da ministra da educação?

- Não... Mas... Como?

- Ela anunciou ontem que ia fazer algumas mudanças urgentes na gestão das universidades. E, pelo visto, começou bem rápido.

Sarah ficou boquiaberta, ainda olhando a multidão.

- O novo reitor tá ali fora tentando entrar – continuou Juliana – e o pessoal se reuniu pra impedir. - Mas se quer saber a minha opinião, acho que isso não adianta nada. Se ele quiser entrar, ele entra, é ele que manda agora.

Juliana virou as costas e saiu. Sarah olhou melhor para a pequena multidão e viu alguns de seus alunos de terceiro período ali.

- Professora! – uma das meninas a viu de longe e chamou, sorrindo. Sarah se aproximou.

- Que bom que você veio participar com a gente! Eles agora querem tomar nossa universidade, mas não vamos deixar! – Sarah notou que a menina estava bastante efusiva. - A UNIVERSIDADE É NOSSA! TRAGAM JOAQUIM DE VOLTA! – gritava, juntando-se ao coro do grupo.

Sarah conseguiu ver de longe o novo reitor tentando se desvencilhar do grupo, pedindo licença. Tentou reconhecê-lo, mas era um homem que ela nunca tinha visto antes. Os jornalistas presentes estavam adorando: fotografavam tudo e todos, e Sarah achou que fosse ficar cega com tantos flashes em seus olhos. O espetáculo, porém, não durou muito. Depois de algumas tentativas frustradas, o homem desistiu e, xingando, saiu do local. O grupo comemorou, dando gritos e aplaudindo quando o novo reitor entrou em seu carro para ir embora. Só então Sarah observou um pouco melhor as pessoas ali presentes e reparou com surpresa que era a única representante do corpo docente de Letras ali.

- Ele vai tentar voltar – disse a tal aluna, e só então Sarah lembrou o nome da menina – A gente precisa se organizar melhor. Não dá pra deixar correr frouxo.

Sarah a olhava com curiosidade, reparando que ela lhe lembrava alguém. “Mariana, é claro”, pensou, ao perceber o desejo daquela menina de lutar, de ser ouvida, de impedir retrocessos políticos. Sentiu orgulho dessa nova geração e ao mesmo tempo decepção por não ver esse mesmo furor em seus colegas de trabalho.

- Você tem toda razão, Giulia. – disse Sarah – Precisamos agir.

Após o fim do expediente daquele dia, Sarah e Ana faziam um lanche de fim de tarde em uma cafeteria próxima à universidade. Sarah contou à amiga o ocorrido da manhã, sugerindo que, diante de tudo que estava acontecendo, elas deveriam assumir uma posição e conduzir um movimento de resistência às mudanças do governo.

- Que ideia é essa, Sarah? - Ana quase se engasgou com o café que bebia. - Ficou maluca?

- Ué, por quê? Só porque eu acho que alguma coisa tem que ser feita sobre tudo isso?

- Não, não, nisso eu concordo com você. Só não sei de onde você tirou que nós é que temos que fazer! A gente é professora, não tem que se envolver nessas coisas de política!

Sarah revirou os olhos.

- Ana, tudo é político. Nossa vida, nosso trabalho, tudo que a gente ensina. Você esqueceu que o nosso principal objeto de estudo, a língua, é uma construção social e política, usada como instrumento de poder? E o nosso objetivo não é mostrar pras pessoas como essa ideia de existir certo e errado na língua só serve pra segregar, separar o joio do trigo e apontar quem merece ou não ser considerado alguém?

- Você tá parecendo a Mari falando.

- Mas ela tá certa. – insistiu Sarah - E eu tô cansada de ver as coisas acontecendo e ficar calada. Hoje cedo, quando o reitor novo tentou entrar, o grupo que impediu era quase todo de estudantes, e não tinha nenhum professor da nossa área. Por que isso? Por que a gente não toma nenhuma atitude?

- Porque eles não têm nada a perder, Sarah. – Ana respondeu, já nervosa. – Eles são jovens, tem a vida toda pela frente, não têm família pra cuidar. Agora vê se eu vou ficar indo pro meio da multidão gritar por mudança? Eu nem gosto desse tipo de coisa, você sabe.

Sarah suspirou.

- Eu entendo, Ana, mas acho um absurdo a gente ficar de plateia nisso. A gente devia ser exemplo pros nossos estudantes, ou são só eles que querem mudar alguma coisa nessa história? – ela disse, terminando seu café e começando a arrumar suas coisas para se levantar. – Se a gente fica calada, parece até que concorda com tudo.

Ana sacudiu a cabeça, desaprovando a fala da amiga, mas não disse mais nada. Apesar de conhecê-la bem e já esperar sua reação, Sarah ficara bastante decepcionada, por acreditar na possibilidade de que os últimos acontecimentos pudessem ter mexido com ela a ponto de fazê-la mudar de postura. Quando as duas saíram da cafeteria e Sarah já estava sozinha em seu carro, pensou em falar com Mariana, mas não sabia se deveria incomodar a amiga, que já estava tão cheia de problemas.

Como se imaginasse que a amiga estava pensando nela, Mariana ligou para Sarah, que atendeu através do sistema de som do carro conectado ao celular.

- Oi, Mari. Tudo bem?

- Agora bem melhor. – a voz animada de Mariana ecoou pelo automóvel, enquanto Sarah saía com o carro do estacionamento – A Lavínia conseguiu a transferência pra minha escola.

- Que ótimo! – disse Sarah - Fico muito feliz por ela!

- Eu também. – concordou Mariana – Acho que vai ser um novo começo pra ela, vai fazer bem. Mas e você, como tá?

Sarah pensou um pouco antes de responder. Queria contar à amiga tudo que passava pela sua cabeça e sabia que o histórico dela indicava que provavelmente adoraria sua ideia, mas diante

dos acontecimentos recentes na vida pessoal de Mariana, talvez achasse melhor não se envolver. De todo modo, achou melhor ser sincera.

- Tô bem, mas preocupada. Você ficou sabendo da troca do reitor lá da universidade? – perguntou, olhando para os lados antes de fazer uma curva.

- Sim, sim, eu vi nas notícias. Absurdo. Fiquei chocada, mas não surpresa, viu. Já espero o pior desse governo e dessa ministra.

- É... – Sarah se distraiu por um momento, a imagem que ela ainda não aceitava de Iris D'asquad como ministra da Educação vindo em sua mente – Um grupo se reuniu hoje de manhã e impediu ele de entrar. Você tinha que ver, Mari. Tinha alguns professores lá, mas nenhum da minha área, a maioria ali eram alunos, muitos meus. Isso me fez pensar que eu preciso fazer alguma coisa também.

- Hum... – Mariana apenas falou, esperando a amiga continuar.

- Eu fiquei pensando, e não sei bem como faria isso, mas queria criar um movimento. Algo voltado pra produzir manifestos, organizar protestos, buscar apoio... Enfim, deixar claro que não estamos contentes com o que tá acontecendo. Então... – Sarah buzinou quando um carro quase a fechou – Eu tive essa ideia, pensei até em um nome, mas preciso de ajuda. Pensei que a gente podia se unir nisso. Eu falo com os meus alunos, divulgo nas minhas redes, você chama quem tiver interessado, a gente prepara as coisas, combina tudo... Pode ser que não dê em nada, mas acho que vale tentar. O que você acha?

Sarah não podia ver, mas Mariana sorria.

- Acho que a discípula superou a mestra! – ela disse – Sério, eu adorei a ideia, Sarah. A galera do partido tá sempre fazendo manifestações desse tipo, mas sabe como é, nossa representatividade tá em baixa desde que o Salvador assumiu e fala de nós como um bando de demônios que querem acabar com o país. Um movimento desses vindo de uma pessoa como você vai fazer uma diferença muito grande nessa luta. E é claro que eu topo entrar nessa com você, se você não me chamasse eu ia até ficar ofendida. Além do mais, eu preciso voltar à ativa, agora que a Vi tá melhor. Quando vamos começar?

Sarah riu.

- Eu sabia que podia contar com você nisso, Mari. – e aproveitou o sinal fechado para pegar o celular e checar rapidamente o calendário – Será que a gente consegue se encontrar amanhã pra ver isso? Minha tarde tá toda livre.

Mariana demorou um pouco pra responder, mas confirmou.

- Tá ótimo. – falou – Quatro horas, pode ser?

- Combinado. – disse Sarah, arrancando com o carro novamente.

- Agora, só faltou você me dizer uma coisa – disse Mariana, um ar de curiosidade na voz – Que nome você pensou pra esse movimento?

Sarah ficou sem graça.

- Promete que não vai rir?

- Claro que não, né, Sarah!

- É que eu pensei em uma coisa simples, um nome que resumisse a nossa proposta e fizesse uma provocação, com uma palavra considerada um desvio da norma padrão...

- Fala logo, tô curiosa!

Sarah ficou em silêncio por alguns segundos, aumentando o suspense. Quando Mariana ameaçou desligar, ela riu e finalmente falou:

- Movimento Seje Livre.



Agora foi a vez de Mariana ficar em silêncio. Logo depois, Sarah pôde ouvir um barulho diferente na ligação, que então percebeu serem as palmas da amiga.

- Perfeito, Sarah. Perfeito.

### 32

Sarah e Mariana se encontraram no dia seguinte e combinaram tudo sobre o Seje Livre. O primeiro passo seria a produção de um manifesto que deixasse claro o objetivo do movimento, quais seriam suas lutas e os ideais em que se pautaria. Mariana ficou responsável por isso, já que tinha mais experiência nesse tipo de escrita. Sarah, por sua vez, comentou sobre a novidade com a aluna com quem conversara no dia da barreira contra o reitor. Giulia adorou a ideia e se voluntariou para espalhá-la entre colegas e conhecidos. O novo reitor, embora tivesse sido impedido de entrar na universidade nos primeiros dias, conseguiu finalmente acessar seu gabinete, fazendo uso de seguranças e um cordão de isolamento, o que fez com que os estudantes ficassem ainda mais efusivos e dispostos a se manifestar.

Faltando apenas duas semanas para o fim oficial do semestre, Sarah já tinha liberado seus alunos para as férias. Todos tinham sido aprovados, exceto Enzo, e era ele que Sarah aguardava naquela quinta-feira, em sua sala. Ela tinha preparado uma prova justa para o rapaz, que abrangia todo o conteúdo que viram no semestre.

Sarah chegou a pensar que Enzo pudesse não aparecer, talvez como uma forma de protesto, mas se enganou. No horário marcado, o rapaz chegou vestido de modo informal e sem nem mesmo uma mochila. Ele não a cumprimentou e se sentou em uma das carteiras, pegando uma caneta no bolso e cruzando os braços, como que aguardando. Sarah, que já estava cansada de tantas birras, simplesmente se levantou e entregou a ele a folha de papel que continha a avaliação final da disciplina.

Enzo encarou a folha, e Sarah conseguiu distinguir seu olhar de preocupação enquanto lia. Ao final, porém, ele pareceu surpreso.

- Aqui diz que a avaliação é com consulta. – falou.

- Sim. – disse Sarah, desviando a atenção do *tablet*, onde terminava de preparar o roteiro de um dos vídeos que gravaria.

- Mas eu não trouxe nada. – ele continuou, a voz entre a raiva e o desespero. – Eu não sabia.

- Eu avisei. – Sarah falou, tranquila – Na nossa última aula, quando terminei de dar as notas de todos, eu avisei que os alunos em prova final deviam trazer todos os seus materiais das aulas.

- Eu... – Enzo parou por uns segundos, tentando se lembrar dessa aula específica. Só então se deu conta de que sim, ouvira Sarah dar esse recado, mas interpretou como se ela estivesse somente querendo implicar com ele. Qual era a necessidade de levar todo o material se ele só ia fazer a prova? – Eu não me lembro disso. – mentiu.

- Sinto muito. – disse Sarah, sem na verdade sentir – Mas se você prestou atenção nas aulas, fez todas as atividades e participou das discussões propostas, tem total condição de fazer essa avaliação. – e olhando para o relógio – Você tem duas horas.

Enzo a encarou de forma tão odiosa que, se Sarah não tivesse abaixado a cabeça novamente para olhar o *tablet*, talvez tivesse se espantado. Ele voltou novamente a atenção para a

avaliação à sua frente, já começando a se sentir nervoso. Era *claro* que ele não tinha se dedicado como deveria àquelas aulas, e ela sabia disso. Ele odiava aquela professora, considerava bobagem tudo que ela dizia, e pensava que aquela mulher nem mesmo deveria estar ali, naquela posição.

“Maldito vídeo”, pensou ele, referindo-se ao último trabalho passado por Sarah, que ele se recusara a fazer. A culpa de tudo isso era dela, afinal. Desde o ano anterior, desde o primeiro período, já percebia que teria problemas com Sarah Ribeiro, e embora tivesse conseguido se livrar dela nos dois últimos semestres, finalmente chegara o momento em que, ele podia apostar, ela estava se regozijando por poder prejudicá-lo.

Ele não podia se deixar vencer assim. Ora, sempre fora inteligente e nunca precisara estudar muito para se dar bem em uma prova, mas era inteligente em matérias realmente importantes, e não nessa palhaçada que Sarah Ribeiro ensinava. Enzo olhava as questões sentindo a raiva subir pelo corpo. Ele achava que até conseguiria responder algumas delas, mas em sua mente tinha a certeza de que não importava o que fizesse, Sarah arrumaria um jeito de reprová-lo.

Sentiu-se em um impasse: independentemente do que fizesse, o resultado seria ter que refazer a matéria de Linguística III. Se de nada adiantava seu esforço, então, só lhe restava tomar uma decisão. Porque se fosse para cair nessa guerra, ao menos seria atirando.

Sarah dividia sua atenção entre o *tablet* e olhares de relance para Enzo, que já começara a escrever. Chegou a sentir um pouco de pena quando viu o rapaz chegar sem material algum, mas não tinha nenhuma culpa nisso. Ela avisara, e não só isso, mas vinha, desde o início do período, tentando de todas as formas manter uma relação minimamente cordial com ele. Foram as escolhas do próprio Enzo que o levaram a essa situação.

Se ele tivesse ao menos tentado fazer o tal vídeo que ela pedira, mesmo que não ficasse perfeito, ela poderia dar uma nota razoável, quem sabe negociar para que ele fizesse algum trabalho extra, caso ainda assim sua média ficasse baixa. Era assim que Sarah sempre agia, nunca tinha por intenção prejudicar nenhum estudante e tinha para si que a reprovação só era uma necessidade em casos muito extremos.

Após apenas cinco minutos em sala, Enzo se levantou e seguiu para a mesa de Sarah, jogando a folha da avaliação sobre ela de forma brusca. Sarah chamou sua atenção, mas ele a ignorou, seguindo para fora da sala e fazendo questão de bater a porta com força. Sarah suspirou, sentindo-se realmente exausta por ter que lidar com isso.

“Pelo menos acabou”, ela pensou, pegando a folha que estava sobre a mesa com a parte escrita para baixo. Ao virá-la, sua boca se abriu em completo choque. Imaginava que Enzo tivesse desistido, que tentara responder alguma das questões, mas vira não ter condição, deixando o resto em branco. Na folha, porém, o que havia era uma inscrição em letras maiúsculas, na diagonal, cortando toda a folha. Sarah precisou ler mais de uma vez para ter certeza de que via corretamente o que estava ali. Era inacreditável. Mas era real.

Sem pensar duas vezes, ela recolheu suas coisas e seguiu em direção ao departamento de Linguística, onde encontrou Elson tomando um café e revisando alguns documentos.

- Eu cheguei no meu limite! – ela disse, assim que entrou – Não aguento mais! Chega!

- Sarah, o que houve? Fica calma e...

- Calma? Olha isso e me diz se eu posso ficar calma! - falou, jogando a folha de Enzo por cima dos outros papéis sobre a mesa.

Ele pegou a folha à sua frente e leu o conteúdo. Não precisava nem mesmo perguntar quem fizera aquilo, pois era óbvio. Olhou para Sarah. Nunca a vira tão nervosa. Sabia que esse

era o momento em que ele deveria intervir e tentar acalmá-la, mas a verdade é que não havia como contornar aquela situação. O que Enzo fizera fora além do que ele jamais poderia imaginar.

- Nem tenta justificar isso, Elson. – Sarah disse, percebendo a hesitação do colega – Eu segui seus conselhos e já aturei muita coisa desse garoto. Mas isso eu não vou deixar passar.

Elson suspirou, colocando a folha sobre a mesa. Ainda não acreditava que o rapaz tivesse realmente escrito aquilo.

- Tudo bem. – falou, a voz calma – Mas preciso que você me conte exatamente o que aconteceu.

Sarah continuava exasperada.

- Não tem nada pra contar, Elson. Ele entrou na sala, olhou a prova, não ficou nem cinco minutos direito e me entregou isso. – ela apontou para o papel – Saiu da sala batendo a porta, eu não tive nem como falar nada. Elson, isso é de uma falta de respeito tão grande que eu não consigo nem expressar!

O chefe de departamento olhou mais uma vez para a frase em letras maiúsculas: “SUA MATÉRIA É UM LIXO”. Sabia que a intenção do rapaz era atacar Sarah pessoalmente e que ele conseguira seu intento ao desestabilizá-la, mas não podia ignorar que a situação fugira completamente do controle. Era preciso que o rapaz fosse punido.

- Eu vou resolver isso, você pode ter certeza. – falou, olhando-a diretamente nos olhos - Vou conversar pessoalmente com o novo reitor, apesar de não suportar aquele homem. Isso não vai ficar desse jeito. Eu só peço que você, por favor, se acalme.

Sarah concordou com a cabeça e sentou-se em uma das cadeiras próximas. Elson, pegou o papel sobre a mesa e o guardou em sua bolsa.

- Eu vi o seu manifesto, aliás. – ele disse, depois de alguns minutos de silêncio – Achei muito interessante.

Sarah, já mais calma, agradeceu.

- Não fui eu que escrevi, foi uma amiga. Mas obrigada.

Elson continuou olhando para ela, e Sarah sentiu que ele queria dizer algo mais.

- Que foi? – ela perguntou.

- Nada. – ele respondeu, levantando-se. – Quer um café?

- Não, obrigada. Vou só esperar a Ana pra descermos juntas.

Elson foi até uma mesinha em um canto da sala onde havia uma máquina de café. Pegou uma cápsula dentro de uma gaveta e colocou no local devido, posicionando sua caneca embaixo do bocal da cafeteira. Quando o líquido terminou de ser despejado na caneca, ele tomou um gole e virou-se para Sarah.

- Eu só penso que... – e parou, escolhendo bem as palavras – É um pouco arriscado, você não acha?

Sarah o encarou.

- Eu sabia que você diria algo assim. – falou, rindo um pouco.

- Então sabe que eu tenho razão. – ele estava sério. – As coisas não são mais como eram, Sarah.

- Exatamente. – ela concordou, observando enquanto ele se sentava novamente à sua frente – As coisas estão mudando, e não pra melhor. Se nada for feito agora, podemos nos arrepender no futuro.

Elson tomou mais um gole de seu café, o rosto vincado de preocupação.

- Eu tenho medo por você, Sarah. – disse, em tom carinhoso – Te conheço há tantos anos. Fui seu orientador em toda a sua carreira acadêmica. Sempre acreditei no seu potencial, sempre achei incrível a sua coragem, sua vontade de ser e fazer diferente. Mas diante do cenário que estamos vivendo... Não consigo deixar de me preocupar com você.

Sarah sorriu.

- Não tem por que se preocupar, Elson. Não tô fazendo nada de errado, muito pelo contrário: o direito de se manifestar é legítimo. É isso que garante que estamos em uma democracia. E com esse governo no poder, acredito que já passou da hora de lutarmos pra que essa democracia não se perca. Sei que você me entende, você sempre entendeu. Nunca foi de aceitar as coisas como eram, sempre questionou as regras da vida e do mundo acadêmico. Por isso a gente sempre se deu tão bem.

Elson riu, sacudindo a cabeça em afirmação.

- Você tem razão, mas isso foi antes. Agora já tô ficando velho, não tenho mais pique pra comprar esse tipo de briga.

Sarah deu de ombros.

- Mas alguém precisa comprar. Alguém precisa tomar a frente. E, modéstia à parte, acho que eu posso ser uma boa candidata pra isso.

- Você é perfeita pra isso. – ele disse, sério – E é por isso que eu me preocupo tanto.

### 33

- O “seje” é uma provocação. As pessoas dizem que é errado, que não tem regra, mas é bem o contrário. Pensa comigo: a maioria dos verbos que terminam em “er” ficam com esse “e” na fala quando são colocados nesse tempo verbal. Por exemplo, ninguém fala naturalmente “atenda o telefone”, “prenda o cabelo”, “esqueça isso”. É “atende o telefone”, “prende o cabelo”, “esquece isso” e ninguém considera erro. Aí chega no verbo “ser”, que é irregular, e inventam uma exceção. Quem usa o “seje” só segue a regra geral. Se é “atende”, “prende”, “esquece”, então também é “seje”. Não faz sentido?

Sarah ouvia de longe a explicação de sua aluna Giulia direcionada a um rapaz estudante de jornalismo. Era o sábado seguinte ao último dia do semestre letivo, e ela e Mariana estavam reunidas com alguns estudantes e simpatizantes da causa, diante da porta da universidade, preparando cartazes para iniciarem a primeira manifestação oficial do Movimento Seje Livre.

- Olha, pior que faz, viu. – respondeu o rapaz que conversava com Giulia – Mas quer dizer então que o que ensinam pra gente que é errado na verdade é mais certo do que a regra verdadeira?

- Pois é. – respondeu Giulia, sorrindo – Mas o objetivo é complicar mesmo, sabe? Só mais uma invenção pra segregar as pessoas. Sabe aquela história de que, quando a gente sabe as respostas, as perguntas mudam? É o que acontece com a língua. Sempre ficam inventando regras e exceções bizarras pra dizer que uma parte da população não sabe falar, é burra, é inferior.

- Então tem muito mais de social do que de linguístico nisso tudo, né? – perguntava o rapaz, curioso.

- Isso. – confirmou Giulia – Por isso não dá pra gente lutar contra os preconceitos e esquecer do linguístico. Ele também é social e tá diretamente ligado a questões de classe, ao racismo, à homofobia...

Sarah sorriu, enquanto terminava de contornar as letras da frase “SEJE LIVRE” em uma cartolina. Mariana a cutucou, provocando.

- Aposto que tá orgulhosa do seu trabalho, hein, Professora Doutora Sarah Ribeiro?

As duas riram e logo depois chamaram o grupo para se reunirem e iniciarem o evento. Distribuídos os cartazes, combinaram de realizar uma breve passeata, contornando o entorno da universidade, finalizando no mesmo lugar em que iniciaram. Todos concordaram, e Sarah e Mariana foram à frente, puxando palavras de ordem e animando os presentes. De modo geral, foi um protesto bastante tranquilo. Algumas pessoas que passaram pelo grupo, a pé ou de carro, mostraram apoio, aplaudindo e gritando coisas como “Fora Salvador!”. Outras, porém, gritaram ofensas, que as amigas trataram de indicar aos participantes que ignorassem.

Ao final, depois de aguardarem que todos fossem embora, Sarah e Mariana voltaram para o estacionamento da universidade e guardaram os cartazes enrolados no porta-malas do carro de Sarah, que ofereceu carona à amiga. Enquanto seguiam o caminho para a casa de Mariana, Sarah não pode deixar de observar que ela olhava constantemente o celular, digitando diversas mensagens seguidas.

- É a Lavínia. – disse, enquanto guardava o celular - Ela tá preocupada com essa coisa toda do movimento. Sabe que eu vivo participando de evento assim, mas não se acostuma. Ainda mais agora.

- Normal, né. – disse Sarah, atenta ao trânsito – Ela te ama, não quer que nada aconteça com você. Qualquer pessoa no lugar dela ficaria preocupada também.

- O Raphael fica? – disparou Mariana, mas logo se arrependeu da provocação quando viu a amiga entristecer a expressão.

- Acho que ele fica mais incomodado por eu não fazer o que ele quer do que preocupado comigo. – disse Sarah, desanimada.

Mariana não soube o que dizer.

- Eu sei que vocês ficam se perguntando por que a gente voltou. – disse Sarah, de repente. – Eu também me pergunto isso às vezes, mas não encontrei ainda uma resposta. Quer dizer, eu gosto dele, mas... – ela parou, sem saber como continuar. – É isso, eu gosto dele.

Sarah sorriu, mas Mariana percebeu que era apenas por nervosismo. Para fugir do clima que a menção a Raphael criou, ela buscou outro assunto para explorar.

- E aquela história da ofensa na prova, como ficou?

Não era um assunto muito agradável, mas Sarah ficou feliz quando Mariana o introduziu. Ao menos era melhor do que ficar tentando analisar sua situação com Raphael.

- Ele ficou reprovado na minha disciplina. – respondeu – E o Elson deu entrada nos trâmites necessários pra resolver a questão da ofensa na prova. Ainda não deram nenhuma resposta. Com as festas de fim de ano chegando, capaz de só decidirem no ano que vem.

Mariana concordou e elas seguiram em silêncio.

- Vejo você mais tarde? – Sarah perguntou, assim que deixou a amiga na porta de casa.

- Sou obrigada mesmo? - Mariana fez uma careta.

- Ah, Mari, para com isso! Eu sei que você e a Ana ainda não se entenderam muito bem, mas poxa, é nossa tradição pra encerrar o ano. A Ana fez questão de oferecer a casa dela, vai ser legal, todo mundo reunido. Não vai ser a mesma coisa sem você e a Lavínia.

- Tá bom, Sarita, tá bom. – ela disse, revirando os olhos - Eu vou. Mas só porque você que tá me pedindo.

No fim da tarde, as três amigas já se encontravam na sala da casa de Ana, comendo, bebendo e se divertindo. Victor também estava presente, e tentava puxar alguma conversa interessante com Raphael, sem sucesso. De vez em quando trocava olhares com a esposa, demonstrando o incômodo de ter que ser um bom anfitrião para aquele convidado específico. Ana riu, mas Sarah, distraída falando com Mariana, não percebeu. Elas observavam Lavínia, que ria e brincava com as crianças, José e Nicolas.

- Ela parece bem. – comentou Sarah, em voz baixa.

Mariana concordou.

- Ainda bem. – falou, bebendo um pouco de refrigerante de seu copo – Eu já não aguentava mais ver ela sofrendo daquele jeito.

- Ano que vem vai ser bem melhor pra ela. – dessa vez foi Ana quem falou, e tanto Sarah quanto Mariana se viraram para olhá-la. Essa era a primeira interação direta do dia entre as duas, e elas não se viam desde o dia da briga. Ana chegara a mandar uma mensagem de áudio para Mariana dizendo que tinha exagerado, que sentia muito. Mariana respondeu com um “ok”, que na verdade significava que ela ainda estava muito magoada.

- Acho que você tem razão, Ana. – disse Mariana – Só não se acostuma a ouvir isso que pode ser que eu nunca mais fale de novo.

Ana riu, entendendo que aquela brincadeira significava que a amiga lhe perdoara, e elas se abraçaram.

- Finalmente! – disse Sarah, levantando as mãos como em agradecimento – Eu odeio quando vocês ficam brigadas.

Mariana riu e deu um beijo no rosto de Sarah.

- Que bom que a gente tem você pra reunir a gente de novo.

- Eu amo vocês. – Sarah falou – Mas se brigarem assim de novo eu vou dar um tapa na cara de cada uma pra resolver tudo rapidinho.

As três amigas riam distraídas e mal perceberam quando Raphael se aproximou.

- Sarah, quero falar com você. – ele estava sério.

Sarah não queria deixar as amigas, mas sabia que não atender ao pedido de Raphael seria pior. Levantou-se pedindo licença e o seguiu até a cozinha.

- O que houve? – ela perguntou, sem entender o que ele poderia querer falar de tão importante.

- O que foi aquilo? – ele perguntou.

- O quê? – ela não entendeu.

- Não se faz de sonsa. Que coisa ridícula foi aquela?

- Raphael, eu não sei do que você tá falando. Se você me explicar, eu...

Ele levantou a mão para que ela se calasse.

- Tá, tanto faz. Vamos embora. – Sarah se surpreendeu ao perceber que não era uma pergunta e sim, uma ordem.

- Mas nós acabamos de chegar.

- Não interessa. Pega lá suas coisas, vamos embora.

Sarah quase obedeceu. Sempre que percebia que Raphael estava incomodado com algo ou nervoso, ela procurava evitar contrariá-lo, para não gerar uma briga. O que antes acontecia de vez em quando, porém, tornara-se rotina, e ela estava cansada de abrir mão de suas próprias vontades para agradar ao namorado. Respirou fundo antes de responder.

- Eu não quero ir.

Ele demorou alguns segundos para assimilar o que ouviu.

- Como é?

- Eu disse que não quero ir. – Sarah repetiu – Eu quero ficar aqui e aproveitar essa noite com as minhas amigas, com você. Eu sempre faço tudo pra te agradar, Raphael. Por favor, só hoje, você pode fazer isso por mim?

Raphael riu, o rosto em uma expressão de puro deboche.

- Você tá brincando, né? Faz tudo pra me agradar? Você é uma mentirosa ridícula, Sarah. Sou eu que faço todo o esforço nesse relacionamento. Se fosse por você, tudo já teria dado errado. E o pior é que você é tão burra que não percebe isso! Você se acha muito esperta porque é doutora e dá aula numa universidade, né? Mas você é só uma inútil. – ele apontou para a sala – Assim como aquelas duas.

Sarah ouviu as ofensas de Raphael em silêncio. Ela já estava acostumada a ouvi-lo falar desse jeito quando estava nervoso, ele sempre acabava exagerando e pedindo desculpas depois, e ela aceitava. Relacionamentos eram assim mesmo, ela sempre disse a si mesma. Ultimamente, porém, ela vinha cada vez mais reconsiderando essa ideia. E naquele momento, enquanto o namorado a xingava, ela pensou em Mariana e Lavínia, Ana e Victor, e até em mesmo seus pais, e a realidade que ela há tempos tentava não admitir a atingiu sem dó: relacionamentos *saudáveis* não eram assim.

- Vai ficar calada aí? – Raphael disse, agressivo, já se encaminhando para a saída da cozinha – Vamos logo.

- Não. – ela disse, enchendo-se de coragem e o encarando – Eu já disse que não quero ir, e não vou.

Raphael parou e voltou-se para Sarah. Seu olhar era de raiva.

- Pega suas coisas, Sarah. Você vai pra casa comigo.

- Não. – repetiu Sarah.

Ele suspirou.

- Vai querer se fazer de difícil agora? - Ele se aproximou dela, a olhando nos olhos. Sarah sentiu medo. – Você vai comigo querendo ou não, e em casa a gente vai ter uma conversinha. Agora me dá a chave do carro.

- Não. E acho melhor você ir pra sua casa hoje.

- Me dá logo essa chave, Sarah. – ele segurou nos braços dela, apertando-os.

- Não, Raphael! – ela respondeu, tentando falar baixo para não chamar a atenção das pessoas na sala – E me solta, você vai me machucar.

- Não vou soltar enquanto você não me der a chave! – Raphael, sem preocupação com os ouvintes do cômodo ao lado e sentindo a raiva consumi-lo, elevou a voz – Você não vai me sacanear, Sarah. Não vai mesmo.

Sarah sentiu a mão em seu braço apertar com mais força.

- Raphael, me larga! Olha o que você tá fazendo!

- Me dá a porcaria da chave! – ele gritou, puxando Sarah para mais perto – Agora!

- O que tá acontecendo aqui? – a voz de Victor invadiu o cômodo, e Raphael soltou os braços de Sarah, afastando-se dela. Mariana chegou logo atrás dele, e viu as marcas nos braços da amiga antes que ela mesma percebesse.

- Pronto! – Raphael falou – A intrometida chegou.

- O que houve, Sarah? – Mariana foi até Sarah, que estava com os olhos cheios de lágrimas – O que ele te fez?

- Raphael, o que... – Victor tentou falar.

- Cala a boca! – Raphael gritou, sem se preocupar em chamar atenção – Vocês não têm que se meter em nada disso. Isso é assunto meu e da Sarah.

- Não se você tava machucando ela! – Mariana agora também gritava. – Olha como tá o braço dela, Victor.

Victor chegou mais perto e viu as marcas em Sarah, que só conseguia chorar.

- Já tá na hora de você ir embora, Raphael. – falou, posicionando-se em frente a Sarah e a Mariana.

- E você acha mesmo que não é isso que eu quero? – falou Raphael – Eu só preciso que a Sarah me entregue a porcaria da chave do carro pra eu sair dessa casa idiota.

- Não! – disse Sarah, ainda chorando – O carro é meu...

- Você ouviu a Sarah. – Mariana falou, ainda próxima à amiga. – Dá seu jeito pra ir embora.

Raphael encarou Mariana.

- Você é muito intrometida, sabia? – falou – Por isso que o Salvador quer acabar com gente como você. Você acha que pode fazer o que quer só porque é preta e gosta de mulher, mas a verdade é que você é só mais uma imbecil que vive de migalhas dos outros. Não tá contente com a namoradinha doente mental e agora quer se dar bem em cima da minha mulher.

Mariana ouviu tudo tentando se controlar, mas não conseguiu quando ele fez referência a Lavínia. Sem pensar nas consequências, ela pulou sobre Raphael, acertando um soco em sua boca. Victor, já sabendo que o homem tentaria revidar, o segurou por trás, impedindo-o de acertar Mariana.

- Me solta! – Raphael gritou, enquanto tentava se desvencilhar de Victor – Me solta que eu vou matar essa vagabunda!

Sarah olhava a cena em choque, mas ao perceber que Victor não conseguiria segurá-lo por muito tempo, olhou para os lados, buscando algo que pudesse usar para defender os amigos. Seus olhos pousaram sobre uma grande faca que estava sobre a pia. Sem pensar muito, ela pegou o objeto, que apontou para Raphael.

- Você vai embora daqui, agora. – Sarah chorava, a mão que segurava a faca tremendo – Ou então eu juro por Deus, Raphael, eu não vou deixar você encostar um dedo nos meus amigos.

Raphael parou de se debater, surpreso com a decisão na voz de Sarah. Olhou para os lados, vendo que estava em desvantagem.

- Quem diria que você tinha alguma coragem, hein? – provocou - Tudo bem, Sarah. Eu vou embora. – Victor ainda o segurava, e ele repetiu. – Eu disse que vou embora, cara, me solta.

Sarah chamou Mariana, que se posicionou ao lado dela. Com a cabeça, fez um sinal para que Victor soltasse Raphael.

- Some daqui. – Sarah falou – E se você tentar aparecer na minha casa, eu chamo a polícia.

Raphael riu, debochando da situação.

- Se é assim que você quer... Ótimo. Mas quando você se ferrar, lembra que eu te avisei. Essa aí ainda vai te levar pro buraco. Vai indo na onda dela, fazendo movimento sei lá de quê, achando que a vida é essa palhaçada de vitimismo pra você ver o que vai acontecer. Alguma hora você vai se dar mal, Sarah.

- Cala a boca, Raphael. – Sarah falou, a faca ainda apontada para ele – Some logo daqui.



Raphael não disse mais nada e saiu pela porta da cozinha tranquilo, como se nada tivesse acontecido. Mariana correu a abraçar Sarah, que largou a faca e chorava compulsivamente. Victor o seguiu, e o viu entrando em um carro de aplicativo. Antes de ir embora, porém, ele abaixou o vidro da janela, olhou para Victor e falou:

- Eu espero que o Salvador acabe com a raça de vocês.

### 34

Depois que o clima do ambiente se tranquilizou, todos voltaram à sala, exceto Lavínia, que continuou no quarto com as crianças.

- Eu ouvi a confusão e subi correndo com os três. Desculpa não ficar lá com você, Sarah. Eu fiquei preocupada com...

- Tá tudo bem, Ana. – disse Sarah, já bem mais calma – Você fez certo. Eu que tenho que pedir desculpa. Eu não devia ter trazido aquele idiota pra cá.

Elas se abraçaram, e Mariana disse que subiria para checar se Lavínia estava bem. Preocupada que o agora ex-namorado da amiga pudesse tentar algo contra ela, Ana convidou Sarah a ficar em sua casa até tudo se acalmar. Sarah, embora ainda muito abalada, recusou, não querendo dar mais trabalho a ninguém.

– Não vai dar trabalho nenhum, Sarita. – disse Ana - A casa aqui é grande, dá pra todo mundo se encaixar, você não vai atrapalhar a gente em nada, né, Victor? – o marido concordou - E eu vou ficar mais tranquila sabendo que você não vai ficar sozinha no seu apartamento.

- Ela tem razão, Sarah. – disse Victor, o rosto expressando preocupação - Se você pelo menos aceitasse o meu conselho...

- Não, Victor, eu já falei que só quero esquecer tudo isso. Não vale a pena.

- Mas Sarah – agora era Ana quem falava – Você podia denunciar esse cara e...

- E eu vou alegar o quê? Que ele gritou comigo? Que ele segurou meu braço? Isso não é nada, não vai dar em nada.

- Sarah, ele pode querer te procurar. Você podia pedir pelo menos uma medida protetiva com base na Lei Maria da Penha. – insistiu o advogado. – A justiça tem andado um pouco mais lenta que o normal nos últimos tempos, mas eu posso ver isso pra você.

Sarah respirou fundo.

- Tá bom. Vê pra mim então o que eu tenho que fazer. – ela disse – Mas eu duvido que ele apareça de novo. E eu vou me cuidar. Assim que chegar em casa vou trocar a fechadura do meu apartamento e avisar meu porteiro pra não deixar ele subir. Satisfeitos?

O casal de amigos concordou, mas insistiu que Sarah dormisse lá ao menos naquela noite, o que ela aceitou. Depois que eles jantaram e Mariana e Lavínia foram embora, ela se acomodou no quarto de hóspedes, mas não conseguiu dormir. A lembrança dos acontecimentos recentes a assombrava, e as palavras que Raphael dissera ficavam rodando em sua mente: *“Vai indo na onda dela, fazendo movimento sei lá de quê, achando que a vida é essa palhaçada de vitimismo pra você ver o que vai acontecer. Alguma hora você vai se dar mal, Sarah.”*

No dia seguinte, Victor a acompanhou ao apartamento para fazer a troca da fechadura. Quando tudo estava resolvido, combinou que manteria contato frequente sobre o processo de solicitação da medida protetiva e pediu que ela ligasse caso precisasse de qualquer coisa. Sarah sorriu, agradecida.

Raphael não apareceu nem tentou qualquer contato com a ex-namorada nas semanas seguintes. Aos poucos, Sarah foi se sentindo mais segura, mas ainda havia algo que a deixava receosa: as mudanças políticas continuavam. Vendo que o tempo passava e que logo Mariana retornaria ao trabalho, ela disse à amiga que queria retomar o Movimento Seje Livre.

- Tem certeza disso, Sarah? – Mariana questionou, quando a amiga ligou falando sobre uma próxima manifestação. – A gente pode dar um tempo, com tudo que você passou...

- Não, Mari, você tá aumentando demais a situação. Tá tudo bem, eu tô bem. O Victor tá pedindo a medida protetiva, mas acho que nem vai precisar. Seguir com o movimento agora vai me fazer bem, e também é necessário. Você viu a última do Salvador?

Sílvio Salvador tinha anunciado em suas redes que estava prestes a conseguir a aprovação de uma lei que permitiria a demissão de funcionários públicos com base em resultados de avaliações realizadas por membros do governo. De acordo com essa proposta, qualquer servidor que não conseguisse atender às expectativas dos governantes no poder – fossem elas quais fossem – poderia ser exonerado de seu cargo e substituído por outro funcionário que, em último caso, poderia ser apenas contratado por tempo limitado para a função.

- Vi. Pode ser mentira, como várias outras coisas que ele solta assim. O problema é que muita gente tá apoiando. – disse Mariana, uma pontada de irritação em sua voz – Falam que vai ser um incentivo pra que a gente trabalhe mais.

- Porque não sabem como é a nossa realidade. – disse Sarah – Não têm ideia do que a gente faz, do tanto que trabalha, e pior ainda, não entendem que, se as coisas forem assim, os órgãos públicos vão acabar se enchendo de indicações dos políticos. Imagina o bando que ia entrar? De Iris D’asquad pra baixo. Aliás, a ideia da lei foi dela, você viu? – ela falava tão rápido que Mariana não tinha nem tempo para responder – Uma pessoa sem experiência alguma, sem conhecimento... Mas também não precisa. Pra ser parte desse governo é só apoiar os ideais absurdos do Salvador e tá dentro. O tal do Jouman D’asquad mesmo, fez tudo pra que ele fosse eleito, investiu uma grana nisso. Claro que tinha algum combinado nessa história. Igualzinho aconteceu com o Feind.

Quando Sarah terminou, Mariana sorriu.

- Você tá empolgada mesmo pra voltar, hein?

Sarah concordou com a cabeça, rindo.

- A gente precisa continuar o Movimento, Mari. E de verdade, tá tudo bem comigo, não precisa se preocupar. Eu vou me sentir pior se ficar trancada em casa sozinha, sem fazer nada. 2065 já começou, eu quero seguir em frente e não ficar me lamentando pelo que passou.

Mariana se convenceu e elas combinaram de anunciar a próxima manifestação para dali a duas semanas. Nesse meio tempo, Sarah produziu mais um vídeo sobre o movimento, convocando novos participantes e divulgando em suas redes. Foram muitas visualizações, compartilhamentos e comentários, alguns elogiando e declarando apoio à causa, mas muitos mais criticando. Apesar de estar acostumada a críticas, Sarah não pôde deixar de notar que o nível estava cada vez mais baixo, e que as pessoas a ofendiam sem nenhum pudor ou constrangimento. Isso fez com que ela lembrasse de Raphael e da frase que Enzo escrevera em sua prova.

Subitamente curiosa pelo desfecho do caso da prova do estudante, Sarah resolveu procurar Elson para saber se havia alguma novidade. Enviou um *e-mail* que foi respondido tão depressa que a surpreendeu. “Posso te ligar?”, era tudo que a mensagem dizia. Sarah nem mesmo se deu ao trabalho de responder, fazendo ela mesma a chamada de vídeo para falar com o colega de trabalho.

- Oi, Sarah. – Elson estava sério. – Eu pedi pra te ligar porque achei que era melhor do que falar por *e-mail*.

Sarah não estava entendendo a postura do colega.

- O que houve? – perguntou.

- O processo sobre o caso do Enzo se encerrou anteontem. Eu não ia te falar nada agora, ia esperar que a gente retornasse, não queria estragar suas férias.

Sarah suspirou. Isso só podia significar uma coisa.

- Não deu em nada, né?

- Na verdade... pior do que isso.

- Pior?

- O reitor deu razão ao garoto.

Sarah quase gritou.

- O quê?

- Calma, eu vou te explicar o que aconteceu e...

- E tem explicação?

Elson suspirou. Sentia-se fisicamente mal por ter que repassar essas notícias a Sarah, mas estava de mãos atadas. Fora chamado no gabinete do reitor dias antes apenas para ouvir da boca do próprio que tudo aquilo era uma grande perda de tempo. Quando questionou essa conclusão, o homem riu e disse:

- Você conhece essa Sarah, não conhece? Adora aparecer, tem todo o jeito de subversiva. Se é que essa história é verdade, eu aposto que ela provocou, com aquele papo todo de preconceito linguístico e sei lá o quê, e o garoto não levou o desaforo pra casa. Simples.

- O senhor não está entendendo, esse rapaz...

- Teve um ótimo desempenho até agora. Nunca nem tinha ficado em uma prova final. Um dos professores com quem eu conversei, um tal de Daniel, até elogiou o garoto. Vai querer me dizer que é coincidência ele se sair mal justamente na matéria dada pela Sarah Ribeiro? – o homem riu mais uma vez – Eu conheço a família do garoto, o pai dele é gente boa, não é qualquer um. Além do mais, na folha que você me mostrou não tem nada que prove que o menino escreveu isso. Eu não vou deixar que ele saia prejudicado. Ele vai ser aprovado.

Elson arregalou os olhos.

- Mas, senhor, o rapaz escreveu isso, eu tenho certeza.

- Você viu?

- Não, mas...

- Então não pode provar. – o homem sorriu.

Elson tentou ir por outro caminho.

- Tudo bem, senhor, mas de qualquer modo, ele não pode ser aprovado assim. Ele deixou a prova em branco e a Sarah como professora tem autonomia pra...

- *Tinha*. – o reitor o cortou – Ela *tinha* autonomia. Vê se eu posso deixar vocês fazendo o que querem? Eu não duvido nada que a própria Sarah tenha escrito isso e inventado essa história absurda. Gente como ela pode ser bem ordinária. – o homem recostou-se na grande cadeira em que estava sentado – Agora pode ir. Já lancei a aprovação do rapaz no sistema da universidade, o assunto foi encerrado.

Toda essa conversa passou na mente de Elson enquanto Sarah o encarava pela tela do celular em busca de respostas. Ele já tinha pensado bastante sobre o assunto e resolvera não

contar a ela os detalhes. Não adiantaria nada e somente a deixaria mais indignada com toda a situação.

- O que aconteceu foi que ele alegou que o rapaz tava nervoso com a prova e acabou fazendo aquela bobagem. – mentiu – Mas que avaliou o histórico dele, viu que era um bom estudante, e por isso não merecia sair prejudicado por um pequeno erro.

Sarah não sabia o que dizer. Era surreal o que estava ouvindo.

- O garoto... o Enzo foi aprovado. – continuou Elson – O próprio reitor disse que alteraria a situação dele no sistema. Pelo visto agora ele tem esse poder. Eu... eu sinto muito, Sarah. Juro que tô do seu lado, que se pudesse faria algo pra mudar essa situação, mas...

- Tudo bem, Elson. – disse ela, finalmente encontrando voz para falar – Eu sei que você fez tudo que pôde. Só não entendo como... como isso vai simplesmente ficar assim. No próximo semestre, que tipo de respeito eu vou ter desse garoto depois disso? É inacreditável.

- Você não vai dar aula pra ele de novo. – disse Elson, decidido – E não por causa dele, mas pra preservar você. Você não merece passar por isso. Eu vou dar meu jeito, você volta pros calouros se quiser, outra pessoa vai pegar Linguística IV, não se preocupa.

Sarah concordou, ainda um tanto incrédula. Lembrou-se do antigo reitor, e tinha certeza absoluta de que ele jamais deixaria uma situação desse tipo passar batida assim, como se não fosse nada. Esse novo reitor, Alexandre Reis, era só mais um fantoche de Sílvio Salvador e de seu governo, compactuando com tudo que eles acreditavam, e não se podia negar que Enzo era um perfeito representante dos jovens apoiadores desse mesmo governo. Resumindo, todos farinha do mesmo saco.

- Mas me diz, como você tá, Sarah? – perguntou Elson, e Sarah notou a preocupação em sua voz. Ela deu uma risada fraca antes de responder.

- Tô ótima, Elson. – disse, com ironia – Melhor impossível.

### 35

Embora estivesse preocupada e ainda em choque com tudo que havia acontecido nas últimas semanas, Sarah sentia-se esperançosa e empolgada com os rumos que o Movimento Seje Livre estava tomando. Com bastante aderência no meio virtual, a iniciativa criada por ela estava crescendo bem, e Sarah sentia orgulho em pensar que podia fazer alguma diferença diante da situação caótica em que cada vez mais o país se encontrava.

A cada dia surgiam notícias e novidades decepcionantes e assustadoras. Sarah se mantinha atenta a pronunciamentos oficiais não só do presidente, mas também de seus companheiros de governo. Alguns dias antes da manifestação do Seje Livre, Pedro Feind, ministro da Justiça e da Segurança Pública, anunciava que entraria em ação um novo grupo de operações especiais, os chamados Defensores da Ordem e do Progresso, ou DOPs. Esse grupo, segundo Feind, seria responsável por garantir a tranquilidade dos cidadãos de bem em relação à preservação dos valores morais e à proteção da ordem pública, garantindo assim o progresso do país.

Sarah e Mariana não entenderam muito bem o que isso queria dizer, mas, ao verem a sigla que os identificava, tiveram certeza de que não podia ser nada bom. Questionado por alguns jornalistas a respeito da relação entre o nome do novo grupo e o do órgão de repressão que fez parte, cem anos atrás, da ditadura militar, o presidente riu e desconversou:

- Foi só uma coincidência. A última coisa que a gente quer aqui é uma ditadura. Isso é coisa de comunista. Nosso maior valor é a liberdade, todo mundo sabe disso.

No dia marcado para a manifestação do Movimento, Sarah acordou cedo e foi buscar Mariana em casa para seguirem para a Praça Tiradentes, onde iniciariam o evento. Deixaram o carro em um estacionamento próximo e caminhavam até o local quando foram abordadas por um homem.

- Com licença. – ele disse, educado – Sabem me informar onde é o ponto de encontro do Seje Livre? Alguns amigos me convidaram, mas eu ainda não encontrei nenhum deles.

Mariana foi a primeira a responder.

- É ali na Praça Tiradentes. A gente tá indo pra lá, inclusive.

- Que ótimo. Posso acompanhar vocês?

As amigas se olharam e disseram que sim. No caminho, o homem começou a conversar com Sarah, dizendo que a conhecia de algum lugar, mas não se lembrava de onde.

- Ela é a Sarah Ribeiro. – disse Mariana, orgulhosa da amiga – Faz os vídeos na *internet*, fala sobre preconceito linguístico... Deve ser daí que você conhece.

O olhar do homem brilhou de satisfação.

- Isso! – disse, sorrindo – Nossa, é você, nem acredito! O movimento é seu, não é?

- Nosso. – disse Sarah, olhando para Mariana, que sorriu – Criamos juntas. É a nossa segunda manifestação.

- Que legal. – disse o homem, simpático. – Será que vai encher?

- Duvido. – respondeu Sarah, dando de ombros – Ainda tá no início, deve ter algumas pessoas novas, mas nada muito grande não. Com o tempo, quem sabe...

- Sarita, você é muito inteligente. – Mariana riu, cortando a amiga – Mas dessa vez você errou feio.

Sarah olhou para frente, só então notando as pessoas aglomeradas em frente à famosa estátua de Dom Pedro I. Alguns dos rostos ali presentes já eram conhecidos, como o grande grupo de estudantes da universidade e os membros do partido de Mariana, mas ela ficou boquiaberta ao perceber a quantidade de novos participantes. Jamais poderia imaginar que essa iniciativa pudesse crescer tanto em tão pouco tempo. Ainda olhava para o grupo reunido admirada, quando ouviu uma voz atrás de si chamando seu nome.

- Sarah! – a voz feminina gritava – Sarah!

Ela olhou para trás e sorriu.

- Giulia! Sabia que você viria. - As duas se abraçaram. – Lembra da Mariana, né?

Giulia fez que sim e cumprimentou Mariana.

- Vocês viram quanta gente tem ali? – a menina estava animada – Eu chamei alguns colegas, pedi pra divulgarem, e – ela parou, só então notando o homem que as acompanhava em silêncio. – Oi, desculpa. Prazer, Giulia. Sou aluna da Sarah. – e virando-se para Sarah – Esse é o seu namorado?

Sarah sentiu-se constrangida com a pergunta, mas o homem riu, fazendo que não com a cabeça.

- Só vim participar do movimento, e tive a sorte de encontrar logo as duas organizadoras. Mas agora vou tentar encontrar meus amigos. – e olhando para Sarah – Espero que a manifestação seja um sucesso. Com licença.

Sarah e Mariana se olharam, e Giulia continuou falando sobre como estava empolgada com o evento daquele dia. Quando ela viu alguns colegas chegando, pediu licença às duas e correu em direção a eles. Mariana aproveitou que estavam sozinhas para comentar.

- Bonito ele, hein?

Sarah se fez de desentendida.

- Quem?

- O cara que veio com a gente, quem mais? Acho que ele gostou de você. Pena que não falou o nome. Depois da manifestação você podia pegar o número dele e quem sabe...

Sarah riu.

- Tá maluca, Mariana? – retrucou, já se encaminhando para se reunir ao grupo que as aguardava. – Para de inventar ideia e vamos começar logo.

Após um primeiro momento de organização e planejamento do itinerário que fariam, Mariana – que carregava um megafone, já acostumada a eventos do tipo e sempre disposta a dizer algumas palavras – deu início à manifestação, fazendo um discurso sobre a importância da ação que eles estavam colocando em prática naquele momento. Falou sobre as decisões do governo que estavam prejudicando milhares de pessoas, sobre os preconceitos que Sílvia Salvador propagava, sobre como era preciso lutar para deixar claro que o povo estava atento e que ele não sairia impune.

Sarah, que estava ao lado de Mariana todo o tempo, concordava com cada palavra da amiga e observava com alegria a reação das pessoas ao que ela dizia: fosse com palmas, gritos de incentivo ou somente balançar de cabeça indicando concordância, todos pareciam aprovar o discurso. Sarah notou, embora sem muito interesse ou atenção, que havia pessoas registrando o momento com seus celulares, e isso a fez sorrir. O Movimento Seje Livre era bastante voltado para o meio virtual, então, era bom que estivessem registrando algo que depois poderia ser divulgado e atingir ainda mais pessoas. Quando Mariana disse as palavras finais – “*Que a gente não pare de lutar até que seja livre!*”, todos aplaudiram. A caminhada começou e o grupo seguia em direção à Avenida Presidente Vargas, com faixas e cartazes, gritos de palavras de ordem e músicas sendo entoados em uníssono.

Caminharam com destino à Assembleia Legislativa, onde pararam para que Mariana fizesse um novo discurso inflamado e mais pessoas ao redor pudessem ouvir suas reivindicações. A última parada do grupo seria na Cinelândia, e foi para lá que eles se dirigiram logo após os novos aplausos pela fala da professora. Sarah, embora também gostasse de se manifestar, sabia que a amiga tinha mais potência em sua fala do que ela, e, especialmente no momento, não se sentia animada para assumir a liderança do grupo.

- Você é incrível, Mari. – falou para a amiga, enquanto caminhavam. – Eu não conseguiria fazer um discurso melhor.

- Claro que conseguiria. – Mariana retrucou, sorrindo – E daqui pra frente, o megafone vai ser seu. Eu não mais me meter. Você criou tudo isso, Sarah. Se tem uma líder aqui, é você.

Sarah sorriu e olhou em volta enquanto caminhavam, novamente se surpreendendo com a quantidade de pessoas ali. Havia gente de todo tipo representando as minorias afetadas pelo governo de Salvador. Olhando aquelas pessoas, Sarah entendeu mais uma vez como era impossível pensar o preconceito linguístico separado das questões sociais. Ele fazia parte da sociedade e acabava por ser mais uma arma contra as minorias. Além da desqualificação pela cor da pele, pela classe social, pelo gênero ou pela orientação sexual, acrescentava-se a fala como mais

um meio de exclusão. Salvador sabia disso, e seu objetivo era acabar com esse problema da maneira mais sórdida possível: calando quem sofria essas opressões.

Se dependesse de Sarah e Mariana, porém, esse projeto de destruição não venceria. Elas sabiam que aquele grupo tinha tudo para crescer e que em breve o Movimento Seje Livre poderia se tornar algo muito maior. Uma centelha de esperança aquecia o coração das duas, que se abraçavam e seguiam juntas liderando aquela multidão de idealistas, assim como elas.

Tudo corria bem, até que, quase chegando ao destino final da passeata, na Praça Floriano, Cinelândia, Sarah e Mariana se surpreenderam ao encontrarem um grupo de cerca de vinte homens formados em fileira, como que para impedir a passagem dos manifestantes. A maioria dos participantes parou, sem saber o que fazer e alguns começaram a questionar a presença do grupo, recebendo em troca respostas grosseiras e ameaças de violência física. Sarah imediatamente identificou quem eram ao observar sua vestimenta: camisas na cor preta, as pequenas bandeiras do Brasil estampadas à esquerda na altura do peito, a sigla DOP no boné da mesma cor da camisa. Esse era o novo grupo criado por Pedro Feind. Ela olhou para Mariana com preocupação, e logo as duas assumiram a frente, se dirigindo ao que parecia ser o líder deles.

- Podem nos dar licença? – perguntou Sarah, tentando ser educada – Nós queremos passar.

- Aqui ninguém vai passar não, princesa. – disse o homem, os olhos duros e frios. – Acabou a festinha de vocês.

- Essa é uma manifestação legítima. – disse Mariana, se intrometendo na conversa – Temos o direito de...

- Cala a boca que eu não falei com você. – ele a cortou e voltou a se dirigir a Sarah – Tô sabendo que você que organizou essa zona. Falta de vergonha na cara, hein. A galera aí eu até entendo ficar fazendo arruaça, universitário é tudo maconheiro, adoram uma balbúrdia, mas e você? Já tem idade pra cuidar de filho, lavar uma louça.

- Nós somos professoras. – falou Sarah, com orgulho na voz – Seu pensamento é ridículo e preconceituoso. Faculdade não é nada disso que você tá pensando.

- Professoras? — o homem riu – Se vocês são professoras, como é que não sabem nem escrever? Olha isso! “Seje Livre”. – ele apontou para os cartazes e seus companheiros o acompanharam na risada – Vai me dizer que é isso que vocês ensinam pra esses estudantes? Por isso que essa geração tá cada vez mais burra!

Sarah começou a responder, mas Mariana a impediu.

- Nem perde seu tempo, Sarah. – disse - Eu duvido que ele vai entender o que a gente faz. Se tivesse capacidade pra isso, estaria aqui com a gente e não como um fantoche do governo.

A reação do homem foi tão rápida que nenhuma das duas podia ter previsto. Sarah somente viu a amiga levar um tapa e cair ao chão.

- Você é maluco?! – gritou, se ajoelhando para ajudar Mariana a se levantar. Sem pensar duas vezes, o homem a empurrou com o pé, fazendo com que caísse ao lado da amiga. Os manifestantes começaram a gritar, em revolta. Alguns dos outros homens do grupo já se preparavam para pegar suas armas, quando o líder os impediu, levantando a mão direita em sinal claro para que parassem. Sarah achou por um segundo que o homem pudesse ter caído em si e reavaliado sua ação, mas logo percebeu suas intenções.

- Arma de fogo não. Ainda não, pelo menos. Discrição, homens. Discrição. Podem começar a dispersar esses vagabundos.

Os homens concordaram e logo todos pegavam seus cassetetes, bombas de gás e *sprays* de pimenta e iniciavam uma repressão violenta contra os manifestantes. A maioria das pessoas, ao perceber o início da confusão, fugiu, correndo para as ruas ao entorno. Mariana e Sarah, já recuperadas da agressão, fizeram o mesmo, conseguindo se esconder atrás de alguns carros estacionados. Sarah olhava para os lados, preocupada. No meio da confusão, viu o líder dos DOPs puxando Giulia violentamente pelo braço, enquanto ela gritava em desespero. Sem pensar, se pôs a correr em direção à jovem.

- Deixa ela! – ela gritou para o DOP, que a ignorou e empurrou Giulia com força. Quando viu a menina cair ao chão, Sarah se atirou sobre o homem, fazendo-o perder o equilíbrio. Mariana, que vinha logo atrás, puxou Giulia e gritou para que ela corresse, o que a menina obedeceu, assustada. Quando olhou de volta para Sarah, viu a amiga ser puxada pelo cabelo e jogada ao chão. Em desespero, começou a olhar em volta, buscando algo que pudesse usar para se defender. A alguns metros de si, viu seu megafone, que ficara para trás na confusão. Ela conseguiu alcançá-lo no momento em que o homem acertava um chute na barriga de Sarah, que urrou de dor. Sem saber o que mais podia fazer, Mariana começou a gritar, usando o megafone para ampliar sua voz.

- MORTE AOS DOPS! MORTE A SALVADOR! VIVA DJAMILA!

A ação de Mariana surtiu efeito imediato. Os DOPs que ainda dispersavam a multidão se viraram para ela, enfurecidos. O líder deles foi o primeiro a seguir em sua direção, deixando Sarah de lado. Mariana correu, desaparecendo nas ruas próximas, enquanto os vinte homens a perseguiram. Sarah chegou a ouvir a voz da amiga no megafone, perceber a correria e os gritos da multidão, mas perdeu os sentidos assim que viu o rosto de Giulia à sua frente.

### 36

Os dias seguintes foram difíceis para Sarah. Ela não conseguia dormir ou comer direito e tentava ao máximo esquecer o que acontecera naquela manifestação, mas os pensamentos e o medo insistiam em voltar a todo o tempo. Se pudesse, pensava, apagaria tudo isso de sua história. Dormiria por horas o suficiente para compensar todo o cansaço que sentia e, ao acordar, tudo teria acabado. Sílvio Salvador, Movimento Seje Livre, DOPs: tudo iria embora. Imaginar isso acontecendo a deixava feliz, mas essa felicidade só durava alguns segundos, pois logo a realidade batia de volta. Não havia como escapar.

Já fazia uma semana que tudo acontecera, e Mariana não era vista desde então. Giulia conseguira levar Sarah para um hospital com ajuda de outros manifestantes, mas nenhum deles soube dizer o que havia acontecido com a amiga quando ela perguntou. Sarah não teve ferimentos graves e foi liberada no mesmo dia. Tentou ligar para Mariana, sem sucesso, e arriscou ir à casa dela. Quando Lavínia atendeu à porta e viu o estado de Sarah, ela não pode deixar de contar tudo.

A namorada de Mariana ouviu o relato de Sarah atentamente. Embora seu rosto estivesse calmo e controlado, suas mãos tremiam, indicando o nervosismo e a preocupação. Quando terminou, Sarah pegou as mãos dela nas suas e olhou em seus olhos.

- Vai ficar tudo bem, Lavínia. A Mariana sabe se virar, eu tenho certeza que ela conseguiu fugir e logo vai voltar ou entrar em contato com você. Acredita em mim.



Lavínia concordou, mas Sarah viu lágrimas rolarem de seus olhos. Não conseguia imaginar o sofrimento que ela estaria passando agora, e não conseguia deixar de se culpar por ter deixado Mariana sozinha, por não ter sido mais forte, por ter ficado apenas caída no chão enquanto a amiga fugia de vinte homens. Quando voltou para casa, caiu de joelhos ao chão, chorando e pedindo a todas as forças do universo que permitissem que ela estivesse certa. Mariana tinha que voltar.

Depois da primeira semana sem notícias, Lavínia começou a se desesperar e decidiu que era necessário registrar o desaparecimento da namorada. Sarah e Ana ainda tentavam acreditar que a amiga estivesse escondida em algum lugar, esperando que as coisas acalmassem, mas essa esperança se tornava cada vez mais fraca e não discutiram quando Lavínia comunicou a elas sua decisão.

Com ajuda de Victor, ela preencheu todo o formulário *online* para registrar o desaparecimento, anexando uma foto da namorada.

- Tem certeza que não precisa ir na delegacia, Victor? – ela perguntou, quando ele clicou para confirmar os dados e a mensagem de confirmação apareceu na tela.

- Não mais. – ele respondeu – Agora tudo é preenchido *online* e se precisarem de alguma informação a mais, entram em contato. Vai dar tudo certo, fica tranquila.

Mais tarde naquele dia, Sarah ligou para Ana e comunicou que decidira fazer algo para ajudar a encontrar Mariana.

- Eu só não aguento mais ficar parada esperando notícias. – ela disse à amiga – Vou começar a divulgar fotos, perguntar, correr atrás. Mas tenho certeza de que ela tá bem, você conhece a Mari, ela é muito esperta, sabe se cuidar.

- Sim, com certeza. - Ana concordou, mas Sarah notou que sua voz transparecia medo.

No mesmo dia separou uma foto de Mariana e divulgou acompanhada de um texto e de seu número de telefone. Ela o enviou para todos que conhecia pedindo que compartilhassem e fez o mesmo em suas redes sociais, incentivando seus seguidores a divulgarem o máximo que pudessem. Conforme o tempo passava, porém, nenhuma informação surgia, e, após dias de divulgação sem sucesso, Sarah resolveu procurar em hospitais e necrotérios. Não queria acreditar no pior, e não comentou nada disso com Lavínia ou Ana, mas sabia que precisava correr atrás do maior número de informações possível. Não encontrou nada, e seu coração era um misto de alívio e apreensão.

Todos os dias ela falava com Lavínia e fazia de tudo para ajudá-la a ficar calma e acreditar que tudo daria certo, mesmo que a própria Sarah já não acreditasse mais nisso. Ela passava seus dias e noites pensando no que realmente poderia ter acontecido à amiga, e cada vez mais uma ideia foi tomando conta do seu coração e de sua mente: a de que os DOPs tinham algo a ver com o sumiço de Mariana. Continuou divulgando seu desaparecimento e buscando informações, mas já começava a acreditar que tudo isso poderia ser em vão. Não conseguia parar de pensar onde Mariana poderia estar, o que teriam feito a ela, e principalmente, se a amiga voltaria.

Não teve coragem de contar sobre suas suspeitas para ninguém, guardando para si mesma os medos que sentia, os pesadelos que tinha todas as noites. Sempre que falava com qualquer pessoa, insistia no mantra de que Mariana devia estar escondida, de que logo voltaria, de que tudo voltaria ao normal. Todos concordavam com ela, mas no fundo sabiam que nada justificava o fato de que Mariana não dava notícias há quase um mês.

Já cansada de esperar e decidida a descobrir o que aconteceu, Sarah voltou à delegacia, dessa vez sozinha. Depois de insistir muito para falar diretamente com o delegado e esperar por

quase três horas, ela finalmente foi convidada a entrar no pequeno escritório destinado à autoridade máxima da delegacia.

- E então, querida, no que posso ajudar você? – o homem parecia solícito, embora a expressão no seu rosto fosse de cansaço e impaciência.

Sarah contou do desaparecimento da amiga, do registro já realizado na delegacia, das tentativas dela própria de buscar informações. Finalizou comentando sobre suas suspeitas de que os DOPs estivessem envolvidos nisso tudo. O delegado, que até então a ouvia um tanto quanto distraído, pareceu despertar com a parte final de seu relato.

- Opa, moça, parou aí. – disse, levantando as mãos - O que você tá dizendo é muito grave. Como assim você acha que eles sumiram com a sua amiga? Os DOPs são uma autoridade do governo.

- Eu entendo, mas...

- Mas nada, moça. Isso é absurdo. Aqueles são alguns dos melhores policiais da corporação, selecionados a dedo. Você não pode chegar aqui com uma acusação dessas. – ele sacudia a cabeça, sem acreditar no que ouvira – Os DOPs sequestrando mulheres histéricas... Que ideia ridícula!

- O senhor não tá entendendo! – Sarah insistiu, já nervosa – Eles me agrediram, e...

- Acho que quem não tá entendendo é você. – o delegado engrossou a voz, sério – Quem você pensa que é pra vir até aqui acusar membros da corporação de algo tão grave? E ainda por cima sem prova nenhuma! Eu podia até te prender por isso.

Sarah abaixou o tom.

- Me desculpa, senhor, mas eu só gostaria que fosse feita alguma investigação sobre isso, porque os DOPs são...

- Um grupo criado pelo nosso presidente pra nos ajudar a manter a ordem. - o homem completou - Eles sabem muito bem o que fazem e não vou admitir que o trabalho deles seja colocado sob suspeita só porque você inventou uma teoria da conspiração – ele se levantou e fez um sinal em direção à porta - Agora, se me der licença, eu tenho mais o que fazer.

Sarah não se moveu. Não podia desistir.

- Senhor, por favor, me escuta. Eu e minha amiga tivemos conflitos sérios com esses homens, e tudo que eu peço é que isso seja levado em consideração nessa situação. Eu tô desesperada, sem notícias há quase um mês. Se o senhor visse o que eles fizeram...

- Tenho certeza que eles só estavam fazendo o trabalho que foram designados pra fazer. Agora sai logo, antes que eu chame um dos policiais pra levar você pra fora.

Sarah se levantou, os olhos marejados, a garganta seca. Sentia como se o chão fosse desabar sob seus pés. Antes de sair pela porta, porém, ouviu a voz grave do delegado próxima a seu ouvido.

- E se quiser meu conselho, fica quietinha. Melhor não sair por aí falando essas coisas que falou aqui. Hoje eu quebrei seu galho, mas os caras do DOP, bom... eles não são tão legais quanto eu, entendeu?

Sim. Sarah tinha entendido. Aquele homem à sua frente sabia que o que ela dizia era verdade, mas não fazia nada para ajudá-la. A partir do momento em que saiu daquela delegacia, Sarah teve duas certezas: Mariana tinha sido levada pelos DOPs. Mariana nunca mais voltaria.

## 37

Sarah estava desolada desde que conversara com o delegado. Nenhuma notícia surgira sobre Mariana, e ela agora sabia o porquê. Era angustiante ficar sem saber o que aconteceu, e ela tentava não imaginar o que os homens do DOP poderiam ter feito à amiga. Sua única esperança era de que tudo isso fosse apenas para dar um susto, e que eles a libertassem em algum momento.

Lavínia, embora tentasse parecer bem, sucumbia aos poucos. Sarah procurava apoiá-la, e passava a maior parte de seu tempo livre com ela, tentando distraí-la e animá-la. Ultimamente, porém, isso já não era o suficiente. Quando Sarah disse a ela que precisaria retornar ao trabalho dali a alguns dias, Lavínia comunicou que tinha decidido se internar em uma clínica psiquiátrica.

- Eu não tô dizendo isso pra você me convencer do contrário, Sarah. – disse, quando Sarah tentou argumentar – Eu tenho consciência do que eu tenho sentido, e a cada dia mais eu perco a vontade de viver. Ficar sem a Mariana é... Eu não sei nem explicar. – as lágrimas caíam de seus olhos enquanto ela falava – Mas eu ainda tenho esperança que ela volte. E eu preciso estar aqui pra ela quando isso acontecer.

Sarah concordou e acompanhou Lavínia até o hospital.

- Se precisar de qualquer coisa é só mandar me chamar. – disse, ao deixá-la – Eu vou estar sempre disponível pra você, tudo bem?

\*\*\*

Sarah e Ana voltaram ao trabalho na universidade no dia seguinte, e descobriram que todos ali já sabiam sobre a criação movimento e o que acontecera com Mariana. Alguns cumprimentaram Sarah, elogiando sua coragem e tentando dar esperanças. Outros, pelas costas, faziam críticas e alegavam que Sarah ainda poderia vir a prejudicar a si mesma e a todos que estavam ao seu redor pela sua “grande necessidade de aparecer”. Elson chamou a atenção dos colegas, chegando a conversar com algum deles de forma mais dura. Via o quanto Sarah estava abalada e queria evitar que ela e Ana sofressem ainda mais.

Diferentemente de como aconteceu em semestres anteriores, os alunos não retornaram às aulas na primeira semana, por uma mudança no calendário letivo que ninguém compreendeu bem. Segundo o novo planejamento, esses primeiros dias seriam dedicados à “organização do quadro docente” dos departamentos. Elson, que realizara a primeira reunião geral de praxe com todos os colegas, também não tinha entendido os motivos para tal determinação, mas acreditava - ou ao menos foi isso que disse a todos - que era apenas uma mudança inofensiva, que visava proporcionar mais tempo para que eles pudessem se reunir e discutir os planejamentos do semestre.

Na sexta-feira, porém, Elson não apareceu para a reunião do dia, e ninguém sabia o que poderia ter acontecido. Ele convocara todos os docentes do departamento de Linguística para que estivessem presentes na universidade naquela tarde, mesmo aqueles que, devido à sua carga horária, não precisariam estar ali naquele dia e horário. Quando já passava do horário marcado por Elson em mais de uma hora, Ana olhou para Sarah, preocupada.

- Será que aconteceu alguma coisa? – perguntou, em voz baixa.

Sarah olhou ao redor, percebendo a mesma apreensão e dúvida no rosto dos outros colegas.

- Não faço ideia. Mas logo ele deve aparecer e explicar.

Como se Sarah tivesse adivinhado, cerca de cinco minutos depois a porta do departamento se abria e Elson entrava, a expressão séria, o olhar carregado de cansaço e preocupação.

- Mil desculpas pela demora. – falou, e caminhou até a grande mesa, mas não se sentou – Minha intenção era fazer uma reunião geral com vocês, mas o reitor quer fazer de outra forma. Estive até agora com ele tentando entrar em um consenso, e posso adiantar algumas informações pra vocês, mas vamos ter que ir até ele depois pra... bom, pra que ele diga o que tem pra dizer.

Sarah o olhava confusa. Que conversa estranha era aquela? Por que eles precisariam ir até o reitor? Antes que qualquer um dos docentes pudesse começar a questionar o que acontecia ali, Elson continuou a falar.

- Não vou me estender nem criar rodeios pra passar a vocês a nossa situação atual. Os motivos pro que vou explicar a vocês, eu também não sei bem. Só sei que tudo que vai acontecer são ordens do governo, especificamente da ministra da educação, Iris D'asquad.

Sarah teve náuseas ao ouvir esse nome.

- Vocês se lembram da avaliação do ano passado? Pois bem... Com base nesses resultados, a ministra achou por bem indicar que o reitor fizesse... algumas modificações dentro da universidade. A primeira delas diz respeito ao quadro de professores. E, bom, como o nosso departamento teve uma nota baixa, – ele olhou de relance para Sarah, mas logo disfarçou – isso significa que vão ser feitas algumas mudanças por aqui.

Elson se calou e todos continuaram atentos a ele, esperando que dissesse mais. Como ficou em silêncio, Daniel perguntou:

- E aí? É só isso? Que mudanças são essas? Como isso vai ser feito? Explica isso direito, Elson.

O chefe de departamento suspirou, passando a mão pelos cabelos e coçando a barba, seu típico sinal de nervosismo.

- Esses detalhes vão ser discutidos diretamente com o reitor. Desejo dele. Vou chamar vocês aos poucos pra me acompanharem até lá, então... – ele olhou novamente para Sarah, dessa vez sustentando o olhar por um pouco mais de tempo – Peço que a Sarah e a Ana venham comigo.

As duas amigas levaram um susto ao ouvirem seus nomes. Os outros docentes as encararam, sem entender. Daniel, embora também não soubesse o que acontecia, mantinha uma expressão de pouco caso, apenas para provocar.

- Venham comigo, por favor. – Elson repetiu. – O reitor está esperando. Quanto aos outros, peço que aguardem um pouco mais.

Sarah e Ana se levantaram e pegaram suas bolsas, saindo da sala em completo silêncio. Enquanto caminhavam, porém, Sarah não pôde deixar de questionar.

- Elson, o que tá acontecendo?

Elson continuou caminhando, as duas amigas logo atrás dele. Não disse nada até que chegaram à porta da sala do reitor. Depois de indicar que elas entrassem e informar que precisaria voltar para a sala do departamento, ele abaixou a cabeça e respirou fundo.

- Eu não pude fazer nada. – disse, o rosto carregado de tristeza – Eu sinto muito, muito mesmo.

## 38

Elson virou as costas e saiu antes que Ana e Sarah pudessem fazer mais perguntas. Elas se olharam aflitas.

- Sarah, eu tô com medo do que isso tudo significa. – Ana disse.

- Eu também. – respondeu Sarah, tentando imaginar mil possibilidades a respeito do que poderia acontecer naquela sala.

Elas entraram juntas e após aguardarem um pouco a pedido de uma secretária que elas nunca tinham visto antes, finalmente se viram sentadas diante do novo reitor da universidade. Branco, de olhos claros, vestido com um terno aparentemente feito sob medida e com idade e experiência inferiores ao que o cargo exigia, Alexandre Reis era a clara representação de um governo despreparado, preconceituoso e voltado para ideias de preservação do que consideravam ideal.

- Muito boa tarde, queridas. – disse, em tom de deboche, logo antes de indicar as cadeiras para que se sentassem. – Desejam alguma coisa? Chá, um café, uma água?

As duas recusaram e Sarah reparou que ele não tirava os olhos dela enquanto falava.

- Pois bem, permitam-me, então. – e logo após chamar a secretária – Por favor, traga-me uma xícara de café, sim?

A mulher concordou com a cabeça e sorriu, correndo a ir buscar o que o homem pediu.

- Agora, vamos tratar da situação de vocês duas. – Ele abriu uma das gavetas de sua escrivaninha e pegou uma pasta cheia de papéis, que começou a analisar. Sarah e Ana por um momento sentiram como se estivessem de novo na escola, sendo avaliadas pelo diretor depois de terem aprontado alguma.

- Vocês, além de bonitas, têm um currículo bastante extenso e interessante. – disse, os olhos ainda nos papéis – Seguiram na vida acadêmica de forma estável e sem interrupções. Passaram no mesmo concurso, entraram juntas pra trabalhar aqui. É um ótimo currículo, é preciso admitir, especialmente pra duas mulheres. – ele fechou a pasta e encarou Sarah novamente - O que, na verdade, é uma pena. Uma pena mesmo.

Antes que pudesse continuar, sua secretária voltou com o café e ele agradeceu, dispensando-a logo depois. Bebeu alguns goles e continuava encarando Sarah, que não sabia como agir. Deviam perguntar algo? Insistir para que continuasse a falar? Ela olhou rapidamente para Ana e percebeu que a amiga devia estar sentindo as mesmas coisas que ela. Após o que pareceram horas, Alexandre terminou seu café e voltou novamente sua atenção para as professoras.

- Vocês devem estar se perguntando o que fazem aqui, não é?

Sarah e Ana não responderam.

- Ora, por que estão tão caladas? Toda essa calma não me parece do feitio de vocês. Especialmente de você, Sarah.

- Como? – Sarah não resistiu a perguntar.

O reitor riu.

- Eu conheço você muito bem, Sarah Ribeiro. Estou acostumado com pessoas da sua laia. Sei que você gosta de causar confusão, reclamar de tudo, subverter as regras que foram criadas pra manter as tradições que fazem bem pra nossa sociedade. E é exatamente por isso que vocês estão aqui hoje.

Ele pegou a pasta que já tinha olhado antes e abriu novamente, dessa vez pegando um papel e colocando de frente para as duas, para que elas pudessem ver o que estava escrito. Sarah leu o título - “Avaliação Docente” - e na hora já soube do que se tratava.

- Vou ser bastante direto pra não perder mais o tempo de vocês e muito menos o meu. Sua avaliação não foi nada boa, Sarah. Como eu disse, já conhecíamos a sua reputação e sabíamos que algo assim era bem provável. Pra ser bastante sincero, a avaliação foi só uma questão de burocracia. Principalmente depois que você passou a se envolver em movimentos subversivos contra o governo, não poderíamos deixar que as coisas continuassem como estão.

Sarah o encarou confusa, sem entender a que ponto ele queria chegar com aquela conversa. Foi Ana quem perguntou.

- Desculpe, mas, o que isso tudo quer dizer?

Alexandre riu novamente antes de responder.

- Quer dizer que vocês duas não são mais docentes dessa universidade. A partir de amanhã, vocês estão oficialmente exoneradas.

- O quê? – Sarah olhou para Ana, como que esperando uma reação similar, mas ela parecia em choque.

- É exatamente o que você ouviu. As duas estão fora do quadro docente dessa universidade. Exoneradas de seus cargos públicos. Em outras palavras, demitidas.

- Mas isso é impossível. – disse Sarah - Nós temos direito a estabilidade funcional, já completamos nosso tempo de probatório.

- Estabilidade funcional? Minha querida, isso já não existe mais. Agora as regras são justas. Se você não faz o que deve fazer, tchau.

- Mas nós sempre cumprimos muito bem nosso trabalho! – Sarah agora elevava a voz, o choque sendo substituído pela raiva. – Isso não é justo!

O homem revirou os olhos.

- Não vai começar com seus shows, por favor. Sei bem que você adora uma manifestação pública, chamar a atenção é seu objetivo sempre, não é? Pois bem. Agora você vai fazer isso em outro lugar. Seu trabalho aqui estava se tornando só mais uma forma de doutrinar alunos e nós não vamos admitir isso.

Alexandre pegou um outro papel na pasta e entregou a Sarah.

- Isso aqui é a sua exoneração. Não precisa assinar nada, tudo já foi resolvido. – e voltando a atenção para a pasta novamente, pegando um segundo papel e entregando a Ana – E o mesmo vale pra você.

Ana, que ainda continuava em choque completo, os olhos marejados e a respiração ofegante, não discutiu. Sarah, porém, vendo a situação da amiga, não podia ficar calada.

- Por mais absurdo que isso seja, – ela falou, encarando Alexandre seriamente – eu consigo entender o problema de vocês comigo. Mas o que a Ana tem a ver com isso? Ela nunca participou de nada, é uma professora excelente e aposto que a avaliação dela foi boa.

- Sim, você tem razão. – o reitor concordou, um sorriso estampando o rosto – Não há nada a reclamar de sua amiga, exceto, é claro, o péssimo gosto pra amizades. E é como diz o ditado: “diga-me com quem andas...”

A injustiça que presenciava para si e para Ana e o deboche do reitor diante da situação fizeram Sarah perder o controle.

- Eu não vou aceitar isso! – Sarah se levantou, apontando o dedo para Alexandre. – Eu vou correr atrás dos meus direitos, dos nossos direitos e...

- Cala essa boca! – o homem se levantou também, encarando-a com olhos que transpareciam ódio – Eu estou cansado de gente como você. Comunistas nojentos. Você devia ficar agradecida que a única coisa que vai perder é o emprego, porque se dependesse de mim, pessoas como você perderiam muito mais.

Sarah engoliu em seco.

- Está me ameaçando?

O homem sentou-se novamente e pareceu pensar um pouco antes de responder.

- Só dando um conselho. Agora some daqui. E leva sua amiguinha inútil junto com você.

Sarah olhou para a amiga sem saber o que fazer ou dizer. Ana, parecendo finalmente ter se recuperado do choque levantou-se, pegou o papel da exoneração sobre a mesa e olhou muito séria para Alexandre.

- Meu marido é um advogado renomado. Isso não vai ficar assim. Vamos resolver isso na justiça.

O reitor as olhou por alguns segundos antes de responder. Sarah tinha certeza de que, se pudesse, ele as agrediria ali mesmo, tamanha era sua irritação por elas insistirem em enfrentá-lo.

- Pra uma doutora, até que você é bem burra. – ele disse, logo depois encarando as duas – Será que vocês não notaram que quem manda nesse país agora é o Salvador? Isso inclui essa universidade, todas as instituições, e até a justiça. As coisas mudaram, minhas queridas, nada mais é como era antes. E se vocês não estão dispostas a se adaptar, eu sinto muito, mas a alternativa não é nada agradável. Agora, vocês vão sair sozinhas ou vão querer que eu chame alguns DOPs pra mostrar o caminho? – ele sorriu – Soube que você é muito amiga deles, Sarah.

Sarah tremeu ao ouvir a referência aos homens que a agrediram e levaram Mariana. Elas saíram da sala, e antes que Sarah tivesse tempo de dizer qualquer coisa, Ana a abraçou e começou a chorar.

### 39

As semanas seguintes passaram lentamente para as amigas. Ana contara tudo a Victor, que, embora relutante, confirmou que a justiça andava cada vez mais lenta e muitas certezas agora se tornavam dúvidas. A medida protetiva que pedira para Sarah, por exemplo, continuava em processo, sem previsão de liberação. Não havia o que pudessem fazer. A lei que de fato permitia a exoneração de funcionários públicos com base em avaliações feitas por membros do governo foi a público no mesmo dia em que elas foram dispensadas da universidade, anunciada pelo próprio Sílvio Salvador durante um pronunciamento oficial. Havia alegria em seu olhar e em sua voz ao falar sobre isso. Ele parecia realmente acreditar estar mudando o país para melhor, estar fazendo a coisa certa, punindo aqueles que, na sua visão, não estavam realizando seu trabalho da forma como deveriam.

Sarah acompanhou o pronunciamento chorando de raiva. Uma ditadura se instaurava a olhos vistos e, de alguma forma, a população parecia não perceber ou não se importar. Ela pensava em como sua vida estava mudando, em como tudo parecia estar desabando pouco a pouco, e se perguntava se agira errado, se também deveria ter ficado calada, ter aceitado as coisas como são, por piores que fossem. Pensava em Mariana e em Ana e se sentia culpada: Mariana fora levada por culpa dela, Ana perdera o emprego por culpa dela. Até mesmo Lavínia estava internada naquele hospital por culpa dela.

Sentia que estragara tudo. Quem ela pensava que era, afinal, para querer enfrentar alguém como Salvador, que com o passar dos dias se tornava mais poderoso e mais forte, enquanto ela somente se enfraquecia e levava as pessoas que mais amava para o buraco junto com ela? Em uma última tentativa de ajudar a amiga, tentou procurar Elson para interceder pelo emprego de Ana, mas ele alegou que isso não era de sua competência. O que o reitor decidia, estava decidido.

O ex-chefe aproveitou para contar a ela como estava a situação no departamento: todos os professores da área de Letras deveriam agora se dedicar única e exclusivamente a promover ações que visassem ao aprimoramento da língua. Até mesmo aqueles que trabalhavam com Literatura – área que, segundo o novo presidente, era “inútil para a evolução do país” – precisariam se adaptar às novas regras. Além de Sarah e Ana, várias outras exonerações aconteceram, mas alguns conseguiram manter seus empregos com a promessa escrita de que mudariam completamente seu modo de trabalhar.

As amigas tentaram buscar vagas de emprego em universidades e escolas particulares, mas o governo havia disponibilizado uma lista com os nomes de todos que foram exonerados e os motivos, o que fez com que as duas fossem sempre descartadas em qualquer processo seletivo. Elas nunca sabiam se isso ocorria devido ao medo das instituições de encarar o governo ou por, pelo contrário, simpatizarem e concordarem com suas decisões.

Quando viu que não conseguiria nada em sua área, Ana acabou ficando no lugar da antiga secretária de Victor em seu escritório, uma forma que encontraram de economizar dinheiro e mantê-la ocupada. Sarah, por sua vez, não tinha qualquer previsão de conseguir um novo emprego, e se sustentava com o que tinha conseguido juntar para emergências nos últimos anos. Passava seus dias deprimida, jogada na cama ou no sofá e acompanhando o declínio cada vez maior de seu país e de sua vida.

Mariana estava desaparecida há três meses e as notícias na televisão continuavam anunciando mudanças absurdas promulgadas pelo governo de Sílvio Salvador, sem impedimentos. A oposição, que antes existia com certa força, havia desaparecido, e Sarah se perguntava se não havia acontecido com muitos deles o mesmo que acontecera com Mariana. A cada novo anúncio do presidente, Sarah recebia mensagens de pessoas diversas perguntando sobre quando o Movimento Seje Livre seria retomado e o que fariam dali em diante. Ela ignorava. Não teria coragem de colocar a si mesma e aos outros em perigo daquele jeito novamente, não agora que começava a entender o que acontecia.

Em um dia, porém, após beber um pouco mais do que o que estava acostumada, Sarah se surpreendeu ao ver Iris D’asquad na televisão diante de um púlpito, sorridente. Já esperando ouvir péssimas notícias, mas curiosa demais para ignorar, aumentou o volume do aparelho. Iris começou, anunciando que haveria mudanças em relação à educação básica.

- A partir do próximo ano, vamos implementar o ensino domiciliar em nosso país. As crianças passarão a ser ensinadas em casa, por seus tutores, pais ou responsáveis até completarem doze anos. Somente a partir dessa idade elas serão encaminhadas a instituições escolares, as quais se dividirão em dois tipos. O desempenho e, especialmente, o domínio da norma correta da língua de cada criança serão os fatores que determinarão para qual dos dois tipos de instituição ela será selecionada.

- Norma correta? – Sarah disse para a televisão, indignada – Ela agora inventa nomenclaturas também?

A segunda parte da fala de Iris, porém, foi o que mais mexeu com Sarah. Segundo ela, um projeto estava em curso para a criação de meios de aprimoramento da Língua Portuguesa no



Brasil. Algumas das ações discutidas eram a proibição do uso de palavras estrangeiras – uma vez que isso era antipatriótico – e o incentivo à valorização cada vez maior da norma correta – expressão que Iris fez questão de repetir.

- De acordo com nossos planos, nos próximos anos conseguiremos limpar da nossa língua todas as impurezas. Pra isso, realizaremos ações diversas que envolverão desde a punição àqueles que não usarem a língua corretamente até a exclusão dessas pessoas do convívio social, em caso de reincidência. Embora pareçam medidas drásticas, não podemos nunca nos esquecer de que, pra termos um jardim saudável, é preciso arrancar as ervas daninhas.

Assim que terminou seu discurso, a ministra foi aplaudida de pé, e Sarah começou a receber comentários e mensagens em suas redes sociais de pessoas tão indignadas quanto ela com o que fora dito. Desligou a televisão, pensou um pouco, olhou ao seu redor. Sua casa estava bagunçada, sua vida destruída, seus ideais destroçados. Não havia mais nada a perder, afinal. Já estava no inferno, não custava nada queimar um pouco mais. E foi com esse pensamento em mente que ela pegou sua câmera e começou a gravar.

## 40

Sarah respirou fundo assim que apertou o botão para encerrar a gravação. Colocara para fora tudo que estava engasgado naqueles dez minutos de vídeo, sem cortes, sem edições. Falara de Salvador, de Iris D'asquad, dos preconceitos, de Djamila, do Movimento Seje Livre, de Mariana, de Ana, de si mesma. Sentia que não podia mais ficar calada, ou explodiria. Precisava mostrar às pessoas o que estava acontecendo de verdade, precisava dizer a elas que ainda estava ali, embora sem forças para lutar. Antes que pudesse ter dúvidas, compartilhou o arquivo em suas redes, determinada a fazer com que cada vez mais pessoas tivessem acesso a tudo que ela tinha para dizer.

As reações e respostas não tardaram a se iniciar. Milhares de comentários e compartilhamentos foram feitos, e logo o vídeo circulava em peso pela *internet*. Sarah ficou surpresa ao ver que, em sua maioria, as pessoas se uniam à sua revolta, também espantadas com tudo que estava acontecendo. Em muitos casos, porém, havia aqueles que exaltavam o governo, alegando que Salvador estava transformando o Brasil, e que era preciso deixá-lo trabalhar em paz para ver os bons resultados no futuro. Muitos, ainda, acusavam Sarah de mentir e a ameaçavam, dizendo coisas horríveis.

Ao ver a grande repercussão da divulgação do vídeo, Sarah teve medo. Sem saber muito bem o que fazer, ligou para os pais, avisando que estava em um período de férias fora de época – depois pensaria melhor em como explicar isso – e passaria um tempo com eles em Goiás. Sentia que, além de ser um local mais seguro para se resguardar, precisava também fugir um pouco de tudo que estava acontecendo. Não avisou a ninguém. Precisava sumir por um tempo.

Sarah saiu do Rio de Janeiro no mesmo dia, conseguindo um voo de última hora para Goiás. Ao chegar, os pais a receberam sem perguntas, o que ela agradeceu mentalmente. O quanto menos falasse de tudo que vivera nos últimos tempos, melhor. Agora, ela pensava, só restava esperar que a poeira abaixasse. Alguma coisa teria que resultar da divulgação daquele vídeo. Agora as pessoas saberiam a verdade, e isso poderia inflar os ânimos, promover reações. Mariana talvez voltasse. O governo talvez caísse. Seu emprego talvez fosse restituído. Talvez. Essa era a palavra que mais se repetia em sua mente, e embora não garantisse nada, lhe dava uma

pontinha de esperança de que as coisas ainda poderiam voltar a ser como eram. Mas essa esperança morreu alguns dias após a chegada de Sarah à casa dos pais.

Era noite, e eles tinham acabado de jantar. Enquanto Sarah lavava a louça, os pais sentaram-se na sala de estar para ver um filme. Ela ouviu uma sirene musicada tocar, a mesma que tocou no dia da morte de Djamilá, e tremeu. O que poderia ter acontecido de tão urgente? Correu até a sala, curiosa.

Quando as primeiras imagens surgiram na tela, porém, seu sangue gelou. Na grande televisão de plasma que ocupava quase metade de uma das paredes do cômodo, viu seu próprio rosto em destaque. Enquanto o jornalista começava a passar as informações mais importantes da notícia, a legenda na parte inferior da tela já anunciava: ***EX-PROFESSORA UNIVERSITÁRIA É PROCURADA POR CONSPIRAÇÃO CONTRA O GOVERNO.***

#### 41

Os pais de Sarah estavam em choque ao ver a imagem da filha sendo divulgada como uma foragida. A mãe encarava a televisão boquiaberta e o pai perguntou se aquilo era alguma brincadeira, alternando o olhar entre a imagem na tela e a própria filha à sua frente.

Sarah não sabia como responder. Ainda não acreditava no que estava acontecendo e somente conseguia olhar para o aparelho, esperando que aquela imagem desaparecesse de repente e o apresentador do programa de notícias anunciasse que fora apenas um engano. Ela piscou muitas vezes, esperançosa, mas a imagem continuou na tela, e somente foi jogada para o lado, abrindo espaço para a imagem de um homem com o uniforme do DOP, que começou a falar. Sarah o reconheceu de imediato. Aquele era o líder do grupo, o homem que a agredira, que liderara a perseguição a Mariana.

- Essa mulher pode não parecer, mas é perigosa. – ele falava de modo muito sério e contido, bem diferente do tom que usava no dia da manifestação - Usa seu poder sobre os estudantes e incentiva que eles cometam atos transgressores e violentos. Tivemos problemas sérios com ela em uma das manifestações de seu grupo subversivo. Houve denúncias de que ela incentivou os participantes a carregarem armas brancas para ameaçar aqueles que se mostrassem contrários aos seus ideais. Pessoas como ela, com suas ideias subversivas e seu desejo claro de empobrecer nossa cultura através da língua, são responsáveis pelo declínio do nosso país. Não podemos deixar que essa mulher continue solta por aí, propagando ideias absurdas e tentando transformar o que é errado em certo. O Brasil já passou por momentos muito difíceis, e agora que estamos finalmente nos reerguendo, precisamos reprimir esse tipo de comportamento, antes que ele nos destrua. Por isso, se você, cidadão de bem e patriota, quer nos ajudar a melhorar o Brasil, entre em contato caso tenha visto ou saiba algo sobre essa mulher. Precisamos nos unir para acabar com mais essa ameaça de comunistas disfarçados tentando assumir o controle do país.

Sarah se perguntava se não estava no meio de um pesadelo. Todas aquelas mentiras e acusações absurdas, um discurso completamente delirante, e uma clara campanha de ódio e perseguição voltada a ela não poderiam ser verdade. Tentou se beliscar para ver se por acaso acordaria. Talvez estivesse ficando louca, mas não custava verificar. Nada. Era tudo real.

- Sarah, o que é tudo isso? – Sua mãe perguntou, aflita.

- Eu... – ela tentava articular as palavras – Eu não sei. - Sarah olhou novamente para a TV e sua imagem voltara a tomar conta de toda a tela acompanhada de um valor de recompensa por

sua captura. – É tudo mentira, eles querem acabar com a minha vida, querem destruir a democracia, eles...

- Eles quem, Sarah? Quem são eles? – perguntou a mãe.

- Eu... eu não sei bem. Os DOPs. O governo. Eu... eu não quis contar nada a vocês, eu não queria deixar vocês preocupados, mas... tem tanta coisa acontecendo, vocês não imaginam...

- Conta pra gente, filha. – O pai falou em um tom carinhoso – O que tá acontecendo com você?

Sarah respirou fundo e abaixou a cabeça.

- Eu não posso falar nada. Desculpa. Não é seguro pra vocês. Eu... eu preciso ir embora daqui o mais rápido possível.

- Mas filha, por que...

- Você viu, mãe. Eles estão atrás de mim. Eu não posso colocar vocês em risco. Preciso sair, preciso ir pra algum lugar, preciso...

- Sarah, calma. – o pai agora se levantava, indo diretamente à filha – Eu não faço ideia do que tá acontecendo, mas se você diz que tudo é mentira, não tem com o que se preocupar. Tudo vai se resolver, e se eles vierem até aqui, ótimo, vamos esclarecer tudo e...

- Não, pai, você não entende! Não funciona assim! Por favor, vocês precisam confiar em mim. O melhor que faço agora é ir embora. Eles não sabem que tô aqui, ninguém sabe, mas em algum momento podem acabar descobrindo e vindo atrás de mim. Eu vou procurar algum lugar, vou ficar bem.

O clima na sala era de pura tensão. Quando a notícia na televisão se encerrou e o filme voltou a ser exibido, o pai de Sarah desligou o aparelho.

- Não precisamos ficar desesperados. – ele falou, após respirar fundo e pensar um pouco. – Se eles não sabem que você tá aqui, você não precisa sair assim, sem se planejar. Vamos pensar em alguma solução, juntos, com calma. Talvez possamos sair do país juntos, ou buscar algum lugar em que...

Sarah já não mais ouvia. Sentia-se exausta, desgastada. Olhando para os pais, que buscavam entre si uma forma de ajudá-la, percebeu que não poderia fazer isso com eles. Não podia mais permitir que ninguém saísse prejudicado por sua culpa. Já bastava o que acontecera com Mariana, com Ana, com Lavínia. Ela não podia arrastar os pais para o buraco negro que sua vida se tornara e jamais se perdoaria se algo acontecesse aos dois.

Quando o pai terminou de falar, olhou para a filha, que concordou, mesmo sem saber o que tinha sido perguntado. Ele percebeu sua hesitação e a abraçou, dizendo que tudo ficaria bem, que as coisas iam se resolver, que eles ficariam juntos. Sarah sabia que, embora o pai acreditasse de verdade naquelas palavras, nada daquilo era possível. Ainda assim, somente concordou, e aceitou o abraço, sentindo medo como nunca sentira em sua vida e sabendo que nada, a partir de agora, seria como antes.

Sarah fingiu ir dormir cedo, alegando estar muito abalada e esperou até ter certeza de que os pais estavam no quarto, adormecidos. Quando o silêncio na casa era completo, levantou-se da cama, já sabendo exatamente o que ia fazer. Arrumou sua mala e deixou o quarto exatamente do jeito que estava antes da sua chegada. Não deixou bilhetes ou qualquer aviso do que faria. Era melhor que não soubessem.

Saiu sem fazer barulho, logo alcançando a estrada de terra que levava ao portão do sítio. Iniciou sua caminhada na noite, as lembranças de tempos melhores vindo à sua mente conforme se afastava. Lembrou-se de festas, de momentos felizes, de risadas, da vez em que convidara

Mariana e Ana para passarem alguns dias naquele mesmo sítio. Por um momento, Sarah pôde ver e ouvir tudo, como se estivessem ali: as crianças brincando na piscina com Ana, Victor e seu pai bebendo cervejas e rindo, sua mãe e Mariana conversando sobre como ela começava a se apaixonar por uma professora de matemática que trabalhava em sua escola. Fragmentos de uma vida que talvez nunca mais voltasse a existir.

Quando estava prestes a virar a primeira esquina da estrada, ela olhou para trás, observando de longe aquele lugar que os pais tanto amavam, sabendo que aquilo podia ser um adeus para nunca mais. Suspirou. Era melhor que fosse assim. Era sua única chance de se salvar, de salvar a quem amava.

Ao virar a esquina, porém, tudo desabou. Ela viu os carros parados, os homens de camisas e bonés pretos em posição, um deles vindo em sua direção com um sorriso sarcástico nos lábios. - Que bom que você chegou. A gente tava só te esperando.

## 42

Sarah pensou em correr, mas logo se deu conta de que estava cercada. Sua única saída era voltar para o sítio dos pais, mas isso era algo que não podia fazer de jeito nenhum. Observou os homens ao seu redor, percebendo que não reconhecia nenhum deles. É claro. Aqueles eram DOPs da divisão de Goiás, e os que ela conhecera eram do Rio de Janeiro. Perguntou a si mesma se talvez aqueles que ali estavam seriam diferentes de seus colegas, mas sua dúvida foi respondida assim que reclamou do fato de estar sendo revistada por um homem, alegando ser seu direito exigir uma mulher para isso.

O homem riu e a algemou, falando em seu ouvido.

- Tá com medo da gente, é? Relaxa, ninguém aqui gosta de mulher subversiva.

Ela foi jogada no banco de trás de um dos carros. O homem que a algemou se acomodou no banco do carona enquanto outro já estava no volante.

- Até que ela é bonitinha, hein? – ela pôde ouvir o motorista dizer, enquanto a olhava pelo retrovisor – Moreira vai se dar bem. Será que a gente não podia...

- Não inventa ideia. – disse o outro – Se a gente não levar ela inteira pra ele, vai dar uma dor de cabeça do caramba.

O motorista riu.

- Mas eu não vou tirar pedaço, não. Só brincar um pouquinho.

- Cala a boca e dirige logo! – o outro falou, mas Sarah percebeu um tom de riso em sua voz.

O carro começou a andar e Sarah sentia o medo corroê-la por dentro. Olhava para os lados tentando imaginar uma forma de fugir, mas todas as possibilidades pareciam remotas e arriscadas demais. O dia já amanhecia quando chegaram ao aeroporto, onde um avião particular já os esperava. Antes de embarcarem, o que fora dirigindo comentou, enquanto puxava Sarah pelo braço.

- Aproveita a mordomia, hein. – ele riu – Avião particular e tudo... Alguém quer garantir que vai poder colocar as mãos em você.

Sarah não respondeu. Ela sabia que não adiantava lutar, mas também não estava disposta a ser simpática com aqueles homens. Permaneceu séria e decidida a não se resignar durante todo o tempo da viagem, mas quando chegou ao prédio dos DOPs não pôde evitar de estremecer e temer pelo que viria.

\*\*\*

- Você é bem intrometida, não é, Sarah Ribeiro? – O homem que a encarava já lhe era conhecido. Fora o mesmo que a espancara na manifestação, o mesmo que divulgara todas aquelas mentiras sobre ela na televisão. Agora, porém, ele estava sem o boné do uniforme e tinha um crachá com seu nome preso à blusa: Igor Moreira. – Não consegue simplesmente ficar quieta, cumprindo com suas obrigações. Tinha que começar a fazer arruaça, manifestações, confusão.

Sentada diante dele, separados apenas por uma pequena mesa, Sarah o encarava sem dizer uma palavra. Os pulsos, presos para trás com as algemas, coçavam. Os braços doíam, em consequência do tempo que permaneciam na mesma posição. A cabeça girava, o coração estava a mil, a garganta seca. Tinha medo.

- Agora resolveu ficar calada? – o homem riu, sarcástico – Vocês, subversivos, me divertem. Fazem tudo ao contrário. Parece até que querem ser punidos, que pedem pra...

A fala de Moreira foi interrompida por uma batida na porta da sala em que se encontravam. Ele se levantou, visivelmente incomodado com a interrupção. Um outro agente entrou, pediu licença e entregou a ele uma pasta com diversos papéis. Ele agradeceu e fechou novamente a porta, sentando-se em seguida. Sarah ainda se mantinha calada.

- Eu não tô com muita paciência, princesa. – disse Moreira, abrindo a pasta – Tenho aqui algumas perguntas pra te fazer, e você vai ter que responder, querendo ou não. Entendeu?

Sarah não se moveu.

- Vamos começar com uma fácil. Seu nome completo é Sarah Pinto Ribeiro, certo? – ele perguntou sem levantar os olhos do papel, já sabendo que a informação estava correta. Sarah continuou em silêncio. – Tenho aqui o seu currículo. Professora universitária, divulgadora científica, livros publicados, trabalhos em redes sociais, conhecida no Brasil inteiro. Toda uma carreira dedicada a... como é mesmo o nome daquilo? Sociolinguística, né?

- Estou com sede. – Sarah finalmente falou.

- Eu já conheço bem esse pessoal da sua laia. – o homem continuou, ignorando a fala de Sarah – Professor universitário na verdade só quer causar confusão, tumulto, balbúrdia. Depois reclamam de desvalorização, de falta de apoio da sociedade, aquele vitimismo todo. Mas a gente sabe muito bem qual é a de vocês. Ficam usando dinheiro público pra apoiar partido político e planejar como vão acabar com os valores da sociedade de uma vez!

- Por favor... – Sarah falou, tentando ao máximo ser educada – Pode me dar um pouco de água?

Moreira a olhou sério. Levantou-se e abriu a porta da sala, falando algo inaudível com alguém lado de fora. Quando voltou, tinha em sua mão um copo com água, que colocou sobre a mesa, em frente a Sarah. Ela o encarou sem entender. Com as mãos presas para trás, não conseguiria beber.

- Preciso de ajuda. – disse quando percebeu que o homem já se sentava novamente. – Não consigo beber.

Moreira sorriu.

- Então acho que você tá começando a entender como as coisas vão funcionar aqui. Faz o que eu mandar, e quem sabe eu te ajudo. Não faz, e pode morrer de sede aqui mesmo. Você me entendeu?

Sarah concordou com a cabeça. Não aguentava mais a tensão de estar ali, e imaginou que talvez ainda conseguisse sair dessa situação se simplesmente colaborasse com o que o homem à sua frente pedia.

- Ótimo. – ele disse, voltando o olhar para os papéis à sua frente. – Vamos começar pelo começo. Você trabalhava em uma universidade, certo?

- Sim. – ela respondeu.

- E o que você fazia lá?

- Eu dava aulas pra turmas de graduação e pós-graduação. Orientava alunos. Produzia materiais de extensão e pesquisa. Também tinha que participar de congressos e eventos.

Moreira a escutava com atenção.

- Essas eram as suas obrigações no trabalho?

- Sim.

- E o Movimento que você criou? Fazia parte do seu trabalho também? Doutrinar alunos, convencer a fazer o que você queria?

Sarah engoliu em seco. Olhou para o copo à sua frente. A garganta começava a queimar.

- Nada disso era parte do meu trabalho. – disse. – O Movimento foi uma manifestação legítima criada pra expressar nossas inquietações em relação ao governo. E eu nunca doutrinei ninguém. Eu incentivava meus alunos a pensarem, a serem críticos.

- A serem como você. – interrompeu Moreira – Subversivos.

Sarah não respondeu.

- Você é daquela galera que quer que a nossa língua vire uma completa bagunça. Quer que as pessoas não saibam falar direito, que tudo seja considerado certo, que aqueles que não sabem falar tenham direitos aos mesmos privilégios daqueles que estudaram a vida inteira para aprender a usar nossa língua.

- Não é nada disso. – Sarah elevou um pouco a voz, voltando ao tom normal logo em seguida – Eu trabalho com Sociolinguística. O objetivo dessa área é estudar as manifestações de fala reais das pessoas. A fala do cotidiano. E um dos pontos centrais desse estudo é provar que não existe maneira de falar certa ou errada. Existem variações, formas diferentes de falar, mas todas elas possuem regras, são compreensíveis e satisfatórias pra comunicação.

Moreira a encarava sério.

- E é daí que veio toda aquela baboseira de preconceito linguístico? Dessa ideia que todo mundo pode falar errado.

- Não é baboseira. – Sarah falou, tentando não se exaltar – Toda minha carreira foi dedicada a mostrar às pessoas que nenhuma fala é melhor ou pior do que a outra, e que isso já foi comprovado cientificamente. Os modos de falar só são diferentes, mas todos eles merecem o mesmo respeito e validação na sociedade.

- Então você diria que “menas”, por exemplo, ou o “seje” do nome do seu Movimento de subversão são palavras corretas?

- Não existe essa noção de acerto e erro na Sociolinguística. Do ponto de vista científico, não existe falante natural de uma língua que cometa erros. São só regras diferentes que são aplicadas.

Moreira olhou para Sarah de modo irônico. Levantou-se rindo, como se ela tivesse acabado de contar uma grande piada. Andou pela pequena sala lentamente, observando-a. Sem saber o que ele pretendia, Sarah arriscou.

- Pode me dar a água agora?

Moreira sorriu e pegou o copo sobre a mesa. Aproximou-se da cadeira onde Sarah estava sentada, posicionando-se atrás dela. Ela não sabia se deveria se virar ou não, e se assustou quando sentiu sua cabeça ser puxada para trás com violência. Ela abriu a boca para gritar, porém antes que pudesse dizer qualquer coisa, o homem jogou a água dentro de sua boca, fazendo-a engasgar.

Enquanto segurava a cabeça de Sarah para trás, impedindo que ela conseguisse recuperar o fôlego, ele disse, próximo ao seu ouvido.

- Você não tem a menor noção do que fez, Sarah Ribeiro? Depois de tudo, ainda chega aqui, com essa postura de quem sabe mais do que todo mundo, com essas ideias subversivas, com essa insistência em testar minha paciência.

Sarah tossia e tentava livrar a cabeça das mãos do homem, sem sucesso.

- Mas a partir de agora – ele continuou, olhando diretamente nos olhos dela – é melhor você aprender a respeitar uma autoridade. Porque você não é mais nada, Sarah. Mais nada.

- O que você tá fazendo com ela, Moreira? – a porta da sala de abriu, fazendo com que Igor soltasse Sarah – Você ficou maluco?

Sarah tossiu e cuspiu o quanto pode, os olhos cheios de lágrimas.

- Ela pediu água, ué. – respondeu Moreira, rindo – Eu tava ajudando a beber.

- Ela tava sufocando! – o segundo homem foi até Sarah – Você tá bem? – perguntou, ajudando-a a se recompor.

Sarah chorava e fez que não com a cabeça, olhando para os próprios pés. Tinha medo de encarar os homens à sua frente.

- Ela tá ótima, Santos. – disse Moreira, dando de ombros – Não precisa ficar cheio de cuidado com essa gente. Ela é uma criminosa, e tá aqui pra pagar pelos crimes.

- E ela vai pagar. – disse o outro homem, ajudando Sarah a se levantar da cadeira – Mas só se ficar viva pra isso.

- O que você tá fazendo? Ela tá sob a minha custódia.

- A imprensa tá lá fora. – respondeu o outro, impaciente - O chefe quer mostrar que pegamos ela.

Moreira suspirou, concordando.

- Que seja. Vamos então.

Ele foi o primeiro a sair da sala, com Santos logo atrás, levando Sarah. Já mais calma, ela pode notar que ele não a segurava com tanta força e, pelo contrário, parecia tentar não machucar seu braço. Ela se virou para olhá-lo, tendo a rápida impressão de que o conhecia de algum lugar, mas embora seu rosto fosse familiar, ela não conseguia associá-lo a um nome ou situação. Ele notou que ela o observava e a posicionou à sua frente, de modo que não pudesse mais vê-lo. Ainda tentou fazer mais um esforço em sua memória, mas logo eles se encontravam do lado de fora do prédio, e o foco de Sarah voltou-se para a cena que surgiu em sua frente.

Fotógrafos e jornalistas se amontoavam no pequeno espaço destinado a eles na entrada no prédio, e alguns homens com uniforme do DOP faziam um cordão de isolamento para impedir que eles chegassem mais perto. Assim que Sarah foi puxada para fora, os *flashes* quase a cegaram e as vozes fazendo mil perguntas a deixaram zozna. Ela foi posicionada ao lado do chefe dos DOPs, que já estava de prontidão, e apenas aguardava a chegada de sua prisioneira para começar seu discurso.

- Senhores, estamos aqui hoje para que vocês possam presenciar esse momento histórico. Todos aqui vêm acompanhando a luta que nós, os Defensores da Ordem e do Progresso, temos travado contra os atos de subversão que insistem em tentar destruir a moral e os bons costumes

que nosso governo deseja preservar. Nosso presidente tem feito um esforço descomunal para acabar com tudo que possa prejudicar a sociedade brasileira, de modo que possamos viver em harmonia de acordo com os preceitos da Bíblia. Mas, infelizmente, ainda nos aparecem exemplares como o de Sarah Ribeiro, aqui presente diante de vocês.

O homem apontou para Sarah, que mantinha a cabeça abaixada. Sentia-se humilhada e só queria que tudo isso acabasse logo. Os jornalistas e fotógrafos, pelo contrário, estavam em polvorosa, adorando todo o espetáculo e registrando cada segundo.

- Sarah Ribeiro é o exemplo perfeito de como nossas universidades precisavam da intervenção de um governo pautado nas boas práticas. Elas estavam contaminadas por ideias de perversão, de quebra de regras, de segregação. Elas formaram pessoas como essa mulher, que durante toda a sua carreira defendeu que todas as maneiras de falar estariam corretas. Segundo ela, as pessoas precisavam saber disso, discutir sobre isso e diminuir seu preconceito. Preconceito! Preconceito é o que ela queria criar na mente das pessoas, para que se separassem, se odiassem. Ela insistia em dizer que as pessoas que falam errado não deveriam ser corrigidas, no intuito de transformar todos em estúpidos seguidores de sua doutrina comunista. Uma ditadura da burrice, era o que ela queria estabelecer! Mas isso acabou!

Alguns jornalistas aplaudiram. Sarah ouvia tudo sem expressar qualquer reação. Se ainda tivesse forças e algum pinga de esperança, talvez gritasse que era tudo mentira, que nada do que o homem a acusava chegava perto da realidade. Mas as algemas que prendiam seus pulsos e os homens que a cercavam a lembravam de que não adiantaria gritar, brigar, entrar em um embate. Ela sempre sairia perdendo. Ela já tinha perdido.

- Que todos tenham essa certeza: – prosseguiu o homem, cada vez mais efusivo nas palavras – não seremos complacentes com comunistas, destruidores da moral, subversivos, burladores de regras! Sarah Ribeiro passará o resto de seus dias na prisão, e vamos garantir que ela não possa mais contaminar a população com suas ideias distorcidas. De acordo com a nova lei aprovada hoje pelo nosso presidente, todos os seus diplomas serão revogados como punição por sua traição ao país. Ela jamais terá de novo a mesma influência. Graças ao trabalho dos nossos DOPs, podemos descansar em paz no dia de hoje, sabendo que mais um grupo esquematizado pra destruir os valores da nossa nação foi exterminado. E assim continuaremos lutando, para preservar nosso país, nossa língua, nossas crianças. Obrigado a todos.



Sarah toma um banho gelado enquanto os pensamentos continuam rodando em sua mente. Ao sair do banheiro, olha novamente no relógio e percebe que já perdeu tempo demais com lembranças. Lembranças que parecem tão distantes, mas que são apenas de alguns anos atrás. É como outra vida. Tudo mudou tanto, ela pensa, e chega a esboçar um sorriso irônico: parece até uma piada de mau gosto que hoje esteja onde está.

Após vestir sua roupa de criada, prender os cabelos e encaixar seu localizador no tornozelo, sai de seu quarto e caminha por um corredor que a leva até a cozinha, onde aproveita para tomar rapidamente o café da manhã. Em menos de quinze minutos, Sarah já está iniciando seus afazeres de acordo com o cronograma estabelecido por seus patrões. Ela se preocupa por estar um pouco atrasada, e corre para conseguir dar conta de tudo antes que seus patrões acordem e percebam seu erro.

As tarefas do dia são organizadas por sua patroa, e é preciso seguir à risca os horários. Como em todos os dias, Sarah faz exatamente o que lhe foi estabelecido. Apesar do pequeno atraso devido aos devaneios, consegue se organizar a tempo de preparar o café da manhã e arrumá-lo à mesa no horário correto. Resta acordar a filha de seu patrão, Carolina. A menina, como toda criança, demora um pouco para se levantar, e Sarah precisa insistir. Após algumas cosquinhas e brincadeiras, porém, a menina sorri e finalmente se põe de pé.

- Bom dia, Sarah. – diz, ainda sonolenta – Como você está hoje?

- Bom dia, querida. Estou bem. E você?

- Ainda estou com sono e com preguiça, mas estou bem. – a menina se espreguiça, levantando da cama logo depois – Meu pai e minha tia já se levantaram?

- Ainda não. – Sarah responde, enquanto começa a arrumar a cama da menina – Mas é melhor que você se arrume logo, pra que eles não tenham que ficar esperando por você.

Carolina ri.

- O que foi? – Sarah pergunta, sem entender.

- Nada... – a menina ri novamente, pegando um elástico e prendendo seus cabelos em um rabo de cavalo – Só pensei no que minha tia diria se ouvisse você falando “pra” no lugar de “para”. Ela odeia contrações...

Sarah respira fundo e sorri.

- Está certo. Desculpe-me, foi um lapso, não irá se repetir. Agora vá se arrumar para – Sarah reforça a palavra – que seu pai e sua tia não precisem ficar esperando.

- Tudo bem. – a menina diz, rindo. – Mas, Sarah, eu sinceramente não me importo que você fale do seu jeito. Minha tia reclamaria, mas eu não vejo nenhum problema.

Sarah concorda com a cabeça e dá um beijo na testa da menina.

- Sua tia tem razão em se incomodar. Você sabe que todos devemos falar da forma mais correta possível. Agradeço por me corrigir. Agora vá, e seja rápida.

Carolina dá mais um sorriso e se dirige ao banheiro de seu quarto para escovar os dentes e lavar o rosto. Sarah suspira. Não é nada fácil ter que dizer o que disse a Carolina, e menos ainda admitir erros que, na verdade, não têm nada de errado. Mas não teria motivo para discutir com essa garotinha. Sabe que o que ela faz não é por mal, sabe que ela foi criada assim. Carolina tem apenas doze anos e passou os últimos cinco ouvindo de sua tia e de todos os outros adultos ao

seu redor que deveria sempre falar de acordo com a chamada norma correta e corrigir quem não o fizesse.

O treinamento feito pela tia fora realizado com tanto empenho que, quando conversava com a menina, Sarah sempre tinha a sensação de estar conversando com uma inteligência artificial e não com uma criança humana. A fala de Carolina era sempre perfeita e monitorada, como se estivesse o tempo todo participando de uma prova oral importantíssima. As poucas vezes em que ouviu a menina cometer desvios em sua fala foram traumáticas.

Um momento específico que a marcou aconteceu logo em seu primeiro ano como criada, cerca de quatro anos antes, durante um jantar importante que a patroa oferecera. Carolina, na época com apenas oito anos, estava entediada naquele evento cheio de convidados adultos e extremamente formais. Estavam todos na sala de jantar e Sarah tinha acabado de servir a sobremesa. Carolina, distraída, deixou cair a colher ao chão, mas ninguém notou. A menina chamou Sarah e pediu, na frente de todos os presentes:

- Você pode pegar outra colher pra mim comer o sorvete?

Quando ouviu aquelas palavras, a tia de Carolina fechou a expressão de tal forma que até Sarah se assustou. Ela tentou encobrir a situação, perguntando se mais alguém precisava de algum talher, mas a patroa mandou que se calasse. Tentando disfarçar o constrangimento diante de seus convidados, a tia chamou a atenção da menina, dizendo que ela deveria ficar atenta à sua fala e que não era uma indiazinha para falar coisas como “pra mim comer”.

- O correto é ‘para eu comer’, Carolina. Já falamos sobre isso em nossas aulas! Não se esqueça! - disse, duramente.

Sarah sentiu-se mal por Carolina, mas a menina, embora envergonhada pela situação, não reclamou, e, pelo contrário, agradeceu à tia pela correção e prometeu ficar mais atenta para não errar novamente. Nenhum dos convidados pareceu nem de leve perturbado com o que acontecera e alguns inclusive elogiaram a atitude da anfitriã.

Apenas o pai da menina comentara, já depois de todos irem embora, que achara a correção desnecessária naquele momento.

- Desnecessária? – a tia de Carolina pareceu ofendida com a palavra – Você acha desnecessário que sua filha aprenda o que é certo? Ela precisa ter consciência do que diz, não pode cometer esse tipo de erro, principalmente na frente de pessoas como as que estavam aqui.

- Mas ela ainda é uma criança. - o homem tentou argumentar – Tem tempo para aprender. Você poderia ao menos ter deixado que eu conversasse com ela depois do jantar.

- Quanto mais tarde ela aprender, mais difícil será assimilar. Além do mais, você concordou que eu seria a responsável pela educação dela. Então, deixe que sobre esse assunto, trato eu.

Sarah ouviu essa conversa enquanto lavava a louça após o jantar, e lembrava-se de ter pensado, ao menos por um segundo, que o pai de Carolina às vezes parecia ser diferente da tia, uma pessoa melhor, mais compreensiva. Sabia, porém, que isso era apenas uma ilusão, uma fachada. Lembrava-se bem do passado, um passado que ainda era tão recente naquele dia do jantar, e isso lhe dava a certeza de que o pai de Carolina era da mesma laia que a tia da menina. Diferenciavam-se apenas pela personalidade, sendo ele um pouco mais reservado e calmo, e ela bastante extrovertida e irritadiça. Mas eram iguais. É claro que eram. Se não fossem, Sarah não estaria naquela casa, sendo obrigada a servir aos dois.

## 44

Sarah está servindo achocolatado para Carolina quando ouve os passos do pai da menina descendo as escadas. Ela o olha de relance. Ele está vestido com seu terno preto, a pequena bandeira do Brasil estampada ao lado esquerdo do peito, logo abaixo de letras douradas que formam a sigla DOP. Carrega uma tela eletrônica – como são chamados os *tablets* - na mão direita.

- Bom dia, Sarah. – diz, enquanto caminha até Carolina.

- Bom dia, senhor. – responde Sarah, de modo respeitoso.

Depois de dar um beijo na testa da filha, que ainda está de pijamas, ele se senta ao seu lado. A tia de Carolina ainda demora a descer para o café, e Sarah se pergunta se esqueceu de alguma instrução específica da patroa. Muitas vezes a mulher precisava mudar seus horários devido a compromissos de trabalho e raramente se lembrava de avisar a Sarah, que acabava levando a culpa por qualquer falha em um planejamento que ela sequer sabia que existia. Ela pensa em subir e verificar se a patroa precisa de algo, mas logo a escuta chegar à sala de jantar e se tranquiliza.

A tia de Carolina se senta e ordena a Sarah que a sirva, logo após cumprimentar as pessoas à mesa. Sarah faz seu serviço e observa a rotina da família com atenção e curiosidade. Sabe um pouco sobre a vida dessas pessoas e suas relações e às vezes se pega imaginando como tudo seria se Sílvio Salvador não tivesse vencido as eleições seis anos atrás, e novamente dois anos depois. Onde aquelas pessoas estariam? Onde ela estaria?

- Sarah, separe a melhor roupa de Carolina para hoje. – a tia da menina diz, tirando Sarah de seus devaneios – Ela irá comigo conhecer a escola na qual irá estudar a partir da próxima semana.

- Sim, senhora. – Sarah responde, mas se mantém de pé próxima à mesa. A ordem é que ela não se retire enquanto todos não concluírem a refeição.

- Empolgada para essa nova etapa, Carolina? – a tia pergunta.

- Na verdade, estou bastante ansiosa, tia. – Carolina responde, enquanto Sarah passa geleia em suas torradas – Por um lado, tenho curiosidade em saber como é a escola. Por outro, gosto de ter aulas em casa e ter tempo para conversar com minha avó.

- Nós já falamos sobre isso, Carolina. – diz a tia, fazendo um gesto para que Sarah lhe sirva mais café – Agora você está com doze anos, e essa é a idade adequada para iniciar seus estudos em uma instituição renomada. Embora eu tenha garantido a você uma boa educação, não está mais em minhas mãos fazer isso. – ela faz uma pausa, bebe um gole do café que Sarah serviu – Além do mais, você precisa de novas experiências, e vai ser bom passar mais tempo com pessoas... melhores.

O pai de Carolina pigarreia. Tanto a menina quanto a tia o olham, mas ele nada diz, e nem mesmo levanta os olhos da tela eletrônica à sua frente, na qual a página Brasil Notícias se encontra aberta. Sarah, porém, consegue perceber uma leve perturbação em seu semblante.

Carolina encara a tia.

- O que quer dizer com isso, tia?

O pai da menina se surpreende com a pergunta e também olha para a tia de Carolina, esperando a resposta. Ela reflete por uns segundos e depois sacode a cabeça, rindo.

- Não é nada. Esqueça. Mas agora vamos, veja o horário, você precisa se arrumar. – e olhando para Sarah – O que está esperando para fazer o que mandei? Vá preparar a roupa da minha sobrinha!

Sarah sente vontade de retrucar. Quer dizer àquela mulher que se ela não saiu dali até então, era porque ela mesma já tinha deixado claro que a criada deveria aguardar até o fim de cada refeição. Quer chamá-la de louca, apontar o dedo para ela e expressar tudo que pensa, tudo que sempre pensou sobre sua personalidade, seu caráter. Se estivesse em uma situação diferente, Sarah teria feito isso. Teria respondido, teria discutido, teria feito aquela mulher doze anos mais nova que ela engolir suas palavras.

Ela já fizera isso uma vez. Com classe e argumentos, mas fizera. Nesse momento, porém, Sarah apenas se cala. Não pode questionar, não pode reclamar, não pode fazer absolutamente nada. Gostando ou não, essa mulher tem poder sobre ela, e Sarah deve a ela sua vida. Não que essa seja uma vida ideal ou feliz, mas sem dúvidas é melhor do que a alternativa. Sabendo disso, Sarah obedecia, se calava e aceitava suas humilhações dia após dia, sempre temendo que a patroa mudasse de ideia e a levasse de volta ao seu pior pesadelo.

- Sim, senhora.

## 45

- Você estava se referindo à minha mãe, não é? – o pai de Carolina perguntou, assim que Sarah levou a menina para se arrumar.

- Como? – a tia se fez de desentendida.

– Não seja dissimulada. Você sabe do que estou falando.

A mulher revirou os olhos.

- Você sabe que tipo de influência ela pode ser para Carolina. Deveria estar tão preocupado quanto eu.

O homem respirou fundo, tentando se manter calmo. Olhou para a mulher à sua frente na mesa de jantar sabendo que, após cinco anos de convivência, essa talvez fosse uma missão impossível.

- Minha mãe me criou sozinha. – disse ele – Ela é a melhor que pessoa que já conheci. Honesta, bondosa, caridosa, justa. Não vejo de que forma poderia ter qualquer influência negativa sobre Carolina.

- Pare com sentimentalismos, Oscar. A questão aqui não é sobre sua mãe ser ou não uma “boa pessoa”. – ela fez o sinal de aspas com as mãos no ar – Desde que minha irmã morreu e eu assumi a responsabilidade pela educação de Carolina, tenho feito de tudo para que ela cresça inteligente e culta. Trabalho constantemente sua fala e sua escrita para que sejam impecáveis, como devem ser. Não é qualquer criança da idade dela que tem uma tia formada em Letras, especialista em gramática, conhecedora das regras mais importantes da nossa língua.

O homem suspirou. Sabia que sempre que tinha oportunidade, sua ex-cunhada fazia questão de expor seu currículo, como forma de impressionar seus ouvintes. Ele já não aguentava mais ouvir isso.

- Você tem ideia – ela continuou, ignorando as expressões de tédio dele – do quanto me esforço por essa menina todos os dias, há cinco anos? É tudo isso pode ser em vão, caso ela resolva seguir o exemplo de sua querida avó.

- Você está exagerando. – ele disse, já nervoso.

- Não me diga que acha aceitável a maneira como sua mãe fala! Sei que ela é uma mulher negra, favelada e pobre, mas por favor! Não custava nada ter tentado aprender algo nesses anos todos, como você fez. É um absurdo deixar que Carolina conviva com ela e com aquele jeito horrível de falar.

O homem a encarou atônito. Sabia que ela prezava pela boa fala e pela boa escrita, especialmente devido a seu cargo, à sua formação, mas não imaginava que pudesse falar dessa forma sobre sua mãe. O governo de Sílvio Salvador era um grande defensor da fala correta, da padronização, da preservação dos valores adequados. Oscar sabia disso e sempre achou que essa ideia fazia sentido.

Via os jovens cada vez mais modificando a Língua Portuguesa, criando gírias e expressões incorretas, fazendo com que os erros se tornassem algo comum. Não só sua ex-cunhada como muitos outros estudiosos da língua temiam que ela pudesse ser tão desconstruída a ponto de desaparecer, e por isso havia um enfoque tão grande na preservação do falar correto. Ele sabia disso tudo, permitindo inclusive que a tia ensinasse Carolina de uma forma que ele mesmo considerava bastante rígida. Sabia bem o que significava ser desprezado pela sua forma de falar, perder chances de emprego, ser considerado inferior. Só não esperava que sua mãe tivesse que passar por isso, sendo uma senhora de idade, que não teve oportunidades.

- Você não sabe tudo que minha mãe já passou nessa vida. – ele disse à ex-cunhada – Se ela não aprendeu, foi porque não pôde.

- Isso não importa. – ela rebateu – A questão aqui é o perigo que ela representa para Carolina. Até então ela estava em ensino domiciliar, convivendo apenas comigo e com você. Mas se a menina resolver repetir na escola as coisas que a avó diz...

- Não vejo por que se preocupar com isso. Você não adora dizer a todos como a ensinou bem? Se isso é verdade, não há motivo para a menina querer repetir as falas da avó.

A mulher o olhou com raiva. Ele sabia que essa era uma provocação pela qual sofreria as consequências mais tarde, com reclamações e discussões, mas não aguentaria ficar calado diante das coisas que ela dizia sobre sua mãe.

- Veja bem como estou certa. – disse, um sorriso debochado surgindo em seus lábios - Se você fosse mais inteligente, saberia que as crianças são altamente influenciáveis, seja para o bem, seja para o mal. Mas esperar inteligência de você seria absurdo, não é? Como você mesmo disse, foi criado por uma mulher completamente ignorante e sofreu com as consequências disso. Se não fosse por mim, ainda estaria sem emprego, sem perspectiva, sem condições de cuidar da própria filha. Era isso que você preferia, Oscar?

O homem sentiu cada palavra perfurar sua carne como uma faca. Respirou fundo e abaixou a cabeça, resignado. Era isso. Não podia discutir com aquela mulher.

- Você venceu. – ele disse, em voz baixa.

Os dois permaneceram em silêncio até que Sarah voltou com Carolina já arrumada para sair. A menina deu um beijo no rosto do pai e saiu com a tia logo depois. Oscar permaneceu sentado, os cotovelos sobre a mesa, as mãos unidas, pensativo. Sarah perguntou se podia começar a limpar a mesa e ele fez que sim com a cabeça. Ela começou a retirar os pratos, copos e talheres, colocando-os sobre uma bandeja que levou para a cozinha. Voltou para a sala de jantar e já começava a colocar as sobras de comida sobre a bandeja quando ouviu a voz do patrão, que permanecia na mesma posição.

- Você acha que sou uma pessoa ruim?

Sarah se surpreendeu com a pergunta.

- Não tenho como responder a isso, senhor.
- Só quero que me diga a sua opinião. – ele insistiu.
- Minha opinião não é importante. Com licença.

Ela saiu antes que ele pudesse fazer mais perguntas, e Oscar voltou à sua posição original, refletindo sobre tudo que ele era, tudo que ele fora. Ainda estava perdido em pensamentos quando ouviu o som de seu celular tocando no bolso e viu que era um de seus subordinados. Suspirou. Era hora de ir trabalhar.

## 46

- Muito prazer, senhor. Meu nome é Carolina D’asquad Santos.

- Não, não. – a tia da menina a repreendeu. – Não diga seu último nome. Não é necessário. Apenas Carolina D’asquad é suficiente.

A menina concordou e repetiu a frase, caprichando na entonação e recebendo elogios da tia.

- Perfeito, Carolina. Com a nota que você tirou em sua avaliação e essa educação impecável, com certeza o diretor ficará impressionado!

Carolina e a tia chegaram à escola alguns minutos antes do horário combinado para conhecerem o diretor. A menina estudaria em um dos chamados Institutos de Educação, ou IE, colégios restritos a um grupo muito específico da sociedade. Seus estudantes eram crianças e adolescentes de classes sociais mais altas e que sabiam falar de acordo com o que a ministra da educação chamava de norma correta.

O ensino dos IEs era considerado superior por trabalhar diversas habilidades em seus alunos, especialmente aquelas voltadas para o desenvolvimento do intelecto. Nessas escolas eram oferecidas aulas de todas as disciplinas, além de oficinas e outros tipos de atividades que ajudassem a desenvolver a criatividade e o pensamento inovador. Tendo como público-alvo crianças consideradas excepcionais no quesito inteligência, tinham um lema que deixava bem claro o seu objetivo: “Estudantes hoje, líderes amanhã”.

Em maior quantidade, existiam também os CPs – Centros de Preparação – que tinham como foco principal preparar seus alunos para o mercado de trabalho, especificamente para serviços que não exigiam excessivo esforço mental. Eram dedicados a crianças com inteligência considerada abaixo do necessário para se tornarem grandes líderes e chefes. Em comum, essas crianças tinham sua classe social baixa e sua fala considerada incorreta e indigna de ser ouvida.

Nos CPs, muitas matérias consideradas “difíceis demais para quem mal sabia falar direito”, nas palavras de Sílvio Salvador, foram retiradas do currículo, incluindo a própria disciplina de Língua Portuguesa. Os estudantes desse tipo de colégio aprendiam trabalhos braçais, sem necessidade de pensamento crítico ou questionamentos, preparando-se para um futuro de subempregos e exploração pelos líderes formados nas escolas superiores. O lema? “Fale menos, trabalhe mais.”

Segundo o planejamento do governo, essa divisão entre escolas existia para facilitar a vida da população e seguir com a ideia que Salvador fazia questão de sempre repetir: não haveria preconceitos ou situações de opressão se todos aceitassem seu devido lugar e agissem de acordo com ele.

Como todas as crianças em idade escolar, Carolina tivera que passar pela avaliação oficial do governo que indicaria para onde a menina deveria ser encaminhada. Composta por textos complexos e questões que exigiam não somente conhecimento prévio, mas também domínio amplo da língua, a avaliação contava ainda com uma proposta de redação que avaliava a capacidade de produção de texto do candidato. Para aqueles que, assim como ela, conseguiam uma nota satisfatória, havia ainda o momento de encontro com o diretor do colégio escolhido pela família da criança.

Carolina, por ser sobrinha de Iris D'asquad, ministra da educação e líder do movimento de preservação da Língua Portuguesa em curso no governo, tinha sua vaga garantida na Arabech, o principal IE da cidade do Rio de Janeiro. A visita ao diretor, portanto, era mera formalidade, uma vez que era óbvio para Iris que sua sobrinha seria bem recebida na instituição. Inteligente, crítica e com a fala impecavelmente correta, não haveria motivo algum para que houvesse qualquer dúvida sobre onde deveria estudar.

- Não fale da sua avó. – disse Iris, quando estavam quase chegando à escola – Menos ainda do local onde moravam antes. Melhor ainda, não diga nada sobre sua família. Se o diretor perguntar algo sobre isso, eu mesma respondo.

Carolina concordou, sem entender bem os motivos da tia. Enquanto o carro seguia seu caminho em direção à escola, Iris olhava a sobrinha de soslaio, se perguntando se haveria algo na aparência de Carolina que denunciaria a origem de sua família paterna. Os cabelos da menina, alisados para disfarçar o fato de que eram bastante cacheados, caíam sobre seus ombros, enfeitados por um arco. Os traços do rosto, pensava Iris, felizmente eram mais parecidos com os da mãe do que com os do pai. A cor da pele também. Apesar de não tão branca quanto a mãe e a tia, Carolina conseguia facilmente se passar por uma menina caucasiana que apenas pegara um pouco de sol, e ninguém precisava realmente saber que seu pai era um homem negro e favelado, assim como sua avó. Iris respirou fundo. Estava tudo sob controle.

Ao chegarem à escola, Iris e Carolina seguiram diretamente para a sala do diretor. No caminho, encontraram funcionários do local, que cumprimentaram Iris com educação e respeito: sabiam quem ela era e sua importância no governo. Chegando à sala, Iris nem mesmo esperou ser convidada ou sequer bateu à porta. Entrou, levando Carolina pela mão e posicionando-se de frente para a mesa do homem que liderava o colégio. O rapaz, bastante jovem, levantou-se surpreso com a entrada repentina da mulher, reconhecendo-a logo em seguida.

- Bom dia, ministra, seja bem-vinda! – ele estendeu a mão, que ela apertou com firmeza.  
- Essa deve ser sua sobrinha.

Carolina esticou a mão e repetiu a frase que treinara no carro.

- Muito prazer, senhor. Meu nome é Carolina D'asquad.

- O prazer é todo meu. – ele respondeu, sorridente, enquanto apertava a pequena mão de Carolina – Recebi suas notas ontem, e devo admitir, fiquei bastante impressionado.

Carolina sorriu e olhou para a tia, que a incentivou a responder com um aceno de cabeça.

- Obrigada, senhor. Não vejo a hora de iniciar meus estudos nesta instituição. Minha tia sempre fala muito bem do trabalho realizado aqui.

O diretor sorriu, visivelmente admirado.

- Muito educada e com a fala impecável. Perfeito.

Iris concordou, bastante orgulhosa.

- Carolina foi educada por mim desde os sete anos de idade. Não há com o que se preocupar. Ela tem educação, inteligência e conhecimento da Língua Portuguesa suficientes para evoluir cada vez mais e apresentar os melhores resultados possíveis.

- Isso é ótimo. – disse o diretor, já se levantando e indicando a porta para que começassem o passeio pelo terreno da escola – Precisamos de jovens assim para manter nosso país nos eixos. A propósito, admiro muito seu trabalho, ministra. Graças aos seus esforços, nossa língua está cada vez mais próxima da perfeição. Era horrível ver o caos que ela estava se tornando alguns anos atrás.

Iris sorriu, orgulhosa de si.

- No que depender de mim, isso jamais voltará a acontecer.

Os três saíram da sala e o diretor as levou para conhecer todos os espaços da escola, que era enorme e completamente equipada com tudo que fosse necessário para o melhor ensino possível: salas climatizadas, com quadros interativos e telas eletrônicas disponíveis para todos os alunos; quadra de esportes e piscina olímpica; laboratório de ciências; um auditório com capacidade para toda a comunidade escolar; espaços para convivência entre os alunos durante os horários de intervalo; e até mesmo uma lanchonete de uma rede famosa de alimentos dentro do terreno do colégio.

Iris, que já tinha pesquisado bastante sobre aquela escola antes de decidir matricular Carolina, ficou bastante satisfeita com o que viu. Sabia que a instituição tinha sido comprada há alguns anos por um grande empresário que vira nesse ramo uma nova fonte de investimento e retorno e colocara seu filho, recém-formado na área de Letras, para gerir o local. Embora bastante jovem, o rapaz compartilhava dos mesmos ideais de Sílvio Salvador e, por extensão, de Iris, o que a deixava tranquila em relação ao ensino que Carolina receberia.

Ao fim da visita, o diretor fez questão de acompanhá-las até a saída.

- Fico muito feliz em tê-la aqui como nossa aluna, Carolina. – disse à menina. – Aguardo você aqui na próxima semana.

- Muito obrigada, senhor.

Ele se virou para Iris.

- Foi um prazer conhecê-la, ministra. – disse.

- Igualmente, senhor Rocha.

- Por favor, me chame apenas de Enzo.

Iris sorriu e se encaminhou para o carro com a sobrinha. Carolina entrou no automóvel sem dizer nenhuma palavra. A tia sentou-se ao seu lado, empolgada, e estranhou quando viu a sobrinha tão séria.

- O que foi, Carolina? – perguntou – Não gostou da escola?

- Gostei sim, tia. – a menina respondeu.

- E por que está desse jeito?

A menina pensou em responder, mas olhou bem para a tia e desistiu. Provavelmente levaria uma bronca.

- Não é nada. Só estou ansiosa.

- Não precisa ficar assim. Tenho certeza de que você vai amar a escola e se sair muito bem. Confie em mim.

Carolina deu um sorriso fraco e passou a olhar para a paisagem na janela enquanto a tia dirigia, permanecendo em silêncio durante todo o trajeto.



## 47

- Onde é que tá a Carolzinha? Chama ela...

Oscar sorriu para a imagem da mãe na tela eletrônica.

- Ela não está aqui, mãe. Eu estou no trabalho, veja. – e virou um pouco a câmera para que ela pudesse ver seu escritório. – Mas quando ela chegar em casa, com certeza vai ligar para você.

- E pronde é que ela foi?

- Saiu com a tia. – respondeu ele, enquanto posicionava novamente o aparelho sobre um suporte em sua mesa. - Foi visitar o colégio em que vai estudar.

A velha senhora pareceu pensar um pouco.

- A Iris num vai mais dar aula pra ela? – perguntou.

- Não. Agora que Carolina completou doze anos vai passar a ter aulas em uma escola, com diversos professores. – disse ele.

- Sorte dela. – disse a avó, de modo espontâneo. Oscar não pode evitar e riu. – Num ri, não, menino. Eu sei que ela é tia da Carolzinha e te deu esse trabalho de puliça, mas eu num vou com a cara dela não.

Oscar pensou em dizer a verdade, admitir que ele também não gostava da ex-cunhada, mas se controlou. Sabia que, embora Iris fosse difícil de tolerar, ele tinha uma dívida de gratidão para com ela.

- Tu pensa ingual eu, que eu sei. – disse Conceição, sorrindo – Mas num precisa falar nada. Eu te conheço.

Oscar concordou com a cabeça e mudou o assunto, perguntando à mãe como ela estava, se precisava de algo. Antes que ela pudesse responder, porém, ele ouviu uma batida na porta e mutou a mãe na conversa, dizendo à pessoa que entrasse. Um rapaz bastante jovem surgiu, uma pasta nas mãos.

- Desculpe incomodar, senhor, mas precisamos de algumas assinaturas nesses documentos.

Oscar esticou a mão para o rapaz, que lhe entregou a pasta. Ele a abriu e passou os olhos pelos documentos, logo depois voltando-se para a mãe, que ainda aguardava na chamada de vídeo.

- Perdão, mas preciso ir. – ele disse, de modo bastante formal – Em outro momento nos falamos novamente.

A mãe mal teve tempo de reagir, e Oscar encerrou a chamada, apressado. Abriu novamente a pasta e começou a assinar os documentos um a um. Quando terminou, entregou tudo ao rapaz, que agradeceu, mas continuou parado no mesmo lugar.

- Algo mais? – perguntou Oscar.

O rapaz engoliu em seco.

- Estou na corporação há dois anos, senhor. – disse. Oscar franziu a testa, sem entender o que aquilo significava. – Faço trabalhos burocráticos desde então, e sou muito grato por essa oportunidade, aprendi muito com o senhor e jamais vou esquecer disso, mas...

Oscar ouvia o rapaz, já entendendo o que ele queria pedir.

- Mas você quer trabalhar em campo.

Ele concordou, empolgado.

- Ouvi dizer que chegará uma nova turma de principiantes. – continuou – Talvez um deles pudesse ficar em meu lugar. Posso ensinar tudo que sei, o senhor não precisaria se preocupar com nada.

Oscar olhou bem para o rapaz. Ele se formara na primeira turma de treinamento juvenil dos Defensores da Ordem e do Progresso, dois anos atrás. A iniciativa fora criada por Sílvio Salvador em parceria com Pedro Feind para baratear a contratação de pessoal na corporação. Tendo sido formada no início apenas por policiais militares selecionados, estes acabavam por exigir salários maiores e de acordo com sua já vasta experiência. A propaganda de que meninos patriotas poderiam ter a oportunidade de ajudar seu país a crescer fez o sucesso desejado, e logo havia centenas de jovens interessados em fazer parte do grupo, mesmo recebendo salários baixos.

- Você tem certeza de que é isso que quer? O salário aqui no escritório é mais atrativo e você é inteligente. Por isso o escolhi para ser meu assistente, dentre todos os seus colegas de turma.

- Sim, senhor, obrigado. – disse o rapaz – Não pense que não sou agradecido, por favor. Apenas quero tentar novos desafios, e não me importo com a questão do salário.

Oscar suspirou. Estava acostumado a ver a maioria dos meninos pedindo para trabalhar em campo, mas selecionara aquele em específico imaginando que ele poderia ser diferente dos outros. No final, porém, os jovens eram todos iguais: gostavam da ação, da perseguição e da violência e o trabalho burocrático os entediava. Oscar entendia o apelo, muito embora tivesse participado pouco de ações fora do escritório. Era o único do grupo que não era policial, e tinha conseguido rapidamente um cargo de chefia do grupamento do Rio de Janeiro, substituindo o antigo chefe que subira de cargo. A indicação de Iris foi essencial para essa conquista, favor que ela nunca o deixava esquecer.

- Então está certo. – disse Oscar, recostando-se na cadeira – Prepare o memorando e traga para que eu assine. De todo modo, já informe ao Moreira que eu autorizei sua transferência. Vou colocá-lo na equipe sob a responsabilidade dele.

O rosto do rapaz se iluminou com um sorriso.

- Obrigado, senhor, muito obrigado! O senhor não irá se arrepender, vou honrar nossa corporação e fazer tudo que estiver ao meu alcance para defender o nosso país. – ele disse, empolgado – Obrigado mesmo, senhor, muito obrigado.

- Tudo bem, já é o suficiente. – disse Oscar, levantando a mão para que o rapaz se calasse – Espero que tenha sucesso, Nicolas.

- Obrigado mais uma vez, senhor. – o rapaz disse, logo depois pedindo licença e saindo da sala. Oscar voltou a atenção para a tela eletrônica e ligou novamente para a mãe. Quando ela atendeu a chamada e Oscar viu seu rosto, notou a expressão séria.

- O que aconteceu, mãe? – perguntou.

- Tu tem vergonha de mim, Oscar?

- De onde você tirou isso? Eu nunca...

- Num mente, menino. Eu sei que tu é um puliça cheio das importânça e que eu num sô inteligente que nem os amigo que tu tem, mas eu sou tua mãe.

- Mãe, por favor...

- Num quero mais ouvr nada, não. Cuida aí dos teu pobrema e das coisa do teu trabalho.

- Mãe, eu...

A chamada foi encerrada e o rosto de Conceição sumiu da tela. Oscar ficou olhando para o aparelho, sem saber se deveria tentar ligar mais uma vez para a mãe para tentar esclarecer a

situação. O que o impediu foi a percepção de que, mesmo que ligasse, mesmo que ela o atendesse, mesmo que resolvesse ouvi-lo, ele não teria como se justificar: amava sua mãe de todo o coração, mas era fato que sua fala o deixava constrangido.

Não se incomodava com seus erros quando conversavam entre eles, mas era diferente quando havia outras pessoas ouvindo. Lembrou-se da discussão com Iris mais cedo e concluiu, a contragosto, que ela tinha alguma razão. O mundo era dos que sabiam falar, e infelizmente sua mãe não dominava essa habilidade. Talvez fosse melhor mesmo afastá-la de Carolina aos poucos, ao menos enquanto a menina estivesse em processo de aprendizagem. Não seria fácil e não era uma decisão agradável. Mas infelizmente era necessária.

## 48

Ao final do jantar daquela noite, Iris avisou a todos que viajaria na manhã seguinte para Brasília. Essas viagens a trabalho aconteciam esporadicamente, em ocasiões em que por algum motivo eram necessárias reuniões governamentais com a presença de todos os ministros. Na maior parte do tempo, porém, a ministra da Educação trabalhava de modo remoto em seu escritório domiciliar, através do uso da rede de dados – o nome atual para *internet* – e chamadas de vídeo.

- Se não surgir nenhum imprevisto, estarei de volta domingo. – disse, e dirigiu-se a Sarah - Alguém virá entregar o uniforme da escola de Carolina no sábado. Receba, lave e guarde adequadamente. Diga que incluam em minha conta, e acertarei tudo quando voltar.

Sarah ouvia as instruções com atenção. Já estava acostumada a receber encomendas e entregas todos os dias. Há alguns anos, serviços de assinatura de mercados, padarias e lojas se tornaram comuns, e Iris, que tinha condição de pagar por todos eles e nenhuma vontade de sair para comprar qualquer coisa, resolvera que essa era a melhor maneira de manter a casa abastecida. Além disso, Sarah era terminantemente proibida de sair, usando em seu tornozelo um localizador que permitia que se deslocasse apenas pelo perímetro da casa.

- Não esqueça de carregar seu localizador. – disse a patroa – Sabe que se ficar sem bateria, o sistema de busca é ativado, e depois sou eu que tenho que resolver.

- Sim, senhora.

Depois que terminou de passar as instruções a Sarah, Iris pediu licença e se retirou, alegando que precisava dormir cedo para estar descansada no dia seguinte. Oscar e Carolina ficaram na sala de estar vendo um filme enquanto a criada arrumava a mesa, lavava as louças e jantava na cozinha. Quando terminou seu serviço, voltou à sala, perguntando ao patrão se havia algo mais que ele precisasse.

- Sim, Sarah. – disse ele, acordando Carolina, que cochilava ao seu lado. – Leve essa pequena para o quarto, ela já está exausta.

- Não, papai, eu... – a menina bocejou – Eu estou assistindo ao filme e...

- Amanhã terminamos. – ele disse, dando um beijo em sua testa – Agora vá com a Sarah.

Eu ainda preciso resolver algumas coisas antes de me deitar.

Sarah deu a mão a Carolina e as duas subiram as escadas. Depois que esperou a menina escovar os dentes e trocar de roupa, colocou-a na cama, dando-lhe um beijo no rosto e desejando boa noite.

Quando estava prestes a sair, porém, ouviu sua voz novamente.

- Sarah?

- Sim, querida. – respondeu, virando-se para olhá-la.

- Você acha que eu devo ter vergonha da minha família?

Sarah se espantou com a pergunta, fechou a porta e sentou-se ao lado da menina na cama.

- Por que está me perguntando isso, querida?

Carolina sentou-se e pensou um pouco antes de falar.

- Minha avó não sabe falar bem e mora na favela. – respondeu – E a tia Iris não gosta dela por causa disso.

Sarah engoliu em seco e pensou bem no que poderia dizer nessa situação. Sabia que o que a menina dizia era verdade, mas não podia complicar as coisas, nem para Carolina nem para ela mesma.

- De onde você tirou um absurdo desses? – perguntou - Sua tia ama você e sua família, do contrário você e seu pai não morariam aqui, e ela não te deixaria conversar com sua avó e visitá-la nos fins de semana.

- Ela pode gostar de mim, mas não da minha avó. – afirmou a menina, muito séria - Eu sei, Sarah.

- E como você sabe disso? – Sarah perguntou.

- Ela disse.

- Sua tia disse isso a você? Que não gosta da sua avó?

Carolina repensou.

- Não, não exatamente. Mas eu já a ouvi dizer algumas vezes que pessoas que falam como minha avó são inferiores, que elas destruíam a língua, impediam o progresso. E hoje, na escola, ela não deixou que eu falasse sobre ela com o diretor. Parecia com medo de que ele soubesse de onde eu vim.

- Minha querida, tudo isso me parece um mal-entendido. Talvez você tenha interpretado as ações da sua tia de uma forma errada. Ela se preocupa muito com você e quer seu bem acima de tudo.

A menina negava com a cabeça.

- Quando ela fala da minha avó, é sempre com desprezo, Sarah. Você nunca notou?

- Não vejo dessa forma, querida. – Sarah mentiu — Sua avó é uma pessoa maravilhosa, com um coração de ouro, mas infelizmente não teve oportunidade de estudar e desenvolver sua fala. E hoje em dia, isso é muito valorizado. Sua tia tem medo de que você se deixe influenciar pela fala da sua avó, porque...

- Porque ela é errada, eu sei. – cortou a menina, e Sarah notou que ela pareceu desanimar. Sentiu que Carolina esperava mais dela, mas Sarah não podia atender a essas expectativas. Nem mesmo deveria estar falando sobre esse assunto. Se Iris descobrisse, o que poderia acontecer?

- Você pensa como ela. – disse a menina, e Sarah percebeu que era uma afirmação e não uma pergunta – Todos pensam.

Sarah não soube o que dizer.

- Você pode sair agora, Sarah. – disse Carolina, virando-se para o lado e se ajeitando para dormir. Sarah notou que ela chorava, mas não havia o que pudesse fazer. Levantou-se e saiu do quarto, sentindo-se péssima por não poder falar sua verdadeira opinião e por trair a confiança daquela menina que apenas buscava nela um conforto diante de todo aquele absurdo.

Ela desceu as escadas e conseguiu chegar à cozinha antes que as lágrimas começassem a cair. Fazia tempo que não chorava, que aceitara sua condição e sua realidade. Sofrer sabendo que nada nunca poderia ser mudado só a faria ficar cada vez pior, isso era óbvio.

Ao ver a tristeza de Carolina pelo preconceito que sua avó sofria, porém, toda a fortaleza que ela criara nos últimos cinco anos desmoronou. Sua mente voltou ao passado e a fez se lembrar de tudo que ela perdera, de todo o retrocesso que vira acontecer sem poder fazer nada para impedir. Doía se sentir tão impotente, doía ver que tantos mais sofriam por culpa de pessoas como Sílvio Salvador, Iris D'asquad, Oscar Santos.

- Malditos. – disse, entre soluços – Malditos, todos vocês.

- O que disse?

Sarah sentiu seu coração ir à boca quando ouviu a voz do patrão atrás de si. Respirou fundo, secando as lágrimas com as costas das mãos e tentando se recuperar.

- Nada, senhor. – disse, sem se virar – Estava apenas pensando nos meus afazeres de amanhã cedo.

Oscar caminhou até ela e pôs a mão em seu ombro, fazendo-a se virar para ele.

- Você está chorando. – disse, um tanto espantado – Aconteceu alguma coisa com você?

Sarah tentou novamente secar os olhos com as mãos.

- Não, senhor. Perdão. – disse, se recompondo - O senhor precisa de alguma coisa?

Ele a olhava intrigado.

- Não. – disse – Pode se retirar para seus aposentos, se desejar.

Ela agradeceu e pediu licença, e Oscar pôde ouvir seus passos até o anexo seguidos do barulho da porta se fechando. Ele se serviu de um pouco de vinho, sentou-se diante do balcão da grande cozinha e permaneceu ali ainda algum tempo ali, encarando um ponto fixo e se perguntando o que poderia ter feito Sarah chorar daquela maneira.

## 49

Quando Iris viajou no dia seguinte, Sarah imediatamente sentiu que o clima na casa ficara mais leve. Sempre que a patroa estava fora, tudo parecia melhor. Iris era o tipo de pessoa que carregava uma aura de conflito e tornava qualquer ambiente desagradável de repente. Embora Oscar nunca dissesse isso em voz alta, sentia o mesmo, e era perceptível que seu humor ficava melhor nos dias em que a ex-cunhada não estava presente.

- Vou precisar trabalhar hoje. – disse ele a Carolina, durante o café da manhã de sábado – Mas amanhã podemos sair para aproveitarmos seu último dia de férias.

- Podemos ir visitar minha avó. – disse a menina, animada – Já não vamos lá há semanas.

Oscar bebeu um pouco de café e sorriu, sem dizer nada. Quando terminou a refeição, Carolina subiu para seu quarto, dizendo que lería um livro. O pai ainda continuou um tempo sentado à mesa, a tela eletrônica ao lado. Sarah podia ver o título Brasil Notícias e sabia que ler as principais manchetes do dia era uma tradição do patrão.

Como sempre, ela perguntou a ele se poderia limpar a mesa e ele assentiu. Conforme começava sua tarefa, porém, observou que o patrão acompanhava seus movimentos com o olhar e se sentiu incomodada. Após pensar se deveria ou não dizer alguma coisa, não viu mal em se virar para ele e perguntar.

- Posso servi-lo em algo mais, senhor?

Oscar não pareceu abalado com a pergunta.

- Já disse que não, Sarah. – respondeu, mas manteve os olhos voltados para a criada. Ela, por sua vez, desistiu de entender o que acontecia e seguiu com seus afazeres, até que terminou de retirar tudo da mesa e anunciou que iria lavar a louça.

- Espere. – Oscar disse, quando ela já se encaminhava para a cozinha. – Não precisa ir agora. Sente-se um pouco.

Sarah pensou ter ouvido mal.

- Desculpe, senhor, não entendi.

- Eu disse para se sentar. – repetiu Oscar – Deve estar cansada. Iris não está aqui, eu não me importo que você demore um pouco mais nas suas tarefas. Sente-se.

Sarah não sabia se podia dizer não a isso. Em sua posição, toda e qualquer ação devia ser pensada muitas vezes para que não ofendesse as pessoas que, literalmente, mandavam em sua vida.

- Obrigada, senhor. – disse, o mais educadamente possível – Mas não há necessidade. Não me sinto cansada e posso continuar meus serviços normalmente.

Oscar insistiu.

- Sente-se, Sarah. Se não porque está cansada, ao menos porque estou mandando que o faça.

Sarah não teve escolha a não ser obedecer, e sentou-se na cadeira que ele lhe apontava. Era estranho se colocar naquela posição, e só então ela se deu conta de que, em cinco anos que vivia naquela casa, nunca antes tinha se sentado em uma daquelas cadeiras da sala de jantar.

- Como você está hoje? – perguntou ele, de repente.

- Muito bem, senhor. Obrigada por perguntar.

- Já tomou seu café da manhã?

- Sim, senhor. Antes de iniciar minhas tarefas.

Sarah respondia as perguntas no automático, desconfiada daquele súbito interesse. Mantinha a cabeça baixa em sinal de respeito, e em sua mente, pedia para que esse momento tão esquisito acabasse logo e ela pudesse seguir sua vida, suas tarefas, sua rotina. Oscar pareceu perceber que ela não estava confortável com a situação e tentou tranquilizá-la.

- Não precisa se preocupar. – disse – Eu só quero conversar um pouco.

Sarah se manteve calada.

- Queria saber o que aconteceu ontem. Eu nunca vi você daquele jeito. Está tudo bem?

Ela o olhou por um segundo, mas logo voltou à posição de antes. Sabia que seus olhos poderiam denunciar a raiva que sentia, e não se arriscaria assim. Não acreditava que ele pudesse dizer o que disse assim, tão naturalmente. Ele nunca a vira daquele jeito? Nunca?

Talvez ele tivesse esquecido do dia em que seu colega de trabalho a agrediu a ponto de fazê-la desmaiar ou de quando esse mesmo colega quase a sufocou. Talvez não lembrasse de seu desespero diante das câmeras dos jornalistas ao saber que toda a sua vida acabara. Talvez ele estivesse ocupado demais, distraído demais para notar que tudo que ela fizera nos meses em que esteve presa fora chorar, gritar e pedir socorro enquanto seus subordinados a torturavam e ninguém, nem mesmo ele, se incomodava.

O que mais doía em Sarah era pensar que tudo isso fora culpa dele, somente dele. Fora ele quem se aproximara dela no dia da manifestação, fora ele quem fingira ser apenas um participante do movimento quando na verdade estava confirmando para os colegas a identidade das organizadoras. Fora por culpa dele que seus estudantes foram atacados, que Mariana sumira, que sua vida se tornara um inferno. Ele, que agora se fingia de bom moço preocupado com seu bem-estar, era o maior responsável pelo seu sofrimento.

Sarah engoliu as palavras e esvaziou a mente. Com um sorriso leve e contido, finalmente olhou para o patrão, respondendo com toda a calma:

- Estou ótima, senhor.

Oscar desistiu de tentar novamente. Alguma coisa aconteceu, era óbvio, mas por algum motivo ela não queria dizer o quê. Ele, de certo modo, entendia. Sabia que ela não confiava nele e que tinha suas razões para isso, mas também sabia que ela não o conhecia tão bem quanto pensava. Ele nunca teve a oportunidade de contar a ela sua versão da história. Tudo acontecera muito rápido e ele não tinha culpa de eles terem se encontrado em lados opostos de uma sociedade que começava a se desenhar. Sarah não fazia ideia de tudo que ele vivera antes de se tornar o que era e muito menos do que passava em sua mente naquele momento.

Um dia, pensava, talvez dissesse a ela. Sabendo, porém, que esse dia definitivamente não seria aquele, ele autorizou que ela se retirasse e se levantou, pegando sua tela eletrônica e saindo para cumprir seu trabalho na instituição responsável pelos piores pesadelos de Sarah.

## 50

Sarah se viu sozinha com Carolina na casa, e continuou seu dia como de costume. A conversa com Oscar a deixara abalada, mas ela decidiu que de nada adiantaria ficar relembando suas perguntas e tentando encontrar um motivo para elas. Era melhor esquecer.

Depois que deu o almoço de Carolina, Sarah subiu para lavar os banheiros. Estava distraída quando ouviu o toque do interfone. Correu a atender e era o porteiro, avisando sobre a entrega que ela já sabia estar programada para aquele dia. Ela autorizou a entrada da pessoa e desceu enxugando as mãos na própria roupa, observando que Carolina havia cochilado no sofá da sala enquanto um programa qualquer passava na televisão.

Tentou ser o mais silenciosa possível ao abrir a porta, e olhou novamente para trás, verificando se a menina ainda dormia, quando ouviu a voz da entregadora à sua frente.

- Sarah?

Ela se virou e viu um rosto conhecido que a olhava boquiaberto.

- Eu não acredito. – disse a mulher do lado de fora - É você!

Sarah demorou alguns segundos para entender o que acontecia, mas logo se recuperou e mandou que ela se calasse. Olhou para trás mais uma vez e, confirmando que Carolina continuava em sono profundo, saiu para a varanda da casa, fechando a porta atrás de si.

- O que aconteceu? – a mulher perguntou, em voz baixa, chegando perto de Sarah – Como você veio parar aqui? Você fugiu da prisão? Quem...

- Camila! – Sarah disse, também em voz baixa e olhando para os lados, com medo de que algum vizinho pudesse ouvi-las. A casa de Iris ficava em um condomínio onde Salvador morara durante anos antes de ser eleito, e a maioria dos moradores era apoiador ou conhecido do presidente. – Fale baixo. Aja como se não me conhecesse.

Camila pareceu entender que sua atitude efusiva poderia prejudicar Sarah, e mudou de postura, pegando uma tela eletrônica na bolsa e entregando a Sarah junto com uma caneta digital.

- Eu trouxe uma entrega para Iris D'asquad. – disse, em voz alta – Assine o recebimento, por favor.

Sarah pegou os dois objetos e fingiu ler o documento.

- Como você me encontrou? – perguntou em voz baixa, ainda olhando para a tela – Quem te disse que eu estava aqui?

Camila a olhou confusa.

- Ninguém me disse nada. – falou, o tom tão baixo quanto o de Sarah – Eu nunca imaginei te encontrar aqui. Só vim fazer a entrega.

Sarah a olhou de relance e voltou a encarar a tela.

- Então é melhor você esquecer que me viu. – disse, séria.

Camila olhou bem para Sarah, observando seu uniforme, os cabelos presos, o localizador no tornozelo. Arregalou os olhos quando compreendeu o que aquilo significava.

- Você é prisioneira?

Sarah não respondeu.

- É isso, não é? Eles te colocaram aqui, mentiram que você tinha saído do país, te vigiam... – ela parou e pensou um pouco - Você não pode nem mesmo sair dessa casa, não é?

Sarah fez que não com a cabeça e devolveu a tela eletrônica e a caneta.

- Há quanto tempo?

- Entregue-me o pacote, por favor. – disse.

- Há quanto tempo, Sarah? – insistiu Camila.

Sarah sentiu um nó na garganta se formando, mas se controlou.

- Cinco anos. – sussurrou, logo depois elevando o volume da voz novamente – Entregue-me o pacote.

Camila pegou o pacote do chão, entregando-o a Sarah.

- As pessoas precisam saber disso, Sarah. – disse – Todos acham que você fugiu, que abandonou o país.

- Ótimo. – disse Sarah – É melhor que continuem pensando dessa forma. Com licença.

Antes que Camila pudesse reagir, ela entrou e fechou a porta.

- Sarah, o que foi? – Carolina levantou-se do sofá e foi até ela. – São meus uniformes?

- Sim, querida, são sim. – disse, tentando manter a calma – Vou lavá-los e deixá-los prontos para você.

- Quer alguma ajuda? – disse a menina, e Sarah notou que essa era a sua forma de dizer que não estava mais chateada por aquela conversa de alguns dias atrás.

- Não precisa, meu amor. Pode ir descansar.

Carolina voltou ao sofá, dessa vez pegando seu celular para jogar. Sarah foi para a lavanderia nos fundos da casa, onde abriu o pacote de uniformes e colocou todos para lavar. Somente depois de programar a máquina e apertar o botão de início, ela se permitiu pensar sobre o que aconteceu.

Era uma coincidência absurda que Camila a tivesse encontrado ali. Ela disse que apenas fora fazer a entrega, mas isso não fazia o menor sentido. Camila estudava TI quando a conheceu, por que agora seria uma entregadora? O que teria acontecido com ela? Talvez isso tudo fosse um teste. Um teste de Iris, para vigiar Sarah, para verificar se ela era confiável, se ela tentaria algo em sua ausência. Sim, essa possibilidade era mais lógica, Iris ou Salvador ou até mesmo Oscar podem ter feito isso, mandado Camila até lá para verificar se Sarah cumpriria seu dever ou tentaria fugir, falar mal do governo ou qualquer coisa do tipo. Isso explicava também a atitude estranha de Oscar, então sim, só podia ser isso, Sarah concluiu.

Ela respirou fundo algumas vezes e começou a relaxar. Tinha noção de que não fizera nada de errado. Se era um teste, ela fora aprovada. Cumprira sua obrigação, não cometera nenhum deslize, encerrara a conversa a tempo. Podia seguir com seus dias, podia se tranquilizar. Não haveria por que ser punida, não haveria motivos para temer. Tudo estava bem. Tudo *tinha* que estar bem.



## 51

Quando voltou de viagem no dia seguinte, Iris estava muito séria. Não falou com ninguém, entrando diretamente para seu escritório e se trancando lá até o fim do dia. Carolina, que não gostara quando o pai disse que não poderia levá-la para ver a avó naquele dia, logo esqueceu a situação, substituindo a chateação por curiosidade em relação à tia.

- Minha tia está bem? – perguntou ao pai, quando jantavam.

- Acredito que sim. – disse Oscar, sem muita certeza – Você a chamou para o jantar, Sarah?

- Sim, senhor. Ela disse que não estava com fome e pediu que eu não a atrapalhasse mais. Oscar deu de ombros.

- Em algum momento vamos acabar descobrindo o que está acontecendo. – disse à filha, que concordou.

Depois do jantar, Oscar liberou Sarah da tarefa de colocar Carolina na cama, levando ele mesmo a menina e indo para seu quarto logo depois. Iris ainda não tinha saído de seu escritório e Sarah, com suas tarefas já feitas, recolheu-se em seu anexo. Deitada na cama, ela ainda tentava dormir – era comum que demorasse, tinha medo dos pesadelos – quando ouviu barulho de passos na cozinha. Imaginando que fosse Iris, ela não se moveu, mas logo a porta de seu quarto se abriu e ela pôde distinguir o rosto da patroa no escuro.

- Sarah, levante-se. Preciso de você agora em meu escritório.

Se pudesse, Sarah a teria xingado. De pijama e chinelos, ela seguiu a patroa pelas escadas e chegaram até o cômodo onde a mulher estivera trancada durante todo dia. Sarah notou a bagunça já imaginando o quanto de trabalho teria no dia seguinte para organizar tudo aquilo. Havia papéis espalhados pela mesa e pelo chão, alguns amassados, outros rabiscados. A tela eletrônica de Iris estava sobre a mesa, e mostrava uma espécie de tabela que, de longe, Sarah não conseguia identificar do que seria. A mala que Iris usara na viagem estava jogada em um canto, aberta, com algumas roupas remexidas.

- Venha aqui, Sarah. – Iris falou de repente, se aproximando da escrivanhinha.

Ela pegou sobre a mesa uma espécie de cordão com uma das mãos, enquanto com a outra, pegava seu celular. Depois de digitar alguns números que parecia copiar de um papel à sua frente, ela largou o aparelho sobre a cadeira e pegou o cordão com as duas mãos, esticando-o para que Sarah o visse bem. Ela não pôde deixar de notar o pingente que pendia do cordão, de formato similar a uma moeda.

Sarah ficou parada, olhando para o objeto sem saber o que Iris esperava dela.

- Não vai me perguntar o que é isso? – disse Iris, sorridente.

- Desculpe-me, senhora. O que é?

Iris pegou o pingente com uma das mãos, aproximando-o do olhar de Sarah.

- Isso é progresso, Sarah. Evolução. – ela sorria, parecendo muito orgulhosa de si mesma – Com isso, vamos mudar a história da Língua Portuguesa nesse país!

Sarah ouvia atenta o que ela dizia, mas continuava sem entender absolutamente nada. Iris, que agora olhava para o tal pingente com um brilho nos olhos, continuou.

- Com este pequeno aparelhinho, vamos poder garantir que as pessoas finalmente usem a língua corretamente. Isso, Sarah, é um CIP. Um Controlador de Idioma Populacional. Criação minha.

Sarah a olhava tentando manter uma expressão neutra, mas em sua mente, apenas uma conclusão surgia: Iris tinha ficado completamente louca.

- A senhora – ela arriscou, tentando escolher as melhores palavras – criou esse aparelho?

- De certo modo, sim. – disse Iris, andando pelo cômodo e admirando o objeto em suas mãos – Foi minha a ideia. Contratei uma empresa para colocá-la em prática, afinal, tecnologia não é a minha especialidade. Mas toda a programação do funcionamento foi realizada por mim e pela minha equipe.

Iris olhou para Sarah, ainda sorrindo. Parecia esperar que ela continuasse a perguntar, que demonstrasse interesse. Sarah, que não tinha qualquer vontade de desapontar a patroa, e começava a querer entender o que exatamente era aquele aparelho, fez o que ela desejava.

- Como funciona? – perguntou.

- Fico feliz que tenha perguntado. – Iris chegou perto de Sarah, que, por instinto, se retraiu. – Ora, do que está com medo? É um colar, eu só vou colocá-lo em você.

- Certo. Desculpe.

Iris pendurou o colar no pescoço de Sarah.

- Agora, fale. – disse Iris.

- O que devo falar, senhora?

- Fale algo... algo errado. – Iris estava empolgada.

- Desculpe, eu não entendi o que...

- Ora, Sarah, fale aquelas baboseiras que você sempre defendeu. – Iris se irritou e Sarah não pôde deixar de pensar em como ela perdia a paciência com facilidade - O nome daquele seu movimento estúpido já serve.

Sarah engoliu em seco. Seu movimento. O movimento que ela criou em outra vida, que fez com que ela se sentisse tão orgulhosa de si. O movimento que fez com que ela perdesse sua amiga. Com que perdesse a si mesma.

- Vamos, Sarah! Fale!

- O nome do meu movimento era... Seje Livre.

Assim que Sarah disse a palavra “seje”, o pingente em seu colar apitou.

- Isso! – Iris gritou, batendo palmas. Andou rapidamente até a escrivaninha, pegou o celular e clicou algumas vezes, olhando atentamente para a tela do aparelho. – Funcional!

Antes que Sarah pudesse organizar os pensamentos para entender o que acontecia, Iris se apressou a dizer:

- Você entende o que isso significa? – ela ria, satisfeita – Significa que o meu nome vai ficar marcado na história do Brasil como aquela que conseguiu finalmente limpar a nossa língua de todos os erros, de todos os vícios. É perfeito! Veja isso.

Ela apontou a tela do celular para Sarah, em que havia uma notificação que dizia: “*O CIP MODELO 24601 REGISTROU UM ERRO NA FALA DE SEU PROPRIETÁRIO. PONTOS PERDIDOS: 1*”. Sarah ficou em choque.

- Isso quer dizer que...

- Que todos os brasileiros terão um desse e que, a cada erro cometido na fala, um ponto será pedido. Tudo será registrado no exato momento da infração, enviando a informação diretamente para a central responsável, que, ao final de cada mês, fará uma análise da quantidade de erros de cada um. Caso ultrapasse a cota estipulada, a pessoa deverá pagar uma multa, podendo até mesmo ser presa em caso de reincidência. – ela falou tão rápido e com tanta empolgação que precisou parar para respirar.

Sarah a olhava boquiaberta.

- Isso é...

- Maravilhoso! Excepcional! Genial! Uma ideia fantástica para salvar a língua!

- Horrível.

A expressão de Iris mudou de repente.

- O que disse?

Sarah estava tão chocada com aquela ideia que não pensou direito antes de repetir.

- Disse que isso é horrível.

Iris respirou fundo. Voltou para sua escrivaninha e se sentou em sua cadeira.

- Imagino como você deve estar se sentindo, Sarah. – ela disse, a voz calma – Algo assim destrói completamente qualquer plano seu de tentar fazer o país voltar ao que era antes. Você sempre quis ver o caos, não é? Sempre defendeu o erro, sempre insistiu em convencer as pessoas de que tudo deveria ser considerado um acerto, do ponto de vista linguístico. Mas você caiu, Sarah. Você e todos os seus amiguinhos. Seu plano falhou. Suas ideias morreram. E agora, eu – ela apontava para si mesma, com orgulho – vou salvar o nosso país e a nossa língua da deterioração que você incentivava. E a sua opinião quanto a isso não é bem-vinda. Porque você não é mais nada. Você não tem nada, você não sabe de nada. Está me ouvindo? – ela elevou a voz – Você agora é uma mera criada que deve obedecer às minhas ordens. Eu estou no comando, Sarah. Nunca se esqueça disso. E engula sua língua antes de pensar em criticar o trabalho que estou fazendo para consertar tudo de ruim que você fez.

Sarah percebeu que falara demais.

- Perdão, senhora. – ela disse, abaixando a cabeça e sentindo uma dor que ela não conseguia distinguir como nada além de um orgulho ferido.

- Que seja. – Iris agora era só irritação – Agora desça e esquite um pouco de comida do jantar, estou com fome.

Sarah se dirigiu à porta, mas logo foi chamada de volta.

- Devolva o aparelho. Não é seu.

Ela voltou para perto da escrivaninha e tirou o colar, que entregou nas mãos de Iris. Pedindo licença, saiu do escritório, fechando a porta atrás de si com cuidado e em completo silêncio.

Iris ainda estava nervosa. Não acreditava em como Sarah tivera coragem de dizer aquilo sobre seu projeto, sobre algo em que ela vinha trabalhando há anos e só agora conseguira colocar em prática depois de muito planejamento, esforço, captação de recursos e de apoiadores.

- Maldita - ela disse para si mesma. - Maldita Sarah Ribeiro que ainda se acha digna de alguma coisa. Mas ela não é nada, não mais. Que morra engasgada com seus ideais ridículos. Sou eu que estou no comando agora. - repetiu.

Antes de descer para comer, ela ainda se lembrou de pegar o celular e enviar uma mensagem para o representante da empresa responsável pela criação do aparelho, composta por apenas uma palavra: aprovado.

Carolina começou seus estudos na Arabech na semana seguinte, sendo levada todos os dias pela tia, o que ela odiava. Logo ficou conhecida como a “sobrinha da ministra” e isso fez

com que todos os professores a olhassem de outra forma, usando-a como exemplo diante dos colegas e exaltando sempre sua inteligência e capacidade. Carolina não gostava dessa exibição, principalmente porque sabia que ela acontecia mais para bajular a tia do que de fato pelo seu bom desempenho.

Iris, por sua vez, sentia-se no céu todas as vezes que chegava à porta da escola para deixar a sobrinha e era cumprimentada por praticamente todos que passavam. Responsáveis, professores e funcionários da escola, todos tinham algo a dizer, um elogio a fazer, uma sugestão para auxiliá-la em seu trabalho. Carolina olhava aquelas pessoas e só conseguia pensar que pareciam todas iguais: os mesmos modos, os mesmos pensamentos, a mesma forma de falar. Sentia-se igual quando observava os colegas de sala, e não sentia a menor vontade de iniciar uma amizade com nenhum deles, ficando sozinha a maior parte do tempo.

Ninguém parecia notar que isso acontecia, exceto Sarah. Ela percebia a menina cada vez mais silenciosa, quieta e triste. Na maior parte do tempo em casa, queria ficar em seu quarto – alegava que tinha deveres a fazer ou que precisava ler um livro – e quase não falava durante as refeições. Ela começou a se preocupar, mas não sabia se deveria se intrometer. Da última vez que tentou ajudar Carolina a se sentir melhor, precisara mentir e acabara piorando a situação. Decidiu, então, comentar algo com o patrão, no intuito de que ele pudesse fazer algo para mudar a situação. Apesar de todo o ódio que sentia por Oscar, ele era pai de Carolina, e ela sabia que ele a amava e queria seu bem.

Em uma manhã, ela se preparava para iniciar o assunto durante o café da manhã do patrão, logo após Iris ter saído para levar Carolina na escola. Oscar estava à mesa, dessa vez vestido em roupas simples, sem seu terno de trabalho. Trabalhara além do seu expediente no dia anterior e tirara a manhã de folga, acordando um pouco mais tarde do que de costume. Sarah o observava lendo as notícias em sua tela eletrônica, e esperava que ele acabasse para sutilmente comentar o quanto estava preocupada com Carolina. Antes disso, porém, ele mesmo dirigiu-se a ela.

- Você está sabendo disso, Sarah? – perguntou – Desse tal de CIP que a Iris inventou?

Sarah concordou com a cabeça e disse que a patroa comentara algo no dia em que voltou de viagem. Oscar sacudia a cabeça para os lados, em negação, enquanto olhava para a tela.

- Escute isso: - ele começou a ler o que constava na notícia - *“Segundo a ministra da Educação Iris D’asquad, o CIP, sigla para Controlador de Idioma Populacional, é equipado com um receptor de áudio programado com uma inteligência artificial que consegue captar e identificar a voz de seu usuário cadastrado. Cada pessoa terá o seu aparelho pessoal, que ficará ligado durante todo o dia. O CIP funcionará com uma bateria durável que, segundo os testes, deverá ser trocada semestralmente. O aparelho identificará os erros na fala de seu usuário, e a cada erro percebido, soará um apito, o que significa um ponto perdido. Esse apito servirá para que o usuário saiba que está sendo monitorado e tenha controle da quantidade de erros que já cometeu. Ao final de um período de trinta dias, cada pessoa receberá em seu CIP um extrato em áudio especificando quantos erros foram cometidos. Se a quantidade ultrapassar a cota estabelecida, haverá uma multa a ser paga, e se isso não acontecer, o usuário será procurado pelos DOPs para prestar contas por sua inadimplência. ‘Começaremos com uma cota de dez erros por dia, contando com reincidências, mas a tendência é que esse número diminua até chegar a zero.’, disse a ministra.”*

Oscar finalizou a leitura e olhou para Sarah, que não sabia o que deveria dizer.

- Parece que Iris ficou louca. – disse ele, desligando a tela eletrônica. – Ela realmente pensa que isso pode funcionar? E ainda jogou a responsabilidade para a minha corporação, como se não tivéssemos mais nada a fazer!

Sarah continuou calada.

- Sarah, por Deus, diga alguma coisa! – ele disse, incomodado com o silêncio da criada.

- Não tenho nada a dizer, senhor.

Ele suspirou. Já não era a primeira tentativa de aproximação frustrada com Sarah. Entendia que ela preferisse não dizer nada quando ele tentava iniciar algum assunto, pois sabia que havia ali uma relação de hierarquia marcada por um histórico que anulava qualquer possibilidade de amizade, mas ainda assim insistia, por se sentir solitário e perceber, especialmente agora, que não havia ninguém além dela com quem pudesse conversar.

Oscar mal se relacionava com os colegas do trabalho que, talvez intimidados por ele ser o chefe ou talvez por algum outro motivo que ele desconhecia, mantinham com ele contatos apenas quando necessário por motivos profissionais. A mãe, com quem sempre tivera uma ótima relação, não falava com ele desde que percebera que ele se envergonhava de sua fala. A filha, ele quase não via mais, devido aos compromissos escolares que a mantinham ocupada durante todo o dia. Sua única alternativa seria Iris, mas a verdade era que ele tolerava a convivência com ex-cunhada há cinco anos unicamente por saber que era o melhor que podia fazer por Carolina.

- Você também é formada em Letras, não é? – ele perguntou, de repente, surpreendendo Sarah.

Aquela pergunta, assim como todas as vezes que alguma referência a seu passado era feita, a fez sentir vontade de chorar. Ela se controlou e respondeu, sem entender por que ele perguntava o que obviamente já sabia.

- Sim.

Oscar sorriu, sentindo que finalmente conseguia iniciar uma interação. Aproveitou para perguntar mais sobre o assunto. Ele sabia pouco sobre a vida profissional de Sarah de antes e absolutamente nada sobre sua vida pessoal, e tinha alguma curiosidade.

- Só isso? – ele disse, sorrindo – Diga-me algo mais.

- O que mais o senhor deseja saber? – Sarah perguntou.

- Qualquer coisa. – ele deu de ombros.

Sarah o olhou, sem entender.

- Fale sobre seu trabalho. – ele especificou.

- O senhor já conhece o meu trabalho.

- Não estou falando desse, Sarah.

Ela demorou alguns segundos para compreender o que ele queria. Aquele assunto a fazia mal.

- Conte tudo quando fui presa, senhor. Não há mais nada a dizer.

Oscar não desistiu.

- Então me diga o que pensa sobre tudo isso. – e apontou para a tela eletrônica desligada – Você concorda com essa história de CIP?

- Minha opinião não importa, senhor. – ela disse, começando a ficar nervosa com a insistência do patrão – Não sou ninguém para concordar ou discordar de uma decisão da ministra da Educação.

- Você tem a mesma formação que ela. – ele disse – Aliás, pelo que me lembre, seu grau de escolaridade era ainda maior. Não é possível que você não tenha uma opinião formada sobre isso.

Sarah sentia que ele a provocava, mas não entendia o porquê. Ele não era idiota, sabia muito bem que Sarah passara toda a sua vida lutando para impedir que coisas como aquela

acontecessem. Fora assim que chegara até ali, não? Foi por isso que eles a prenderam, foi por isso que destruíram sua vida.

- Eu não disse que não tinha uma opinião, senhor. – ela respondeu, já cansada do joguinho que ele fazia – Eu disse que ela não importa. Aprendi há bastante tempo que devo me manter calada. Nada do que eu tenha a dizer vale alguma coisa, não mais.

Oscar se calou. Pareceu constrangido com a resposta, como se não esperasse causar essa reação em Sarah. Pensou em pedir desculpas, mas logo desistiu. Ele ainda era seu patrão, afinal. Ainda assim, sentia que precisava dizer algo. Levantou-se e pegou a tela eletrônica sobre a mesa.

- Nem sempre a opinião mais valorizada está correta. – disse, ao sair da sala de jantar.

Sarah finalmente elevou a cabeça, acompanhando os passos dele e ouvindo quando subia as escadas e se fechava em seu quarto. Ela demorou algum tempo para se recompor e continuar seus serviços, mas durante o resto do dia uma mesma pergunta percorreu sua mente: o que ele quis dizer com aquilo?

## 53

Oscar passou o dia estressado no trabalho. Tivera uma conversa com a mãe antes de sair de casa que não saíra como ele esperava. Pensou, quando viu a ligação, que ela queria tentar uma reaproximação, que tivesse perdoado sua falha anterior. Muito pelo contrário, além de chateada, ela agora estava preocupada com o que aconteceria quando os CIPs começassem a ser usados.

- Onde que eu vou arrumar dinheiro pra mim pagar essas multa? Eu num consigo falar direito, tu sabe disso, Oscar.

Ele tentou amenizar a situação.

- Eu entendo, mãe, mas não posso fazer nada. – ele pensou um pouco. – A única solução seria a senhora tentar falar menos, assim o aparelho não vai registrar tantos erros.

- Tu tá me mandano calar a boca, Oscar?

- Não, mãe. Eu só quero ajudar.

Conceição suspirou.

- Tá bom. Deixa pra lá. A culpa é minha, ninguém mandou eu ser burra, se eu num fosse, num ia ter pobrema.

- Não diga uma coisa dessas, mãe. Você não é burra.

- Se tu pensasse isso memo, tu num ia ter vergonha de mim.

Oscar não soube o que dizer e a mãe, sem esperar resposta, encerrou a chamada, deixando-o sozinho com seus próprios pensamentos. Ele sabia que ela estava certa no que dizia, e isso era o que mais o incomodava. Se ele não tinha culpa alguma naquela situação, menos ainda tinha ela. Sentia-se péssimo em dizer à própria mãe que deveria se calar, como se isso fosse algo fácil e nem um pouco incômodo. Passou a tarde pensando no assunto e quando voltou para casa, próximo do horário do jantar, resolveu que tentaria uma conversa com Iris. Sabia que jamais poderia convencê-la a voltar atrás em suas decisões, mas quem sabe conseguisse despertar sua paixão.

Sarah levava Carolina para a cama quando ele chamou a ex-cunhada para conversarem na varanda. Ela estranhou o pedido, mas o seguiu sem discutir. Oscar se apoiou no parapeito enquanto Iris se sentou em uma cadeira e esperou até que ele dissesse o que queria.

- Vou direto ao assunto, Iris. – falou – Estou preocupado com minha mãe, agora que você resolveu implementar esse tal de CIP.

Iris revirou os olhos.

- Sei que você não vai mudar de ideia ou voltar atrás em relação a esses aparelhos. – ele continuou, percebendo a reação dela – Mas gostaria que ao menos pensasse em pessoas como ela, que claramente não conseguirão usá-los sem ter problemas.

- Não posso fazer nada quanto a isso, Oscar. – ela disse – Os CIPs vão funcionar igualmente para todos, sem exceção, e a tendência é diminuirmos a cota de erros o mais breve possível. Se sua mãe não quiser ser prejudicada, vai precisar aprender ou a falar corretamente ou a ficar calada.

Ele se sentiu incomodado com a sugestão, principalmente por saber que fora exatamente o que dissera à mãe.

- Eu entendo, Iris. – disse – Mas sei que as duas opções são muito difíceis para ela. Minha mãe já está em uma idade em que esse tipo de mudança se torna muito difícil de acontecer... Se houvesse alguma alternativa, algum jeito de...

- Não há jeito algum, Oscar – disse Iris – Sua mãe não é melhor do que ninguém para obter tratamento diferenciado. Ela devia ter se preocupado com isso antes e ter estudado, buscado melhorar! Além do mais, pode ser que ela finalmente se interesse em aprender agora. Não é impossível. As pessoas não querem se esforçar ao falar, não se dão ao trabalho nem mesmo de pensar. Com o sistema de punição do CIP, isso vai mudar. Todos nós podemos controlar nossa fala, e quem não o fizer por puro desleixo vai ser punido por isso.

Oscar ouvia o discurso de Iris sem saber como poderia contornar a situação. Resolveu apelar.

- Você já parou para pensar em Carolina? – perguntou, encarando a ex-cunhada – Em como ela se sentiria se soubesse que a avó está sendo prejudicada por causa de um aparelho que você criou?

- Ela vai entender.

- Eu não tenho tanta certeza. – ele retrucou – Pelo que conheço da minha filha, é possível que ela jamais te perdoe por isso. Além do mais, lembre-se que foi graças à minha mãe que você conheceu sua sobrinha. Se ela não tivesse te procurado para nos ajudar, você talvez nem soubesse que Carolina existia.

Iris ficou pensativa, mas logo fez que não com a cabeça.

- Carolina sabe bem como as coisas funcionam. Ela sabe que eu a amo, que quero seu bem acima de tudo. De todo modo, ela não tem como me culpar por nada. Não há o que eu possa fazer.

- E você acha que ela vai acreditar nisso?

A mulher o encarou.

- Se eu disser a ela, é claro que vai.

- Mas não se eu disser o contrário. – disse Oscar. Ele sabia que era um jogo arriscado o que fazia, mas precisava tentar. – Acho que você deveria ao menos pensar no assunto – disse, se encaminhando para entrar novamente na casa – e refletir se esse é um preço que está disposta a pagar.

Antes que ele cruzasse a porta, Iris o chamou de volta.

- Está bem. – ela disse, com raiva na voz. – Há uma opção.

Oscar voltou e se posicionou no mesmo lugar de antes, aguardando. Iris suspirou antes de continuar.

- Desde que comecei a preparar os CIPs, venho pensando em uma solução associada ao Ministério dos Direitos Humanos para o caso de famílias de bem que tenham sob sua responsabilidade alguém que, pela idade avançada ou por algum problema de saúde ou mental, não tenha noção do que fale. Para que não acabem prejudicando seus parentes, vamos criar abrigos em que essas pessoas possam viver com tudo que precisam. É o melhor para elas e para todos. Posso conseguir que sua mãe vá para um desses abrigos.

Oscar refletiu um pouco.

- Ela será bem cuidada?

- Garanto que sim. – Iris respondeu. – Terá alimento, moradia, medicamentos, o que precisar.

- E poderemos visitá-la?

- Bom, essa é a questão. Como a ideia é que essas pessoas não prejudiquem o processo de purificação da língua, elas precisarão se manter completamente isoladas. Apenas funcionários e médicos poderão ter acesso a elas.

O homem negou com a cabeça.

- Ela não vai se adaptar a isso.

- É melhor do que a alternativa. – disse Iris – Nem mesmo você poderia impedir que ela fosse processada ou até mesmo presa. Além do mais, no abrigo ela terá companhia contínua. Será como um hotel com tudo incluído, cheio de pessoas parecidas com ela. Ela irá se acostumar.

Oscar não sabia o que pensar. Algo lhe dizia que Iris tinha razão, e isso doía. Embora fosse chefe do grupamento dos DOPs de seu estado, não tinha influência o suficiente para conseguir burlar leis federais. Corria o risco até mesmo de ter sua carreira e o futuro de sua filha prejudicados caso um processo fosse instaurado contra sua mãe. Ao menos dessa forma, todos sairiam beneficiados.

- Está certo. – ele disse. – Mas preciso ao menos levar Carolina para vê-la antes disso.

Iris deu de ombros.

- Seja rápido. Os CIPs começarão a ser distribuídos a partir da próxima segunda.

Oscar concordou e saiu da varanda. Iris levantou-se e foi até o parapeito, observando a noite. Pensava em como fora fácil manipular Oscar e convencê-lo de que estava no controle da situação, dando a ela autorização para fazer o que na verdade era sua intenção desde o início. Finalmente poderia afastar Conceição de Carolina e garantir que a sobrinha não tivesse mais aquela influência negativa por perto. O sorriso em seu rosto logo se transformou em uma risada, e ela congratulou a si mesma pela esperteza e, claro, pela ótima atuação.

## 54

No final de semana seguinte, Oscar saiu cedo com Carolina para buscar Conceição. A menina ficara bastante empolgada quando o pai sugerira que eles passassem o sábado passeando com a avó, e chegara a convidar a tia, que recusou com um sorriso.

- Obrigada, querida, mas prefiro ficar em casa dessa vez. – disse – A próxima semana será de muito trabalho e preciso me preparar. Mas espero que você se divirta muito.



Iris ainda dormia quando os dois saíram, e Sarah aproveitava para lavar os tapetes da casa no quintal dos fundos quando ouviu a campainha tocar. Estranhou, pois nem a patroa nem o porteiro a avisaram sobre alguma visita ou entrega naquele dia, mas correu à frente da casa para atender. Surpreendeu-se ao abrir a porta e encontrar Camila à sua frente.

- O que... o que você está fazendo aqui?

Camila, que não queria repetir o erro da primeira vez, manteve-se séria e estendeu a Sarah a tela eletrônica e a caneta digital.

- Entrega para Iris D'asquad.

Sarah pegou a tela esperando ver o comprovante de recebimento que deveria assinar, mas se deparou com um texto aparentemente escrito pela própria Camila. Ela olhou para a mulher à sua frente, que continuava na mesma posição, o rosto sereno, aguardando. Sarah voltou os olhos para a tela e começou a ler.

*“Sei que você não pode falar comigo e que está sob constante vigilância, mas eu precisava vir te contar o que fiz. No dia em que te encontrei aqui, fiquei atordoada. Imaginei que assim como ninguém sabia o que te aconteceu, você também não devia saber nada sobre as pessoas que te conheciam. Então comecei a procurar por essas pessoas, pensando em te trazer notícias. Eu não sabia por onde começar, mas me lembrei da sua amiga, Ana, que sempre publicava com você. Fiz uma busca pelo nome dela e acabei encontrando o endereço do escritório do marido, Victor. Fui até lá, mas não encontrei nenhum dos dois. Havia outros advogados lá, e eles me contaram que Ana e Victor saíram do país há alguns anos, estão morando no Uruguai. Perguntei se eles tinham algum contato e disseram que não, mas que o filho mais velho deles trabalhava no DOP, caso eu quisesse procurá-lo. Achei arriscado envolver os DOPs nisso tudo e não fui. Há alguém mais que você quer que eu busque para você?”*

Sarah terminou a leitura boquiaberta. Depois de cinco anos completamente isolada do mundo externo, ela recebia notícias sobre sua melhor amiga. Isso estava mesmo acontecendo? Poderia ser real? Essas perguntas fizeram Sarah sentir medo de estar novamente sendo testada. E se Camila estivesse a serviço dos próprios DOPs ou de Iris?

*“Por que eu deveria acreditar em você?”*, ela escreveu na tela e devolveu-a para Camila, que leu em seguida. Ela olhou para Sarah sem qualquer sinal de aborrecimento pela desconfiança. Pegou seu celular no bolso e disse, em voz alta:

- Tem certeza de que me enganei? Veja, não é este o endereço daqui? – e virou a tela para Sarah. Ela viu Camila e um grupo de pessoas reunidas em um espaço que parecia uma loja, a maioria jovens. Elas sorriam para a foto e uma delas segurava um papel em que estava escrito “Movimento Seje Livre”.

Sarah não sabia como reagir a isso, mas Camila parecia ter planejado muito bem sua encenação.

- Sim, você está certa. – disse – Desculpe, às vezes me confundo, estou nesse emprego há pouco tempo e não tenho muita experiência, mas estou me esforçando para melhorar. Pode acreditar. – disse, reforçando a última frase. – Poderia, por favor, só anotar para mim o número certo? Tenho outras entregas para fazer, posso acabar esquecendo. – ela ofereceu o celular a Sarah.

Sarah pegou o aparelho e olhou bem para Camila. A foto que lhe mostrara, pelo que Sarah conseguiu entender, significava que aquele grupo, de alguma forma, continuara com o movimento que ela abandonara cinco anos atrás. Ela não parecia estar mentindo. Não custava arriscar um pouco, se não dissesse ou fizesse nada comprometedor. Do que poderiam acusá-la? Ela voltou os olhos para o celular e digitou dois nomes: Clarice e Edgar Ribeiro.

Devolveu o celular a Camila, que olhou a tela e concordou de leve com a cabeça, um movimento quase imperceptível. Pegando ao chão um pacote que Sarah mal tinha notado, ela agradeceu e saiu caminhando sem olhar para trás. Sarah entrou na casa e viu Iris chegando à sala de estar.

- O que estava fazendo lá fora? – perguntou, desconfiada.

- A campainha tocou, senhora. – disse, respeitosa – Era uma entrega, mas a menina se confundiu com o número da casa.

Iris foi até a janela e olhou para fora, conseguindo ver a menina ao longe carregando um pacote nos braços. Voltou-se para Sarah, que permanecia no mesmo lugar.

- O que está esperando para voltar aos seus serviços? Um convite especial?

A criada disse que não e pediu desculpas, voltando aos fundos da casa para continuar o que fazia. Iris sentou-se no sofá e ligou a televisão. “Entregadores estúpidos” pensou, enquanto assistia a um programa qualquer.

## 55

Conceição ficou radiante quando viu Oscar e Carolina. Embora ainda estivesse chateada com o filho, deixou tudo de lado para poder aproveitar o dia com a neta, que era sua maior paixão. Os três foram ao parque, ao centro de compras – que era chamado de *shopping* alguns anos antes – e almoçaram no restaurante favorito da menina. Oscar não lembrava de ter visto Carolina tão feliz nos últimos meses e começou a se perguntar como seria para ela ficar longe da avó dali em diante. Não contaria a verdade, é claro. Não teria coragem.

Terminaram o dia com Carolina e a avó vendo alguns livros em uma das lojas Jouman, famosas em todo o país. Seu dono era Jouman D’asquad, pai de Iris, que deixara o controle de toda a rede com a filha quando resolveu morar na Europa com a esposa, logo após a primeira eleição de Sílvio Salvador. Oscar sempre visitava aquelas lojas com Carolina, que adorava folhear os livros nas estantes, mesmo que não levasse nenhum. Oscar sorria e, apesar de nunca ter sido um grande leitor, lembrava com carinho das bibliotecas que frequentava quando criança, pequenas e aconchegantes, com tapetes em que se deitava para ler seus gibis favoritos.

Desde que Salvador assumira, os livros começaram a se tornar objetos de luxo. As bibliotecas perderam suas verbas, as taxas e preços foram aumentando, as livrarias de bairro desapareceram. A rede Jouman acabara assumindo o controle desse e de outros mercados, vendendo desde eletrodomésticos a alimentos, passando por livros previamente selecionados por uma curadoria do governo, que não permitia a comercialização de obras que apresentassem qualquer conteúdo considerado inadequado.

A maior parte das vendas de livros, porém, era em formato digital e Oscar reparava que a cada visita o setor dedicado a esses objetos diminuía. Depois que Carolina mostrou a avó alguns livros, comentando quais já lera e quais ainda gostaria de ler, eles se dirigiram a uma cafeteria para o lanche da tarde. Quando se sentaram e estavam olhando o cardápio, Conceição lembrou de perguntar à neta sobre a escola. Carolina não pareceu animada com o assunto e repetiu o que dizia sempre que a tia fazia a mesma pergunta: a escola era ótima, bem equipada, organizada, limpa. Não havia nada a reclamar, era perfeita.

Conceição percebeu algo estranho na resposta da menina e aproveitou o momento em que Oscar foi buscar os pedidos para descobrir o que havia com a neta. Perguntou novamente

sobre a escola, dessa vez exigindo que ela lhe dissesse a verdade. Carolina suspirou e Conceição percebeu que ela segurava o choro quando começou a falar.

- Estou odiando tudo, vovó. – ela disse.

- Ô, meu amor... – a avó pegou na mão dela sobre a mesa – Conta pra vó o que é que tá acontecendo proê ficar assim?

- Parece que todos lá são iguais, vovó. Eu achava que frequentar a escola ia me permitir conhecer pessoas diferentes, fazer coisas diferentes. Mas eles só falam as mesmas coisas, agem igual, pensam igual, e isso é muito chato.

- Carolzinha, escola é um negócio chato mesmo. – a avó tentava consolar a neta – Tem um monte de dever, os professor repete as matéria tudo que é proê num esquecer...

- Eu sei, vovó, eu sei. Mas não é isso...

- Então que que é?

A menina parou, refletindo sobre o que poderia dizer sem falar demais. Não queria que a avó se sentisse mal, e não podia contar o que realmente acontecia na escola. A verdade é que Carolina não aguentava mais ouvir seus professores e colegas criticando pessoas que, segundo eles, não sabiam falar. Desde que sua tia anunciara o lançamento do tal CIP, isso virara o assunto do momento, e toda a escola parecia ter uma opinião positiva sobre o aparelho.

- Vai ser ótimo. – disse um menino de sua turma, alguns dias antes, durante o recreio. – Finalmente essas pessoas que não sabem falar vão aprender a pagar por seus erros.

- Nós vamos ter que usar também. – disse uma menina que participava da conversa – Mas aposto que o nosso não vai apitar nunca.

- Claro que não. – voltou a dizer o menino – Nós sabemos falar corretamente, somos inteligentes. Não somos como eles.

- Eles quem? – Carolina se intrometeu.

- Ora, você sabe. Esses que falam tudo de forma errada.

- E por que você acha que somos tão diferentes assim? – ela insistiu.

- Você está falando sério? – agora era a menina que falava, rindo. – Você não percebe a distinção óbvia que existe entre nós e essa gente? Nós estamos acima. Nós falamos corretamente. Por isso estudamos aqui e não em um CP qualquer. Dizem que lá eles só aprendem a carregar sacos de cimento e bandejas.

- Sabe como meu pai chama esses CPs? – disse o menino, empolgado – “Conjunto de Pobres” – e riu.

A menina o acompanhou na risada. Carolina permaneceu séria.

- Não vejo graça nenhuma nisso. – falou, visivelmente irritada.

- Você é uma chata, então. – disse a menina.

Carolina virou-se e saiu de perto dos dois, indo chorar no banheiro durante o resto do intervalo. Embora soubesse que fazia parte daquele grupo, pois falava corretamente e estudara para isso, sentia-se totalmente deslocada. Não podia sequer pensar em concordar com alguma daquelas coisas, pois sabia que aquelas ofensas eram direcionadas para pessoas como sua avó, e achava isso muito injusto.

Situações como essa – que aconteciam com frequência e com incentivo dos professores e funcionários da escola – a deixavam incomodada, triste e revoltada. Por isso ela vinha detestando a escola. Não podia dizer isso à tia ou ao pai, e quando começara a pensar em conversar com Sarah sobre o que sentia, descobriu que ela pensava da mesma forma que todos os outros. Sentia-

se melhor por finalmente dizer a verdade a alguém, mas não tinha coragem de compartilhar tudo com a avó, pois sabia que isso a magoaria.

- Acho que só estou cansada. – ela mentiu – Deve ser por isso que não estou gostando da escola, ainda não me acostumei. Fico lá quase o dia inteiro, tenho muitos deveres de casa, quase não tenho tempo livre...

- Minha fror... – disse Conceição, sorrindo – Num cria pobrema onde num tem. Tu tem que aproveitar as chance que a vida tá te dano. Eu num fiz nada dessas coisa. Num me dero chance nenhuma, por isso que eu fiquei burra assim, num sei nem falar direito. – Carolina tentou argumentar, mas a avó prosseguiu – Tu tem que estudar muito pra um dia ser uma dotora, uma adevogada ou o que tu quiser fazer da tua vida.

Conceição deu um beijo na mão da menina, que sorriu.

- Obrigada, vovó. Eu amo você.

Oscar voltou com três pedaços de bolo de chocolate, dois cafés e um suco, distribuindo-os. Conceição provou a bolo e Oscar perguntou se estava bom.

- Num tá ruim, mas tamém num tá bom. – respondeu ela – Eles erraro a mão, tinha que ter botado menas farinha.

- *Menos* farinha, mãe. – Oscar a corrigiu, espontaneamente.

Carolina o encarou e Conceição, séria, falou:

- Num sabia que tu era um CIP agora, menino.

## 56

Meses se passaram desde que os CIPs foram distribuídos para a população, em um esforço conjunto do governo federal com os governos estaduais e municipais. O processo fora bastante simples: bastava entregar os aparelhos pré-cadastrados com o CPF de cada cidadão, e realizar o reconhecimento de voz no momento da entrega. Sendo anunciado como o “salvador da língua” por ideia do presidente, o CIP se tornou um elemento obrigatório, podendo levar a multas mais altas ou até mesmo prisões caso a pessoa não o usasse como deveria.

A empresa responsável por toda a parte funcional do aparelho mantinha em sua sede uma base de dados que abrangiam todos os usuários, além de um controle severo do uso de cada um dos dispositivos, registrando não só os desvios cometidos na fala de cada pessoa, mas também garantindo que os aparelhos funcionassem corretamente durante todo o tempo.

Iris era só felicidade com o sucesso de sua criação. Embora algumas pessoas tivessem se manifestado contra o uso do aparelho, alegando que ele feria a liberdade de expressão, ela não se importou. Logo Salvador, com ajuda do DOP, deu um jeito de calar esses arruaceiros. Em pouco tempo, a imprensa anunciava que o dispositivo de Iris era a solução para os problemas que vinham assolando a Língua Portuguesa no Brasil no último século.

O governo comemorava a quantidade de multas aplicadas e já planejava uma diminuição na cota de erros diários. Se todas aquelas pessoas pagassem suas dívidas, isso significaria um aumento considerável na arrecadação. Se não pagassem, a questão era simples de se resolver: os bens do infrator ou de sua família eram apreendidos, e em último caso, a pessoa poderia até mesmo ser presa. Iris sempre enfatizava nas reuniões ministeriais, porém, que seu objetivo era outro. Ela desejava que, com esse monitoramento, a língua se tornasse mais “limpa” – palavras

dela – uma vez que aqueles que não dominassem a maneira mais correta e mais bela de falar seriam pouco a pouco silenciados.

Salvador concordava com os intuitos de sua ministra da Educação e propagava aos quatro ventos a importância desse instrumento para a preservação da “última flor do Lácio”, mas, em particular, exigiu de Iris que seu CIP fosse apenas decorativo, sem funcionamento. Ela não teve coragem de questionar o porquê, mas o próprio Salvador tentou esclarecer seus motivos, aos risos.

- Ora, eu sou o presidente dessa nação! Não preciso desse tipo de coisa. Sei usar bem a língua, ou você acha que não?

Iris não teve como não concordar. Salvador começou a usar seu CIP decorativo logo na primeira semana em que o aparelho começou a ser distribuído, e fazia questão de mostrá-lo em seu pescoço em todas as entrevistas, reuniões e compromissos de que participava. Ninguém, além da ministra, sabia que aquele aparelho específico não servia para nada.

Os moradores de sua casa foram os primeiros a receber o aparelho, o que Iris julgou ser necessário para dar o exemplo e promover sua ideia. Carolina se adaptou bem ao uso do CIP, mas insistia em perguntar ao pai sobre a avó. Queria vê-la, saber se ela estava conseguindo se acostumar com o tal aparelho.

- Já disse a você, minha filha. – Oscar repetiu mais uma vez, respondendo à pergunta que a filha vinha fazendo nos últimos meses – Sua avó está fazendo um tratamento de saúde, nada sério, mas necessário. Para isso, ela precisa ficar nessa casa de repouso, isolada, para poder se cuidar melhor.

- E não podemos visitá-la? – a menina insistia.

- Infelizmente ainda não. Mas em breve poderemos. – o pai mentia. Não sabia se um dia conseguiria dizer a verdade à filha e tentava adiar ao máximo esse momento. – Não fique triste, por favor. Ela está bem, e por estar em uma situação especial, não precisa se preocupar com o CIP.

Carolina concordava, mas não aceitava. A menina já percebera que toda essa história era muito estranha e se tornava cada vez mais desconfiada do que poderia ter acontecido à sua avó. Dias depois de receber essas respostas, fazia a mesma pergunta, esperando que o pai ou resolvesse ser sincero ou ao menos se distraísse e falasse algo mais. Como Oscar insistia em dizer sempre a mesma coisa, isso foi minando a alegria da menina, que começou a se afastar do pai e se tornar cada vez mais fechada e triste.

Oscar começou a perceber isso, mas não sabia o que fazer para mudar essa situação. Passava os dias reflexivo e calado e frequentemente se perguntava como permitiu que as coisas chegassem a esse ponto. Começou a se sentir culpado pelo sofrimento da filha e pelo isolamento forçado da mãe. Somado a isso, a carga de trabalho estava exaustiva devido aos CIPs, e isso o fazia questionar ainda mais suas decisões até ali. Se não tivesse aceitado a ajuda de Iris, se não tivesse começado a trabalhar no DOP, se não tivesse chefiado aquela missão de captura de Sarah... Tudo poderia ser diferente, talvez?

Essas dúvidas o consumiam e muitas vezes o impediam de dormir. Em uma das noites em que o sono não apareceu, desistiu de tentar e deixou o quarto em direção ao carrinho de bebidas na sala de estar, onde se serviu de um pouco de uísque. Quando começou a beber o terceiro copo, porém, notou que a luz da cozinha estava acesa e resolveu verificar se havia algo errado. Chegando lá, encontrou Sarah sentada ao balcão e bebendo café em uma caneca simples. Ela se assustou quando o viu.

- Senhor Oscar. – disse, levantando-se imediatamente e tentando disfarçar o fato de que estava vestida com suas roupas de dormir – Desculpe, eu estava apenas...

- Fique tranquila, Sarah. Não me importa o que você estava fazendo. Pode continuar.

- O senhor precisa de alguma coisa?

Oscar riu.

- De paz, talvez. – disse – Mas isso ninguém pode me dar.

Sarah não soube o que responder. Já acostumado com o silêncio dela, ele entrou na cozinha e sentou-se de frente para a criada.

- Continue seu café. – disse ele.

Ela continuou parada.

- Ora, vamos, Sarah, não me faça obrigar você a se sentar!

Assustada com o tom, ela se sentou. Calmamente pegou sua caneca e voltou a tomar seu café, de vez em quando olhando para ele. Oscar notou a tensão que provocara em Sarah e suspirou.

- Desculpe. – falou, com sinceridade. – Eu não queria... Bom, você sabe. Desculpe.

Ela concordou com a cabeça.

- O senhor não precisa se desculpar. – disse.

- E por que não? – ele perguntou – Porque sou seu patrão? Porque sou chefe do DOP? Porque falo corretamente? Por qual desses motivos idiotas eu deveria ser considerado um ser humano tão superior a ponto de não precisar pedir desculpas quando faço algo de errado?

Sarah não respondeu.

- Você me odeia, Sarah. – Oscar afirmou. – Eu sei que odeia. Você me vê como apenas um fantoche do governo sem compaixão, que faz apenas o que mandam e não questiona nada. Mas isso... isso é só uma fachada. Você não imagina o que se passa aqui dentro.

Sarah continuou calada, mas seu olhar agora estava fixo em Oscar.

- Você não sabe que eu cresci em uma favela, por exemplo. – ele continuou, bebendo mais um pouco do uísque – Você não sabe que meu sonho sempre foi sair daquele lugar para poder dar para minha mãe uma situação de vida melhor. Você não sabe que desde cedo eu percebi que o fato de ser negro e favelado ia marcar toda a minha história. Eu tentava disfarçar, eu tinha vergonha de quem eu era. Mas uma coisa sempre me denunciou: a minha fala. Quando eu começava a falar com os colegas de escola, todo mundo percebia de onde eu era, quem eu era. Implicavam comigo, riam dos meus erros, apontavam o dedo dizendo que eu era burro, que eu não sabia falar. Os professores, que poderiam me defender, fingiam não ouvir. Alguns até diziam que eles não deviam fazer isso comigo, mas concordavam que eu tinha que aprender a falar corretamente. Desde essa época eu entendi, Sarah, que eu precisava mudar para conseguir coisas boas para minha vida. Eu não podia deixar de ser negro, e sair da favela ainda era um sonho distante. Mas eu podia me esforçar ao máximo para melhorar minha fala. E foi o que eu fiz.

Sarah o ouvia atenta e impressionada, mas se esforçou para manter a postura. Não queria que ele percebesse o quanto sua história estava mexendo com ela, sabia que era isso que ele queria.

- Não estou contando tudo isso para que você sinta pena de mim. – ele disse, como se adivinhando os sentimentos de Sarah. – Mas você não pode simplesmente me odiar e achar que me conhece sem saber o que eu passei para chegar até aqui. Eu estudei, eu fiz de tudo para ser alguém. – ele fez uma pausa, e Sarah notou algumas lágrimas em seus olhos – Quando a mãe da Carolina surgiu na minha vida, eu agradei por todo o esforço que eu tinha feito. A Isabela não se

importava com a minha cor, mas eu tenho certeza de que ela não olharia para mim se eu não tivesse trabalhado muito para me comunicar melhor, para não errar quando falava. Quando ela descobriu onde eu vivia, fiz questão de deixar claro que não pretendia continuar ali para sempre. Eu estava empenhado em terminar meus estudos, conseguir um bom emprego, conquistar uma casa em um bairro bom, poder estar à altura dela. Carolina veio como uma surpresa, e isso mudou todos os planos. Mas fomos felizes, apesar de todas as dificuldades que tivemos que passar quando Isabela foi expulsa de casa pelos pais. Eu passei a trabalhar mais do que nunca para garantir a elas a melhor vida possível. A doença da Isabela e a sua morte repentina acabaram comigo. Eu desisti de tudo. Caí em depressão, não queria mais viver, não via sentido. Por sorte a minha mãe ajudou muito nos cuidados da Carolina, porque eu não conseguia fazer nada, nem alimentar minha filha. – ele suspirou – Foi aí que Iris apareceu. Ela se ofereceu para assumir os estudos de Carolina, me indicou para esse emprego que tenho até hoje, e viemos morar nessa casa.

Ele terminou seu relato e bebeu o último gole de uísque em seu copo, empurrando-o para o lado e segurando a cabeça entre as mãos. Sarah continuava na mesma posição, o café já frio esquecido na caneca em sua mão. Era difícil admitir, mas estava emocionada com tudo que ele contara, e sua história a fez lembrar do seu empenho durante toda a vida para que pessoas como Oscar não sofressem o que ele sofreu. Fora para preservar pessoas como ele que ela lutou contra esse governo que, ironicamente, ele defendia todos os dias em seu trabalho.

A voz de Mariana surgiu em sua mente com a lembrança daquela discussão de seis anos atrás: *“Você tem que entender o que as pessoas vivem. Você vive dentro da universidade e faz um ótimo trabalho lá, mas não sabe o que acontece nas ruas, no dia a dia.”* Sarah engoliu em seco, tentando não chorar. Era isso que acontecia nas ruas, no dia a dia. Meninos como Oscar cresciam oprimidos e sonhando em se tornar opressores. Esse era o ciclo que nunca acabava e que mantinha a sociedade como ela estava acostumada a ser: segregadora, preconceituosa, inerentemente cruel.

Oscar continuava com a cabeça entre as mãos, olhando para baixo. Respirava de forma ofegante e só então Sarah notou que chorava. Ela sentiu que talvez devesse fazer algo, mas ao mesmo tempo não sabia como proceder diante daquela situação tanto inédita quanto delicada, então apenas esperou, vendo o choro do patrão se tornar mais forte até o ponto de soluçar. Ele ficou alguns minutos assim, enquanto ela o observava, aguardando pelo que viria a seguir.

Quando finalmente se recompôs, ele a olhou.

- Eu estou tão cansado. – disse – Tão cansado.

Sarah se levantou, indo até ele.

- O senhor precisa dormir um pouco. Venha, vou ajudá-lo a ir para seu quarto.

Oscar quase caiu ao tentar se levantar, mas Sarah o amparou. Ela colocou o braço dele sobre seus ombros e o apoiou pela cintura, enquanto subiam as escadas. Quando chegaram ao quarto, Oscar desabou sobre a cama, e Sarah se encaminhou para a porta. Antes de sair, porém, ouviu a voz dele dizer, tão baixo que parecia um sussurro:

- Eu sinto muito por tudo. Juro que sinto.

As coisas entre Sarah e Oscar ficaram estranhas após aquela noite. Enquanto ela passou a evitar ficar a sós com o patrão, ele tentava lembrar se havia falado algo que pudesse magoá-la.

Acordara no dia seguinte com uma forte dor de cabeça e as lembranças confusas, provavelmente devido às diversas noites sem dormir e aos vários copos de uísque que ele não estava tão acostumado a beber.

Sarah, por sua vez, pensava que era melhor evitar que situações como aquela se repetissem. Não se sentira nem um pouco confortável em ouvir o desabafo do patrão, principalmente por não entender dentro de si se aquilo mudava ou não a forma como se sentia em relação a ele. Desde que o reconheceu no dia de sua prisão, definira em sua mente que o odiava e que jamais poderia perdôá-lo. Depois de tudo que sofrera nas mãos de Moreira e seus comparsas, esse sentimento só fez aumentar. Se Oscar era o chefe daqueles homens, significava que permitia que todas aquelas torturas físicas e psicológicas acontecessem, ou, pior ainda, que ele mesmo as ordenava.

Quando Iris a buscou naquele galpão, achou que finalmente estaria livre daqueles homens odiosos, mas novamente reencontrou Oscar e descobriu que não só seria obrigada a conviver com ele, mas também obedecer às suas ordens e respeitá-lo enquanto seu patrão. Ele não pareceu se incomodar com a situação e a tratava como uma criada comum, muitas vezes sendo até mais educado do que Iris, e definitivamente mais amável. Ela sempre encarou isso como uma dissimulação, mesmo sem entender o motivo pelo qual ele poderia agir assim. Ela já o conhecia e ele já vencera, por que ainda tentava enganá-la?

A conversa daquela noite agora a fazia refletir sobre suas antigas certezas. Seria possível que estivesse errada em seu julgamento? Aquele Oscar que se mostrara tão frágil diante dela era irreconhecível, e ao mesmo tempo, de uma forma que ela não saberia explicar, parecia sincero. Era difícil acreditar, mas talvez estivesse começando a vê-lo com outros olhos, a entender, como ele mesmo dissera, seu lado na história. Seria possível?

Sarah refletia sobre essas questões distraidamente enquanto aguardava que os patrões terminassem o café da manhã. Observava os três moradores da casa à mesa, dando atenção especial a Oscar. Tentava identificar algo em seus movimentos que dissesse a ela quem ele realmente era, que mostrasse a ela o que pensar sobre aquele homem. Carolina a chamou pedindo mais suco e ela voltou o foco para a menina. Enquanto a servia, lembrou-se da vez em que pensou em conversar com Oscar sobre ela, e notou que desde então não vira mudança significativa em sua expressão. Carolina continuava triste, desanimada, reclusa em si mesma. Quando viu que a sobrinha terminou de beber todo o suco em seu copo, Iris estalou os dedos, chamando a atenção de Sarah.

- Pegue a mochila de Carolina no quarto.

Sarah saiu para fazer o que a patroa pediu, e Oscar aproveitou para criticar a atitude da ex-cunhada.

- O que foi isso? Ela não é um cachorro para você chamar com um estalo de dedos, Iris.

A mulher o ignorou e logo Sarah estava de volta. Depois de se despedir do pai e colocar a mochila nas costas, Carolina se dirigiu para a porta acompanhada da tia. Pouco menos de cinco minutos depois, o carro saía da garagem. Sarah se viu sozinha com Oscar e começou a tentar pensar em alguma desculpa que pudesse dar ao patrão para não ficar ali. Ele, porém, se levantou pouco depois, saindo da casa sem dizer uma palavra. Sarah suspirou aliviada.

\*\*\*

Quando deixava Carolina na porta da escola, Iris foi surpreendida por um aviso do porteiro de que o diretor gostaria de falar com ela. Ela acompanhou a sobrinha até a quadra, onde o hino nacional era entoado todos os dias antes do início das aulas, e esperou até que o



diretor passasse os avisos do dia, e os alunos subissem para suas classes. Depois que todos os estudantes se encontravam em suas salas, Enzo a chamou para seu escritório.

- Desculpe fazê-la esperar, ministra. – disse, indicando que ela se sentasse – Mas realmente precisamos conversar sobre o que tem acontecido com Carolina. Vou direto ao assunto, para que a senhora não perca ainda mais tempo: Infelizmente sua sobrinha tem apresentado alguns problemas de comportamento. Ela não se dá com os colegas, se recusa a realizar alguns trabalhos passados pelos professores e ontem se envolveu em uma briga com uma das meninas de sua sala.

Iris encarava o homem sentado atrás de sua escrivaninha com desconfiança.

- Isso não faz o menor sentido. – disse – De onde você tirou esses absurdos?

- Estou repassando exatamente o que tem acontecido. – respondeu o homem, sem se abalar – Embora o rendimento de Carolina seja muito bom, seu comportamento está a cada dia pior e, depois de ontem, estamos considerando a possibilidade de cancelarmos sua matrícula.

Iris quase teve um infarto.

- Isso só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto.

- Não, senhora. Veja por si mesma. – disse o diretor, entregando a ela uma pasta. – Todos os relatórios e queixas dos professores estão organizados nessa pasta.

Iris começou a folhear os papéis, passando rapidamente o olhar por sobre as frases. Identificou termos como “desrespeito”, “falta de compromisso” e “desavenças com colegas”.

- Algo está errado. Carolina nunca agiu dessa forma.

- Mas está agindo.

Iris negava com a cabeça, sem conseguir acreditar. Olhou novamente para os papéis, examinando as datas das ocorrências registradas.

- O primeiro relatório é de dois meses atrás. – disse, olhando a data em um dos papéis – Por que você não me chamou antes?

O diretor deu de ombros.

- Não é dessa forma que agimos na Arabech. Primeiro tentamos uma conversa direta com o estudante, aguardamos para observar os resultados, buscamos punições que possam ser aplicadas. Chamar os responsáveis é a última opção.

- Então eu fui convocada aqui apenas para que você me diga que vai expulsar minha sobrinha?

O diretor ponderou.

- É a única solução nesse caso. – disse – A não ser que...

- O quê?

Ele sorriu.

- A não ser que a senhora queira contribuir de alguma forma para nos ajudar.

Iris o olhou sem entender.

- Do que está falando?

- Ora, ministra, a senhora sabe como são os gastos de um Instituto de Educação desse porte. Estamos sempre precisando de... uma ajuda.

Iris finalmente compreendeu e riu com desprezo.

- Certo, eu já deveria imaginar. De quanto estamos falando?

O diretor sorriu e indicou um valor que para Iris, detentora de boa parte da fortuna de sua família, não era muito. Ela pegou o celular e realizou a transferência no mesmo momento.

- Pronto. – disse, guardando o aparelho de volta na bolsa. – O que acontecerá agora?

O diretor pegou a pasta com os relatórios e ocorrências de Carolina e os inseriu em uma fragmentadora de papel ao lado de sua mesa. Em poucos segundos, tudo se transformara em papel picado.

- Ótimo. – disse Iris, levantando-se. – Suponho que o assunto esteja encerrado.

O diretor também se levantou, sorrindo.

- Sim, ao menos em relação às ações passadas de sua sobrinha.

- O que quer dizer com isso?

- Apenas que acredito que seja necessária uma conversa séria da sua parte com Carolina. Caso ela continue repetindo esses comportamentos, as coisas podem se complicar novamente.

- É o que você quer que aconteça, não é? Para poder conseguir mais dinheiro?

- De modo algum! – o diretor fingiu ter se ofendido – Apenas quero o melhor para a minha escola e minhas crianças.

Iris riu com desdém.

- Poupe-me do seu teatro. Não pense que não conheço tipos como você, Enzo Rocha. Mas fique tranquilo. Qualquer problema com Carolina será resolvido.

- Nada me fará mais feliz. Agora, vamos, eu a acompanho até a saída.

- Não há necessidade. – disse ela – Sei o caminho.

Iris saiu da sala do diretor e se dirigiu à saída da escola sentindo o sangue ferver. Não conseguia entender o que poderia ter acontecido para que Carolina estivesse agindo dessa forma. Iris fizera tudo por aquela menina, a educara, a ensinara. Não fazia sentido que ela agora apresentasse um comportamento digno de uma... de uma...

- Favelada. – disse, pensando alto. Talvez fosse esse o problema. Talvez estivesse no sangue. O sangue ruim que veio de Conceição e de Oscar. Mas Iris não desistiria. Carolina era a única coisa que lhe restava, a única parte que sobrara da irmã que perdera. O sangue D'asquad também corria nas veias da menina, e isso deveria significar alguma coisa. De uma coisa Iris tinha certeza: ela faria de tudo para evitar que a sobrinha a envergonhasse novamente daquela maneira.

## 58

Naquela tarde, depois que terminou seus trabalhos em seu escritório, Iris foi ao quarto de Carolina. Quando entrou, ela estava sentada em sua cama, a tela eletrônica nas mãos.

- Está tudo bem, Carolina?

- Sim. – respondeu, sem tirar os olhos do aparelho.

- O que está fazendo?

- Lendo.

- Já fez seus deveres de casa?

- Sim.

- E como estão as coisas na escola?

- Ótimas.

Iris percebeu que Carolina não estava muito disposta a conversar, mas não era momento de permitir escolhas. Precisava saber o que estava acontecendo e, principalmente, precisava ter certeza de que o comportamento da sobrinha iria melhorar.

- Não foi isso que seu diretor me disse hoje.

- Se você já sabia a resposta, então por que me perguntou? – retrucou a menina, impaciente.

Iris não gostou.

- É com esse desrespeito que você tem tratado seus professores e colegas?

- E por acaso eu disse algo que te desrespeitou?

- Talvez não. Mas as atitudes muitas vezes expressam mais do que palavras.

Carolina revirou os olhos.

- Está vendo? É disso que estou falando! Juro que não acreditei quando o diretor disse aquelas coisas sobre você, mas agora tenho minhas dúvidas. O que está acontecendo para que de repente tenha começado a agir assim?

A menina a encarou.

- Tia, de que adianta perguntar se você não quer saber a resposta? A verdade é que você não se importa nem um pouco com o que eu sinto, com o que eu penso ou com o verdadeiro motivo por trás das minhas atitudes.

Iris não esperava uma resposta assim e demorou alguns segundos para se recompor.

- Carolina, é claro que me importo com você. Como pode dizer uma bobagem dessas?

- Tem certeza disso, tia?

- É óbvio. Você é como uma filha para mim, eu amo você.

- Ótimo. Então me diga onde está minha avó.

Iris achou ter ouvido mal.

- O quê?

- Você me ouviu, tia. Se me ama tanto como diz e quer entender por que eu estou agindo assim, estou dizendo agora: desde que minha avó foi para esse tal tratamento, nenhum de vocês falou mais dela nessa casa. Eu quero saber o que está acontecendo, quero saber onde ela está.

- Carolina, seu pai já disse que...

- Eu sei que isso é mentira! Será que você não entende, tia? Eu amo a minha avó! Sei que para você e para aqueles metidos da Arabech ela não é nada, mas para mim, é tudo. Eu estou cansada dessas mentiras, dessas pessoas, daquela escola! Preferia estudar em um CP e estar com minha avó a ter que continuar naquele lugar!

Iris ouvia Carolina e sentia o sangue começar a ferver.

- Você não faz ideia do que está dizendo. – disse ela, a voz agora em um tom seco – Eu fiz e faço tudo por você. Tirei você e seu pai daquela favela imunda, te ensinei tudo que sei, consegui uma vaga em uma das melhores escolas da cidade. E agora quer me dizer que trocaria tudo isso pela ignorante da sua avó?

- Minha avó não é ignorante! – Carolina gritou, já desistindo de tentar manter um mínimo de compostura – Ela não teve oportunidade de estudar, mas sabe mais do que você! Você não entende nada, você só quer saber de poder, de dinheiro, de humilhar quem é diferente!

- Carolina! – gritou Iris, também já descontrolada.

- Se quer brigar comigo, brigue, não me importo! Fale o quanto quiser, me coloque de castigo, faça o que tiver vontade! Mas nada vai mudar o fato de que eu odeio minha escola, odeio essa casa e odeio você!

Iris agiu tão depressa que nem mesmo percebeu o que fazia. O som do tapa no rosto de Carolina ecoou pelo quarto. Lágrimas começaram a cair pelo rosto da menina enquanto Iris se dava conta do que aconteceu e começava a tentar se justificar.

- Perdão, minha querida, mas eu...

- Eu odeio você. – gritou a menina, empurrando-a para fora do quarto – Odeio!

Carolina bateu a porta, e a tia tentou abri-la novamente, mas a menina a tinha trancado. Chamou algumas vezes, mas logo percebeu que de nada adiantaria insistir naquele momento. Também se sentia cansada e mais ainda, sentia-se desrespeitada, desprezada, desvalorizada.

Desde que a irmã morrera e Oscar provou-se um incompetente, ela assumira para si o compromisso de cuidar da sobrinha, de fazer com que ela pudesse ter todas as oportunidades possíveis. A avó só a atrapalhava nesse processo, e ela não conseguia perceber. Não era possível que a menina estivesse colocando tudo a perder assim, por um motivo tão estúpido. Ela precisava entender, precisava ver o quanto sairia prejudicada se continuasse a agir e pensar dessa forma. Mas paciência. Iris mostraria a ela.

## 59

Iris mal teve tempo de se recuperar do estresse com Carolina e outro problema surgiu para tirar sua paz. Uma mensagem eletrônica do próprio Sílvio Salvador indicava que havia algo urgente a ser resolvido em relação aos CIPs, e ela teve vontade de jogar a tela eletrônica longe quando entendeu o que era. Depois se acalmar e refletir um pouco, porém, entrou em contato com as pessoas envolvidas, percebendo então que precisaria de ajuda para dar conta do que estava sendo solicitado. Minutos depois, ela foi até a cozinha e encontrou Sarah preparando o jantar.

- Largue isso e venha comigo. – disse.

Sarah fez o que a patroa mandou, seguindo-a para o segundo andar da casa e encontrando-a em seu escritório.

- Feche a porta. – disse Iris, ao que Sarah obedeceu. – Agora sente-se. – e apontou uma poltrona.

Sarah achou ter ouvido errado. Iris nunca a convidara a se sentar antes. Ela não se moveu.

- Vamos, Sarah, está surda? Sente-se! – repetiu a mulher, sentando-se em outra poltrona de frente para aquela em que Sarah se acomodava sem imaginar o que acontecia. – Chamei você aqui porque há algo importante que precisamos discutir. É sobre... sobre os CIPs.

Iris aguardou para ver se Sarah diria algo, mas o silêncio permaneceu. Ela, então, continuou.

- Tenho recebido algumas reclamações sobre a eficácia dos aparelhos. Algumas pessoas... – ela fez uma pausa, ponderando exatamente o que diria – estão questionando alguns dos erros que o aparelho tem identificado.

Sarah continuava calada, se perguntando o que havia acontecido para que Iris estivesse agora colocando-a a par de algo que não tinha absolutamente nada a ver com ela.

- Eles alegam que o aparelho está desregulado e apita mesmo em casos que, segundo eles, não seriam erros. – o silêncio constante de Sarah começou a irritar Iris – Está me entendendo?

- Sim, senhora. – respondeu Sarah.

- Ótimo. Bom... – Iris suspirou – Conversei com os programadores do aparelho e eles me garantiram que é possível fazer uma reconfiguração para mudar o que o sistema compreende como erro, e que eu preciso apenas detalhar para eles quais situações seriam modificadas e, bom... deixariam de ser considerados erros e de debitar pontos de seus usuários.

Sarah concordava com a cabeça. Estava entendendo tudo, exceto o motivo daquela conversa.

- E é por isso que chamei você para conversar. – Iris parou por um momento, como se lutasse consigo mesma. – Porque vou precisar da sua ajuda para fazer a reconfiguração.

Os olhos de Sarah se arregalaram com a surpresa.

- Desculpe-me, senhora, mas... acho que não compreendi.

- Ora, Sarah, o que houve com você? Os últimos anos a tornaram estúpida? – Iris levantou-se irritada e começou a andar pelo cômodo. Sarah permaneceu no mesmo lugar, sem saber o que deveria fazer. – Eu preciso dos seus conhecimentos para me ajudar a selecionar os erros que... que não serão mais erros. Entendeu?

Sarah achava que sim, mas não tinha total certeza.

- Desculpe-me novamente, senhora, não quero irritá-la, mas... A senhora é especialista em Língua Portuguesa, tem uma equipe a seu dispor, os mesmos que a ajudaram a programar o aparelho da primeira vez... Eu não entendo como pode precisar de mim.

Iris riu.

- Você está certa, eu sou especialista em Língua Portuguesa. Conheço a norma correta da nossa língua como ninguém e a defendo até a morte. Mas agora estamos falando de erros, Sarah. Erros que por algum motivo algumas pessoas cometem e não querem admitir, e como são pessoas influentes e poderosas, cabe a mim, sozinha, dar um jeito de resolver o problema delas. Cabe a mim reconfigurar o aparelho para que não identifique como erro aquilo que, na minha concepção, é um erro. E eu não sei como fazer isso, mas você sabe. Você sempre estudou os erros, sempre os defendeu. Se eu der a você uma lista de erros, você saberá identificar aqueles que são cometidos por quem não sabe falar e aqueles que às vezes acontecem na fala das pessoas inteligentes, mas que por algum motivo se descuidaram, não é?

Sarah sentiu-se incomodada com a maneira como Iris falava, mas achou melhor não demonstrar.

- Não sei, senhora. – disse Sarah. Na verdade, era óbvio que ela saberia. Mas Sarah não queria ajudar Iris com seus planos.

- Não sabe? Ora, você não estudou para isso?

- Sim, mas...

- Mas nada. Você vai me ajudar.

Sarah pensou por alguns segundos. Iris precisava dela. Claramente estava sendo cobrada, e não conseguiria resolver isso sozinha. Era arriscado, mas... Sarah poderia tentar se aproveitar dessa situação.

- Sim, senhora, eu a ajudarei...

Iris concordou com a cabeça e já parecia mais tranquila, até que Sarah completou.

- ...se me deixar ver meus pais.

- O quê?

- É a minha única condição. É tudo que eu quero. Se me der isso, se me deixar vê-los, eu a ajudarei em tudo.

Sarah observou enquanto Iris se sentava novamente na poltrona à sua frente. Quando a mulher a encarou, chegou a se arrepender de sua proposta.

- Quem você pensa que é para me fazer exigências, Sarah? Esqueceu-se de que é minha criada? Não se recorda de que posso enviá-la de volta para seus amigos do DOP a qualquer momento?

Sarah engoliu em seco, mas sabia que isso era um blefe. Não iria voltar atrás agora.

- A senhora não fará isso. Do contrário, não terá ninguém para ajudá-la a reconfigurar o aparelho da forma como deseja, em total sigilo.

Iris abriu a boca para falar, mas desistiu. Sua vontade naquele momento era de humilhar Sarah, mandá-la de volta para aqueles torturadores, deixar que eles a matassem. Mas ela tinha razão. Precisava dela. Iris respirou fundo e se recompôs. Depois de um silêncio que deixou Sarah apreensiva, Iris sorriu.

- Está certo. Temos um trato. Mandarei que alguém procure seus pais amanhã mesmo. Faremos uma videochamada depois que terminarmos a reconfiguração, e você poderá conversar com eles, mas dirá que está fora do país, entendeu? Sabe muito bem que pode ser perigoso se souberem a verdade.

Sarah concordou com a cabeça. Mal podia acreditar que conseguira seu intuito e sentiu que poderia explodir de tanta felicidade. Quando Iris a mandou sair, desceu as escadas em êxtase, quase tropeçando, tamanha a sua alegria. Voltou aos seus serviços do dia com um sorriso nos lábios, talvez o primeiro sorriso verdadeiro que exprimia nos últimos cinco anos.

## 60

As semanas seguintes foram calmas na casa. Carolina continuava reclusa e calada, mas ao menos tudo parecia estar indo bem na escola. Iniciaria o segundo semestre de aulas em poucos dias, e Iris não recebera mais nenhuma reclamação por parte dos professores ou do diretor. A relação entre ela e a sobrinha, porém, estava pior do que nunca.

Carolina não falava com a tia desde o dia em que brigaram. Iris tentava iniciar algumas interações, que nunca davam resultado. Oscar, que não sabia o que tinha acontecido, percebeu que a situação entre as duas estava estranha quando Carolina implorou a ele que passasse a levá-la para a escola no lugar da tia. Ele tentou perguntar o motivo, mas a menina disse apenas que queria passar mais tempo com o pai. Oscar fingiu acreditar, mas sabia que aquela não era a verdade.

- O novo material de Carolina deve chegar ainda hoje, fique atenta. – disse Iris, enquanto bebia um chá preparado por Sarah. – Vou precisar sair para resolver alguns problemas e talvez volte tarde. Oscar também vai sair com Carolina depois de buscá-la na escola, então não precisa preparar o jantar.

Sarah concordou.

Iris largou a xícara com o chá sobre a mesa e fechou os olhos, massageando as têmporas. Sua cabeça doía.

- Ele acha que a menina precisa de diversão, mas se soubesse o que ela fez comigo... – falou, em voz baixa.

- O que disse, senhora?

Iris abriu os olhos, só então se dando conta de que Sarah ainda estava ali.

- Não é da sua conta. Vá cuidar do seu serviço.

Sarah pediu desculpas e voltou para a cozinha, aguardando até que Iris saísse. Desde que prometera ajudá-la com a reconfiguração dos CIPs, percebia que a patroa andava mais nervosa do que o normal, e achava que isso podia ser um sintoma de seu orgulho ferido. Imaginava como ela se sentia em ter que pedir ajuda àquela que ela sempre desprezou e tentou destruir. Se Sarah

não estivesse em uma situação de submissão e dependência de Iris, talvez tivesse se sentido vingada de alguma forma, mas essa sensação seria apenas uma ilusão no contexto em que se encontrava.

No meio da tarde, Sarah ouviu o interfone tocar e se perguntou se seria possível que mais uma vez fosse Camila a aparecer quando abrisse a porta. A resposta era sim.

- Boa tarde! – Ela sorria. – Mais uma entrega para Iris D’asquad.

Sarah pegou a tela eletrônica e a caneta digital esperando que houvesse ali um novo texto, mas encontrou apenas o comprovante de recebimento da entrega. Assinou e devolveu a Camila, que os guardou em sua bolsa.

- Posso ajudar a entrar com o pacote? São livros bem pesados. – ela apontou para um carrinho de carga atrás de si com três pacotes presos com uma faixa elástica. Sarah olhou em volta, e vendo que não havia nenhum vizinho passando, abriu a porta completamente. Camila entrou empurrando o carrinho até a sala de estar, onde parou e observou ao redor.

- Uau! Isso que é uma casa! – falou, impressionada.

Sarah, que ainda não tinha total certeza se podia confiar nela, manteve a porta aberta.

- Pode deixar os livros sobre a mesa de centro. – disse, séria.

- Sarah, calma. – disse Camila, sentando-se no sofá - Vamos aproveitar que não tem mais ninguém em casa pra conversar um pouco.

Sarah fechou a porta e caminhou até mais ficar mais próxima de Camila. Pensou ter ouvido errado, ela realmente usara uma contração do “para”? E como ela sabia que estavam sozinhas?

- Como você sabe que estou sozinha? – perguntou – E seu CIP... ele não apitou...

- Tá vendo por que precisamos conversar? - Camila riu, mas quando viu a expressão confusa de Sarah, se controlou. – Certo, desculpa. Vamos lá... Primeiro de tudo, o Alan, meu namorado, aquele que tava segurando o papel com o nome do movimento na foto que eu te mostrei da outra vez, ele é jornalista. Ele descobriu que a Iris tinha uma reunião hoje com a empresa que fez os CIPs. E todo mundo sabe que o cunhado dela trabalha no DOP e a sobrinha estuda no Arabech. – ela deu de ombros - Fiz os cálculos e vim na hora certa.

Sarah a encarava com desconfiança.

- Sobre os CIPs... – continuou – Eu e meu grupo descobrimos uma forma de burlar o sistema dele e desativar por algum tempo. A gente desativa por algumas horas, depois ativa de novo só pra não dar na cara. De vez em quando eu ligo e falo alguma coisa pra que ele apite, só pra mostrar pro governo que ainda funciona. Mas basicamente, a gente achou uma forma de se livrar dessa coleira.

- Como...? – Sarah começou a perguntar, sem conseguir articular bem as palavras.

- Eu sou formada em TI, Sarah. E modéstia à parte, sou muito boa. Até cheguei a trabalhar numa empresa grande quando me formei, mas precisei sair pra cuidar do meu pai, que ficou muito doente. Eles tinham uma livraria, lembra? Depois que a rede do Jouman assumiu tudo, tiveram que fechar. É lá que meu grupo se reúne, aliás. – ela falava rápido, como se quisesse aproveitar ao máximo o tempo para contar tudo que pudesse a Sarah. – Enfim, depois meu pai melhorou, mas a crise começou e os empregos foram diminuindo. Eu mandei currículo pra várias empresas, mas não conseguia nada, e meus pais precisavam de mim. Então comecei com essa história de entregas. É um mercado que tem crescido muito, não pagam muito bem, mas não falta trabalho.

Sarah se sentou, sentindo-se um tanto atordoada. Era muita informação que estava recebendo e seu cérebro parecia entrar em pane.

- Certo. – disse, tentando pensar no que diria a seguir. – Então você hackeou um aparelho do governo. – O CIP de Sarah apitou. Palavras estrangeiras eram proibidas. – Droga. – ela disse, mas respirou fundo. Ainda tinha direito a quatro desvios naquele dia, uma vez que a cota agora é de cinco pontos. – Você invadiu o sistema de um aparelho do governo – corrigiu – e tem um grupo que está tentando reavivar o meu movimento?

Camila concordou com a cabeça.

- Isso é loucura. Você vai acabar se prejudicando. Eu não gosto nem de pensar no que pode acontecer se descobrirem as coisas que você faz.

- Fica tranquila, Sarah. Tá tudo bem, a gente se cuida e...

- Camila, você não tem noção do que eles podem fazer. Por favor, me escute. Pare com isso tudo. É arriscado demais.

Um ar de decepção surgiu no rosto de Camila.

- Sarah, eu sei que corro riscos. Mas... eu não posso ver tudo acontecer e não fazer nada. Eu pensei que você concordaria comigo.

- Eu não sou mais aquela que você conheceu, Camila. Eles me tiraram tudo, eles me destruíram. E eu não quero que façam o mesmo com você ou com seus amigos.

Camila levantou-se e foi até Sarah, sentando-se ao seu lado.

- Você nunca vai deixar de ser o que era, Sarah. – disse, pegando nas mãos dela – Você diz que te tiraram tudo, mas isso não é verdade. Você ainda tem você mesma. Você ainda é e sempre será Sarah Ribeiro.

A mulher fez que não com a cabeça, desanimada.

- Eu não sou mais nada, Camila. Nada.

Camila ficou em silêncio, de repente percebendo que não conseguia entender o que Sarah sentia. Ela não imaginava o que aquela mulher pudesse ter passado nos últimos anos para agora estar assim, para desistir dessa forma. Pensou em perguntar, mas não teve coragem de reabrir uma ferida que parecia profunda demais. Ao invés disso, então, deu uma boa notícia.

- Eu descobri onde seus pais estão. – falou, e Sarah olhou para ela – Eles venderam o sítio depois que você sumiu, mas ainda moram em Goiás. Eu até falei com eles.

- Você disse onde estou? – o medo no olhar de Sarah era visível.

- Não, de jeito nenhum. – Camila apressou-se a dizer – Eu não faria isso sem a sua autorização, e achei que podia ser perigoso pra eles se soubessem.

Sarah concordou com a cabeça.

- Ótimo. Obrigada.

- Mas se você quiser, podemos pensar em um jeito de...

- Não precisa. – ela disse – Eu já consegui permissão para vê-los. Fiz um combinado com Iris, ela vai permitir que eu faça uma chamada de vídeo e converse com eles.

Camila ficou desconfiada.

- É mesmo? Que generoso da parte dela...

Sarah deu um riso fraco.

- Generosa é uma palavra que não cabe a ela. – disse, sentindo-se ao mesmo tempo preocupada e feliz em ter alguém com quem pudesse falar sobre essa parte de sua vida – Eu vou ajudá-la em uma reconfiguração dos CIPs, e essa vai ser a minha recompensa.

Os olhos de Camila brilharam com a informação.



- Então é verdade? – sorriu – O Alan disse que ouviu um boato sobre isso, mas não tinha certeza. Ela vai mesmo ceder à pressão da elite. Isso é bom, muito bom.

Sarah a olhou, sem compreender.

- O que quer dizer com isso, Camila?

- Sarah, você não vê? Essa é a nossa oportunidade! Você vai ter acesso ao sistema, vai ver como tudo funciona direto da fonte! Sabe a vantagem que isso vai trazer pra gente? Quem sabe eu consigo produzir um hackeamento em massa, desativar todos eles e...

- Não! – disse Sarah, se levantando de repente – Ninguém vai fazer hackeamento nenhum e... – seu CIP apitou de novo. – Droga, Camila. Chega. Você não ouviu o que eu disse antes? Pare de inventar ideias para se prejudicar. O melhor que você faz agora é cuidar da sua vida e esquecer toda essa história de movimento, de atos de rebeldia.

- Mas Sarah, eu...

- Por favor, Camila. Se você ainda sente alguma admiração por mim, se ainda me considera uma referência para você, me escute: esqueça tudo isso. – ela caminhou até a porta e a abriu. – E agora, por favor, vá embora. Se alguém nos encontrar aqui, nós duas teremos problemas.

Camila levantou-se, pegou o carrinho de carga e caminhou até a porta. Quando já estava na varanda, porém, voltou-se e pegou o celular dentro da bolsa.

- Quase esqueci de te mostrar isso. – falou, enquanto dava alguns cliques na tela do aparelho, logo depois virando-a para Sarah – Eles apagaram tudo que você fazia, mas esse eu consegui recuperar.

Sarah viu a si mesma em uma gravação que ela mal se lembrava de ter feito. Era um vídeo simples e ainda bastante amador. Nele, ela explicava o uso da palavra “menas”, mostrando uma tabela que indicava que ela seguia a mesma regra de “pouca” e “muita” diante de substantivos femininos. Riu um pouco com sua imagem de sete anos atrás, tão jovem e cheia de sonhos e esperanças, mas logo sua expressão se fechou novamente. Antes que Camila pudesse notar que seus olhos se enchiam de lágrimas, ela fechou a porta, sentindo dentro de si aquela dor já conhecida que a visitava todas as vezes em que lembrava de seu passado.

## 61

Oscar buscou Carolina na escola e, conforme tinham combinado, foram fazer um lanche na praça de alimentação do centro de compras. A menina tentava fingir animação, mas Oscar percebia que havia algo errado. O convite para comerem fora tinha sido justamente para que tivessem a oportunidade de conversar a sós e ele finalmente pudesse descobrir o que vinha acontecendo com ela nos últimos tempos.

- Tudo bem na escola? – perguntou, enquanto Carolina começava a comer seu cachorro-quente. Ela fez que sim com a cabeça. – Tem certeza? – ele perguntou, e ela o encarou.

- A tia Iris te contou, não é?

Oscar não entendeu.

- Havia algo para contar?

Carolina percebeu que tinha falado demais, mas agora já não podia voltar atrás. Ela soltou um longo suspiro antes de continuar.

- Eu briguei com uma menina da minha sala há algumas semanas.

- O quê? Mas o que aconteceu?

- Nada. – ela disse - O diretor disse que ia me expulsar e chamou a tia Iris na escola. Não sei o que eles conversaram, mas depois ficou tudo bem, não precisa se preocupar.

- Não é isso que me preocupa, filha. – disse Oscar – Quero saber o que aconteceu para que você sentisse que precisava brigar.

Carolina olhou para o pai, refletindo se podia ou não ser sincera. Sabia que ele concordava com as ideias da tia e não estava disposta a levar outra bronca pelos mesmos motivos. Ele notou sua hesitação e sorriu.

- Que tal isso: você me conta sem medo de julgamentos e eu prometo não te censurar. Seja lá o que você me disser, não sairá daqui.

Carolina pareceu duvidar da palavra do pai.

- Sei que não temos conversado muito, filha. – ele insistiu – Mas eu quero mudar isso. E gostaria muito que você confiasse em mim. Quando se sentir à vontade, é claro.

A menina ficou surpresa com a atitude do pai. Embora vivessem próximos desde sempre, sua relação com ele nunca tinha sido de melhores amigos, mas de pai e filha. E Carolina sentia que precisava muito de um amigo no momento. Ela comeu mais um pouco de seu lanche e de repente resolveu começar a falar.

- Eu não tive culpa, pai. Sei que isso parece uma desculpa, mas eu juro, não foi culpa minha. – o pai não disse nada e ela continuou – Nós estávamos na aula de Língua Portuguesa. O professor passou como trabalho de casa uma produção de texto sobre um dos livros que lemos no bimestre. No dia da entrega, ele pediu que trocássemos as folhas para que cada um corrigisse a redação do outro. Ele faz isso, de vez em quando, diz que ajuda a melhorar nossa escrita.

O pai concordou com a cabeça, mostrando interesse.

- Fizemos a troca e eu estava corrigindo a redação do meu colega quando o professor disse que precisaria resolver uma questão na secretaria e saiu da sala por alguns minutos. Eu continuei meu trabalho em silêncio, mas a menina que estava com a minha redação aproveitou a situação para vir até a minha carteira. Ela sempre implica comigo, mas eu nunca me importei. Dessa vez, disse que estava surpresa com a minha escrita e eu perguntei o porquê. Ela riu e disse que, do jeito que eu sempre defendia as pessoas burras e ignorantes, achou que eu não sabia nem mesmo escrever.

Oscar ouvia atento.

- A turma toda riu. Não dei importância e continuei meu trabalho, mas a menina insistiu. Perguntou qual era o meu problema e o porquê de ficar tão calada. “Será que a sobrinha da ministra da Educação não sabe falar? Foi você quem realmente escreveu esse texto ou sua tia o fez por você?”, ela ficou insistindo, a turma rindo, e eu comecei a ficar irritada. Disse a ela que eu sabia escrever e falar corretamente, mas que isso não queria dizer nada, porque havia muita gente burra que usava a língua perfeitamente. Ela me perguntou se eu estava falando dela e eu disse que se ela ainda tinha que perguntar, isso já respondia sua dúvida.

Oscar teve vontade de rir com a resposta, mas se controlou. Carolina, vendo que ele permanecia ouvindo com atenção, prosseguiu.

- Ela não gostou, é claro. Jogou a redação em cima de mim e começou a falar para o resto da turma que eu deveria estar em um CP e não ali, entre pessoas de classe. Que embora eu falasse bem, na verdade eu tinha alma de gente ignorante. Eu estava nervosa, mas me controlando. Até que ela falou... – Carolina parou.

- O que ela falou, filha? – Oscar perguntou, receoso.

- Falou que o pai dela contou que eu era filha de um favelado que só subiu na vida porque engravidou uma tonta de boa família que caiu na sua conversa. – ela olhava para baixo enquanto falava – Que era óbvio que você tentava ocupar um espaço que não era seu, que disfarçava sua fala e sua origem e podia enganar muita gente, mas que no fundo, continuava sendo um inferior. – ela suspirou, encerrando o relato. - O professor chegou bem na hora em que eu perdi o controle e dei um soco nela.

Oscar sentiu como se fosse ele que tivesse recebido o soco. Ele não sabia como responder a tudo aquilo e ambos ficaram em silêncio por alguns minutos. A menina o olhava ansiosa. Não sabia se ele realmente cumpriria a promessa de não brigar com ela. Será que ele entendia que não fora sua culpa? Ela não queria ter que agir daquela forma, mas não tivera escolha. Estava acostumada com as implicâncias dos colegas por ser muito quieta e apresentar opiniões contrárias às deles. Não se importava, não gostava de nenhum deles, afinal. Mas não podia permitir que ofendessem seu pai, sua mãe, suas origens.

Tudo isso passava pela mente da menina enquanto olhava para o pai, que agora tinha os olhos fixos em um ponto qualquer à frente. Parecia paralisado. Oscar tinha consciência do que chamar alguém de inferior queria dizer. Além do óbvio sentido da palavra, no governo de Sílvio Salvador, esse termo tinha ainda muitos outros significados. Era inferior todo aquele que não estivesse de acordo com o padrão. Todo aquele que fosse diferente do que era considerado correto, bom, ideal. Era um termo extraoficial, usado para ofender, para humilhar, para deixar claro que havia um grupo que era melhor do que outro. Até mesmo as escolas, agora divididas em dois tipos, carregavam essa ideia. Os Institutos de Educação, embora tivessem um nome que parecia adequado, eram referidos entre a elite como as “escolas para superiores”, enquanto as Centros de Produção eram as “escolas para inferiores”.

Oscar já tinha escutado isso várias vezes, mas sempre levou como numa brincadeira, sem dar confiança. Iris era uma que sempre se referia assim às instituições de ensino e às pessoas que as frequentavam. Era prática comum nos apoiadores do governo.

- Pai? – Carolina quebrou o silêncio, chamando a atenção de Oscar. – Você está chateado comigo?

Oscar estava confuso a respeito de todo o resto. Mas dessa resposta ele tinha certeza.

- Claro que não, filha. – ele pegou na mão dela sobre a mesa. – Eu disse que não a julgaria, e não vejo motivo algum para isso. Talvez no seu lugar tivesse agido igual.

A menina ficou surpresa.

- Mas isso não quer dizer que teria sido o certo a fazer. – ele continuou, e ela notou que agora ele mudava a postura de amigo para pai – Você poderia ter tentado conversar, ou chamado algum professor para contar o que a menina estava fazendo.

- Não adiantaria. – ela disse, o rosto em uma expressão de muita tristeza. – Todos eles sabem que esse tipo de coisa acontece, e alguns até fingem chamar a atenção deles, mas a verdade é que concordam com tudo que eles dizem.

- De todo modo, filha. Prometa que não fará algo assim de novo. Não por eles, mas por você mesma. A partir do momento em que você bate em alguém, você perde sua razão.

A menina o encarou por alguns segundos, mas depois deu de ombros.

- Tudo bem, pai. Eu prometo.

Oscar sorriu e eles continuaram o lanche em silêncio.

- Obrigada por me entender. – Carolina falou, de repente.

- Sempre, filha. Sempre.

\*\*\*

Quando chegaram em casa, Carolina deu um beijo de boa noite no pai e subiu direto para o quarto. Oscar foi até a lavanderia e encontrou Sarah recolhendo algumas roupas do varal suspenso. Perguntou por Iris e ela disse que a patroa chegara reclamando de muito cansaço e fora dormir cedo. Ele ficou parado à porta observando o trabalho de Sarah, os braços cruzados, o pensamento longe. Quando terminou o que fazia, ela se virou para ele, estranhando encontrá-lo daquela forma.

- Algo errado, senhor? – ela perguntou.

Ele demorou um pouco a responder, ainda envolto em pensamentos.

- Sarah, será que podemos conversar?

## 62

Sarah gostaria de poder ignorar Oscar totalmente. Não entendia suas tentativas de conversas, forçando uma amizade que não poderia existir nunca. Talvez em outra vida. Se as coisas não tivessem tomado o rumo que tomaram. Se eles tivessem se conhecido de outra forma, em outra ocasião, em outro momento da história.

- Preciso ir, senhor. – Ela falou, esperando que ele lhe desse passagem. – Tenho coisas a fazer.

Oscar olhou o relógio de pulso.

- Já está tarde. Iris está dormindo, Carolina também. Eu não preciso de mais nada. Você está liberada.

Sarah o olhava com uma expressão indecifrável.

- Obrigada, senhor. – disse.

- Podemos conversar agora?

Ela sentiu que ele não se daria por vencido e acabou concordando. Oscar apontou para a porta que dava para o quintal dos fundos da casa e esperou que ela fosse na frente. Sarah saiu e ele a seguiu, fechando a porta atrás de si. Havia duas cadeiras de madeira ali, e ele disse a ela que se sentasse, o que ela educadamente recusou. Não queria que aquela conversa durasse muito. Ele não discutiu e também permaneceu de pé. Sem rodeios, foi direto ao assunto.

- Sarah, eu sei que você não tem motivo algum para me ouvir ou para estar aqui comigo. Quero dizer, sei que você tem a obrigação de me obedecer, mas... Não é isso que quero agora. Eu não quero que fique aqui por ser parte do seu dever ou por medo de uma punição. Quero conversar com você de igual para igual, quero que esqueça que sou seu patrão, que sou um DOP. Não quero que pense que há qualquer intenção por trás dessa conversa além de simplesmente ser o que é: uma conversa. Você acha que pode fazer isso?

Sarah o encarou, examinando suas expressões. Ele parecia desesperado, triste, sincero. Já notara que Oscar vinha mudando seu comportamento em relação a ela e a todo o resto. Desde aquele desabafo sobre seu passado, ele não parecia mais o mesmo.

- Isso é muito difícil para mim, senhor. – ela respondeu, sincera.

Oscar suspirou.

- Eu entendo. – disse – Podemos começar aos poucos. – ele ofereceu a mão a ela, que o olhou sem entender. – Oscar. Muito prazer.

Sarah não se mexeu e ele recolheu a mão, sem jeito.

- Essa é a minha maneira de dizer que não precisa me chamar de senhor. – ele suspirou, vendo que suas ações não estavam causando nenhum efeito em Sarah – Ajudaria se eu dissesse que quero conversar sobre Carolina? Ela me contou algumas coisas, e não sei o que fazer. Preciso da sua ajuda.

Sarah finalmente reagiu.

- Não vejo como poderia ajudá-lo em qualquer coisa, senhor.

- Oscar. – ele a corrigiu - Por favor, só Oscar. E na verdade você é a única pessoa que pode me ajudar.

Ela não disse nada, mas o olhava com atenção, e ele aproveitou para contar tudo que Carolina dissera na conversa que tiveram no centro de compras. Os problemas na escola, os comentários da amiga, a briga. Quando terminou, Sarah parecia pensativa, mas não disse nada.

- Eu não sei o que fazer. – ele repetiu, sentando-se em uma das cadeiras de madeira.

- Não há o que fazer. – disse Sarah, e ele se surpreendeu com a resposta. – As coisas são assim.

- Mas não deveriam ser, Sarah. – Oscar retrucou – Eu estou cansado de tudo isso. Tenho refletido muito, especialmente depois dessa história toda de CIP, da minha mãe, e agora Carolina... – ele sacudiu a cabeça para os lados e passou a mão pelos cabelos. - Eu nunca imaginei que as coisas pudessem chegar a esse ponto e não sei mais onde me encaixo nisso tudo.

Sarah abriu a boca para falar, mas a fechou novamente. A verdade é que não sabia o que dizer. Nem mesmo deveria estar ali, conversando com ele. Sentia que Oscar estava sendo sincero, mas de que isso adiantava? Eles estavam ali, presos àquela situação, nesse novo modelo de país que prezava pela padronização acima de tudo: na fala, nos costumes, nos pensamentos. Sarah tinha sua consciência tranquila nesse ponto: ela tentara evitar isso o máximo que pode. Lutou muito, mas perdeu. Perdeu amigos, perdeu seu trabalho, perdeu o direito ao controle da própria vida. E só agora Oscar, que até então estava confortável em uma posição de apoio ao governo, percebia o que realmente significavam os ideais de Sílvio Salvador.

- Você não vai dizer nada? – ele perguntou, vendo que ela se mantinha calada.

- Nada que eu diga vai fazer alguma diferença. – disse Sarah, desanimada. – Nunca fez.

Ele a olhou.

- Isso não é verdade. – disse Oscar – Você entende como isso tudo funciona, você no fundo já sabia o que poderia acontecer. Não foi à toa que fez de tudo para impedir.

- E isso fez alguma diferença? – ela perguntou, de repente irritada. Aquele discurso de arrependimento tardio a incomodava. – Eu perdi tudo, e muita gente que estava contra mim achava que tinha ganhado. Na verdade, todos perderam e ainda não se deram conta. Você, por exemplo, só está percebendo agora.

Ele a encarou, sério, e Sarah se arrependeu de ter falado demais.

- Desculpe, senhor, eu...

- Você tem toda razão. – disse ele.

Ela foi pega de surpresa pela afirmação e os dois ficaram em silêncio por um momento. Sarah pensava se deveria sair, se deveria dizer algo, se deveria fazer qualquer coisa. Como não encontrava uma resposta, apenas esperou.

- Eu vi alguns materiais seus. – Oscar disse, de repente reiniciando o diálogo. – Estavam guardados como evidência no seu arquivo e resolvi dar uma olhada. Não sei se entendi bem o que você estava propondo, mas preciso admitir que achei bastante interessantes.

- Não achou que eu queria destruir a Língua Portuguesa? – Sarah perguntou, começando a se sentir um pouco mais confortável na conversa. Oscar riu.

- Não. – ele disse – Bom, de primeira sim, pois foi o que me disseram. Mas fui atrás dos seus trabalhos para tentar entender se isso era verdade. Não me pareceu ser.

- Acho que você é o único DOP que pensa assim. – ela disse, e ele não pôde deixar de notar que mais uma vez ela o tratara por você, dessa vez de modo mais simpático.

- Talvez você pudesse me explicar.

- O quê?

Oscar parou um pouco para tentar buscar palavras que descrevessem bem sua dúvida.

- Eu sempre pensei que o melhor seria que todas as pessoas tivessem a oportunidade de aprender a falar da maneira correta. Foi o que eu aprendi a vida inteira, foi o que sempre me disseram. Mas você parecia ter uma noção diferente, e eu queria entender o porquê.

Sarah suspirou.

- Eu nunca fui contra o acesso das pessoas a uma norma de prestígio. – disse - Mas existem alguns problemas sérios nessa ideia de que tudo seria resolvido magicamente se todos tivessem esse acesso.

- Que problemas? – ele perguntou, realmente interessado no que ela dizia.

Sarah pensava se deveria continuar a conversa, mas enquanto o medo de tudo ser apenas uma armadilha insistia em se manifestar, uma voz em sua mente dizia que não haveria motivo para Oscar estar fazendo essas perguntas se não fosse por curiosidade própria. Ela já contara tudo que podia aos DOPs quando foi presa e estava sob a custódia dele e de Iris pagando por seus crimes desde então. O que ele ganharia em tocar nesses assuntos novamente? Desistindo de pensar tanto sobre isso, ela se sentou na cadeira ao lado do patrão.

- O conceito de maneira correta de falar é variável. – explicou - Depende de fatores diversos e muda com o passar do tempo. Além disso, seria impossível que todos nós falássemos exatamente da mesma forma, mesmo que estudando muito para isso. Somos pessoas diferentes, vivendo em realidades diferentes, em lugares diferentes... Nossa fala também vai ser diferente. Ainda que todos aprendessem a falar de acordo a norma de maior prestígio, sempre teriam sua identidade linguística preservada. Ela pode ficar escondida, mas está ali.

- Identidade linguística? – Oscar nunca tinha ouvido falar naquela expressão.

- Sim. – Sarah continuou, sentindo prazer em poder falar sobre esse assunto depois de tanto tempo - Assim como cada pessoa tem sua personalidade, seu jeito de ser, de agir ou de andar, também tem um jeito próprio de falar. Isso também depende do grupo do qual a pessoa faz parte. Tem relação com a idade, o gênero, o lugar onde nasceu e onde vive, as pessoas com quem convive...

- Mas é possível mudar isso. – disse Oscar, ainda um pouco confuso – Eu mudei.

- Você acha que mudou. – Sarah o corrigiu. – Na verdade, criou uma forma de se adaptar de acordo com o que foi exigido de você. Mas sua identidade linguística é parte da sua personalidade, sempre vai ser sua, sempre vai ser única. Nada pode mudar isso.

Oscar precisava admitir que o que Sarah dizia fazia sentido. Só então ele pensou no quanto se esforçava diariamente para monitorar sua fala para que não deixasse transparecer suas verdadeiras origens, assim como controlava sua postura, suas roupas, seu comportamento. Ele hoje era Oscar, o policial, mas dentro de si sempre haveria Oscar, o rapaz que sonhava em ser aceito por ser exatamente quem era.

- Eu sempre tive essa noção, desde muito cedo, de que precisava mudar cada aspecto de mim para agradar as pessoas e finalmente ser alguém. – ele disse - Nunca tinha parado para pensar nisso, mas essa pressão é horrível. Não poder ser você mesmo, não se quiser ascender socialmente.

- Eu sempre odiei essa expressão. – Sarah disse. – Ela era muito comum nas discussões sobre a nossa língua. Era o argumento preferido daqueles que defendiam uma Sociolinguística mais leve, menos radical. Diziam que o domínio da norma de prestígio era necessário para que a pessoa pudesse, enfim, ascender socialmente. Como se fosse uma fórmula mágica. Como se, na verdade, as regras não fossem ditadas por outros fatores.

- Você não acha que é preciso saber falar corretamente para crescer na nossa sociedade? – ele questionou.

- Não, eu nunca disse isso. Mais do que nunca, isso é uma realidade. Mas o que as pessoas não percebem é que nós nunca vamos alcançar uma sociedade igualitária simplesmente alegando que as pessoas precisam aprender a falar e agir de forma padronizada. Nunca foi assim, e nunca será. Quem tem poder na sociedade não o conquistou somente por falar de uma determinada forma. Na verdade, o caminho é o contrário. A norma usada por esses grupos é valorizada e definida como ideal, justamente para reforçar a ideia de que eles são diferentes, superiores, melhores. É um sistema muito mais complicado do que parece.

Oscar ouvia atentamente cada palavra, e já não sabia o que pensar. Era bem mais simples aceitar que tudo se resolveria com um pouco de estudo e atenção na hora de falar, mas Sarah estava fazendo sua mente refletir sobre o que havia por trás dessa simples solução, que no fundo nada solucionava.

- Você realmente tem um poder de persuasão forte. – ele disse.

- Eu sei. – ela disse, séria. – Por isso todos vocês quiseram tanto me calar.

Sarah sabia que estava ultrapassando todos os limites ali, mas fora Oscar quem abrisse essa possibilidade. Ele abaixou a cabeça como se estivesse envergonhado, e ela precisou se esforçar para ouvir o que ele disse, a voz muito baixa.

- Eu juro que mudaria tudo isso se pudesse.

Sarah não respondeu.

– Minhas escolhas, principalmente. Eu achava que estava fazendo o melhor, mas tudo que fiz foi ajudar a piorar tudo. Eu quis tanto garantir que Carolina tivesse todas as oportunidades que eu não tive, que esqueci de todo o resto, até mesmo de olhar para ela, de entender quem ela realmente é. Ela tem sofrido tanto, ela se sente como... como eu me sentia quando era criança. Isolado, excluído, sozinho. – ele olhou para Sarah de repente, subitamente entusiasmado – Você poderia conversar com ela.

Ela não conseguiu disfarçar a surpresa pelo pedido.

- E o que eu poderia dizer?

- Tudo isso que você me disse, o que você sabe sobre essas coisas. Carolina precisa saber, precisa entender que há mais do que ela vê e escuta o tempo inteiro. Ela precisa saber que não está errada.

Sarah fez que não com a cabeça.

- Se Iris souber que eu falei essas coisas para a menina, ela...

- Não vai saber. Por favor. – ele disse, e Sarah percebeu que seu tom era de quem implorava – Eu não vou dizer nada, e vou garantir que Carolina também não diga. Por favor, Sarah. Confie em mim.

## 63

Conforme as semanas passaram, Sarah começou a ajudar Iris com a reconfiguração dos Controladores de Idioma Populacional. Um rapaz representante da empresa responsável pelos dispositivos chegou a aparecer uma vez se oferecendo para acompanhar o processo, mas Iris recusou. Não queria que ninguém soubesse que precisava da ajuda da criada. Elas trabalhavam no escritório de Iris, e nesses dias, Sarah ficou liberada de seus afazeres domésticos para se dedicar unicamente a essa tarefa.

No primeiro dia, Iris mostrou a Sarah uma planilha em sua tela eletrônica em que estavam compilados os desvios mais cometidos pelos falantes. Depois de explicar a Sarah como o trabalho deveria funcionar, incluindo a preparação dos códigos que seriam inseridos no sistema dos aparelhos, elas passaram a olhar para cada um dos casos listados.

- Veja essa. – disse Iris. – Está claro que isso é um erro de concordância verbal. Sarah olhou para a frase que Iris apontava e leu: *“Aconteceu dois acidentes graves ontem”*.

- É um fenômeno muito comum na fala culta, na verdade. – Sarah disse – Dificilmente alguém notaria, a não ser que seja um estudioso da língua muito atento ou um aparelho altamente programado para isso.

- Que seja. Como podemos resolver? Eu não vou permitir que meu aparelho simplesmente pare de detectar os erros de concordância.

- Não é preciso configurar dessa forma. – disse Sarah, e começou a fazer anotações no caderno que Iris lhe dera para isso – Apenas indicar que ele não detecte casos de ausência de concordância com sujeito posposto, que é quando o verbo vem no início da frase e o sujeito, depois.

- Eu sei o que é um sujeito posposto, Sarah. – Iris se irritou. – Mas deixe claro que o aparelho não deve detectar esses casos, mas os outros sim.

- Não se preocupe. – disse Sarah, anotando os códigos de acordo com o que lhe fora ensinado por Iris. – Ele continuará apitando quando houver casos de desvio de concordância como esses – e ela apontou na tabela a frase *“Os menino saiu.”*

Iris concordou, tomando sempre o cuidado de não ler em voz alta o que estava escrito, ou seu CIP registraria o erro.

- Ótimo. – disse ela. – Mesmo com essa reconfiguração, não podemos deixar de separar o joio do trigo. Há casos em que claramente temos um erro cometido por aqueles que não têm qualquer noção sobre as regras da língua, e há aqueles que são apenas uma casualidade.

Sarah respirou fundo. Não era fácil se ver nessa situação e não poder argumentar contra os absurdos que Iris dizia.

- Certo. – ela disse. - Então vamos para o próximo caso?

Iris concordou e disse a Sarah que continuasse a lista. O próximo desvio que encontrou foi o da frase *“Há anos atrás”*. Sarah riu um pouco quando o leu.

- Posso saber qual é a graça? – perguntou Iris, séria.

- Desculpe. – disse Sarah, que propositalmente vinha omitindo o “senhora” de suas frases. A experiência de ver Iris dependendo dela para concluir um objetivo deixava Sarah confiante e ousada. – Essa é uma construção bastante comum em todas as classes sociais, independentemente do nível de escolaridade. Já não deveria ser considerada um desvio há muitos anos.



- Mas é. – afirmou Iris, começando a ficar irritada com o fato de que Sarah parecia tentar mostrar o quanto sabia a mais do que ela. – O verbo “haver” seguido da palavra “anos” já indica que se trata de tempo passado. Não há razão para incluir a palavra “atrás”. É um pleonismo vicioso, sem necessidade.

- O pleonismo também pode servir para reforçar uma ideia. – disse Sarah – E nesse caso específico – ela apontou para a planilha – a ideia de repetição não é tão clara, e as pessoas sentem a necessidade de reforçar o que está sendo dito.

- Eu não preciso das suas explicações, Sarah. – disse Iris – Anote logo para que o aparelho exclua somente as situações com esse pleonismo específico do cadastro de erros e não outros. – Esses devem continuar sendo detectados. – Ela mostrou as frases “*sair pra fora*” e “*subir pra cima*”. - O que me lembra de que precisamos reconfigurar também a contração do “para”.

- Posso incluir também as contrações do verbo estar? – perguntou Sarah, apontando para o grande número de ocorrências de “*tá*”, na planilha, ao que Iris concordou a contragosto. A verdade é que não se sentia nem um pouco feliz em ter que fazer essas mudanças. Não via sentido em diferenciar erros entre si. Em sua cabeça, a única distinção que existia era entre certo e errado. Infelizmente, porém, o recado de Salvador tinha sido bem claro: se o aparelho de Iris continuasse a tirar pontos e cobrar multas de quem não devia, as coisas não ficariam boas para a ministra.

## 64

Os dias passaram depressa e logo a reconfiguração dos CIPs estava concluída. Sarah conseguira selecionar os desvios cometidos com frequência pela parcela considerada culta da população, e a empresa responsável pelos dispositivos fizera com que essas situações específicas não fossem mais identificadas como erros pelo aparelho. A resposta da elite, composta em sua maioria por empresários e apoiadores do governo Salvador, foi bastante positiva e logo Iris se viu inserida em uma rotina de viagens, eventos e entrevistas sobre o sucesso de seu aparelho.

Sarah, que acompanhava tudo, aguardava ansiosamente o momento em que a patroa lembraria de cumprir com sua parte no trato. Como Iris não falava nada sobre o assunto e estava prestes a viajar novamente a trabalho, Sarah acabou perguntando a ela quando promoveria seu encontro virtual com os pais.

- Um dia, quem sabe. – ela apenas disse, de modo sarcástico.

Sarah teve vontade de xingá-la, mas se controlou e acabou aceitando que fora inocente demais em acreditar em Iris. Quando a mulher viajou, Sarah agradeceu por ter um tempo longe dela, de suas mentiras. A relação com Oscar, por sua vez, mudara consideravelmente desde que conversaram naquela noite. Ele agora a tratava com muito mais educação e gentileza quando estavam sozinhos, e sempre exigia que ela não o tratasse por senhor. Sarah, embora ainda com um pouco de receio, acabou cedendo, percebendo que gradualmente algo impossível parecia começar a surgir entre eles: uma relação de amizade.

- Sarah, está ocupada? – ele a chamou na sala de estar, quando ela passava o aspirador de pó no sofá.

- Não, já acabei. – ela disse, desligando o aparelho. – Precisa de alguma coisa?

Ele sorriu e apontou para as escadas.

- Acabei de falar com a Carolina que precisamos conversar com ela. Ela está lá em cima, no quarto. Com Iris viajando, acho que esse é o momento perfeito.

Sarah concordou. Os dois subiram para o quarto da menina e Carolina os olhou desconfiada quando entraram juntos no cômodo.

- Aconteceu alguma coisa? – perguntou.

Oscar fez sinal para que Sarah entrasse e ela se sentou ao lado da menina na cama, enquanto ele se acomodou na cadeira da escrivaninha.

- Você se lembra de quando me contou sobre a briga na escola? – perguntou ele, ao que a filha disse que sim – Eu comentei sobre tudo aquilo com a Sarah. Talvez você não saiba, mas ela estudou muito sobre a nossa língua e me ajudou bastante a entender certas coisas que me pareciam confusas.

Era estranho para Sarah se ver naquela situação, com o patrão, que por acaso também era o homem que a prendera por defender seus ideais, agora a elogiando por causa deles.

- Pedi a ela então que conversasse com você. – continuou o pai - Você pode perguntar o que quiser, tirar suas dúvidas. Acho que vai te ajudar a se sentir melhor com tudo que está vivendo.

Carolina olhou para Sarah, que sorriu. Definitivamente aquela era uma situação atípica, e a menina não sabia bem o que dizer.

- Você também estudou Letras? – perguntou, referindo-se à formação da tia. Sarah fez que sim com a cabeça. - Então por que trabalha como criada?

Sarah olhou para Oscar, que se apressou em responder.

- É uma longa história que um dia Sarah pode te contar. – disse – Agora, diga a ela o que vem te incomodando.

Carolina pensou um pouco.

- Meus colegas falam que pessoas como a minha avó são inferiores, mas não consigo concordar com isso. Eu entendo que ela fale de forma errada, só acho injusto que tudo de bom que ela é e faz não tenha valor por causa da sua fala incorreta.

Sarah sorriu. As palavras de Carolina a enchiam de alegria. Ela estava completamente certa, é claro. Toda essa ideia de que uma forma de falar em desacordo com a norma padrão invalidava a inteligência e a importância de um ser humano era o que Sarah combatera durante toda a vida. Era o que ela sempre tentara desmentir. E embora Iris e seus companheiros de governo estivessem determinados a convencer a todos do contrário, havia aqui, em sua frente, uma semente de esperança. Carolina, uma menina de quase treze anos, com uma inteligência excepcional, que conseguia compreender sozinha o que ela tentou explicar para adultos durante toda a sua carreira.

- Eu entendo perfeitamente o que você sente, Carolina. – disse - A maneira como sua avó fala é diferente da maneira como nós falamos, mas isso não quer dizer que sua avó seja uma pessoa ruim ou burra ou de alguma forma inferior. Apenas quer dizer que ela é uma pessoa diferente. E isso, todos nós somos. Ninguém é igual a ninguém, e assim como somos tão diversos, nossa fala também é. Essa diferença entre a sua fala e a fala da sua avó, por exemplo, é normal, e acontece em todas as línguas. Tem até um nome: variação linguística.

Carolina ficou ao mesmo tempo confusa e impressionada com a fala de Sarah.

- Mas só existe uma forma certa, não é? – perguntou - Porque foi isso que minha tia Iris me ensinou e é isso que vejo todos os adultos ao meu redor dizerem. Inclusive meu pai. – ela fez uma pausa e olhou de relance para o pai, voltando-se novamente para Sarah – Mas eu sempre me perguntei como consigo me comunicar com minha avó se ela fala de forma errada e eu, certa.

Nunca tive coragem de perguntar isso para minha tia, mas fico pensando... Se a fala dela é tão errada, não deveria ser entendida por ninguém, não é?

Sarah olhou para Oscar antes de responder, notando que ele acompanhava a conversa com atenção e parecia tão interessado quanto Carolina no que ela tinha a dizer.

- A verdade é que sempre existe mais de uma forma de falar uma língua, e isso é perfeitamente natural. – ela prosseguiu – Existe um nome para essas formas: normas. A grande questão hoje é que somente uma norma é considerada mais bonita, mais elegante, mais correta, e por isso acaba tendo prestígio. Essa é a norma que você aprendeu com sua tia Iris e que vê todos os dias na escola. Hoje todos a chamam de norma correta, mas até alguns anos atrás ela era conhecida como norma padrão.

- Meus professores falaram dessa mudança do nome uma vez. – concordou Carolina – Disseram que ela passou a ser chamada de norma correta porque é o que ela é, e que isso foi uma das primeiras determinações da tia Iris como ministra da Educação. Eles dizem também que é uma norma difícil que nem todos têm capacidade ou força de vontade para aprender.

Sarah suspirou.

- Essa é a ideia que sua tia Iris e seus professores têm sobre a língua. Na mente deles, não falar de acordo com a norma padrão é sinônimo de burrice, incapacidade ou inferioridade, mas não é bem assim. Nenhuma norma deveria ser difícil, se formos pensar que somos todos falantes da mesma língua. O que acontece é que a norma padrão sempre foi difícil porque foi pensada pra ser assim, mas dominá-la não depende só de inteligência. Veja sua avó, por exemplo: é uma mulher muito inteligente que se esforçou a vida inteira para criar seu pai e ajudar a todos que pode, mas que nunca teve oportunidade de estudar e tentar aprender a norma padrão.

Carolina pensou um pouco.

- Eu não acho que minha avó seja burra por não saber usar a norma correta ou padrão. Ela é tão inteligente e capaz quanto qualquer outra pessoa.

- E eu concordo totalmente com você. – disse Sarah. - A norma padrão sempre existiu com intenção de, como o próprio nome diz, padronizar, igualar a fala de todos. Mas assim como existe essa norma, existem também várias outras... a forma de falar da sua avó por exemplo, seria parte de uma norma não-padrão. Essa norma é estigmatizada, desprezada pelas pessoas. Mas na verdade, é só uma forma diferente de falar. Nada mais que isso.

Sarah parou de falar, percebendo que talvez tivesse se empolgado demais. Olhou para Oscar, mas ele não parecia nem um pouco incomodado. Pelo contrário, parecia aprovar tudo que ela dizia.

- Você disse que tem um nome para isso, não disse? – perguntou Carolina, distraído Sarah de suas preocupações. – Para essas normas todas, essas diferenças. Qual era mesmo?

- Variação linguística. – disse Sarah.

- Eu nunca ouvi falar nisso. – a menina disse, espantada. – Será que vão ensinar em algum momento na escola?

- Não. Isso não é mais ensinado em lugar algum.

- Por quê?

Sarah abriu a boca para responder, mas não sabia o que dizer. Olhou novamente para Oscar, que fez um gesto indicando que continuasse. Ainda assim, mediu bastante as palavras.

- De alguns anos para cá, algumas mudanças aconteceram. Tudo isso que eu estou te contando deixou de ser considerado, e as pessoas passaram a assumir como verdade essa ideia de que só existe uma norma correta que todos devem utilizar. Infelizmente, não vamos conseguir

convencer essas pessoas de que sua avó não é inferior ou de que a forma de falar dela não tem problemas, ao menos não agora. Mas eu quis te contar tudo isso para que você fique mais tranquila, e tente entender que, embora diferentes do que os seus colegas pensam, seus pensamentos e ideias não são absurdos.

Carolina sorriu e abraçou Sarah.

- Obrigada, Sarah.

Quando Sarah se levantou, Oscar assumiu seu lugar, perguntando à menina se ela se sentia melhor. Carolina disse que sim e deu um beijo no rosto do pai, também agradecendo.

Sarah e Oscar saíram do quarto felizes. Sarah, principalmente, sentia que aquela conversa tinha aquecido seu coração. Se a nova geração fosse composta por Carolinas, talvez tudo pudesse mudar, voltar a ser como era antes ou ainda melhor. Sarah sabia que não devia criar esse tipo de expectativa, mas era inevitável. A semente da esperança já tinha sido plantada em seu ser.

## 65

Oscar ficou bastante satisfeito com o resultado da conversa que Sarah tivera com Carolina. A menina, depois disso, aparentava estar bem mais feliz e confiante, e até mesmo seu rendimento na escola melhorou, recebendo elogios dos professores. Iris julgou que a mudança pudesse ter sido uma reação tardia à bronca que ela lhe dera algum tempo atrás, e comemorou o fato de a sobrinha ter voltado ao que sempre fora o seu normal, muito embora a relação com ela ainda estivesse abalada.

O fim do ano chegava e logo seria comemorado do Dia Nacional da Língua Portuguesa. Na escola de Carolina haveria um recital de poesia no dia anterior ao feriado, e ela fora selecionada junto a outros colegas para produzir um pequeno poema em homenagem à língua oficial do Brasil. No dia do evento, suas produções seriam apresentadas no auditório da escola, com a participação de todos os professores, funcionários e responsáveis dos estudantes.

Carolina estava empolgada e preparou seu texto com antecedência. Querendo fazer uma surpresa ao pai, mostrou-o somente para Sarah, que elogiou a escrita e a criatividade da menina. Incentivada pela aproximação que a conversa entre elas propiciara, ela arriscou pedir sua ajuda para conseguir algo que desejava muito: convencer o pai a levar a avó em seu recital.

Com pena da menina, ela concordou em ajudá-la e resolveu tocar no assunto na noite seguinte, enquanto conversavam. Havia se tornado um hábito que Oscar esperasse Iris e Carolina subirem após o jantar e ficasse na cozinha com Sarah enquanto ela terminava seus serviços. Nesse dia, porém, ela já tinha encerrado seu expediente e estava sentada ao balcão de frente para o patrão, ambos bebendo um chá que ela preparara.

- Eu adoraria poder trazê-la. – disse Oscar, depois que Sarah comentou sobre o pedido de Carolina – Mas não sei onde ela está. Iris nunca me falou.

- Não acha que ela diria se você perguntasse?

- Não sei. Iris é imprevisível e tenho a impressão de que só faz o que é de seu interesse ou que pode trazer alguma vantagem para ela.

Sarah ponderou.

- Eu não tenho por que defender ou elogiar Iris, mas ela acolheu vocês e te deu um emprego, não foi? Não vejo que interesse ela poderia ter nisso.

Oscar riu.

- Iris tem uma obsessão pelo seu próprio sobrenome. Ela não deixaria que sua sobrinha, uma D'asquad, morasse em uma favela qualquer. – disse – E no meu caso, não havia muito o que fazer. Se eu não viesse junto, não permitiria que ela trouxesse Carolina. Em relação ao emprego, acabei por ajudá-la a atingir muitos de seus objetivos, como... – ele parou de falar, sentindo que tocava em um ponto delicado.

- Como a minha prisão? – Sarah completou. – Pode dizer. Nunca fui tola de pensar que Iris não tivesse nada a ver com isso.

Ele concordou, sem jeito.

- Foi ela quem convenceu Salvador de que o seu movimento era perigoso para o governo. – disse – E depois do vídeo que você fez, ele não teve dúvidas de que deveria te parar.

Sarah ouvia aquilo pela primeira vez, mas sentia como se já soubesse. Iris antipatizara com ela desde que se conheceram, talvez até antes disso. Sua posição contrária às tradições que Iris tanto prezava acabaram por torná-la sua inimiga e não era surpresa alguma que, depois de conseguir poder, resolvesse que precisava acabar com ela de alguma forma. Uma dúvida, porém, ainda insistia em perseguir Sarah, e ela pensou que esse era o momento ideal para perguntar.

- Oscar, o que vocês fizeram com a Mariana?

Oscar não fugiu da pergunta, mas sua resposta não era o que Sarah esperava.

- Tudo que sei foi o que vi nos relatórios. Disseram que ela fugiu, que não conseguiram alcançá-la. – disse, e vendo a reação desconfiada de Sarah, continuou – Você pode não acreditar em mim, mas estou dizendo a verdade. Há muitas coisas que acontecem na corporação e sobre as quais não tenho controle, Sarah, por mais que eu seja o chefe. Meu serviço acaba por ser somente burocrático.

- Você quer dizer então que não sabia que Moreira e Fernandes estavam me torturando? – perguntou, sem rodeios.

Oscar engoliu em seco.

- Não, não sabia. – ele respondeu, o rosto voltado para baixo, sem coragem de encará-la. – Tudo que passou pelas minhas mãos foi a informação de que você tinha sido transferida, de que estava detida sob a custódia deles. Eu só soube do que realmente aconteceu, quando...

- Quando Iris me trouxe para cá.

- Sim.

Sarah ficou pensativa.

- Você sabe por que ela fez isso?

- Como eu disse, Iris não faz nada sem interesse pessoal. Ela queria uma criada, queria te humilhar, queria mostrar que era superior a você. Eu fui contra quando soube, mas quando você chegou, quanto te vi... – ele parou, sem conseguir finalizar. – Foi a melhor decisão.

Sarah sabia o que ele queria dizer. Quando chegou na casa de Iris, ela tinha acabado de se recuperar de sessões frequentes de tortura a que foi submetida durante as três semanas em que ficara sob a custódia dos DOPs. Era provável que não tivesse aguentado muito mais do que isso se Iris não a tivesse buscado. Talvez quem a visse agora não percebesse as pequenas cicatrizes pelo corpo, mas há cinco anos sua aparência estava tão ruim que Iris a fazia usar mangas e calças compridas para não impressionar Carolina com a visão de seus hematomas e cortes.

- Você acredita no que estou dizendo, não é? – perguntou Oscar, preocupado.

- Sinceramente, não sei. – ela respondeu – É difícil imaginar que você estivesse no comando e não soubesse o que acontecia. E é ainda mais difícil pensar que você descobriu tudo quando me viu aqui, mas não fez nada sobre isso.

- Não posso fazer nada sem provas, Sarah. – ele se defendeu - E infelizmente o seu relato não é considerado uma prova. Mas se te serve de algum consolo, minha relação com Moreira e Fernandes é a pior possível.

Sarah bebeu o resto de seu chá e lavou a caneca. Não queria mais ficar ali, não queria mais continuar aquela conversa. Oscar observou seus movimentos em silêncio e viu quando ela seguiu em direção a seu anexo, não sem antes virar-se para ele e dizer:

- Isso não me serve de consolo algum. Boa noite.

## 66

O recital de Carolina se aproximava, e Oscar tentara conversar com Iris sobre a possibilidade de buscar a mãe para participar do evento. Insistiu que era por Carolina, que era um desejo dela, que ela estava com saudades da avó. Iris, porém, deu de ombros.

- Eu não sei onde ela está. Não é da minha competência, você precisaria perguntar no ministério dos Direitos Humanos. São eles que estão cuidando disso.

Oscar fez o que ela indicou, e entrou em contato com o ministério, mas não obteve resposta. Às vésperas do dia marcado para o recital, precisou dizer à filha que, infelizmente, a avó não poderia comparecer à sua apresentação. Carolina ficou bastante chateada e se trancou no quarto pelo resto do dia, não querendo falar com ninguém. Sarah, por sua vez, também estava evitando ao máximo o contato com os patrões. Não esperava nada de Iris, mas em relação a Oscar, sentia-se magoada, ressentida. A história de que ele não sabia sobre o que acontecia com ela em sua própria corporação não lhe descia, e pensava que teria sido muito mais honroso da parte dele se simplesmente admitisse que sim, colaborara com tudo aquilo, mas se arrependera depois. Essa dificuldade de assumir a culpa, para ela, só poderia significar uma ausência total de remorso.

No dia do recital, Oscar fez questão de tirar a manhã de folga no trabalho para poder ir assistir à apresentação da filha. Iris fez o mesmo – muito embora Carolina não a tivesse convidado diretamente para a ocasião. Os três saíram juntos no carro de Oscar, que tentou animar a filha durante todo o trajeto. Carolina dava sorrisos fracos, mas já não estava tão radiante quanto antes de saber que a avó não estaria presente.

Ao chegarem à escola, foram diretamente para o grande auditório onde o evento aconteceria. O local estava cheio de estudantes e de responsáveis, estes parecendo muito orgulhosos do momento de glória de seus filhos. Assim que entraram o diretor subiu ao palco e, após fazer um discurso de boas-vindas, pediu aos alunos selecionados que subissem e se preparassem para as apresentações.

Após outros três estudantes terem lido seus respectivos poemas, o diretor anunciou ao microfone que a próxima aluna a apresentar seu texto seria Carolina D'asquad. As palmas foram ouvidas por todo o auditório, mas especialmente vindas de Iris e Oscar. Carolina saiu de trás de uma das cortinas e caminhou até o microfone encaixado em um pedestal no centro do palco. Ela ainda pôde ver um relance dos rostos do pai e da tia antes que a luz do holofote a iluminasse e ela não conseguisse enxergar mais a plateia.

Sua respiração estava ofegante, o que todos atribuíram ao nervosismo por se encontrar em frente a um grande público pela primeira vez na vida. A menina engoliu em seco, olhando o papel que segurava na mão trêmula. Ninguém vira o que estava escrito ali, nem mesmo seu

professor, nem mesmo Sarah. O texto que apresentara aos dois e que fora tão elogiado tinha sido jogado no lixo no dia anterior, quando soube que mais uma vez não poderia ver a avó.

Antes de começar a ler, ela olhou para o lado, vendo seu professor ansioso, fazendo sinal para que ela começasse logo a leitura, enquanto o diretor a encarava com um olhar que deixava claro que ele não concordava com a presença da menina ali. Por ele, Carolina sabia, ela não estaria mais naquela escola há muito tempo. Isso não a incomodava, uma vez que, da parte dela, o desejo era o mesmo. Não aguentava mais conviver com aquele bando de esnobes, incluindo aí seus professores e colegas, todos defensores ferrenhos da ideia absurda de que a fala deveria ser dividida em certa e errada, e, portanto, as pessoas também.

Ela frequentemente pensava na conversa que tivera com Sarah, uma conversa que ela jamais imaginou ter com alguém e que a fez refletir tanto. Sabia que não podia comentar sobre aquilo com ninguém, mas tudo aquilo a consumia. Ela estava cansada de ouvir comentários preconceituosos que a atingiam pessoalmente, que a faziam pensar em sua avó que ela já não via há tanto tempo e não fazia ideia de onde podia estar. Era exaustivo demais estar ali, ter que abaixar a cabeça para aquelas pessoas, dizer que concordava com o que ela ultimamente vinha pensando ser um delírio coletivo.

De todo modo, desde que fora separada de sua avó por causa daqueles malditos CIPs, Carolina tinha uma certeza: não queria ser como aquelas pessoas, não queria ser como Iris. Queria ser como sua avó, queria ser uma pessoa boa, de caráter, que respeita a todos independentemente da maneira como cada pessoa usa o plural ou fala determinadas palavras. Queria sair daquela escola que a estava exaurindo, queria morar com a avó novamente, e ela sabia que nem a tia nem o pai permitiriam isso. Decidiu da noite para o dia que precisava fazer algo, mas o que estava ao seu alcance? Ao menos isso. Uma pequena centelha de revolução.

- Meu poema se chama – disse, após alguns segundos de silêncio – “A Perfeição da Vida”.

A plateia se manteve calada e atenta. Chegara o momento. Carolina respirou fundo e começou a ler.

*“Tenho quase treze anos  
Muito ainda a aprender  
Mas já sei que a perfeição  
Tão amada e desejada  
Tem em si um lado vil  
Que não consigo entender”*

Ela fez uma pausa para tentar perceber a reação das pessoas às suas palavras, mas nada aconteceu. Ainda era muito cedo, ela sabia. Precisava continuar.

*“Venho há tempos refletindo  
Sobre isso e muito além  
Ser perfeito é o que importa?  
Já não posso acreditar  
Se essa perfeição humilha  
Como pode fazer bem?”*

Um burburinho de comentários começou a surgir no auditório. As pessoas estavam entendendo o que Carolina queria dizer com aquilo? Ela esperava que sim, ao mesmo tempo em que temia as consequências. Ela ouviu seu professor a chamando ao lado do palco, e sabia que ele a questionaria sobre o texto que lia, totalmente diferente daquele que ele aprovara. Ela o ignorou e prosseguiu sua leitura.

*“Não me dizem nada novo  
Quando iremos evoluir?  
Resta ter esperança  
Pensar e nunca calar  
E se ouvir palavras sábias  
Sempre as reproduzir”*

- Carolina! O que está fazendo? Já chega, saia daí! – o professor elevou um pouco a voz, mas só a menina podia ouvi-lo, já que o burburinho na plateia foi ficando mais alto. Carolina olhou para o lado e viu o professor nervoso, fazendo sinais para que ela saísse do palco. O diretor a encarava, os braços cruzados, furioso. Faltava somente uma estrofe. Ela olhou novamente para frente e concluiu.

*“Porque vida é assim mermo  
Num tem pronde nós fugir  
Os pobrema nós resolve  
A tristeza num é tudo  
E se o choro vinbé hoje  
Amanhã vamo sorrir”*

Carolina precisou elevar ainda mais a voz durante a leitura dessa última parte de seu texto, pois além do burburinho das pessoas em choque, seu CIP não parou de apitar. Ela sabia que isso aconteceria, sabia que havia erros nesses versos e sabia que, pela primeira vez na vida, não se importava com isso. Buscou com o olhar o pai e a tia, mas antes que pudesse encontrá-los, sentiu uma mão firme agarrando seu braço e a puxando para sair do palco. Era o diretor.

- Já chega desse desrespeito, Carolina. – ele disse, enquanto a arrastava para fora do auditório. – Não me importa o seu sobrenome, você não vai me fazer passar esse vexame!

- O que está fazendo? – Oscar, que vira a ação do diretor, viera logo atrás – Solte minha filha!

- Sua filha é uma subversiva! – Enzo cuspiu as palavras, demonstrando todo o seu ódio por esse tipo de gente – Não percebeu o discurso que ela fez?

- Não interessa o que ela fez! – Oscar reagiu, segurando o pulso de Enzo com uma força que o fez soltar Carolina na hora – Você não tem o direito de arrastá-la dessa maneira.

Carolina abraçou o pai, os olhos assustados. Enzo levou a mão ao pulso, sentindo dor.

- Eu já deveria esperar isso de pessoas da sua laia! – ele disse, olhando nos olhos de Oscar – Achei que ela poderia ter salvação, ser parecida com a tia, mas... Ah, que ótimo, Iris. Você também está aqui!

Iris vinha calmamente até onde eles estavam, olhando para os lados, preocupada.

- Enzo, por favor, vamos conversar em um lugar mais reservado...



- De modo algum! – retrucou ele, a voz elevada pelo nervosismo – Você viu o que sua querida sobrinha tentou fazer. Ela quis me humilhar, humilhar o nome dessa escola. Reproduzir aquelas palavras, falando como uma inferior...

- Foi minha avó quem me ensinou aqueles versos! – disse Carolina, ainda abraçada ao pai – E ela não é inferior!

- Cale a boca, menina! – disse Enzo.

- Por favor, Enzo, acalme-se e... – Iris tentou dizer.

- Já chega, Iris. Você pode ser ministra, mas sua sobrinha não merece uma vaga na Arabech. Ela está expulsa.

- O quê? Mas Enzo, nós já conversamos e...

- Essa é minha palavra final. Aqui eu não vou aceitar esse tipo de linguagem, não vou aceitar pequenos subversivos, não vou permitir que destruam a imagem da minha escola!

Iris pensou em tentar responder, mas logo notou que alguns outros responsáveis e estudantes saíam do auditório, curiosos pelo desfecho da situação. Respirou fundo e apenas disse, em voz baixa.

- Você vai se arrepender, Enzo.

Oscar, que verificava o braço da filha marcado pela força com que Enzo o puxara, olhou para o diretor, sério como jamais esteve.

- Se você encostar na minha filha novamente, você está morto. Entendeu bem?

Enzo engoliu em seco, tentando manter a postura.

Iris, envergonhada, foi a primeira a se dirigir à saída da escola. Oscar foi logo atrás, acompanhado de Carolina. A multidão de responsáveis, estudantes e até mesmo os funcionários e professores da escola já estava toda do lado de fora, observando e comentando a situação.

- E não volte mais aqui, Carolina D'asquad! – gritou Enzo, para que todos ouvissem. - Você não merece ser aluna da Arabech.

Oscar virou-se para responder, mas Carolina foi mais rápida e gritou de volta.

- Eu nunca mais vou pisar aqui! SUA ESCOLA É UM LIXO!

Enzo ficou sem reação. Os estudantes que presenciavam a cena começaram a rir, se divertindo com a audácia de Carolina. Os pais se dividiam entre chocados e entretidos com o rumo que o evento antes bastante monótono tinha tomado. Quando tudo se acalmou, ainda foi possível ouvir um dos colegas de turma de Carolina comentando em voz baixa para um amigo:

- Não é que ela é corajosa?

## 67

Quando a família voltou, Sarah já se encontrava com tudo preparado para servir o almoço, mas logo percebeu que ninguém teria apetite para comer naquele momento. A primeira coisa que ouviu foram os gritos de Iris, assim que os três passaram pela porta.

- Eu ainda não acredito nisso, Carolina! Você tem ideia do que fez? Você me envergonhou, estragou tudo, acabou com a oportunidade de ter uma formação na melhor escola do Rio de Janeiro!

- Iris, se acalme! – Oscar vinha logo atrás, abraçado à filha.

- Como vou me acalmar, Oscar? Você não ouviu tudo que essa menina disse naquele palco? Todas aquelas bobagens, todos aqueles erros... O CIP dela deve estar cheio de multas!

- Não se preocupe. – disse o homem, tentando manter a calma – Eu posso pagar por isso e...

- Você acha mesmo que meu problema maior é esse, Oscar? – Iris continuava gritando – Dinheiro eu tenho de sobra, isso não é importante! Mas eu nunca imaginei que ela pudesse me fazer passar essa vergonha!

Carolina, ainda abraçada ao pai, chorava.

- Iris, olhe o que está fazendo! – Oscar passava a mão pelos cabelos de Carolina – Não chore, filha, nós vamos resolver isso.

- Deixe que ela chore! É o mínimo que pode fazer! Depois de destruir minha reputação, de arruinar seu futuro. – Ela voltou-se para a menina, o rosto em uma expressão de pura raiva - Depois de tudo que eu fiz por você! Por que você fez isso, Carolina, por quê?

A menina passou as mãos pelo rosto e encarou a tia.

- Eu estava cansada.

Tanto Oscar quando Iris se surpreenderam com a resposta.

- Cansada? – disse Iris, como se não acreditasse no que ouvia – Cansada de quê, exatamente, garota? De estudar na melhor escola da cidade? De ter dinheiro, um nome, oportunidades à mão? De viver nessa casa enorme e...

- Nada disso me importa! – Carolina gritou, cortando a fala da tia – Eu estou cansada de conviver com aquelas pessoas. Eles são arrogantes, esnobes, preconceituosos. Como você. – ela olhava diretamente para Iris.

Surpreendentemente, ela riu de modo sarcástico.

- Eu já deveria saber... – disse, e logo depois gritou – Sarah! Sarah, venha aqui agora!

Carolina olhou para o pai, preocupada. Como ele não disse nada, ela se apressou a dizer:

- A Sarah não tem nada a ver com isso, tia.

- Cale a boca. – disse Iris, e gritou novamente – SARAHI!

Sarah surgiu na sala a passos lentos.

- Sim, senhora.

Iris virou-se para ela e a analisou antes de começar a falar.

- Imagino que esteja feliz, não é, Sarah? – perguntou, a voz de repente muito calma – Conseguir sua vingança às custas do futuro de uma menina. Desde quando você começou esse seu plano? Desde que chegou aqui? Ou foi uma ideia recente?

Assustada, Sarah olhou para Oscar, que, ainda abraçado à filha, nada disse.

- Eu não sei do que a senhora está falando.

- Sua mentirosa ridícula. Você pensa que sou idiota? Você acha que eu não sei que no fundo você me odeia, e que se pudesse faria de tudo para me ver perder o que conquistei?

- Senhora, eu...

- Cale essa boca! – Iris elevou a voz e se aproximou de Sarah, o rosto quase colado ao dela. – Você acha mesmo que poderia fazer o que fez dentro da minha casa e ficar impune?

- Tia, por favor, a Sarah... – Carolina tentou se desvencilhar do abraço do pai, mas ele a segurou.

- Não se meta, Carolina. – Iris gritou, ainda olhando para Sarah – É claro que foi você. Só podia ser. Aquelas palavras, aquelas ideias... Enzo estava certo. Fora tudo obra de uma subversiva.

Sarah se surpreendeu ao ouvir aquele nome, mas não disse nada. Olhou mais uma vez para Oscar, esperando que ele a defendesse, que dissesse algo para ajudá-la naquela situação. Fora

ele que a fizera voltar a falar sobre seu trabalho, fora ele que a convencera a conversar com Carolina e dizer todas aquelas coisas. Mas o homem apenas observava a cena em completo silêncio, os braços ao redor de Carolina para impedirem a menina de intervir.

- É isso que você é e sempre foi, Sarah: uma subversiva nojenta que só quer semear o caos e destruir tudo ao seu redor. Você não vale o pão que come, a cama em que dorme. Eu te dei uma chance e ainda assim você me traiu.

- Senhora, por favor, eu não fiz nada de errado.

- Eu deveria ter deixado você morrer nas mãos deles. – disse Iris, ignorando a fala de Sarah – Mas você pode ter certeza de que dessa vez eu não vou cometer os mesmos erros.

Ela se virou para Oscar e Carolina. A menina olhava a cena aflita, sem entender bem o que acontecia. Oscar permanecia sério, o rosto sem qualquer expressão.

- Leve-a de volta para Moreira e Fernandes. – disse Iris, e Sarah sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

- Senhora, não, por favor. – Sarah agora chorava - Eu juro que não fiz nada de errado, por favor, não me mande de volta para eles. Eu imploro, por favor...

Oscar soltou Carolina e foi até Sarah, que ainda implorava.

- Senhor, por favor, não faça isso. Por favor.

Ele a olhou impassível, e pegou um par de algemas que carregava pendurado em seu cinto. Sarah ainda chorava e implorava quando ele puxou seus braços para trás e a algemou.

- Não! – disse Carolina, entre lágrimas – Não, tia, ela não fez nada, me coloque de castigo, a culpa foi minha!

Iris colocou as mãos sobre os ombros da menina.

- Conversaremos sobre a sua punição depois. – disse ela a sobrinha – Pode levá-la, Oscar.

Oscar olhou para a filha, que chorava e fazia que não com a cabeça. Ele chegou a distinguir em seus lábios as palavras “Não, pai, por favor”, mas ignorou. Puxando Sarah pela porta afora, ele a colocou no banco de trás de seu carro, e assumiu o volante, arrancando com o veículo logo depois. Da janela, Carolina assistiu enquanto o carro sumia entre as ruas do condomínio, chorando e se culpando por ter agido tão mal a ponto de prejudicar alguém de quem tanto gostava.

- Espero que isso sirva de lição. – disse a tia, sentada no sofá e observando a reação da sobrinha - Veja bem o que acontece com pessoas como ela, com pessoas que desrespeitam as regras. Aprenda a identificar o que é certo e o que é errado, Carolina.

A menina virou-se para a tia com os olhos lacrimosos e a expressão mais séria do que nunca.

- Pode ter certeza de que eu já aprendi, tia.

## 68

Oscar dirigia em silêncio, às vezes observando Sarah pelo retrovisor sem que ela notasse. Com a cabeça baixa, ela tentava se preparar para encontrar novamente aqueles dois homens que a fizeram vivenciar os piores momentos de sua vida. Como pudera ser tão ingênua a ponto de confiar em Oscar? Fora por culpa dele que ela acabara conversando com Carolina e a influenciando, mesmo que sem ter essa intenção.

Lembrava-se da alegria que sentiu quando notou a curiosidade e o interesse da menina em tudo que ela dizia. Dentro dela crescera uma esperança que ela já não conhecia, que não a visitava desde que ela criou o Movimento Seje Livre, anos atrás. Ela devia ter imaginado no que tudo aquilo daria, e ela deveria ter esperado que Oscar não fizesse nada para salvá-la, obedecendo a Iris como um cachorro adestrado. Aquela era a verdadeira personalidade dele, era óbvio, todo o resto fora apenas uma brincadeira de muito mau gosto. Ela não conseguia entender os motivos para isso, mas de nada importava. Tudo agora se acabara, e ela sabia que não haveria volta.

Oscar a entregaria aos seus colegas, aqueles mesmos com quem, segundo ele, tinha uma péssima relação. Se não soubesse que estava sendo encaminhada para a morte certa, talvez Sarah até risse da ironia de tudo aquilo. Devia ter ficado quieta. Devia ter se calado, ter cumprido suas obrigações, nada mais. Devia ter ignorado as tentativas de aproximação de Oscar, suas conversas, suas mentiras. Devia ter se preservado.

Ao mesmo tempo, se perguntava até quando aguentaria viver daquela maneira. Há cinco anos vivia presa, sem liberdade, sem voz, sem alegria, sem perspectivas. Passaria o resto de seus dias assim? Aguentaria? Era provável que sim, mas pensar nisso a deixava angustiada. Talvez as coisas tenham se encaminhado exatamente como deveriam. Ela sabia que agora seria submetida a todas aquelas dores, a tudo que já vivera, mas isso não duraria muito. Seu corpo não era mais tão forte, e sua mente não teria motivos para resistir. Seu único consolo era esse: tudo acabaria, e quem sabe acabasse ainda mais rápido do que ela imaginava.

Com esse pensamento em mente, ela permaneceu de olhos fechados, sentindo as lágrimas caírem, pensando em tudo que passou até ali. Toda a sua história passava em sua mente como um filme, e ela se viu novamente uma criança recebendo o abraço de seus pais; uma adolescente, conhecendo as dores e as delícias de ser humano; uma jovem adulta, descobrindo a faculdade de Letras e todas as possibilidades que esse novo mundo podia lhe trazer; se viu formada, se viu persistindo nos estudos, se viu realizando o sonho de se tornar doutora; viu suas amigas, seus alunos, suas experiências e vivências. Um sorriso escapou de seus lábios e ela sentiu o gosto salgado de suas lágrimas que corriam. Nada fora em vão, mesmo que agora tudo parecesse vazio. Ela perdera, mas ao menos tentara lutar.

O veículo parou de repente e Sarah ouviu Oscar saindo do carro e abrindo a porta ao seu lado. Ela respirou fundo. Esse era o fim. Abriu os olhos esperando ver o grande prédio com inscrição Defensores da Ordem e do Progresso na fachada. O que viu, porém, a perturbou.

Oscar estava parado ao lado da porta aberta, olhando para ela. O local em que estavam parecia um terreno abandonado, e ela não fazia ideia de em que parte da cidade podiam estar. De repente, sentiu medo. O que ele pretendia fazer com ela?

- Venha. – ele disse, esticando a mão para ajudá-la a sair do carro. Ela se arrastou pelo banco, os movimentos limitados devido às algemas que prendiam suas mãos para trás. Ele pegou em seu braço, auxiliando sua saída e garantindo que se equilibrasse de pé ao lado do carro. – Vire-se. – falou, e ela obedeceu, sentindo que ele soltava seus pulsos. Ela levou as mãos à frente e virou-se para ele, sem entender.

- Eu não vou te levar de volta para eles. – Oscar falou, muito sério – Eu nunca faria isso.

Ele colocou a mão em um dos bolsos e pegou seu celular. Antes que Sarah percebesse o que estava fazendo, abaixou-se e encostou o celular no localizador em seu tornozelo, logo depois retirando-o e jogando no carro pela porta aberta. Guardou o celular novamente no bolso, pegou sua carteira e abriu, como se procurasse alguma coisa. Quando encontrou, ofereceu a ela. Era seu cartão capital, um substituto do dinheiro em espécie.

- Pegue. – disse – Está carregado, deve ter o suficiente para que você consiga chegar a algum lugar conhecido. Posso adicionar mais valores depois, se você precisar. Seu localizador já foi desativado, ninguém mais vai poder saber onde você está.

Sarah não se mexeu. Ainda não entendia o que estava acontecendo ali. Seria mais uma brincadeira ou um teste? Oscar notou o medo e a desconfiança em seus olhos, pegou sua mão e depositou o cartão. Sarah olhou para o objeto e de volta para Oscar.

- Por quê? – ela perguntou, a voz baixa e fraca.

Oscar suspirou.

- Você sabe o que Carolina disse hoje depois de sua apresentação? Que estava cansada. Cansada das pessoas, cansada de tudo. Eu entendo perfeitamente o que ela quis dizer, Sarah. Eu também estou exausto, não suporto mais ver o que acontece e fingir que está tudo bem. Está tudo errado. Carolina me mostrou isso, você me mostrou isso. E eu não quero mais colaborar com toda essa insanidade. Não aguento mais.

Sarah o ouvia sem acreditar.

- Eu não vou permitir que você seja presa novamente. Quando Carolina fez o que fez, quando eu vi nos olhos da Iris que ela te culpava, eu sabia que ela tentaria mandar você de volta à prisão. Precisei fingir que concordava com isso e ficar calado porque não podia deixar que ela percebesse a minha intenção de te ajudar. E agora – ele deu um passo para o lado e fez um gesto indicando o espaço atrás de si – você está livre.

A mente de Sarah girava e as palavras de Oscar a confundiam. Ela não sabia o que pensar, não sabia o que fazer. Até poucos minutos atrás pensava estar mais perto do que nunca da morte, e agora tinha toda a liberdade diante de si. Olhou o cartão em sua mão. Oscar não só a estava permitindo fugir, mas ainda estava lhe dando meios para isso.

- Você não precisa se preocupar com nada. – ele continuou, vendo que ela hesitava – Vou garantir que Iris pense que você está presa. Não é muito difícil preparar um relatório falso e mostrar a ela. Você estará segura e terá tempo para ajeitar sua vida longe daqui.

Sarah o olhava boquiaberta. Era real. Ela estava livre, podia fugir, podia começar sua vida de novo em algum ponto escondido do país ou quem sabe até fora dele. Finalmente poderia esquecer tudo isso, deixar os últimos anos no passado, seguir em frente. Oscar a observava, sorrindo. Queria vê-la livre, queria vê-la longe de todo aquele sofrimento. Ela não merecia nada do que acontecera, ele agora sabia.

Os primeiros passos que deu em direção à liberdade foram estranhos. Ela caminhou um pouco por aquele terreno, de repente percebendo que conhecia aquele bairro. Perguntou a si mesma se a escolha de Oscar tinha sido proposital, mas quando o olhou e o viu sorrindo para ela, teve certeza que não. Não havia malícia em seu olhar.

Sarah olhou em volta, lembrando que a casa onde Mariana morou com Lavínia era próxima dali. Ela sentiu uma dor no coração ao lembrar da amiga e de sua namorada, e de repente vieram em sua mente todas as pessoas que ela conhecera, que amara e que não fazia ideia se estariam bem nesse exato momento. Ana, Victor, José, Camila, Elson, Giulia, seus pais.

Essa lembrança a fez interromper seus passos. Então era assim que tudo iria acabar? Ela ganharia uma falsa liberdade e simplesmente fugiria sem olhar para trás? E tudo que viveu, e tudo que sofreu? E toda a sua luta para tentar mudar as coisas, para proteger quem amava, para não permitir que as opressões continuassem? Deixaria tudo de lado? Desapareceria mesmo sabendo tudo que acontecia nos bastidores do governo? Poderia simplesmente seguir sua vida sabendo que havia pessoas sendo torturadas em locais secretos, pessoas como ela, talvez até pessoas que

ela conhecesse e amasse? Uma inquietação tomou conta de Sarah e ela se viu voltando até onde Oscar estava.

- Sarah, o que aconteceu? – ele perguntou, vendo a determinação em seus olhos.

- Você está cansado, não é? Quer fazer algo para mudar tudo isso, não quer? – Oscar concordou com a cabeça, sem entender aonde ela queria chegar – Então é isso que nós vamos fazer.

## 69

Iris estava cansada e sua cabeça não parava de doer. Era noite, a reunião ministerial da qual participava já acontecia havia horas e tudo que ela queria era voltar para o hotel, jantar e dormir. Nem mesmo vira o episódio da semana do programa que ajudara a criar. Poderia ver depois, os produtores não se incomodariam com isso. Passara por muito estresse nos últimos dias – a expulsão de Carolina, a prisão de Sarah, a correria para conseguir uma vaga em um CP qualquer ao menos para que a sobrinha não perdesse o ano letivo – e ainda precisava viajar às pressas quando Salvador convocou todos os ministros para uma reunião especial sobre o desenvolvimento do país.

Ao menos estava feliz com o sucesso de seu mais novo empreendimento. Sabia que a audiência da estreia do programa tinha sido ótima, e recebera um retorno muito positivo tanto dos colegas de governo quanto da equipe do canal que assumia a produção. Os diretores faziam questão que ela assistisse e comentasse os episódios, para que eles soubessem se estavam indo no caminho certo e agradando a principal interessada no sucesso da atração. Para eles, essa era apenas mais uma forma de ganhar dinheiro, mas para Iris era um complemento interessante a toda a sua mobilização para salvar a Língua Portuguesa.

Era uma receita perfeita: um programa de auditório com desafios envolvendo tarefas simples como nomear coisas ou repetir palavras, no intuito de ganhar um prêmio ao final. A cada erro cometido, uma sirene tocava e a apresentadora fazia questão de apontar o que havia de errado na fala da pessoa, da forma mais humilhante possível, arrancando gargalhadas da plateia. Ainda em formato de teste, eles selecionavam pessoas nos abrigos destinados a quem não sabia falar corretamente, o que permitia que eles pudessem economizar no prêmio e garantir a diversão dos espectadores.

Tudo fora pensado e planejado com o mesmo objetivo: enquanto os CIPs garantiam que as pessoas pagariam multas caso cometessem insistissem em falar errado, o programa “Não Seja Burro” faria com que elas se sentissem ainda mais propensas a se calarem, com medo não só de perder dinheiro, mas também da humilhação. “Se você não sabe falar, não fale nada”, era uma das frases que a apresentadora usava, sugerida pela própria Iris. Era um lema que ela sempre considerou interessante e eficiente, pois acreditava que respeitar o padrão significava uma sociedade melhor. Sílvio Salvador concordava plenamente com essa ideia, e por isso ela estava ali, agora, naquela reunião.

- Tudo está se encaminhando bem, como eu disse que ia acontecer! – ele se gabava naquele momento – Depois que acabamos com essa história de chamar tudo de preconceito, olha o resultado: nada de denúncias, debates ou problemas com esse tipo de coisa. Cada um vivendo sua vida, cada um sabendo sua condição, ninguém reclamando. É ou não é o Brasil perfeito?

Os ministros concordavam, rindo e aplaudindo a fala do presidente. Salvador fingia modéstia, mas no fundo adorava toda essa atenção. Levantou a mão para pedir que o barulho cessasse, mas aguardou pacientemente e sorrindo enquanto eles não lhe obedeciam.

- Claro que o trabalho de todos vocês aqui foram muito importantes! Vocês também merecem palmas!

Iris arregalou os olhos. Salvador mais uma vez tinha cometido um desvio bastante claro na fala, do tipo que ele adorava: sujeito no singular, verbo no plural. Olhou em volta para ver se mais alguém havia notado o mesmo que ela, mas todos pareciam bastante entretidos com a aclamação ao presidente.

Ela respirou fundo e também sorriu, disfarçando a preocupação. Em um primeiro momento pensou que deveria tentar alertar Salvador para ter mais cuidado com sua fala ou todos logo perceberiam que seu CIP era só decorativo. Depois, relaxou. Mesmo que eles soubessem, dificilmente se colocariam contra o presidente. Eles apenas o seguiam cegamente e aplaudiam como macacos de auditório bem treinados.

- Vamos encerrar por hoje, que tal? – disse Salvador, esticando os braços para trás, como a demonstrar cansaço – Nos vemos na próxima, vocês podem ir. – todos começaram a se levantar e sair da sala, quando ele completou - Menos você, Iris.

Os ministros e ministras que ainda estavam no local olharam de Iris para Salvador, curiosos. Tentaram se demorar um pouco mais arrumando suas coisas para ver se Salvador começava a falar e eles conseguiam saber ao menos do que se tratava a conversa. Salvador, porém, notando a estratégia, comentou:

- Ô bando de curioso, eu já falei pra sair, tá ok?

Os ministros restantes na sala pediram desculpas e saíram, fechando a porta atrás de si. Iris só conseguia pensar no seu cansaço e na quantidade absurda de ocorrências que o CIP de Salvador não registrara, e isso somente dessa reunião. Ele se achava superior a ponto de querer seu CIP desligado, mas vivia cometendo deslizos em sua fala cotidiana. Ao menos seus discursos, que ela ajudava a preparar e revisar, eram perfeitos.

- Iris, eu pedi pra todo mundo sair porque eu preciso falar sobre um assunto sério com você. – ele disse, esticando as costas no encosto da cadeira e colocando os pés cruzados sobre a mesa. – Primeiro de tudo, quero te dar parabéns pelo trabalho dos CIPs e também pelo programa. Os dois são geniais.

- Obrigada, senhor presidente. – ela disse, sem ainda entender o motivo dessa conversa particular.

- Mas o que eu quero te falar – ele agora estava sério – é que eu fiquei sabendo do que aconteceu com a sua sobrinha na escola.

Iris se surpreendeu com a informação, mas não teve tempo de reagir.

- Antes que você pergunte como, foi o Enzo que me contou. Ele é filho de um grande amigo meu, acho que você sabe. Ele disse que a menina se revoltou, falou um monte de coisa errada, leu um texto subversivo... Não foi isso?

Iris tentou se defender.

- Ela estava um pouco nervosa no dia, confusa. Acabou falando algumas coisas que...

- Que não foi você que ensinou, foi?

- Claro que não! Eu jamais...

- Então de onde ela tirou isso tudo? – Salvador não dava tempo para que Iris se explicasse – Porque se ela é sua responsabilidade, você tinha que garantir que isso não acontecesse.

- Sim, senhor, mas...

- Não tem “mas”, Iris. Você é minha ministra da Educação. Eu te dei esse cargo por causa da minha boa relação com a sua família, mas também porque confiei em você, na sua capacidade. Se você não conseguir nem controlar uma criança, a gente vai ter um problema!

- Não, senhor. – Iris se apressou em dizer, antes que ele a cortasse novamente – O que aconteceu foi um acidente, algo que eu não pude prever, mas já está tudo sob controle. A menina nunca mais fará algo do tipo, eu posso garantir. E o senhor sabe que sou mais do que capaz para esse cargo, veja os resultados que tenho apresentado!

Salvador a olhava desconfiado, mas Iris não conseguia imaginar de quê. Parecia a estar analisando, questionando a si mesmo se deveria acreditar nela ou não. Após alguns minutos de silêncio, ele tirou os pés de cima da mesa, ajeitou-se na cadeira e a encarou de frente.

- Aquela subversiva do “Seje Livre” é sua criada, não é?

Iris fez que não com a cabeça.

- Sarah era minha criada. Eu precisei entregá-la ao DOP.

- Entendo. – ele disse, o rosto agora mudando para uma expressão de deboche – Por causa do que aconteceu, eu imagino?

- Sim, senhor.

- Quer dizer que você tinha uma subversiva dentro de casa há... quantos anos?

- Cinco. – Iris respondeu.

- Cinco anos e nesse tempo todo você não percebeu que ela estava influenciando sua sobrinha? Isso me preocupa, Iris. Me pergunto se você é muito otária ou se, pior ainda, você concordou com tudo isso.

Iris não sabia se ficava mais ofendida por ser chamada de otária ou pela insinuação de que poderia estar unida à Sarah em um plano subversivo.

- O quê? O senhor... Não, não é nada disso, eu só...

- Não precisa ficar se explicando agora. – Salvador levantou uma das mãos em um gesto para que ela se calasse. – Seja uma coisa ou seja outra, eu vou descobrir. Porque a partir de hoje eu vou ficar de olho em você, Iris. E se você ou alguém da sua família sair da linha, nem que seja um pouquinho, você vai se arrepender. Entendeu?

- Senhor, por favor... – ela ainda tentou argumentar.

- Entendeu? – ele repetiu, elevando a voz.

Iris percebeu que não adiantaria tentar falar mais. Apenas concordou com a cabeça.

- Ótimo. – ele disse, levantando-se. – Agora pode ir.

Iris agradeceu e saiu, sentindo-se trêmula e nervosa. Conseguiu se controlar ao passar pela assistente do presidente e desejar boa noite e ao cumprimentar os conhecidos que encontrou no caminho até o estacionamento. Quando entrou no carro alugado, porém, lágrimas começaram a descer por seu rosto e ninguém que passou ali pelos próximos minutos notou, devido aos vidros escuros do automóvel, que Iris socava o volante com toda a força que podia.

Carolina começou a frequentar o Centro de Preparação 134 na semana seguinte a toda a confusão na Arabech. Por não serem consideradas escolas de grande importância, o governo não lhe dava nomes, mas números. No início um pouco assustada com a mudança, Carolina logo



percebeu que aquele ambiente, embora bem menos equipado do que sua escola anterior, era bastante agradável e feliz.

Seus colegas, muito mais simpáticos e divertidos do que os esnobes da Arabech, admiravam o fato de que Carolina podia falar à vontade sem se preocupar com seu CIP apitando. A maioria deles falava pouco, preocupados em acabar gerando multas para seus pais, e a comunicação enquanto estavam na escola era feita principalmente através de bilhetinhos. Carolina percebia que a escrita deles tinha uma estrutura precária e era permeada de erros de ortografia, mas isso não importava. Nunca recebera qualquer tipo de demonstração de amizade sincera de nenhum dos outros estudantes de sua antiga escola, mas agora colecionava em seu caderno bilhetinhos cheios de recados carinhosos, piadas e desenhos que seus novos amigos faziam.

Seus professores também eram diferentes daqueles que ela conheceu na Arabech. Embora humildes, eles eram tão inteligentes quanto muitos dos que trabalhavam no IE, alguns até mesmo mais. Sua professora favorita se chamava Lucinha e, embora sua matéria fosse somente de leitura instrumental – a disciplina de língua portuguesa não era oferecida em CPs – ela incentivava e elogiava com frequência o talento de Carolina para a escrita.

- Você poderia ser escritora, sabia? – Lucinha dizia, e Carolina ficava radiante.

A maioria das aulas da professora era focada em atividades simples de leitura e interpretação básicas voltadas especialmente para a compreensão de textos instrucionais, conforme indicava o currículo escolar, e Carolina, que concluía tudo rapidamente e sem dificuldade alguma, acabava por dedicar seu tempo livre a ajudar seus colegas. Como não havia biblioteca na escola, ela passou também a levar seus livros para a sala de aula e emprestar aos colegas, que, assim como a professora, adoraram a iniciativa.

Carolina chegava a rir ao lembrar que sua tia fizera de tudo para que a menina sentisse que a ida para o CP era uma punição pelo que fizera, mas ela se sentia tão bem na nova escola que só conseguia pensar que deveria ter sido expulsa da Arabech antes. As únicas coisas que ainda a incomodavam eram a saudade da avó e a consciência de que, por sua culpa, Sarah fora levada embora e estava presa. Ela não se conformava que o pai tivesse colaborado com isso, e desde aquele dia, passara a evitá-lo, deixando claro seu ressentimento.

O pai da menina percebia sua mágoa, mas não podia fazer nada para mudar aquela situação. Carolina não imaginava o que estava acontecendo e não podia saber de nada até que tudo se concretizasse, então ele simplesmente se calava e aguentava suas expressões enfurecidas direcionadas a ele. Agia da mesma forma com Iris, ignorando os comentários depreciativos sobre Sarah que ela insistia em fazer na frente da sobrinha, em uma clara intenção de mostrar o quanto a desprezava. Quando ela buscava a concordância de Oscar, ele apenas sorria, o que para ela significava aprovação de tudo o que dizia.

Precisava manter as aparências e uma boa relação com a ex-cunhada, e por isso acabava por deixar de dizer ou fazer muitas coisas. Uma delas, e a que mais o atormentava, era não poder pressioná-la para que dissesse onde estava sua mãe. Oscar tinha certeza de que Iris tinha essa informação, mas não a fornecia por puro despeito. Ele tentara mais de uma vez o contato com o ministério dos Direitos Humanos, como ela o instruíra, apenas para descobrir que o fornecimento desses dados ao público tinha sido proibido por Sílvio Salvador.

Oscar passava seus dias imaginando como sua mãe estava e se realmente estava sendo bem cuidada como Iris prometera que seria. Tinha medo de imaginar que tivesse sido enganado pela ex-cunhada, e começou a buscar entre os colegas do DOP alguém que também tivesse um

parente ou conhecido que tivesse sido levado para um desses abrigos. Perguntava sobre isso a seu novo assistente quando ouviu uma gritaria no refeitório do escritório e correu a ver do que se tratava. Chegando lá, viu Moreira reunido com Fernandes e alguns outros DOPs, todos rindo e gargalhando.

- O que está acontecendo aqui? – perguntou Oscar.

- É o novo programa do canal 17, Santos. – respondeu Moreira, apontando para a televisão na parede do refeitório – Começou essa semana, eles não conheciam e eu tive que apresentar. Você precisa assistir, é engraçado demais!

- Ele tem razão, chefe. – disse o assistente com quem antes Oscar conversava. – Assisti ontem à noite e acho que nunca ri tanto em toda a minha vida!

- E que programa é esse? – perguntou Oscar.

- O nome é “Não Seja Burro”. – continuou o rapaz, enquanto os outros ainda riam e apontavam para a TV - A apresentadora é uma dessas aspirantes a comediantes que nunca fizeram sucesso. Não lembro o nome dela, só que grita o tempo inteiro. Mas a parte boa mesmo é quando os convidados começam a falar... Eu quase tive um ataque de tanto rir!

- Vamos começar um episódio novo agora, Santos. – Fernandes o chamou, puxando uma cadeira para que ele se sentasse – Ainda estamos no horário do almoço, aproveita pra assistir também. São só dez minutos, é bem curto.

Oscar olhou o relógio de pulso e acabou concordando. Sentou-se na cadeira que Fernandes indicara e olhou para a televisão. Moreira, que controlava o aparelho pelo celular, iniciou a reprodução do episódio.

A abertura do programa era simples, com uma música chamativa e o título em letras coloridas *NÃO SEJA BURRO*. A apresentadora apareceu logo depois, com um grande sorriso e olhos arregalados. Ela gritava e se esforçava para provocar risadas histéricas no auditório, mas Oscar a achou mais esquisita do que engraçada.

- Sejam bem-vindos a mais um episódio da atração mais divertida e instrutiva das plataformas de entretenimento! Patrocinado por nosso presidente e pela rede de lojas Jouman, nosso programa traz diversão e instrução para a família brasileira! Eu sou Celina Valadares e esse é o NÃO SEJA BURRO! – a plateia aplaudiu com gosto.

Oscar cruzou os braços e sacudiu a cabeça para os lados, em negação. Já podia notar que aquilo seria ridículo.

- Vamos receber nossa participante de hoje diretamente do Rio de Janeiro. Moradora de comunidade, ela contou à nossa produção que trabalhou durante toda a vida como empregada doméstica para sustentar o filho, fruto de uma gravidez na adolescência. Devido a isso, não pôde concluir seus estudos. – a apresentadora fingiu uma expressão de tristeza e a plateia riu – Essa é sempre uma ótima desculpa, não é? Para estudar faltou oportunidade, mas para engravidar... – a plateia riu novamente e a apresentadora acompanhou. Depois que o barulho das risadas diminuiu, a mulher apontou para a parte de trás do cenário – Vamos ver o que nossa convidada vai ganhar hoje! Venha para o centro do palco, Conceição!

Oscar sentiu um arrepio quando ouviu aquele nome. Sentiu todo o seu corpo tremer, e chegou a dizer para si mesmo que não era possível, é claro que não podia ser, era apenas uma coincidência. Ele fixou os olhos na tela da televisão, aguardando a entrada da participante do programa. A mulher, uma senhora de menos de sessenta anos que aparentava bem mais idade, entrou no palco do programa de forma envergonhada, a cabeça baixa, os passos lentos. Uma bengala a ajudava a se apoiar. Quando chegou ao local onde a apresentadora estava, se sentou em

um banco e finalmente levantou um pouco o rosto, permitindo que Oscar a visse com total clareza: era sua mãe.

- Seja bem-vinda, Conceição!

- Brigada. – Conceição disse, e sua expressão aparentava uma tristeza que Oscar nunca vira antes.

- Você já sabe como são as regras do nosso programa?

Conceição fez que não com a cabeça.

- Então vamos lembrar! – e olhando para a câmera – O objetivo aqui é que o participante complete um desafio sorteado aleatoriamente. Cada desafio é composto por duas tarefas valendo cinco pontos, chegando a um total de dez. Se, ao final, o participante conseguir ao menos seis pontos, recebe um cartão capital com cinco mil disponíveis para gastar em qualquer loja da rede Jouman! É ou não uma maneira bem fácil de garantir esse prêmio?

A plateia gritou “sim” e aplaudiu com vontade.

- Antes de começarmos, Conceição, conte para nossos espectadores o que você pretende fazer se ganhar o cartão.

Conceição deu um sorriso fraco.

- Eu vou dar ele pra minha neta, ela gosta muito de ler livro. Tem um tempo que nós num se vê, mas eu quero ajudar ela a comprar os livro que ela gosta.

Algumas risadinhas foram ouvidas na plateia, e a apresentadora aproveitou para tentar fazer uma piada.

- Está com fome, Conceição? Comeu tantas letras nessa frase que parece que não se alimenta há dias!

Conceição abaixou a cabeça, sem jeito diante das gargalhadas que consumiram o auditório. A apresentadora de primeira uniu-se a elas, mas depois voltou-se novamente para a participante.

- Agora que você já está de barriga cheia, podemos começar! – e olhando para a câmera - Vamos ao sorteio do desafio! – anunciou a apresentadora aos gritos. Uma vinheta começou a tocar e o nome do quadro que se iniciaria surgiu na tela: *DANDO NOME AOS BOIS*.

- Esse é bom! – comentou a apresentadora - Preste bastante atenção, Conceição: Ali naquela tela vão surgir imagens de alguns objetos e tudo que você tem que fazer é dizer o nome de cada um deles. Você tem dez segundos para cada, podemos começar?

Conceição concordou com a cabeça.

- Então prepare-se e... agora!

A tela à frente de Conceição piscou e uma imagem surgiu.

- Bicicreta! – disse Conceição e um som grave pode ser ouvido. A plateia riu e a apresentadora fez uma careta de desaprovação.

- Opa, isso significa que você errou! Preste atenção no que fala!

A tela piscou novamente, dessa vez com uma nova imagem.

- Ai, eu se esqueci do nome disso... – disse Conceição, e a plateia deu alguns risinhos, enquanto a apresentadora fazia caretas de deboche. – É pírula!

O mesmo som grave foi ouvido e Conceição franziu a testa.

- Mas tá certo! É pírula!

- “Pírula” não existe, Conceição! – a apresentadora falou, e só então Oscar notou que ela, assim como sua mãe, não usava um CIP. – Mas vamos ao próximo objeto!

Conceição olhou para a tela e viu algo que conhecia muito bem.

- Essa é mole! – falou – Tauba pra passar roupa.

Mais uma vez o som grave foi ouvido, seguido de risos da plateia e de mais uma gritaria por parte da apresentadora.

- ELA ERRA TODAS! É INACREDITÁVEL!

Tanto o auditório do programa quanto os colegas de Oscar que assistiam ao programa gargalhavam com gosto. Somente ele se mantinha sério durante todo o tempo, apenas olhando para a televisão.

- Preste atenção, Conceição! Você está indo muito mal!

- Mas eu... – Conceição tentou dizer, mas foi interrompida.

- Olho na tela!

Ela olhou para a tela novamente, dessa vez disposta a acertar.

- É aquele negoço pra ligar o chuveiro... – ela tentava se lembrar – É re... alguma coisa. É... rezistro!

Mais uma vez o som grave e as risadas. Conceição não entendia o que estava acontecendo, mas mal teve tempo de argumentar quando viu a última imagem que aparecia na tela.

- É um cérebro! – disse, apontando para a tela – Uma foto do cérebro!

O som agora fora diferente, dessa vez indicando que o jogo acabara. A plateia ainda ria, e a apresentadora balançava a cabeça de um lado para outro, em desaprovação.

- Que papelão, hein, Conceição! Não acertou uma!

- Esse negoço deve tá ruim. – disse Conceição, indignada – Eu sabia os nome tudo, num disse nada errado e...

- Não disse nada errado? NADA? – a gargalhada na plateia foi geral, e a apresentadora aproveitou para ir até o telão e apontar para as cinco imagens que agora apareciam lado a lado. – Isso é uma bicicleta. BI-CI-CLE-TA! E isso aqui, uma PÍ-LU-LA. – a cada vez que repetia as palavras, a apresentadora gritava, e a plateia ia à loucura, aplaudindo efusivamente – Não existe “tauba”, o certo é TÁ-BU-A. “Rezistro”, então, eu nunca tinha ouvido na minha vida! É RE-GIS-TRO! E “cérebro”, só se for o que tem dentro da sua cabeça, porque o certo é CÉ-RE-BRO.

A plateia riu da piada e a apresentadora se virou para a câmera.

- Mais uma vez hoje nós vemos o quanto as pessoas podem ser ignorantes! Em pleno século XXI, esse tipo de gente ainda não aprendeu a falar! Podem falar o que quiserem, mas isso aqui – falou, apontando para Conceição – não é falta de oportunidade, é falta de vergonha! Não quis aprender e ficou assim, assassinando a nossa língua! Por isso temos que agradecer ao nosso governo por estar mudando a história da Língua Portuguesa nesse país! Porque ninguém aguenta mais ouvir esse tipo de coisa! Viva nosso presidente!

- Viva Salvador! – a plateia gritou, aplaudindo ainda mais forte.

A câmera focou em Conceição, que mantinha a cabeça baixa, e uma lágrima pode ser vista rolando em seu rosto. Nunca se sentira tão humilhada.

- Bom, nosso episódio de hoje acabou, mas amanhã teremos mais diversão e instrução em nosso programa! E lembre-se: se você não quer ser o próximo a estar aqui passando essa vergonha...

- *NÃO SEJA BURRO!* – a plateia completou.

A apresentadora aplaudiu enquanto a música tema do programa tocava e os créditos começavam a passar na tela. O nome de Iris foi o primeiro a ser exibido como detentora da ideia original da atração. Depois de desligar a televisão, Moreira virou-se para Oscar.

- Não disse que era bom? Não consigo parar de rir!

Oscar não disse nada e apenas se levantou, passando em seu escritório para pegar a chave de seu carro e saindo do prédio logo depois. No caminho para a favela onde morara durante anos com a mãe, ele sentia as lágrimas caindo, a raiva tomando conta de si. Deixou o carro em uma rua próxima e subiu as escadas para entrar na comunidade, dirigindo-se para a pequena casa em que fora criado. Pegando uma chave no bolso, abriu a porta e entrou, recebendo um sorriso simpático das duas mulheres que se encontravam ali.

- Está tudo bem? – uma delas perguntou, vendo sua expressão amargurada. – Aconteceu alguma coisa?

- Sim. – ele disse – Mas não é hora de falar sobre isso. Vim saber como andam as coisas.

- Perfeitas. – disse a segunda mulher – Amanhã mesmo vamos colocar em prática.

Oscar concordou, suspirando. Precisava se acalmar antes de voltar para casa. Não poderia deixar que Iris percebesse que ele vira o programa, que sabia o que ela fizera com sua mãe. Embora sua vontade fosse de confrontá-la, não era isso que deveria fazer agora. Era preciso ter paciência. Iris iria pagar por tudo que fizera. Faltava pouco.

## 71

No dia seguinte, Iris acordou mais tarde que de costume. Era sábado, ela não tinha nenhum compromisso marcado e como vinha cansada do trabalho e dos muitos eventos de divulgação do programa de auditório que ajudara a criar, resolvera aproveitar o dia para relaxar. Ela desceu as escadas da casa em direção à sala de jantar, mas não encontrou a mesa posta para o café. Gritou chamando a nova empregada que contratara para ficar no lugar de Sarah e a mulher se desculpou, dizendo que não sabia que horas ela acordaria e por isso não tinha preparado a mesa, mas que já iria providenciar tudo.

Iris perguntou por Oscar e Carolina, e a mulher disse que os dois tinham saído cedo, mas não disseram para onde iriam. Ela deu de ombros e mandou que a empregada fosse trazer o café, o que a mulher prontamente atendeu. Olhando para os lados, notou que esquecera seu celular sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama e chamou a empregada novamente, mandando que buscasse o aparelho em seu quarto.

- A senhora quer que eu preparo o café ou que vou buscar o celular? Só tem uma de mim. – perguntou a empregada.

Iris já ia chamar a atenção dela pela resposta atrevida quando notou que o CIP em seu pescoço não apitara com os erros em sua fala.

- Por que seu CIP não apitou? – perguntou, desconfiada.

- Tá desde onti à noite assim. – a mulher respondeu, claramente feliz por poder falar sem se preocupar com pontos e multas – Deve tá ruim.

A empregada saiu para a cozinha sem esperar a ordem de Iris, e ela se viu sentindo falta de Sarah e de sua submissão. Levantou-se e foi até seu quarto buscar o celular esquecido. Ainda um tanto sonolenta, se surpreendeu com as dezenas de mensagens e ligações perdidas que havia

no telefone. Parecia que todas as pessoas que a conheciam tinham resolvido entrar em contato mesmo dia, e ela não fazia ideia da motivação por trás disso.

Resolveu começar olhando as mensagens e abriu o aplicativo de conversas. Algumas das primeiras mensagens eram de Sílvia Salvador, o que ela estranhou. O presidente só entrava em contato com ela assim se fosse uma situação muito urgente. “*Você ficou maluca?*”, dizia uma das mensagens, e ela franziu a testa, sem compreender. “*Eu sabia que eu não devia confiar em você*”, dizia a mensagem seguinte. Iris achou que Salvador pudesse ter se enganado de destinatário, talvez confundido números, e resolveu olhar as mensagens das outras pessoas. Ficou espantada quando percebeu que todas tinham um teor bastante parecido.

“*Você só pode ter enlouquecido!*”, diziam algumas. “*O que aconteceu com você?*”, perguntavam outras. Havia ainda as que diziam “*Não é possível que você tenha feito isso*” ou “*O que você está ganhando com isso?*”. Iris se sentia cada vez mais confusa e curiosa para saber o que era esse “isso” a que todos se referiam. Em uma das mensagens, a pessoa que questionava sua atitude encaminhou um hipertexto – o antigo *link* – que levava a uma notícia publicada no Brasil Notícias. Iris clicou para acessar, imaginando que ali encontraria a explicação para o que acontecia.

Quando a página se abriu, Iris quase entrou em estado de choque. A manchete ocupava toda a página, com sua imagem logo abaixo: ***NOVA RECONFIGURAÇÃO DOS CIPS FEITA PELA MINISTRA DA EDUCAÇÃO APRESENTA INVERSÃO DE VALORES.*** Ela ainda tentava entender o que tudo aquilo queria dizer e já começava a fazer a leitura do texto da notícia quando ouviu o som do toque de sua tela eletrônica no cômodo ao lado. Correu até o escritório e encontrou o aparelho sobre a escrivaninha, a tela piscando com a notificação de uma chamada de vídeo de Sílvia Salvador.

- Bom dia, senhor. – ela disse, assim que a chamada se iniciou. – Acabei de ver as notícias, eu não sei o que...

- Nem começa, Iris. – disse Salvador, irritado – Eu só quero saber por que você fez uma coisa dessas.

- Desculpe, senhor, mas eu não fiz nada. Eu ainda nem entendi bem o que está acontecendo, para ser sincera.

Salvador riu de modo sarcástico.

- Você gosta mesmo de fazer esse joguinho, hein?

- O quê?

- Chega disso. – ele falou, agora sério – Você tá me irritando. Eu só quero saber quem mais tá envolvido nisso.

Iris o olhava sem imaginar o porquê dessas perguntas sem sentido algum. O que estava acontecendo, afinal?

- Senhor, me desculpe, mas... Eu ainda estou tentando entender...

- Você vai querer me dizer agora que não sabe o que tá acontecendo com os seus queridos CIPs?

Iris, por puro reflexo, olhou para o aparelho pendurado em seu pescoço. Ele parecia exatamente igual ao que sempre fora. Salvador percebeu a confusão em seu olhar, e logo sorriu novamente.

- Você é boa, Iris. Muito boa. Uma ótima atriz, com certeza. Podia enganar qualquer um, mas eu não, eu não caio nessa. Você é esperta demais pra não ter sido a mandante disso tudo.

Iris começava a se sentir nervosa com tudo aquilo.

- Disso tudo o quê? – perguntou, direta.

- Vê aí por você mesma. – ele disse - Fala alguma coisa errada.

Iris ficou em silêncio, desconfiada.

- Você não quer saber qual é o problema? – continuou Salvador - Não tá aí se fazendo de boba? Então, vai, fala.

Iris suspirou, se dando por vencida. Salvador devia ter enlouquecido, só podia ser. De todo modo, sabia que ainda tinha a cota de erros do dia, que nas últimas semanas diminuía para dois. Não sabia o que poderia dizer e pensou por um momento, lembrando de um dos erros que ouvira no último episódio do programa.

- Pobrema. – falou, esperando o apito que indicava a detecção do erro. Nada. Ela pegou seu CIP, olhou, virou-o para observar cada parte dele. Parecia normal. – Talvez não tenha ouvido bem. – tentou justificar, e insistiu, dessa vez falando mais alto e pausadamente – PO-BRE-MA.

Ela olhava para seu CIP, sem entender como ele poderia continuar silencioso.

- Não vai apitar. – disse Salvador.

- Claro que vai. – ela retrucou – Deveria. Talvez esteja com algum defeito... – e deu alguns tapas no aparelho – Pobrema. – insistiu. Nenhum som. – Os menino saiu. – o aparelho continuou igual – Menas!

Salvador, do outro lado da tela, perdia a paciência.

– Já pode parar com essa palhaçada, Iris. Essa porcaria não vai apitar, porque você reconfigurou pra que não apitasse.

- Não! – ela respondeu – Senhor, as únicas mudanças que eu fiz foram aquelas solicitadas, estava tudo certo, e...

- Para de tentar me enrolar, Iris. Eu tava certo sobre você o tempo todo. Desde aquela história da sua sobrinha, eu já imaginei que você tava começando a querer mudar de lado.

- Claro que não! – ela disse, agora tirando seu CIP do pescoço e colocando-o à sua frente – Isso pode ser um defeito, eu só preciso...

- Defeito? Um defeito que atingiu todos os CIPs do país? É isso que você tá me dizendo?

Iris demorou alguns segundos para compreender o que Salvador dizia. Então aquilo não estava acontecendo somente ali, somente com ela? Pegou o celular ao seu lado e olhou novamente a manchete. Nenhum CIP estava funcionando como deveria. Algo estava muito errado e Iris começou a ter um mau pressentimento.

- Você sabe como eu acordei hoje de manhã? – Salvador falou, nervoso - Com reclamações, reclamações pra todo lado! Eu já não tenho paz, minha vida nesse cargo é uma desgraça, problema o tempo todo, e você ainda me arruma essa! Os números de erros despencaram, as multas começaram a diminuir, os favelados começaram a perceber que podiam falar à vontade de novo...

- Mas eu... eu não...

- E tudo isso porque você deu o comando pra essa sujeirada toda!

- Não, eu juro! Eu nunca faria isso. O senhor sabe do meu compromisso com o ideal do governo, sabe que eu prezo a nossa língua mais do que tudo.

- Você é uma mentirosa desgraçada, Iris. – a voz agora aumentara um tom - E pensar que eu te dei esse cargo por causa da amizade que eu sempre tive com seus pais. Eu devia imaginar que uma menina que nem você só ia causar problema!

- Não, senhor, por favor, me escute. Não é nada disso. Isso pode ter sido um grande erro, ou alguma interferência no sistema do dispositivo que a empresa responsável não avisou. Eu vou

entrar em contato com eles, eles deveriam ter me informado de que os CIPs não estavam mais detectando nada.

Salvador riu, mas Iris notou que foi sem nenhum humor.

- Você não desiste, né? Você sabe muito bem que isso não é verdade, Iris. Sabe que os CIPs estão sim detectando alguma coisa. Estão detectando o que você mandou detectar.

- O que...

- Você quer se fazer de sonsa de novo? Certo, vamos lá. Fala aquela palavra. Aquela estranha, que quase ninguém usa. Que você adora colocar nos meus discursos e aparece muito naqueles textos burocráticos que eu tenho que assinar todo dia.

- Palavra? Qual...

- Aquela... – Salvador realmente se esforçava para lembrar, pois aquela era uma palavra extremamente formal, que ele nunca usava e só via em documentos sérios escritos por pessoas como Iris – Aquela tal de cujo.

- Cujo? – Iris repetiu, e seu CIP apitou logo em seguida.

- Olha que interessante! – Salvador disse, com ironia - Vai me dizer agora que não esperava por isso?

Iris estava em completo choque. O que fizeram com sua invenção? Transformaram sua maior criação em algo que ela jamais permitiria. O intuito dos CIPs era melhorar a língua, impedir os erros e não o contrário, não os acertos, não as palavras que ela considerava tão preciosas em sua língua.

- Isso não faz o menor sentido...

- Não? Então tenta outra. Usa aquela que só aparece na bíblia... o “vós sois” sei lá o quê.

Iris sabia que se comprometeria ainda mais se fizesse o que ele dizia, mas não resistiu a tentar. Precisava entender o que acontecia.

- Vós sois... – Nem mesmo precisou terminar a frase. Seu CIP apitou duas vezes, uma para cada palavra que usou. – Eu... eu não entendo.

- Além de dissimulada agora você ficou burra também? Qualquer idiota entende o que tá acontecendo. Os seus CIPs agora aceitam os erros da fala de gente inferior e rejeita a fala de quem é superior. As palavras mais formais, as palavras que quase ninguém usa de tão cultas, são essas que ele multa. E não existe ninguém melhor do que você pra reconhecer essas palavras, pra identificar quais são e pra programar essa porcaria de aparelho pra isso!

Iris já não conseguia mais falar nada. Sentia como se o chão sob seus pés tivesse desaparecido, a cabeça doía, a garganta estava seca. Fora vítima de um golpe, de uma armação tão bem planejada que conseguira colocá-la nessa situação. Salvador a acusava com a certeza de que fora ela quem comandara toda a operação. Ela, que ainda não conseguia compreender como tudo isso acontecera.

- Sua exoneração já saiu. – Salvador falou, de repente, e Iris olhou para a tela, boquiaberta – E os DOPs já estão na sua porta, só esperando a minha autorização pra invadir. Acabou, Iris. Agora você e sua amiguinha Sarah vão pagar por terem tentado me sacanear. – Iris viu quando ele pegou o celular e gravou um áudio, o olhar fixo nela através da tela. – Pega ela, Moreira.

Salvador encerrou a chamada e Iris olhou para os lados, sem saber o que fazer. Pensou em tentar fugir, mas ao descer as escadas, viu sua empregada abrindo a porta assustada, e dez homens com o uniforme do DOPs entrando, armados. Moreira vinha na frente e fez sinal para que os homens esperassem, indo até ela.



- Bom dia, dona ministra. Quanto tempo! – ele sorria enquanto pegava as algemas no cinto – Vamos fazer isso do jeito fácil ou difícil?

Iris, em desespero, correu de volta pelas escadas.

- Difícil, então. – disse o homem, chamando alguns dos companheiros e correndo atrás dela. Conseguiu alcançá-la no alto da escada e a agarrou, derrubando-a no chão. – Facilita, ministra, facilita. – ele dizia, enquanto a algemava com as mãos para trás. Depois que a levantou, empurrou-a para um de seus companheiros, que a segurou com força pelos braços. Alguns dos DOPs começaram uma revista pela casa, voltando logo depois para dizer que não encontraram nada.

Moreira se aproximou de Iris.

– Vou te dar mais uma chance. O jeito fácil é você me dizer agora onde escondeu a Sarah Ribeiro. O difícil é eu te encher de porrada até você falar.

Iris olhou para ele, assustada.

- A Sarah está presa.

Moreira riu.

- Não, ministra, acho que você bateu a cabeça com força quando caiu. Você tá presa, eu acabei de te prender. A Sarah, sua comparsa nessa história toda, não tá na casa. Então eu quero saber o que você fez pra esconder a sua amiga.

Iris sacudia a cabeça em negação.

- Não, ela está presa, eu tenho certeza, eu mandei que...

O soco no estômago veio tão forte que ela só não caiu por estar sendo segurada.

- Você gosta mesmo de fazer tudo do jeito difícil, hein. – disse Moreira, e olhando para os companheiros – Vamos levar ela pro interrogatório. Duvido que lá ela não vai falar tudo e mais um pouco.

## 72

Sarah respirava com alívio depois de cinco anos. Embora soubesse que em breve precisaria fugir novamente, o fato de estar longe da casa e da influência de Iris a faziam sentir-se mais leve. Sentada no pequeno sofá, ela observava o ambiente ao redor. Camila estava ao telefone, falando com seu namorado jornalista. Segundo ele, a informação era oficial: Iris D'asquad tinha acabado de ser presa. Assim que Camila desligou o celular e olhou para Sarah, ela sorriu. Seu plano fora um sucesso.

Depois que Oscar a libertou, ela resolvera sabotar a configuração dos CIPs, contando para isso com a ajuda de Camila e sua formação em TI. Somando os conhecimentos adquiridos por Sarah ao auxiliar Iris na reconfiguração dos dispositivos à experiência de Camila com o hackeamento dos aparelhos, as duas perceberam que não seria difícil preparar os códigos e alterar todo o sistema. Com Iris acreditando que Sarah estava presa e a antiga casa de Oscar disponível para que as duas se encontrassem para trabalhar, foi fácil colocar o esquema em prática.

Durante uma das viagens de Iris, Oscar conseguiu encontrar uma cópia do documento de autorização da primeira reconfiguração dos aparelhos, que ele falsificou modificando a data e a justificativa para a realização de novas mudanças. *“Após muitos estudos, cheguei à conclusão de que é necessário repensar os conceitos de certo e errado inicialmente adotados pelos Controladores de Idioma Populacional. Segue a lista dos novos fenômenos a serem considerados transgressores”*, ele escreveu no texto, anexando a

lista previamente preparada por Sarah. Assim que Camila conseguiu liberar as alterações, Oscar encaminhou o documento a Pedro Feind dizendo que estava preocupado com as atitudes da ex-cunhada. O ministro levou o problema diretamente a Salvador, e quando as mídias começaram a difundir a notícia, o estrago já havia sido feito.

Oscar chegou na casa pouco depois. Tinha deixado Carolina com alguns colegas da escola e trazia um envelope nas mãos, que entregou a Sarah. Ela abriu e se deparou com novos documentos, um passaporte e uma passagem para o Uruguai.

- Tudo certo com seu voo. – ele disse - Quando chegar lá, é só procurar esse endereço – ele mostrou a ela um papel que estava dentro do envelope – Não sei se tá atualizado, mas foi o melhor que eu pude fazer. Comprei também isso aqui pra você. – ele deu a ela um celular – Não fiz o registro, mas em qualquer loja de lá você consegue resolver isso. Não esquece de usar o nome do documento.

Sarah ouviu as instruções com atenção. Quando ele terminou de explicar tudo, ela olhou para Camila, que, sentada no sofá, acompanhava a conversa dos dois.

- Você vai ficar bem? – perguntou.

- Claro que vou. – respondeu Camila, sorrindo. – Eu sei me virar, Sarah, você sabe disso.

Ela concordou, também sorrindo, e voltou-se para Oscar.

- Carolina...

- Vai saber que você está livre. Vou ter uma conversa com ela esclarecendo tudo, não precisa se preocupar. E assim que as coisas se acalmarem e eu encontrar minha mãe, vamos visitar você.

Sarah sorriu.

- Vamos agora?

Ela se despediu de Camila com um abraço e seguiu com Oscar de carro até o aeroporto. Tudo correu bem com os documentos e logo ela estava voando em direção à sua liberdade. Chegando ao Uruguai, começou suas buscas pelo endereço que Oscar lhe dera, mas descobriu que já não havia ninguém morando no local. Continuou procurando pelo bairro, perguntando a vizinhos e fazendo pesquisas com seu celular, sem sucesso. Um dia, porém, enquanto tomava café em uma pequena lanchonete, ela pensou ter visto um homem conhecido atravessando a rua à sua frente.

Ela pagou o café e correu até ele, com medo de estar enganada. Quando, porém, ela o chamou e ele se virou, teve certeza de que aquele era o marido de sua amiga. Victor a olhou desconfiado, como se a tivesse reconhecido, mas não acreditasse no que estava vendo.

- Sarah? - ele perguntou - É você?

Sarah fez que sim com a cabeça, incapaz de falar e tomada pela emoção. Victor, em um impulso, a abraçou.

- Ana vai ficar tão feliz. - ele disse, ainda abraçado a ela.

- Eu não acredito que finalmente encontrei vocês. – Sarah respondeu, entre lágrimas.

\*\*\*

Pouco tempo depois, ela se encontrava sentada no sofá da sala de Victor aguardando a chegada de Ana. Segundo o marido, ela estava trabalhando em uma escola próxima, onde dava aulas de Língua Portuguesa, matéria obrigatória no currículo escolar do país.

- José estuda nessa mesma escola. - ele disse - Eles devem chegar daqui a pouco.

Sarah aguardou ansiosamente até que ouviu o barulho da porta da casa se abrindo. José entrou primeiro e ela ficou surpresa ao ver o quanto o menino crescera, só então se dando conta

de que ele tinha a mesma idade de Carolina. O menino parou diante de Sarah sem entender o que aquela mulher fazia ali e já perguntava ao pai o que acontecia quando a mãe finalmente chegou ao cômodo.

Ana se sobressaltou de tal forma quando viu a amiga, que deixou todas as suas coisas caírem ao chão.

- Sarita! - ela disse, correndo para a abraçar a amiga - Meu Deus, Sarita, o que te aconteceu? Onde você estava? Como chegou aqui? - ela bombardeava a amiga de perguntas, e Victor acabou se intrometendo.

- Amor, calma. Você vai sufocar a Sarah desse jeito. - ele disse, sorrindo - Acho que vocês precisam muito conversar. - e chamando o filho - Que tal darmos uma volta, hein?

O garoto olhava a cena desconfiado.

- Vamos, filho. - disse Victor - No caminho eu te explico tudo que tá acontecendo aqui.

Largando a mochila em um canto, José saiu junto com o pai deixando a mãe sozinha com aquela mulher que ele pensou já ter visto alguma vez na vida. Depois de alguns minutos de abraços e de muitas lágrimas, Sarah finalmente conseguiu contar sua história. Ana ouviu tudo com atenção e angústia. Ao fim do relato, não pôde deixar de aplaudir o feito da amiga.

- Que ideia genial de mudar o que os aparelhos consideravam como erro!

Sarah sorriu, orgulhosa.

- Ora, ela não queria que as pessoas que falam de forma diferente pagassem por isso? Não tem nada mais diferente que cujo, vós, mesóclise, que não são usados naturalmente por nenhum falante.

- Eu imagino a surpresa daquele pessoal que adora posar de culto quando de repente viram que o dispositivo apitava justamente quando queriam falar da maneira que consideravam a mais correta.

As amigas riram, e Ana pegou as mãos de Sarah entre as suas.

- Mas eu fico feliz que tudo isso tenha acabado. - disse ela, emocionada - Você não imagina o quanto eu senti sua falta e me preocupei com você nesses anos. A partir de agora, eu nunca mais quero perder você de vista. Você vai ficar aqui comigo, não vai?

Sarah concordou e sorriu, recebendo novamente o abraço de Ana. Finalmente sentia-se livre. Finalmente sentia-se em casa.

\*\*\*

Já fazia três meses que Sarah estava no Uruguai. Ela mantinha contato frequente com Oscar através do celular que ele lhe dera antes de se despedirem, e ele a deixava a par de tudo que estava acontecendo no Brasil desde que ela fugira. Ela sabia, por exemplo, que a situação dos CIPs ainda não tinha sido resolvida, e que o presidente determinou que todos os aparelhos deveriam ser recolhidos para análise. Sabia que Camila tinha conseguido recuperar seus materiais de divulgação antigos e começava a compartilhá-los pela *internet* de forma anônima. Sabia que Iris continuava presa e que ela continuava sendo procurada como cúmplice da ex-ministra da Educação. Sabia que Salvador escolhera Enzo Rocha, diretor de uma escola de prestígio, para substituir Iris na função.

Além das atualizações sobre a situação do país, Oscar também enviava a Sarah vídeos e fotos de Carolina, e Sarah ficava feliz em ver como a menina parecia mais feliz agora que não vivia mais sob a pressão da tia. Oscar comentou que ainda não conseguira descobrir o paradeiro

da mãe, e estava agindo aos poucos para que ninguém desconfiasse de suas ações. “Carolina sempre diz que sente muita falta da avó e também de você”, ele disse, em um áudio que enviou a Sarah.

Quando, em uma manhã, ela viu a notificação da mensagem de Oscar, achou que se tratava de mais um vídeo de Carolina. Ela abriu a conversa e reparou que ele ainda digitava. A frase que apareceu logo abaixo do arquivo de vídeo ainda não baixado fez seu sangue gelar: *“Estão divulgando esse vídeo pelas redes. Essa é a sua amiga que sumiu, não é? A Mariana?”*.

Sarah clicou para abrir o vídeo e quase não acreditou no que viu: aquela com certeza era Mariana, mas não a Mariana de anos atrás. Aquela que aparecia no vídeo era mais velha, mais sóbria, bastante diferente da Mariana que ela conhecia. Quando a amiga começou a falar, percebeu que a mensagem que ela passava era ainda mais estranha do que sua nova imagem.

*“Sarah, eu sei que você acha que eu sumi por obra do governo, mas você precisa parar de criar essas paranoias. Mais do que nunca precisamos nos unir para não permitir que o país afunde no caos novamente. Por isso fiz questão de vir aqui pedir a você que se entregue às autoridades e reflita sobre todo mal que suas atitudes podem ter causado. Por favor, me escute. Por favor.”*

O vídeo terminou, e Sarah ficou com a sensação de que algo estava errado demais. Mariana jamais diria aquelas coisas, a menos que estivesse sendo obrigada a isso. Ela assistiu ao vídeo novamente, mas não havia qualquer indício do local onde a amiga se encontrava ou de quem estaria com ela. Ao prestar atenção especial às expressões da amiga, porém, Sarah notou. O olhar de Mariana ao final era de aflição, de medo, de terror. Suas últimas palavras, mais do que um pedido para que a amiga seguisse seu conselho, pareciam uma súplica desesperada por socorro.

Sarah respirou fundo, sabendo imediatamente o que precisaria fazer. Não podia abandonar Mariana à própria sorte, não agora que sabia que ela estava viva e que estava sendo ameaçada para ajudar a capturá-la. Ela escreveu a mensagem para Oscar sem grandes explicações, resumindo sua decisão em apenas uma frase.

*“Eu preciso voltar.”*

**FIM?**

**PARTE II**  
**DISCUSSÃO TEÓRICA**

## 2 PARA DESCONSTRUIR A TORRE DE MARFIM: REPENSANDO A PÓS-GRADUAÇÃO E SUAS TRADIÇÕES

*A ciência avança a passos muito largos,  
propiciando descobertas e invenções.  
Ao mesmo tempo, a ciência se torna cada  
vez menos compreensível para  
a maioria das pessoas.*  
Gustavo Bernardo Krause

A universidade, espaço de ensino superior e formação profissional e científica, sempre foi vista como “algo à parte” da sociedade. Ainda que esta instituição exista como forma de estudo e pesquisa de fenômenos, objetos e matérias pertencentes ao cotidiano, muitas vezes seus membros são vistos como seres diferenciados, com os quais não há diálogo possível a não ser por parte de outros cientistas e acadêmicos.

Devido a essa concepção do senso comum de que cientistas e pesquisadores são de algum modo superiores – afinal, a própria nomenclatura de “ensino superior” passa essa ideia –, muitos desses estudiosos agem como se estivessem em um patamar elevado, esquecendo-se de que estão inseridos em uma sociedade e que, por isso, devem contribuir para a divulgação de informações e para um diálogo constante entre aqueles que estão dentro e os que estão fora do meio acadêmico.

Essa vivência acadêmica que parece ter como base essa noção de superioridade já tem inclusive um nome pejorativo, a “torre de marfim” (ou *ivory tower*, em inglês). Segundo o dicionário Cambridge, “viver ou estar em uma torre de marfim é não saber sobre ou querer evitar as coisas comuns e desagradáveis que acontecem na vida das pessoas”<sup>1</sup>. Em outras palavras, há uma crença forte na sociedade de que acadêmicos e estudiosos vivem em uma torre de marfim, de onde seus olhares apenas alcançam assuntos academicamente importantes, deixando de lado as questões práticas e comuns do cotidiano.

O documentário intitulado “Ivory Tower”, de 2014, traz essa discussão, mostrando que as universidades nos Estados Unidos, além de terem se tornado cada vez mais caras, têm, por

---

<sup>1</sup>No original: “*To live or be in an ivory tower is not to know about or to want to avoid the ordinary and unpleasant things that happen in people's lives*”. Retirado de: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/ivory-tower> (Acesso em 14/04/2021, tradução nossa).

esse mesmo motivo, se tornado acessíveis apenas a uma elite, transformando-se ainda mais fortemente na “torre de marfim” supracitada. Nesse contexto, os conhecimentos considerados superiores são distribuídos apenas para aqueles com condições financeiras – e intelectuais – de acessá-los.

No Brasil, embora a universidade considerada de qualidade seja pública e gratuita – ao menos até o momento – também enfrentamos problemas no que concerne à comunicação entre a academia e aqueles que não têm acesso direto às salas de aulas e ao meio acadêmico. Isso acontece devido à falta de acesso da população em geral aos conhecimentos que circulam entre os muros da universidade.

Essa falta de acesso, em primeira instância, causa um afastamento cada vez maior da universidade para com a sociedade, o que prejudica o avanço da ciência, uma vez que seus resultados não são levados à população e, conseqüentemente, não recebem a devida valorização e importância. Em segunda instância, isso transfere ao próprio profissional a falta de valorização de seu trabalho, o que pode causar, além de problemas de financiamento e estrutura de trabalho, o desânimo por parte de estudantes de investirem em uma carreira acadêmica.

Embora essa problemática ainda não tenha sido resolvida, houve uma evolução importante no campo da ciência nos últimos 20 anos, com um aumento no número de cursos de mestrado e doutorado – incluindo aqui o mestrado e o doutorado profissionais<sup>2</sup> - o que demonstrava, ainda que de modo tímido, um crescimento da valorização do fazer científico no país. A partir de então, cresceu consideravelmente o número de pesquisadores formados<sup>3</sup> e novas vertentes de trabalho foram surgindo, de modo a expandir os campos de atuação da ciência em nossa sociedade.

Nos tempos atuais, entretanto, percebemos que esse movimento expansivo tem diminuído e, ainda pior, tem sido desencorajado por governantes, com o corte de bolsas, diminuição drástica do incentivo à ciência e à pesquisa e, principalmente, descrédito dado aos cientistas e pesquisadores. Neste cenário, percebe-se ainda mais claramente a necessidade de

---

<sup>2</sup> Ambos os cursos foram regulamentados pela Portaria nº 389/2017, que pode ser acessada através do *link* <https://www.ufjf.br/profletras/files/2013/07/Portaria-MEC-389-23mar2017-Institui-mestrado-doutorado-profissional.pdf>. (Acesso em 14/04/2021)

<sup>3</sup> Sobre esta temática, ver matéria “Número de mestres e doutores quintuplica em 20 anos no Brasil do jornal”, publicada no *site* do Jornal Estadão: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-mestres-e-doutores-quintuplica-em-20-anos-no-brasil,10000061216>. (Acesso em 14/04/2021)

comunicar à sociedade em geral, de modo acessível, o que está sendo feito dentro das universidades que, sabemos, passa longe do que é chamado por alguns de “balbúrdia”<sup>4</sup>.

Vemos atualmente que não é possível uma boa relação entre academia e população se esta não conhecer bem o que é feito naquela. Segundo o reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Marcelo Knobel, “[a]s universidades têm um problema de comunicação e não estão sabendo levar à população e aos políticos a importância das ações que desenvolvem utilizando recursos da sociedade.”<sup>5</sup>. O reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Ricardo Lodi, pensa de forma similar, propondo que a universidade se torne um grande polo de extensão e cultura no Rio de Janeiro, não em detrimento do ensino e da pesquisa, mas sim, em complemento a estes, de forma igualitária e apostando na aproximação benéfica entre academia e sociedade<sup>6</sup>.

Se a problemática da falta de diálogo com a população já era preocupante em tempos anteriores, hoje tornou-se essencial resolvê-la. Enquanto esse diálogo não ocorrer de forma eficiente, não seremos apoiados ou defendidos por aqueles que mal sabem o que fazemos. Na área de Linguística, especificamente, isso está bem claro, como mostra este trecho retirado de uma comunicação oficial da Associação Brasileira de Linguística (Abralín), publicada em 17 de março de 2020:

Em relação à comunicação científica, as ações para levar ao grande público os resultados do que fazemos precisam ser intensificadas exponencialmente. Há um grande movimento anti-ciência (criacionistas, terraplanistas, negacionistas da mudança climática, antivacinas etc.), **por conta do vácuo que a ciência, ou melhor, os cientistas deixaram na comunicação de massas.** (ABRALIN, 2020, grifo nosso).<sup>7</sup>

É preciso, portanto, repensar e discutir a respeito do nosso papel enquanto acadêmicos, estudiosos e pesquisadores. Precisamos mostrar às pessoas a nossa relevância, e isso só pode acontecer se levarmos, de forma eficiente, o conhecimento a todas as parcelas da sociedade. Para isso, não basta somente investir em redes sociais ou em alguns projetos extensionistas: é necessária uma repaginação em todos os trabalhos produzidos na universidade, que perpassa não somente os cursos de graduação, mas também – e principalmente – de pós-graduação.

<sup>4</sup> Termo usado pelo ex-Ministro da Educação ao anunciar cortes de verbas para universidades, como pode ser visto na seguinte notícia: <https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>5</sup> Fala retirada de uma entrevista concedida à Revista Pesquisa Fapesp, acessível pelo *link* <https://revistapesquisa.fapesp.br/marcelo-knobel-o-aprendizado-da-autonomia/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>6</sup> Fala retirada de entrevista concedida à TV UERJ, acessível pelo *link* [https://www.youtube.com/watch?v=\\_A-rIC-of7I](https://www.youtube.com/watch?v=_A-rIC-of7I) (Acesso em 14/04/2021)

<sup>7</sup> O comunicado pode ser acessado através do *link*: <https://www.abralin.org/site/2371-2/> (Acesso em 14/04/2021)



Usualmente, para se concluir um curso de pós-graduação acadêmica, é necessária a produção de um material de gênero textual específico, com características próprias. Segundo Almeida (2017), isso foi estabelecido a partir de 1965, durante o período da Ditadura Militar no Brasil, como forma de regulamentar a pós-graduação brasileira e especificar os requisitos necessários para obtenção do grau de mestre ou doutor. De acordo com a autora, a pós-graduação

b) Constituía-se numa configuração organizacional comum no interior da universidade levando à **instituição de práticas coletivas no desenvolvimento da articulação do ensino e da pesquisa**, em especial **por meio dos cursos de mestrado e doutorado**;

c) Essa articulação do ensino e da pesquisa manifestava-se rigorosamente como síntese na apresentação de **dissertação para o mestrado** onde o aluno deveria demonstrar o domínio sobre um tema e capacidade de sistematização e na **tese para o doutorado**, que deveria ser resultado de pesquisa original para todas as áreas do conhecimento; (ALMEIDA, 2017, grifos nossos)

Compreendemos, ao fazer a leitura destes trechos, que o que foi estabelecido como pós-graduação na década de 60 permanece até hoje como regra. A obrigatoriedade de uma dissertação para a conclusão de um curso de mestrado e de uma tese para um curso de doutorado se mantém. Não obstante, há ainda regulamentações que explicitam em detalhes o que é esperado desses trabalhos, como no caso, por exemplo, da Pós-Graduação em Letras da UERJ, em que a definição do que se espera de uma dissertação e de uma tese está bem clara no Artigo 1º do documento intitulado “Formato Geral das Dissertações e Teses” regulamentado pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da UERJ, que define o seguinte:

Art. 1º - As dissertações e teses consistirão em textos argumentativos, dedicados a análise e proposição de conceitos, constantes das três partes clássicas desse gênero de produção textual — introdução, desenvolvimento e conclusão, não necessariamente assim intituladas — e devidamente fundamentados no estudo da bibliografia especializada, consolidada nas Referências Bibliográficas, seção obrigatória dos trabalhos.<sup>8</sup>

As dissertações e teses são, portanto, os gêneros textuais esperados para a conclusão de um curso de mestrado e de doutorado acadêmicos, respectivamente. Estes trabalhos são lidos e avaliados por uma banca, que será responsável por verificar a relevância do trabalho em questão, analisando-o e interrogando, no momento da defesa, o autor ou a autora sobre questões pertinentes ao que foi abordado em sua escrita. Esta tradição, como já vimos, remete à década de 60, quando foi instituída e regulamentada.

---

<sup>8</sup> O documento pode ser acessado através do *link* [http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem\\_legis4\\_formatos.htm](http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem_legis4_formatos.htm) (Acesso em 14/04/2021)

Tanto as dissertações quanto as teses são consideradas, portanto, maneiras consagradas de avaliar os futuros mestres e doutores de acordo com a qualidade de seu texto e da originalidade de sua pesquisa. Porém, é preciso que nos questionemos sobre o porquê de mantermos, com praticamente as mesmas características, uma tradição que já possui mais de 50 anos, e não mais se enquadra no objetivo principal das universidades: a inovação. Diante disso, percebe-se que a academia focada em trabalhos com tradição é, na verdade, uma contradição.

Não se pode negar que há uma enorme diferença entre a sociedade brasileira atual e a mesma sociedade nos anos 60. No período em questão, havia regras e tradições que prezavam pelo conservadorismo e manutenção de valores que hoje não fazem mais parte do nosso cotidiano. Não pensamos da mesma forma, não vivemos da mesma forma. Muitas tradições foram extintas, muitas leis foram modificadas, muitas ideias incorretas do senso comum foram esclarecidas, e principalmente nossa forma de nos comunicar mudou exponencialmente. Entretanto, as universidades não parecem ter acompanhado todas essas mudanças, especialmente no que concerne à comunicação, que permanece idêntica à maneira como era realizada há anos.

Em 1988, tivemos a promulgação da Constituição Federal, o que foi um marco da mudança clara esperada para essa nova sociedade pós-ditadura. Dentre os vários artigos que trataram de alterar diversos aspectos da nossa vida em sociedade, temos o Artigo 207, que deixa claro o que se espera de uma universidade em relação a seus trabalhos: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e **obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.**” (BRASIL, 1988, grifos nossos)<sup>9</sup>

O princípio supracitado determina que as ações de uma universidade devem ser pensadas para atender às demandas dos três âmbitos – ensino, pesquisa e extensão (doravante EPE) – de modo igual e equilibrado, provendo ainda uma interação entre eles. Ainda, como podemos perceber pelo uso do verbo “obedecer”, utilizar-se deste princípio não se trata de algo facultativo às instituições de ensino superior, sendo uma obrigação à qual todas essas instituições devem obedecer.

---

<sup>9</sup> Através da Emenda Constitucional nº 11, de 1996, foram incluídos ao Artigo 207 dois parágrafos, trazendo o segundo uma especificação que confirma que todas as instituições dedicadas à pesquisa devem seguir o princípio de indissociabilidade, qual seja: “§ 2º O disposto neste artigo aplica-se às instituições de pesquisa científica e tecnológica”. A Constituição está disponível para acesso através do *link* [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). (Acesso em 14/04/2021)

Sabemos que teses e dissertações, embora dispendiosas e com grandes contribuições científicas às diversas áreas do conhecimento, não são tão acessíveis a grande parte da população. As barreiras da linguagem e do gênero textual são os principais dificultadores desse acesso. Com linguagem formal e dentro de uma estrutura incomum para a maioria das pessoas, a comunicação científica é ineficiente, e chegamos a um ponto em que temos um trabalho lido e conhecido apenas por algumas pessoas envolvidas em seu processo: geralmente o orientador, a banca, o próprio autor e, futuramente, alguns poucos pesquisadores que resolvam utilizar a tese como referência, sem muitas vezes fazer sua leitura integral, pois até mesmo aqueles que se encontram no meio acadêmico dificilmente terão tempo e disponibilidade para ler e acessar tantas teses e dissertações como as que têm sido produzidas<sup>10</sup>.

É preciso refletir sobre o verdadeiro objetivo de uma dissertação de mestrado e de uma tese de doutorado. Muito além de somente requisitos para conclusão de curso, estas devem ser formas de divulgação do que está sendo feito na universidade, e, para tal, devem estar abertas a um formato e uma linguagem acessíveis ao público em geral. Isso é parte não só de uma obrigação registrada em nossa Constituição Federal, mas também uma necessidade que os tempos atuais nos trazem.

Já é possível observar, embora não sejam tão comuns, situações em que as dissertações e teses rompem com o formato tradicional, buscando formas novas e diferenciadas de realizar uma comunicação científica eficaz e repensar determinadas práticas dos cursos de pós-graduação. Contudo, isso ainda não é considerado natural dentro do ambiente acadêmico, conforme podemos observar voltando à supracitada regulamentação do formato dissertações e teses da UERJ:

Art. 2º - Em **caráter excepcional**, serão aceitos como dissertações e teses textos de ficção e traduções, sem prejuízo de outras modalidades que venham a ser propostas, desde que observadas as condições estabelecidas na presente Resolução.

(...)

Art. 5º - As dissertações e teses que consistam em textos ficcionais ou traduções, bem como em outras produções textuais divergentes do modelo descrito no art. 1º, **deverão reservar pelo menos 30% do total de suas páginas para reflexão teórico-crítica acerca do trabalho realizado**, devidamente lastreada pelo estudo da bibliografia especializada pertinente, consolidada nas Referências Bibliográficas, seção obrigatória dos trabalhos.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Uma breve visita aos *sites* dos bancos de teses e dissertações das principais universidades brasileiras nos mostra a impossibilidade de se acompanhar tamanha produção, principalmente após o crescimento no número de pesquisadores formados, conforme já mencionamos.

<sup>11</sup> O documento pode ser acessado através do *link*

[http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem\\_legis4\\_formatos.htm](http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem_legis4_formatos.htm) (Acesso em 14/04/2021)

De acordo com os artigos apresentados, fica claro que, a despeito de haver uma possibilidade de realização de trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação diferentes dos tradicionais, isso ainda é tratado como um “caráter excepcional”, devendo o autor, ainda, atentar para a produção de uma reflexão teórico-crítica a respeito do trabalho que realizou, de modo obrigatório. Dessa forma, a academia faz com que mesmo aqueles que busquem inovar no modo como produzem seus trabalhos sejam submetidos à tradição, ao menos em 30% de sua produção.

Uma vez que temos uma Constituição que determina que as ações das universidades devem, obrigatoriamente, perpassar pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão e que especialmente após o advento da tecnologia, nos anos 2000, passamos a viver em um período de grande facilidade de comunicação e compartilhamento de informações, é necessário fazer um questionamento: por que continuamos a produzir científica e academicamente como há 50 anos?

Novos tempos e novos obstáculos exigem novas crenças e novas atitudes. Desse modo, o trabalho aqui apresentado visou produzir uma tese-ficção na área de Sociolinguística, que trará conceitos sociolinguísticos inseridos em uma narrativa de linguagem acessível e conteúdo ficcional, trabalhando com a noção de um conhecimento diluído na narrativa, o que favorece o acesso e a compreensão por parte da população em geral.

Este material surge como não somente um componente necessário para a finalização de um curso de doutorado, mas também como um manifesto dessa mudança tão necessária em nossas universidades. Através de um texto narrativo de caráter extensionista, que também pode ser utilizado a favor do ensino, sendo trabalhado em salas de aula de ensino médio e/ou graduação, e composto por conteúdo científico embasado em pesquisas, objetivamos corroborar o princípio de indissociabilidade entre EPE, além de promover a quebra de antigas tradições que ainda são parte do cotidiano acadêmico e mantêm conhecimentos importantes dentro dos muros das universidades, deixando a população de fora de nossas pesquisas e resultados.

Nas subseções que virão a seguir, abordaremos exemplos de propostas teóricas e práticas cujo intuito principal foi o de promover uma relação entre academia e sociedade mais próxima e pautada no diálogo entre as partes. Os exemplos evidenciados serão voltados especificamente para a Sociolinguística, uma vez que é a área de estudo na qual o trabalho aqui apresentado se desenvolve.

## 2.1 Linguística, sociedade e divulgação científica

A Linguística como conhecemos atualmente se consolidou a partir das ideias de Ferdinand de Saussure, compiladas por seus alunos na obra póstuma “Curso de Linguística Geral”, de 1916. No livro, além de apresentar as dicotomias amplamente discutidas nas salas de aulas dos cursos de Letras, o autor também faz uma introdução clara a respeito de suas visões sobre a Linguística enquanto ciência, *status* obtido com a publicação da referida obra. Segundo Saussure, a matéria de estudo da Linguística que ele anunciava deveria ser

constituída inicialmente por tôdas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, **considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a 'bela linguagem', mas tôdas as formas de expressão.** (SAUSSURE, 1977 [1916], p. 13, grifo nosso)

Partindo desse pressuposto, entende-se que a Linguística deve ter como objetivo estudar todas as manifestações linguísticas, independentemente de seu *status* perante a sociedade e, principalmente, ignorando noções de certo e errado impostas por fatores extralinguísticos, diferenciando-se dos estudos comumente realizados à época. Para atender a essa proposta, porém, é necessário antes desmistificar a ideia de que existe somente uma linguagem correta, bonita ou bem falada, uma vez que todas as formas linguísticas são dignas de estudo por parte desta ciência.

A necessidade dessa ação não foi esquecida por Saussure, que, se observarmos outro trecho do mesmo livro – especificamente a página seguinte, parte da mesma introdução –, deixa explícito o que seria, segundo ele, a tarefa primordial de todo linguista:

(...) na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, tôda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas - consequência paradoxal do interesse que suscita - **não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções.** Do ponto de vista psicológico, êsses erros não são desprezíveis; **a tarefa do lingüista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.** (SAUSSURE, 1977[1916], p. 14, grifos nossos)

A partir da leitura dos trechos destacados, fica nítido que Saussure já compreendia a necessidade de se fazer uma Linguística cujo objetivo fundamental fosse dissipar ideias incorretas sobre a língua criadas pela sociedade. Esse é o trabalho de todo linguista, segundo o autor, e, para ser alcançado, teria como primeira etapa as pesquisas e descobertas alcançadas pelos estudiosos da linguagem, baseadas na observação e na análise da língua em suas mais

variadas formas. A partir daí, os resultados destes estudos deveriam ser utilizados para extinguir os preconceitos que foram gerados na sociedade em relação à língua.

Embora essas orientações datem da época da publicação da obra de Saussure – 1916 –, com o passar o tempo, pode-se perceber que não houve uma grande preocupação por parte dos pesquisadores da área de Linguística em levar os resultados de seus trabalhos à população, contrariando o que o autor indicou em seu “Curso de Linguística Geral”, e deixando de cumprir o que seria a tarefa essencial de todo linguista.

Somente com o advento da Sociolinguística na década de 60, com William Labov como seu principal nome, essa preocupação começou a ficar evidente. Assim como Saussure, ele acreditava que a Linguística deveria ser uma ciência que trouxesse contribuição social, e, que, assim, poderia intervir na sociedade e desmistificar os preconceitos a respeito das variedades linguísticas e os valores atribuídos a elas. Sobre a temática, o autor propôs, em um de seus artigos mais conhecidos, dois princípios que deveriam nortear as ações dos cientistas e pesquisadores da linguagem: o princípio de correção do erro e o princípio de débito contraído<sup>12</sup>.

O princípio de correção do erro, primeiramente, apresenta a seguinte indicação: “um cientista que tomou conhecimento de uma ideia ou prática social amplamente difundida com consequências importantes que são invalidadas por seus próprios dados é obrigado a chamar a atenção do maior público possível para este erro” (LABOV, 1982, p. 172, tradução nossa). Este princípio faz lembrar a tarefa já mencionada proposta por Saussure, uma vez que ambos insistem na importância de desmistificar erros que surgiram na sociedade e são divulgados como verdade. Portanto, se um cientista sabe que seus dados podem denunciar ideias ou práticas incorretas, é sua obrigação tornar seus dados disponíveis ao maior número de pessoas possível, de modo a levar o conhecimento científico à população.

O princípio de débito contraído, segundo abordado por Labov, por sua vez, aponta que: “um pesquisador que tenha obtido dados linguísticos de membros de uma comunidade de fala tem a obrigação de tornar o conhecimento a respeito destes dados acessível à comunidade, quando necessário” (LABOV, 1982, p. 173, tradução nossa). Segundo o autor, outra obrigação de todo pesquisador que utiliza dados de uma comunidade de fala é levar o resultado de suas pesquisas de forma acessível aos membros da comunidade em questão. Este princípio traz em si a noção de que não se pode pensar pesquisa sem pensar sociedade, já que qualquer dado que possamos utilizar cientificamente vem, no caso da Linguística, de uma

---

<sup>12</sup> No original: *principle of error correction* e *principle of the debt incurred*, tradução de Catellan (1996).

comunidade de fala. Portanto, nada seria mais justo do que retornar a essa comunidade esses conhecimentos de forma acessível em caso de necessidade.

Seguindo os próprios princípios, Labov não se contentou em apenas pesquisar e encontrar novas informações a respeito de fenômenos típicos da língua inglesa, mas fez questão de usar esses conhecimentos em situações concretas nos Estados Unidos. Um exemplo é o caso ocorrido em Ann Arbor (1982), em que o autor não somente forneceu os resultados de sua pesquisa a uma comunidade linguística, mas também interveio diretamente na resolução de um julgamento a respeito da escolarização de crianças que tinham como dialeto o chamado Black English.

Na época, pais de crianças afro-americanas da cidade buscavam auxílio para que seus filhos pudessem ter uma proteção na lei que lhes garantisse uma educação igualitária. Devido a diferenças linguísticas, essas crianças estariam sendo prejudicadas no contexto escolar, sofrendo ainda um preconceito devido à sua forma de falar. O objetivo principal dos pais era que esses estudantes fossem autorizados a usar seus dialetos em sala de aula. Labov, então, realizou um trabalho social neste caso, apresentando informações linguísticas necessárias à resolução da situação e mostrando que não havia qualquer demérito no uso do Black English.

Com essa ocorrência inédita, Labov mostrou que não é somente possível, mas também necessária a participação do linguista na sociedade em que está inserido, de modo a utilizar seu conhecimento e os resultados de seus estudos como forma de resolver conflitos e trazer soluções para as pessoas envolvidas, cumprindo com as orientações de seus princípios. Em consonância com esse pensamento, os linguistas Walt Wolfram (1998) e Anne H. Charity (2008) trouxeram contribuições importantes ao debate sobre o diálogo entre pesquisadores e o público em geral.

Wolfram, primeiramente, aponta que o trabalho de Labov demonstra um envolvimento social possível para os pesquisadores, mas os princípios apresentados por ele seriam por demais restritos e regidos por reação a partir de uma primeira ação da sociedade. Ele postula, então, o princípio da gratuidade linguística (WOLFRAM, 1998, p. 271, tradução nossa)<sup>13</sup>, que consiste na prática de retornar favores linguísticos para as comunidades nas quais as pesquisas sociolinguísticas foram realizadas. O autor buscou, ainda, ideias mais proativas e que pudessem encorajar os pesquisadores a pensarem em maneiras de compartilhar seus conhecimentos com as comunidades nas quais suas pesquisas são realizadas.

---

<sup>13</sup> No original: *principle of linguistic gratuity*.

Como exemplo de uma aplicação de seu princípio, Wolfram se dedicou a programas de consciência dialetal, que tinham por objetivo informar às pessoas da comunidade envolvida e ao público em geral sobre a herança dialetal da comunidade e questões gerais sobre diversidade dialetal. Um dos programas, ambientado na cidade de Ocracoke, teve atividades educacionais formais e informais, incluindo nesse trabalho diferentes agências e instituições da própria comunidade. Wolfram buscou caminhos que facilitassem a comunicação entre o pesquisador e o público, incluindo: a publicação de livros; a produção de um documentário em vídeo sobre a pronúncia característica da comunidade; e o desenho e a distribuição de camisetas com um *slogan* utilizado pelo programa na parte dianteira e uma seleção de termos únicos do dialeto local na parte de trás.

O princípio trazido por Wolfram (1998) nos mostra que, ao contrário do que Labov indicou, não seria preciso esperar uma necessidade da população para que o linguista se manifestasse, muito pelo contrário: essa comunicação deveria acontecer de qualquer forma, como um retorno de favores à comunidade que forneceu os dados para que o linguista pudesse concluir seus estudos e gerar conhecimentos. Esses conhecimentos, portanto, devem ser “devolvidos” à população, pois dela vieram.

Indo mais além desse pensamento, Charity nos traz a ideia de linguistas como agentes de mudança social (CHARITY, 2008, tradução nossa)<sup>14</sup>, caminho já percorrido por Labov em sua experiência com o caso de Ann Harbor. Sobre o autor, Charity traz uma nova visão apresentada por ele em artigo de 2006, no qual afirma que o linguista deve ser primeiro um ativista e, depois, um pesquisador. Tendo como mote essa ideia do ativismo por parte dos pesquisadores, a autora busca examinar e promover o papel do linguista como agente para a mudança social, abordando alguns estudiosos e organizações que realizam algum tipo de serviço social, além de sugerir possibilidades para que estes se tornem ainda mais engajados socialmente.

Charity reconhece que os linguistas em geral efetuaram muitos trabalhos interessantes para a mudança social, e que, na sua concepção, todos os linguistas, independentemente de suas áreas de estudo, têm muito a contribuir socialmente. Afinal, com a utilização do conhecimento linguístico sobre as variações, normas e dialetos das línguas, seria possível garantir os direitos linguísticos de todos os falantes.

Pensando em deixar claro de que forma isso poderia se realizar, a autora aponta meios de veiculação de temas linguísticos para a população, quais sejam: conferências acadêmicas,

---

<sup>14</sup> No original: *linguists as agents for social change*.



nas quais podem ser discutidas melhores maneiras de se realizar uma disseminação maior e mais abrangente do assunto; abordagens interdisciplinares, nas quais seria possível aliar conhecimentos linguísticos a conhecimentos de outras áreas, de modo a realizar uma propagação do saber em diversos ambientes; e divulgações do tipo midiáticas, que podem ser realizadas através de livros, vídeos, *internet*, recursos *online*, jornais e até mesmo *blogs* que ofereçam informações de forma gratuita.

Podemos notar que todos os autores mencionados têm em comum a concepção de que é parte do trabalho de todo pesquisador realizar uma comunicação eficiente com a comunidade não acadêmica, especialmente se tratando da área da Linguística, que faz uso de dados coletados desta mesma comunidade para suas pesquisas. É preciso observar, também, as sugestões e possibilidades trazidas por eles para que essa comunicação aconteça, sendo possível que ela exista através de diversos meios e materiais, todos com o mesmo objetivo: interferir na realidade social e promover mudanças favoráveis à sociedade através do conhecimento popularizado.

Essa popularização do conhecimento, por sua vez, tem sido considerada uma parte importante do fazer acadêmico de alguns estudiosos e cientistas da Sociolinguística no Brasil, que dedicaram e dedicam parte de seu tempo e de suas produções a promover mudanças no ensino de língua portuguesa e/ou levar informações e conceitos da área para uma população que se encontra fora do meio acadêmico e universitário. Abordaremos alguns exemplos destes casos a seguir.

Ao falarmos de divulgação científica, é necessário compreender que ela pode existir em diversos contextos. Usualmente, essa nomenclatura se refere à ação de promover uma comunicação unilateral entre universidade e sociedade, em que a primeira fornece à segunda conhecimentos científicos de maneira acessível. Entretanto, há outras formas de se realizar um processo de divulgação científica, intervindo, por exemplo, nas salas de aulas da educação básica.

Com este objetivo, temos a Sociolinguística Educacional, que, como o próprio nome já indica, tem como foco utilizar as teorias da Sociolinguística para promover novas metodologias que possam auxiliar os professores a trabalhar a língua materna em sala de aula. Sabemos que, embora a Sociolinguística já faça parte do cotidiano dos cursos de Letras desde os anos 1970<sup>15</sup> em nosso país, somente há pouco tempo essa ciência começou a ser conhecida por outros públicos, através, principalmente, da publicação de livros sobre a temática.

---

<sup>15</sup> Segundo Cezario & Votre (2009).

Pioneira da Sociolinguística Educacional, Stella Maris Bortoni-Ricardo vem trabalhando para desenvolver cada vez mais essa área teórica e prática, investindo em publicações de livros, artigos científicos e até mesmo um *site* no qual publica textos diversos. Bortoni-Ricardo reconhece a necessidade de uma maior comunicação entre os estudiosos do meio científico e a população, especialmente no que concerne a professores. Em relação ao conhecimento sociolinguístico, ela afirma:

(...) esse tipo de conhecimento não tem sido socializado entre os professores de LP (Língua Portuguesa) que atuam na educação básica e em muitos casos até entre aqueles que trabalham na formação dos professores. Também concordamos, que não é o simples fato de ter sido incluída nos PCN [Parâmetros Curriculares Nacionais] que a variação lingüística estará ao alcance dos professores do ensino fundamental. É preciso que esse conhecimento que vem sendo acumulado ao longo de mais de vinte anos sobre a variação lingüística saia dos muros das Universidades e seja, de fato, socializado entre os professores de Língua Portuguesa, para que estes utilizem tal conhecimento em benefício dos alunos e até de si próprio.<sup>16</sup>

Trabalhando nesse sentido, a Sociolinguística Educacional busca libertar o conhecimento supracitado, tornando-o acessível aos professores de Língua Portuguesa e incentivando não só uma mudança nas metodologias utilizadas por esses professores, mas também sua formação continuada destes. Com estes objetivos, a Sociolinguística Educacional se encaixa na proposta de Charity (2008), uma vez que o pesquisador desta área se torna, também e principalmente, um ativista em busca de intervir e melhorar um aspecto da sociedade – neste caso, o ensino de Língua Portuguesa.

De acordo com os resultados obtidos nas pesquisas realizadas em Sociolinguística Educacional, fica claro que

é possível desenvolver práticas de linguagem significativas, no sentido de incluir alunos oriundos das classes sociais menos favorecidas, fazendo com esses alunos deixem de se sentir estrangeiros em relação à língua utilizada pela escola, e com isso consigam participar de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos lingüísticos diversos.<sup>17</sup>

Para alcançar esses objetivos, Bortoni-Ricardo investiu em publicações de livros voltados para professores e para o público em geral, como: “Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação” (2005) e “Por que a Escola não Ensina Gramática Assim?” (2014). Embora sejam obras de grande importância para a Sociolinguística

<sup>16</sup> Artigo publicado no *site* da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Bortoni-Ricardo, acessível pelo *link*: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistia-iuiiioal-paaa-o-paiisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>17</sup> Artigo publicado no *site* da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Stella Bortoni-Ricardo, acessível pelo *link*: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistia-iuiiioal-paaa-o-paiisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim> (Acesso em 14/04/2021)

Educacional e para a divulgação dos conhecimentos sociolinguísticos, os livros – compostos por artigos escritos pela própria autora e/ou por autores diversos da área – utilizam linguagem técnica, explicações exaustivas e gráficos e tabelas complexos, ficando restritos, mais uma vez, àqueles que já têm alguma noção a respeito do assunto ou que buscam estudá-lo, afastando-os do público geral.

O mesmo ocorre com Marta Scherre, que também investiu em livros como principal forma de divulgação de suas pesquisas e estudos. Sua obra mais conhecida é “Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito” (2005), em que a autora trata do preconceito linguístico vigente na mídia impressa, desconstruindo ideias do senso comum a respeito da língua e apresentando conceitos como variação, mudança e preconceito linguísticos. Sobre os objetivos de seu livro, ela aponta:

Partilhar bens da pesquisa linguística é o que busco fazer nos quatro capítulos que integram o presente livro, fruto de reflexões sobre a língua portuguesa em uso, mas fruto também de indignação diante do papel desumano que podemos desempenhar por meio das línguas humanas, como o exercício do poder desmedido, a prática do preconceito linguístico sem lei, que nos leva a subjugar o outro, a alijar o outro do processo produtivo, a diminuir a sua auto-estima, a fazer o outro se sentir incapaz, se sentir inferior, se sentir infeliz, tudo por meio de formas linguísticas. (SCHERRE, 2005, p. 10)

Mais uma vez é possível perceber a relação entre divulgação de conhecimentos e ativismo social. A autora deixa clara a sua posição: ela busca compartilhar o conhecimento para que este possa ser parte de uma mudança na sociedade. Ao fim de sua obra, a autora conclui que o pensamento expresso pela mídia e abordado em seus textos é, na verdade, o reflexo do pensamento de uma maioria da sociedade a respeito da língua portuguesa falada no Brasil, e que este pensamento deve ser combatido, uma vez que outros preconceitos – do tipo racial, religioso, de orientação sexual, entre outros – já são considerados crimes e suas práticas são punidas judicialmente, enquanto no caso do preconceito linguístico, isso ainda não ocorre, por se tratar de uma ideia já arraigada e licenciada por grande parte das pessoas.

O livro mencionado é de suma importância para a área de Sociolinguística, trazendo reflexões essenciais a respeito do papel da mídia na propagação do preconceito linguístico e de ideias incorretas a respeito da linguagem. Sua intenção, porém, se encontra limitada pela mesma situação de Bortoni-Ricardo: a escolha de um livro de linguagem técnica e complexa faz com que ele não seja considerado como acessível a um público que não está diretamente relacionado a essa discussão.

Marcos Bagno, por sua vez, também investe em divulgação científica como forma de combate ao preconceito linguístico. O autor já publicou diversos livros sobre a temática, como

“A Língua de Eulália” (1997); “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” (1999) e “Não é errado falar assim!” (2009), entre outros. Sendo o mais conhecido divulgador na área de Sociolinguística no país, Bagno trouxe com a obra “A Língua de Eulália” a inovação de uma novela sociolinguística, livro completo dedicado à divulgação da Sociolinguística e de suas descobertas sobre determinados fenômenos linguísticos estigmatizados. Seu objetivo era o de propagar conhecimentos sobre a língua através de uma narrativa, alcançando assim um grande público e, principalmente, diferenciado daqueles que já estavam nas salas de aula dos cursos de Letras.

Porém, o livro em questão se mostrou similar a outros já mencionados, cometendo um grave deslize: mesmo se tratando de um texto narrativo, não há um fio condutor da história. A obra nos apresenta, segundo o próprio autor aponta, uma novela sociolinguística cujo enredo se baseia em uma situação de preconceito linguístico que leva os personagens a discutirem sobre as noções de certo e errado na língua.

A história escrita pelo autor se inicia com a chegada de três amigas universitárias e professoras de educação básica a uma cidade pequena do interior chamada Atibaia para passarem as férias na chácara da tia de uma delas. Vera, Emília e Sílvia logo conhecem a tia de Vera, Irene, uma professora universitária aposentada, que mora com uma senhora chamada Eulália, que a ajuda a manter a casa e realiza os afazeres domésticos. Após o primeiro almoço das convidadas na casa da anfitriã, as amigas começam a comentar sobre o modo como Eulália fala, rindo dos desvios da norma padrão<sup>18</sup> cometidos por ela e afirmando que, embora Irene tenha dito que Eulália era uma mulher muito sábia, toda a sua sabedoria de nada valia, uma vez que sua fala não era a ideal.

A partir desta situação, Irene, que é professora de Linguística e Língua Portuguesa, passa a ter conversas e aulas com as meninas todos os dias das férias, com o intuito de instruí-las a respeito das variedades linguísticas do Português Brasileiro. A cada dia, um fenômeno ou um mito linguístico é apresentado, esclarecido e discutido, sendo cada uma dessas aulas inserida em um capítulo da história. Os tópicos abordados nos capítulos do livro de Bagno vão desde a história da língua até situações de variedades estigmatizadas nos dias atuais.

Ao fim do livro, é fácil notar que não houve história a ser contada e sim, capítulos similares a artigos científicos, com informações conceituais, gráficos, tabelas e explicações, com o formato de diálogo entre as personagens sendo a única diferença em relação ao gênero

---

<sup>18</sup> O termo norma padrão é empregado aqui segundo o conceito apresentado por Bagno em seu livro, qual seja, uma norma abstrata, não utilizada por nenhum falante em sua totalidade. O autor esclarece mais sobre esse termo posteriormente no livro.

tradicional. Novamente temos uma obra completa, interessante e bem intencionada, mas que se limita às prateleiras das livrarias voltadas para um público bem específico: aqueles que estão inseridos no meio acadêmico dos estudos de língua.

Podemos observar que a divulgação científica em nosso país – especificamente na área de Sociolinguística – vinha sendo voltada quase que exclusivamente para a produção de livros que, além de possuírem linguagem técnica com termos de difícil compreensão para grande parte das pessoas, não são atrativos para o público não acadêmico, uma vez que tratam de uma temática muito específica que somente quem já conhece procuraria saber. Além disso, há de se observar que os preços praticados para estas obras são, na maior parte do tempo, excessivamente altos para uma parcela da população que não possui meios de arcar com essa despesa. Por fim, há ainda a barreira dos direitos autorais, que impede que esses conteúdos possam ser distribuídos com facilidade entre as pessoas, tornando o conhecimento presente nas obras restrito, mais uma vez.

É preciso, portanto, refletir sobre essas questões e pensar em novas formas de atingir e atrair o público em geral para que a propagação do conhecimento aconteça de forma abrangente e eficiente. Como já mencionamos anteriormente, as universidades de todo Brasil estão regidas pelo princípio de indissociabilidade entre os âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, presente na Constituição de 1988. Esse princípio determina que as universidades brasileiras deverão promover ações que atendam aos três eixos propostos: ensino, pesquisa e extensão.

Isso significa dizer que, dentro da universidade, a valorização dada a cada âmbito deve ser igual, de modo que aqueles que estão inseridos nesse meio possam realizar seus trabalhos voltados para qualquer um dos três – ou mesmo para os três, simultaneamente –, sem prejuízo algum por isso, tanto financeiro quanto em pontuações em currículo. Ademais, a universidade deve incentivar ações diversificadas que atendam também ao ensino e à extensão, modificando o que sabemos ser o panorama atual: um desses três âmbitos sendo privilegiado e soberano em relação aos outros dois.

Sabemos que a maior parte dos trabalhos realizados dentro das universidades são voltados para a pesquisa, que consiste em experimentos, testes e atividades com objetivo de aumentar a quantidade e a qualidade de informações científicas das mais diversas áreas. O âmbito do ensino se encontra presente (embora somente voltado para o ensino superior, na maioria dos casos, e não tão valorizado quanto a pesquisa) no próprio trabalho dos pesquisadores, uma vez que todos precisam também se dedicar a lecionar na graduação e na

pós-graduação, como parte de sua jornada de trabalho, e acabam por buscar estratégias para uma melhora nesse quesito.

A extensão, por fim, acaba sendo a mais prejudicada, pois não tem o *status* da pesquisa nem a obrigação do ensino. Um trabalho extensionista deve prezar pela popularização do conhecimento fora das universidades, levando as pessoas a fazerem parte das descobertas científicas, conhecendo-as e podendo compreendê-las. Como já era de se esperar, o trabalho voltado para a extensão acaba sempre sendo deixado de lado – isso quando existe – e não possui o mesmo valor que a pesquisa e o ensino dentro da universidade.

É preciso mudar esse pensamento, uma vez que o princípio de indissociabilidade já mencionado faz parte das obrigações da universidade, e cabe a nós, pesquisadores, promovê-lo e exigir seu cumprimento. Isso já vem acontecendo de alguma forma, pois finalmente as pessoas estão percebendo a importância desse movimento de comunicação entre academia e sociedade. Como exemplo podemos citar o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que passou a exigir vídeos como relatório de pesquisas<sup>19</sup>. Dessa forma, não somente o CNPq ou pesquisadores poderiam ter acesso ao que estaria ocorrendo dentro da universidade, sendo o vídeo publicado na plataforma *YouTube*, um meio mais acessível ao grande público e, portanto, mais fácil de ser divulgado.

Obviamente, algumas dificuldades foram enfrentadas pelos pesquisadores nesse processo, pois a maioria deles não estava acostumada com esse tipo de produção. Vídeos longos, com linguagem muito técnica e complexa e poucos atrativos visuais para os internautas foram comuns<sup>20</sup>, mas ao menos um primeiro passo tinha sido dado para uma popularização dos resultados acadêmicos.

Neste mesmo movimento, a Abralin buscou reforçar o âmbito extensionista de seus trabalhos, promovendo a revista *Roseta*<sup>21</sup>, um projeto voltado exclusivamente para a divulgação de pesquisas e trabalhos de forma acessível à população. Sendo um meio de divulgação científica, a revista busca ampliar o alcance dos conhecimentos acadêmicos que todos os anos são debatidos em congressos e seminários, levando-os ao grande público e promovendo, assim, a circulação deste conhecimento na sociedade, contando para isso também com o uso de redes sociais nas quais são divulgados artigos e notícias da área de Linguística.

---

<sup>19</sup> Alguns exemplos desses vídeos são: <https://www.youtube.com/watch?v=hzmUNhxx2r0>; <https://www.youtube.com/watch?v=320nTgnCD-8>; e <https://www.youtube.com/watch?v=BF59pSgNYrE>. (Acesso em 14/04/2021)

<sup>20</sup> Conforme visto nos exemplos da nota anterior.

<sup>21</sup> A revista *Roseta* pode ser acessada através do *link*: <http://www.roseta.org.br/pt/> (Acesso em 14/04/2021)

A mesma associação vem empenhando-se em inovar em diversos aspectos, buscando novas formas de se realizar divulgação. Um dos projetos mais interessantes foi o lançado no ano de 2019, na 50ª edição do congresso da Abralin, realizado em Maceió, Alagoas. A associação promoveu um concurso chamado “Dance Linguística”<sup>22</sup>, em que pesquisadores poderiam concorrer gravando um vídeo em que explicariam sua pesquisa através de dança e música. Inspirado no “Dance your Ph.D.”<sup>23</sup>, iniciativa da revista estadunidense *Science* em colaboração com a Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), o concurso foi algo inédito no Brasil, que apresentou à comunidade acadêmica uma nova maneira de se pensar divulgação científica.

Além disso, a Abralin também publicou um edital para publicação de um livro voltado para a divulgação científica<sup>24</sup>, cujo objetivo se mantém: popularizar a ciência no Brasil. Todas essas inovações, além de necessárias, são importantes para mostrar aos pesquisadores ainda apegados à tradição da pesquisa que os tempos são outros, e que precisamos repensar nossos objetivos dentro da universidade, em consonância com o princípio de indissociabilidade e levando em consideração os novos meios de divulgação que a tecnologia nos oferece.

Nesse sentido, temos ainda iniciativas de pesquisadores que utilizam as redes sociais para divulgar conceitos científicos. No *Facebook* temos vários exemplos desse tipo, como é o caso da página “Vamos falar de ciência”<sup>25</sup>, criada em 2014. Com mais de 600 mil curtidas, a página se dedica a publicar diversos conteúdos sobre ciência, de forma a difundir conhecimentos científicos de forma descontraída, divertida e simples. Através de vídeos, *memes*<sup>26</sup>, postagens de notícias e reportagens, a página divulga novidades e explica conceitos do meio científico, alcançando um grande público.

O grupo “Divulgação Científica e Popularização da Ciência”<sup>27</sup> é outro caso de espaço voltado para esse objetivo. Contando com mais de 20 mil membros, o grupo é utilizado para compartilhamento de conhecimentos, artigos, notícias e materiais diversos que tenham como finalidade a propagação dos saberes científicos entre o público não acadêmico. Por se tratar de um grupo público, é possível que qualquer pessoa publique informações, que são analisadas pelos moderadores de acordo com a pertinência em relação à proposta do espaço.

---

<sup>22</sup> O vídeo vencedor do concurso da Abralin pode ser acessado através do *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=oVbQIRCl48o> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>23</sup> Site do concurso: <https://www.sciencemag.org/projects/dance-your-phd> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>24</sup> O edital pode ser acessado através do *link*: [https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/02/Edital\\_Abralin\\_2020\\_01\\_Pop-1.pdf](https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/02/Edital_Abralin_2020_01_Pop-1.pdf) (Acesso em 14/04/2021)

<sup>25</sup> *Link* da página: <https://www.facebook.com/VamosFalarDeCiencia/>. (Acesso em 14/04/2021)

<sup>26</sup> Postagens de caráter humorístico em sua maioria utilizando imagens e frases, que são compartilhadas com facilidade através da *internet*, principalmente em redes sociais.

<sup>27</sup> *Link* do grupo: <https://www.facebook.com/groups/185462898160154/>. (Acesso em 14/04/2021)

No âmbito específico da Linguística, encontramos diversas páginas dedicadas à divulgação científica, como a “Letronomia”, por exemplo. A página em questão foi criada em 2015, e tem como objetivo, segundo seu próprio criador, “suprir a necessidade de um espaço virtual de divulgação científica especializado em Linguística.”<sup>28</sup>. Com a divulgação de *memes*, vídeos, artigos, imagens e conteúdos diversificados, a página conta com um total de 4.935 curtidas<sup>29</sup>, atingindo um número considerável de pessoas.

No *Instagram*, as páginas voltadas para a divulgação científica ainda são poucas, mas com grande público. A página com o nome “Ciencianautas”, por exemplo, conta com 180 mil seguidores, e tem como objetivo “popularizar a ciência e a filosofia da forma que elas sejam acessíveis para todos”<sup>30</sup>, e utiliza, para isso, artigos publicados em seu *site*. Já a página “Nunca vi um cientista”<sup>31</sup>, idealizada por uma pesquisadora da USP, promove postagens que divulgam experimentos e resultados científicos de forma acessível, através, principalmente, de vídeos explicativos. Com 108 mil seguidores na rede social, o perfil da página indica que seu objetivo é “estreitar os laços do público com a ciência”.

Há ainda a página “Ciência brasileira”<sup>32</sup>, que diz promover a divulgação da ciência no Brasil, realizando o compartilhamento de matérias de jornais e revistas. A proposta de divulgação da página é simples, apenas para tornar os trabalhos conhecidos, e não parece haver outros tipos de movimentações além destas. Ainda assim, conta com 148 mil seguidores na rede social *Instagram*. Na área de Linguística, a principal página encontrada no *Instagram* é a “Linguística Básica”<sup>33</sup>, com 18 mil seguidores, que traz analogias, *memes* e piadas relacionados a conceitos da área.

Há ainda a rede social *YouTube*, na qual temos exemplos de profissionais que se dedicam à produção de vídeos para a popularização da ciência. O canal “Nerdologia”<sup>34</sup>, por exemplo, pode ser incluído aqui como um dos mais famosos do ramo, trazendo conceitos de física, biologia e até mesmo explicações históricas associadas a situações de filmes, séries e livros, e contando com um total de mais de 3 milhões de inscritos e 340 milhões de visualizações de seus vídeos. Na área de Literatura, o canal “Vá ler um livro”<sup>35</sup> tem como foco a divulgação de livros com resenhas, explicações de conceitos literários e interpretações

<sup>28</sup> Retirado do perfil da página. *Link*: <https://www.facebook.com/letronomia/>. (Acesso em 14/04/2021)

<sup>29</sup> De acordo com verificação realizada em 14/04/2021.

<sup>30</sup> Informação retirada do perfil da página. *Link*: <https://www.instagram.com/ciencianautas/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>31</sup> *Link* da página: <https://www.instagram.com/nuncaviuncientista/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>32</sup> *Link* da página: <https://www.instagram.com/ciencia.brasileira/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>33</sup> *Link* da página: <https://www.instagram.com/linguisticabasica/> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>34</sup> *Link* do canal: <https://www.youtube.com/nerdologia> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>35</sup> *Link* do canal: [https://www.youtube.com/channel/UC55a1\\_ESDuZm8pCZIBavNmQ](https://www.youtube.com/channel/UC55a1_ESDuZm8pCZIBavNmQ) (Acesso em 14/04/2021)



possíveis. O canal não é tão grande quanto o mencionado anteriormente, mas conta com 195 mil inscritos e tem um número de visualizações que ultrapassa 7 milhões, um público considerável para a temática. Há ainda o canal “Tá na História”<sup>36</sup> que traz, como o nome já indica, conceitos e fatos históricos em seus vídeos, e possui pouco mais de 19 mil inscritos, com 1 milhão de visualizações.

Por fim, na área específica de Linguística, temos algumas iniciativas de canais ainda pouco conhecidos ou que iniciaram seus trabalhos, mas pararam a produção com o tempo. São os casos, respectivamente, do recente “Com a palavra, Linguística”<sup>37</sup>, que, embora com apenas 576 inscritos e pouco tempo de produção de vídeos, já possui mais de 72 mil visualizações e do “Enchendo Linguística”<sup>38</sup>, canal voltado para a discussão de temáticas da área, que alcançou mais 2 mil inscritos na rede social, com mais de 41 mil visualizações de seus vídeos. Sua última postagem, porém, data de 9 de dezembro de 2018, não tendo sido atualizado desde então.

Além de empreendimentos como esses, há ainda inovações importantes na área de direitos autorais que permitem que conhecimentos – científicos ou não – possam ser divulgados de forma mais fácil e prática através da *internet*. É o caso do *Creative Commons*, organização que “permite o compartilhamento e uso da criatividade e do conhecimento através de instrumentos jurídicos gratuitos”<sup>39</sup>. Utilizando essa nova maneira de trabalhar direitos autorais, muitos autores permitem que suas obras sejam distribuídas e, assim, alcancem um público maior, mantendo os créditos por seus trabalhos, mas permitindo um acesso fácil e gratuito a eles.

Essa breve revisão nos mostra que há pessoas interessadas em promover uma divulgação da ciência e uma popularização do conhecimento, ações que podem vir a mudar o modo como a universidade é vista atualmente. Seja usando livros, postagens em redes sociais ou vídeos, essa tarefa está sendo levada a sério por muitos e isso comprova que é possível pensar em um novo modelo de universidade que se disponha a dialogar com a sociedade utilizando, para isso, os meios e formatos disponíveis atualmente.

É necessário observar, entretanto, que a maior parte das iniciativas desse tipo são realizadas de forma independente do trabalho acadêmico, sendo de responsabilidade de seus criadores o interesse em promover essa popularização da ciência. O que propomos nesta tese é

---

<sup>36</sup> Link do canal: [https://www.youtube.com/channel/UChrw\\_yp9aaNc6yGEt3ScDMQ](https://www.youtube.com/channel/UChrw_yp9aaNc6yGEt3ScDMQ) (Acesso em 14/04/2021)

<sup>37</sup> Link do canal: <https://www.youtube.com/channel/UCK7zN9T9nwqTQZx90V7haVg> (Acesso em 14/04/2021)

<sup>38</sup> Link do canal: <https://www.youtube.com/channel/UCB-6vpF2TxHJE7gQ3fktzVw> (Acesso em: 14/04/2021)

<sup>39</sup> Descrição fornecida no *site* da *Creative Commons*, acessível através do *link*: <https://br.creativecommons.org/sobre/> (Acesso em: 14/04/2021)

que, de acordo com o princípio de indissociabilidade e com a situação em que se encontra a ciência em relação à sociedade nos dias de hoje, esse tipo de trabalho seja realizado dentro dos espaços e ambientes acadêmicos, sendo parte do fazer universitário.

## 2.2 O Programa Linguagem, Ciência e Divulgação (PLCD-UERJ)

Como exemplos de ações que abrangem o princípio EPE, podemos citar projetos da área de Sociolinguística no âmbito da graduação voltados para a extensão e para o ensino realizados na UERJ através do Programa Linguagem, Ciência e Divulgação (PLCD) sob a coordenação do professor Ricardo Joseh Lima, que buscaram concretizar o princípio de indissociabilidade e, principalmente, tornar conceitos sociolinguísticos conhecidos por aqueles que estão fora do ambiente acadêmico através de materiais e atividades diversificados.

Um dos primeiros trabalhos realizados em projeto de extensão foi uma cartilha contra o preconceito linguístico produzida por mim (ANTUNES, 2013), que teve como objetivo realizar uma divulgação do tema de forma lúdica e inspirada em cartilhas promovidas pelo governo sobre diversas temáticas. A cartilha foi confeccionada em formato digital e distribuída através de um *blog*<sup>40</sup> na internet, com disponibilidade para ser baixada e compartilhada por qualquer pessoa que desejasse.

---

<sup>40</sup> A cartilha ainda está disponível no *blog* mencionado, através do *link*: <http://cartilhacontraopreconceitolingustico.blogspot.com/> (Acesso em 14/04/2021)

Figura 1 - Capa da "Cartilha Contra o Preconceito Linguístico"



Fonte: A autora, 2013.

Figura 2 - Página da cartilha explicando sobre o preconceito linguístico

**Preconceito Linguístico**

E este preconceito, você conhece?  
Nunca ouviu falar? Então vamos descobrir o que é o **PRECONCEITO LINGUÍSTICO!**

Quem fala "nós vai", "a gente vamos", "menas coisas", "pra mim fazer", etc normalmente é visto como inferior aos outros que falam de acordo com a gramática (aquela mesma que a gente aprende na escola!).

Você sabia que existe uma **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos?**  
Lá está escrito assim:

"Esta Declaração considera **inadmissíveis as discriminações contra as comunidades linguísticas** baseadas em critérios como o seu grau de soberania política, a sua situação social, econômica ou qualquer outra, ou o nível de codificação, atualização ou modernização alcançado pelas suas línguas."

Artigo 10º

O Preconceito Linguístico acontece quando uma pessoa é tratada de maneira diferente por ter um jeito de falar não considerado correto pela sociedade.

Os outros preconceitos já são conhecidos, mas o Linguístico não!  
Por isso, vamos desconstruir esse Preconceito...

Fonte: A autora, 2013.

Com uma linguagem simples e objetiva, facilmente acessível e usando como argumento principal a comparação entre o preconceito linguístico e outros tipos de preconceito, a cartilha poderia servir também para ser utilizada em salas de aulas de educação básica. A explicação sobre o uso da palavra "menas", contida em suas páginas, inclusive, foi utilizada no trabalho de outra bolsista do Programa voltado especificamente para o ensino, realizado em escolas da rede pública e privada chamado "Labirinto da Fala" (PAULO, 2015).

Figura 3 - Página da cartilha explicando a regra no uso da palavra "menas".


## Desconstruindo o Preconceito Linguístico

Vamos ver um exemplo de palavra que as pessoas dizem que é considerada "errada"...

**"Quero menas manteiga no meu pão."** Que tal fazer uma comparação?


ADVÉRBIOS	ADJETIVO MASCULINO	ADJETIVO FEMININO	PRONOMES	SUBSTANTIVO MASCULINO	SUBSTANTIVO FEMININO
Pouco	pouco magro	pouca magra	Pouco	pouco requeijão	pouca manteiga
Muito	muito magro	muito magra	Muito	muito requeijão	muita manteiga
Menos	menos magro	menos magra	Menos	menos requeijão	menos manteiga

Se dizemos "Essa menina está muito magra", estamos usando o **muito** como um advérbio, que não pode variar. É o mesmo que acontece com o **pouco** e com o **menos** na tabela acima. Mas se o adjetivo for substituído por um substantivo, seja ele feminino ou masculino?



O advérbio, que a gramática tradicional diz que é invariável, varia, porque aí não é advérbio, é pronome, e concorda com o substantivo que está modificando! Ora, e por que com o **MENOS** seria diferente? Vamos ver:  
 "Quero **MENOS** requeijão no meu pão."  
 "Quero **MENAS** manteiga no meu pão."

Além desse, muitos outros "erros", na verdade, estão **corretos!** É simplesmente uma questão de **PRECONCEITO**, como a própria definição diz: "qualquer opinião ou sentimento, (...) concebido **sem exame crítico**". Se analisarmos esses "erros" de um ponto de vista linguístico, veremos que o que falta, é, realmente, um **exame crítico** para demonstrar que não são erros do falante, pelo contrário, são acertos com regras e lógica do mesmo modo que os usos considerados corretos pela gramática tradicional.

 Você acha que isso tudo é brincadeira? Mas não é! Esses preconceitos podem levar a algo muito pior...

Fonte: A autora, 2013.

A atividade proposta por Paulo (2015) consistia em uma estrutura feita com tecidos que simulavam um labirinto por onde os alunos e as alunas deveriam passar. Dividida em quatro partes, seu objetivo era apresentar aos estudantes o preconceito linguístico, explicando o porquê de se tratar de um preconceito e trazendo, ainda, uma explicação a respeito de um fenômeno linguístico considerado socialmente incorreto.

Figura 4 - A estrutura do "Labirinto da Fala".



Fonte: A autora, 2013.

Ainda buscando uma forma eficaz de promover a divulgação científica da Sociolinguística através de um projeto de extensão, realizei juntamente a outras bolsistas do PLCD produções de vídeos voltados para essa divulgação. Os vídeos em questão eram curtos e buscavam passar mensagens rápidas, mas esclarecedoras a respeito de conceitos sociolinguísticos, fenômenos linguísticos e combate ao preconceito linguístico. Após produzir os roteiros, participávamos desses vídeos, encenando situações divertidas e tratando do tema de forma leve e descontraída, para atrair a atenção e o interesse das pessoas. Os vídeos foram publicados na plataforma *YouTube*, em um canal chamado “Divulgação Linguística”<sup>41</sup>, e obtiveram, juntos, quase 10 mil visualizações.

---

<sup>41</sup> *Link* do canal: <https://www.youtube.com/user/thayantunes> (Acesso em: 14/04/2021)

Figura 5 - Vídeos do Canal "Divulgação Linguística"

Envios REPRODUZIR TODOS CLASSIFICAR POR



<p><b>Explicação do "pra eu fazer"</b></p> <p>229 visualizações • 6 anos atrás</p>	<p><b>Explicação do "pra mim fazer"</b></p> <p>327 visualizações • 6 anos atrás</p>	<p><b>Eis a questão: pra eu fazer ou pra mim fazer?</b></p> <p>1,2 mil visualizações • 6 anos atrás</p>	<p><b>Pra mim combater o preconceito linguístico, só...</b></p> <p>544 visualizações • 6 anos atrás</p>	<p><b>A Fórmula Contra o Preconceito Linguístico</b></p> <p>313 visualizações • 6 anos atrás</p>
<p><b>El Soldado Trifaldón - legendado</b></p> <p>1,8 mil visualizações • 6 anos atrás</p>	<p><b>Projeto Revolução Itinerante - Contra o Preconceito...</b></p> <p>217 visualizações • 8 anos atrás</p>	<p><b>Preconceito Linguístico - também é preconceito.</b></p> <p>316 visualizações • 8 anos atrás</p>	<p><b>Sô &amp; Ci - Contra o Preconceito Linguístico</b></p> <p>3,3 mil visualizações • 9 anos atrás</p>	

Fonte: A autora, 2021.

Ainda buscando um meio de promover a divulgação da Sociolinguística, porém de forma mais centrada nas explicações de fenômenos linguísticos considerados incorretos de acordo com a gramática normativa, criei também o canal “Com que Fala eu Vou?”<sup>42</sup>, cuja nomenclatura remete à ideia de que a fala é adaptável às situações e convenções sociais. Foram produzidos apenas três vídeos para este canal, uma vez que este trabalho se desenvolveu durante um período específico de bolsa de extensão, porém, estes juntos obtiveram quase 2 mil visualizações, e, mais importante, alguns comentários e interações construtivas, que mostraram o quanto as pessoas estão dispostas a debater sobre esses temas, expressando suas opiniões, mas também abrindo sua mente para novas ideias e para mudanças de pensamento sobre a língua.

<sup>42</sup> Link do canal: <https://www.youtube.com/user/comquefala> (Acesso em: 14/04/2021)

Figura 6 - Canal "Com que Fala Eu Vou?"



Fonte: A autora, 2021.

Ainda como parte do PLCD, houve dois projetos de páginas no *Facebook* voltadas para a divulgação de temáticas da área de Sociolinguística e, principalmente, de combate ao preconceito linguístico. O primeiro deles, de minha autoria, foi a página “Pelo Fim do Preconceito Linguístico”<sup>43</sup>, criada em dezembro de 2012, como uma das ações planejadas para bolsa de projeto de extensão. A página, que existe até os dias de hoje, tem por objetivo divulgar *memes*, tirinhas, vídeos e outros materiais relacionados ao combate a esse preconceito, em sua maioria de produção própria.

<sup>43</sup> Link da página: <https://www.facebook.com/PeloFimdoPreconceitoLinguistico> (Acesso em 14/04/2021)



Figura 7 - Página "Pelo Fim do Preconceito Linguístico" no *Facebook*.

**KEEP CALM AND MENAS CHATICE**

**PELO FIM DO PRECONCEITO LINGUISTICO**

**Pelo Fim do Preconceito Linguístico**  
@PeloFimdoPreconceitoLinguistico · Site de sociedade e cultura

Fale conosco

pelofimdopreconceitolinguiastico.com

Página inicial Sobre Fotos Mais ▾ Curtiu Mensagem

**Sobre** [Ver tudo](#)


- [www.pelofimdopreconceitolinguiastico.com](http://www.pelofimdopreconceitolinguiastico.com)  
Materiais sobre combate ao preconceito linguístico: acesse, curta, compartilhe!
- O site que deu origem a essa página tem por objetivo promover uma divulgação do tema Preconceito Linguístico na internet, de modo a permitir que as pe... [Ver mais](#)
- 3.149 pessoas curtiram isso, incluindo 123 dos seus amigos
- 3.156 pessoas estão seguindo isso
- <http://www.pelofimdopreconceitolinguiastico.com/>

Fonte: A autora, 2021.

Atualmente, a página conta com mais de 3 mil curtidas, tendo suas postagens alcançado um público amplo. Alguns dos materiais autorais criados para a página foram utilizados em um processo seletivo da Universidade Federal de Roraima e em um material didático da editora Somos, além de divulgados em redes de editoras conhecidas como Parábola e Dublinense.

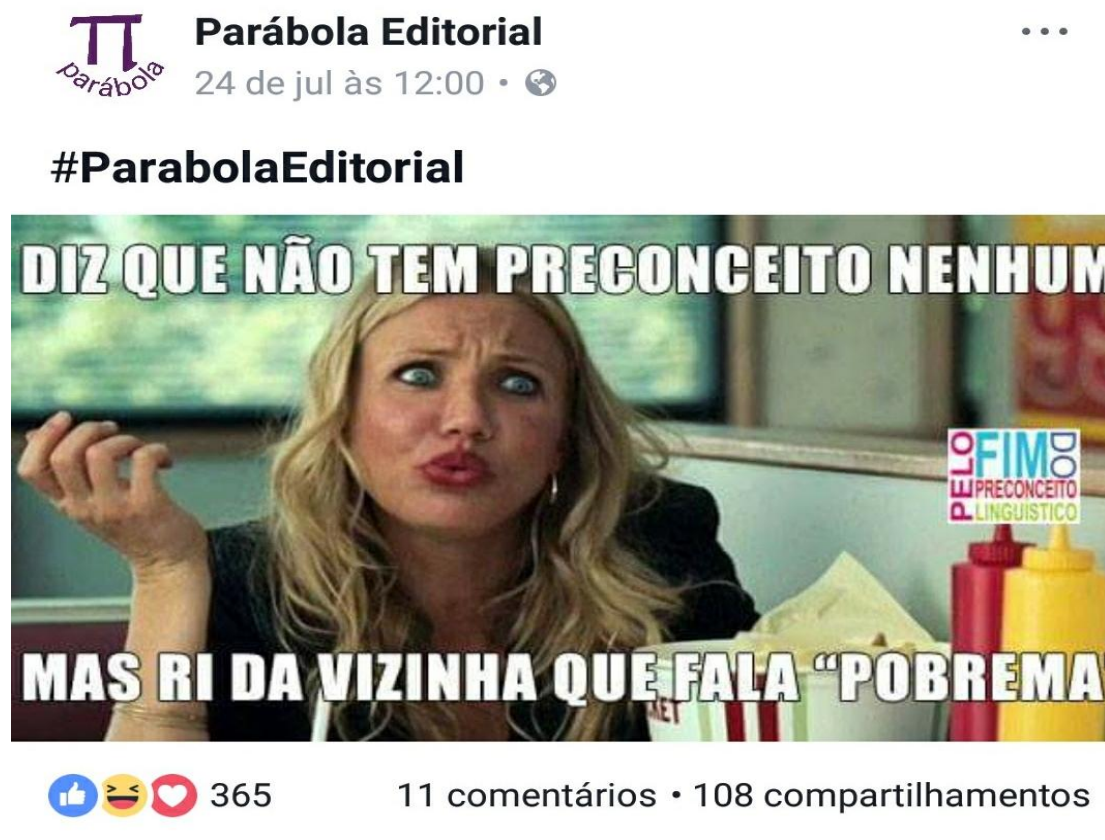
Figura 8 - Uma das tirinhas mais divulgadas da página, utilizada em processo seletivo da Universidade Federal de Roraima.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

10	<p>e à Pr necessã Educaçã (C) O depar matéria sua atue (D) Será cor matricul ensino Educaçã UFRR, d existênc (E) Os ce estabele respecti sujeitas</p>
<p>Leia a tirinha e marque a opção que explica a discussão apresentada:</p>  <p>(Extraído de <a href="https://pelofimdoconceitolinguistico.tumblr.com">https://pelofimdoconceitolinguistico.tumblr.com</a>)</p>	14

Fonte: A autora, 2021.

Figura 9 - Um dos memes da página foi compartilhado pela página oficial da editora Parábola.



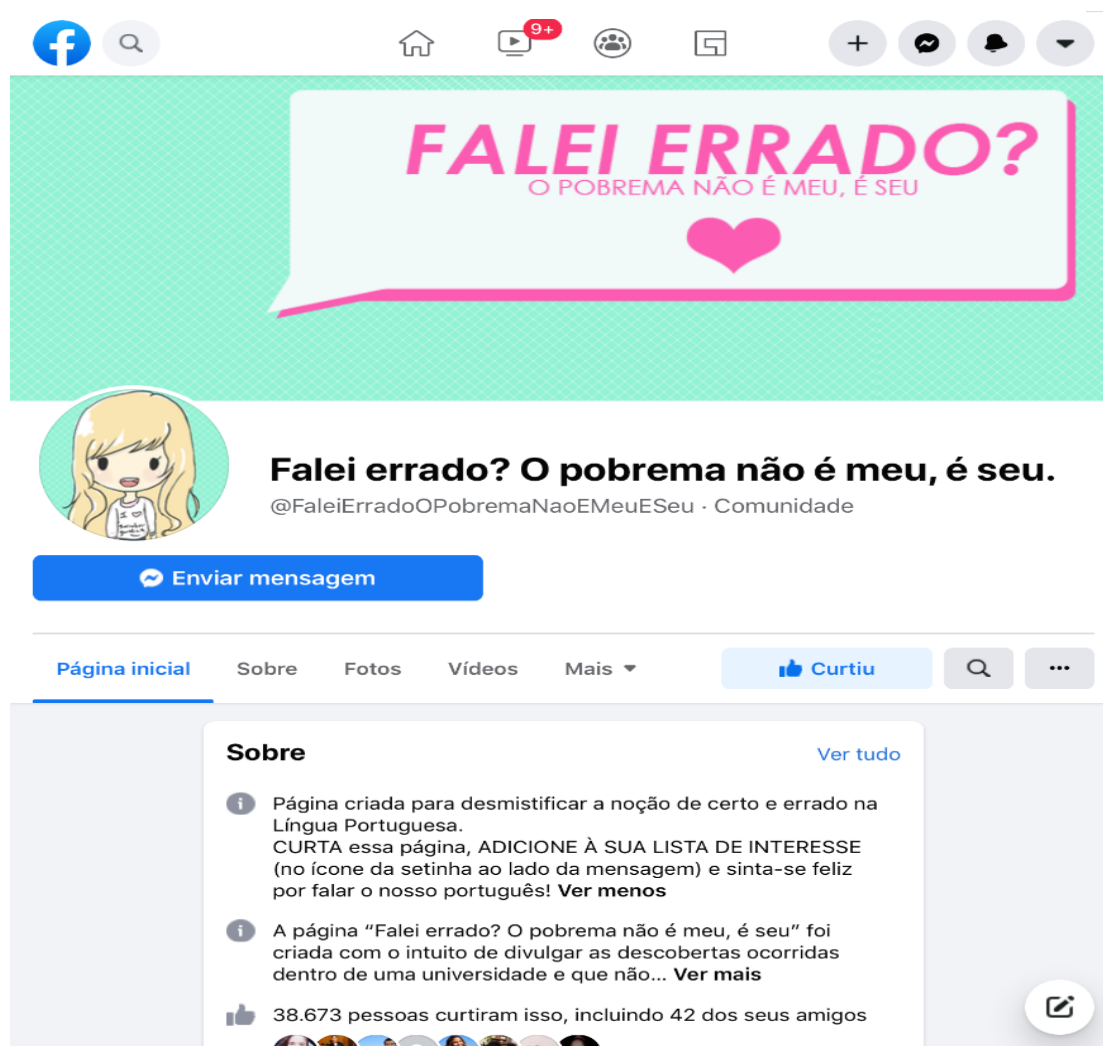
Fonte: A autora, 2021.

Alguns meses após a criação da página mencionada, foi criada em fevereiro de 2013 uma página de objetivo semelhante chamada “Falei Errado? O pobrema não é meu, é seu”<sup>44</sup>. Também idealizada através de um projeto de extensão da UERJ, essa iniciativa se diferenciava da anterior por criar um personagem chamado Sophia, que representaria a voz dos estudiosos da Sociolinguística e seria a responsável por passar mensagens e conceitos para o público através de tirinhas.

A página cresceu exponencialmente nos últimos anos, chegando a quase 40 mil curtidas nos dias atuais. Com postagens que já alcançaram mais de um milhão de pessoas, a página se mantém como uma das principais referências no *Facebook* sobre a temática do preconceito linguístico, tendo mudado o modelo de suas postagens para um similar ao da página “Pelo Fim do Preconceito Linguístico”, com a utilização, principalmente, de *memes* e tirinhas sem a personagem oficial.

<sup>44</sup> Link da página: <https://www.facebook.com/FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu> (Acesso em: 14/04/2021)

Figura 10 - Página "Falei errado? O pobrema não é meu, é seu", no Facebook.



Fonte: A autora, 2021.

Por fim, houve ainda um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da UERJ, que vigorou entre os anos de 2014 e 2018 e foi voltado para a utilização da Sociolinguística como forma de promover a escrita acadêmica de alunos de escolas públicas municipais no Rio de Janeiro. O projeto contou com diversos bolsistas que realizavam atividades em sala de aula, em contato com os alunos, utilizando noções sociolinguísticas como a de variação linguística para realizar comparações entre os textos produzidos pelos alunos e os textos formais apresentados pela escola. Desse modo, o objetivo era fazer com que os estudantes partissem de sua escrita para compreender e se apropriar da escrita escolar. O projeto obteve bons resultados, mas foi finalizado por falta de apoio e verbas do governo.

Os trabalhos mencionados foram realizados, como já dito, no âmbito da graduação, relacionados a projetos de extensão ou de iniciação à docência. Há ainda muitos outros projetos e atividades que se realizam diariamente dentro da UERJ (e de outras universidades) voltados para a extensão e para o ensino, em sua maioria no ambiente da graduação<sup>45</sup>, com estudantes bolsistas que se dedicam a colocar em prática essas iniciativas. Entretanto, na discussão necessária sobre o princípio da indissociabilidade, é preciso abordar o âmbito da pós-graduação, que está muito mais sujeito a uma preferência pela pesquisa do que pelas outras áreas de atuação. Precisamos, portanto, refletir sobre o papel dos cursos e dos pesquisadores de pós-graduação em relação à valorização do ensino e da extensão. O artigo de Rocha & Deusdará (2011), que analisaremos a seguir, traz essa reflexão.

### **2.3 A (não) aplicação do princípio EPE na pós-graduação**

Nesta seção, discorreremos sobre artigo escrito pelos professores Décio Rocha e Bruno Deusdará, ambos vinculados à UERJ, o qual traz uma análise delicada e precisa a respeito da rotina dos professores de pós-graduação. Neste artigo, escrito em 2011, os autores analisam motivos para que determinados trabalhos sejam mais valorizados do que outros, além de realizar uma crítica à rotina exaustiva de trabalho a que os profissionais são submetidos e promover uma subversão do gênero artigo ao incluir, em seus escritos, um subtítulo inteiramente em formato narrativo.

Embora, como já mencionamos, seja parte importante e obrigatória para o funcionamento de uma universidade, sabe-se que, na prática, o princípio de indissociabilidade não é contemplado como deveria, a partir do momento em que a pesquisa é mais privilegiada no meio acadêmico e, por consequência, a extensão e o ensino não recebem a mesma atenção. Essa situação ocorre por questões já inerentes ao sistema da universidade, na qual permanece a ideia tradicional de que trabalhos voltados para a sociedade ou para o ensino são menos valorizados do que aqueles que usam da pesquisa para contribuir diretamente no desenvolvimento do conhecimento acadêmico, conforme apontam Rocha & Deusdará (2011).

Com esta visão sendo a predominante em grande parte dos cursos oferecidos pelas universidades brasileiras, o ensino e, principalmente, a extensão, muitas vezes são ignorados.

---

<sup>45</sup> No âmbito da pós-graduação, há trabalhos deste tipo sendo desenvolvidos nos cursos de mestrado e doutorado profissionais.

Estes não recebem os mesmos investimentos que a pesquisa, e quando lembrados, são tidos como trabalhos extras, não essenciais, e apenas levemente mencionados se for o caso de algum relatório exigir como obrigatoriedade o cumprimento do princípio de indissociabilidade, como vamos deixar claro mais adiante. Tendo apresentado, portanto, alguns dos trabalhos realizados no âmbito da graduação em Letras da UERJ em busca de uma maior equidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão na universidade, é necessário partir para uma reflexão a respeito da (não) existência dessa equidade dentro do contexto da pós-graduação.

Conforme citado anteriormente, ainda que haja dificuldades em aliar as três áreas nos projetos e ações realizados na graduação, isso ainda ocorre em alguns casos. Nos últimos anos, inclusive, esse movimento se tornou mais forte, com a proposta de inclusão da extensão no currículo da graduação, como parte obrigatória e indispensável do fazer acadêmico neste nível<sup>46</sup>. Entretanto, em relação à pós-graduação, essa evolução não aconteceu, e realizar conciliação entre os três âmbitos propostos pelo princípio de indissociabilidade tem sido tarefa considerada praticamente nula.

Embora fique claro na Constituição que o objetivo é que toda a universidade obedeça a esse princípio, as tradições mais arraigadas da pós-graduação na maioria das vezes não permitem que o ensino e a extensão sejam parte importante ou, menos ainda, fundamental do trabalho realizado. Estes dois âmbitos, considerados tradicionalmente inferiores, não são encontrados com facilidade em trabalhos classificados como verdadeiramente científicos ou dignos de um mestrado ou doutorado acadêmicos.

Um dos principais motivos para que tal dificuldade exista é o fato de a própria Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão que avalia constantemente os cursos de pós-graduação brasileiros, dar muito mais valor a trabalhos cujo foco principal está na pesquisa. Segundo Rocha & Deusdará (2011), esse tipo de avaliação tem criado uma crise no sistema de pós-graduação do Brasil.

Os autores trazem uma discussão essencial a respeito da rotina dos professores de pós-graduação, enfatizando que a eles falta tempo e situações para discussão coletiva, com as quais o trabalho poderia ser enriquecido e melhorado. O motivo desta falta de tempo reside na dificuldade em atender às regras prescritas pela Capes para que um programa de pós-graduação se mantenha com uma boa nota de avaliação ou consiga aumentá-la.

---

<sup>46</sup> A resolução nº7 de 2018, que estabelece essa inclusão, pode ser acessada através do *link*: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808) (Acesso em 14/04/2021).

É de conhecimento de professores e pesquisadores acadêmicos que os programas com maiores notas são mais visados e considerados melhores em comparação àqueles cujas notas são inferiores, além de, segundo a Portaria 34 da Capes, estabelecida em 9 de março de 2020<sup>47</sup>, serem estes a perderem menos bolsas, em uma situação de falta de verbas para todos, como é a situação atual. O objetivo, portanto, é alcançar as notas mais altas (6 e 7), o que, segundo os autores, exige um esforço fora do comum para conseguir atender a tudo que é exigido em termos de pesquisa pelas normas da Capes. Consequentemente, essa busca por atender aos critérios e obter melhores notas para seu programa toma todo o tempo disponível do professor, muitas vezes impedindo-o de se dedicar a outras atividades, como o ensino e a extensão.

Em determinado momento do artigo, Rocha & Deusdará buscam, ao mesmo tempo, criticar a rotina fatigante do professor universitário e subverter a estrutura tradicional do artigo científico. No subtítulo 2: *Cotidianos que falam do trabalho do professor*, os autores brincam com o gênero textual que escrevem ao utilizar uma narrativa para descrever o cotidiano de um pesquisador que deve cumprir com as normas estabelecidas pela universidade e pelos órgãos avaliadores, normas estas que, como já foi observado, exigem dedicação quase que exclusiva, não sobrando tempo para praticamente nada além. Além de confirmar através desse relato o que já havia sido apontado em suas primeiras considerações, os autores promovem uma forma de comunicação que ultrapassa os limites do artigo. Isso quer dizer que qualquer pessoa, caso tivesse acesso a esse subtítulo narrativo, poderia compreendê-lo e perceber a rotina extenuante à qual os acadêmicos estão presos.

Essa iniciativa dos autores dialoga diretamente com a proposta desta tese. Se um subtítulo composto unicamente por um texto narrativo – uma subversão do gênero tradicionalmente conhecido como artigo científico para publicação em periódicos – cumpre seu papel de apresentar a realidade que está sendo discutida no artigo em questão e isso não só não afeta o objetivo final da publicação, como ainda promove uma crítica embasada e bem construída que cumpre seu papel de facilitar a compreensão daquilo que está sendo apresentado, o que ainda nos impede de produzir trabalhos de gêneros diferenciados nos cursos de pós-graduação, dedicando-os ao ensino e à extensão?

Rocha & Deusdará (2011) apresentam algo que pode ser uma resposta a essa pergunta: os resultados de uma pesquisa de *corpus* realizada anteriormente utilizando os documentos relativos à avaliação de 13 cursos pela Capes, observando as atividades que mais contam

---

<sup>47</sup> A Portaria 34 pode ser acessada através do *link*: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=3443> (Acesso em: 04/06/2020)

pontos e são mais bem avaliadas. Uma análise mais detalhada desses resultados é necessária, pois demonstra, como já afirmamos, que o princípio de indissociabilidade foi em muitos casos esquecido no que concerne à avaliação de um curso de pós-graduação.

Ao apresentarem os resultados de seu estudo de *corpus*, os autores listam algumas das principais observações encontradas. Vejamos as de número (iii), (iv), (v) e (vii):

(iii) apenas duas áreas (Letras / Linguística e Direito) **valorizam a Extensão como atividade a ser computada na avaliação do docente;**

(iv) todas as áreas mencionam como desejável a participação em atividades de graduação, ainda que **o peso atribuído ao item seja regularmente bastante reduzido** (em geral, apenas 10% do valor total); há mesmo áreas (Educação e Ciências Biológicas II) que consideram **negativa** uma “participação excessiva do docente” nas referidas atividades de graduação;

(v) apenas uma área (Educação) menciona a **relevância de atividades de gestão e palestras na graduação;**

[...]

(vii) a preparação de material didático destinado ao ensino médio e fundamental é vista como **tarefa do professor de pós-graduação** por apenas duas áreas (Ciências Biológicas e Odontologia); (ROCHA & DEUSDARÁ, 2011, p.192, grifos nossos)

Essas observações demonstram o que insistimos em deixar claro até aqui: que o ensino e a extensão não são tão valorizados na pós-graduação quanto a pesquisa científica com fim em si mesma. Na observação (iii), por exemplo, podemos ver que apenas duas áreas de um total de 13 valorizam a extensão como atividade que valha pontos para avaliação dos professores. As observações seguintes demonstram, ainda, que atividades ligadas ao ensino na graduação também não possuem grande relevância nessa avaliação, e uma atividade específica para o ensino fundamental e médio - preparação de material didático citada na observação (vii) - não é considerada como parte do trabalho do professor de pós-graduação na maioria das áreas.

Com base nessas conclusões, podemos compreender um dos motivos cruciais para essa aparente dificuldade de implantação do princípio da indissociabilidade entre EPE na pós-graduação: as atividades dos professores e pesquisadores são diretamente regidas pelas regras da Capes, que determinam o que vale mais ou menos pontos, o que, por sua vez, determina qual será a nota que o programa receberá. Se as atividades voltadas para extensão e ensino não são valorizadas ou cobradas, dificilmente o professor renunciará a seu tempo de dedicação a atividades voltadas à pesquisa para realizar algo relacionado aos outros campos, pois isso não lhe renderá tantos pontos quanto as ações relacionadas à pesquisa científica somente.

Do mesmo modo, no que concerne a orientações realizadas por estes mesmos professores, a preferência será sempre por projetos que abordem a pesquisa tradicionalmente



aceita, resultando no que vemos atualmente nos bancos de dissertações e teses das grandes universidades: milhares de trabalhos finais produzidos anualmente cujo único objetivo é apresentar os resultados de uma pesquisa tradicional, muitos sem qualquer compromisso com o ensino – seja em graduação, seja em ensino fundamental ou médio – e, em sua maioria, sem qualquer atrativo ou possibilidade de acesso e compreensão por um grupo de pessoas além daquelas que estão diretamente ligadas ao trabalho produzido.

É importante deixar claro que o que propomos aqui não é que a pesquisa deva ser preterida pelos pesquisadores. Como parte importante e essencial do fazer acadêmico, esta deve continuar sendo produzida, incentivada e valorizada, pois é através deste âmbito do princípio que é possível obter o embasamento necessário para se realizar os outros dois. O que acreditamos ser imprescindível é a urgente mudança na relação entre academia e sociedade, e, para que isso possa acontecer, é preciso não desvalorizar a pesquisa, mas subir ao mesmo patamar, considerar tão essencial e importante quanto e principalmente, transformar em âmbitos igualmente válidos para se trabalhar na pós-graduação o ensino e a extensão.

Seguindo esse intuito, foi criado pelo MEC no ano de 2009 o chamado mestrado profissional, voltado para a formação de professores de ensino fundamental, na intenção de que desenvolvam suas atuações profissionais utilizando o conhecimento científico. Esse novo tipo de mestrado surgiu como uma alternativa ao mestrado chamado acadêmico, cuja estrutura segue um padrão voltado para a pesquisa e para a produção final de uma dissertação. A inovação proposta pelo mestrado profissional, portanto, está presente tanto na tentativa de união entre ensino e pesquisa - um primeiro passo para se chegar ao ideal proposto pelo princípio de indissociabilidade - quanto nos trabalhos de conclusão de curso, que diferem do que é exigido pelo mestrado acadêmico.

Em relação a esse ponto - o trabalho de conclusão de curso -, temos o seguinte parágrafo retirado da portaria normativa de número 17 do MEC, (publicada em 28 de dezembro de 2009), o qual determina que:

§ 3º O trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; **desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares**, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística, sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES. [...] (MEC, 2009, grifos nossos)

Como podemos observar nesse trecho, a dissertação, no caso do mestrado profissional, passa a não ser mais a única opção de trabalho de conclusão de curso, mas sim uma das diversas alternativas dentre as quais o aluno poderá escolher a que melhor pode se adequar ao seu trabalho. Essa novidade permite que trabalhos voltados para o ensino ou a extensão possam ser apresentados, o que abre as portas para uma nova maneira de se compreender o mestrado, não somente como um curso cujo objetivo é a produção de saberes científicos restritos à comunidade acadêmica, mas, também, como uma oportunidade de se cumprir o princípio de indissociabilidade e realizar uma interação entre academia e sociedade.

Seguindo essa ideia, no ano de 2013, alguns anos após a criação do Mestrado Profissional, foi criado o Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), com uma área de concentração em Linguagens e Letramentos subdividida em duas linhas de pesquisa: 1) Teorias da Linguagem e Ensino; e 2) Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes. Tendo como público-alvo os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental, esse curso de mestrado segue os ideais propostos pela portaria 17 do MEC, visando a formar mestres com conhecimentos que possam ser utilizados para a melhoria de seu trabalho em sala de aula.

Entretanto, há uma divergência em relação às exigências de trabalho de conclusão de curso entre a mesma portaria e o regimento que regulamenta o Profletras. Essa diferença pode ser percebida ao compararmos o trecho citado anteriormente e os seguintes artigos, retirados do regimento oficial do Programa de Mestrado Profissional em Letras:

Artigo 22. O Exame de Qualificação consistirá na apresentação de uma proposta de atividade voltada para o Ensino Fundamental perante banca designada pelo Colegiado de Curso constituída por três docentes, incluindo o Orientador.

[...]

Artigo 24. O Trabalho de Conclusão consistirá na **apresentação escrita de um texto** que verse sobre o resultado do desenvolvimento da atividade prevista no trabalho do mestrando apresentado no Exame de Qualificação. (Regimento do Profletras, 2012, p. 7, grifo nosso)

O primeiro artigo mencionado, de número 22, determina o que será cobrado como parte do exame de qualificação para conclusão do curso do Profletras, ou seja: a apresentação de uma proposta de atividade voltada para o ensino fundamental. Já o artigo de número 24 discorre a respeito do que será exigido como trabalho de conclusão de curso, o qual, portanto, deverá ser uma apresentação escrita de um texto que trate dos resultados obtidos após a realização da atividade que fora proposta no exame de qualificação.

A divergência entre o que é exigido como trabalho de conclusão pela portaria do MEC e o que é aceito como tal pelo regimento do Profletras nos parece clara: enquanto o primeiro

oferece alternativas diversas para a realização do trabalho final, abrindo as possibilidades para materiais de tipos e funções diferenciados, o segundo limita o trabalho do mestrando a uma apresentação escrita sobre resultados de uma determinada atividade, modelo muito similar ao que estamos acostumados a ver no mestrado acadêmico.

A dúvida que pode nos surgir nesse momento é exatamente o porquê dessa divergência. Ora, se a portaria do MEC determina ser possível estender os limites que o mestrado acadêmico impõe, uma vez o mestrado profissional se diferencia de um mestrado do tipo "comum", por que o regimento do Profletras limitaria novamente as produções dos discentes? Seria apropriado imaginar que isso se deve à supervalorização já citada da pesquisa sobre os outros âmbitos, o que torna difícil a implantação de mudanças em um tipo de modelo já consagrado.

Uma justificativa para essa visão pode ser encontrada na crise já citada e apresentada por Rocha & Deusdará (2011): sabe-se que o tempo do professor de pós-graduação é voltado quase que totalmente para atividades no domínio da pesquisa científica e com pouca (ou nenhuma) relação com o ensino ou a extensão, o que nos leva a compreender que isso se tornou uma tradição nas universidades e, principalmente, na pós-graduação. Ao se propor um projeto como o mestrado profissional, que rompe com essa tradição, acredita-se que esta não seja uma transição simples e de fácil aceitação por aqueles que estão acostumados ao antigo modelo de trabalho. Isso pode ser a explicação do motivo pelo qual o regimento do Profletras limitou a estrutura do trabalho de conclusão, de modo a não permitir uma mudança tão drástica e tão ousada. Em outras palavras: embora o mestrado profissional seja uma inovação no que concerne à formação de mestres no sistema de pós-graduação brasileiro, ainda há muitas questões a serem discutidas e repensadas. Enquanto essas mesmas questões não forem resolvidas, continuará existindo esse tipo de limitação em relação ao trabalho de conclusão, cujo resultado, na prática, será exatamente o mesmo que o esperado em um mestrado acadêmico.

Entretanto, não são todos os cursos de mestrado acadêmico que exigem a produção de uma dissertação como único produto final do curso. Embora todos tenham como pré-requisito para sua conclusão que o aluno tenha realizado um trabalho e que este seja apresentado em formato de dissertação, nem sempre a forma como isso ocorre é similar ao modelo tradicional com o qual estamos habituados. Para exemplificar melhor, façamos uma comparação entre os produtos finais dos cursos de mestrado acadêmico em Letras e em áreas da Tecnologia, por

exemplo. No primeiro caso, como um breve levantamento<sup>48</sup> pôde demonstrar, encontramos uma grande maioria de dissertações cujo produto final é a própria dissertação, ou seja, não há um resultado além do que está sendo apresentado ali. Uma pesquisa é elaborada, aplicada, tem seus resultados analisados e o intuito final disso tudo é apresentar todo esse processo em uma dissertação.

No segundo caso, é possível encontrar muito mais trabalhos em que o produto final não é a própria dissertação, mas sim, algo que foi realizado com um objetivo específico de extensão ou ensino. É o caso de jogos, vídeos, *sites* e aplicativos que são criados com objetivos de divulgação de algum tema ou como auxiliares do aprendizado de alunos dos ensinos fundamental e médio, ou até mesmo, de graduação. Nesse caso, o que temos é um verdadeiro produto final criado para atender a uma demanda específica e que possui "vida própria" de modo independente, sem a necessidade da dissertação para existir.

Em consonância com esses pensamentos, podemos citar alguns trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação produzidos em modelos diferenciados na UERJ: em meu curso de mestrado, criei um *site* de divulgação de conceitos sociolinguísticos e combate ao preconceito linguístico, sendo minha dissertação a descrição e a avaliação desse mesmo *site* (ANTUNES, 2015). Em meu curso de doutorado, em duas oportunidades produzi textos narrativos como trabalhos de conclusão de disciplinas. Menezes (2019), por sua vez, produziu uma dissertação que tinha como parte principal um conto, cujo objetivo era o de divulgar noções linguísticas através da narrativa. Todas essas iniciativas serão abordadas a seguir.

---

<sup>48</sup> Ver os bancos de teses das principais universidades brasileiras, como Unicamp, USP, UFRJ e UERJ.

### 3. ATRAVESSANDO OS MUROS DA UNIVERSIDADE: PROPOSTAS PRÁTICAS NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UERJ

*Tudo no mundo começou com um sim.*

Clarice Lispector

Geralmente, os trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação são voltados a um único objetivo: o registro de uma pesquisa cuja finalidade é a de responder a um questionamento ou confirmar uma hipótese. Esse processo se dá durante o curso realizado, que, ao chegar ao fim, exige como requisito do estudante uma produção escrita formal que apresente, além de uma fundamentação teórica extensa, explicações sobre a metodologia utilizada, resultados do experimento/pesquisa e discussão sobre esses mesmos resultados. A essa produção escrita formal chamamos de dissertação, no caso do curso de mestrado, e tese, no caso do curso de doutorado.

Embora sejam considerados meios pertinentes de avaliação não só da técnica da escrita, mas também da formação como pesquisador do estudante que está prestes a se tornar mestre ou doutor, o problema que estamos apresentando desde o início deste texto não consegue ser resolvido somente com a produção destes tipos de composições: essas mesmas dissertações e teses acabam escondidas entre inúmeras outras produções similares nas estantes das bibliotecas das universidades, com acesso restrito àqueles que fazem uso dessas bibliotecas e, principalmente, que têm algum interesse nesse tipo de publicação.

Há ainda a barreira da linguagem. Por se tratar de obras de caráter extremamente formal e técnico, a linguagem empregada tende a ser compreensível somente por uma parte muito específica da população. Enquanto isso, há uma grande maioria de pessoas que, mesmo que conseguissem ter acesso a essas publicações – seja através de bibliotecas físicas ou virtuais – muito possivelmente não teriam interesse ou mesmo facilidade em consumi-la, devido a essa estrutura que não contribui para que essas ações possam se concretizar.

Para mudar esse cenário, é preciso repensar o formato, a linguagem e o alcance de dissertações e teses acadêmicas, transformando-as de textos de conclusão de curso destinados a prateleiras e mentes de poucos privilegiados em produções que gerem materiais mais prováveis de circular pela sociedade. É o caso do primeiro trabalho a ser abordado nesta

seção, a dissertação que registrou a criação e a avaliação do *site* “Pelo Fim do Preconceito Linguístico”<sup>49</sup>.

### 3.1 *Site* [www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com](http://www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com) (ANTUNES, 2015)

Tendo sido parte da sequência de iniciativas que já vinham sendo elaboradas em projetos de extensão durante o período de graduação, o *site* em questão teve por objetivo compilar diversos materiais sobre Sociolinguística, com foco principalmente no combate ao preconceito linguístico. Os materiais, por sua vez, eram diversificados, havendo textos informativos, vídeos, *memes*, tirinhas e a “Cartilha Contra o Preconceito Linguístico”, já mencionada. Esses materiais foram reunidos em *site* denominado “Pelo Fim do Preconceito Linguístico” (figura 10) como forma de facilitar o acesso, uma vez que a *internet* é hoje nosso principal meio de divulgação de informações.

Além disso, a produção de um compilado de materiais especificamente em um *site* remete à proposta de Baronas (2010), que apontou a problemática existente na divulgação científica no Brasil, sugerindo que as três principais organizações linguísticas do país – o Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e a Abralín – se reunissem para criar um *site* com artigos e materiais de divulgação da Linguística.

---

<sup>49</sup> O *site* mencionado pode ser acessado através do *link*: [www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com](http://www.pelofimdopreconceitolinguiistico.com).

Figura 11 - Página Inicial do site “Pelo Fim do Preconceito Linguístico”.



Fonte: A autora, 2015.

O *site* produzido foi dividido em três páginas principais e quatro outras páginas secundárias. A primeira página principal, denominada “Informação” (figura 11), foi composta por um texto autoral resumindo os principais conceitos e definições necessários para a compreensão de toda a temática envolvida na divulgação: Linguística, Sociolinguística, variação linguística, mudança linguística, variantes estigmatizadas e variantes prestigiadas. O texto foi produzido, assim como todos os outros textos que compõem o *site*, em linguagem o menos técnica possível, mais próxima de uma linguagem coloquial, e, obviamente, sem tratar de todos os detalhes inerentes às noções abordadas. O objetivo era, portanto, oferecer de forma breve, resumida e, principalmente, não cansativa para o leitor não acostumado ao tema, uma noção sobre o que estava sendo apresentado no *site*.

Ainda nessa primeira página, ao final do texto, foi incluída uma imagem com as capas de diversos livros sobre Linguística, Sociolinguística e preconceito linguístico. Dessa forma, oferecemos a quem se interessar em saber mais ou pesquisar mais a fundo sobre o tema sugestões de leituras que vão além do conteúdo do *site*, que, como já dito, não teria sentido nem motivo para incluir explicações exaustivas, complexas e detalhadas.

Figura 12 - Página “Informação”.



Fonte: A autora, 2015.



A segunda das páginas principais é a página chamada “Diversão” (figura 12). Essa página, como o nome já indica, teve por objetivo oferecer um compilado de materiais mais voltados para o entretenimento e relacionados à temática. A maior parte dos materiais dessa página são vídeos, tanto de autoria própria quanto produzidos por alunos de Linguística da UERJ, além de alguns encontrados no *YouTube*. Além dos vídeos, há também tirinhas, imagens, *memes* e *links* para as páginas do *Facebook* mencionadas anteriormente neste texto.

Figura 13 - Página “Diversão”.



Fonte: A autora, 2015.

Os materiais dessa parte têm por objetivo passar, de forma rápida e simples, uma mensagem a respeito do preconceito linguístico, de modo a incitar a curiosidade de quem vê em buscar mais sobre o tema. A maioria dos vídeos, por exemplo, é composta de apenas um minuto ou pouco mais do que isso, primeiro para atender a uma demanda que à época se consolidava como tendência através de um festival de curtas chamado “Festival do Minuto”<sup>50</sup>,

<sup>50</sup> O festival ainda acontece e informações sobre ele podem ser acessadas em <http://www.festivaldominuto.com.br/> (Acesso em 05/05/2021)

segundo para que o vídeo não se tornasse cansativo e terceiro, para que o objetivo de chamar a atenção e promover a vontade de saber mais fosse alcançado.

A terceira e última das páginas principais é a página “Interação”. Esta, por sua vez e como indicado pela nomenclatura escolhida, tinha por objetivo servir como meio de interação entre aqueles que acessam o *site* e sua autora. Embora todas as páginas do *site* hoje contenham um espaço para comentários, foi nessa página específica que incluímos: informações de endereço de *e-mail* para contatos mais formais; *link* para um fórum<sup>51</sup> criado especificamente para discussões sobre os materiais compilados no *site* e questões relativas a Sociolinguística e preconceito linguístico; e instruções para envio de materiais que possam complementar o *site*.

Figura 14 - Página “Interação”.



Fonte: A autora, 2015.

<sup>51</sup> O fórum mencionado não está mais disponível, uma vez que se tornou obsoleto com a possibilidade de comentários e interação através de *plugins* de redes sociais incluídos posteriormente nas páginas do *site*.

Por fim, embora não seja considerada uma das páginas principais do *site*, mas esteja no menu principal, há a página “Referências”, criada devido ao caráter acadêmico da produção. Nela, foram incluídas as referências bibliográficas utilizadas para a elaboração do conteúdo textual do *site*. Isso foi feito como forma de mostrar à banca que o material, embora diferenciado, ainda era um trabalho de conclusão de curso de mestrado, e, portanto, precisava deixar claro quais foram as referências utilizadas para sua elaboração.

Figura 15 - Página “Referências”.



Fonte: A autora, 2015.

Esta é a página menos informal do *site*, pois apresenta as referências de acordo com as regras ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Por ser o *site* um trabalho vinculado a um projeto de curso de mestrado, a página de referências destina-se a ser uma constatação de que os conteúdos apresentados foram baseados em trabalhos científicos sérios, de modo a dar mais validade ao que está sendo exposto e, ao mesmo tempo, esclarecer que tudo o que foi escrito pela autora foi retirado de fontes confiáveis.

Há ainda, como já mencionado, quatro páginas secundárias, cujos *links* se apresentam na página principal do *site*. A primeira delas tem como título “O que é Preconceito Linguístico?”, e explica de forma sucinta e simples o que é esse preconceito e como ele acontece em nossa sociedade. A segunda página se chama “Cartilha contra o Preconceito Linguístico” e traz, além de um breve texto de apresentação, a cartilha já explicada anteriormente neste texto. A terceira página, “Polêmica do Livro Didático”, narra toda a situação ocorrida em 2011 a respeito de um livro didático que, segundo a imprensa, ensinava o “aluno a falar errado”<sup>52</sup>, explicando o porquê de isso não corresponder à realidade. A página “Preconceito Linguístico e Ensino de Português”, última das páginas secundárias, busca responder a dúvidas comuns no que concerne à Sociolinguística associada ao ensino de Português na educação básica. Todos os textos incluídos no *site* são de minha autoria.

Figura 16 - Páginas secundárias



Fonte: A autora, 2015.

<sup>52</sup> Uma das notícias a respeito do assunto foi publicada no portal R7 Notícias e pode ser acessada através do *link*: <http://noticias.r7.com/educacao/noticias/livro-adoptado-pelo-mec-defende-falar-errado-20110513.html?question=0>. (Acesso em 14/04/2021). Uma busca no *Google* usando o título da manchete pode mostrar ainda outros resultados e matérias a respeito.

Para verificar a eficiência do *site* em questão, foi realizada uma avaliação da qual três grupos distintos de avaliadores fizeram parte, os quais puderam opinar a respeito de questões estruturais e de conteúdo da página virtual. O primeiro grupo foi formado por profissionais do magistério, em um total de quatro respondentes, enquanto o segundo foi composto por sete alunos de uma turma de Linguística I da UERJ. O terceiro grupo, por fim, teve por participantes 35 pessoas de um público geral, sem quaisquer requisitos para participação. Os três questionários foram similares e objetivavam verificar determinados tópicos considerados importantes para a eficiência do *site*. Para tal, foi utilizada a escala *Likert*, na qual o respondente tem a opção de concordar ou discordar em diferentes graus das informações afirmadas.

Os resultados dessas avaliações demonstraram que o projeto em questão foi bem sucedido, pois cumpriu e cumpre com seu objetivo de promover uma divulgação acessível sobre o tema preconceito linguístico e sobre conceitos e propostas da Sociolinguística, continuando até hoje em atividade. Os três grupos, em sua maioria, aprovaram o *site* em todos os aspectos, e todos os materiais foram muito elogiados pelos avaliadores dos dois primeiros grupos através dos comentários em questões dissertativas do questionário. No terceiro grupo, as opiniões positivas não foram menores do que 77% em nenhuma das questões colocadas para avaliação, demonstrando que não somente professores e alunos de Letras podem fazer uso do *site* e de seus materiais, e alcançando, assim, o objetivo proposto de promover um trabalho voltado para todas as pessoas, e não somente para grupos seletos.

### **3.2 Conto de fadas como trabalho de conclusão de disciplina**

O conto “A História de Carolina” foi escrito, em 2018, para atender ao requisito de finalização de uma disciplina do curso de doutorado. O objetivo do trabalho foi realizar uma proposta de divulgação científica do tema preconceito linguístico para um público infantil. Através de uma narrativa em formato de conto, intentou-se transmitir uma mensagem contra o preconceito linguístico de forma lúdica e divertida, sem o uso de termos técnicos ou de longas explicações.

O texto produzido para o trabalho foi escrito dentro do modelo do gênero conto, voltado para um público-alvo infantil. Para abordar o tema preconceito linguístico, escolhi um contexto familiar à maioria das histórias infantis mais conhecidas: um reino distante

governado por um rei e uma rainha. No que concerne a questões estruturais do texto, foi utilizada uma fonte diferenciada para o título, para o início de cada seção da história e para a indicação de “fim” logo após o desfecho, seguindo um modelo comum em livros de contos.

A protagonista da história é a princesa Carolina, que faz amizade com um menino que fala de forma considerada errada pelos reis. Ao personagem em questão, chamado José, foram atribuídas falas permeadas de desvios da norma padrão/culta, que se encontram destacados em itálico no corpo do texto. Foram escolhidos desvios mais comuns e, ao mesmo tempo, mais marcados, uma vez que desvios comuns porém não marcados – como a colocação do pronome átono em início de frases, por exemplo – provavelmente não seriam reconhecidos por um leitor comum como “erros”. Além do preconceito linguístico, permeia toda a história uma ideia de preconceito social, que, segundo Bagno (2003), tem relação direta com o julgamento feito em relação à variedade linguística de determinado grupo.

Por fim, buscou-se evitar o uso de termos técnicos e explicações alongadas, por se tratar de um texto voltado para um público infantil que i. provavelmente não compreenderia noções mais avançadas da sociolinguística e ii. mesmo que compreendesse, provavelmente não teria interesse nestes termos. Aos olhos de um observador atento e conhecedor do assunto, o texto aborda claramente o preconceito relativo às variedades diferentes da norma padrão. Para o leitor sem conhecimento prévio, entretanto, a história é somente um conto, que acaba por lhe ensinar lições sem que, em momento algum, tenha deixado claro que este era seu objetivo.

### 3.2.1 Conto “A história de Carolina”

Era uma vez um reino muito, muito distante, que era governado pelo rei Miguel e sua esposa, a rainha Helena. Ambos eram amados por seu povo e governavam o reino com sabedoria e preocupação para com todos os seus súditos. O rei e a rainha tinham apenas uma filha, uma linda princesa de 9 anos chamada Carolina.

Carolina desde pequena se mostrou uma menina curiosa, alegre e muito dedicada a fazer o bem a todos ao seu redor. Sempre extrovertida, fazia amizade com todos com quem convivia no castelo, desde a sua ama Lara, uma jovem senhora gentil e carinhosa que cuidava de Carolina desde bebê, até as cozinheiras, as camareiras, os tratadores dos cavalos e as arrumadeiras. Sempre tinha alguém para conversar, e como não podia sair do castelo por ser

uma princesa muito nova, aproveitava o tempo livre correndo pelos cômodos, inventando novas aventuras e recebendo carinhos e mimos de todos ao seu redor. Carolina, porém, sentia falta de alguém da sua idade. Todos os outros no castelo eram mais velhos do que ela, e nem sempre estavam dispostos a participar de suas brincadeiras.

Um dia, Carolina estava brincando no jardim do castelo quando viu um menino que parecia ter a sua idade correndo. Ela o olhou bem, tentando descobrir se já o conhecia, mas não se lembrou de já tê-lo visto pelo castelo. Carolina logo se levantou e correu em direção ao garoto, que se assustou ao perceber a presença da menina.

- Oi, meu nome é Carolina. E o seu? – a princesa perguntou, estendendo a mão para cumprimentar o menino, como fora ensinada por seu pai.

- José. – ele respondeu meio sem jeito, apertando a mão dela.

- Muito prazer em conhecê-lo, José! Eu posso brincar com você?

José sorriu e concordou com a cabeça.

- Eu to *tentano* pegar *as borboleta*. – ele disse, animado – Você pode ajudar.

Carolina estranhou a maneira de falar daquele menino. “O certo não seria dizer ‘tentanDo’ e ‘as borboletaS’?”, ela se perguntou. Mas logo deixou isso de lado e concordou com a brincadeira.

Os dois começaram a caçada pelos insetos, que voavam cada vez mais alto, fugindo do alcance das duas crianças. José corria tentando ser mais rápido que as borboletinhas, e Carolina fazia o contrário, tentando ir devagar e chegar perto sem ser percebida.

Até que em um momento de distração, uma borboletinha azul pousou em uma folha caída no chão e Carolina conseguiu ser rápida e esperta o suficiente pra conseguir pegá-la. Ela segurava a borboleta entre as duas mãos, as asinhas azuis batendo em seus dedos. José veio correndo, e a menina abriu um pouquinho os polegares para que o menino pudesse ver o inseto. Os dois riam enquanto admiravam a beleza daquela borboleta, tão pequena e tão graciosa, quando ouviram uma voz gritando:

- José! – era uma das arrumadeiras que chamava, enquanto vinha correndo pelo jardim até onde estavam as duas crianças.

- Mamãe! – José fez uma cara de espanto ao ver a moça vindo em sua direção.

- O que *cê ta fazeno*, garoto? – a mãe pegou José pela orelha, puxando-o pra perto dela

– Eu disse pra você ficar quieto me *esperano*. *Num* era pra sair do castelo!

O menino soltou alguns gemidos de dor por causa do puxão, mas não respondeu a mãe.

- Não brigue com ele, por favor! – Carolina pediu, as mãos ainda fechadas, segurando a borboleta – Nós só estávamos brincando, olha, nós pegamos uma borboleta.

A mãe de José olhou para Carolina com carinho.

- *Desculpa*, princesa, ele não tinha que *ta* aqui, eu disse pra ele ficar lá dentro. Ele *num* vai ficar *pertubano* você mais.

- Mas ele não me perturbou! – Carolina tentava dizer, mas a mãe do menino já o levava pra dentro do castelo enquanto lhe dava broncas. José ainda conseguiu virar pra trás por um momento e dar um tchauzinho com a mão para Carolina, que fez o mesmo. Quando o menino e a mãe sumiram dentro do castelo, a princesa percebeu que, sem querer, tinha deixado a borboleta ir embora.

---

Depois desse dia, Carolina estava sempre procurando José para brincar. A mãe dele era rigorosa e não deixava que ele ficasse perambulando pelo castelo, mas ele conseguia fugir quando ela estava ocupada e encontrava Carolina para brincarem no jardim. A princesa descobriu que ele tinha a sua idade – 9 anos – e que faziam aniversário no mesmo mês. Descobriu também que José não estava mais estudando, porque sua avó tinha morrido e era a única pessoa que podia cuidar dele enquanto a mãe estivesse trabalhando. O pai, ele já não via há muitos e muitos anos.

Carolina ficou triste pela história do menino e resolveu não fazer mais perguntas para não o deixar chateado. Eles brincavam durante algum tempo nas tardes, mas José sempre tinha que ir embora logo, porque sua mãe podia estar procurando por ele e ele não queria levar mais broncas.

- *A gente vamo* brincar mais amanhã, né? – ele perguntava, sorrindo. Carolina concordava. – Então amanhã *nós se encontra* aqui.

Desde que começara a brincar com José, Carolina vinha reparando na maneira de falar dele, que era bem diferente de como ela tinha sido ensinada a falar. Nos primeiros dias, isso incomodava Carolina, porque ela não estava acostumada a ouvir palavras tão diferentes como as que ele dizia. Mas José foi se tornando seu amigo e ela foi percebendo que, afinal de contas, ela conseguia entender o que ele dizia e que o carinho que tinha por ele não iria mudar só porque ele falava de maneira tão diferente dela.

Um dia, depois de eles terem brincado no lago perto do jardim e se divertido muito, Carolina ficou chateada ao ver José indo embora, e mais ainda por saber que ele só tinha que ir porque sua mãe não deixava que os dois brincassem juntos. Ela não queria mais ter que



brincar escondida com José, sempre preocupados em ver se a mãe dele estava vindo e sempre cortando a brincadeira na melhor parte porque ela poderia estar procurando por ele.

Carolina resolveu, então, pedir ajuda a seus pais. Ora, eles eram o rei e a rainha, e se eles decidissem que José tinha permissão para brincar com Carolina, a mãe dele não poderia ir contra essa decisão.

- Mamãe, papai, eu preciso conversar com vocês sobre um assunto muito importante. – a princesa disse, séria.

A mãe olhou para Carolina com carinho. Estavam sentados à mesa aguardando o jantar ser servido. O pai sentava na ponta, a mãe ao seu lado direito e Carolina, à frente da mãe.

- Assunto importante? – a mãe deu uma risadinha – E o que pode ser tão importante, minha querida?

- Preciso da ajuda de vocês pra resolver um problema.

- Estamos aqui pra te ajudar sempre, minha filha. Diga, que problema é esse? - agora era o pai que falava com ela.

Carolina arrumou sua postura antes de começar a falar.

- Vocês conhecem a Joana? – os pais fizeram que não com a cabeça. – Ela é a arrumadeira da ala norte. A mãe dela morreu há algum tempo e ela tem um filho, José. Ele agora vem pro castelo com ela, porque eles não têm ninguém da família que possa cuidar dele.

O rei e a rainha olhavam Carolina com curiosidade, sem entender aonde ela queria chegar com essa história.

- Esse menino é da minha idade, um pouco mais alto que eu, tem os cabelos encaracolados... Ele é muito legal, e nós temos brincado juntos no jardim todos os dias. Só que a mãe dele não deixa, ela brigou com ele quando nos viu brincando da primeira vez. Eu não sei o porquê, mas ela não gosta que nós sejamos amigos. Então... eu queria que vocês falassem com ela pra deixar que nós sejamos amigos.

Os pais a olhavam sérios.

- Carolina – foi a mãe que começou a falar – Você entende que é uma princesa, não é? A menina concordou com a cabeça.

- Então, você entende que não pode ser amiga de qualquer pessoa. – o pai continuou a fala da mãe – Existem pessoas que não são próprias para o seu convívio.

- Mas como assim, papai? José é muito legal e...

- Não importa se ele é legal, simpático, divertido, o que for! – o rei começava a ficar irritado – Você não pode andar com esse tipo de gente. Minha filha, você já reparou na maneira como eles se vestem? Como se comportam? Como falam?

Carolina se lembrou da maneira como José falava. Realmente, era bem diferente da sua, mas no que isso importava?

- Sim, papai, eu reparei que ele fala bem diferente de mim, mas por que isso é tão importante?

- Há um motivo para que nós sejamos os governantes deste reino e para que pessoas como a mãe desse menino sejam nossos empregados. Somos diferentes. Somos superiores, porque a natureza nos fez assim. Nossa forma de falar é superior, é mais bonita, mais educada. Se começarmos a conversar com essas pessoas, podemos ser contagiados pela sua fala errada, bagunçada.

- Mas, papai, eu converso com o José há semanas e minha fala continua igual...

- Por sorte! – o pai se exaltava – Por muita sorte! Mas não quero mais falar sobre isso. E não quero mais saber que você está mantendo esse tipo de amizade.

Carolina ficou em choque. Agora, além da mãe de José, seus pais também não queriam sua amizade com o menino.

- Mas... – a menina começava a chorar – Mamãe, fale alguma coisa.

- Minha filha, seu pai tem razão – a mãe disse, tranquila. – É melhor que você evite esse tipo de amizade. E agora, pare de chorar. O jantar já será servido.

Carolina fez o possível para controlar o choro, mas algumas lágrimas ainda continuaram caindo. O jantar foi servido e não se falou mais no assunto naquele dia.

---

O aniversário de Carolina se aproximava, e ela não podia estar mais triste. Desde que conversara com seus pais sobre José, a menina percebeu que os reis não entendiam o quanto aquela amizade era boa para ela, e, por isso, decidiu desobedecê-los e continuar encontrando o menino para brincar. Agora, porém, esses encontros eram mais raros e muito mais escondidos. Nem mesmo a ama de Carolina, a quem ela costumava contar tudo, sabia dessa amizade, pois a princesa tinha medo de que Lara contasse a seus pais sobre a desobediência.

Nos almoços e jantares em que estava com os pais, Carolina fingia estar alegre, mas sempre tentava puxar o assunto sobre José novamente, sem conseguir. Ela não concordava com tudo que seus pais disseram, e buscava uma oportunidade de dizer isso sempre que

possível. Na maioria das vezes, porém, os pais diziam que não voltariam ao assunto, e Carolina não podia fazer mais nada além de se calar e obedecer.

Em um desses jantares, a princesa estava muito calada, apenas sentada com postura e educação, enquanto ouvia seus pais empolgados planejando sua festa de aniversário, que aconteceria em alguns meses.

- 10 anos! É uma data muito importante na vida de alguém. A primeira década de vida da minha pequena. – o rei dizia, empolgado, enquanto apertava a bochecha de Carolina.

- A festa será um sucesso, eu tenho certeza! – disse a rainha. – Convidaremos todos os nossos amigos e amigas!

Carolina viu ali uma oportunidade.

- Todos os seus amigos e amigas virão, mamãe?

- Sim, minha filha. Já estamos preparando os convites.

- E eu vou poder chamar todos os meus amigos e amigas?

A mãe, achando que Carolina se referia aos amiguinhos e amiguinhas filhos dos nobres da corte, concordou com a cabeça.

- Todos eles!

- Então vou convidar o José.

O rei e a rainha ficaram sérios. A rainha quase deixou cair a taça em que bebia, tamanha foi a sua surpresa.

- Carolina, nós já falamos sobre isso. – o rei falava com sua voz grossa.

- Ué, mas mamãe disse que eu poderia chamar todos os meus amigos!

- Exato. Seus amigos. E até onde sei, você foi proibida de manter a amizade com esse menino. Ou por acaso você nos desobedeceu?

Carolina quase disse a verdade. Quase falou que ainda brincava com José de vez em quando e que achava horrível tudo que seus pais disseram sobre ele antes.

- Não, papai. Não desobedeci. Eu só queria...

- Não há nada que querer. Já estou cansado de discutir esse assunto. A partir de agora, eu não quero nunca mais ouvir falar no nome desse menino, está me entendendo? Ou então serei obrigado a expulsá-lo do castelo junto com sua mãe.

Carolina se assustou. Prometeu ao pai que nunca maisalaria no assunto, e dessa vez pretendia realmente cumprir a promessa. Ela não podia permitir que a mãe de José perdesse o emprego por culpa dela.

A mãe levantou uma das mãos, indicando que fosse servida a sobremesa. Logo, alguns criados levavam as louças utilizadas no jantar e traziam pequenos pratos com bolo e sorvete.

- Acho que essa pode ser a sobremesa no dia do seu aniversário, querida, que tal? – a mãe tentava voltar a uma conversa sem brigas.

- Claro, mamãe, acho ótimo. – Carolina respondeu fingindo empolgação, mas sentindo-se triste e desanimada por dentro.

---

Os preparativos para a festa de Carolina estavam quase prontos. Faltava pouco para o grande dia, e a princesa tentava parecer empolgada enquanto ajudava a escolher a decoração e o cardápio da comemoração. Em um dia específico, porém, ela realmente acordou feliz e animada: era o dia do aniversário de José. Sem ninguém ver, foi até a cozinha e conseguiu pegar da geladeira dois bolinhos de chocolate, que seriam parte do chá da tarde daquele dia. Escondeu-os dentro da roupa e correu ao encontro do amigo, que já a esperava no jardim, em uma parte mais escondida, perto do lago.

- Parabéns pra você! – ela gritou, chegando perto do amigo e tirando os bolinhos da dentro das vestes – Trouxe pra comemorarmos!

- Que legal, Carol, *brigado*. É de chocolate? Adoro bolo de chocolate. – o menino pegou um dos bolinhos e já estava mordendo.

- Ei, espera! Você não fez um pedido!

Ele parou de morder e pensou um pouco. De repente, falou:

- Quero que a gente *seje* feliz. E quero voltar pra escola *pra mim aprender* mais e poder ser seu amigo, sem ninguém falando que eu sou um *pobrema*.

Carolina riu.

- José, está tudo errado!

- O quê? – ele olhou pra ela, surpreso.

- Não era pra você ter falado o pedido, e sim pensado. Dizem que quando se fala, não se realiza.

- Ah, eu *num* acredito nisso não. *Meus pedido vai se realizar* sim.

Os dois riram e continuaram comendo os bolinhos. Brincaram um pouco com os peixes do lago, mas logo José se levantou e disse que precisava ir embora.

- Minha mãe *ta me esperano*. Ela tem folga de tarde. *A gente vamo* comer um bolo que ela fez. – de repente, ele ficou triste – Pena que *cê num* pode ir...

- É, é uma pena... – Carolina também ficara triste – Mas não quero que você fique chateado hoje, é o seu dia! Aproveita com a sua mãe, e nos encontramos de novo quando der.

Ele concordou com a cabeça, tentando sorrir. Deu tchau para a amiga e saiu em direção ao castelo. Carolina ficou ainda um tempo perto do lago. Ela deitou-se na grama, com as mãos atrás da cabeça e ficou olhando para as nuvens no céu enquanto pensava. Por que os pais falavam coisas tão ruins sobre José? Ele era um menino tão legal, educado, divertido. Claro que ele tinha um jeito muito diferente de falar, mas Carolina agora já nem percebia mais. Por que isso era tão importante, afinal?

A princesa nem percebeu quando caiu no sono, e levou um susto ao ser acordada pela ama.

- Princesa! Graças aos céus! Eu estava desesperada atrás de você.

- Oi, Lara... – Carolina abriu os olhos, ainda sonolenta, só então percebendo que já havia escurecido – Eu cochilei...

- Você quase me mata do coração, menina! Vamos, levante-se, que já está quase na hora do jantar e você ainda precisa se lavar e se trocar. E veja só, seu cabelo está cheio de grama. Precisamos arrumá-lo também. Imagine se seus pais a encontram nesse estado!

As duas seguiram para o quarto da princesa, onde a ama a ajudou a fazer tudo que precisava para estar limpa e bem arrumada a tempo do jantar. Depois de pronta, a princesa correu até a grande sala onde sempre fazia as refeições com seus pais, e se surpreendeu ao ver que somente a mãe a esperava na mesa.

- Mamãe, me desculpe o atraso. Eu me distraí e... Cadê o papai?

- Ele não está se sentindo muito bem, filha, e não nos acompanhará para o jantar. – a mãe parecia preocupada – Mas vamos, sente-se. Estava apenas aguardando a sua chegada para autorizar que sirvam os pratos.

Carolina se sentou, e logo o jantar foi servido. Tanto ela quanto a mãe comeram em silêncio, e nas poucas vezes em que a princesa tentou iniciar algum assunto, a mãe respondeu com poucas palavras e logo se calou novamente.

Era estranho para as duas jantarem sem o rei. Desde que Carolina podia se lembrar, isso nunca havia acontecido. O pai sempre as acompanhava nas refeições, mesmo que estivesse indisposto. Cancelava reuniões, fazia com que todos o esperassem se fosse preciso, mas não deixava de compartilhar esse momento com sua família. Carolina decidiu que não perguntaria mais nada a mãe, mas que, assim que pudesse, iria ver o pai para saber o que estava acontecendo.

---

No dia seguinte, Carolina resolveu ir logo cedo ao quarto dos pais. Isso não era comum, pois o rei e a rainha gostavam de ter privacidade para realizarem seus afazeres matinais. Carolina sempre fazia o mesmo em seu quarto, ajudada por Lara, e só via os pais quando ambos estavam à mesa, aguardando-a para o café da manhã.

Ela não vira o pai desde o dia anterior, e a mãe não dissera mais nada sobre sua situação. Por isso, assim que acordou, Carolina saiu do seu quarto devagar e sem fazer barulho, e foi até a porta do quarto dos pais. Deu duas batidas fortes na porta e esperou. Logo alguém veio até a porta e a abriu.

- Carolina! O que faz aqui? – era a mãe.

- Vim ver o papai.

- Você sabe que não está autorizada a vir ao nosso quarto neste horário.

- Por favor, mamãe. – ela implorou – Eu estou preocupada com ele...

A mãe respirou fundo e acabou deixando a menina entrar. Carolina logo viu seu pai deitado à cama, o rosto pálido e os olhos com olheiras, como se não estivesse conseguindo dormir há muitos dias. Chegou perto dele e o chamou:

- Papai?

Ele olhou pra ela e com muito esforço, levantou a mão, que Carolina pegou entre as suas e beijou com carinho.

- Minha filha... – o rei falava com dificuldade. Estava mesmo muito mal.

- Papai, o que você tem? Por que está assim?

- Eu não sei, minha filha... Mas, fique tranquila... eu vou melhorar...

Carolina concordou com a cabeça, mas não sabia se devia acreditar. Nunca tinha visto o pai com uma aparência tão ruim. Ela ficou ainda um tempo ao lado dele, sentada na cama, segurando sua mão e fazendo carinho em sua cabeça, mas logo precisou sair, pois o médico da família chegara para examinar o rei.

- Vá brincar, Carolina, que o Doutor Carlos agora vai cuidar do papai. – a mãe disse, com carinho, enquanto levava a menina para fora do cômodo.

Carolina saiu, mas queria ter ficado. Queria saber o que o médico ia dizer. Claro que ela não iria entender nada, mas mesmo assim, queria estar lá para ouvir.

Ela correu para o jardim, para o cantinho escondido onde costumava encontrar com seu amigo José, e ficou muito feliz ao ver que o amigo estava lá esperando por ela.

- Carol, pensei que *cê num ia vim*. – ele sorriu ao ver a amiga.

- Ah, José, você não sabe... o meu pai... meu papai está muito doente... – Carolina chorava. Os dois se sentaram sobre umas pedras e José tentou consolá-la.

- *Num* fica assim, Carol, ele vai melhorar. Eu vi o médico *entran*o no castelo...

- Sim, ele veio ver o papai. Mas, não sei... ele pareceu estar muito mal...

- *Num* pensa assim não. *Cê* vai ver, ele vai ficar bom.

Os dois ficaram ainda um tempo ali conversando, e José começou a fazer piadas e gracinhas para distrair Carolina, que conseguiu, ao menos, rir um pouco e esquecer a preocupação com seu pai. Logo, porém, que ela viu o médico sair do castelo, se despediu de José e correu para o quarto dos pais, para saber o que estava acontecendo. Ela chegou a tempo de ouvir sua mãe, na porta, conversando com Lara, sua ama.

- ...e o Doutor Carlos disse não saber o que fazer. – sua mãe tentava se manter calma, mas Carolina via as lágrimas em seus olhos – Ele nunca viu algo assim... Ele é o melhor médico do nosso reino, não temos mais a quem recorrer...

A ama concordava com a cabeça, visivelmente triste, enquanto segurava a mão da rainha com respeito.

- Vamos encontrar uma forma de curá-lo, rainha. Um milagre ainda pode acontecer.

Carolina virou-se e voltou em silêncio para seu quarto. Ela tinha razão em estar preocupada. O que seu pai tinha, nem mesmo o melhor médico do reino poderia curar. A menina deitou na cama e abraçou o travesseiro, chorando. Será que perderia seu pai? Não, alguém ia ter que conseguir curá-lo. Não era possível uma doença aparecer assim tão rápido e ninguém saber como resolver o problema. Ela acabou adormecendo, e sonhou com um médico desconhecido que surgia e salvava seu pai.

---

Os próximos dias de Carolina passaram cheios de tristeza. O pai não mais a acompanhava para as refeições, e a rainha estava a cada dia mais deprimida. Carolina visitava o pai no quarto todos os dias, e sempre notava que ele estava pior. Faltavam poucos dias para o seu aniversário, e a menina chorava ao pensar que poderia não ter seu pai com ela no dia da comemoração.

Em um desses dias, ela estava em seu quarto, sozinha, e tentava se distrair com suas bonecas, quando ouviu uma batida na porta. Correu para abri-la e deu de cara com José, que olhava para os lados, preocupado que alguém o visse ali.

- José! – a menina estava surpresa – O que faz aqui?

- Minha mãe *vai ir no* mercado. Aí ela *mandou eu* na cozinha pra perguntar o que tinha que comprar. Vim *correno* aqui pra falar com você um troço importante. *Deixa eu* entrar, senão *as camareira vai me* ver.

José entrou e Carolina fechou a porta.

- Mas o que é tão importante? – Carolina estava curiosa.

- Eu encontrei um moço que sabe o que seu pai tem.

- O quê? Você jura? É sério, José?

- Sério! – o menino sorria – Ele é médico, mas *num* é famoso. Trata o povo lá de onde eu moro, e todo mundo fica bom. Eu falei com ele, ele disse que sabe como deixar seu pai bom de novo.

- Que maravilha, José! – a menina o abraçou – Mas por que você já não trouxe esse médico aqui?

- Eu *num* sei se *os guarda vai* deixar ele entrar... Ele é tipo eu, Carol... *num* tem dinheiro, fala que nem eu...

- Ora, e o que isso importa? Se ele sabe o que fazer pra curar meu pai, ele pode ser de qualquer jeito, desde que consiga realmente curá-lo!

- Então *ta...* eu vou falar com ele pra *vim* aqui hoje.

- Obrigada, José! – Carolina deu um beijo no rosto do menino, que logo fica vermelho e envergonhado. Ele se despede e sai, e Carolina vai logo depois, animada para contar para sua mãe a grande novidade.

---

Quando Carolina chegou à sala das refeições para o almoço, sua mãe já estava lá. A menina estava tão animada que correu ao encontro da mãe, deixando de lado todas as regras já combinadas sobre o comportamento à mesa.

- Mamãe, mamãe! Eu já sei como curar o papai!

A rainha olhou para a filha, surpresa.

- O que está dizendo, Carolina?

- Mamãe, o José conhece um médico, ele disse que esse médico sabe como curar o papai!

- José? Você quer dizer, aquele menino que nós a proibimos de ver?

Carolina parou de sorrir.

- Sim, mamãe, mas...

- Carolina, você está me dizendo que desobedeceu as ordens minhas e de seu pai? Que continuou a amizade com esse menino mesmo depois de tudo que nós lhe dissemos?

- Mamãe, me perdoe, mas ele conhece um médico e...



- Não quero saber, Carolina. Estou muito decepcionada com você. Primeiro por nos desobedecer e segundo por vir com essa história de outro médico para tratar seu pai. Já chamamos o melhor médico do reino, e ele já está tratando seu pai...

- Mamãe, eu sei que ele não sabe curar o papai. Eu escutei você falando com a Lara. A rainha agora estava irritada.

- Então quer dizer que além de nos desobedecer, ainda está me espionando? É isso, Carolina? Eu nunca estive tão decepcionada com você. Por favor, retire-se e vá para o seu quarto. Vou pedir que levem seu almoço para lá.

Carolina abaixou a cabeça e seguiu a ordem de sua mãe. Não adiantava falar mais nada, ela não ia dar atenção. Voltou para seu quarto sem saber o que faria. Quando chegou lá, encontrou sua ama organizando suas roupas que acabaram de ser lavadas.

- Princesa, o que faz aqui? Não devia estar almoçando com sua mãe, a rainha?

- Oh, Lara, minha mãe me mandou vir para o quarto, para almoçar aqui. Na verdade nem tenho fome... Estou tão triste...

Carolina se deitou na cama, e Lara foi ao seu encontro. A ama sentou-se e colocou a cabeça da menina sobre seu colo.

- Pois me conte, minha querida. O que está acontecendo?

Carolina então começou a contar tudo que acontecera. Como desobedecera aos pais e continuara a amizade com José, como descobrira que o médico mais famoso do reino não conseguiria curar seu pai e como o amigo havia oferecido uma solução para o problema. Ao terminar, a princesa tinha lágrimas nos olhos.

- E então, Lara, eu não sei o que fazer... Eu quero ajudar meu pai, mas eles não aceitam...

- Fique tranquila, princesa. – a ama fazia carinho nos cabelos de Carolina. – Nós vamos resolver isso...

- Nós, Lara? – a menina levantou, surpresa – Você quer dizer que...

- Eu estou muito preocupada com a saúde do rei e acredito que sei de que médico seu amigo está falando. Ele é bem conhecido no povoado, mas nunca foi considerado um dos melhores apenas por se tratar de um homem pobre, que aprendeu tudo o que sabe com o pai... Ele fala pouco e o pouco que diz, está geralmente cheio de erros... Mas, de fato, já curou muitas e muitas pessoas. Então... eu vou ajudá-la a trazê-lo pra cá para ver seu pai.

As duas se abraçaram e Carolina voltou a sorrir. De repente, ouviram uma batida na porta. Eram os criados trazendo o almoço da princesa. A conversa animadora com Lara abriu

o apetite da menina, que devorou tudo em poucos minutos, ansiosa para poder colocar em prática o plano que ela e a ama começavam a tramar.

José apareceu algumas horas depois, se assustando ao ver que Carolina não estava sozinha no quarto.

- Oi, Carol... Ih! Dona Lara. Eu *num* vim *pertubar* a princesa, não, é que...

- Fique tranquilo, José. A Lara está do nosso lado! Mas, me diga, onde está o médico que você prometeu trazer?

- É isso que eu vim falar. Ele *ta* lá no portão, mas *os cavaleiro num quer* deixar ele entrar.

- Ah, mas isso nós vamos resolver agora, certo, Lara?

- É pra já, princesa.

Carolina, Lara e José caminharam juntos até os portões do castelo, onde logo viram, de longe, um senhor de roupa simples segurando uma pequena maleta. Ele tentava pedir aos guardas que o deixassem passar, mas os dois homens à sua frente mantinham as grades fechadas.

- Me *chamaro* aqui pra *mim* ver o rei, ele *ta precisano* de médico...

- O Doutor Carlos já o atendeu. E de todo modo, não tente nos enganar. O senhor não pode ser médico, falando dessa maneira!

- Ora, mas eu sou! Essa é minha *manera* de falar, me *criaro* assim... Mas eu sei muita coisa, já curei *várias pessoa*...

- Senhor, ele está dizendo a verdade – Carolina interrompeu a conversa. – Por favor, deixem-no passar.

- Princesa – os guardas do portão fizeram uma reverência – Infelizmente não podemos autorizar. A senhorita ainda é uma criança, nós só podemos seguir ordens do rei ou da rainha.

- Pois a rainha me pediu para vir até aqui com a princesa para autorizar a entrada deste senhor. – Lara disse, com voz firme e séria.

- Sinto muito, senhora Lara, mas... – começou a dizer um dos guardas.

- Acho que devemos verificar com a rainha – completou o outro.

- Claro. – concordou Lara - Fiquem à vontade. Saiam de seu posto, deixando o castelo sem segurança nos portões e subam até o quarto do rei, onde a rainha se encontra afundada em tristeza pela doença do marido e a incomodem com uma pergunta estúpida, que somente a fará perceber que vocês fizeram o médico perder um tempo que pode ser essencial para a recuperação da saúde de nosso governante.

Lara os olhava, séria. Os dois guardas se olharam por alguns segundos, logo decidindo que o melhor a fazer era abrir os portões para o tal médico. O doutor entrou no castelo agradecendo, e foi diretamente falar com José.

- Menino José! Você *num* me disse que ia ser difícil assim pra entrar no castelo...

- *Desculpa, dotor* Marcos. Eu *num* sabia...

- Doutor Marcos, muito prazer – Carolina se apresentou, ansiosa – Eu sou Carolina, a princesa, filha do rei Miguel. Será que nós podemos subir logo para o quarto do meu pai? Estou preocupada com ele.

- Claro, menina, só *num* sei onde é o quarto, mas *cês* pode ir me *guiano*...

José tomou a frente, chamando o doutor para segui-lo. Lara ficou um pouco mais atrás, e comentou baixinho com Carolina:

- Princesa, você realmente não acha estranha essa maneira de falar de um... médico?

- Claro que não, Lara. Desde quando a maneira de falar de uma pessoa tem a ver com a inteligência dela? Se fosse assim, esse moço não seria médico e José não seria tão esperto...

As duas apertaram o passo e logo todos chegaram ao corredor do quarto do rei.

- Doutor, espere um pouco – Carolina disse, fazendo com que todos parassem. – Lara?

- Já estou indo, princesa.

A ama seguiu em direção ao quarto do rei enquanto Carolina chamava José e o doutor para se esconderem atrás de uma das armaduras que ficavam no corredor. A ama bateu na porta do quarto do rei, e logo a rainha veio atendê-la.

- O que deseja, Lara?

- Senhora, me perdoe incomodá-la, mas está acontecendo uma confusão na cozinha!

- Confusão? Do que está falando, Lara?

- Uma das cozinheiras insiste em dizer que a senhora pediu frango para o jantar, enquanto a outra afirma que foi salmão. Estão discutindo e se exaltando. Somente a senhora pode resolver essa situação.

A rainha suspirou, mas logo fechou a porta e seguiu com Lara o caminho contrário ao que estavam Carolina, José e o médico, escondidos. Quando viram que não havia mais ninguém no corredor, os três correram para o quarto do rei.

- José, você fica aqui fora. – Carolina indicou ao amigo, que concordou com a cabeça – Se aparecer alguém, nos avise.

- *Pó dexar*, Carol!

A princesa e o médico entraram no aposento e Carolina se assustou ao ver o pai ainda mais pálido do que antes.

- Oi, papai. – ela disse, baixinho – Eu trouxe um novo médico pra cuidar de você. Tenho certeza que ele vai conseguir te curar, e logo você estará de pé novamente. O doutor vai examinar você agora.

O rei, de tão fraco, não conseguia nem mesmo falar. Apenas se mantinha de olhos abertos, olhando para Carolina e para o médico que ali estava e que ele não conhecia. Doutor Marcos parecia saber exatamente o que fazer. Abriu sua maletinha e começou a tirar vários objetos. Alguns Carolina já tinha visto na maleta grande e chique do doutor Carlos, mas outros ela nem mesmo sabia o que eram. Apesar da curiosidade, ela não perguntou nada. Apenas ficou observando enquanto o médico examinava seu pai e fazia expressões que indicavam que sabia o que estava causando todo aquele mal estar.

Depois de terminadas as verificações, o doutor pegou um pequeno frasco dentro de sua maleta e entregou a Carolina.

- *Dá pra ele isso três vez por dia. Ele vai ficar com muito sono, mas pode deixar ele dormino, num faz mal. Só num esquece.*

- Pode ficar tranquilo, doutor, eu não esquecerei! Isso vai fazer meu pai melhorar mesmo, não é?

- Se *num* fizer, pode mandar me prender *nas masmorra* do castelo!

O doutor saiu do quarto e Carolina foi até seu pai na cama.

- Papai, você ouviu o médico, não é? Você vai melhorar!

O pai a olhava preocupado.

- Eu sei que você não gosta da maneira como ele fala, mas... vamos dar uma chance, papai. Vem, vamos tomar o remédio.

A menina ajudou o pai a se sentar e lhe deu o remédio. O rei voltou a se deitar e logo começou a ficar sonolento, virando-se para o lado e dormindo. Carolina deu um beijo na testa do pai e saiu de seu quarto, encontrando José perto da porta, ainda atento.

- Carol, o *dotor* já foi embora. Falou pra você *num* esquecer o que ele mandou. O que é?

- Ele me deu um remédio para o papai. Disse que ele vai melhorar. Agora eu só preciso enrolar minha mãe todas as vezes que precisar dar o remédio a ele.

- Isso *nós faz*. Eu posso fazer *umas bagunça* pelo castelo pra ela ir me dar bronca...

- Não precisa, José – Carolina ria – Vamos arranjar outro jeito. Ei, espera. Eu ouço passos. Acho que minha mãe está voltando! Corre, José, depois nós nos falamos de novo!

Os dois saíram correndo, Carolina para seu quarto e José para sua mãe. Quando chegou ao quarto, Carolina guardou o vidrinho do remédio dentro de sua mesa de cabeceira, e sorriu, sabendo que seu pai finalmente ficaria saudável de novo.

---

Faltava apenas um dia para o aniversário de Carolina, e era o terceiro dia em que ela dava ao seu pai o remédio indicado pelo doutor Marcos. Sua ama, Lara, tinha sido de grande ajuda nesses dias, sempre chamando a rainha para resolver algum problema, ou para conversar, ou tomar chá, e nesses momentos Carolina aproveitava para ir até o quarto de seu pai e continuar o tratamento.

Nesse dia específico, porém, Lara não conseguiu manter a rainha ocupada por tempo suficiente para que Carolina terminasse sua missão. A menina levou um susto quando viu sua mãe entrar no quarto no momento em que ela se preparava para acordar seu pai e oferecer mais uma dose do medicamento.

- Carolina, o que está fazendo?

- Eu... é... Mamãe, por favor, não se zangue...

- O que está dando para seu pai? – ela foi até Carolina, pegando o pequeno vidro de sua mão – Quem te deu isso, Carolina?

- Foi o médico, mamãe...

- O doutor Carlos te deu isso?

Carolina tentou pensar em uma desculpa, mas resolveu que era melhor falar a verdade.

- Não. Eu trouxe outro médico aqui. O que eu falei naquele dia, conhecido do José. Ele visitou o papai há três dias, e me mandou dar esse remédio a ele. E é o que eu estou fazendo.

A rainha parecia não acreditar.

- Carolina, você tem ideia do que está arriscando? Você não conhece essa gente, como pode aceitar algo assim, sem saber do que se trata? Como pode arriscar a vida do seu pai dando a ele um suposto remédio indicado por... por um deles?

- Mamãe, eu não entendo! Por que fala como se eles fossem diferentes de nós? Eles não são!

- Não fale bobagens, Carolina! Está muito clara a diferença entre o nosso tipo de pessoa e o tipo deles. Veja pela forma de falar do seu amiguinho. Não há como negar de onde ele veio, claramente não tem instrução, se nem mesmo falar direito ele sabe! E tenho certeza que o médico que ele indicou é da mesma laia!

- Mas mamãe...

- Já chega, Carolina! Tenho sido muito paciente com você, mas agora você passou dos limites. Vá para seu quarto! Só vai sair de lá quando eu autorizar.

A menina respirou fundo. Era impossível conversar com sua mãe desse jeito. Decidiu que o melhor a fazer era seguir suas ordens e esperar que o que conseguira dar de remédio a seu pai fosse o suficiente. Foi até a cama e lhe deu um beijo na testa, virando-se logo depois para sair.

- Carolina?

Tanto a princesa quanto a rainha se viraram, assustadas.

- Papai? – Carolina voltou correndo para a cama, pegando na mão de seu pai.

- Miguel? Oh, Miguel, meu amor, você está conseguindo falar! – a rainha fez o mesmo que Carolina, sentando-se ao lado do marido na cama. – Como está se sentindo?

- Muito bem, na verdade. – ele disse, sorrindo – Já não sinto o mal estar que me incomodava desde o início dessa doença. Muito pelo contrário, me sinto muito bem disposto.

- Mesmo, papai? Isso é maravilhoso!

- Sim, meu querido. Nós já estávamos tão preocupadas...

O rei se acomoda melhor na cama, sentando-se, e pega as mãos das duas.

- E tinham motivo para estarem. Eu não sei o que aconteceu, mas eu estava me sentindo muito mal. Quando o doutor Carlos veio aqui e não fez absolutamente nada, eu já sabia que estava condenado. Mas então Carolina trouxe esse outro médico, e começou a me dar um remédio todos os dias... E aos poucos fui me sentindo melhor. Ainda não tinha forças para me levantar e falar, mas sentia que logo esse dia chegaria. E finalmente, me sinto curado! – o rei sorriu, feliz.

Carolina sorriu também, mas sua mãe, a rainha, começou a chorar.

- Mamãe, por que está chorando? O papai está bem!

- Graças a você, minha filha. E eu briguei com você... Me desculpe, querida, por favor.

- Não precisa pedir desculpas, mamãe. – Carolina deu um beijo no rosto de sua mãe – Eu sei que você só queria o bem do papai.

A rainha sorriu, feliz por ter uma filha tão bondosa e inteligente.

- Eu só não entendo... – Carolina começou a falar, olhando para seus pais – Por que vocês têm tanta raiva de pessoas que falam como o José?

O rei e a rainha ficaram pensativos, sem saber o que responder.

- Sabe, eu também achava estranho o jeito que ele falava, no início – a princesa continuou – mas depois eu fui vendo que não tinha nenhum motivo pra me incomodar com

isso. Todos nós somos pessoas diferentes. Meu rosto é diferente do de todas as outras meninas do mundo, meu cabelo é diferente do cabelo da maioria das pessoas que eu conheço, meu nome é diferente... Por que a fala também não pode ser?

- Filha... – era o pai quem falava – Você não sabe como eu me arrependo de ter dito aquelas coisas sobre seu amigo. Acho que só repeti o que meu pai me ensinou.

- Mas o vovô viveu tantos anos atrás, papai. Tudo era diferente. Agora, nós já sabemos que a maneira de falar de uma pessoa não muda nada em relação ao caráter dela ou à inteligência que ela tem. O médico que eu trouxe para vê-lo, por exemplo, falava assim como o José e, veja! Ele te curou!

Rei e rainha se olharam, de repente sabendo que sua filha tinha total razão no que dizia.

- Carolina está certa – era a mãe que falava, com lágrimas nos olhos – Se não fosse por esse médico, de quem eu tanto desconfiei apenas por ser diferente de nós, você poderia nem estar mais aqui, Miguel.

- Acho que estamos aprendendo uma grande lição com nossa filha, Helena. – o rei olhava para a princesa enquanto falava – Não devemos achar que algo é ruim ou errado somente porque é diferente de nós. E é por isso, Carolina, que eu quero que convide José e sua família para a sua festa. Ah, e o médico que me curou também!

- Oh, papai, obrigada! Estou tão feliz que amanhã é o meu aniversário e você vai estar comigo! – disse Carolina, animada.

- Pelos céus! Com toda essa situação, eu deixei de lado os preparativos para a festa. – a rainha se levantou da cama – Preciso correr, faltam muitas coisas pra resolver.

- Eu ajudo, mamãe!

- E eu também – o rei se levantou, já forte novamente – Estou pronto para qualquer trabalho!

Os três riram e logo estavam seguindo para o grande salão, onde começaram a verificar tudo o que faltava para que a grande festa de Carolina se realizasse no dia seguinte.

---

A festa de Carolina foi um grande sucesso. Todos os convidados se divertiram muito, principalmente José, que nunca havia participado de uma festa dentro do castelo. A pedido de Carolina, ele convidou algumas crianças do povoado, todas da mesma idade de José, e Carolina ganhou ainda mais amigos. Ela os apresentou para os filhos e filhas dos nobres da

corde, que, em um primeiro momento, acharam esquisita a forma de falar das crianças do povoado, mas logo, com insistência da princesa, começaram a perceber que era bobagem se incomodar com algo que não fazia a menor diferença. Logo todos estavam se divertindo juntos, correndo pelo pátio do castelo e inventando brincadeiras cada vez mais alegres e divertidas.

O rei, ao reconhecer na festa o médico que o curou, foi até ele, apertando sua mão e agradecendo muitas e muitas vezes por tê-lo curado. O médico apenas sorria e aceitava o cumprimento. Já quase no fim da festa, o rei anunciou que, a partir daquele dia, o doutor Marcos seria considerado o seu médico de confiança. Todos aplaudiram. A mãe de José, apesar de feliz por ter sido convidada a participar da festa, estava sem jeito e envergonhada, pois não sabia como se comportar em uma ocasião tão chique. Mas logo a rainha sentou-se ao seu lado e começou a conversar com ela, que, de primeira ficou ainda mais envergonhada e assustada, mas logo se soltou e, em pouco tempo, as duas papeavam como se fossem velhas amigas.

No fim da festa, foi cantado o parabéns, e Carolina teve que fazer um pedido antes de apagar as dez velinhas que enfeitavam seu grande bolo. Ela fechou os olhos e pensou: “Que todos nós possamos sempre nos lembrar que não importa o que temos de diferente, mas sim que, no fundo, somos iguais.”. Abriu os olhos e soprou com vontade, apagando todas as velas de uma vez só. Todos aplaudiram e logo o bolo foi servido. Estava uma delícia, todos os convidados disseram. A festa ainda continuou após o corte do bolo, porque as pessoas não queriam ir embora. Estavam todos muito felizes e animados, a banda tocava músicas animadas e os adultos não paravam de dançar, enquanto as crianças brincavam e riam em uma alegria contagiante.

A festa acabaria em algum momento, é claro. Mas todos ali sabiam que, depois desse dia, muita coisa havia mudado. Muitos pensamentos ruins foram eliminados e, agora, todos podiam ser amigos, respeitando as diferenças um dos outros. E, assim, todos ali poderiam ser felizes. E eles foram. Felizes para sempre.

### **3.3 Trabalho de conclusão de disciplina: “Você em 2023”**

Este segundo texto também foi produzido em 2018 como um trabalho de conclusão de uma disciplina do curso de doutorado e provocou uma reflexão acerca de questões inerentes à



universidade e ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O objetivo da proposta era fornecer uma resposta a um questionamento específico. A resposta para este questionamento, entretanto, deveria ser pensada imaginando-se um futuro – especificamente o ano de 2023 –, em uma situação política diferenciada e levando em consideração esses fatores para a construção da argumentação.

Como a estrutura do trabalho em questão não foi determinada, produzi um texto narrativo (que pode ser definido como um conto) com traços distópicos, criando uma situação em que um governo autoritário e antidemocrático assumia o poder de nosso país e, em razão disso, as consequências para a universidade e seus estudantes e profissionais seriam desastrosas. A partir dessa ideia, percebi que era interessante utilizar esse tipo de narrativa para abordar temas complexos, e o preconceito linguístico – tema principal desta tese – é um deles. Esse trabalho foi o primeiro esboço da ideia que viria a gerar o romance “Seje Livre”.

### 3.3.1 A narrativa “Você em 2023”

#### **Conhecendo Ana**

*(agosto de 2023)*

Acordei com o barulho estridente do telefone. Cheguei a pensar que estava sonhando e me virei para o outro lado da cama, colocando uma almofada sobre o rosto, de modo a abafar o som.

Mas o barulho continuou. E continuou, e continuou...

Quem poderia ser? Levantei-me já disposta a xingar quem quer que fosse, e antes de chegar ao telefone, passei pelo relógio que ficava na estante, reparando que ainda era muito cedo. Cedo demais para me acordarem.

- Alô? – minha voz transparecia sono e raiva.

- Alô? Bom dia. Desculpe, te acordei? – era uma voz feminina que eu não reconheci.

- Quem é? – quase gritei, só depois percebendo que isso fazia minha cabeça doer.

- Ah, desculpa. Meu nome é Juliana, sou aluna da UERJ. Eu falo com a Doutora Ana Ribeiro?

Demorei alguns segundos para ter certeza do que ouvira. Doutora. Desde a minha defesa, há dois anos, ninguém me chamava assim.

- Alô? – a voz no telefone insistia.

- Oi, sim. Sou eu mesma.

- Muito prazer! Nossa, que alegria conseguir falar com você. Tentamos mandar *e-mail*, mas não tivemos resposta... E esse telefone foi difícil de conseguir, nós tivemos que...

- Sim, sim, e o que você deseja? – eu ainda estava irritada e sonolenta.

- É... – a voz pareceu constrangida – eu represento um grupo de estudantes de Letras da UERJ. – ela fez uma pausa, como se pensasse bem no que ia dizer – Nós queríamos a sua ajuda em um projeto. Gostaríamos de marcar uma reunião. Seria sobre... os seus trabalhos.

Fiquei intrigada. Eu não podia discutir sobre meus trabalhos, e ela provavelmente sabia disso.

- Juliana, não é? Então, você já deve saber que eu não posso...

- Sim, eu sei. – agora foi a vez dela de me cortar – Mas é necessário. Garanto que é seguro. Por favor. Nós admiramos muito tudo o que fez.

Respirei fundo.

- Você disse que me mandou um *e-mail*, não é?

- Sim, vários, na verdade.

- Me mande então as informações sobre essa reunião, e eu verei o que vou fazer. – eu não pretendia ir em reunião nenhuma, mas queria me livrar dessa ligação e voltar pra cama o mais rápido possível.

- Jura? – a voz dela agora era toda alegria - Muito obrigada! Vou enviar agora mesmo!

- Ok. Era só isso, certo? Preciso desligar.

- Sim, sim, muito obrigada! Nos vemos na reunião!

Desliguei o telefone me perguntando por que ainda mantinha esse exemplar antiquado de um meio de comunicação que as pessoas quase não utilizavam. Ao menos, que *eu* odiava utilizar.

Eu não tinha um celular. Havia sido roubada há alguns meses e simplesmente não senti a necessidade de comprar outro. É claro, havia também o fato de que os celulares custavam absurdos, e eu, sem emprego, definitivamente não conseguia pagar por um.

Voltei pra cama ainda irritada pelo telefonema inesperado. Como essa menina conseguiu meu número, afinal? Eu não o passava pra ninguém. Somente meus pais o tinham, e, mesmo assim, eu de vez em quando o deixava fora do gancho, pra que nem eles conseguissem contato comigo.

Ela disse querer falar sobre meus trabalhos... mas como? Eu não posso falar sobre isso. Tudo o que eu fiz durante minha faculdade, meu mestrado, meu doutorado... Eu não posso. Não desde que tudo mudou.

(março de 2021)

Eu havia acabado de defender minha tese de doutorado, e finalmente podia comemorar meu novo título acadêmico: doutora em Letras. Eu estava tão feliz, tão animada, tão esperançosa por um futuro novo, diferente, melhor.

Na época, eu trabalhava em uma escola de ensino fundamental particular. Era um emprego bom, pagava um salário razoável, mas eu não tinha incentivo algum para que continuasse meus estudos, nem um plano de carreira que me permitisse ganhar mais, ou obter algum benefício devido ao meu novo título. Além disso, meu sonho sempre fora ser professora universitária, e por isso resolvi prestar concursos pra esse cargo.

Não acreditei na minha sorte quando descobri que havia diversos concursos pra professor universitário acontecendo na mesma época em que eu finalizava o doutorado. Já tinha tentado alguns, mas não conseguira passar, até porque, com a proximidade da defesa, eu não tinha conseguido me dedicar como deveria.

Logo depois de obter meu título, três novos concursos surgiram, sendo um deles para a universidade onde vivi toda a minha carreira acadêmica: UERJ. Fiquei muito empolgada, e me preparei com afinco e vontade para os três concursos, mesmo que, no fundo, meu desejo real fosse voltar pra universidade que me acolheu durante tantos anos.

Pois bem, não passei em nenhum dos três. Nos dois primeiros, não soube ao certo o motivo – eu havia me saído muito bem em todas as etapas de ambos os processos, mas, na última hora, dois homens passaram à minha frente e conquistaram as vagas – enquanto no terceiro, justamente o da UERJ... Eu ainda me lembrava exatamente do que ouvira, atrás da porta da sala onde acabara de apresentar minha aula para a banca.

- *Ela é ótima, fala bem, já publicou bastante, ótimo currículo pra uma recém-doutora.*

- *Sim, realmente. Mas...*

- *Mas?*

- *Você sabe. A pressão que estamos sofrendo... Temos que evitar mulheres.*

Não consegui ouvir mais nada, pois logo o próximo candidato chegou e precisei sair do local. Mas aquilo ficara na minha cabeça. “Temos que evitar mulheres”. Isso era um machismo descarado, como assim eles não me aprovariam simplesmente por eu ser mulher?

Isso era absurdo, eu deveria ter escutado errado. Algumas semanas depois, o resultado: mais uma vez, eu não passara.

Lembrei-me dos concursos anteriores e algo começou a fazer sentido em minha mente. Era inacreditável, mas ainda assim, possível. Eles estavam fazendo de tudo pra não aprovar mulheres em concursos. Busquei pela internet sobre o assunto – não era possível que estivesse acontecendo somente comigo – e encontrei diversos grupos de mulheres reclamando da mesma coisa, não somente em concursos públicos, mas em empregos particulares. A justificativa de muitos desses empregadores era de que mulheres causam mais despesas para o governo e para as empresas devido ao fato de engravidarem e terem que cuidar dos filhos.

Não acreditei que isso estivesse acontecendo assim, tão descaradamente. Procurei saber sobre como agir nesses casos e vi muitas mulheres dizendo que foram a delegacias registrar a ocorrência como preconceito em relação ao sexo, mas que nada conseguiram. Ainda assim, resolvi tentar. Fui a uma delegacia próxima de minha casa e expliquei o que gostaria.

- Você só pode estar brincando, não é? – o atendente me perguntou, quase rindo.

- É claro que não. Eu fui claramente discriminada por ser mulher, e não fui a única. Muitas outras mulheres estão passando pelo mesmo, algo está acontecendo e vocês precisam fazer alguma coisa.

- Minha querida, - o atendente debruçou-se sobre o balcão, chegando mais perto de mim – você parece estar meio estressada. Pode ser sua TPM chegando, certo? Por que não vai comer um chocolate, descansar um pouco? Está perdendo seu tempo aqui, se você não conseguiu o emprego foi porque não apresentou o que eles gostariam, e só.

Meu choque foi tão grande que não soube responder. Apenas virei as costas e saí, sem saber o que fazer. Então era isso? A partir de agora, assim seriam as coisas?

Caminhando pra casa, reparei em cartazes pendurados nos postes, anunciando um candidato à presidência que uma vez havia dito que “mulheres mereciam ganhar menos por engravidarem” e que “preconceito é vitimismo”. Senti um calafrio e virei o rosto. Isso não podia estar acontecendo.

*(janeiro de 2023)*

Mas aconteceu. O tal candidato ganhara as eleições. E logo de início, havia mostrado a que viera. Aproveitando-se de um projeto de lei que buscava retirar as palavras “gênero” e “orientação sexual” dos documentos de base da educação, o novo presidente resolvera ampliar o alcance dessa lei: agora, além da palavra gênero, a palavra “preconceito” também havia sido

banida, não só dos documentos da educação, mas sim, de toda a Constituição. Segundo ele, o fato de a palavra “preconceito” existir daria margem para diversos tipos de “vitimismo” disfarçados, que fazem com que a sociedade nunca consiga realmente se respeitar e, portanto, viver em harmonia.

Um monte de baboseira, é claro, mas uma baboseira que muita gente gostou de ouvir.

A partir do momento em que essa lei foi aprovada, qualquer pessoa que se mostrasse disposta a discutir preconceitos teria somente um destino: a prisão. Uma ditadura se iniciava, mas a maioria da população parecia não perceber.

Eu mesma só notei a gravidade disso quando fui demitida do meu emprego na escola particular com a justificativa de que “meu histórico de trabalho sobre preconceito linguístico não era adequado a uma professora”. Busquei emprego em várias outras escolas e até mesmo outros locais: eu precisava sobreviver, precisava pagar as contas. Não conseguia nada, ou porque era mulher ou porque viam meu currículo e logo me descartavam. Ou as duas coisas.

Tentei mentir, mas tornou-se padrão em todos os lugares a busca pelo nome da pessoa no Google. Uma primeira busca, simples, já demonstrava que eu era, segundo eles, uma pessoa “subversiva”. Em alguns meses, percebi que não conseguiria mais nada. Me tranquei em meu apartamento – que por sorte pertencia a uma tia, que me deixava morar sem pagar aluguel – e entrei em uma depressão profunda. Meus pais começaram a me ajudar com uma mesada, mas eles também não tinham muito.

Em pouco tempo, eu fora de uma doutora recém-formada para uma rejeitada pela sociedade, exatamente pelos mesmos motivos. Tive meu celular roubado em uma das poucas vezes em que saí na rua para comprar comida e fiquei sem computador, pois meu *laptop* queimou e não tive dinheiro para consertar nem comprar outro. Não senti falta de nada disso e logo eu estava incomunicável, exceto pelo telefone antiquado que pertencera à minha tia, e através do qual fui contatada pela tal Juliana.

### **A reunião**

Eu não queria ver meu *e-mail*, eu não queria ir a nenhuma reunião. Mas minha curiosidade era grande, e na tarde seguinte ao telefonema, eu fui até uma das poucas *lan houses* que ainda existia em meu bairro e paguei cinco reais apenas para poder verificar a caixa de mensagens.

Lá estava, em meio a milhares de *e-mails* de propaganda, de cobranças, de mensagens enviadas há meses, com o assunto “Reunião”, o *e-mail* de Juliana. Era fora bem sucinta. Em apenas uma linha, escrevera: Data: 25/08. Local: Auditório do 11°. Horário: 20h.

Olhei o calendário no canto da tela, confirmando que o dia marcado era o dia seguinte. Suspirei. Teria que voltar à UERJ, voltar àquele lugar que sempre me parecera tão maravilhoso, mas que agora só vinha em minha mente para me lembrar da rejeição no último concurso que participei. Eu não precisava ir. Claro que não precisava, nada me obrigava, eu nem mesmo conhecia essa menina.

Mas por algum motivo, eu senti que devia.

---

Cheguei na UERJ no dia seguinte 10 minutos antes do combinado. Estranhei o fato de que a porta do auditório estava trancada, e imaginei que o responsável por abri-la estivesse atrasado. Às 20h em ponto, ninguém havia chegado, e eu já me sentia irritada por achar que havia sido enganada, que fora tudo um trote, claro, só poderia ser. Já estava me virando para ir embora quando ouvi uma voz me chamando.

- Ana Ribeiro? É você?

Olhei pra trás, tentando descobrir de onde vinha o som. De um dos corredores, uma menina estava meio escondida, e só após verificar que eu estava sozinha, deu alguns passos em minha direção.

- Sim, sou eu. Você é a Juliana?

Ela fez que não com a cabeça, parecendo preocupada.

- Ela já está com o pessoal na reunião. Me pediu pra vir te buscar.

- Mas a reunião não seria aqui? – eu perguntei, apontando para a porta do auditório.

- Vem comigo, por favor. A Juliana vai te explicar tudo.

Um pouco desconfiada, mas já acreditando que não tinha nada a perder, segui a menina, que disse se chamar Mariana. Não conversamos muito, pois ela parecia muito nervosa e eu, por minha vez, tentava prestar atenção no caminho que fazíamos e pra onde estávamos indo.

Percebi que seguíamos para o último corredor antes de chegarmos à faculdade de artes, que, a essa hora, estava vazio. Paramos em frente à última porta à direita e Mariana bateu com cuidado. Logo a porta se abriu, e ela me chamou para entrar. Com um pouco de medo, mas com uma curiosidade ainda maior, entrei.

A sala estava escura, apenas uma lâmpada de mesa iluminava o local, e consegui distinguir alguns rostos ali. Deviam ter umas 20 pessoas naquele lugar, mas a maioria delas estava escondida pela escuridão, e eu só percebi a presença de todos quando a menina que segurava a lâmpada – que eu imaginei ser a tal Juliana –, levantou-se e veio até mim, iluminando outros espaços no caminho.

- Eu não acredito! Doutora Ana Ribeiro, que honra!

Ela me abraçou, e isso foi tão inesperado que não consegui disfarçar meu constrangimento diante de seu entusiasmo.

- Ah, me desculpa. – ela percebeu minha reação e logo se afastou – Eu realmente não acredito que conseguimos entrar em contato e que você veio. Você... você é uma inspiração pra nós.

Olhei em volta e consegui perceber alguns olhares, todos voltados pra mim. Eu não estava entendendo absolutamente nada, e tudo aquilo me incomodava. De modo que fui curta e grossa:

- Você é a Juliana, certo? Pode me explicar o que é tudo isso?

Ela concordou com a cabeça e me chamou para sentar em uma cadeira de frente para todos, ao lado dela. Ninguém disse nada, ninguém a interrompeu. Ela era realmente a líder deles.

- Nós somos um grupo de rebeldes. Bom, ao menos é assim que nos chamam. Somos todos alunos de Letras, aqui da UERJ, todos já próximos ao fim do curso. Estamos na UERJ desde a época em que você cursava o Doutorado. Inclusive, assisti sua defesa... foi incrível.

Agradei com a cabeça, meio sem jeito. Ela continuou.

- Vimos muitas coisas mudarem na nossa Universidade desde as últimas eleições. Claro, já vivíamos em um clima de medo, de preocupações, de mudanças que afetavam a todos nós de modo negativo. Mas no início desse ano, tudo piorou. As novas leis, as proibições, as ameaças, a constante vigilância... estamos vivendo em um clima de ditadura.

Ela parou, soltou um suspiro. Esperei.

- Há tempos não somos consultados e não temos direito a opinião sobre nada que acontece aqui dentro. Muito pelo contrário, somos ameaçados para que não conversemos sobre nada, para que somente tenhamos nossas aulas e depois sigamos pra casa, sem críticas, sem debates, sem... sem pensar. Tivemos diversas matérias retiradas do nosso programa, pois incentivavam, segundo as novas leis, o pensamento esquerdista, que vai contra os ideais do novo governo. Não podemos mais discutir literatura periférica, não podemos mais falar sobre a realidade, sobre identidade de gênero, sobre homossexualidade, sobre direitos das mulheres.

Não temos mais a disciplina de Linguística, pois ela influenciaria um pensamento de luta de classes e de crítica social típico de partidos de esquerda. Ou seja... Estamos presos a um novo modelo de educação que nos limita.

Respirei fundo. Eu sabia que as coisas estavam complicadas nos últimos tempos, mas não imaginava que tanto, jamais pensaria que chegaria a esse ponto. Naquele instante me arrependi de todo tempo perdido em casa, deprimida e incomunicável, sem saber de nada do que acontecia na minha cidade, na minha universidade.

- Por isso, - continuou Juliana – criamos esse grupo. Reunimos alguns alunos que vão contra esse modelo. Infelizmente, somos poucos. Os mais novos não discutem, não conhecem outra forma de estudar e parecem satisfeito com o que têm. Alguns dos mais velhos, embora não concordem com a maneira como as coisas estão sendo feitas, têm medo. Medo de serem descobertos, medo da punição.

- E vocês não têm esse medo? – perguntei.

Juliana sorriu antes de responder.

- Claro que temos. Mas não deixamos que ele nos paralisasse. Alguém precisa fazer alguma coisa, afinal.

Concordei com a cabeça. Aquele grupo de jovens acabara de subir no meu conceito. Diante do que Juliana tinha acabado de me contar, eles realmente estavam sendo corajosos.

- Então vocês se reúnem aqui, nessa sala? E o que fazem? – eu estava curiosa.

- Debateremos. Sobre a UERJ, sobre política, sobre literatura, sobre linguística, sobre tudo. Tudo que não podemos fazer abertamente, como antes fazíamos em nossas aulas, nos bares e nas cantinas, fazemos aqui. Pode parecer pouco, mas é o que nos mantém vivos. E é a nossa esperança de que, talvez um dia, possamos voltar a falar sobre tudo isso sem medo algum.

- Entendo. E vocês me convidaram porque...

Juliana entregou a lâmpada para a menina ao seu lado, e só então voltei a notar a pouca iluminação da sala. Eu já havia me acostumado, afinal.

- Nós precisamos de ajuda. – ela pegou minhas mãos entre as suas – Nos reunimos aqui há algumas semanas, mas nos sentimos cada vez mais perdidos. Tudo parece estar desmoronando ao nosso redor, e nosso grupo diminui a cada encontro. Não conseguimos conquistar novos alunos, e precisamos de alguém que nos mostre que é possível continuar. Acompanhamos seu trabalho, sabemos que você sempre trabalhou com o tema preconceito linguístico e que dedicou sua carreira a lutar contra esse preconceito. Muitos outros professores e doutores fizeram isso, mas não como você. Não com a sua vontade de lutar, não



com a sua coragem, com os materiais que você criou, com a sua ousadia de quebrar tradições e tentar mudar a universidade. Precisamos de você. – ela apertou de leve minhas mãos.

Não soube o que responder. Ouvir o que ela me dizia era como lembrar de uma outra vida, uma que vivi há tanto tempo, que me fez tão feliz, mas que agora... agora era só uma lembrança. Eu tinha perdido aquela coragem, eu não era mais aquela pessoa, eu não sabia mais como lutar contra um sistema que me proibia de falar sobre aquilo que mais me incomodava, que me mandaria para a prisão caso eu simplesmente voltasse a divulgar algum dos meus trabalhos. Tudo tinha acabado. Eu não era mais nada.

Mas aquele olhar de Juliana, e os poucos olhares brilhantes que consegui enxergar dentre aqueles alunos, naquela situação de tensão, de resistência, de luta... me fizeram sentir dentro de mim o mesmo entusiasmo que sentira durante os anos em que me dediquei à discussões sobre o papel da universidade, sobre a relação de diálogo que esta deveria ter com a sociedade, sobre o combate a preconceitos e ideias incorretas sobre a nossa língua, sobre preconceitos de classe, de raça, de sexo, de identidade. Tudo aquilo, de repente, voltou pra mim como uma descarga elétrica que se apossou de todo o meu corpo. Era isso, eu estava aqui, isso não podia ser à toa, eu precisava estar ali, eu precisava fazer algo da minha vida, eu precisava voltar.

- Podem contar comigo. – eu disse, retribuindo o breve aperto de mãos de Juliana. – Sobre o que vamos falar hoje?

Tenho certeza que se eles pudessem gritar e bater palmas, teriam feito. Juliana me abraçou novamente, e, apesar de constrangida, percebi que logo iria me acostumar com essa menina tão amorosa.

Nesse nosso primeiro encontro, eles me explicaram sobre o que vinham discutindo, fizemos a leitura de alguns textos literários considerados proibidos e finalizamos lendo um de meus artigos, debatendo sobre a importância da linguística para o combate não só ao preconceito linguístico, mas também ao preconceito social. Foi uma noite muito produtiva e – por que não? – divertida.

Ao chegar em casa, me senti viva como há tempos não sentia.

## O projeto

Nossas reuniões aconteciam sempre em dias e horários diferentes, para despistar o máximo possível alguém que estivesse nos espionando. Juliana avisava a todos no dia anterior, de modo que só sabíamos que haveria uma reunião em cima da hora.

Se antes eu estava preocupada e até mesmo com medo do que aconteceria, agora me sentia revigorada quando recebia o telefonema que avisava do próximo encontro do grupo de “subversivos”. Eu estava me divertindo e, ao mesmo tempo, reacendendo a chama que eu nunca deveria ter deixado se apagar dentro de mim: a do questionamento, da luta, da revolta.

Juliana me ligou às 15h para avisar que no dia seguinte, às 18h, faríamos nossa reunião da semana. Achei estranho o horário que ela me ligou – normalmente ela me ligava mais tarde – mas não comentei nada. No dia seguinte, no horário marcado, lá estávamos todos. O grupo crescera e agora continha 35 pessoas, a maioria alunos antigos que resolveram lutar contra o medo.

Logo que todos chegamos, Juliana pediu a palavra para falar sobre o tema da reunião daquele dia.

- Pessoal, temos uma nova questão pra discutirmos. Eu, sinceramente, não sei o que pensar sobre, e fico muito feliz que tenhamos a Ana aqui pra poder nos ajudar, principalmente porque se trata de algo que tem total relação com os trabalhos que ela realizou em sua carreira acadêmica.

Redobrei minha atenção.

- Hoje, enquanto estava na monitoria, fiquei sabendo que uma nova lei foi aprovada por nosso governo. Dessa vez, uma lei que tem relação com o financiamento de trabalhos produzidos dentro da universidade. A partir de agora, o Estado se responsabilizará diretamente pelo financiamento de qualquer atividade de pesquisa. Além disso, no âmbito federal, o CNPq e a CAPES resolveram que, a partir de agora, os trabalhos considerados inovadores vão ter prioridade pra financiamento.

Todos se olharam intrigados.

- Sabendo disso, nosso Instituto de Letras enviou um projeto com o título “Possíveis influências de redes sociais na fala e escrita de adolescentes da Zona Sul do Rio de Janeiro”. Eu consegui uma cópia da proposta desse projeto, e vou ler para vocês: “O projeto em questão busca entender se a inserção desses adolescentes em grupos e páginas de redes sociais, que, traz contato com adolescentes de outras classes sociais, está interferindo, de algum modo, na

Norma Culta que eles possuem. Entrevistas com esses adolescentes e textos serão recolhidos dos mesmos e uma análise quantitativa revelará se variantes não-cultas estão significativamente presentes na oralidade e na escrita desses adolescentes. O projeto será levado a cabo por uma equipe e os resultados serão apresentados em uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado, um livro, e em congressos.”

Quando Juliana acabou de fazer a leitura, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Embora falassem em voz baixa, devido às circunstâncias, logo a situação se tornou um caos, e não era possível entender mais ninguém. Juliana precisou chamar a atenção de todos subindo em uma das cadeiras e fazendo gestos com as mãos para que se acalmassem.

- Pessoal, calma, calma. Sei que isso tudo é novidade, e é um tema que nos deixa intrigados e confusos. Nem eu mesma sei o que pensar sobre isso tudo. Por isso, eu gostaria que a Ana se manifestasse para nos dizer o que acha dessa novidade.

Todos os olhares se voltaram para mim.

- O que vai acontecer se é o Estado que vai definir que projetos merecem financiamento? – um dos estudantes me perguntou.

Antes que eu tivesse tempo de sequer pensar na resposta, outra estudante se manifestou.

- E como vai ser essa definição? Com base em quê?

- E esse projeto? Não entendi que relação tem a ver com tudo.

- O que eles chamam de proposta inovadora?

As perguntas não paravam e eu mal tive tempo de raciocinar e entender o que Juliana tinha acabado de ler, de modo que precisei ser enfática.

- Ei! Silêncio! – falei, um pouco mais alto que o normal, mas sem exagerar para que não nos ouvissem do lado de fora. - Assim eu não consigo pensar.

Juliana percebeu meu incômodo e me ajudou a controlar o grupo.

- Pessoal, vamos com calma. A Ana acabou de ouvir sobre tudo isso, assim como vocês. Tenho certeza que ela vai poder dar uma boa contribuição sobre o assunto, mas deixem que ela ao menos respire e consiga pensar!

Todos se mantiveram calados. Respirei fundo, pedi a Juliana o papel com a proposta do projeto, e me levantei.

- Todos aqui ouviram o que a nova lei propõe. Essa lei, na verdade, já foi proposta há alguns anos, mas não obteve sucesso. Hoje, diante desse novo governo que possui ideias diferentes sobre os trabalhos universitários, ela retorna e encontra apoio pra ser aprovada. O que isso quer dizer, é exatamente o que vocês entenderam: a partir de agora, não será mais um

grupo de professores da Faperj que define que projetos de pesquisa recebem ou não financiamento. Essa tarefa agora pertence diretamente ao Estado.

Os estudantes começaram a cochichar entre si e se mexerem nas cadeiras. Pareciam inquietos.

- Eu não posso afirmar nada sobre como isso vai acontecer. Estou sabendo tanto quanto vocês, no momento. Mas posso imaginar... de acordo com o que já vi acontecer e com o que estamos acompanhando em nosso país atualmente. Já fomos proibidos de mencionar determinados temas em nossos trabalhos e, a partir de agora, acredito que o Estado usará dessa premissa do financiamento para avaliar e censurar trabalhos que não estejam de acordo com o que eles acreditam que seja importante para o desenvolvimento do Rio de Janeiro.

Mais cochichos e rostos indignados iluminados apenas pela luz fraca da lâmpada que Mariana, dessa vez, segura, no meio da sala.

- Poderíamos imaginar que isso fosse algo bom. Afinal, existem sim diversos pesquisadores e pesquisadoras que se aproveitam do fato de que os órgãos de fomento dão muito mais valor à pesquisa do que ao ensino e à extensão, e reproduzem sempre as mesmas pesquisas batidas, acrescentando pouco ou nada ao desenvolvimento da ciência enquanto uma forma de melhorar a sociedade. Nesse caso, com essa mudança, os trabalhos com influência concreta na sociedade passariam a ser privilegiados, e a extensão, que sempre foi deixada de lado, poderia finalmente ter seu momento de glória. Todos os pesquisadores iriam querer fazer extensão, produzir materiais pra ensino, e isso mudaria o panorama da ciência no nosso estado.

Silêncio total. Apenas alguns balançavam a cabeça, concordando.

- Mas não podemos esquecer que estamos vivendo um momento estranho em nosso país. Na verdade, esse momento já vem acontecendo há alguns anos... desde a época em que essa lei foi proposta, em 2014, eu já percebia sinais de que o governo estava buscando voltar a épocas antigas, e que a população estava começando a concordar com isso. Vocês talvez não tenham reparado nisso, porque eram muito novos ainda. Mas começou a acontecer uma polarização no nosso país, e com o tempo foi ficando muito claro que estávamos divididos em dois lados, que de modo genérico foram chamados de esquerda e direita. O candidato de direita que hoje assume a presidência já vinha tentando chegar ao poder desde 2018, mas não conseguiu naquela época, por pouco. Agora, conquistou o que desejava. E com ele, veio a confirmação de que estávamos desde então voltando a uma ditadura do pensamento, que agora se consolidou, em dia claro, pra que todos vejam.

Virei para Juliana e pedi um pouco de água. Ela pegou uma garrafa dentro da sacola que sempre carregava para distribuir para quem precisasse. Abri a garrafa e bebi um gole. Os estudantes ainda me olhavam, atentos, esperando o que eu diria a seguir. Eu sentia a responsabilidade de passar tudo o que pensava para eles, mas, mais ainda, sentia prazer em saber que eu poderia estar instruindo uma nova geração de pensadores críticos que lutariam contra um sistema caótico, injusto e ditatorial.

- Isso tudo quer dizer que, ao tomar o poder de decisão sobre os projetos universitários pra si, o Estado está, na verdade, buscando ter controle sobre nossos trabalhos, ainda mais do que já estava tendo. O que em outro momento talvez nos parecesse algo bom, hoje aparece como uma péssima notícia pra quem não está disposto a seguir o que o governo acha que é ideal. Os assuntos proibidos já estão fora dessa possibilidade, e, a meu ver, os trabalhos que por acaso parecerem inúteis aos olhos do governo serão não somente descartados como possíveis financiamentos, mas também censurados, para que não se desenvolvam.

Alguns olhares se arregalaram. Aproveitei a pausa para beber mais um pouco de água.

-Agora, a União diz que os trabalhos considerados inovadores vão ter prioridade sobre os outros. A questão é: o que eles chamam de inovadores? De novo, seriam aqueles trabalhos que focassem no ensino e na extensão? Ou que tivessem um formato diferente do que é esperado? Ou que tratassem de temas que nunca foram tratados antes? E que seriam esses temas inovadores? São muitas questões... Eu, como já não espero boa coisa desse governo, só consigo imaginar que inovadoras pra eles serão aquelas propostas diferentes de tudo que estava sendo feito em anos anteriores, de tudo que eles foram contra. Não no formato, não em relação a ensino e extensão, mas sim... Aos temas. Deixa eu ver se consigo explicar melhor.

Parei um pouco para refletir enquanto os estudantes continuavam atentos, focados em mim.

- Inovador é tudo aquilo que inova. Que traz o novo, o diferente do normal. Esse governo é recente, apesar de vir fazendo sua campanha de mobilização da população há anos. O governo se considera inovador, trazendo o novo, o melhor. Então, acredito que os trabalhos que eles desejam sejam aqueles que vão ao encontro do que eles estão propondo como inovador. Propostas que possam fornecer bases científicas para comprovar que esse governo está realizando um bom trabalho. Eliminar a palavra “preconceito” de nossos documentos oficiais, por exemplo, foi inovador. Permitir que mulheres sejam desprezadas em empregos com a justificativa de que isso ajuda o desenvolvimento das empresas foi inovador. Impedir que negros e homossexuais denunciem as discriminações sofridas, poupando o tempo e o

espaço das delegacias para resolverem “crimes de verdade” foi inovador. Vocês entendem aonde eu quero chegar?

Todos me olhavam assustados.

- Acho que ninguém aqui havia pensado por esse lado. – disse Juliana, com expressão espantada. – Estamos então ainda mais limitados, ainda mais presos a partir de agora. Se quisermos fazer pesquisas que não sejam o que o governo deseja, deveremos fazer do nosso bolso, então, sem financiamento? – ela olhava pra mim, em busca de respostas.

- Por enquanto, sim. Pode ser que mais à frente... bom, não quero ser pessimista, mas estamos vendo o rumo que as coisas estão tomando. – eu disse, sendo sincera.

- E o projeto que nosso instituto enviou? Vai ser aceito? Quero dizer, ele poderia fornecer bolsas pra diversos alunos... – era Mariana que falava agora.

- Bom, diante de tudo isso, no meu modo de ver, o projeto em questão tem tudo pra ser aprovado para financiamento.

Percebi que alguns estudantes comemoraram, possivelmente porque estariam envolvidos no projeto e conseguiriam, além da experiência para o currículo, algum dinheiro do financiamento. Juliana, por sua vez, me olhou séria.

- Se esse projeto tem tudo pra ser aprovado, então... Que relação ele tem com o governo?

Olhei para os estudantes. A atenção deles estava voltada pra mim novamente.

- Bom, como eu disse, eu não quero ser pessimista, mas preciso ser sincera com vocês sobre o que estou vendo. Se o governo realmente estiver querendo aprovar qualquer tipo de trabalho que os auxilie e dê base para que continuem fazendo seu trabalho do jeito de desejam, o projeto que você, Juliana, leu pra todos nós, seria um prato cheio pra uma segregação de classes.

- Mas... como? – era a própria Juliana quem perguntava.

- Vejam bem... a proposta da pesquisa é avaliar se a interação entre adolescentes da Zona Sul, que pertencem a uma classe mais alta, com adolescentes de outras classes sociais está causando alguma influência no uso da Norma Culta desses adolescentes, certo? Pois bem. Acredito que a hipótese inicial seja de que sim, está, ou não haveria sequer proposta. Em um mundo ideal – ou ao menos há alguns anos, quando as coisas eram diferentes – um trabalho desse tipo seria perfeito para mostrar que uso da língua depende do contexto, e poderíamos inclusive utilizar seus resultados pra materiais de combate ao preconceito linguístico ao mostrar que, não importa de onde você é, você se comunica da maneira que se sente confortável e isso não é um problema. Não seria o tipo de projeto que eu realizaria, por

exemplo, porque seria uma pesquisa sem qualquer relação com ensino e a extensão e em formato tradicional, com dissertações, teses, linguagem técnica. Mas hoje... hoje, esse trabalho só vai comprovar a má influência dos mais pobres sobre os adolescentes de classe alta, que utilizam uma norma de prestígio. Querem motivo melhor para que nossos governantes logo introduzam um projeto de separação de classes para que essa influência não mais aconteça e os adolescentes “de bem” não saiam mais prejudicados? Ou vocês acham mesmo que nosso governo vai estar preocupado, de alguma forma, com os adolescentes de classe baixa?

Os cochichos voltaram. Eu me sentei e bebi um pouco mais de água. Respirei fundo mais uma vez, percebendo o quanto me sentia bem de estar ali, de debater esse assunto, de expressar tudo o que vinha à minha mente, de demonstrar a experiência que eu tinha adquirido em anos de UERJ, de estudo. Mais do que isso, estar ali me fazia sentir viva.

Juliana tomou a palavra.

- Pessoal, acho que nada poderia ser mais esclarecedor que isso. Eu quero agradecer novamente à Ana por estar aqui, por nos ajudar, e por, hoje, nos dar sua opinião sensata e esclarecedora sobre a situação. Vejo que todos estão agitados, então declaro nossa reunião de hoje encerrada. Vamos pras nossas casas, pensar em tudo isso, e no próximo encontro, podemos discutir o que vamos fazer em relação a essa nova lei. Se é que poderemos fazer alguma coisa.

Os estudantes começaram a sair aos poucos, até que ficamos somente eu, Juliana e Mariana.

- Acho que exagerei na fala hoje. – eu disse, um pouco envergonhada – Só eu tive a palavra, ninguém mais falou.

- Que nada. Foi ótimo. Esclareceu muita coisa pra todos nós. Não poderia ter sido melhor.

- Me senti como uma professora com sua classe. – eu disse, rindo.

- Era onde você deveria estar, na verdade. Dando aulas em nossa universidade, no lugar desses velhos jurássicos que só repetem o que os mandam dizer. – era Mariana quem falava.

Sorri, agradecida. Me despedi das duas e me dirigi para fora da sala, chegando a tempo de observar um rapaz que estranhamente estava parado mexendo no celular exatamente de frente pra mim. Ao me ver, ele virou as costas e foi embora. Resolvi que não era nada de mais e segui meu caminho. Como eu estava enganada.

## Consequências

Eu devia ter sido mais cuidadosa. Devia ter prestado mais atenção no que dizia, em quem estava lá naquela reunião, principalmente os que tinham acabado de chegar. Eu me empolguei demais, falei demais, e agora, sofria as consequências.

- Fomos denunciados. – dizia a voz de Juliana, nervosa, pelo telefone – Não sabemos ainda quem foi, mas um dos nossos já foi levado pela polícia. Estamos todos angustiados, sem saber quem será o próximo.

Engoli em seco. Tinha sido muito divertido até ali, mas agora as coisas eram sérias.

- Juliana, fique calma. Fale com os outros, diga a eles que não falem nada, que se mantenham firmes. Se um de nós abrir a boca, todos os outros vão correr perigo. Se insistirmos que não há nada, se mantivermos nossas bocas fechadas, pode ser que... – eu queria finalizar dizendo que eles deixariam pra lá, que nada aconteceria. Mas não consegui. Eu não acreditava realmente nisso.

- Sim, pode deixar, vou entrar em contato com todos. Mas, Ana... tem mais uma coisa. – percebi que ela mudou o tom, como se estivesse se sentindo culpada por falar.

- O quê?

- Eles sabem de você. Principalmente de você. Quem nos denunciou... tinha uma foto sua. Entregou à polícia. Eu não sei se eles vão atrás de cada um dos estudantes mas... com certeza vão te procurar.

Fechei os olhos, não acreditando no que ouvia. Senti um pouco de falta de ar.

- Ana? Você ainda está aí?

- Sim, sim. Tudo bem. Vou precisar achar um lugar onde possa ficar até a poeira abaixar. – *se* abaixar, pensei, mas afastei a ideia. Pessimismo agora não ajudaria em nada.

- Eu ofereceria minha casa, mas corro risco também... Espera! Já sei. Mas não sei se posso falar por aqui... – claro, meu telefone poderia estar grampeado. Era óbvio e eu não tinha pensado nisso mesmo assim.

- Já te ligo. – falei, num impulso.

Desliguei o telefone e peguei uma mochila. Coloquei algumas poucas coisas dentro, prendi o cabelo de modo que parecesse mais curto, coloquei um par de óculos escuros e corri para a portaria do meu prédio, não sem antes verificar se não havia ninguém suspeito por lá ou na rua de frente para o portão. Saí atenta e segui em direção à esquina, onde havia uma padaria simples em que um ex-colega de escola trabalhava.



- Oi, bom dia. O Rique está? – perguntei ao rapaz que me atendeu com um sorriso.

- Sim, só um segundo. – o rapaz gritou o nome de meu ex-colega e logo ele aparecia com seu avental, vindo da cozinha.

- Ah, oi, Ana. Tudo bem?

- Tudo, Rique, tudo bem. – sorri da forma mais sincera que consegui – Então, to precisando de uma ajuda sua. Será que eu posso usar o telefone aqui da padaria pra uma ligação bem rapidinha?

Ele me olhou de forma desconfiada. Eu sempre o via na padaria, nos cumprimentávamos e falávamos um pouco sobre a época da infância em que estudamos juntos. Mas não éramos amigos, não saíamos juntos e muito menos um pedia favores ao outro.

- Olha, o chefe não libera nem que a gente use o telefone. Mas se for muito urgente, eu posso te emprestar meu celular. – ele pegou o aparelho no bolso e me ofereceu. – Só não demora muito, por causa dos meus créditos, tá?

Agradei e disse que não se preocupasse, que seria muito rápido e que sim, era uma emergência. Disquei o número de Juliana que, a essa altura, eu já havia decorado.

- Juliana? É Ana. Então, me fala. O que você pensou?

- Meus pais têm uma casa na serra. Ela fica vazia a maior parte do tempo, só vamos pra lá nas férias ou em feriados, mas ela está toda direitinha. Tem internet, TV a cabo, enfim, tudo pro seu conforto. Você pode ficar lá enquanto essa situação toda não se resolve. Se precisar de algo, tem um mercadinho lá perto de conhecidos nossos. Pode comprar qualquer coisa e colocar na nossa conta, diga que é minha prima. Vou te passar o endereço, anota aí.

Anotei o endereço que ela me passou, agradei e desliguei. Devolvi o telefone para Rique e agradei novamente. Agora, eu precisava dar um jeito de chegar ao local que ela me indicara. Peguei minha carteira e vi o quanto ainda tinha de dinheiro. Era o suficiente pra eu comprar uma passagem que me levasse até lá, e ainda me sobraria um pouco pra qualquer emergência.

Peguei um ônibus até a rodoviária e no caminho, fui refletindo sobre tudo. Como minha vida mudara tanto em tão pouco tempo? De uma doutora recém-formada para uma rejeitada pela sociedade, e agora, para uma procurada pela polícia, por fazer exatamente as mesmas coisas. Por questionar, por estudar, por dar minha opinião e trabalhar para uma sociedade mais justa, mais informada e mais igualitária.

Passei em frente a diversos locais da cidade, e em vários deles via pichações e inscrições em paredes. As que mais se repetiam eram aquelas relacionadas à religião. Uma

delas, que me intrigou muito, dizia “*Bíblia sim. Constituição não*”. Senti um calafrio. As coisas estavam se encaminhando pra um destino cada vez pior.

Cheguei à rodoviária e segui direto para a fila do ônibus que ia para Mendes, onde ficava a casa dos pais de Juliana. Eu estava quase chegando ao guichê quando percebi os policiais no local. Meu sangue gelou e tentei parecer o mais tranquila possível. Eles passavam entre as pessoas, olhando, buscando algo suspeito. Eu respirava fundo, para tentar manter a calma. Chegou a minha vez e consegui comprar minha passagem. Estava andando para a plataforma quando vi, na televisão da parede, algo que jamais poderia imaginar.

A minha foto.

Meu rosto estava lá, para que todos pudessem ver. Por alguns instantes, parei e fiquei sem reação alguma. Nunca imaginei que viveria uma situação dessas. Abaixo da minha foto, aparecia a seguinte legenda: DOUTORA FORMADA PELA UERJ PROCURADA POR CONSPIRAÇÃO CONTRA O GOVERNO. Olhei para os lados e só então percebi que, à exceção de mim, ninguém estava dando muita atenção para o que passava naquela TV. Ajeitei os óculos escuros, conferi se o cabelo estava bem preso – na foto da TV, eu estava de cabelos soltos – e continuei meu caminho para a plataforma.

O motorista do ônibus aguardava os passageiros, e ia conferindo as passagens e a identidade de cada um. Ao lado dele, um policial checava seu celular. Engoli em seco, sem saber o que fazer. Se eu voltasse, poderiam achar estranho e ir atrás de mim. Se fosse em frente, poderiam ver quem sou, e... era melhor não pensar no que aconteceria depois. Resolvi seguir em frente, contar com a sorte, jogar os dados.

O motorista conversava com uma passageira, uma senhora idosa com uma bengala e uma mala de mão. Eu era a próxima da fila, e sentia meu corpo todo tremer, apesar do calor que fazia. A senhora se despediu e começou a subir as escadas do ônibus.

O motorista fez sinal com a mão para que eu me aproximasse. O policial guardou o celular no bolso, olhando para frente.

E então, de repente, a mala da senhora escorregou de sua mão, caindo no chão e se abrindo. Ela, com sua dificuldade de locomoção e sua bengala, começou a descer do ônibus, e o policial prontamente foi ajudá-la. Enquanto ele recolhia as coisas da senhora e colocava dentro da mala novamente, o motorista, com ar de quem já estava acostumado com essas situações desastradas, olhou rapidamente minha passagem e, sem nem mesmo verificar minha identidade, me deixou entrar no ônibus. Pedi licença à senhora que se encontrava na porta e entrei, me sentando em uma das poltronas e torcendo pra que o ônibus saísse logo.

O policial chegou a entrar no ônibus, ajudando a tal senhora a encontrar seu lugar e colocando sua mala no compartimento no alto. Felizmente, ele saiu sem prestar atenção em ninguém. O ônibus logo começou a andar e eu suspirei profundamente, como se soltasse a respiração que estava presa desde o momento em que vi minha foto sendo divulgada nos jornais.

---

Passei apenas algumas semanas na casa dos pais de Juliana. Quando cheguei lá, logo me espantei com a elegância do lugar que, embora pequeno, demonstrava o que eu já desconfiava: os pais de Juliana tinham dinheiro. Muito dinheiro.

Isso ficou ainda mais claro quando fui ao mercadinho próximo e peguei alguns itens básicos de alimentação e higiene, que foram acrescentados à conta da família sem empecilho algum. Eu passava meus dias inteiros na casa, trancada, vendo TV e acessando a internet através de um computador que ficava na sala. Foi assim que descobri que minha foto, além de estar em todos os jornais da TV, também estava sendo divulgada de modo viral nas redes sociais.

Como sempre acontecia em situações desse tipo, o texto que acompanhava a imagem exagerava – e muito – as minhas acusações. Além de conspiração contra o governo, agora eu também era procurada por vandalismo, perturbação da ordem e organização de quadrilha. Quando li tudo isso pela primeira vez, percebi que minha reputação, minha carreira e minha vida, de forma geral, tinham acabado. Era o fim de Ana Ribeiro.

Passei a viver, então, isolada e fechada em um mundo só meu. Nas poucas vezes em que ia ao mercado mais próximo da casa, evitava falar com as pessoas, sempre arrumava o cabelo de formas diferentes – e sempre preso -, e utilizava meus óculos escuros. Com o tempo, me tornei invisível para os moradores daquela cidade.

Eu continuava em contato diariamente com Juliana através de *e-mails*, e foi através deles que descobri que ela havia sido levada pela polícia e interrogada. Ela me contou que foram atrás dela na faculdade, e a levaram sem qualquer tipo de mandado e sem direito a advogados. A primeira coisa que perguntaram a ela era se sabia sobre mim. Ela negou, e eles a estapearam muitas vezes. Por sorte, seus pais foram contatados por um de seus colegas que acompanhou a prisão, e o pai de Juliana – um advogado envolvido com diversos políticos – conseguiu que a liberassem com o pagamento de uma fiança – que na verdade fora um suborno.

“Eles sabem tudo que nós fazíamos, Ana. Quem nos denunciou fez um ótimo trabalho, esteve infiltrado no grupo por tempo o suficiente pra coletar provas. Ele gravou toda a sua fala daquele dia da reunião sobre a nova lei de aprovação de financiamentos. Eu sei, eles colocaram para que eu ouvisse enquanto me batiam, enquanto tentavam me fazer falar.”, ela escreveu.

---

Logo novas notícias foram sendo divulgadas: ALUNOS DE UNIVERSIDADE RENOMADA PRESOS POR CONSPIRAÇÃO CONTRA O GOVERNO, diziam as manchetes. Eu reconhecia alguns dos rostos que me acompanharam naquelas reuniões secretas na UERJ. Eles e elas apareciam nas fotos com expressões de terror e hematomas por todo o corpo. Olhar para aquelas imagens me fazia sentir náuseas.

Eu me sentia cada vez mais culpada, mais responsável por tudo isso. Apesar de eu ter apenas entrado na história no meio, a polícia tinha uma convicção que havia sido colocada para a população como certeza: que eu era a mandante de tudo, a que tinha organizado aquele grupo, a que planejava derrubar o governo através de debates que colocavam em xeque as decisões tomadas por aqueles que estavam no poder. Os jornais diziam que era isso que os estudantes tinham dito sobre mim. Na verdade, como eu já sabia e Juliana me confirmou, isso era o que eles tinham sido obrigados, na base da tortura física e psicológica, a dizer.

Ela me aconselhava a continuar na casa, a continuar escondida, com a esperança de que logo as coisas se acalmassem e eu pudesse voltar à minha vida normal. Eu me agarrava a essa esperança, mesmo sabendo que era impossível que tudo pudesse voltar a ser como era antes dessa loucura. Assim, continuei fechada em meu esconderijo – ou seria cativeiro? – e via cada dia passar, cada vez com notícias piores. Apenas Juliana me passava algum tipo de otimismo, através de seus *e-mails* frequentes.

Até o dia em que aconteceu o que eu jamais esperava. Recebi um email de Juliana que dizia “Abra urgente”. Senti um arrepio antes mesmo de clicar no assunto para abrir a mensagem. Era simples, objetiva, mas dizia muito mais do que eu gostaria de saber.

“Eles pegaram seus pais. Eles sabem que eu tenho contato com você. Me disseram pra te avisar. Se você não se entregar, eles vão matá-los. Disseram que vão fazer parecer que foi um acidente.”

Meu coração parou por alguns segundos. Meus pais. MEUS PAIS? O que eles tinham a ver com tudo isso? Não era possível, não podia ser. No que eu havia me metido? O que eu havia feito com eles? Eu precisava consertar isso, eu precisava salvá-los. Não pensei duas

vezes. Deixei a casa como estava, peguei meus documentos e segui em direção à delegacia mais próxima. Nada mais me importava. Eu não iria deixar que meus pais pagassem o preço pelas minhas escolhas.

### O fim

Cheguei à delegacia de cara lavada, cabelos soltos, nenhum óculos que pudesse encobrir ou esconder qualquer parte das minhas feições.

- Sou Ana Ribeiro. Vim me entregar.

A surpresa de todos no local foi tão grande que demoraram até mesmo a agir e me deter. Se eu não estivesse certa do que estava fazendo, poderia ter fugido, sem problema algum. Me algemaram e me levaram para uma salinha isolada, de onde podia ouvir a voz do delegado falando com outros policiais.

- *Imagina só o que vão dizer quando souberem que eu prendi a Ana Ribeiro?* – e ria.

Em nenhum momento me ofereceram um advogado, ou qualquer outro direito que eu sabia ter. De qualquer forma, eu não precisava. Eu só queria ver meus pais livres e foi isso que eu pedi aos gritos, depois de horas, quando finalmente alguns policiais apareceram na sala onde eu estava.

- Cale a boca! – ouvi, seguido de um empurrão nas costas – Isso não é problema nosso. Vamos te transferir pra sua cidade.

Um camburão chegou e eles me jogaram lá dentro, sem qualquer cuidado. Bati a cabeça ao cair, e fiquei em uma posição desconfortável, deitada com os braços algemados para trás durante toda a viagem. Chegando na delegacia, reconheci o policial que me atendera, no dia em que tentei denunciar, meses atrás, a discriminação que sofrera por ser mulher.

- Você deveria ter ficado calada... eu bem que te avisei... – ele disse, de modo sarcástico.

Fui levada para uma sala fechada, com uma mesa e duas cadeiras. Me colocaram sentada em uma delas, e logo um policial que eu já havia visto na televisão – ele estava sempre ao lado dos estudantes que apareciam machucados e horrorizados – entrou, fechando a porta e sentando-se de frente pra mim.

- Ana Ribeiro. Bacharel, licenciada, Mestre e Doutora. Tudo na UERJ. Que ótimo currículo, hein?

- Onde estão meus pais? – perguntei, ignorando o que ele dissera.

- Vimos o tipo de trabalho que você realizava. Trabalhos que questionavam as tradições da universidade, que fugiam do tradicional, que discutiam sobre preconceitos, diferença de classes... claramente temos aqui um belo exemplo de uma militante de esquerda, não é mesmo?

- Onde estão meus pais? – repeti.

- Cartilhas, *sites*, páginas em redes sociais e até mesmo um romance escrito no lugar de uma tese tradicional... Tudo sempre buscando a subversão, sempre querendo fugir às regras. E agora, sem emprego e sem futuro, resolve corromper um grupo de jovens estudantes. Você não tem vergonha?

- Onde estão meus pais? – repeti, pela terceira vez, aumentando a voz.

O tapa no rosto veio tão forte que caí da cadeira. Ele me puxou e me levantou, colocando-me sentada novamente.

- ME RESPONDA! VOCÊ NÃO TEM VERGONHA?

- NÃO! – gritei. – Tudo o que fiz, tudo o que faço, é pelas coisas que eu acredito. Antes desse governo de merda, ainda tínhamos alguma liberdade de expressão, podíamos debater, discutir, buscar melhorias. Agora, somos presos e apanhamos por pensar, por refletir, por querer o melhor pra sociedade, por querer levar o conhecimento às pessoas e por lutar por justiça e igualdade. Se eu tenho vergonha de tudo? NUNCA. Eu prefiro ser subversiva, prefiro lutar, prefiro apanhar do que ser fascista como vocês!

Ele ouviu cada palavra atenta e calmamente. Levantou-se com elegância, foi até a porta e a trancou. Com movimentos suaves, pegou o cassetete que estava em seu cinto e veio até mim, aproximando seu rosto do meu.

- Se prefere apanhar – ele disse, em voz baixa – é exatamente isso que você vai ter.

Ele apoiou o pé na cadeira onde eu estava sentada e a empurrou. Caí com força no chão, sem ter como me defender, as mãos algemadas. Senti o primeiro golpe vindo diretamente contra a minha costela, e muitos outros seguidos. Consegui ver seu rosto algumas vezes e ele parecia estar sentindo um enorme prazer no que fazia. Quando um dos golpes do cassetete acertou meu rosto, vi o sangue escorrer de meu nariz e de minha boca, e logo tudo ficou escuro.

---

Acordei algum tempo depois, dessa vez em uma cela. Meu corpo todo doía e minha cabeça girava. Olhei para os lados, tentando identificar algo do local onde me encontrava, mas eu muito mal conseguia manter os olhos abertos, de tanta dor.

- Olhem só, a princesa acordou. – era o policial que havia me espancado quem falava.  
– Bem na hora certa. Temos uma surpresinha pra você.

Ele abriu a cela e me puxou de lá, segurando em meu braço. Rindo, me arrastou até a parte dos fundos da delegacia. Eu não estava entendendo nada, até que chegamos ao local e eu percebi que havia uma pilha de papéis no meio do pátio.

Fotógrafos e jornalistas se amontoavam do outro lado do espaço, e alguns policiais faziam um cordão de isolamento para impedir que eles chegassem mais perto. Os *flashes* me cegavam e as vozes fazendo mil perguntas me deixavam zozos. O policial que me levou levantou a mão, pedindo o silêncio de todos. Depois de alguns minutos, começou a falar.

- Senhores. Estamos aqui hoje para que vocês possam presenciar um momento histórico. Todos aqui vêm acompanhando a luta que nós, cidadãos de bem, temos travado contra os atos de subversão que insistem em tentar destruir a moral e os bons costumes que todos desejamos preservar. Nossos governantes têm feito um esforço descomunal para acabar com tudo que possa prejudicar nossa sociedade, de modo que possamos viver em harmonia cristã e de acordo com os preceitos da Bíblia. Mas, infelizmente, ainda nos aparecem exemplares como o de Ana Ribeiro, aqui presente diante de vocês.

Ele me puxou, colocando-me à frente da pilha de papéis, e eu caí de joelhos no chão, alvo fácil para as câmeras que não paravam de registrar minha imagem com um furor de desespero.

- Ana Ribeiro é o exemplo perfeito de como nossas escolas e universidades precisavam da intervenção de um governo pautado nas boas práticas. Elas estavam contaminadas por ideias esquerdistas, ideias de perversão, de quebra de regras, de separação das pessoas entre raças. Elas formaram pessoas como esta mulher, que durante toda a sua carreira defendeu que todas as maneiras de falar estariam corretas. Segundo ela, as pessoas precisavam saber disso, precisavam discutir sobre isso e diminuir, assim seu preconceito. Preconceito! Preconceito é o que ela e seus companheiros de esquerda queriam criar na mente das pessoas, para que se separassem, se odiassem. Eles insistiam em dizer que as pessoas que falam errado não deveriam ser corrigidas, no intuito de transformar todos em estúpidos seguidores de sua doutrina esquerdista pervertida e pecadora. Mas graças a Deus, isso acabou!

Alguns policiais aplaudiram o discurso do colega.

- Obrigado, meus amigos, obrigado. Hoje, meus queridos colegas, e meus queridos jornalistas, nós vamos mostrar a todos aqueles que ainda acham que podem subverter as regras e tentar destruir o que é bom e puro, que o castigo virá, cedo ou tarde! Que suas ideias serão combatidas, vencidas, destruídas! Começando por hoje, todos saberão que sua era de

doutrinação acabou. E para simbolizar o fim dessa era de horror, nossa equipe apagou de todos os bancos de dados do país os trabalhos realizados por Ana Ribeiro e, temos aqui, nesta pilha de papéis, os últimos resquícios de suas ideias perturbadoras. – e, chamando um de seus colegas – Senhor, por favor.

Um policial surgiu do meu lado esquerdo. Carregava uma garrafa com o que percebi ser álcool, e derramou todo o seu conteúdo nos papéis à minha frente. Logo depois, puxou do bolso uma caixa de fósforos. Eu estava me sentindo tonta, caída de joelhos de frente para todo o trabalho realizado em minha vida acadêmica e só conseguia pensar que ele provavelmente me jogaria no fogo, junto com tudo. Eu não era mais nada, e eu queimaria como papel. Ele pegou um fósforo e acendeu com um movimento rápido. Abaixou para ficar mais próximo de mim e trouxe o fósforo até perto do meu rosto, tanto que pude sentir o calor que emanava do fogo em minha pele. Depois, com um sorriso de prazer no rosto, jogou-o no meio da pilha de papéis, que se incendiou em um instante.

Eu olhava os papéis queimando, eu sentia o calor do fogo, eu me perguntava como tinha chegado até ali, como tínhamos deixado que tudo acontecesse dessa forma. As lágrimas, incontroláveis, caíam de meu rosto, e os jornalistas pareceram enlouquecer com esse show de horror, fotografando, filmando e anotando em seus bloquinhos freneticamente o que acontecia.

- Que todos tenham Ana Ribeiro como exemplo: não seremos complacentes com esquerdistas, destruidores da moral, subversivos, burladores de regras! Professores, estudantes, pais, diretores, cidadãos em geral: vamos nos unir em defesa da família, da vida cristã! Deus acima de tudo!

O fogo agora diminuía, pois a maior parte dos papéis já tinha virado cinzas. Os policiais que faziam o cordão de isolamento começaram a expulsar os jornalistas, anunciando que o pronunciamento chegara ao fim. Eu continuei na mesma posição, inerte, alheia a tudo que acontecia à minha volta. A tristeza que eu sentia era inexplicável. Tudo que eu já produzira desaparecera. Anos de pesquisa, de esforço, de trabalho, de dedicação extrema e passional. Eu não possuía mais nada. Tudo que eu era se perdera no meio daquele fogo. Esse pensamento me doía tanto, que mal senti quando dois policiais me seguraram pelos braços e me levaram de volta para a cela.

---

Fui condenada a 10 anos de prisão pelo crime de “conspiração contra o governo brasileiro”. Me transferiram para uma prisão feminina de segurança máxima e me colocaram



em uma cela solitária, alegando que eu poderia influenciar as outras presas com meus “discursos subversivos”.

Ao chegar aqui, tudo que eu sentia era desgosto, tristeza, desânimo. Nada mais fazia sentido pra mim, e eu não tinha vontade de reagir. Tudo estava simplesmente acabado. Eu me entreguei por completo à depressão, vivendo um dia de cada vez sem qualquer esperança e totalmente apática ao mundo.

Até que um dia, Juliana apareceu. Ela conseguira uma autorização para me visitar semanalmente por intermédio do pai e trouxe boas notícias: disse que meus pais estavam bem. Ainda um tanto traumatizados por conta de tudo e proibidos, sob ameaça, de me visitar, mas ainda assim, bem. Ela havia voltado para a UERJ e agora estava fazendo tudo de acordo com as regras. No ano seguinte, tentaria entrar no Mestrado.

- Estou jogando o jogo, porque pretendo continuar por dentro de tudo. Até ter a oportunidade de mudar essa loucura toda.

De modo mais cuidadoso, ela havia criado novamente um grupo de reuniões, mas, dessa vez, ela e Mariana verificavam o histórico de cada aluno antes de aceitá-lo no grupo. Além disso, alguns dos meninos agora usavam de sua força pra ameaçar todos que sequer pensassem em traí-los.

- Eu sei que violência só gera violência, mas estamos em uma guerra. Não podemos abaixar a cabeça, precisamos lutar.

Essas palavras me animavam pouco a pouco. Eu já não era mais nada, mas esses meninos e meninas poderiam ser.

- Agora, a melhor parte de tudo – ela disse, empolgada – é que estamos produzindo, coletivamente, um material que relembre todos os trabalhos que você já realizou na área da Sociolinguística. Algo como o que os alunos de Saussure fizeram, sabe? Está ficando muito bom. Vamos mantê-lo escondido por enquanto, mas tenho certeza que vai chegar o dia em que vamos poder divulgar pro mundo.

Depois de tanto tempo, um sorriso finalmente voltou a aparecer em meu rosto. Meu trabalho estava vivo. Meu legado estava vivo. Eu estava viva.

- Juliana, posso te pedir uma coisa? – ela já estava se levantando pra ir embora, quando a chamei de volta – Estou com muita vontade de comer pão. Sabe, aqueles comprados em padaria, que vêm em um saco de papel.

Ela me olhou intrigada, mas, segundos depois, seu olhar brilhou com a compreensão.

- Pode deixar. Trago quando vier na próxima vez.

---

Juliana vem me trazendo pães todas as semanas. Mais um benefício conseguido por seu pai. Os policiais sempre verificam se não tem nada dentro da massa, destruindo o pão e tornando-o quase impossível para consumo. Mas não me importa. Desde que eles continuem vindo dentro dos sacos de papel, estou satisfeita.

Nestes sacos é onde registro essa história. Uma vez por semana temos aula de ensino religioso e nos fornecem um caderno e um lápis apenas para registro dos ensinamentos. Esses materiais são guardados pelos policiais ao final de cada aula, e não podemos ter acesso a eles até o próximo dia. Mas toda semana eu consigo arrancar a ponta do meu lápis, guardar debaixo da unha e depois, em minha cela, amarrar com uma linha retirada da minha roupa em um pedaço de pão duro. Com isso, consigo escrever.

Qual é o meu objetivo? Registrar o que me aconteceu. Me manter viva. Manter meus ideais vivos. Afinal, pode ser que eu não veja as mudanças, a evolução, o fim dos preconceitos e uma sociedade justa e igualitária, mas alguém verá. Eu acredito nisso. E não vou parar de fazer a minha parte. Sei que não sou a única. E sei, no fundo do meu coração, que acabaremos por vencer.

### 3.4 Conto “Pela Liberdade de Laci” (MENEZES, 2019)

Menezes (2019), em sua dissertação, trouxe uma inovação no que concerne ao formato pré-estabelecido de trabalhos de conclusão de curso de mestrado. O autor propôs uma produção que fosse além do texto acadêmico, neste caso, um conto sociolinguístico. A proposta de Menezes vem ao encontro da proposta de Antunes (2015), que já iniciava as ideias para uma subversão do gênero dissertação e para uma nova visão do que pode ser entendido como um trabalho final de mestrado ao propor um *site* como principal resultado do curso.

A dissertação, em ambos os casos, serviu para justificar, explicar e descrever o trabalho realizado por seus autores. No caso de Menezes (2019), este trabalho se deu em formato de um conto narrativo, ambientado na Idade Média e que passava, através de metáforas e de uma história voltada a um público infanto-juvenil, conceitos da Sociolinguística. Em 25 páginas, o autor conseguiu evidenciar de modo sutil os conceitos de língua, norma padrão, norma culta, norma gramatical, norma popular e preconceito

linguístico, sem, para isso, utilizar uma linguagem técnica e/ou complexa para um público que não está acostumado com isso.

Além do conto em questão, o autor produziu ainda dois posfácios. O primeiro foi voltado a um público especializado na temática, em que esclarece suas escolhas e explica como se deu o trabalho para a produção da narrativa. O segundo, voltado a um público não especializado, deixa claras as referências aos conceitos sociolinguísticos trabalhados na história, complementando assim a experiência do leitor. Por fim, Menezes produziu um questionário de avaliação do conto, o qual poderia servir para verificar se seu objetivo – o de divulgar de forma acessível e interessante os conceitos supracitados para um público não especializado na área – foi cumprido.

Diante desses exemplos, podemos voltar a nossos questionamentos iniciais: para que, afinal, deve servir um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação? Apenas para produzir conhecimentos que circularão dentro da universidade, acessíveis ao público especializado no assunto? Ou podemos transformar essas produções em materiais compreensíveis e atrativos para a sociedade, ampliando assim seu alcance e proporcionando, enfim, uma comunicação mais clara e direta entre academia e sociedade?

Apostamos na segunda opção e defendemos que a estrutura de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação deveria ser menos visada em comparação ao seu objetivo final, qual seja, alcançar um público diverso. Para isso, é preciso criar novos formatos de trabalho, como *sites*, jogos, aplicativos, e, assim como produziu Menezes (2019), textos narrativos. A respeito destes, discorreremos a seguir, trazendo referências teóricas que corroboram nossa proposta e apresentando-a em detalhes.

#### 4. TESE-FICÇÃO: O ROMANCE “SEJE LIVRE”

*A literatura não diz que sabe alguma coisa,  
mas que sabe de alguma coisa;  
ou melhor: que ela sabe algo das coisas –  
que sabe muito sobre os homens.*

Roland Barthes

Felizmente, não somos os únicos a acreditar ser possível subverter o formato canônico dos trabalhos de conclusão de curso na pós-graduação. Na área de Literatura, há exemplos muito claros de estudiosos que defendem a ideia de que teses e dissertações podem ser substituídas por romances ficcionais. É o caso do Prof. Dr. Gustavo Krause, professor associado do Instituto de Letras da UERJ, que questiona a ideia de que aquilo que devemos fazer dentro da academia é somente analisar objetos de estudos.

Em um de seus textos sobre o assunto<sup>53</sup>, o professor faz uma crítica à maneira como a escola e as universidades tratam o estudo da Literatura apenas como mais uma disciplina, sendo que, na verdade, esta se caracterizaria por ser mais próxima da arte do que de um simples objeto para se estudar. Uma das maneiras de se resistir a essa tendência é a que o professor cita em seu texto:

“Há professores e escolas e universidades que não esquecem que a literatura é antes de tudo arte: desafio e enigma, paixão e ilusão. Isso acontece em vários níveis – por exemplo, **quando uma pós-graduação em literatura aceita um trabalho de ficção como tese**. Essa proposta, como demonstram os finalistas do Jabuti e do Portugal Telecom, costuma ser bem sucedida, gerando trabalhos de ficção ousados e consequentes porque frutos do diálogo tenso com a reflexão acadêmica. **Isso se chama: produção de conhecimento e de cultura.**” (KRAUSE, 2008, grifos nossos)

A reflexão apresentada pelo autor tem relação direta com o que estamos propondo no trabalho que aqui descrevemos: a desconstrução da ideia de que não é possível fazer algo além de uma dissertação ou tese tradicionais como trabalho de conclusão de um curso de pós-graduação. Trabalhos como esses já ocorrem na UERJ há mais de 20 anos, sendo os primeiros registros de teses-romance na universidade datados dos anos de 2000 e 2001<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> É possível acessar o texto em questão através do *link*: [http://www.clipping.uerj.br/0014506\\_v.htm](http://www.clipping.uerj.br/0014506_v.htm) (Acesso em 14/04/2021)

<sup>54</sup> Passini (2000) e Carnevali (2001).

Há ainda outros exemplos muito bem sucedidos de autores da área de Literatura cujos trabalhos ultrapassaram os limites de uma dissertação/tese: Costa (2002, 2007), Levy (2007), Pimentel (2012) e Boaventura (2015, 2019) criaram romances de ficção como trabalhos de conclusão de seus cursos de pós-graduação.

Adriana Costa, mestre e doutora em Literatura pela UERJ, produziu tanto em seu mestrado quanto em seu doutorado trabalhos finais em formato de romance, deixando de lado o formato tradicional acadêmico de dissertação e tese. Os romances “Um Beijo de Colombina” e “Rakushisha”, resultantes dessas empreitadas, foram lançados posteriormente como livros, obtendo grande sucesso e tendo sido, inclusive, indicados para o prêmio Jabuti, um dos mais importantes da literatura brasileira.

Tatiana Levy produziu em seu doutorado, realizado concomitantemente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e na Université de Paris III Sorbonne-Nouvelle, um romance também em substituição à tradicional tese. Da mesma forma, o romance em questão, intitulado “A Chave de Casa”, foi publicado posteriormente como um livro, sendo também finalista do prêmio Jabuti e tendo recebido o Prêmio São Paulo de Literatura.

Antonio Pimentel, por sua vez, escreveu sua tese seguindo o mesmo formato, defendendo-a em 2012 na Universidade Federal Fluminense (UFF). Esta, publicada como o livro ficcional intitulado “O Romance do Horto”, foi elogiada pelo Prof. Dr. Gustavo Krause, que registrou sua opinião sobre a narrativa no texto que produziu para a orelha do livro publicado, afirmando que

“(...) a obra maravilhosa (também em todos os sentidos do adjetivo) de António Corvo [pseudônimo adotado pelo autor] **comprova com sobras a importância de entendermos a ficção como produção legítima e necessária de conhecimento**, bem como de não esquecermos que os cursos universitários de Literatura ensinam arte e não outra coisa.” (CORVO, 2013, grifos nossos)<sup>55</sup>

Há ainda as obras de Davi Boaventura, que tanto em seu mestrado quanto em seu doutorado produziu textos narrativos em substituição aos formatos tradicionais de trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação. Sua dissertação, intitulada “Mônica vai Jjntar” e aprovada no ano de 2015 foi publicada pela editora Não Editora no ano de 2019, ano em que Boaventura defendeu sua tese de doutorado, também em formato narrativo e intitulada “Nove Impeachments”. Ambos os cursos e respectivos trabalhos foram realizados na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), na área de Escrita Criativa.

---

<sup>55</sup> Ao publicar sua tese como um livro em 2013, Antonio Pimentel passou a usar o pseudônimo de António Corvo, motivo pelo qual a citação apresentada remete a esse sobrenome.

Mesmo com esses exemplos mostrando o quanto esse tipo de produção pode ser bem sucedido, textos nesse formato frequentemente não são bem aceitos no meio acadêmico, sendo o trabalho ficcional considerado inferior ao trabalho científico ou, ainda, não indicado para uma produção acadêmica. Sobre isso, Krause novamente traz uma contribuição importante:

“Argumentam que um trabalho de ficção não é um trabalho científico, como **se todo trabalho científico não fosse sempre um trabalho de... ficção. A hipótese científica é sempre uma suposição, um “como se” fosse para ver se pode ser assim mesmo.** A estrutura discursiva da literatura *stricto sensu* difere da estrutura de um tratado de Física, mas o princípio do “como se” anima ambos os discursos”. (KRAUSE, 2008, grifos nossos)

Segundo o autor, todo e qualquer trabalho científico pode ser considerado uma obra de ficção, uma vez que a hipótese científica – mote do trabalho científico em si – não deixa de ser uma forma ficcional de se observar algum fenômeno a ser estudado. Embora diferente do que chamamos de trabalho acadêmico, a essência do texto ficcional e das dissertações e teses é, segundo Krause, a mesma.

Pode-se perceber, portanto, que embora ainda haja uma resistência por parte de muitos pesquisadores em aceitar uma produção como as mencionadas, as tentativas de produzir textos diferentes do padrão na área de Literatura têm dado certo. Essa inovação abre caminho para uma série de indagações a respeito da real necessidade de se produzir um trabalho de conclusão de curso nos moldes de uma dissertação ou tese. No caso dos exemplos citados, essa necessidade foi desconsiderada em prol de um texto que não só cumpriu seu papel de instrumento de avaliação de forma tão eficiente quanto os outros gêneros tradicionais, mas ainda foi além, tornando-se um material amplamente conhecido e reconhecido através de prêmios e indicações.

Embora os textos ficcionais em substituição a modelos tradicionais de dissertações e teses sejam comumente atrelados à área de Literatura, por óbvias razões, nada nos impede de trazer essa discussão para outras áreas, uma vez que os livros resultantes de empreitadas como essa certamente obtiveram muito mais alcance de público do que se fossem padronizados de acordo com a tradição acadêmica.

Levando isso em conta e trazendo para o debate o livro “A Língua de Eulália”, de Marcos Bagno, já mencionado anteriormente, pode-se levantar um questionamento interessante: Se um romance pode ser considerado um trabalho de conclusão de curso na pós-graduação em Letras, poderia o livro “A Língua de Eulália”, de Marcos Bagno (1997), hipoteticamente inserido nesse contexto, ser considerado como tal? Segundo o próprio autor

determina na capa de sua obra, trata-se de uma "novela sociolinguística", cujo objetivo é o de realizar a divulgação de conceitos da área através de uma narrativa. Entretanto, se observarmos a qualidade do conteúdo a respeito da Sociolinguística contido neste livro, facilmente seria possível compará-lo a uma dissertação ou tese, bastando apenas incluir uma breve introdução ao seu início e uma conclusão formal em seu final, tendo como única diferença a estrutura, neste caso narrativa.

Contudo, essa mudança, conforme já deliberamos, não traria qualquer prejuízo ao objetivo final de um trabalho de conclusão de mestrado ou doutorado: descrever os resultados de um projeto realizado durante curso de pós-graduação. Neste caso específico, porém, esse projeto seria voltado para a extensão, pondo em prática o que é proposto pelo princípio de indissociabilidade entre EPE: abrindo espaço para este terceiro âmbito, tão desprezado no contexto da pós-graduação, contribui-se para alçá-lo ao status da pesquisa, e, assim, se fazer cumprir a equidade determinada pelo princípio supracitado.

Tendo esclarecido nossas motivações, justificativas e referências, passemos à descrição do que foi proposto neste trabalho. Nosso objetivo foi a produção de uma tese em formato de um romance ficcional, buscando, dessa forma, produzir um material que pudesse ser compartilhado entre os mais diversos públicos, sem que houvesse qualquer necessidade de um prévio conhecimento a respeito da área a ser trabalhada no romance – qual seja, a Sociolinguística.

O texto em questão não traz linguagem específica para especialistas na área e não tem um caráter didático. O objetivo principal foi, como em qualquer texto narrativo, contar uma história e entreter o leitor, acrescentando a isso, de forma intrínseca e sutil, alguns conhecimentos sobre a Sociolinguística e o combate ao preconceito linguístico. Isso quer dizer que, de acordo com o intuito aqui proposto, caso essa narrativa venha a se tornar um livro publicado, não haveria necessidade de alocá-lo em prateleiras e seções destinadas a livros de Linguística, sendo possível que figurasse em uma área de ficção ou distopia.

Pensando mesmo nessa possibilidade, para o caso de se tornar realidade, pretendemos utilizar uma licença do tipo *Creative Commons*, já apresentada anteriormente. As possibilidades desse tipo de licença ainda serão estudadas e analisadas cuidadosamente, mas é importante deixar claro que nosso propósito é que esse material seja de livre compartilhamento, apenas mantendo-se os créditos originais da autora. Dessa forma, a divulgação será eficiente e irrestrita, sem os impedimentos característicos de livros impressos protegidos por direitos autorais e sem cobrança alguma para seu acesso.

#### 4.1 Organização do romance

O romance “Seje Livre” se encaixa no gênero distopia, geralmente uma narrativa que apresenta um futuro pessimista, em que as pessoas vivem sob opressão. Uma das definições mais comuns desse gênero é fornecida por Sargent (1994), que aponta que distopias são

“sociedades não existentes, descritas com considerável detalhe, localizadas em um espaço-tempo que o autor tem a intenção de que seja percebido por um leitor contemporâneo como consideravelmente pior do que a sociedade em que aquele leitor vive” (SARGENT, 1994, p.9 apud FARIAS, 2020, p. 197)<sup>56</sup>

A motivação principal para a criação do romance dentro deste contexto distópico foi um acontecimento ocorrido ao final de 2018 que afetou todo o país. As eleições para presidente geraram manifestações, discussões e tensão em todo o Brasil e, por parte de alguns grupos, surgiu o medo de retornarmos a um período sombrio de nossa história iniciado em 1964 – a ditadura militar. Com esses sentimentos e tensões ocorrendo de forma tão forte, pareceu fazer sentido a criação de uma distopia que abordasse esse retorno, de forma diferenciada e com foco na questão do preconceito linguístico.

Diante da situação que vivemos no momento em que esta tese está sendo escrita, qual seja, a pandemia do coronavírus, essa escolha pareceu ainda mais acertada, uma vez que muitos já tratam esse período como uma distopia da vida real. A maior parte da população não imaginava que uma pandemia de tamanha proporção tomaria conta das vidas de todos, praticamente deixando o mundo em espera enquanto vacinas e medicamentos eram buscados para controlar a situação. Não somente em relação ao contexto pandêmico, porém, há possibilidades distópicas que podem ser imaginadas de acordo com nossa realidade, fazendo com que textos desse gênero sirvam para instruir e alertar a respeito do que pode vir a acontecer caso nada mude no contexto atual.

A história do romance, dividida em duas partes, ocorre durante um período de sete anos, iniciando-se no ano de 2063. A narrativa da primeira parte progride contando como mudanças foram ocorrendo gradativamente no país até que o governo de Sílvio Salvador com suas novas regras e ideais questionáveis de ordem e progresso se consolida, em 2065. Essas mudanças afetam diretamente a vida da personagem principal, Sarah Ribeiro, que passa de uma professora universitária renomada a uma empregada doméstica em regime de escravidão

---

<sup>56</sup> Tradução de Farias (2020).



após sofrer retaliações do governo devido a suas ideologias consideradas subversivas, ponto em que a encontramos na segunda parte da narrativa, no ano de 2070.

Em relação ao desfecho da narrativa, muitos pontos não são esclarecidos e o possível retorno de Sarah ao Brasil apresenta um final aberto, escolha proposital devido a intenção de continuação da história, possivelmente em mais de um livro.

#### **4.2 Temas abordados**

O objetivo principal do romance foi o de narrar uma história sobre pessoas reais e humanas, incluindo, conforme já foi explicado, a abordagem de temas específicos de modo intrínseco à narrativa. Esses temas foram escolhidos de acordo com as justificativas supracitadas, sendo os dois principais deles: política e preconceito linguístico.

Ademais, dentro desses espectros que abrangem temáticas diversas, o romance trata ainda de questões sociais, de preconceitos diversos – como homofobia, machismo e racismo – e de questões relativas à saúde mental, como depressão e ansiedade. Tudo isso é incluído na narrativa de forma fluida, de modo a fazer parte do texto como um todo e ser coerente com os fatos que ocorrem na ficção.

#### **4.3 Personagens principais**

Todas as personagens do romance foram inspiradas em pessoas reais, e aqui explicaremos brevemente as motivações por trás da criação de cada uma delas. A personagem principal, Sarah Ribeiro, foi criada com elementos autobiográficos da autora, sendo uma representação de como a universidade deveria agir no que concerne a um diálogo ideal com a sociedade. Seu trabalho insistente em divulgar os temas com os quais trabalha mostra a relevância que a extensão deveria ter no ambiente acadêmico, não deixando de lado, ainda, ações relacionadas à pesquisa – como quando é dito que ela produzia artigos e participava de congressos voltados para seus pares – e ao ensino.

As duas melhores amigas da protagonista, Ana e Mariana, foram criadas de modo a realizarem um contraponto entre si. Enquanto Ana é tranquila, calma e pouco preocupada com

questões políticas, Mariana é demasiadamente ativa politicamente, sempre interessada em tudo que ocorre no país e disposta a lutar de todas as formas possíveis ao seu alcance para conquistar uma sociedade mais justa. Sarah aparece entre as outras duas como um ponto de equilíbrio, carregando em si características de ambas as amigas e descobrindo durante a narrativa onde se encaixa e como deve se posicionar diante das situações que ocorrem.

É importante salientar que esse processo de mudança pelo qual Sarah passa durante a narrativa foi incluído de modo a desconstruir a ideia de que pesquisadores e professores universitários são, como o senso comum muitas vezes imagina, pessoas inacessíveis e de algum modo superiores. Sarah é mostrada em diversas situações como uma pessoa com inseguranças, dúvidas e erros. Situações de autocrítica da personagem estão presentes em muitos momentos do texto, como na relação entre ela e seu namorado, nas discussões que tem com Mariana ou, ainda, em como ela evita contar aos pais sobre seus planos futuros por medo de magoá-los.

A relação de Sarah com Raphael, aliás, é um ponto essencial da história. Sarah, que em seu trabalho sempre se mostrou uma pessoa segura de si, combativa e questionadora, não age da mesma forma em relação ao namorado, colocando-se muitas vezes em uma posição submissa e extremamente insegura. Esse contraponto representa uma realidade de muitas mulheres, e Sarah se vê em um relacionamento abusivo do qual consegue sair apenas quando se dá conta de que precisa se impor e valorizar a si mesma.

Raphael é uma personagem criada para representar dois pontos essenciais à história: o machismo que permeia o cotidiano das mulheres em nosso país e a suposta neutralidade política que muitos alegam, mas que acaba por se mostrar apenas uma fachada para um apoio disfarçado a grupos específicos. Embora não dê seu voto a Sólvio Salvador e insista em dizer que não se importa com a política do país, Raphael claramente demonstra uma preferência pelo candidato.

Sílvia Salvador, por sua vez, é uma personagem inspirada livremente em políticos autoritários e que dizem defender o estado democrático enquanto o destroem pouco a pouco sem fazer alarde. No romance, pode-se perceber que não há uma clareza a respeito de que tipo de regime está ocorrendo no país a partir de sua eleição, e essa dúvida é proposital, demonstrando que é preciso estarmos atentos para o pior tipo de ditadura possível: aquela disfarçada de democracia.

Entre seus principais apoiadores, Salvador tem Iris D'asquad, que pode ser considerada a antagonista da narrativa, uma vez que seu embate com Sarah, apresentado já desde a primeira cena do romance, permeia toda a história e é o mote de tudo de ruim que vem a acontecer na

vida da protagonista. Iris é uma representação de um outro lado da universidade, totalmente oposto ao que Sarah representa. Embora ambas tenham se formado na mesma área, a visão de Iris em relação à língua é purista, preconceituosa e carregada de ideais problemáticos sobre como os desvios da fala devem ser interpretados. Unido a isso, há o caráter arrogante da antagonista, também uma pessoa real, humana, porém sem autocrítica e empenhada em fazer valer o que pensa ser certo, sem qualquer intenção de permitir ser convencida do contrário.

Os processos de Sarah e de Iris durante a narrativa são tão antagônicos quanto as personagens. Enquanto Sarah busca uma evolução diante do que vê, escuta e experiencia, demonstrando uma personalidade flexível e aberta a mudanças, Iris se apresenta cada vez mais irredutível em relação a seus ideais. Para Iris, não existe possibilidade de relativização de situações, dividindo tudo que vê à sua frente em blocos de certo ou errado e fazendo com que sua luta para eliminar o que considera errado seja vista por si mesma como o único caminho a seguir.

Na segunda parte da narrativa somos apresentados ao personagem Oscar, ex-cunhado de Iris, pai de Carolina e filho de Conceição. Oscar tem um papel essencial no texto, uma vez que representa toda uma gama de situações em apenas uma personagem complexa. Aparentando estar ao lado de Salvador e de Iris em um primeiro momento, aos poucos vamos descobrindo sua história pregressa, sua relação com a mãe, a grande perda que sofreu e os traumas de sua infância.

Em Oscar, temos exemplificadas diversas questões importantes para a narrativa que apareciam nas falas de Sarah na primeira parte do texto, mas que, na segunda parte, são apresentadas na prática. O preconceito linguístico atrelado ao preconceito racial e social, o desejo de se modificar para ser aceito e a ideia de uma ascensão social que permita a mudança de *status* de oprimido para opressor estão bem claros na vivência da personagem, que passa a questionar suas ações ao perceber o quanto elas acabaram por prejudicar as pessoas que mais ama: sua filha e sua mãe.

A filha de Oscar, Carolina, pode ser descrita como a centelha de esperança na segunda parte da narrativa. Enquanto o Brasil caminha para situações de opressão cada vez maiores e menos disfarçadas, Carolina se mostra questionadora e contrária a muitas das ideias que aprendeu desde a infância. O parentesco com Iris D'asquad, embora permita que a menina seja cercada de privilégios, acaba por se tornar algo incômodo para a personagem, que, com uma personalidade completamente diferente de sua tia, reage a esse incômodo se rebelando e expondo suas opiniões em defesa da avó.

Conceição, avó de Carolina e mãe de Oscar, é a personagem que representa a norma não-padrão sendo utilizada no cotidiano das pessoas. Devido a esse uso e a sua origem humilde, Conceição é desprezada por Iris e sofre diretamente com as mudanças propostas por ela e pelo governo de Salvador. É a partir dessas opressões sofridas por Conceição que Oscar começa a repensar muito do que antes considerava como certo, e que Carolina passa a se rebelar contra a tia. A decisão de enviar Conceição para um local isolado destinado a pessoas que supostamente estariam destruindo a Língua Portuguesa se assemelha a uma ideia de campos de concentração, o que demonstra como, para o governo de Salvador e especialmente para Iris, essas pessoas são consideradas perigosas para o ideal de língua e de ordem buscado por eles.

#### 4.4 Sociolinguística

Conforme já foi mencionado, os conceitos sociolinguísticos e fenômenos linguísticos incluídos no romance estão presentes de forma intrínseca à narrativa, de modo que todos os momentos em que estes aparecem estão diretamente ligados à história. A escolha desses conceitos e fenômenos se deu devido à importância dos principais pontos que embasam a Sociolinguística, no caso dos conceitos, e devido a sua frequência e estigmatização na fala dos brasileiros, no caso dos fenômenos.

##### 4.4.1 Normas

Dos conceitos trabalhados, é importante destacarmos um deles por sua importância ímpar na narrativa. Os conceitos de norma adotados no romance e nesta tese seguem os indicados por Faraco (2008) em sua obra “Norma culta brasileira: desatando alguns nós”<sup>57</sup>.

Na primeira parte da narrativa, buscou-se reproduzir na escrita a norma culta falada pelas personagens, em sua maioria professores e/ou pessoas com educação superior, e que

---

<sup>57</sup> FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

segundo o autor, se identifica muitas vezes com a linguagem urbana comum em estilos mais monitorados. Segundo ele, portanto, “A expressão norma culta/comum/*standard* (...) designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita.” (FARACO, 2008, p. 71). Nesse sentido, foram preservadas situações que, em um contexto de escrita, poderiam ser consideradas desvios da norma, mas, em situações de fala, são perfeitamente naturais e bem aceitas.

Conforme a história do romance avança, percebemos uma grande mudança ocorrendo na sociedade brasileira, em especial em relação ao que é exigido das pessoas em sua fala. Essa mudança se reflete na fala das personagens que, na segunda parte do romance, estaria mais próxima à norma culta escrita, com os desvios antes considerados naturais passando a ser vistos como indesejáveis e passíveis de punição. O conceito de norma padrão também permeia toda a narrativa, sendo apresentado pela protagonista Sarah da mesma forma como nos é apresentado por Faraco (2008), que diz que

“Enquanto a norma culta/comum/*standard* é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística.” (FARACO, 2008, p. 73)

A nomenclatura “norma padrão” é modificada a partir da segunda parte da narrativa, de modo a demonstrar o quanto a visão de língua proposta pelos governantes ignora toda a noção de variação e identidade linguísticas. Portanto, enquanto na primeira parte da narrativa as personagens se encontravam em situações comuns de monitoramento linguístico, a partir da segunda esse monitoramento passa a ser uma forma de controle da população, primeiramente apenas pelo julgamento alheio e, depois, com a criação dos “Controladores de Idioma Populacional”.

#### 4.4.2 Os “Controladores de Idioma Populacional” (CIPs)

No romance, os “Controladores de Idioma Populacional” são pequenos aparelhos acoplados a cordões e obrigatórios a todos os brasileiros. Esses aparelhos têm por objetivo monitorar a fala das pessoas, de modo a registrar os desvios linguísticos da norma padrão cometidos e contabilizá-los, podendo gerar punições aos cidadãos que iriam desde multas a

até mesmo a prisão. Os CIPs, como são chamados na narrativa, não são instrumentos educacionais, servindo somente como forma de punição e controle da população.

Nesse contexto, a fala da população é tratada pelos governantes como algo passível de total controle e, portanto, a adoção do CIP é colocada em prática sem qualquer dúvida de que seria a forma ideal de purificar a Língua Portuguesa no Brasil. Esse pensamento começa a ruir a partir do momento em que as personagens responsáveis pela criação do aparelho passam a ser ameaçadas por aqueles que detém o poder da sociedade, definido não por sua fala impecável e totalmente de acordo com a norma padrão considerada, naquele ponto da narrativa, como a única correta, mas sim, por sua posição na sociedade enquanto elite econômica.

Essa situação demonstra o quanto a língua é utilizada como instrumento de poder e opressão, ideia apresentada pela protagonista Sarah em determinado momento da narrativa. Os CIPs nada mais são do que tentativas mais rígidas e concretas de reforçar esse poder, chegando ao ponto de haver a necessidade de isolar da sociedade aquelas pessoas que, por sua suposta falta de habilidade linguística, não conseguiriam adaptar sua fala ao modelo dito ideal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A verdade é mais estranha que a ficção,  
porque a ficção deve se ater às  
possibilidades; a verdade, não.*<sup>58</sup>

Mark Twain

Este trabalho teve três objetivos principais: i. promover um debate sobre o que está sendo produzido dentro das universidades, especialmente nos cursos de pós-graduação; ii. reforçar a ideia de que é preciso respeitar o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mesmo e principalmente na pós-graduação; iii. apresentar uma proposta de tese-romance, na área de Sociolinguística, voltada para a divulgação científica. Diante do que foi apresentado, acreditamos que estes objetivos foram alcançados, mas ainda há muito a ser feito. Nossos próximos passos, portanto, envolvem a divulgação a público do texto desta tese, seja através do banco de dissertações e teses, seja através da publicação do romance em formato de livro, o que desde o início foi nossa intenção.

Ainda, esperamos que este trabalho se torne uma referência para a produção de novos materiais deste tipo nos cursos de pós-graduação de todo o país, não somente na área de Letras, mas de quaisquer outras. A inovação aqui proposta dialoga diretamente com os novos tempos e com as mudanças que estamos vendo acontecer diariamente em nossas formas de comunicação, e nada mais coerente do que a universidade, como espaço primeiro de inovação e evolução científica e social, promover mudanças dentro do meio acadêmico que invistam em uma relação cada vez mais próxima da sociedade.

Acreditamos que é necessário desmistificar a ideia absurda de que os trabalhos universitários não têm qualquer relação com o cotidiano das pessoas. Toda motivação da ciência vem da vida, do universo e da humanidade. Precisamos, então, mais do que nunca estreitar os laços entre academia e população. Todos fazemos parte de uma mesma sociedade e se não nos unirmos para modificá-la para melhor, abriremos espaço para Salvadores que sempre saberão se aproveitar dessa lacuna para promover negacionismos. Em resumo, desejamos que este trabalho não se perca nas prateleiras de uma biblioteca. Que seja lido, que inspire, que promova mudanças. Que *seje livre*.

---

<sup>58</sup> “Truth is stranger than fiction, but it is because Fiction is obliged to stick to possibilities; Truth isn’t.”, tradução nossa.

## ESCREVER UMA DISTOPIA VIVENDO UMA DISTOPIA

*Vai todo mundo perder.*

Dilma Rousseff

Há quatro anos, quando tive a ideia de fazer da minha tese um romance distópico, eu jamais poderia imaginar que vivenciaria uma realidade ainda pior do que a minha imaginação. Eu já me assustava com algumas possibilidades, já previa que as coisas começavam a decair e já entendia que era necessário lutar contra isso, mas se alguém me contasse o que seria o Brasil de 2021, eu diria que isso era impossível. De lá para cá, muita coisa aconteceu, e eu não preciso detalhar aqui as mudanças que vivemos, os retrocessos que sofremos e as constantes ameaças a nossa democracia e sanidade mental. Enquanto na ficção eu escrevia a história de Sarah e tentava descrever a sensação incômoda de ver tudo ao seu redor mudando e piorando e não poder fazer nada, o mundo real mudava e piorava diante dos meus olhos, e eu não sabia o que fazer.

Quando a pandemia chegou, foi se tornando cada vez mais difícil imaginar um futuro que pudesse ser pior do que o presente, e a ideia de escrever uma distopia começou a parecer ultrapassada e sem sentido diante de tudo que eu via acontecer todos os dias. Como tentar imaginar um pesadelo ficcional se nada que eu pudesse escrever jamais superaria a angústia, a tristeza e a dor que eu experienciava na realidade? Insisti no meu intuito mais por teimosia do que por acreditar que ele era significativo de verdade. A quem importa saber sobre preconceito linguístico quando há um vírus mortal circulando pelo mundo? Quem vai se interessar em entender a diferença entre norma padrão e norma culta enquanto vê seus entes queridos lutando para sobreviver? Que diferença faria para alguém entender que a língua é um instrumento de poder usado para promover segregação, quando sua maior preocupação é decidir se é pior morrer de fome ou de covid?

Todos esses questionamentos me causaram um bloqueio que demorou para ser superado (e talvez não tenha sido realmente até hoje). Eu passava meus dias me perguntando se tudo valeria a pena, já que nossa alma estava tão pequena. O mundo não parou, as pressões continuavam, a vida se extinguiu, e eu? Onde eu me encaixava nisso tudo? Era difícil demais achar respostas e mais difícil ainda aceitar que elas simplesmente não importavam. Não quando você vê os números aumentando pouco a pouco, primeiro de casos, depois de mortos. Não quando você convive com o medo, por si e pelos outros. Não quando você percebe que nada será como antes, por mais que todos insistissem em dizer que tudo ia passar. Não quando



você contrai essa doença e não sabe o que poderia acontecer a partir dali. Não quando, após se recuperar, você continua assustado e com medo, porque o perigo ainda existe. Não quando você passa longas semanas temendo pela vida de seu avô ao vê-lo fraco, deprimido, sem conseguir se alimentar ou sequer sair da cama. Não quando toda a sua família é contaminada e você passa a ter pesadelos todas as noites imaginando que perderia todos eles e ficaria sozinha. Não quando você vê dois tios queridos partirem em um espaço de tempo de menos de um mês.

Diante do pesadelo que minha vida se tornou, como eu conseguiria exercitar minha criatividade e imaginar algo ainda pior? Simples. Eu não conseguia. Eu não tinha forças. Eu passava os dias chorando, sofrendo de crises de ansiedade, me perguntando quando tudo iria acabar, quando finalmente poderia acordar desse pesadelo. Aos poucos, a esperança foi desaparecendo. Talvez isso nunca acabe. Talvez esse seja apenas o nosso fim. Nossa história de horror. Nossa distopia.

Sim, eu acabei por concluir esse trabalho, mas não sei o que isso quer dizer. Sinto orgulho, é claro, mas como diria um dos maiores responsáveis pelo tormento que estamos vivendo, e daí? O que isso muda agora? Eu escrevi uma tese-romance, eu quebrei regras, eu propus discussões profundas a respeito da sociedade, da academia e da vida, eu encerrei uma etapa que me levará a ter um título pelo qual venho batalhando há quatro anos, mas enquanto isso acontecia, mais de 300 mil pessoas morreram, só no meu país. Que gosto tem essa vitória, se não um gosto amargo, intragável?

Pouco antes de escrever esse texto, soube da morte de uma professora que marcou minha história no ensino médio. Semanas antes, ainda escrevendo a tese, a mãe do meu orientador se foi. Dias antes, dois amigos da família. Um mês antes, um tio. Menos de um mês antes, outro. A cada passo adiante que eu sentia dar na minha ficção, eram mil passos de retrocesso na minha realidade cercada de dor. Cheguei a um ponto em que acordava todos os dias esperando as más notícias. O “como será que está o fulano?” se tornou “será que o fulano está vivo?”. Pandemia, negacionismo, caos, morte, dor, depressão, angústia, medo, revolta, decepção, descaso, genocídio. E no meio disso tudo, uma tese foi escrita.

Escrever uma distopia vivendo uma distopia foi a coisa mais difícil que já fiz em toda a minha vida. Fechar os olhos para o lado de fora e mergulhar no lado de dentro foi a solução que encontrei para conseguir continuar caminhando, mas sinto que aos poucos essa distinção vai se extinguindo. Não há mais dentro, não há mais fora. Há somente o mundo, e a desesperança, e o desânimo. A vida continua, mesmo sem vida. Mas até quando?

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. N. C. de. *A pós-graduação no Brasil: história de uma tradição inventada*. 2017. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.
- ANTUNES, T. S. *A tecnologia em prol da divulgação científica: criação de um site como meio de promoção da circulação de conhecimentos sociolinguísticos e do combate ao preconceito linguístico*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- ANTUNES, T. S. Divulgando a gente se entende: uma cartilha digital contra o preconceito linguístico. In: CARVALHO, G. ROCHA, D. VASCONCELLLOS, Z. (org.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações* (7). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2013.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA. *Relato do Fórum das Sociedades Científicas Filiadas à SBPC*. 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/2371-2/>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2010 [1997].
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52. ed. São Paulo: Loyola, 2009 [1999].
- BARONAS, R. Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da lingüística do Brasil. *Revista da Anpoll*, Florianópolis. v. 29, n. 1, p. 235-258, 2010.
- BOAVENTURA, D. O. *Mônica vai jantar*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015.
- BOAVENTURA, D. O. *Nove impeachments*. 2019. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Contribuições da sociolinguística educacional para o processo de ensino e aprendizagem da linguagem*. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistia-iuiiaiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaiioizagim-ia-lioguagim>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* (org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988. 140 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria nº 34, de 9 de março de 2020. Dispõe sobre as condições para fomento a cursos de pós-graduação *stricto sensu* pela Diretoria de Programas e Bolsas no País da Capes. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 18 mar. 2020. Seção I, p. 45. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=3443>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, n. 248. Seção I, p. 20.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 389, de 23 de março de 2017. Dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissional no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n. 58, 24 mar. 2017. Seção I, p. 61. Disponível em: <https://www.ufjf.br/profletas/files/2013/07/Portaria-MEC-389-23mar2017-Institui-mestrado-doutorado-profissional.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, n. 243, seção 1, p. 49. Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808). Acesso em: 14 abr. 2021.

CARNEVALI, M. F. O chimpanzé cobaia: um diálogo crítico com Raduan Nassar. 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CATELLAN, J. *O gênero discursivo religioso católico: uma materialização discursiva previsível*. 1996. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

CHARITY, A. H. Linguists as agents for social change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (BRASIL). Anexo da Resolução no 043/2012, de 15 de maio de 2012. *Regimento do Profletras*. Disponível em: <http://profletras.paginas.ufsc.br/files/2013/08/Regimento-Geral-PROFLETRAS-UFRN.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2015.

CORVO, A. *O romance do horto: ou de como D. Tadeu Laras Menestrel ajudou D. Alberto Raposo Monge a encontrar o autor do Orto do Esposo, bem como seu manuscrito original perdido e a identidade da Irmã que lho encomendara*. São Paulo: Annablume, 2013.

COSTA, A. L. F. da. *Rakushisha, a cabana dos caquis caídos: releitura de um diário de Matsuo Basho*. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, A. L. F. *Um beijo de colombina: diálogo com a poesia de Manuel Bandeira*. 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

KNOBEL, M. Marcelo Knobel: O aprendizado da autonomia. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, edição 279, mai. 2019, p. 48-51. Entrevista concedida a Fabrício Marques. Disponível em: < <https://revistapesquisa.fapesp.br/marcelo-knobel-o-aprendizado-da-autonomia/> > Acesso em: 14 abr. 2021.

KRAUSE, G. B. G. *A ficção da tese*. O Globo, Rio de Janeiro, 13 set. 2008. Prosa & Verso, p. 2. Disponível em: [http://www.clipping.uerj.br/0014506\\_v.htm](http://www.clipping.uerj.br/0014506_v.htm). Acesso em: 14 abr. 2021.

LABOV, W. Objectivity and commitment in linguistic science: the case of the black English trial in Ann Arbor. *Language and Society*, v. 11, p. 165–202, 1982.

LABOV, W. *Unendangered dialects, endangered people*. 2006. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/UDEP.htm> > apud CHARITY, A. H. Linguists as Agents for Social Change. *Language and Linguistics Compass*, v. 2, n. 5, p. 923-939, 2008.

LEVY, T. S. *A chave de casa: experimentos com a herança familiar e literária*. 2007. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LODI, R. Entrevista concedida à TV UERJ. Rio de Janeiro, 08 nov. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_A-rIC-of7I](https://www.youtube.com/watch?v=_A-rIC-of7I). Acesso em: 14 abr. 2021.

MENEZES, L. O. *O gênero literário como uma ponte para o conhecimento: utilizando uma história ficcional para transmitir conteúdos acadêmicos*. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NÚMERO de mestres e doutores quintuplica em 20 anos no Brasil. *Jornal Estadão* 2016. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-mestres-e-doutores-quintuplica-em-20-anos-no-brasil,10000061216>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PASSINI, M. O. do N. *Hamlet: uma teoria da reescritura*. 2000. 268 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

PAULO, M. de A. R. *Teoria, proposta e aplicação de uma sequência didática em Educação Linguística: trabalhando os conceitos de língua, gramáticas e normas linguísticas no nono ano do Ensino Fundamental*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

R7 NOTÍCIAS. *Livro adotado pelo MEC defende falar errado*. 2011. Disponível em: <http://noticias.r7.com/educacao/noticias/livro-adotado-pelo-mec-defende-falar-errado-20110513.html?question=0>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Coletivos de trabalho, espaços de discussão e avaliação docente em programas de pós-graduação *stricto sensu*. *Eutomia*, Recife. v. 8. p. 179-202, 2011.

SARGENT, L. T. The Three Faces of Utopianism Revisited. *Utopian Studies*, v. 5, n. 1, p. 1-37, 1994 apud FARIAS, C. A Construção de Monstros em Jogos Vorazes. *Abusões*, v. 12, n. 12, p. 195-227, 2020.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977 [1916].

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TORRE DE MARFIM (Ivory Tower). Direção: Andrew Rossi. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2014. Disponível na plataforma de *streaming* Amazon Prime. (91 min). Acesso em: 31 maio 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Formato Geral das Dissertações e Teses*. Disponível em: [http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem\\_legis4\\_formatos.htm](http://www.pgletras.uerj.br/janelas/quem_legis4_formatos.htm). Acesso em: 14 abr. 2021.

UNIVERSIDADES com “balbúrdia” terão verbas reduzidas, diz Weintraub. *Revista Veja*, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/universidades-com-balburdia-terao-verbas-reduzidas-diz-weintraub/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

WOLFRAM, W. Scrutinizing linguistic gratuity: issues from the field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 2, n. 2, p. 271-279, 1998.